

Temporada I: A Vingança Inimigos Íntimos



“Uma série contemporânea
que vai fazer você sentir desde as mais
terríveis sensações até as mais prazerosas.”

Um romance de:

Flavia Silva





Inimigos Íntimos:
A Vingança
Temporada I

Série – Inimigos Íntimos – Temporada I
Copyright © 2018 Flavia Silva
Código de Registro: 1711184872824
Todos os direitos reservados a autora.

Revisão: Margareth Antequera
Designer da capa: Flavia Silva
Diagramação: GDBASE Processamento de Dados

Texto de acordo com as normas do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (Decreto Nº 6.583, DE 29 DE SETEMBRO DE 2008).

ATENÇÃO

Um romance que aborda o mundo do cartel de drogas (Máfia) e que contém cenas fortes de: assassinato, crime, traição, uso variado de drogas, sexo explícito e palavrão.

Narrado em terceira pessoa, o livro carrega o gênero: mistério, suspense, romance. Recomendado para um público maiores de 18 anos.

Este livro contém cenas dos personagens de livros futuros que também fazem parte da série, cenas que alternam e se encaixam na ficção dos protagonistas Lídia e Fernando, o que vai dar a vocês um gosto antecipado do que ainda vem pela frente.

Esta obra não é derivada, nem baseado, em uma outra história. A criação da mesma é única e exclusivamente minha. Qualquer semelhança em eventos, nomes, lugares são mera coincidência.

A leitura tem intensidade particular e pode acarretar ansiedade, insônia, falta de apetite, vício compulsivo no livro, pensamentos obsessivos pela história, desejos de matar a autora, personagem e até seu próprio kindle, tablet ou celular.

Caso apareça algum desses sintomas, favor, parar um pouco para respirar, beber água e prosseguir com a leitura imediatamente.

Plágio é crime!

NOTA DA AUTORA

Escrever Inimigos Íntimos não foi e nem está sendo fácil. Quis me aventurar me desafiando pelo próprio desejo e curiosidade sobre o tema Máfia.

Obviamente que escrevemos o que gostamos, o que dá prazer, e embora nunca tenha escrito nada sobre o assunto, fiquei surpresa em dar vida à personagem tão difíceis e complexos.

Garcia e Aguiar são duas famílias que nasceram, cresceram e se multiplicaram na sujeira do narcotráfico.

Lídia não é bem uma mocinha convencional no mundo da máfia. Embora não trabalhe diretamente, quando começa, faz com dedicação. E mesmo ela sentindo aquela atração perigosa pelo chefe da máfia, Lídia, acima de tudo, se mantém focada nas suas metas.

Fernando como chefe do cartel tem a obrigação de manter a ordem no império das drogas e proteger seus irmãos, seja qual for os métodos.

A história é uma corrida pela sobrevivência, caça constante para manter o poder no topo, bem como articulações, manipulações, mentiras e tudo o que consegui envolver, dentro deste livro, sobre o tema.

AGRADECIMENTOS.

Deus, és maravilhoso. Meu agradecimento inicial sempre será seu, me ajudou quando achei que não conseguiria.

Segundo, meu esposo, porque fez mais do que deveria para que eu pudesse construir esse entretenimento para vocês, dando vida aos meus minipsicopatas.

Terceiro, para meus pais e sogros, me dando aquela força, que só poderia vir deles.

Quarto, minhas leitoras maravilhosas (elas sabem que são, mas gosto de lembrar!) Recebi muitas mensagens, muitas mesmo, todas elas de força, gratidão, de ânimo para prosseguir com a escrita, além de me passar muita confiança pela história.

Quinto, minha revisora. Cristo, que mulher de paciência, no lugar dela já tinha me deixado para trás. Margareth Antequera, obrigada pela atenção, por me ajudar tanto com o texto.

Sexto, minhas administradoras nas redes sociais e todas as meninas que me ajudaram com minhas leitoras e na divulgação. Vocês são muito queridas por mim. Sempre prontas a propagar uma obra minha. Obrigaduuuu!

Sumário

[ATENÇÃO](#)

[NOTA DA AUTORA](#)

[AGRADECIMENTOS.](#)

[Edição – 01](#)

[Episódio 01 – Prólogo – Casamento.](#)

[Episódio 02 – O início.](#)

[Episódio 03 – Uma doce vingança.](#)

[Episódio 04 – Segurança.](#)

[Episódio 05 – As consequências.](#)

[Episódio 06 – Rastros de sangue.](#)

[Episódio 07 – Pacto.](#)

[Episódio 08 – Véspera.](#)

[Episódio 09 – O grande dia.](#)

[Capítulo Extra](#)

Edição – 01

Os problemas foram surgindo com a mesma rapidez de uma queda de fileiras de dominós. Traição, roubo, ameaças, assassinatos, intrigas e segredos entre as famílias Aguiar e Garcia levaram o desejo de sobrevivência no mundo do tráfico.

Com um blefe perfeito, Lídia conseguiu parte do seu plano, casar com Fernando Aguiar. Mas, até que esta primeira etapa entrasse em seus planos e fosse realizada, muitos segredos, atentados, mortes, brigas e traições, além do poder e a necessidade que uma família precisará da outra, ambas se tornaram reféns uma da outra.

A série Inimigos Íntimos não será um conto de fadas que fará você suspirar de amores. A série será o relato sujo e podre, camuflada em riquezas de vidas repletas de luxo, adquiridas através da ganância, luxúria, morte e drogas. Relatos que muitas vezes farão você fechar os olhos para fugir da realidade imunda da máfia, mas também se excitará com as aventuras, os romances quentes, as paixões ardentes, e o toque de humor negro.

Episódio 01 – Prólogo – Casamento.

“Todo e qualquer relacionamento baseado em mentiras só irá te levar à uma cidade chamada desconfiança, à uma rua chamada sofrimento, à uma casa chamada solidão.”

HOSANA AMARO

Dias atuais...

AO ESTALAR o pescoço, para direita e depois para esquerda, Fernando Aguiar, um dos herdeiros do narcotráfico de Bogotá, Colômbia, sentia-se com os ombros menos pesados.

Trajado de noivo, com um belíssimo smoking preto, camisa branca com abotoaduras de ouro, que lhe caíam muito bem no corpo grande, moreno e musculoso.

Trancado no escritório da mansão Aguiar, onde encarava a gravata de seda prateada que, estendida sobre a cadeira à sua frente, teria que colocá-la dentro de minutos para completar seu traje de noivo.

Em seguida, seus olhos cinzentos, emoldurados por espessos cílios negros, caíram na caixinha de veludo que continha um par de alianças em ouro, o delicado objeto estava próximo ao braço estendido sobre a mesa, e o único desejo que ele tinha era jogá-la no lixo.

O relógio fazia seu *tic tac* habitual, o som era como marteladas em sua mente, lembrando-o que estava aproximando-se da hora de sair do escritório, encarar os convidados, esperar a noiva no altar, dizer sim...

O cheiro de couro e madeira do cômodo, estava em todo o lugar, mas apenas um cheiro Fernando estava disposto a sentir...

Tirando do bolso do seu smoking um pequeno saquinho transparente que carregava não mais do que cinco gramas da sua melhor felicidade. Branca como neve, refinado como suave perfume de mulher excitada.

Com familiaridade, fez uma linha fina sobre a mesa de mogno, alinhou o pó branco, depois sugou toda linha para dentro. O movimento de se acomodar na cadeira com a cabeça para trás, se encostando, não apenas para projetar o nariz para cima e impedir que resquícios caíssem no seu terno negro, era também para continuar a relaxar, esvaziar a mente, apertando o nariz para sentir tudo entrar, envenenar o sangue, acalmar os nervos.

— Ah, você está aí! — disse Antônio, seu irmão mais novo, ao ver Fernando no escritório.

Quando Antônio abriu a porta para entrar, o som da sala e do jardim fizeram o estômago de Fernando se revirar, e os olhos se abrirem. Já havia tomado quatro doses de uísque, acendido um charuto e consumido gramas de cocaína pura, mas nada, nem ninguém tirava a repulsa que ele sentia no momento. Quando a porta foi fechada, Fernando conseguiu fechar os olhos novamente, contudo não se perdoava da merda em que havia se metido. Casar-se com Lídia Garcia.

— O que quer? — indagou Fernando, indiferente, pegando o resto do charuto que havia acendido um pouco antes de encher a cabeça de drogas.

— Como assim o que eu quero? — Antônio se aproximou de seu irmão, flagrando a face carrancuda, as pupilas dilatadas, o cheiro forte de bebida, tabaco e, sobre a mesa, rastros de cocaína. — O casamento, porra! — Apoiou-se na cadeira que tinha a gravata. — O seu casamento. Lídia lhe espera. Não vá me dizer que desistiu?

Fernando bateu as cinzas do seu charuto no cinzeiro, o levando à boca, olhando para Antônio de soslaio, tragando mais um pouco.

Ele tinha que cumprir a palavra, fazer valer a assinatura que colocou em um contrato de aliança, feita a base de ameaças. Embora fosse para melhorias no narcotráfico, Fernando detestava a ideia de se casar logo depois de tudo o que passou nos últimos meses.

— Não — respondeu Fernando, soltando a fumaça, deixando seu rosto coberto por ela. — Não desisti.

Desistir implicaria o desequilíbrio dos seus negócios, a dúvida se ele seria o homem certo para comandar o cartel, derramamento de sangue. Fernando poderia ser um homem traiçoeiro, frio e sem coração, mas pela família, pela honra dos Aguiar, e principalmente, pela posição que exerce no narcotráfico ele meteria um anel no dedo e casaria com a mulher que ele adoraria fazer sofrer um pouco.

— Aquela mulher é o cão! — exclamou Camilo, entrando no escritório e se juntando aos irmãos. — Acredita que sua esposa mandou o padre ir a merda? — contou animado, achando graça da ousadia da futura senhora Aguiar. Servindo-se do uísque que Fernando havia deixado sobre a mesa, Camilo se acomodou com os irmãos. — Parece que ela não compareceu na igreja ontem para se confessar e o padre sugeriu que fizesse antes do casamento, ela gritou um monte de palavrões e chutou a bunda do padre para fora do quarto, antes que ele conseguisse fazer o sinal da cruz.

— Estamos no inferno, Camilo — resmungou Fernando. — Aqui ninguém precisa se confessar.

Ao se levantar, Fernando sentiu tontura. Ele estava fora de seu equilíbrio, zozinho pela bebida, enjoado pela situação, entorpecido pela droga. Contudo, antes que ele tropeçasse em seus calcanhares, Antônio o segurou.

— Você não parece nem um pouco feliz em casar — observou Camilo, vendo o estado deplorável que o seu irmão se encontrava.

— Sonho em estrangulá-la — confessou Fernando, entredentes e olhar assassino. — Acha mesmo que, com este pensamento estaria feliz em me casar com Lídia?

Camilo foi uma das testemunhas a comparecer à reunião onde Fernando e Lídia fecharam o acordo.

— Tarde demais, irmão — disse Camilo. — Sei que ela não passa de uma vadia louca por dinheiro, mas...

Camilo foi longe demais, e viu exatamente isso quando Fernando avançou com fúria para ele, segurando a aba do seu paletó, o olhando como se fosse lhe quebrar ali, naquele momento.

— A vadia a quem se referiu — Em tom ameaçador, Fernando intimidou seu irmão. — Vai ser minha mulher em minutos. E eu... serei o único homem a chamá-la assim. Se eu imaginar que você... disse que ela era uma vadia, novamente, eu...

— Não direi — Camilo adiantou-se, tentando tirar as mãos de Fernando do seu paletó.

Eles eram em três irmãos, cada um concebido por uma mulher diferente, filhos de Afonso Aguiar, antigo chefe do cartel de drogas de Bogotá.

A família Aguiar controlava todo o território de drogas na capital do país. Ali, ninguém obedecia às ordens do governo ou da justiça, todos atendiam ao poder da família Aguiar, a mesma pela qual está se unindo à família Garcia para se manterem grandes, impenetráveis e poderosos.

— Solte Camilo, Fernando! — Antônio conseguiu tirar Fernando de cima do irmão. — Lave o rosto e faça uma cara melhor — sugeriu, pegando a gravata e colocando sobre os ombros de Fernando. — Termine de se arrumar antes que todos pensem que o noivo desistiu do casamento. Muito menos que Lídia ache que o contrato foi quebrado. Você não vai querer uma guerra entre as duas famílias justamente agora, não é?

Fernando olhou para Antônio.

— O mais novo é o mais sensato — declarou Fernando, dando tapinhas no rosto do irmão.

Quando seus irmãos finalmente o deixaram sozinho, Fernando tirou o paletó do seu smoking e, sobre os ombros, amarrou seu coldre com duas pistolas, uma de cada lado. Colocou a gravata, tendo o cuidado de não a apertar tanto. Serviu-se de mais uma bebida, imaginando como seria sua lua de mel. Ele tinha planos de tratar bem sua esposa até a lua de mel, em seguida ele seria o Fernando que ela merecia por tê-lo arrastado até aquele casamento. Iria lhe dar prazer e lhe chamaria de meu amor, mas não confiaria, não lhe daria seu coração.

Fernando não suportava nem mesmo pensar em ter que acordar todas as manhãs ao lado de Lídia. Porém, cumpriria seu papel de marido para manter seu contrato em dia. Casar-se com uma das sócias do cartel para obter a matéria-prima para a fabricação da coca em seus laboratórios.

— Um brinde aos noivos — disse Fernando, erguendo seu copo, com tom irônico, bêbado, drogado, mas pronto para ser marido de uma mulher tão suja quanto ele.



ABRINDO A CORTINA de um dos quartos da mansão Aguiar, Lídia deparou-se não só com uma multidão que esperava os noivos para a cerimônia, mas também contemplou a quantidade de homens armados que circulavam o local.

Sim, houve de fato um acordo, famílias se uniam para se tornarem fortes, no entanto, nenhuma delas deveria estar desprevenida. Algo poderia sair fora do combinado, como a desistência de uma das partes.

Poderia fugir, pensou Lídia, zombando internamente de todos que esperavam para vê-la de noiva. Sua fuga implicaria em uma guerra e quem sabe sua família teria a chance de matar a família de seu noivo.

Sorria ela, pensando sobre esse desastre.

Embora Lídia tivesse todo o prazer de comparecer ao enterro de alguns membros específicos da família Aguiar, ela não iria fugir, não depois de tudo o que passou, o que fez para continuar sendo a segunda narcotraficante da América do Sul.

Talvez até dançasse no túmulo, continuou ela imaginando seu divertimento particular.

Mas não, Lídia poderia ser muito nova, entretanto não era burra. Tinha dentro de seu coração o desejo de ter tanto poder quanto os Aguiar tinham, bem como conseguir arruinar a vida do homem que só trouxe desgraça para a sua família, Afonso Aguiar, o câncer que corroera a família Garcia, mas que teria que engoli-lo assim que dissesse sim ao seu noivo, e futuramente destruí-lo.

— O vestido lhe caiu muito bem — comentou Fabíola, sua sogra, sobre o vestido de noiva. — Sua cintura ficou pequena... — Fabíola se aproximou, fazendo Lídia sair da janela. — Já mandei Antônio avisar ao Fernando que você está pronta.

— Preciso ver minha irmã antes de sair do quarto — disse Lídia, educadamente.

Ficando em frente ao espelho, Lídia analisou o vestido e pensou: Sim, seu vestido era lindo, um modelo sereia, cheio de cristais, um véu de organza que arrastava ao chão, mas não era o que iria andar até o altar.

Para Fabíola, tal acordo era uma infâmia. Mas a senhora Aguiar amava

demasiadamente Fernando e se calou diante da decisão dele.

— Não demore — O tom de Fabíola foi de ordem.

Em minutos sua irmã Lilian entrou no quarto. Ela também não concordara com o casamento. Para Lilian, esta ideia – de usarem o contrato matrimonial para negócios – deveria ficar na idade média. Em resumo, nem sempre era assim com famílias que tinham muito poder econômico.

Diferente de Fernando, Lídia não estava enjoada, enojada. Lídia estava querendo que acontecesse, desejava casar-se com Fernando e ter o nome Aguiar atrelado ao dela.

— O que faz você pensar que este casamento é um bom negócio, Lídia? — inquiriu Lilian, com desgosto.

— O necessário Lilian — disse Lídia com franqueza. — A segurança para nossa família e os negócios mais promissores, apenas isso.

— Este casamento será seu funeral. — Lilian segurava os ombros de sua irmã. — Lídia... Não faça isso. — O medo estava estampado nos olhos grandes e esverdeados de Lilian. — Fuja. Consegui fazer com que três capangas nosso lhe ajudassem a sair da cidade.

— Agora é tarde demais, Lilian! Se eu sair daqui sem uma aliança no dedo — rebateu Lídia, com olhos cheios de lágrimas e coração pequeno só de imaginar que sua irmã sofria por ela. — Vamos morrer.

Lilian estremeceu com a verdade, acordando para a realidade que era a vida delas.

— Então por que me chamou? — disse Lilian decepcionada, tirando suas mãos de sua irmã.

— Quero que me ajude a vestir o meu vestido de noiva — explicou Lídia, respirando fundo e erguendo a cabeça para que as lágrimas não caíssem.

Lilian sorriu. Ela viu uma garrafa de champagne sobre a penteadeira, duas taças com marcas de batom. Deduziu que Fabíola havia presenteado sua nora com a bebida.

— Você está bem? — Lilian analisou os olhos de sua irmã. — Você está vestida para casar, Lídia.

Lídia estava com pressa. Em minutos um homem armando apareceria para escoltá-la até a porta da entrada da mansão, e então ela deveria seguir o caminho do tapete vermelho até seu futuro esposo.

Infelizmente seu pai não compareceu a grande cerimônia que a família Aguiar estava dando. Semanas antes do contrato ser assinado, de Lídia e Fernando noivarem, ele teve uma overdose, além de vários ataques do coração nas últimas semanas. Embora estável, seu quadro clínico ainda era muito grave.

Percebendo Lídia tirar uma grande caixa preta com laço dourado debaixo

da cama, Lilian correu para ajudá-la.

Aos olhos de Lilian, Lídia deveria ser frágil para todas as situações, mas a pequena jovem de vinte e três anos era rápida em raciocínio e perspicaz. Contudo, Lilian temia pelo corpo magro de Lídia, talvez não aguentasse a fúria de um homem grande e forte como Fernando. Também temia as possíveis crueldades que Fernando faria com sua irmã, entretanto, ela sabia que ele nunca havia erguido a mão para nenhuma mulher.

“Nunca se sabe o que poderia vir da mente de um homem que se casava contra sua vontade, pensava Lilian.”

— Do que se trata? — indagou Lilian, ajudando colocar a maldita caixa sobre a cama.

Lídia não respondeu de imediato à sua irmã e desatou o laço dourado com um sorriso presunçoso nos lábios.

— Meu vestido — disse Lídia, tirando a tampa, depois desdobrando as folhas de seda, arrancando o vestido que ela própria desenhou e mandou fazer. — O que acha? — Tirando-o da caixa, estendeu o vestido sobre seu corpo para que Lilian veja.

Lilian deu um passo para trás, aterrorizada, os olhos arregalados, vendo a confusão se formar diante dos seus olhos.

— Sabia que gostaria — zombou Lídia. — Venha! *Me* ajude a tirar a merda desse vestido pesado. — Lídia virou-se, esperando que sua irmã desabotoasse as costas cobertas por delicadas rendas e botões de pérolas. Sobre os ombros, ela viu que Lilian não se movia. — Vamos, Lilian! Deixe de ser medrosa e me ajude a tirar o vestido.

Ela sempre foi assim, pensou Lilian, sem esperança de mudar sua irmã. Sempre tão inconsequente, embora divertida e cheia de vida, não deixando ninguém estragar seus planos.

— Não faz isso, Lídia — pediu com temor. — Caso você vestir isso, eles...

— Se eu vestir o "meu vestido" vou começar com este casamento mandando um recado — interrompeu Lídia, se virando para irmã, mostrando que medo era algo que ela comia cortando-o com arrogância e frieza. — Não abaixarei minha cabeça! — Dando as costas para sua irmã, Lídia insistiu: — Agora, ajude-me a tirar a droga deste vestido, porque já estou me coçando toda com tanta renda e pedra.

Relutante e com seu bom senso pedindo para não fazer, Lilian se aproximou de sua irmã e tirou cada botão do vestido que mais parecia uma joia prendida no corpo magro de Lídia.

Sem o tecido branco de pedraria e o véu, Lídia buscou o seu vestido e

Lilian ajudou colocá-lo, fechando cada botão, depois o véu foi prendido em seus cabelos, e em pouco mais de cinco minutos, Lídia estava vestida para a ocasião.



QUANDO A MARCHA nupcial tocou, todos ficaram de pé. Fernando respirou fundo e cruzou as mãos na frente do corpo, esperando que sua noiva aparecesse. Uma pequena menina saiu de dentro da casa, vestida com um lindo vestido perolado e com uma cestinha na mão, jogando as pétalas de rosas brancas pelo tapete vermelho. Quando a pequena chegou no meio do caminho, a curiosidade sobre a noiva era tremenda. Os convidados esperavam que a porta principal da mansão abrisse e assim a noiva saísse para dar sua graça. Mas ela não saiu.

— Cadê a noiva? — sussurrou o padre, sem mexer-se.

Fernando sentia-se engasgado e por coincidência a gravata estava lhe sufocando. A marcha nupcial tocou novamente.

Lilian, que esperava sua irmã no altar, para fazer as vezes da mãe da noiva, sentiu a esperança encher seu coração. Depois de ter ajudado Lídia a vestir o novo vestido saiu em seguida, deixando-a sozinha no quarto. Com a demora, pensou que finalmente Lídia teria caído em si e fugido. Lilian só precisava seguir agora seu plano de fuga, saindo dali juntamente com os capangas que trabalhavam para a família Garcia. Seria uma operação arriscada, mas não faria por menos. Queria sua família fora do covil de serpentes que era a família Aguiar.

— Onde está sua noiva, Fernando? — indagou Afonso, seu pai.

— Se Lídia não aparecer — resmungou Fabíola. — Eu juro que arranco a cabeça dela com minhas próprias mãos e faço...

Antes que Fabíola ditasse todas as torturas possíveis, eis que a noiva apareceu a porta com um enorme terço vermelho entre as mãos. A víbora da sogra teve que se calar e morder a própria língua, provando assim do seu próprio veneno.

Em resumo, Lídia não só fez a boca de sua sogra se calar, mas também os olhos de Fabíola saltarem. Assim, como de todos os convidados que cochichavam abismados com a ousadia da pequena Lídia em entrar com aquele vestido. Um lindo, sedoso e fabuloso vestido de noiva preto.

Todos os músculos de Fernando ficaram tensos ao ver a noiva de preto. Como uma vez ele sonhou. Quis ele achar que o fato de sua noiva vestir preto, assim como a mulher em seu sonho, pudesse apenas ser uma coincidência.

Contudo, ele tinha que admitir, para uma mulher enfrentar Fabíola e a todos os presentes daquela forma, tinha que ter muito estômago.

Lídia se aproximava como uma princesa das trevas em busca da sua coroa, e a cada passo o longo vestido preto que, fazia conjunto com o véu longo e pomposo de mesma cor negra, deixavam os olhos aterrorizados de todos dançarem sobre as longas camadas de seda.

Os cochichos preenchiam o jardim sob a luz do dia. O negro vestido seria motivo de assunto por muito tempo, mas além disso, era a barra coberta por uma renda escarlate, que mais parecia que a noiva havia se sujado em poças de sangue pelo caminho que percorria ao altar. Tudo foi configurado propositalmente. Nenhum detalhe deveria lhe escapar, nem mesmo o colar de pérolas que puxavam os olhos de todos para ele. segundo a tradição colombiana, pérolas em casamento era o mesmo que invocar dores e lágrimas ao casamento.

— Como se atreve?! — Fabíola se sentiu humilhada, rebaixada.

— Temos que admitir — falou Afonso para seu filho. — Sua esposa não se curva facilmente.

Não era para sentir, mas Fernando teve orgulho da mulher que caminhava ao seu encontro. Não pelo vestido, mas por sua ousadia.

— Não terá casamento até que ela coloque o vestido branco e tire do pescoço este colar! — protestou Fabíola, com veemência, fazendo alguns convidados a olharem com receio, medo do que poderia acontecer.

Era notável que ninguém acreditou que Fabíola teria mandado fazer tal vestido de noiva na cor preta, mas sim, que sua nora teria tido toda a ideia e utilizou daquele momento para impor sua vontade. Justamente no casamento onde ambas teriam que mostrar harmonia.

— Deixe-a — disse Fernando, detendo a fúria de sua mãe.

Lídia via a confusão no altar, mas isso não a impediu de seguir o caminho, o seu destino. Segurando firme seu terço entre os dedos, ela se moveu lindamente com seu vestido de noiva, totalmente negro, fabuloso para ela, escandaloso para todos os outros.

Alguns passos antes de Lídia chegar ao altar, Fernando fez as honras e colocou Lídia ao seu lado.

— O que pretende com isso, Lídia? — Fernando a interrogou com descrição.

Lídia colocou o melhor sorriso para a ocasião e olhou, sobre os cílios longos e curvados, para seu futuro marido.

— Se achava que eu viria vestida tradicionalmente preparada para nosso casamento, se enganou Fernando. — Lídia sussurrava, perigosamente entre os lábios curvados em um sorriso diabólico.

— E onde acha que está agora? — Fernando sentiu o sangue bombear mais rápido, um temor lhe ocorreu em imaginar que a família Garcia estava com planos de ferrar toda festa.

Uma emboscada, talvez? — pensou ele, olhando fixamente para sua noiva, com o maxilar apertado. A cabeça de Fernando não parava. Ele não confiava na mulher que estava se tornando sua esposa.

Era possível que a cerimônia fosse apenas um plano para encurralar a sua família e matar a todos? — questionou ele.

— Em uma união exclusivamente de negócios mascarada por uma bela cerimônia de casamento — disse Lídia, com felicidade, fazendo a garganta do seu noivo secar. — O que me deixa confortável em usar o traje que eu quiser. Lembra que uma vez você se gabou dizendo que havia me fodido? — Essa parte o padre escutou, assim como todos que estavam no altar, fazendo Fernando sentir um amargo e querer acabar com o teatro, apertando o fino pescoço da petulante, diante de todos. — Lembra querido? Você disse: Eu lhe fodi, minha querida. — Lídia se aproximou mais do noivo, terminando de comentar em seu ouvido: — Você pode me foder quantas vezes eu permitir, mas eu vou lhe foder a vida sem precisar de uma única permissão sua, uma vez que fizer desse casamento o meu inferno.

Foi apenas por instinto que Fernando colocou a mão dentro do paletó, segurando firme o cano de sua pistola, mas não a tirou. O gesto fez todos ficarem apreensíveis. Os capangas de ambas as famílias empunharam suas armas.

Todos constataram, Lídia Garcia era tão bela quanto louca.

Com felicidade por ter atingido seu noivo e causado a impressão que desejava, Lídia repousou seu terço sobre o altar improvisado e ajoelhou-se fazendo com que todos entendessem que teria sim um casamento.

— Pode começar com a cerimônia, padre. — Lídia sorria para Fernando. — Estou louca para pular o bolo e correr para a noite de núpcias.



A SUÍTE ESTAVA perfeitamente arrumada, como Fernando havia pedido. Pétalas de rosas sobre o chão. Champagne dentro de um balde com gelo, as taças de cristais bordadas a ouro, postas do lado. Duas generosas fatias de bolo sobre um pequeno prato de sobremesa de louça chinesa, também com detalhes em ouro. O perfume de frutas secas e ervas tomava os lençóis. As cortinas e todo o enxoval, incrivelmente branco - comprado por sua mãe. Um

belíssimo quarto de recém-casados esperava a aprovação de sua esposa.

Fernando fechou as cortinas fazendo o quarto ficar em luz baixa, mas acendeu o lustre que tinha sobre o centro do teto, deixando um ar sensual no ambiente. Tirando a caixa pequena de dentro de um dos armários, ele repousou sobre a cama.

— Tudo arrumado — avisou um capanga, armado, saindo do quarto adjacente.

— A caixa, que mandei você colocar na outra cama, está bem fechada?
— Fernando precisava que tudo estivesse como planejado.

Não pretendia fazer... não hoje, mas Lídia o incentivou com a ousadia de mais cedo no altar.

Então porque não demonstro um pouco da minha ousadia também? — Fernando se perguntou, antes de ligar para a pessoa certa e preparar toda a surpresa, dentro de meia hora após a cerimônia do seu casamento.

— Sim, senhor.

— Eu vou chamar minha esposa, quero que fique na porta até segunda ordem.



— **VOCÊ DEVERIA TOMAR** remédios controlados! — Lilian resmungava para sua irmã, que sorria e acenava para todos que passava pela mesa dos noivos. — Eu estava quase segurando aquela cobra da Fabíola para que ela não corresse até você e lhe rasgasse o vestido, ali, na frente de todos.

Lídia se deliciava com o espetáculo que era aquela festa de casamento. Tudo era uma verdadeira cena para seus olhos, uma hipocrisia sem tamanho, falsidade sem medida de consequências. Mesmo sabendo que por dentro estava em frangalhos, ela sorria mantendo a tradição da noiva feliz e radiante.

— Ela não se atreveria — disse Lídia, tomando seu champagne e olhando entre os convidados onde estaria seu noivo.

— Este é seu problema. — Lilian sentou ao lado da irmã. — Confia muito nesta sua presunção. Lídia, abra os olhos, por favor.

— Deixe de bobagem. — Lídia bateu a sua taça na da irmã, brindando sua falsa felicidade. — Eu sei me cuidar, muito bem por sinal.

— Serpentes surpreendem, sabia?

— Do que tem medo?

— De você morrer. — Lilian teve que manter a voz equilibrada.

Lilian presenciara o suicídio de sua mãe e para ela isso bastava, não

estava preparada para mais nada parecido, muito menos ver sua irmã com uma bala no peito.

— Todos nós vamos morrer um dia, Lilian, às vezes cedo, em outras... — Lídia avistou Fernando aproximar-se — na hora certa — completou, mirando em sua vítima.

Apesar da quantidade de elogios sobre a noiva e a cerimônia, Fernando sabia que eram todas mentirosas. Lídia terminou com a imagem de um casamento normal como qualquer outro ao entrar vestida de preto e ameaçar o noivo no altar.

Ela sabia surpreender, pensou ele, indo em direção a sua esposa.

No entanto, ele também sabia fazer surpresas, e faria Lídia saber em minutos.

— Lídia — Fernando a chamou educadamente, estendendo a mão para ajudá-la a se levantar.

— Sim? — Lídia, sentiu a familiaridade da aspereza da mão de seu marido, quando a segurou firme e se ergueu.

— Quero lhe dar dois presentes — disse Fernando, guiando sua esposa em direção a casa.

Lídia foi sem receio. Ela, mais do que todos, sabia que Fernando não poderia matá-la ali, tendo todos como testemunhas. Às vezes, pensava que ele nem faria tal burrice. Fernando prezava pelos negócios da família e não seria uma rebelde que o faria afundar tudo, ser destruído só porque ele não conseguiria guardar seu instinto assassino.

O longo vestido de seda negro arrastava-se sobre o limpo e escorregadio piso de mármore branco da mansão. Lídia foi conduzida por seu marido até o andar de cima do lar que ela teria que morar.

Luxo, sofisticação, como também cheiro de morte, tinha em todas as paredes, até que em minutos, ambos chegaram a uma grande porta alta, branca e com detalhes dourados. Um homem armado estava bloqueando-a e quando viu o casal se aproximar, afastou-se.

— Abra — pediu Fernando, com gentileza para sua esposa.

Uma voz soprou no ouvido de Lídia: "Talvez não goste do que vá encontrar aí"

— Onde estamos? — Lídia sondaria primeiro.

— Nossa suíte — Fernando respondeu, sem receio. — Foi organizado para que eu lhe apresentasse. — Colocou as mãos nos bolsos, por casualidade. Foi aí que Lídia viu que seu marido tinha duas pistolas debaixo do terno. Uma análise rápida. Duas Colt prateadas, cano talhado em desenhos de serpentes.

Lídia lembrou, talvez vagamente, mas ela teve uma pequena lembrança

de alguém que amava, tanto quanto sua irmã.

"Ouvi dizer que nos quartos da mansão dos Aguiar pode se matar alguém a sangue frio, lentamente, sem que ninguém escute, nem mesmo quem estiver atrás da porta." — disse Petra.

Era tradição os noivos fugirem no meio da festa, pensou Lídia. Ele usaria isso e a mataria?

Talvez sua irmã estivesse certa. Lídia confiava demais em serpentes, e sentiu ali que talvez ela tivesse seu funeral antes mesmo de começar com todo o plano que arquitetou contra o pai do seu esposo.

— O que tem aí dentro, Fernando? — Lídia não moveu um músculo.

— Nosso ninho de amor. — Fernando estava carinhoso. Tocou o rosto pálido de sua esposa. — Percebi que você não gosta que imponham ordens, então achei melhor que analisasse o enxoval do quarto e me diga se gosta.

Seria isso mesmo? — Lídia questionou-se internamente.

— Se não gostar, é só dizer o que prefere e mando trocar. — Fernando contemplou a respiração falha de sua mulher. — Quando voltarmos da lua de mel, tudo estará conforme sua vontade.

Por que nada daquilo a convencia?

Lídia olhou para seu marido de forma ambígua. Medo e ódio. Talvez até estivesse vendo sua morte entre as pupilas dilatadas do seu marido, que se drogou para enfrentar o casamento.

— Abra, meu amor. — Fernando pegou a mão de sua esposa e a repousou na maçaneta da porta.

O metal frio fez uma linha de arrepio se romper nas costas de Lídia. Contra sua vontade, mas não querendo mostra-lhe medo algum, Lídia girou a maçaneta.

A Porta foi aberta com cautela, afinal de contas, estamos falando de Fernando, tudo poderia vir dele, o gesto mais amável possível, ao mais perturbador, misturado com sentimentos e ações.

Lídia empurrou a porta, sentindo a mão escorregar na maçaneta, as dobradiças rangendo um pouco, piorando o frio que sentira ao entrar, no entanto a única coisa que contemplou foi o luxo do quarto.

— É lindo — disse ela, em um sussurro, abismada com tamanha riqueza de detalhes da tapeçaria aos detalhes do teto.

— Aqui — chamou Fernando, pegando o bolo do casamento.

Lídia pegou um para si e provou o adocicado do chocolate branco com pedaços de avelã.

— Que cheiro é esse? — perguntou ela, quando engoliu o bolo.

— Frutas secas e ervas — Fernando abriu o champagne, fazendo a

espuma escorrer pela garrafa e molhando o chão, depois serviu duas taças e entregou uma para Lília. — O quarto vai ficar fechado por alguns dias e essas iguarias ajudarão a manter tudo perfumado.

Lília tomou um pouco do seu champagne, sem tirar os olhos de Fernando, é claro. Não que ela estivesse ainda com medo, Fernando conseguiu mudar seu pensamento. Mas porque agora ele parecia diferente, bonito, acolhedor, quente... muito quente dentro daquela fantasia de noivo responsável e apaixonado pela mulher que se casou. Ela tinha que admitir, Fernando era a porra do homem que as mulheres topariam fechar os olhos para o tipo de vida que ele levava, para as crueldades que fazia, só para poder estar ali, no trono, ao seu lado, no conforto, na segurança e nos braços fortes que compunham seu corpo grande.

Fernando tomou seu champagne e percebeu os olhos de sua mulher nele.

— O que foi? — Colocou a taça sobre a mesinha.

— Nada — Lília se sentiu idiota. Tomou de sua bebida. — E o presente?

— Sim, claro, o presente. — Fernando se moveu até a cama e apontou para a caixa. — É seu.

Lília colocou seu bolo e taça ao lado dos de Fernando, e se aproximou curiosa.

— O que é? — inquiriu Lília, antes de tocar a caixa.

Fernando viu um brilho de criança levada nos olhos de Lília, foi aí que ele soube.

Ela amava surpresas, então amaria o que estava por vir.

— Abra, é seu Lília. — Pela serenidade e tranquilidade que ele emanava, Lília não teve mais receio que algo de ruim pudesse sair daquela caixa.

Rapidamente, ela desfez do papel prata e abriu a tampa. Tirou os sedosos papéis que cobria o presente e então viu o que tinha ali.

— Fernando! — Lília estava fascinada.

Não era uma joia, muito menos a chave de um carro ou apartamento, não era nada que uma noiva poderia receber, convencionalmente, no dia do seu casamento como presente de seu noivo.

— Gostou?

— É linda! — disse a mulher com uma pistola banhada a ouro nas mãos.

— Tem um coldre para você também.

Lília o pegou, encaixando sua arma no coldre de couro macio.

— Deixe-me lhe ajudar — pediu Fernando, se aproximando.

A tira de couro passou pelo ombro de Lília, que sorria feliz com o presente. Colocando o braço em uma das tiras, Fernando abotoou a fivela de um

dos ombros. Enquanto isso, Lília admirava a preciosidade com seu nome cravado nele.

— Não tem balas — observou Lília, sentindo as amarras bem encaixadas em seus ombros, como alças de mochilas.

— Tem, eu coloquei no cofre da suíte, me lembre de lhe dar a combinação depois.

— Por que está me dando isso? — Lília sentia-se confusa com Fernando.

Ela sabia que o mesmo aceitou se casar, ainda que a odiando, desejando sua morte. E ainda assim lhe deu uma arma.

Seria que apesar de tudo ele tinha uma apreciação? — Lília sentiu uma pontinha de desejo ao lembrar dos poucos momentos que tiveram juntos, mas logo se lembrou que não poderia alimentar nada de bom vindo dessa união, além da segurança de sua família e do poder econômico nos negócios.

Não, ela estava ali para ser torturada até o fim, ela estava ali para sobreviver em meio aos tubarões do narcotráfico, da mesa de cartel pela qual ela faz parte.

— Você é uma Aguiar, agora. — Fernando se afastou, indo de encontro a porta adjacente. — Todas elas têm uma igual a sua, marcado com nome.

— Então sua mãe esteve comigo naquele quarto, enquanto me vestia, com uma pistola como esta debaixo da saia?

— Provavelmente — respondeu Fernando com simplicidade.

Vestida de noiva e com o coldre em seus ombros, Lília andou até ele.

Sentia-se centímetros mais próxima de Fernando, talvez a gentileza na voz de Fernando, a preocupação repentina fez Lília amansar só um pouco.

— O que eu te fiz para me odiar tanto? — Vendo que o marido mostrava trégua entre a briga dos dois, Lília quis saber mais, se aproximar mais.

— Você sabe o que me fez — disse Fernando, quase acabando com o papel de marido amoroso.

Ele tinha que ser firme, deu a palavra que iria tratá-la bem e era isso que ele faria, até que não lhe restasse mais forças para fingir.

— E por que eu acho que tem algo mais?

— Eu te disse que havia dois presentes, lembra? — Fernando se esquivou de Lília. Ele sabia que ela era mestre em mentir, manipular, não cairia no feitiço de sua doce voz, muito menos no brilho de seus olhos.

— Sim, eu lembro. O outro está atrás dessa porta?

— Está — disse Fernando —, e é aqui onde você vai dormir.

— Suponho que você durma neste lado do quarto?

— Sim. — Fernando deixou que Lília fizesse as honras.

Lídia abriu o quarto que dormiria, era igual ao que estava com Fernando. Da mesma cor, tamanho..., mas sobre a cama tinha uma caixa ainda maior. Lídia se aproximou.

— Espero que goste deste também — disse Fernando, ficando na porta.

Lídia sentia que ali, naquele lado do cômodo onde duas suítes são separadas apenas por uma larga e alta porta, era bem mais frio, até mesmo o cheiro era diferenciado.

— Que perfume é esse? — Lídia não estava tão confortável como há segundos, era como se a voz voltasse em seus ouvidos.

"Talvez não goste do que vá encontrar aí"

— Só abra a caixa — Ele incentivou-a, ainda atencioso.

Lídia olhou para o seu marido, sentia que algo havia mudado, mas prosseguiu, já estava ali mesmo, o que de pior seria além de estar em um lugar com isolamento acústico e um Aguiar armado até os dentes?

Andou até a cama a passos lentos, a barra do vestido arrastando sobre o tapete felpudo. Os dedos inquietos. O coração aumentando o compasso a cada minuto.

As mãos de Lídia deslizaram sobre a imensa caixa. Ou seria um caixão? — pensou ela sentindo o bolo virar náuseas em seu estômago.

— Não podemos passar o dia todo aqui, Lídia, temos um voo para Las Vegas em poucas horas.

Os dedos brancos e finos de sua esposa, roçaram as bordas da tampa da caixa. E tão logo, Lídia levantou a tampa, elevando centímetro por centímetro, sem ter a visão do que tinha ali por baixo. Mas quando ela moveu a tampa para longe, seus olhos contemplaram: que quando se tratava de desafiar um Aguiar, estava desafiando sua própria vida.

Corpos esquartejados preenchiam a grande caixa, sangue alagava sobre os pedaços dos cadáveres, que estavam revestidos por sacos plásticos.

Essa era apenas a amostra de um mundo sujo dos cartéis, da vida de homens como Fernando, como o dela.

O corpo pequeno e magro de Lídia estremeceu. Dando passos para trás, Lídia abafou um grito de socorro com a mão, a mesma que em seu dedo anelar, circulava uma aliança de ouro maciço.

— A propósito — disse Fernando, feliz de ter se vingado da mulher que lhe ameaçou no altar. — O cheiro que você perguntou, é de morte.

Lídia estava abalada demais para ironizar a situação com seu marido.

— Quem são eles? — indagou Lídia, tentando manter a compostura, escondendo metade do horror que tinha sobre sua voz, pele pálida e olhos arregalados.

— Os homens que estavam prontos para lhe ajudar a fugir, caso algo desse errado. — Fernando ficou atrás de sua mulher, sentindo o perfume que ela tinha, contemplando os fios que caíam desordenado sobre a nuca de pele macia.

— Eu estou aqui, não estou? — A voz de Lília foi se normalizando. — *Me casei com você!* Então por que os matou? — Ela se virou para encarar o homem frio.

Os olhos cinzentos, perturbados e drogados de seu esposo a encarou.

— Quis provar o quê? — continuou Lília, que saiu do tom de abalada para o de irritação. — Que sabe conduzir as coisas?

— Não, minha querida. — Fernando sorriu torto. — Isso foi apenas uma demonstração, que, enquanto vocês planejam qualquer coisa contra mim, eu estarei, sempre, um passo à frente para bloquear tudo!

Sim, naquele instante Lília sentiu medo, receio do plano da união que acabara de fazer, além dos segredos que guardava. Se Fernando descobrisse naquele momento ele a mataria sem nem ao menos pestanejar.

Atraído ou não pela a esposa, ele a mataria, afinal de contas, se tratava do bem-estar de toda a família Aguiar, e Fernando nunca mediria esforços para isso, quando escolhesse dar um fim na peste que poderia colocar todos em uma cova.

— Agora — Continuou Fernando, deslizando o dedo indicador sobre o contorno do rosto de Lília. — Tome mais um pouco de seu champagne, vai precisar para a valsa.

Lília deu um tapa na mão de seu esposo.

— Você não vai colocar as mãos em mim, nem mesmo para uma dança. — Era possível escutar os dentes dela rangerem de raiva.

— Seja uma boa esposa — Fernando não ligava para as vontades dela, iria entortar aquele nariz empinado até que sua dona se curvasse. — Dance a valsa com seu marido. — Estendeu a mão, colocando a imagem de cavalheiro em primeiro plano, mas por trás de toda a encenação tinha uma brincadeira no olhar dele, como se guardasse uma carta na manga, caso ela se achesse a usar de rebeldia, mais uma vez.

Lília o desafiou, Fernando revidou.

Talvez por hoje bastasse, pensou Lília cansada.

Erguendo a barra do seu vestido, ela desconsiderou a gentileza de Fernando, em sair de mãos dadas ao lado dele, e saiu do quarto. O que Lília não viu foi o sorriso e o brilho de vitória que tinha no rosto do seu marido, quando o mesmo fechou as portas da suíte que ela dormiria deixando para trás a marca do que suas mãos "também" poderiam fazer.



ANTES DE SAIR em disparada do quarto, Lília pegou a garrafa de champagne e tomou direto do gargalo enquanto fazia o caminho de volta. Ela escutou Fernando bater à porta e ordenar algo ao homem que estava de vigia no quarto, que em menos de uma semana seria o lugar onde teria que ficar.

Raiva e desprezo estavam a envenenando. Queria Fernando morto, mas para chegar até lá, precisava, necessitava machucá-lo primeiro.

— *Me dê isso!* — Fernando tomou a garrafa das mãos de Lília, admirando logo em seguida a fúria nos olhos dela. — Você causou cena o suficiente para um ano inteiro. Já chega!

— *idti trakhat'sya!* — Lília vociferou em russo, uma pequena frase que aprendeu na época da faculdade. Em seguida, dando-lhe as costas para seu marido, fazendo a saia do seu vestido rodopiar violentamente.

— Eu sei muito bem falar russo — avisou ele, segurando o braço de sua mulher. — Você só esqueceu de um detalhe minha querida — dramatizou perigosamente —, para onde eu for você vai. E já que me mandou ir me foder, irei com todo prazer, mas você vem junto.

Fernando a arrastou escada a baixo, descendo rápido, levando Lília consigo.

— *Me largue, seu animal!* — gritou ela, socando o corpo duro do seu esposo. Quando tentou acertar um soco no rosto de Fernando, o mesmo segurou seu pulso com precisão e apertou até as expressões de dor aparecerem no rosto de Lília. — Você está me machucando, Fernando — grunhiu, no meio da escada.

— Você pediu por isso — Fernando falou baixo, ameaçador, largando o delicado pulso, agora vermelho.

Lília não demorou mais que dois segundos, para, com as costas de sua mão, lançar uma bofetada contra o rosto com expressão dura, cruel e quase escarnecedora de seu marido. O solitário em seu dedo – o anel dado em seu noivado – rasgou a boca de Fernando, fazendo brotar sangue.

Fernando sentiu o peso da mão pequena de sua mulher. Estava quase sem acreditar que havia recebido um tapa na cara. Seus olhos encararam a petulante que ainda estava presa em sua mão. Ele viu raiva se desfazendo em receio nos olhos escuros de Lília.

Como provocação, Fernando passou a ponta do seu polegar na ferida aberta, o dedo deslizou sobre o sangue ainda quente, depois ele pois o dedo na boca, aterrorizando-a, menosprezando a tentativa falha de Lília lhe causar dor.

— Se acha muito esperta, não é? — Fernando a colocou contra o corrimão da escada, encurralando sua noiva contra o metal, fazendo o corpo magro inclinar para fora, deixando para Lília a visão assustadora de uma queda livre, caso seu marido tentasse se desfazer dela naquele momento.

Por sobrevivência, Lília segurou no paletó de seu marido. Sentindo os ouvidos latejarem.

— Fernando. — sua voz era quase um sopro.

— Acha que vou ficar parado sempre que tentar contra mim? — Fernando rosnou.

— Pare Fernando. — O pedido veio ao contrário. Por maldade, Fernando inclinou ainda mais o corpo de sua mulher.

Era certo que assim que o corpo esguio de Lília tocasse o chão seus ossos quebrariam.

A posição em que Lília se encontrava, deixava seu pescoço a mostra, Fernando o segurou, apertou, fazendo lágrimas frias saírem dos olhos de Lília.

A situação o excitou com violência. O pescoço longo de pele perfumada, macia e quente eletrizou contra a palma de sua mão.

— Não faça isso — pediu Lília, sentindo o ar lhe faltar.

Os olhos lacrimejados de sua mulher não tocaram seu coração, os seios subindo e descendo tentadoramente sobre o decote do vestido fez ele olhar e desejar.

Lília estava arrepiada de temor. Ele parecia realmente uma fera pronto para raspar a carne e devorar tudo. Temendo por sua vida, ela teve que pensar rápido, sair sem precisar se cansar.

Era um acordo que não poderia ser rompido, mas até que ela o matasse ou ele a ela, ambos teriam que viver de aparências.

— Fernando — Ela o chamou, carinhosa, tirando a mão do terno e deslizando pelo rosto de seu marido, passando os dedos sobre a ferida que sangrava sutilmente. Admirando-o, flertando com olhar. — Pare.

Fernando não deu trégua, mas quando Lília deslizou a mão para mais em baixo, passando as unhas sobre os botões da camisa, saindo com os dedos e brincando os botões do paletó, em seguida chegando a fivela só seu cinto, ele aliviou o aperto.

Quando Lília sentiu que o peso de sua mão já não forçava mais contra seu pescoço ela se inclinou para frente e se aproximou da boca de Fernando, ainda tocando seu corpo, provocando com o decote, com a respiração acelerada, quente, cortada...

Fernando ainda tinha as mãos no pescoço de Lília, e quando sentiu ela roçar os lábios vermelhos, cheios e macios contra os dele, apenas para sentir seu

hálito, Fernando não segurou o desejo. Trouxe-a contra ele, capturando os lábios de sua mulher, enfiando-lhe logo a língua para amolecer a alma da noiva atrevida com quem se casou, fazendo-a provar seu sangue.

Os joelhos de Lídia tremeram quando sentiu que além de uma língua quente enfiada em sua língua, tinha um pênis duro pressionando-a.

Com a mão no pescoço de Lídia, Fernando deslizou a outra até o quadril de sua mulher, e apertou, fazendo-a gemer.

Mesmo com o salto, ela mal conseguia alcançar o queixo de Fernando. E para que ele não curvasse, suspendeu-a em seu corpo, colocando-a contra a parede, roçando seu corpo contra o dela.

Lídia deslizava suas mãos pelo corpo de Fernando, provocando, deixando-o maluco, assim como ela estava. Ele sabia como queimar as veias da mulher que tentava ser indiferente, fria e distante.

— Vou foder cada buraco do seu corpo — ele rosnou completamente perturbado, contra a língua dela, que dançava sobre os lábios dele. Fernando ergueu a coxa de Lídia, deixando-a aberta, subindo e descendo, se esfregando, querendo aliviar, estourar.

Click.

Ele escutou e precisou voltar a mente para entender o que a traiçoeira da sua esposa fazia.

Lídia havia conseguido tirar uma das pistolas de dentro do terno de Fernando, engatilhando em seguida uma bala ao cano e mirando no pau duro dele e que estava fazendo um volume enorme dentro do tecido macio da calça preta.

Do prazer ao desapontamento, foi uma queda livre que lhe deu uma dor de cabeça.

— Largue essa arma — pediu ele, com olhar baixo, ainda excitado. — Pare com tudo isso Lídia, pare de tentar me atingir.

— Eu nunca vou parar, Fernando — disse ela com voz falha pela respiração que perdera nos segundos excitantes. — Até você me matar ou eu matar você.

Fernando se afastou, então Lídia desengatilhou a bala e entregou a pistola.

— Os convidados nos esperam — ela disse, fazendo o percurso de volta para a festa.



A MÚSICA ERA UMA VALSA tradicional. Os noivos foram para o centro da festa. Onde um palco oval de vidro estava posicionado para a ocasião, Fernando tomou sua noiva para a dança.

O cheiro de tabaco e bebida ainda estavam nele, mas também havia se impregnando em Lília quando ambos estavam se devorando.

Lília mal sentiu quando se beijavam. Talvez o medo misturado com um pouco de excitação a tivesse deixando sem olfato, mas naquele instante ela o sentia bem intenso.

Fernando a tinha em seus braços novamente, a sentia tremer levemente. Não sabia se era pelo fato de ter ameaçado jogar sua mulher escada a baixo, ou pelo beijo que haviam compartilhado há um minuto.

Ela era uma incógnita para ele. Ele era uma caixinha de surpresas para ela.

— Pare com isso — pediu ela, irritada, esperando que Fernando a conduzisse.

— Com o quê? — Os olhos cinzas de Fernando estavam brilhantes.

— De me olhar.

Fernando a segurou mais forte, colando seu corpo ao de Lília, desafiando-a com olhar mais perto, deixando as pupilas de sua esposa dilatadas.

A cintura pequena dela o delirou, assim como o cheiro que tinha sobre seus cabelos negros presos com uma tiara prata fina e delicada.

Os corpos roçaram sutilmente por causa da respiração acelerada.

Lembrou-se ele da primeira vez que a sentiu, que quando entrava em combustão, cheirava cada mecha dos cabelos dela. O perfume era diferente, mas o de agora era exatamente o que ele sentiu no primeiro dia em que a viu em sua vida.

Lembranças antigas, momentos passados que não deveriam afetá-lo.

O coração de Lília disparou quando Fernando cheirou seus cabelos e sussurrou em seu ouvido: — Há coisas que nunca mudam.

Assim que a provocou, conduzido o corpo de sua esposa sobre o palco. Convidados admiravam o quanto eles se pareciam. Ambos em trajes escuros e com pistolas embaixo de seus braços. A sensualidade amorosa em que se movimentavam em uma simples valsa que não foi ensaiada. Entretanto, a cena não deixava dúvidas, para ninguém, que ambos se completavam.

Lília fingia não se afetar, Fernando estava gostando do corpo a corpo.

Quando os longos dois minutos de dança finalizaram, a grande surpresa da festa, preparada por Fernando, é claro, fez que Lília se irritasse.

— Tango, Fernando? — Ela não se sentiu confortável. Primeiro porque é uma dança muito provocativa para ter que compartilhar com alguém que ela

desejava o mal, outra, porque também o vestido não foi construído para esse tipo de dança. O que ela havia se desfeito sim, apesar de mais pesado, mas o antigo podia ser aberto em uma das coxas e depois fechar a fenda.

— Não sabe? — provocou ele, com um sorriso presunçoso no rosto.

Lídia quis esganá-lo naquele momento, mas suspirou e pensou, então disse:

— Sim, eu sei.

— Então, não se incomodaria. — As mãos grandes e quentes desceram mais um pouco pelas costas dela, quase atingindo o quadril pequeno e arredondado da mulher que lhe olhava raivosa.

Lídia saiu dos braços de seu marido, dando a entender que não dançaria, que não faria seus gostos, virando-se e afastando-se de Fernando, era possível ela escutar sons abafados de desapontamento por alguns dos convidados.

Com passos rápidos, ela seguiu em direção a mesa dos noivos, onde ambos teriam que ficar por toda a festa, mas tiveram que se aventurar dentro da casa antes. Lídia pegou uma faca de carne.

— O que está fazendo? — Lilian segurou o braço da irmã, foi quando ela viu o pulso vermelho. — Ele a machucou? — Lilian sussurrou.

— Nada comparado com o que irei fazer com ele — disse Lídia, com o peito cheio de rancor.

Lídia pegou parte do tecido da saia de seda e enfiou-lhe a faca, rasgando seu vestido. Com um puxão, ela se desfez de duas camadas, ficando com o tule negro.

Alguns aplaudiram, outros riram da cena, da iniciativa que teve. Quando Lídia se virou, viu a felicidade no rosto de Fernando, e caminhou até ele.

A música iniciou.

Os corpos se juntaram.

A eletricidade começou.

Lídia laçou a coxa de Fernando com sua perna. Fernando uniu o rosto dele ao dela, posicionando os ombros, encaixando suas virilhas.

— Até que a morte nos separe, meu amor — ele disse, sensual, rouco, roçando os lábios na orelha de Lídia, que se arrepiou de imediato.

— Até que a morte nos separe — repetiu ela, ficando excitada novamente.

Episódio 02 – O início.

“O olhar de quem odeia é mais penetrante do que o olhar de quem ama.”

LEONARDO DA VINCI

ARMADOS COMO se fossem para a guerra, e talvez fossem, Afonso e Fernando Aguiar entraram em um carro de luxo, blindado, com três seguranças. Eles estavam bem vestidos para uma reunião que teria que durar no máximo uma hora.

Afonso teve a brilhante ideia de construir um lugar secreto bem debaixo de todo caos de Bogotá. Um esconderijo para reuniões seguras onde empresários entraram no ramo da fabricação, importação e exportação de drogas, conversavam sobre a organização do narcotráfico.

Com suas ideias a mil, Afonso estava indo visitar um empresário em potencial. Um que ele não perderia a chance de trazer para junto de si.

Fernando estava ao seu lado, fumando, pensativo, corpo rígido, apesar de ter o costume de carregar várias armas sobre os ombros, cintura, tornozelos. Ele não tinha muita certeza se a ideia de se aliar a um empresário que começou agora, era uma boa ideia.

Gonçalo Garcia. Um banqueiro que investiu em empresas fantasmas ao longo do mundo para enriquecer, e que tem um contato misterioso e valioso que permite a entrada da matéria-prima da melhor qualidade. Pasta base. A base da droga mais lucrativa, cocaína. E Afonso precisava trazer Gonçalo para junto dos negócios dele.

Com alguém fornecendo a pasta base, Afonso montaria seu próprio laboratório para fabricação da cocaína, tendo um lucro maior que a compra feita do produto pronto.

— Dizem que Gonçalo tem lindas meninas — Afonso brincou, ao ver Fernando sério, sem querer assunto. — Deveria ver...

— Soube que a mais velha tem pouco mais de dezenove anos — Fernando tragou o cigarro e soltou sua fumaça. — Não estou interessado.

E não estava mesmo.

— Ah, vamos... — Afonso sorriu, era um fato raro, mas ele se sentia à vontade com Fernando —, quanto mais nova, mais saborosa.

— Ele está de olho na filha do ministro da justiça — revelou um dos seguranças. O comentário fez Fernando olhar para ele sem simpatia alguma.

— Justiça, Fernando? — Afonso não gostou da ideia e encarou Fernando como se fosse um estranho que tinha acabado de invadir a sua casa. — Aquele homem quase fodeu com os meus negócios.

— Ele está morrendo — Fernando disse, sem nenhum pesar. — Os médicos deram pouco mais de um ano... Não se preocupe, eu sei o que estou fazendo.

Afonso não duvidava, mas não queria um de seus orgulhos na vida metido com pessoas que querem prendê-lo.

Quando os homens do cartel Aguiar chegaram a mansão dos Garcia já estava por volta da meia-noite.

As mulheres da casa não poderiam circular naquele horário. Os empregados foram todos dispensados, para não escutarem nada e nem presenciarem o encontro.

Apenas os seguranças mais antigos de Gonçalo estavam espalhados pela propriedade, alguns *sniper* prontos para reagirem no primeiro comando. Advogados tão corruptos quanto um pavilhão inteiro de assassinos de alta periculosidade.

Quando Afonso saiu do carro, alguém estava ali para recebê-lo.

— O Senhor Garcia os espera — disse um homem, alto, velho e com cara de malfeitor, bem vestido, assim como os milhares de seguranças que estavam na entrada com suas armas pesadas e devidamente carregadas.

Afonso foi guiado para dentro. Quando Fernando saiu do carro, deu sua última tragada, elevando um pouco o queixo para queimar o resto que tinha, foi quando ele viu uma sombra, uma pequena silhueta feminina atrás da cortina do segundo andar da casa. O rosto pequeno e curioso o observava, percebeu ele.

Fernando a encarou, não que conseguisse ver de quem se travava, afinal de contas, ele não conhecia as mulheres da família Garcia pessoalmente, todas elas foram educadas longe da Colômbia, mas ele a olhava para entender seus traços. Seria a esposa de Garcia ou uma de suas filhas?

Por sua vez, os olhos grandes e arredondados estavam espertos, com uma visão nítida de um homem grande, com tatuagens que saiam da manga de seu terno preto, anéis que brilhavam na noite opaca, assim como seu olhar prateado. Os ombros largos dele deixaram a dona daquele par de olhos com mais curiosidade. Ela nunca tinha visto alguém com presença tão poderosa, imponente, apesar de seus traços serem tão joviais.

Quando ele tirou o cigarro da boca e jogou no chão, amassando-o, apagando-o, ela viu ali ele se movimentar para dentro da casa, um andar duro, mas que movia os ombros com elegância, deixando para trás a jovem com mais curiosidade em saber de quem se tratava aquele homem tão...

— Saia da janela, Lídia! — Lilian reclamou, deitada em sua cama, lendo um romance de época que ela havia comprado naquela tarde quando saiu com sua irmã para algumas compras. — Você não deveria nem mesmo estar aqui. Papai disse...

— Todas em seus quartos. Blá, blá, blá — repetiu Lídia, as ordens que seu pai lhe dera quando terminaram o jantar, fazendo cara de tédio ela olhou para Lilian. — Eu deveria ter ficado com a mamãe, as férias com ela sempre são mais interessantes que aqui. — Fechou as janelas e subiu na cama da irmã.

Lídia sempre foi a mais curiosa, nunca deixava nada passar sem que antes tirasse todas as dúvidas que lhe percorria a cabeça assim que elas brotavam. Perspicaz, audaciosa e sem um medo que lhe assombrasse. Estatura baixa, franzina e pele clara, seu olhar era de um castanho em tom mais escuro que de Lilian, cabelos sempre nos ombros e um sorriso brincalhão na face. Não tinha ideia em qual carreira seguir. Nem era o tipo de garota que ficava eufórica por namoradinhos.

Lilian era o tipo de garota da alta sociedade. Pele tratada, assim como seu longo e ondulado cabelo castanho, face rosada, traços delicados, olhos grandes e de um castanho mel de se perder. Apesar de ser de uma família com negócios duvidosos, Lilian não tinha planos de viver seu futuro assim. Desejava se formar em Literatura e se casar com um homem que não estivesse ligado as drogas, pois, ela sempre fizera o perfil romântico, cautelosa, embora adorasse armas e guardava dentro de si uma qualidade de se tornar fria quando necessário.

Deveria existir uma outra filha, Lina Garcia, mas esta, irmã gêmea de Lídia, fora roubada na maternidade quando ambas nasceram. Desde então Gonçalo vinha procurando por ela, indo em direções de pistas que muitas das vezes não eram muito claras.

— Tem um homem bem diferente... — disse Lídia, deitando-se do lado de Lilian, observando as páginas abertas do livro, prosseguiu: — Cara de assassino. Parece mais um gangster que um empresário, ou filho de um. Quantos homens ele deve ter matado?

— Não sei e tenho raiva de quem sabe — rebateu Lilian, sem paciência pois queria ler as páginas empolgantes em que o mocinho da sua história fica a sós pela primeira vez com a mocinha. Para Lilian, leitura antes de dormir era sagrado. — Para onde vai? — indagou assim que Lídia saiu da sua cama em um pulo.

— Você, esse tempo todo aqui com o papai, nunca teve coragem de saber como são esses homens que vêm até ele para fazer negócios? — Lídia se apressou em vestir seu roupão de seda verde piscina, amarrando bem firme em sua cintura.

— Lídia! Você não pode ir...

Tarde demais. Lídia havia aberto a porta e passado por ela rapidamente, fechando em seguida sem fazer barulho.

Lilian ficou paralisada sobre a cama, sem saber se iria atrás ou ficaria à espera de sua irmã, enquanto isso... Lídia andava a passos rápidos pelo corredor, sentindo o ar quente do aquecedor e o piso morno do chão de mármore nas pontas de seus dedos.

Antes que ela entrasse ao lado norte para chegar até a escada principal,

Lídia teve que parar, e se encostar na parede, a espera que um capanga armado passasse. Tinha alguns deles, e para ela, isso significava que os homens daquela noite eram tão perigosos quanto seu pai.

O capanga passou sem perceber uma jovem de pouco mais de dezesseis anos ao pé da parede, sem respirar, sem fazer movimentos bruscos para que não fosse pega.

Quando viu o caminho livre, Lídia prosseguiu, certificando-se que ninguém lhe flagrasse.

Ao chegar perto da escada, não o suficiente para ser vista, mas o necessário para escutar o som que vinha de lá, Lídia ficou parada e conseguiu ver seu pai.

Gonçalo Garcia. Um homem de pouco mais quarenta e três anos, cabelos negros e lisos, olhos castanho e pele saudável, alto e massa corporal firme, forte.

Depois, Lídia conseguiu ver um homem um pouco mais alto que seu pai, rosto quadrado, pele morena, olhos escuros e cabelos brancos próximos às orelhas, que dias depois descobriria ser Afonso, o chefe do Cartel Aguiar.

Mas foi quando ela avistou o homem, que a encarou antes de entrar na casa, que Lídia sentiu um calor no peito. Ele era ainda maior do que aparentava ser. Grande, sério, sombrio, os olhos dele eram cinzas demais, e pela forma que olhava deveria ter uma boa visão panorâmica. Sua postura revelava um homem de negócios, rígido, inflexível, dominador...

Ele não dizia nada, não interrompeu enquanto Afonso e Gonçalo trocavam amenidades e muito menos deu a palavra, apertou a mão de Gonçalo, que por sua vez os conduziu até o escritório.

Ambos entraram, mas o homem alto e forte, o cara enigmático a quem fez Lídia se arriscar nos corredores da mansão – na noite proibida –, a viu a espreita.

Lídia ficou parada, petrificada. Os pés não se moveram.

Olhar contra olhar, foi como uma descarga elétrica, um calor que ela não sabia de onde brotava e vazava.

Fernando fez a gentileza de fechar a porta do escritório, mas não sem antes olhar um pouco mais para a curiosa e fechar lentamente a porta.

— O que faz aqui? — um homem a questionou, em suas costas, fazendo Lídia levar um susto.

Quando ela se virou, deparou-se com um dos capangas. Algo lhe chamou atenção. Ele não estava armado. Lídia nunca viu aquilo, todos estavam sempre bem preparados, armas na mão, pente carregado em seus bolsos.

— Já estava indo para o meu quarto. — Não que fosse da conta dele, mas Lídia sabia que o capanga estava ali para que a ordem de Gonçalo, seu pai, fosse

colocada em prática.

Quando Lúdia se recompôs, ergueu o queixo e passou pelo homem, ele a segurou.

— Mas o que pensa que está fazendo? — Ela quase vociferou, indignada pela ousadia de ser tocada por um *deles*.

— Faço questão de levá-la para seu quarto — explicou-se, com antipatia.

— Sei exatamente o caminho — Lúdia rebateu, puxando o braço, mas o homem não lhe permitiu. — *Me solte seu imbecil!*

Ele foi rápido em silenciar a jovem que já iniciava um escândalo. Prendendo a mesma contra seu corpo, fazendo as costas de Lúdia se chocarem com seu peitoral, ele a carregou contra a vontade dela, segurando firme em sua cintura, tampando a boca dela.

Lúdia se debatia. Ela sabia, tinha convicção que aquele homem não veria mais o sol nascer. Assim que fosse jogada dentro do seu quarto, trataria ainda naquela noite, com seu pai, sobre a petulância de um funcionário colocar-lhe as mãos contra a vontade dela.

Mas para seu desespero, ele não estava levando-a para o caminho que dava ao seu quarto, desceu a escada do lado sul que levava para copa.

Ali não tinha ninguém, e muito menos alguém escutaria nada. Lúdia foi colocada contra a mesa de uma grande cozinha branca e sofisticada.

— O que vai fazer? — Ela conseguiu dizer, quando ele a virou para ficar cara a cara.

— Seu pai merece morrer... — disse ele, com nojo —, mas não antes de sofrer um pouco. — Declarando isto, ele puxou o roupão de Lúdia, recebendo a visão de uma jovem e sua pequena camisola que mal lhe cobria as coxas. — Eu vou tirar a sua pureza com a mesma violência que ele tirou a vida da minha irmã — prometeu, tampando a boca de Lúdia novamente e levantando sua camisola.

Lúdia se debatia, tentava a todo custo lutar, se livrar, mas ele era forte. Ela poderia passar horas querendo sair de suas mãos, contudo, não seria fácil, além da força em seus músculos, o homem estava empenhado em fazer vingança, e essa força Lúdia descobriria anos mais tarde.

Rápido, era isso que ele precisava ser, e assim o fez, soltando sua calça, para em seguida cometer a crueldade que estava destinado a fazer naquela noite.

Lúdia tinha todos os seus músculos rígidos, os olhos em desespero, o coração acelerado demais, bombeando rápido seu sangue, elevando sua adrenalina, perturbando sua cabeça, não conseguindo pensar. Suas unhas rasgavam o que ela conseguia, suas pernas chutavam o que acertava e em outras não, mas nada fazia ele parar...

— Quietinha — disse ele, como se tivesse direito de fazer aquilo.

A calcinha foi puxada e Lídia começou a chorar, querendo gritar, entretanto, tudo era abafado pelas mãos sujas e pesadas dele.



— **NÃO SÃO MEUS PLANOS** demorar nessa conversa, Gonçalo — disse Afonso, com ar confiante.

Gonçalo o encarou, como se estudasse o olhar de seu possível aliado, mas nada disse para ele, se virou para Fernando, que por sua vez brincava com o anel em seu dedo. Depois sentou próximo aos dois.

— O assunto da sua visita eu sei qual é. — Gonçalo cruzou as pernas. — Mas não acho que eu venha a me interessar para o que vai me dizer...

Afonso sorriu. Ele tinha a faca e o queixo na mão, precisava avisar Gonçalo sobre isso.

— Tenho interesse em comprar a pasta base através de você. — Afonso foi direto ao assunto. — De alguma forma você consegue entrar com ela facilmente em nossa cidade. E há pouco tempo descobri que é uma das melhores que já havia conhecido.

Fernando olhava pra Gonçalo e sabia que a sociedade forçada que Afonso estava prestes a propor poderia dar dores de cabeça lá na frente. Não que ele se importasse com as dores de cabeça dos outros além da dele e de sua família, mas nunca é demais tentar se prevenir.

— Já tenho pessoas suficiente para comprar a pasta, Afonso. — Gonçalo cruzou os dedos sobre a perna. — Não preciso de tantos clientes.

Afonso sorriu, nada muito empolgante, mas a atitude fez Gonçalo odiá-lo.

— É verdade que você tem empresas que nunca teve um único funcionário? — Afonso indagou, deixando seu anfitrião com um nó na garganta. — Acho que muitos associados de seu banco, aqueles pelos quais investem nessas empresas que você criou, vão ficar um pouco irritados em saber que o dinheiro deles está indo para seu bolso...

— Saia da minha casa! — Gonçalo se ergueu rapidamente, vociferando para seu convidado que ainda tinha aquele sorriso presunçoso nos lábios. — Saia agora!

Fernando e Afonso ficaram de pé.

— Se eu sair por essa porta — disse Afonso, levantando-se e indo em direção a Gonçalo — Sem a esperança de um “bom negócio”, melhor, um novo sócio, acho que você vai perder muito mais do que eu nos próximos dias,

Gonçalo.

Gonçalo desejou destroçar o traficante a sua frente, mas não poderia. Afonso era perigoso, traiçoeiro e nada amigável.

— Vou tomar seu silêncio como um sim! — Afonso se virou para Fernando. — Deixei no carro um contrato para ser assinado. Pegue para mim.

Fernando não gostou da ideia de deixar seu pai sozinho com Gonçalo, contudo sabia que o fato de sair da pequena reunião era porque seu pai iria “persuadir” Gonçalo mais um pouco.

Quando Fernando passou pela porta, fechando em seguida, andou até a sala de tapeçaria vermelha — a mesma que havia passado para entrar no escritório —, porém, ficou em dúvida de qual dos dois corredores o levaria para a sala de entrada.

Pensou em ir para a direita, entrou e se deparou com mais uma sala, esta tinha lareira e grandes quadros de pintores famosos e alguns da família Garcia. Depois, entrou a esquerda e chegou até a sala de jantar. Sabia que havia se perdido, pensou em procurar alguém, mas a casa estava em silêncio total, nem sinal de alguém vivo por perto, então, pensou melhor, voltaria pelo mesmo caminho e entraria no outro corredor na tentativa de sair daquele labirinto.

Entretanto, um murmuro o fez parar...

Fernando imaginou que precisaria de sua arma, e tão rápido acrescentou o silenciador nela, ficando em alerta a cada passo dado em direção ao que parecia um socorro abafado.

Foi quando ele avistou, um homem tentando manter as pernas bem abertas de uma menina que não parava de se debater.

Quando Fernando percebeu do que se tratava, lhe ocorreu que primeiro iria dar boas pancadas no covarde que estava sobre a garota – que não conhecia. Colocou sua arma sobre uma pequena bancada de aço e estendeu o braço, puxando o miserável para longe da garota.

Foi muito fácil para Fernando apanhá-lo e jogar o infeliz contra uma coluna.

O exército havia aprimorado seus músculos, seu desempenho em uma luta, e tão logo aquele miserável soube disso, porque os socos que foram enfiados em sua cara, à medida que Fernando o atingia, deixou o covarde com os ossos de sua face quebrados.

Depois de ter chegado ao ponto que precisava, ele sabia o que teria que ser feito a seguir, mas deixaria que a pobre garota indefesa fizesse as honras. Fernando se virou e viu-a de perto.

Ela era pequena, magra. Cabelos castanhos, levemente ondulados. Lindos olhos grandes, castanhos e redondos, cílios longos e cheios. A pele era parda. O

nariz pequeno, empinado. Uma boca tão pequena de lábios cheios que o fez lembrar um morango maduro e suculento, contudo, ele não tinha visto em mulher alguma uma tentação como aqueles lábios, eles poderiam levar uma imaginação pecaminosa de um homem bem longe.

Os olhos dele percorreram a garota trêmula. Sua camisola estava suada, grudada em seu corpo, mostrando os pequenos e redondos seios. A cintura pequena. O quadril bem feito. As coxas levemente roliças. O roupão de seda estava caído em seus ombros. Os cabelos desarrumados. Ela era uma total bagunça.

Só deu tempo de Lúdia se cobrir e, quando viu, o homem pela qual ela havia ficado curiosa, lançou um soco que quebrou o nariz do seu agressor, mais um que lhe feriu o olho – e esse não teria boa visão nunca mais em sua vida –, o seguinte quebrou-lhe os dentes. Os socos eram precisos, como se tivesse ensaiado, cada um que o homem misterioso lançava e destruía a face do estuprador.

Afastando-se do homem quase desmaiado e sangrando por todos os lados de sua face, Fernando viu Lúdia trêmula, fria, olhos cheios de lágrimas e aterrorizados.

Fernando estendeu sua mão pegando a pistola, pesada e bem carregada. Entregando a sua arma e a encorajando a finalizar com o que havia começado, Fernando ficou a um passo à frente dela

— Termine. — Seu tom era de ordem, apesar de toda a confusão e de seu estado, Lúdia percebeu o quanto a voz dele era forte e quente.

— Você quer que eu o mate? — Lúdia abraçou seu corpo, olhando para Fernando que tinha sua mão estendida na direção dela, com a arma virada para que ela a pegasse e já atirasse.

Ele fez questão de não responder. Era a pergunta mais tola que já ouviu na vida.

Com a mão trêmula, Lúdia pegou o cano da pistola, destravou e mirou. O homem estava sem forças, derrotado no chão. Os olhos de Lúdia escorriam lágrimas de raiva e humilhação, todas elas se misturavam com os tremores que lhe percorriam o corpo cansado de lutar.

— Atire — disse Fernando, a encorajando, empurrando Lúdia para um ato que ela nunca fez na vida. — Atire! — Seu tom foi alto. E tão rápido ela atirou.

E quando os tiros foram disparados, perfurando cabeça, barriga e o peito do agressor, ele sorria torto.

Fernando adorava punir, fazer justiça, tanto seja ela justa quanto injusta, mas ele gostava de ver alguém pagar a dívida.

Descarregando toda sua raiva. Ela o matou, desejando perfurar cada parte do corpo daquele homem sujo, covarde.

Foi libertador ao mesmo tempo que aterrorizante, mas ela o fez, pela primeira vez, no auge dos seus dezesseis anos, Lúdia se tornou uma assassina com incentivo do homem que tão logo seria mais um alvo em sua vida.

— Muito bem — disse Fernando, mal sabendo que aquele encontro levaria a muito mais sangue do que ele poderia imaginar. — Agora me entregue isso — ele pediu, se virando para ela, mas Lúdia não estava mais por perto. Ela havia corrido para fora, segurando a arma de Fernando. — Mas que merda! — exclamou ele, indo atrás dela. — Volte aqui sua maluca!

Foi naquela ocasião que ele conheceu a mulher que não iria sair da sua vida tão facilmente.



O PÂNICO A IMPULSIONOU sair, fugir da cena. Lúdia levava a arma do crime, a arma do homem que nem mesmo ela sabia seu nome, mas que a impulsionou fazer a ação de matar, que quebrou os ossos da cara do agressor, sem nem mesmo parar para pensar.

Lúdia passou por dois capangas, que imediatamente questionaram para aonde ela estava indo.

Os tiros na cozinha não foram ouvidos graças ao silenciador enroscado no cano da arma. Isso fez com que a confusão não fosse feita, não naquele momento.

Contudo, quando os capangas viram a filha de seu chefe, correndo descalça, com uma arma na mão e roupas de dormir, eles deduziram que alguma coisa estava errada, e tiveram mais certeza disso quando viram Fernando Aguiar saindo da mesma porta pela qual Lúdia saíra como um furacão.

— Onde pensa que vai? — indagou um capanga, com ar furioso.

Ambos apontaram suas armas na direção de Fernando que por sua vez se manteve imóvel.

— Ela está com minha arma! — Fernando não queria bater boca, perder tempo...

Ele tentou dar um passo à frente a fim de seguir seu caminho como se o argumento dado fosse válido, mas o outro capanga o intimidou aproximando a arma na cabeça de Fernando, fazendo voltar o passo.

— O que a filha do senhor Gonçalo fazia com você? E por que ela tem sua arma?

— Entre na cozinha e veja você mesmo — Fernando disse, a fim de tirar aqueles homens da sua frente.

Os homens se entreolharam.

Eram todos com o mesmo perfil. Altos, morenos, cara feia, vestidos de preto e bem armados.

Um fez sinal para o outro entrar e averiguar aquela conversa.

Quando Fernando ficou a sós com apenas um homem armado e, um cano de uma doze em sua cabeça, ele viu ali sua chance de conseguir burlar a barreira, ir atrás na garota e pegar sua arma.

Foi um movimento rápido e que já usara tantas vezes. Ele avançou sobre o capanga, torcendo o pulso enquanto enfiava sua mão na boca dele para não gritar. A força que ele colocava sobre o pulso do capanga, fez o homem afrouxar e deixar a arma cair, assim Fernando conseguiu tirar a arma e bater com ela na cabeça do homem que tão logo caiu zozzo no chão.

Lídia corria como se o mundo estivesse acabando atrás de si. A casa dos Garcia tinha um grande terreno arborizado. Árvores altas, antigas, que estavam ali há gerações. O lugar à noite era perfeito para esconder-se até mesmo da própria sombra. Entretanto, aquela noite, a lua estava grande, brilhante e trazendo o vento frio do oeste. O campo da casa estava bem iluminado, isso foi favorável para que Fernando andasse por dentro como se já soubesse todo o caminho.

Lídia parou mais um pouco, pegou fôlego e, quando escutou sons de galhos quebrando há poucos metros de si, começou a correr novamente. Infelizmente, no caminho tinha algumas pedras que se elevaram na última chuva, e uma delas fez Lídia cair, rasgar seu joelho esquerdo e cortar a palma da mão direita.

Fernando a avistou a uma distância de segundos.

— Me devolva a arma! — disse Fernando, em tom bem limpo e alto.

Lídia escutou, e temia o que ele pudesse fazer a ela. A experiência anterior a deixou transtornada, desacreditada mesmo na boa ação de alguns, principalmente quando esse está armado. E, para ela, segurar a ferramenta pela qual ele usava para tirar vidas, seria sua única forma de não cair mais em armadilhas naquela noite.

Ela queria ter fugido para dentro, mas não pensou direito, o pânico a deixou tonta. Então... se levantou e começou a correr novamente.

Cansada e com sede, Lídia se encostou em uma árvore a espera que aquele homem passasse ou desistisse de ir à sua procura. Ela tinha planos de contornar a área e entrar na casa, lá teria segurança, teria seu pai. Segurou a arma como amuleto. Arfando. Suada. Com medo. Sentindo dores pelo corpo sujo de

terra.

Fernando já estava sem paciência. Irado por ter colocado a arma na mão de uma menina.

Pensou com raiva que deveria ter feito o serviço sozinho, mas a causa era dela e esse direito ele nunca deixaria passar.

— Apareça já! — Fernando gritou. Lídia estremeceu de onde estava. — Caralho! Apenas me entregue a porra da arma! — Ele andava atento, buscando a fujona, pisando firme sobre a terra úmida.

Lídia verificou se ele estava perto. Não o avistou.

Ele estreitava os olhos para tentar ver algum movimento entre as árvores, e, quando percebeu onde ela poderia estar, um tiro passou apenas três centímetros perto de sua cabeça e atingiu a árvore ao seu lado.

Um atirador, do alto da casa, conseguiu acompanhar os passos do homem que corria atrás da filha de seu patrão, mas logo perdeu a mira quando Fernando se moveu. Ele engatilhou mais uma bala em seu fuzil e esperou por mais um momento.

— Avisem ao senhor Gonçalo, que o homem que veio com Aguiar está fora da casa, correndo atrás de Lídia. — O *sniper* passou a informação no rádio, para em seguida voltar a sua postura.

Fernando se abaixou, sabia que seria mais uma vez um alvo.

Lídia escutou o som da bala contra a madeira. Pensou que o homem que "ajudara" tinha outra arma, então correu ainda mais rápido.

Fernando a viu e correu atrás.

Ela conseguiu ir para detrás de uma pedra grande. Pequena e suja, Lídia soube se camuflar na noite. Aproveitou para verificar se tinha mais balas na arma tirando o pente e verificando quantas ainda tinha.

— Droga! — Lídia queria chorar. Mas engoliu o choro, travou as lágrimas, se mantendo em seu lugar.

Havia corrido em vão. A arma não tinha nada que pudesse ser usada em uma ameaça, uma fuga. Acabou usando tudo no canalha que tentava violentá-la

O silêncio estava assustando-a. O peito subindo e descendo. As mãos suadas. Ela se levantou, bem devagar. Queria saber se ele estava próximo. Com cautela, Lídia observou o local por perto como um bicho que se escondia de seu caçador.

Ele havia se perdido, pensou, dando um suspiro de alívio.

— Péssima para se esconder.

— Aaaaaahhh! — Lídia gritou assim que foi surpreendida por ele, pelo homem grande... fascinante.

— Fique quieta — Fernando tapou sua boca. Fez errado.

Lídia adquiriu trauma sobre esse tipo de atitude. E, sem pensar duas vezes — arriscou —, ela bateu nele com a arma.

— Mas que merda! — Fernando se afastou, sentindo o ouvido esquerdo doer, zumbir pela pancada. — Eu lhe ajudo, e é assim que você agradece, sua maluca?!

Lídia apontou a arma para ele.

— Se me tocar... — começou ela, com voz raivosa —, enfio uma bala na sua cabeça.

O punho tremia por dentro, mas Lídia mantinha a mira firme.

Fernando sorriu, isso a deixou com raiva.

— Atire — disse ele, ficando ereto, escondendo a graça.

— O quê?! — Lídia achou não ter ouvido direito.

Será que ele não percebeu que ela teria coragem de matar alguém, principalmente quando está sentindo-se ameaçada?

— Eu quero que você atire. — Ele estava tranquilo demais. — Quero ver sua coragem. Atire logo, meta essa bala que você quer, aqui... — Fernando apontou no meio da sua testa, indo na direção dela, ficando próximo o bastante para que o cano tocasse sua testa. — Aqui, é exatamente o lugar que precisa para finalizar alguém sem precisar esvaziar um pente — ensinou com frieza.

Por algum motivo, a palavra pente fez Lídia olhar para a câmara da arma, só naquele momento que avistou que ela estava aberta, indicando que não tinha mais balas. Ela bufou derrotada.

Fernando, percebendo que ela havia se dado conta que não tinha como ameaçá-lo, segurou o pulso da *fujona* para pegar sua arma. Foi quando ele sentiu a pele dela úmida e escorregadia. Estreitando os olhos, avistou sangue saindo na palma da mão.

Lídia estava imóvel. O que poderia fazer? Lutar? Ela sabia que perderia. Então esperou, queria saber até onde ele iria.

Para sua surpresa, Fernando a olhou, olhos que pareciam duas moedas de pratas, cílios negros e cheios que emolduravam seu olhar, deixando-a desconcertada.

Com cuidado, ele tirou a arma da mão dela, ainda segurando seu pulso e, colocou sua pistola dentro do paletó, observou os olhos mais assustados ao mesmo tempo que inflamados e inquietos que ele já viu.

E, como um selvagem cuidadoso, ele colocou a boca no corte de Lídia. Os joelhos da mesma estremeceram. O ar ficou travado em seus pulmões, deixando seu tórax rígido. Um calor sobre a face que descia sobre seu pescoço, ombros... seios... barriga... a preencheu.

Ele era tão grande, ela observou, completamente paralisada e atordoada.

O toque dos lábios dele fizera a boca dela entreabrir, mas foi quando Lúdia sentia a língua dele tocar a pele de sua mão e umedecê-la que ele a fez gemer..., mas não de dor.

Qual experiência uma garota de pouco mais de dezesseis anos teve na vida, na forma de vida que levava? Lúdia, tanto quanto Lilian, tinham regras para cumprir, uma segurança redobrada. Ninguém se aproximava delas sem que seu pai não soubesse, aprovasse.

A primeira vez que Lúdia beijou um garoto, ela estava apaixonada, mas rapidamente deixou de estar quando soube que ele não passava de um aproveitador que adorava se gabar com os amigos sobre suas conquistas.

Uma vez, não muito tempo, Lúdia tentou ter sua primeira relação sexual, contudo, o momento deu errado, o jovem que ela namorava se acidentou e em pouco mais de três meses — quando já se sentia melhor —, ganhou uma bolsa no Canadá e se foi tão rápido que mal puderam se despedir.

Lúdia tinha potencial para ter quem ela desejasse. Mas como poderia se faltar dessa regalia se seu pai era severo a tudo que dizia respeito às suas herdeiras adolescentes?

Embora ela não convivesse com ele, e sim com sua mãe, Gonçalo tinha os olhos atentos a cada passo de suas filhas.

E acreditem, apesar de ser a mais rebelde, Lúdia acatava as ordens de seu pai quanto a namoro, muito melhor que Lilian.

O gesto de Fernando fora o mais incomum, contudo, a fez despertar de um jeito que até então aqueles dois últimos não haviam feito.

Por sua vez, Fernando — com pouco mais de vinte e seis anos — parecia uma máquina de sexo. Tinha mulher em abundância, no momento e hora que quisesse. Conhecia todas as mulheres jovens e maduras disponíveis para a diversão na capital. Adorava praticar sexo a três... quatro...

As mulheres que o tinham e ainda o tem em suas camas, sabem exatamente o nome a colocar, insaciável, faminto...

Fernando sentiu o gosto, aprovou o sabor e a deixou. Foi quando ele viu, na face dela, o que havia feito. Experiente, soube que Lúdia havia se excitado. A ideia o animou, mas ele não estava a fim.

— Precisa de ajuda para voltar? — Ele perguntou, dando um passo para trás. — Tem homens vigiando o terreno, quase fui atingido por correr atrás de você...

Lúdia ficou calada, ainda quieta por fora quanto inquieta por dentro, olhando para ele.

— O que foi? Vai querer ajuda ou não?

— Não — disse ela, no automático.

Ela tentou se mover, mas tropeçou nos calcanhares e caiu sobre o peito dele, foi quando tirou sua dúvida. Sim, ele era duro, cheio de músculos rígidos.

Fernando a segurou, mas não precisava de muito para mantê-la firme, colocada nele. Lídia era leve.

Apesar da terra em seus cabelos e por toda sua pequena roupa de dormir, ele sentiu um cheiro bom, um perfume que o excitou, a fragrância vinha dos cabelos e da pele quente do pescoço da *fujona*.

Fernando não pensou duas vezes, a colocou em seus braços. Lídia deu um gritinho abafado de surpresa, mas não o impediu, não protestou.

Naquela altura do momento, perigo era uma situação fora de cogitação nos braços dele. Sem deixar de ressaltar que ele era quente, confortável de ficar perto. Os músculos que se elevaram por baixo das suas roupas, quando ele a mantinha sobre seus braços, deixaram Lídia fascinada, tentada a conhecer mais dele... do que poderia descobrir.

— O que faz com minha filha! — Gonçalo gritou, os pegando de surpresa.

Lídia e Fernando olharam na direção do homem furioso que tinha mais de dez homens armados à sua volta.

Lídia olhou para Fernando envergonhada, foi quando percebeu várias luzes vermelhas no peito dele, eram capangas de seu pai mirando suas automáticas para matar o homem que a tinha ajudado, mas se vacilasse ao menor movimento, morreria.

Por curiosidade, Fernando olhou na mesma direção e viu que realmente tinha razão sobre àquela noite, nada estava indo bem.



— Largue-a agora! — Gonçalo exigiu, nervoso com veia do pescoço saltando. Ele não podia se exaltar tanto. Sofria da pressão.

Se o dono da casa e pai da garota exigiu, então porque Fernando teria que ir contra à sua vontade?

Não precisaria fazer isso. Ele não estava a fim de fazer caso apenas por ajudar uma menina que mais parecia um imã para encrencas.

Acatando as ordens de Gonçalo, Fernando a soltou, mas do jeito dele.

— Aii! — reclamou Lídia, quando bateu com a bunda no chão. — Mas é um selvagem mesmo! — Levantou-se sozinha e andou mancando até onde seu pai estava.

Lídia era muito nova e cheia de inexperiência. Ela sempre fora do tipo

que gostava de revidar, seja em boas ou más ações. Se você lhe desse carinho, ela sempre estava pronta para oferecer o dobro, mas... se você a beliscasse... podia ter certeza, ela iria querer morder você!

— Ele fez alguma coisa com você? — Gonçalo a tocou, querendo ver de onde vinha seu sangue. Percebeu um corte no joelho e outro na palma da mão. — Ele fez isso com você? — Ele a manuseava como se fosse uma peça quebrada em suas mãos.

— Papai — Lúdia estava ficando tonta —, eu que caí e me machuquei. — Apesar de tudo, ela foi sincera, embora seu pai não tivesse acreditado, o que isso era muito ruim.

Gonçalo já sabia da fama de Fernando. Não que ele violentasse mulheres, isso nunca foi dito, mas que era um bruto, um homem — apesar de ainda jovem — sem empatia alguma por alguém. Além, dos dele, claro. Com sua família, Fernando era leal.

— Pode falar para mim, minha filha. — Temeu que sua filha estivesse se sentindo coagida por Fernando. Colocando o rosto sujo e pequeno de Lúdia em suas mãos ele a olhou. — Ele não vai fazer nada contra você.

Fernando ficou parado, olhando a cena, sabendo que se desse na telha em se mover, viraria peneira, contudo ele protestou: — Eu não fiz nada a essa maluca!

Lúdia o olhou com olhos semicerrado, como se estivesse entrado em um duelo de faroeste. Ele a chamou de maluca por duas vezes aquela noite, a jogou no chão sem pena alguma, mesmo sabendo que estava machucada. Claro que ele fez para chamar a atenção, dar uma pequena punição a garota que o tinha o colocado nessa roleta, mas Lúdia também precisava mostrar que quem mandava ali era os Garcias.

Olhando para seu pai de forma carinhosa, Lúdia disse: — Papai, eu estou cansada — Adquirindo uma voz mais cansada que aparentava estar ela o abraçou. — Por favor, me leve para casa.

Gonçalo deu ordens para que pegasse e levasse Fernando para dentro da casa, lá ele lhe daria um fim.

Quando Lúdia viu os capangas de seu pai o tirando do meio do campo, ela sentiu um frio na barriga. Não teve um bom pensamento em relação àquilo.

— Solte ele, papai — ela pediu, com jeito, tom educado. — Não precisa de tanto.

— Ele matou um dos meus homens... — Gonçalo disse, erroneamente, se afastando de Lúdia quando a mesma abriu a boca para defender Fernando, ele prosseguiu: — Acha mesmo que vou deixar por isso mesmo... sem uma punição? — Deu-lhe as costas antes de dar a chance da sua filha explicar-se e

contornar a situação. Dois homens de sua confiança ficaram ao lado dela.

— Não, papai, espere... — Lídia tentou explicar, argumentar quando Fernando passou por ela, com olhar furioso. Isso a deixou arrasada, sentindo-se culpada.

Era para ser uma pequena implicância, nada mais.

Gonçalo tinha passos rápidos. Além do mais, ele tinha mais um motivo para voltar rápido para dentro de casa, ainda tinha Afonso dentro de sua casa com mais três seguranças por perto, fora isso, teria que pensar sabiamente o que fazer com Fernando, ou de uma simples reunião iria começar uma guerra.

Lídia foi guiada para dentro de casa. Lilian, que já esperava por ela na escada principal, quando a avistou, correu para ajudá-la.

— Como você entrou nessa confusão? — Lilian olhou sua irmã de cima a baixo enquanto descia a escada para ajudá-la.

— Chame o papai, Lilian, ele precisa me escutar. — Lídia estava nervosa. Não temia nada além do que o seu pai pudesse fazer com aquele homem.

— Você precisa de um banho. — Lilian pegou sua irmã pelo braço e a guiou escada a cima. — Precisa lavar essas feridas... Meu Deus! O que houve com seu cabelo? — Lilian olhou o topo da cabeça de Lídia, tinha terra molhada, folhas. — Mas o que diabos você estava fazendo?

— Eu matei um homem — Lídia disse de uma vez, no momento que elas chegaram ao corredor dos quartos.

Lilian parou, piscou e depois sorriu, quase caindo na gargalhada. Buscando na cabeça da irmã onde fora a pancada que a fez dizer coisas sem cabimento.

— Você matou um homem? Ah, por favor, Lídia, você está assistindo muita série de máfia! — Lilian tentou levá-la para o quarto. — Agora vamos, eu vou lhe ajudar a...

Uma coisa que irritava Lídia, mais do que tudo, era não darem ouvidos quando ela tinha convicções, certeza do que falava, quando ela estava com a razão.

— Eu não vou a lugar algum antes de dizer ao papai que aquele homem não matou ninguém! — Lídia quase precisou bater o pé para mostrar sua teimosia. — Eu que o matei. Claro que foi aquele homem grande que me deu a sua arma, me incentivou e...

— Espere — Lilian pediu. Aproximando-se, analisando, estudando as feições de sua irmã, constando pelo tom de voz que ela, sua pequena e aventureira irmã mais nova, estava confessando um assassinato. — Mas que tolice é essa que você está contando?

— Não é tolice! — Lídia sentia o cansaço machucar sua cabeça, seu corpo, ainda assim queria descer e explicar tudo.

A abordagem do seu pai no campo tinha sido tão abrupta, e ela estava tão encantada com todo o momento, a situação, os braços que a seguravam, os músculos, ele... Que mais nada do que havia acontecido de ruim naquela noite lhe deixava aterrorizada ou que a impedisse de fazer mais alguma coisa.

— Chame o papai! — Lídia insistiu, e Lilian sabia que ela só pararia quando conseguisse o que queria.

— Certo, eu vou chamar. — Lilian se convenceu. — Mas entre no seu quarto e tome um banho.



— **EU NÃO ACREDITO** que ele tenha feito! — Afonso iria defender Fernando até as últimas.

Fernando estava com dois homens na sua cola, Gonçalo o encarando e Afonso tentando argumento sem nem mesmo ter escutado a versão de Fernando direito, mesmo assim, não acreditava na versão de Gonçalo. Matar um homem da segurança e depois tentar atacar uma criança?

Fora de cogitação. A parte de atacar uma menina, é claro.

— Seu segurança quem tentou violentá-la, não eu! — Fernando já estava perdendo a paciência.

A medida que Fernando pensava que a culpada de tudo era aquela garota – que deveria ter retirado essa acusação no primeiro momento – mais ele se irritava.

— Quando vi o que acontecia, dei uma boa surra e entreguei a arma a sua filha para finalizar o cara!

Gonçalo sorriu.

Lídia e uma arma? Não, na cabeça dele, isso era fantasia demais, pior, loucura, principalmente a parte que sua pequena havia matado aquele homem. Lilian até que se interessava por armas, mas Lídia? Impossível! — pensava Gonçalo.

— Lídia não teria coragem — Gonçalo disse convicto, se aproximando de Fernando.

Talvez ele não a conhecesse bem. Lídia sempre preferiu conviver com a mãe, ex-esposa de Gonçalo, que o deixou meses depois que Lídia nasceu e fora embora para a cidade vizinha, para perto da sua família. Lilian ficou um bom tempo por lá também, mas assim que atingiu a maioridade, quis voltar para a

Bogotá e ficar com o seu pai.

Gonçalo sabia seus gostos por comida e os nomes das amigas mais chegadas. No entanto, Lídia tinha mais coisas para revelar a ele quanto se imaginava. Talvez até ela mesma tivesse muito de aprender de si, do que poderia fazer para sobreviver, se proteger.

— Mas teve — Fernando não tinha medo dele, iria insistir. — Basta perguntar a ela.

Gonçalo olhou para Afonso.

— Fernando pode ser tudo, mas mentir não é seu forte — Afonso o defendeu, deixando Gonçalo em dúvidas.

— Papai! — Lilian entrou no escritório completamente afobada.

Deu uma rápida olhada para os presentes no local e parou em Fernando, como ele era o único que estava sendo coagido por dois homens armados e os homens mais velhos estavam diante dele como juízes de um tribunal, deduziu que era esse o homem que sua irmã se aventurava na noite.

— Não é uma boa hora, Lilian, volte para seu quarto...

— Mas eu preciso lhe contar uma coisa — O coração dela batia forte —, é importante, é sobre Lídia!



— **VOCÊ FEZ O QUÊ?!** — Gonçalo estava cético para sua filha mais nova.

Lídia havia acabado de sair do banho e enxugava os cabelos. Havia vestido uma nova roupa de dormir. O mesmo modelo que a antiga, mas essa era de cor perolada.

— Eu o matei — disse ela, com orgulho. — Para falar toda a verdade, o único culpado dessa confusão toda é o senhor!

— Lídia! — Lilian a repreendeu pela forma que tinha se dirigido ao seu pai, no entanto ficou do seu lado pronta para defendê-la caso a situação esquentasse.

— Não, deixe Lilian — Gonçalo estava com ar decepcionado, embora aliviado por saber que nada de mal foi feito a sua menina —, quero saber o que sua irmã tem a dizer...

— Eu sei que lhe desobedeci. Sai do quarto quando era para ficar. — Lídia jogou a tolha sobre a cama, amarrou seu roupão de seda. — Com isso, fui surpreendida por seu capanga. Notei que não tinha uma arma, e tentei lutar quando o mesmo me agarrou, mas fui derrotada. Antes de tentar fazer alguma

coisa, ele disse, claramente, que mataria o senhor...

— Ah, meu Deus. — Lilian era o pavor em pessoa.

Desconsiderando a reação da irmã, Lídia prosseguiu: — Mas antes de lhe matar faria o senhor sofrer um pouco. — A lembrança voltou, assim como a má sensação, o gosto ruim na boca, o medo e a raiva, enfrentando a cara carrancuda do seu pai, ela continuou: — E com isso ele avançou em minha direção, e tentou fazer o que havia prometido, se não fosse... Como é o nome dele mesmo? — Lídia sondou seu pai.

— Fernando.

"Fernando"... ela testou essa palavra em sua mente. Sim, combinava com o ele.

— Pois é — se recompôs. — Esse Fernando aí quem chegou e tirou aquele homem nojento de cima de mim. Se não tivesse aparecido, eu teria sido violentada, tudo isso para que ele pudesse vingar a irmã dele, irmã que parece que o senhor fez algum mal!

Gonçalo estreitou os olhos.

— Eu não sei do que se trata — Gonçalo disse, agora mais calmo. — Mas irei saber sobre esse homem e a tal irmã. Adianto, isso pode ter sido um engano.

— Sim, pode ser, mas ainda assim eu quero saber. — Lídia não deixaria o assunto no esquecimento.

— E a arma? — Gonçalo quis saber.

— Ele quem me deu. Já sabe disso.

— E por que correu se já havia matado o homem?

— Fiquei em pânico.

— Como se machucou?

— Correndo no campo, eu lhe disse assim que me viu, não escutou nada?

E ele não tinha mesmo, Gonçalo ficou tão irado com o fato de ser interrompido por um dos seus homens, ainda mais possesso quando foi avisando que seu "convidado" estava correndo atrás de sua filha dentro do campo, e tudo se intensificou quando viu Fernando com ela em seus braços, isso fez com que ele não escutasse, muito menos pensasse em nada do que Lídia havia dito no momento.

— Corria de quem, então? — inquiriu com olhar repreensivo de um pai que quer pegar os mínimos detalhes.

— De ninguém, a não ser do meu medo. — Ela mentiu só um pouquinho.

— E o que Fernando fazia correndo atrás de você?

— Eu ainda estava com arma dele, não estava?!

— Então por que diabos eu peguei você nos braços dele?

— Nos braços dele? — Lilian cruzou os braços, olhando com repreensão para a irmã.

— Eu... eu estava machucada e cansada. — Não era mentira, mas o fato de Lúdia sentir-se atraída naquele momento, fez as coisas se tornarem um pouco mais complicadas —, e torci o pé... só isso!

— Você tem ideia da encrenca que fez essa noite se tornar? — Apesar de aliviado por no fim sua filha estar bem e não ter cometido a injustiça de matar Fernando Aguiar, Gonçalo ainda temia o que Afonso estava pretendendo com a visita. — Tem ideia quem são aqueles homens lá fora? Da guerra que começaria se eu tivesse matado Fernando injustamente?

— Tentei lhe dizer lá fora — Lúdia dramatizou.

— Vamos esquecer isso, papai — Lilian pediu, mais por sua irmã. — Lúdia não teve culpa, esse Fernando também não... Vamos nos desculpar e deixar eles irem.

— Lilian tem razão — Lúdia se adiantou. — Eu me desculpo e vamos esquecer tudo.

— E por que você? — Gonçalo indagou, não gostando nem um pouco da ideia. — Eu quem estava prestes a matá-lo.

— Porque, sem querer, eu que o coloquei nessa força, não disse logo o que havia acontecido e o senhor jogou tudo sobre ele. Quero me desculpar. Agora.

— Certo. — Gonçalo precisava desse tempo também para falar com Afonso. — Lilian lhe acompanha enquanto tento limpar o resto da sujeira. Fernando está na sala jantar, o deixei lá fazendo curativo na mão.



FERNANDO TINHA LAVADO os ferimentos que abriram com os socos que havia dado no miserável. Um dos seguranças de Gonçalo estava do seu lado, caso precisasse de mais alguma coisa.

Gonçalo passou por ele e pediu imensas desculpas, que sua filha havia esclarecido tudo e se ofereceu para o que fosse necessário. Fernando não o culpou, sabia exatamente a quem ser indiferente, e essa atitude não seria com o dono da casa.

Quando passava uma faixa sobre a mão, cobrindo a pomada sobre os nós dos dedos, Fernando sentiu alguém se aproximar.

Olhou para as duas garotas que o encaravam com receio.

— O que você quer? — ele inquiriu com frieza.

— Pega uma bolsa de gelo — Lídia pediu a sua irmã, com o intuito de ficar a sós. — E você — se dirigiu ao capanga de seu pai que estava em pé, próximo a Fernando. —, pegue uma dose do melhor conhaque que temos no bar.

Uma vez todos irem fazer as tarefas que lhes foram ordenadas, Lídia andou até Fernando.

— *Me desculpe...* eu — ela tentou dizer, explicar-se. — Não tinha intenção de...

— De me ver morto? — Fernando se levantou, isso fez com que a situação de Lídia piorasse.

Quantos metros ele tinha? Um e noventa, dois metros? Era impossível medir uma vez que Lídia com seus humildes um metro e sessenta só atingia próximo ao seu peitoral largo.

Lídia estava em uma situação diferente que há uma hora. Limpa, com face corada e cabelos arrumados, observou Fernando. A tentação fez ele dar uma leve e rápida olhada.

Ela era deliciosa, observou, quando Lídia deu um passo em sua direção.

— Foi só um mal-entendido — Lídia tentou se sair dessa.

— Um mal-entendido? — Fernando duvida.

— Sim, claro. — Limpou a garganta. — Você mesmo escutou quando eu havia dito ao meu pai que cai justificando meus ferimentos, e não lhe acusei de nada...

— Também não ajudou em nada!

— Você está vivo, não é? — ela indagou, meio envergonhada, principalmente quando ele deu um passo na sua direção, olhando para o roupão de seda que se abria, para o decote que se mostrava e revelava dois pequenos montes aparentemente rígidos por dentro.

— Você parece que gosta de brincar com fogo, menina — Fernando disse, com olhar safado, agora sentindo aquele perfume que vinha dela, só que mais intenso.

Por que meus seios doem tanto? Porque sinto meus mamilos roçarem sobre a seda da minha camisola? — Lídia se interrogou, meio perturbada, com o que Fernando conseguia fazer sem ao menos ser gentil, muito menos tocá-la.

— Não vai aceitar minhas desculpas, não é? — Lídia colocou uma das mãos em uma cadeira que estava fechada a mesa. A intenção foi apenas de se segurar, Fernando a deixava totalmente sem equilíbrio quando lhe afetava com olhar cínico, frio e canalha.

Ele aceitaria, mas era bem mais divertido amedrontá-la ou talvez... excitá-la? — Fernando ainda decidia.

— Quantos anos você tem? — Fernando a pegou de surpresa com a

pergunta.

— Quantos anos eu tenho? — Lília se sentiu estranha. Por que diabos ele quer saber minha idade? — ela estava confusa.

Fernando estava olhando-a com objetivo de intimidá-la, provocá-la, como se tivesse gostando de tê-la por perto.

Não precisava muito para fazer todo o conjunto de Fernando Aguiar incendiá-la. Principalmente se a sua vítima estava olhando em direção aos seus olhos, ah, essa se perderia com fácil ilusão.

— Dezesete — disse Lília.

Fernando deslizou a língua entre seus lábios discretamente, encarando a mentirosa como se mostrasse interesse a ela – nela.

— Você foi muito corajosa essa noite. — Ele precisava levantar sua autoestima, deixá-la à vontade, uma vez que Lília parecia vibrar por dentro.

Então, para que toda a situação se tornasse densa, ele tocou o queixo de Lília, o segurando com cuidado.

— Se vingou de quem lhe fez mal — Fernando prosseguiu. — Isso é bom. Muito bom.

Ele a estava hipnotizando, ateando-lhe fogo. Ela não conseguia falar, processar qualquer coisa, apenas admirá-lo, e, por mais perigoso que isso fosse, o desejo de beijá-lo a boca veio com violência, ela queria aquela boca pela qual ele deslizou sobre a palma de sua mão ferida.

Engolindo em seco, como se tivesse passado uma pedra em sua garganta, Lília tentou se recompor, não cair nesse penhasco profundo e escuro que ele mostrava.

Mas quando o polegar de Fernando lhe roçou o canto da boca, o toque quase a desmontou.

— Eu lhe desculpo — disse ele, com carinho, com imagens sujas passando em sua mente ao admirar a minúscula boca rosada que ela tinha.

Ele imaginou desde o seu pau sendo circulado sobre aqueles lábios, quanto os mesmos lambendo resquícios de um orgasmo fabuloso. A imaginação – ou sonho acordado – o deixou excitado, tentado, desejoso, até mesmo curioso em saber que sabor ela tinha, era doce ou apimentada? E a temperatura, era morna ou quente?

A desculpa declarada fez Lília ficar aliviada, relaxada, mas isso era perigoso, relaxar próximo as provocações de Fernando era dar brecha as tentações pecaminosas que ele tanto amava.

— Eu quem deveria lhe pedir desculpa — Fernando comentou, com falsidade correndo sobre o brilho nos olhos, mas se Lília não fosse tão jovem e não estivesse se deixando levar pela atração, teria visto isso no primeiro

momento.

— Por quê? — A indagação de Lúdia saiu em um fio de voz.

— Por quê? — repetiu ele, baixo, perigoso, se encostando mais a ela. — Porque eu lhe assustei. — Os olhos dele caíram no decote que se abria a medida que Lúdia respirava pesadamente. Depois, com desejo e fome, ele subiu o olhar. — Você é linda demais — declarou encarando os lábios, os olhos dela, com um teor de sedução que fez algo entre as pernas de Lúdia latejar. — Eu quero que saiba, o que precisar de mim... é só pedir — Iludi-a sem pena nem remorso. — Certo? — Deslizou o polegar sobre os lábios dela, fazendo Lúdia desejar ser beijada por ele, sentir os lábios grandes e bem desenhados de Fernando deslizarem sobre os delas, querendo infinitamente os dentes dele mordiscando cada área sensível de sua língua...

— Certo. — Ela quase gemeu quando ele lhe tocou a cintura.

Os corpos próximos demais, o ar quente os envolvendo, os desejos se chocando, o tesão aumentando, tudo estava se tornado perigoso e insuportável.

Ele estava tão próximo de beijá-la, tão junto a ela, que Lúdia não percebeu quando Lilian apareceu com o gelo e em seguida o segurança com a bebida.

Sobre os lábios cheios e macios da moça, ele roçou os dele, levando uma eletricidade de tal intensidade que Lúdia achou que estava em uma queda constante, que seu corpo não tinha domínio. Depois ele beijou-a, sem muito movimento, sem usar a língua, apenas para o peito da coitada aliviar, a excitação piorar, o coração desejar mais...

Mas o objetivo foi alcançado, Fernando conseguiu envolvê-la facilmente, ao ponto de sentir aquele cheiro bom de excitação vindo do ar, da pele dela.

Lúdia se sentiu especial e desejada. Conquistar um homem como Fernando, com sua total inexperiência, na paquera, era muito glorioso para ela.

Será que ele iria me procurar depois? — questionou-se ela com o peito batendo apaixonado. Querer um namoro?

Então, para confusão e raiva de Lúdia, ele sorriu, mas não fora quase uma gargalhada que a deixou confusa, foi a forma que ele a iludiu, o deboche estampado em sua face.

— Está desculpada — disse ele, se afastando de Lúdia com ar vitorioso a deixando além de tudo decepcionada. — Não cruze mais o meu caminho, você é a encrenca em pessoa.

O segurança e Lilian se aproximaram.

— Filho de uma puta! — Lúdia fechou o punho, desejou socá-lo até que perdesse as forças. Por sorte, Lilian a segurou, mas não conseguiu impedir de Lúdia pegar o copo com a bebida que o segurança havia trazido e jogar na

direção de Fernando, que foi rápido em se desviar e sair da sala sentindo-se muito bem, com sorriso nos lábios que ela queria tanto mordiscar. — Você me paga! — Ela gritou, vermelha, mas dessa vez era de raiva.

Episódio 03 – Uma doce vingança.

“Antes de sair em busca de vingança, cave sua cova.”

CONFÚCIO

“Antes de sair em busca de vingança, cave sua cova.”

CONFÚCIO

Seis anos depois

QUAL SERIA O VALOR de se arriscar por nossos vícios? Ou... qual seria o valor da nossa vingança? Melhor... qual seria o valor da nossa liberdade? Até aonde e quanto estaríamos dispostos a pagar por cada um deles?

Depende dos motivos que você quer e para que fins...

Para Petra, os valores dos seus vícios não tinham preço, uma vez que estivesse com a droga em suas mãos, nada mais era importante quanto sentir as meticulosas sensações que cada maldita droga lhe causava.

Filha de pais simples, moradora do subúrbio e amiga de uma das filhas de Gonçalo – Lúdia – Petra tentara manter-se sóbria desde que se livrou de uma dívida.

A amizade entre a filha de um dono de cartel e uma menina simples, começou em uma noite nada tranquila nas ruas de Bogotá.

Petra estava em apuros com um dos vendedores de drogas. Ela havia consumido uma quantidade fora do comum de cocaína e vendido uma parte, entretanto não conseguiu o dinheiro a tempo.

Apesar de ser uma boa comerciante, Petra fora abordada na rua e quase espancada por não ter entregado o dinheiro no prazo combinado.

Se não fosse Lúdia passar no momento e conseguir tirar a adolescente daquela situação usando simplesmente seu sobrenome, ela teria levado boas pancadas até a morte.

Petra ficou imensamente feliz por ter sido salva por uma desconhecida e prometeu sair das drogas. Uma promessa bem difícil para quem já tinha quase três anos de vícios. Mas Petra tentara, com muita vontade, sair daquele buraco que algumas gramas de cocaína ou uma seringa de heroína conseguia levá-la.

Desde aquele dia, ambas se tornaram amigas, isso fez com que as drogas fosse um desejo distante, já que Lúdia fazia questão de colocar sua mais nova amiga em dias de diversões com pessoas saudáveis.

Mas tudo que é bom dura pouco.

Lúdia precisou se ausentar em uma noite, que para Petra fora uma das mais complicadas.

Lúdia tinha planos de ter sua primeira noite com um possível namorado. Com isso, Petra teve que ficar sozinha, literalmente sozinha. Uma vez que ela se distanciou da família – apesar de Lúdia tentar fazê-la voltar para casa – e não manteve mais contato, Petra não tinha mais ninguém para se segurar.

Foram lindos e sóbrios sessenta e oito dias sem consumir nenhuma droga. Mas a solidão, a covardia de voltar para seu lar, para junto de seus pais e escutar todas as humilhações que eles poderiam lançar naquela fase de abstinência, fizeram Petra ficar nervosa a ponto de começar a beber sem limite.

Quando menos pensou, estava se arrastando nas ruas frias de Bogotá, com um moletom preto de capuz, tênis e jeans.

Petra havia ligado para Lúdia, queria conversar, tentar esquecer as drogas. Infelizmente, enquanto ela tentava entrar em contato com sua amiga que estava se comportando como uma irmã que nunca teve, Petra não conseguiu – naquela hora Lúdia tomava um banho renovador e se preparava para se entregar pela primeira a alguém, à Paolo.

Desolada por não conseguir falar com quem ela queria, Petra deu meia volta e decidiu ser forte e se trancar em um pequeno quarto e sala que Lúdia havia alugado para ela, era um lugar pequeno, mas ficava perto do centro, do apartamento da amiga e próximo do hospital que trabalhava na limpeza.

Andando em passos rápidos, ela queria sair daquele lugar, até mesmo se orgulhava por não querer dar chance ao vício, também se sentiu mais confiante e segura por não encontrar ninguém, que lhe vendesse drogas, zanzando por aquelas redondezas.

Ao passar por uma das boates dos filhos do sanguinário Afonso Aguiar, Petra parou, e mal respirou quando avistou Fernando, a quem ela teve o prazer de saber o caminho de sua cama.

— Petra — disse Fernando, surpreso. Desde que soube que a dívida dela havia sido paga, ele nunca mais tinha cruzado com a viciada. — Você não parece bem... — Aproximou-se. — Por onde andava?

— Estou com pressa — Petra tentou passar, mas Fernando bloqueou o caminho.

— Você está suando — observou ele. — E tremendo...

— Estou bem, Fernando. — Os olhos verdes de Petra estavam opacos. Os cabelos castanhos e curtos estavam desalinhados. Ela tinha marcas de cansaço profundo, respirava mal e parecia muito mais magra que da última vez que ambos se cruzaram.

Fernando colocou a mão no paletó, tirou um cigarro de boa qualidade e a ofereceu, Petra recebeu de bom grado, sentia como se seus nervos fossem explodir. Depois, ele acendeu o cigarro e esperou ela dar uma bela tragada para conseguir relaxar.

— Por onde andava? — Fernando queria saber. — Você parece mal. Em pele e osso. Entre, temos comida...

— Não — Petra adiantou-se. — Preciso só de um banho e dormir...

— Está tentando sair das drogas? — inquiriu, analisando a decadência que aquela mulher estava.

Além de ter gostado da noite que tiveram, Fernando sabia que Petra era o tipo de mulher que sabe ser discreta. Afinal de contas, ele estava noivo e em poucos dias estaria casado. Não seria mau ter uma noite agradável com alguém que ele já conhecia e sabia que poderia confiar.

Petra lançou a fumaça na direção de Fernando, com as mãos trêmulas ela bateu na ponta do cigarro e disse: — Estou a mais de dois meses sem usar.

— Entendo — Fernando associou toda a tremedeira e agitação da coitada com a revelação que ela havia lhe dito, abstinência. — Em uma hora vamos abrir para uma festa em especial... se quiser vir..., só para se distrair...

Petra olhou para a porta principal, algumas pessoas estavam entrando com caixas, talvez de bebida. Outras, com malas pretas, possivelmente drogas. Petra tirou o olhar da movimentação e olhou para Fernando.

Talvez beber um pouco e beliscar alguma coisa cara não seria tão perigoso assim, pensou ela.

— Camilo vai estar?

— Ah, Petra...

— Eu sei, sei — repetiu ela ainda um pouco nervosa. — Ele nunca vai querer nada com ninguém... muito menos um lixo como eu. — Ocupou sua boca com o cigarro, ou diria muitas coisas más sobre ela mesma.

— Entre e coma alguma coisa — Fernando insistiu. — Eu vou ficar no escritório, colocar algumas coisas em particular em ordem. Mas sabe que sua entrada é bem-vinda aqui.

Petra cedeu a gentileza e entrou com Fernando.

O que Petra não fazia ideia era que ela nunca mais sairia viva dali.



OS LENÇÓIS BRANCOS de seda egípcia. As velas aromáticas posicionadas em cada lugar baixo e alto do quarto. A música sensual. As pétalas de rosas vermelhas na cama, no chão... O champanhe em um balde de prata mergulhado no gelo, o prato de frutas doces, alguns frios estavam do lado. Um belo cenário para uma extraordinária noite.

A lingerie, pequena e perfumada, estava sobre uma cadeira – Lídia tinha planos de iniciar a provocação nela, antes de que *ele* a jogasse sobre a cama.

A banheira estava repleta de espuma, pétalas de rosas e óleos perfumados. Deslizando uma esponja macia, Lídia relaxava para Paolo. Sentia-

se excitada só de pensar em estar a sós, dentro do quarto...

Paolo era um professor universitário, ou melhor, seu ex-professor universitário, pelo qual ela se apaixonou. Lídia o quis no primeiro dia que seus olhos se encontraram, mas só no último ano teve a coragem de demonstrar mais seu interesse. Obviamente Paolo ficou interessado, mas se manteve firme até que ela concluísse seu curso de Direito. Agora, era a vez de ambos derreterem toda as barreiras que fizeram para que, na época, a profissão acadêmica de Paolo não fosse arruinada.

Por ele, Lídia esperou. Queria que sua primeira vez fosse com alguém amoroso e experiente como Paolo, queria entregar seu coração a alguém confiável e sensato.

Lídia já estava ali pouco mais de vinte minutos. Não escutara quando sua amiga, Petra, ligava para ela. A música do quarto preenchia todo ambiente do banheiro também.

Talvez se Lídia não tivesse tão empolgada naquela noite, tão feliz e querendo cantar, teria escutado o toque de seu celular que ficou ao lado da cama quando ela entrou no banheiro, e talvez – só talvez – uma vida não tivesse sido tirada naquela noite, apenas pelo simples gesto de Lídia atender uma ligação.

Não era culpa de ninguém, era apenas a vida fazendo seu caminho, traçando seu destino feito por escolhas tanto faz se eram boas ou más.

Depois de meia hora, Lídia se sentia tão relaxada que sentiu preguiça de ir até a cozinha e ver se o assado, que havia pego a receita com uma das cozinheiras da mansão de seu pai e preparando-o com muito empenho estava pronto para mais uma pincelada de molho e depois mais cinco minutos de forno.

Enxugando a sua pele, ela saiu da banheira e vestiu um roupão.

Paolo chegaria em poucos minutos, ela precisava ser um pouco mais rápida. Desceu a escada e verificou o assado, fez como mandou a receita, adicionou mais molho e o depositou no forno para mais alguns minutos, agora com o fogo baixo. Deu uma olhada na louça sobre a pequena mesa e acendeu as velas no centro dela, colocou os prendedores nos guardanapos, foi o tempo exato para o forno acionar o alarme avisando que o jantar estava pronto e ela desligar.

Depois subiu para seu quarto, passou uma generosa camada de hidratante em seu corpo, em seguida, vestiu a pequena lingerie, comprada especialmente para aquela noite. Por cima, um vestido leve, preto, mas com uma discreta estampa florida que subia na barra e laçava a cintura bem feita, deixando-a com o quadril perfeito.

Feliz, Lídia colocou, em cada uma das orelhas, uma generosa pedra de diamante que ganhou de seu pai quando entrou na universidade, uma pulseira de prata delicada e com pequenos brilhantes que fazia conjunto com o par de

brincos.

Nos pontos estratégicos, ela borrifou seu melhor perfume. Satisfeita, só fez uma maquiagem leve. Um pouco de pó e um batom vermelho escarlate que deixava a boca mais irresistível. Calçando um par de sandálias, Lília verificou as horas.

Ele estava chegando...

Lília desceu a escada, tinha que tirar as taças da geladeira e a carne do forno. Assim que ela fez o último ajuste, a porta foi aberta.

Era ele. Paolo. E quando ela o avistou, sentiu aquele frio na barriga.

Paolo era loiro, alto e com um corpo atlético, nada muito exagerado, mas bem feito, vestia casualmente uma camisa branca com jaqueta de couro marrom e jeans escuro. Ele tinha trinta e quatro anos, era mais velho que Lília treze anos —, mas nada disso era relevante para eles.

Quando Paolo viu sua ex-aluna, ali, pronta, linda e perfumada, fez uma promessa que não a deixaria escapar, que queria ela para sua vida, para toda ela...

As rosas ainda estavam nas mãos dele, quando Lília correu e o abraçou. Era o desejo se tornando realidade, era a vontade de sentir-se mais do que desejada, queria ser amada, assim como estava começando a se sentir em relação a ele.

Ela percebeu que o amava.

Os beijos começaram antes mesmo de qualquer um deles comentarem algo.

Claro que, durante o tempo de curso, eles se encontravam casualmente, que houveram beijos, daqueles que pareciam que havia atravessado o oceano atlântico, beijos ardentes que os deixavam excitados, enlouquecidos, mas Paolo tinha paciência, para ter Lília na sua vida ele tinha paciência pelos dois.

— Você está linda demais — disse Paolo, dando um passo para trás quando soltou a boca de Lília. — São as que você gosta, não é? — inquiriu, dando o grande buquê de rosas vermelhas para Lília, que sorria repleta de felicidade e êxtase.

— Sim, são elas. — Lília se aproximou e as pegou. — Vou colocar sobre a mesa de jantar.

Lília conseguiu uma jarra e colocou água nela, depois as rosas e em seguida terminou de decorar a mesa que eles jantariam.

Ambos comeram, obviamente que mais rápido que o normal. Nem se atreveram a comer demais. Ainda tinha muito champanhe no andar de cima e frutas com uma pequena taça de chocolate derretido do lado.

Paolo não permitiu que Lília se preocupasse em tirar a mesa, ele não

estava mais com tanta paciência assim, apesar de ter comido um belo assado feito por mãos tão pequenas e delicadas, ele agora tinha outro tipo de fome.

Saindo da mesa e indo para o sofá, aqueles beijos começaram. Provocativos, molhados, longos, cortados com gemidos, pequenas palavras sujas. Sem mais demora, ele a colocou em seus braços e subiu para onde Lília havia indicado.

A porta do quarto estava aberta, ele viu tudo o que Lília havia preparado, ficando ainda mais impaciente quando viu a cama bem feita, perfumada e cheia de pétalas de rosas. Queria ver cada uma daquelas pétalas grudadas na pele suada da pequena mulher.

Quando ele a colocou no chão com cuidado, Lília o agarrou e o beijou mais.

Indo para a cama, Lília decidiu mostrar a surpresa por baixo do vestido. Quando Paolo viu cada uma daquela curvas laçadas por renda e seda vermelha, sentiu seu pênis latejar com violência.

Com um gesto provocativo, subindo na cama e andando sobre ela de quatro, Lília o chamou para enfim ele fazer dela, sua.

Paolo soube, de Lília, que ela nunca esteve com homem algum. Lília já estava com pouco mais de vinte e três anos, a cabeça mais madura que muitas adolescentes com sede ao pote. Era a idade perfeita para iniciar uma relação mais séria.

Ele pensava em cada detalhe, desde as preliminares até o momento crucial da noite.

— Você acaba com minha sanidade — disse Paolo, tirando o cinto, se livrando dos sapatos e indo ao encontro de sua amada.

Lília lambeu os lábios ansiosa. Queria ele, queria rápido. Quando Paolo se aproximou da cama e a beijou sem ainda ter ficado sobre o colchão, ele ousou acariciar cada ponto sensível, dos mamilos até o pequeno ponto macio que estava escondido entre os pequenos lábios da vagina de Lília.

Quase deixando os nervos em líquido, ela o apertou contra seu corpo, o querendo, desejando tê-lo rápido entre suas pernas.

— Você está me torturando — disse ela, zozza de prazer.

Sem suas roupas, Paolo subiu na cama e Lília se deitou, abrindo-lhe logo as pernas.

O telefone tocou, ela ouviu o som longe, apesar de estar a menos de dois metros de distância, não atendeu.

Ele a beijou colocando a língua dentro da boca dela, apertando seus seios, esfregando seu pênis entre as coxas quentes dela.

Mais uma vez o telefone tocou, ela escutava com mais nitidez, mas,

ainda assim, ela não atendeu.

Quando Paolo tirou a peça de cima da lingerie de Lília, um fogo se instalou no quarto.

E, insistentemente, o telefone tocou.

— Atenda — Paolo pediu, sentando ao lado.

Lília bufou e buscou o celular.

— Alô — Lília sentou na cama. — Sim, sou eu. Quem está falando?

Quando a voz masculina disse quem era e do que se travava, Lília saiu da cama rápido, pálida, deixando Paolo preocupado.

E, em mais dez segundos de ligação, Lília caiu sentada na cama, sentindo seu coração doer, o que ocasionou que lágrimas brotassem.

— Eu sinto muito... — disse o policial. — Pelo que parece, a causa foi overdose..., encontramos ela atrás da boate dos Aguiar.

Lília colocou a mão na boca, sufocando um gemido de dor.

— O que está acontecendo? — Paolo saiu da cama, buscando sua calça e a vestindo.

— E tenho mais uma notícia a lhe dar, nada boa... — continuou o policial. — Mas gostaria que a senhora comparecesse para reconhecer o corpo... assim eu...

O corpo? O mundo de Lília girou. Não era mais Petra, sua amiga frágil e carente, e sim, um corpo, um mero e sujo corpo.

— Diga de uma vez — ela exigiu, quase não suportando a dor que sentia no peito.

— Ela estava grávida, de pouco mais de dois meses...

Pelo visto, Petra soube qual era o valor do seu vício.



O LUGAR ERA FRIO, silencioso, um cheiro forte de metal e álcool. As paredes eram todas revestidas com azulejos brancos, o piso de granito cinza. Os corredores eram mal iluminados. As portas de um branco encardido.

Os passos de Lília eram curtos, forçados. Paolo estava do seu lado, segurando-a firme junto de si.

Ela chorara por todo caminho, um lamento silencioso quando as cenas, de um pedaço de sua vida com Petra, passaram tão frescos em sua mente.

Lília lembrava que havia levado Petra para casa, pela manhã, depois de ter a pego no hospital onde trabalhava. Notou, ela, sem ânimo, sem vontade de comer. Lília sentia-se tão mal por deixá-la naquele estado, mas sua amiga

sempre estava assim desde que deixou de usar drogas.

Petra garantiu que tomaria uma sopa e iria dormir, tirar a folga para descanso, para no dia seguinte se sentir mais disposta para o trabalho. Foi só assim que Lídia ficou mais aliviada e saiu dali para os preparativos do jantar.

Essa parte, Lídia repassava inúmeras vezes culpando-se por não ter sentido que era uma péssima hora para deixar Petra sozinha. Dissera isso tantas vezes no caminho para o necrotério que fez sua cabeça latejar de tanta dor.

— Você não tem culpa alguma — Paolo tentou confortá-la.

— Eu prometi — disse ela, pesadamente triste —, prometi que iria ficar com ela até que se sentisse recuperada.

— Petra deveria ter ido para uma casa de recuperação — Paolo adicionou.

— Ela tentou — disse Lídia, enxugando suas lágrimas. — Mas não conseguiu, ela estava indo tão bem, apesar de não querer se alimentar, mas estava indo muito bem... — Lídia parou, respirou. — Quando entrei no carro, eu vi uma ligação dela, quatro horas antes do policial ligar. Por Deus! — Ela quase engasgou. — Como não escutei ela me chamar? Ela precisava de mim, Paolo. Ela-precisava-de-mim! — repetiu segurando-se nas roupas dele.

Lídia rompeu em mais um choro, Paolo a manteve no lugar, colocando seu rosto junto ao seu peito. Não necessariamente ela precisava ver a amiga agora, tinha que se acalmar ou tudo iria se intensificar, pensou ele.

— Vou procurar um lugar para que se sente... beba uma água e... — Paolo sugeriu.

— Não. — Lídia ficou rígida, colocando-se ereta. — Eu vou vê-la agora. E depois descobrir o que de fato aconteceu. Porque... — Ela quase perdeu a voz, mas foi forte e prosseguiu: — minha amiga está morta.

Amiga morta. Essas palavras doeram nos sentimentos de Lídia. Doeram como se ela tivesse perdido uma irmã.

Paolo não iria discutir com Lídia. Faria suas vontades, a levaria para junto do corpo e depois ajudaria no que fosse necessário.

A sala onde se encontrava os corpos era enorme, em uma olhada rápida, deveria ter mais de dez cadáveres naquele lugar, somando com o de Petra.

O funcionário que cuidou do possível cadáver de Petra e recebeu o casal, teve a atenção de levá-los até a sala onde Petra estava.

Abriu a porta e os levou para uma maca de metal que estava posicionada no lado esquerdo, perto da parede. Os pés de todos eles estavam descobertos com uma etiqueta pendurada. A imagem fez um sentimento perturbador mexer com as entranhas de Lídia. Quando o funcionário se aproximou, ficou do lado da cabeça da possível amiga de Lídia.

— Posso? — ele inquiriu, segurando a barra do tecido de um azul muito claro, que tinha o número de série gravado nele.

— Sim — ela respondeu, sentindo um gosto amargo na boca.

Quando o pano foi tirado do rosto, Lídia não conseguiu piscar.

Era ela.

Era Petra.

A boca ainda com indícios da overdose. A pele ainda mais pálida. As veias do rosto, pescoço e ao redor dos olhos roxas.

Lídia caminhou para mais perto. Paolo não interferiu.

Com um gesto de cuidado, Lídia passou a mão nos cabelos de Petra. Estavam úmidos e cheiravam a lama e álcool. Ela arrumava cada mecha. Alisava seu rosto sentindo o coração tão pequeno, tão triste que não soube medir.

Lídia sentia-se tão abalada e culpada que não percebeu quando o policial, que havia encontrado sua amiga, entrou na sala.

— É sua amiga, *dona* Lídia? — O policial ficou ao seu lado.

Lídia não parou de dar carinho para quem um dia tinha sonhos de estudar, sair do vício por completo e ter alguém para amar, alguém que não a usasse como os Aguiar fizeram quando a mesma trabalhava para eles.

Foram apenas alguns meses, mas Lídia se apegou àquela garota como uma irmã, alguém que ela gostaria de ajudar, proteger, principalmente quando se tratava de alguém a quem os Aguiar sugavam.

— É, é ela sim — Lídia disse, sem tirar os olhos do corpo.

— Sua amiga estava grávida de onze semanas — informou o funcionário do necrotério. — Investigamos mais sobre a morte, apenas o uso da droga foi o motivo. Fiz a autópsia e constatei — Ela tinha muito álcool no sangue e comeu sanduíches. Encontramos fumaça em seus pulmões, possivelmente tinha fumado bastante antes de usar a droga que a matou. Averiguamos se tinha algo na comida que tivesse contaminado seu organismo, mas nada foi encontrado. A hora da morte foi em torno das vinte e uma ou vinte e uma e trinta, dessa noite. Os paramédicos encontraram uma seringa, com restos da droga, aplicada no braço esquerdo dela.

— Sinto muito — disse o policial.

Lídia o olhou com desdém.

— Quero ver quem o senhor prendeu — exigiu ela, adquirindo uma postura ereta, gélida, que fez Paolo duvidar se ela era a mesma mulher pela qual distribuía carinhos para ele naquela mesma noite.

O policial engoliu com dificuldade, olhou para o funcionário do necrotério, depois para o homem que acompanhava Lídia, em seguida a encarou meio assustado, totalmente confuso com a exigência de Lídia.

— Ninguém foi preso, senhora, na verdade...

— Como assim ninguém foi preso? — interrompeu Lúdia, com uma postura autoritária. — Você disse que havia encontrado Petra no fundo de uma boate. Quem mais estava lá? Porque posso lhe garantir que minha amiga não possuía nenhum tipo de drogas junto a ela, muito menos dinheiro para comprá-las. Alguém deu a droga que a matou, e esse alguém estava lá! Como que você ainda me diz que ninguém foi preso?!

Ela não pensou direito, estava perturbada com a morte de sua amiga, com os nervos abalados por ter que reconhecer o corpo. Não tinha como saber quem fez tamanha maldade ou se fez em um lugar tão cheio e movimentado quanto uma boate.

— Lúdia — Paolo a chamou indo para mais perto. — Tente manter a calma. Você não está pensando direito. Petra foi encontrada em um lugar público, até quem não estava na festa poderia ter a ajudado chegar nesse fim. Apenas, mantenha a calma.

— Ele tem razão — comentou o policial. — Temos que analisar as coisas com muita calma...

— Calma? — Ela se virou abruptamente para Paolo, deixando de tocar Petra, depois olhou para o policial. — Para o inferno todos vocês com a *porra* da calma — rebateu ela, com fúria, olhando para os homens que não faziam ideia do que ela sentiu naquele momento, naquele segundo. Então ela continuou — É só isso que tem para me dizer?

O policial ficou calado por alguns segundos, tinha que reunir as informações na cabeça para entregar à Lúdia.

— Não senhora — O policial sabia muito bem com quem falava e não era imprudente para trocar os pés pelas mãos naquele momento. — Alguém viu ela passar mal e chamou a emergência, explicando que se tratava de overdose. Como eu estava com meu parceiro por perto fomos acionados e imediatamente chegamos no local quando o paramédico avisou que sua amiga já se encontrava sem vida. Averiguamos o local, mas era impossível dizer quem teria dado...

— Dado — interrompeu Lúdia, repetindo, ainda perplexa.

Quem deu tamanha droga para alguém tão fraca como Petra? Essa era a questão que Lúdia nunca iria sossegar.

O policial temeu dar a informação, contudo prosseguiu tirando as dúvidas de Lúdia e explicando todo o resto — Pelo que parece, hoje, um dos Aguiar está fazendo uma despedida de solteiro e chamou uma boa quantidade de gente para o local, e a informação que os seguranças nos passaram era que a droga estava liberada. Qualquer um pôde ter dado a droga a sua amiga.

Terra sem lei. Essa era a pequena e suja Bogotá. Todos os polícias eram

comprados pelos cartéis, e quem não fosse não iria ser contra a nada do que eles faziam. A família de Lídia tinha esse privilégio também, a diferença era que eles não abusavam de forma tão escrachada.

— Então foram os Aguiar que a mataram — Lídia chegou ao seu veredito, virando-se para sua amiga, lhe dando um olhar de adeus e a cobrindo novamente. — O culpado tem que pagar.

— *Me desculpe, senhora, mas Petra já era conhecida nas redondezas* — O policial se atreveu em dizer. — Todos lá sabem que ela trabalhava na venda de drogas e consumia cocaína e heroína todos os dias... Não é sensato acusar nenhum deles. Tivemos testemunhas que alegaram que ela entrou na boate por suas próprias pernas.

— Quem permitiu a entrada dela? — Lídia se virou para o policial.

Ele hesitou por um instante, mas no fim revelou — Fernando, o filho mais velho do senhor Afonso.

— Fernando — repetiu Lídia, sentindo o ódio se instalar nas veias, tomar lugar a dor da perda. — Corrija-me se estiver errada, senhor policial — Lídia pediu, abrindo a bolsa e tirando um cigarro de lá. — Ele não foi importunado com essa tragédia, não é mesmo? — Acendeu o cigarro e o tragou calmamente. — Tão pouco interrogado sobre o assunto?

Paolo a observava. Era como ver o próprio Gonçalo, pai de sua namorada, ali, na sua frente, a diferença era que este usava saias.

— Não senhora — disse o policial.

— E acredito que ele nunca será. — Lídia tomou suas próprias conclusões.

— Veja bem, senhora...

— Veja você — Lídia apontou, com a mão que segurava o cigarro, para o homem que suava como uma chaleira. — A jovem que está aqui era minha amiga. Vou descobrir quem fez isso com ela, como fez e porque fez... Sabe por quê? — Ele respondeu que não com o mover trêmulo de cabeça. — Porque eu sei que Petra não iria se drogar até a morte, ela estava firme, mas também porque eu odeio aquela gente, e sei muito bem que eles adoram fazer qualquer um de idiota, de tolo, mas não desta vez — garantiu ela, tirando um talão de cheques da bolsa e acrescentando o valor que somado daria um ano de salário para o policial. — Isso aqui é seu, se me conseguir as imagens de segurança e saber porque ela foi parar nos fundos da boate uma vez que testemunhas a viram entrar pela porta da frente, e com o dono. Entendeu? — Lídia estendeu o cheque.

— Entendi, senhora. — O policial pegou sua pequena aposentadoria.

Lídia se afastou de todos, fechando a bolsa e caminhando até a porta da saída.

— Para onde vai? — Paolo quis saber, seguindo-a.

— Resolver algo e quero fazer isso sozinha. — Lídia andou mais rápido, deixando Paolo para trás.

A raiva que ela sentia, misturada com a dor e a culpa, não estavam a deixando ser sensata, nem um pouco sensata.



PARA FERNANDO, NAQUELA noite, a única coisa que ele queria fazer era chamar a atenção de todos para brindar a maior comemoração na boate de um de seus irmãos, sua despedida de solteiro.

Mulheres seminuas, dançando sobre cadeiras, poste de pole dance, muitas com seios nus, rebolando em todos os ângulos favoráveis. Ganhando dinheiro aos montes.

Casais que dançavam sensualmente, parte deles já com o nível alcoólico alterado e consumo de drogas.

As luzes, que mal iluminavam o ambiente, eram lançadas contra o palco, onde mulheres e alguns homens dançavam ao som da música eletrônica – um DJ contrato de Nova York só para servir àquela noite –, as luzes eram erguidas contra o centro da boate onde muitos se amontoavam, bebiam, drogavam-se, roçavam seus corpos no outro.

Fernando havia fechado o lugar para festa, se divertia antes de ir para o altar com sua noiva, Kali, filha do falecido ministro da justiça. Uma jovem rica, elegante e linda, que conseguiu conquistar o coração de Fernando. Foram três longos anos de noivado, de grandes expectativas – de Kali – para o casamento. Fernando, apesar de amá-la, cedeu a ideia do casamento depois de tantas insistências, tanto de sua noiva, quanto da sua mãe Fabíola.

Afonso estava ficando velho e Fernando seria seu sucessor, o homem pelo qual iria movimentar as finanças da família, se colocar na frente de situações em que só o chefe de um cartel poderiam se por.

Depois do imenso sucesso que foi se aliar a cartéis da capital da Colômbia, a família Aguiar ganhou aliados que fizeram o império de cada um ser grande e bilionários.

Tudo estava indo tão bem, nada poderia estragar a noite, o casamento – que seria realizado em menos de setenta e duas horas –, os negócios...

Fernando tinha mesmo que festejar.

Ele só não sabia que aquela noite lhe renderia dores de cabeça longas e arrependimentos profundos. Um caminho que, para voltar, só se o mesmo

morresse e nascesse novamente.

— Ao mais novo homem encarcerado de Bogotá! — disse Camilo, irmão de Fernando, dono da boate, totalmente animado, aos gritos, erguendo seu copo de uísque. A camisa e cinto abertos, duas mulheres espetaculares agarradas a ele. — Nosso irmão mais velho... Fernando, que vai fazer a babaquice de se afiliar a monogamia!

— Não seja idiota! — Fernando sorria, com o seu corpo erguido para o brinde, duas mulheres sentadas, cada uma de um lado, o alisando, beijando, atiçando. — É um casamento, não uma penitenciária muito menos um centro partidário, seu corno fodido!

— Vamos ver isso depois da lua de mel. — Antônio, o irmão mais novo, gargalhou, levantando-se para encher seu copo e brindar com os irmãos. As duas mulheres que o acompanhavam permaneceram sentadas rindo.

O brinde foi feito. E tão rápido todos estavam se drogando, aproveitando a companhia feminina.

Camilo já sentindo ondas pelo corpo quando as suas companheiras disputavam um delicioso boquete.

Antônio tinha o seio de uma das suas prostitutas de luxo na boca, os sugando enquanto a outra trabalhava em seu pênis erguido.

Fernando, não recebeu tratamento diferente, enquanto uma chupava seu pênis, a outra lhe aproximava o seio com uma carreira de cocaína para que ele cheirasse.

Cada hora que se passava, a festa ficava mais cheia, mais animada, impossível não se divertir. Em um dado momento, seus irmãos mais novos saíram para a pista de dança, aproveitando a orgia que se fazia no centro, depois foram para o palco.

Sozinho, com a calça aberta e seu copo cheio, Fernando relaxava olhando para a multidão que tinha lá embaixo. Antônio e Camilo estavam dançando com duas mulheres no palco, erguendo suas armas, ambos chamaram seu irmão, mas ele não quis. Precisava respirar um pouco.

— Senhor? — Um dos seguranças abriu a porta.

Fernando não respondeu, mas se virou para atender.

— Lídia Garcia se encontra na boate...

Fernando, apesar de ter bebido e se drogado o suficiente naquela noite, não deixou de processar a informação, então sorriu com deboche.

— Lídia Garcia? — repetiu para tentar se convencer.

— Sim, senhor.

— Aqui?

— Exatamente.

Fernando bebeu tudo o que tinha no copo de uma única vez. Calmamente, andou até o outro lado da sala VIP e colocou o copo vazio na bandeja sobre a mesa com bebidas e comidas.

— O que ela quer? — inquiriu Fernando, ainda surpreso pela visita inesperada.

Desde que fechou negócios com Gonçalo Garcia e saiu da casa – há seis anos – deixando Lúdia furiosa, ele nunca mais conseguiu amolecer o coraçãozinho petrificado dela.

— Conversar — respondeu o segurança. — Foi o que ela disse, antes de tirarmos um revólver de dentro da bolsa dela.

— Deixe-a entrar — pediu Fernando. — Mas entregue a arma dela.

— Mas senhor...

— Só faça o que mandei.

Fernando só teve tempo de fechar a calça, passar a mão em seus cabelos e colocar duas doses de uísque.

Quando a porta foi aberta, ele se virou, segurando os dois copos. E como um perfeito canalha que era, a olhou de cima a baixo.

Ela vestia um vestido prata, justo e bem decotado. Quando Fernando a olhou nos olhos, podia crer que a Lúdia a sua frente havia mudado um pouco desde a última vez que a viu em um evento dos sócios do cartel para suas famílias no ano passado.

Ela se tornou uma mulher ainda mais bonita do que a última vez que se viram. Os cabelos estavam mais longos, os seios mais cheios, o quadril mais arredondado.

— Acredito que um desses é meu — ela disse, apontando para um dos copos que ele segurava, fazendo Fernando acordar.

— Veio a minha procura? — Fernando se aproximou e entregou a bebida a mulher atraente e pecaminosa que estava à sua frente. — Vou ser sincero, nem morto acreditaria que um dia você viesse até mim.

Fernando sabia que Lúdia não o engolia por dois motivos, um grande e outro pequeno. O grande, por ter feito sua família entrar como sócio para a família Aguiar na base de chantagem. O pequeno, e não menos importante, por ter iludido a pobre adolescente que ela era e depois rir na cara dela.

Ela não respondeu. Colocou a pequena bolsa sobre uma bancada perto da porta e bebeu seu uísque olhando para Fernando.

Andou pelo ambiente oval, espaçoso e com um enorme sofá, que dava voltas no local, coberto por veludo vermelho. Brincou com a mente sobre aquela cor naquele lugar. Vermelho sempre esconde rastros visíveis de sangue. O lugar tinha pouca luz. Passou os olhos pela pequena bagunça que tinha em uma mesa

de centro, resto de drogas, copos sujos, garrafas vazias. Depois, analisou o vidro de proteção em volta na área VIP em que estava. Encostando-se a ele, ela viu a multidão agitada lá em baixo, contudo não escutava um único som.

— Ninguém, lá debaixo, consegue ver nada aqui de cima — explicou Fernando, ainda olhando para o corpo dela, bebericando sua bebida. — O vidro também é blindado — adicionou, chegando perto dela, quase encostando-se.

— Posso apostar que ninguém pode ouvir nada que sai daqui de dentro — ela comentou, virando o rosto sobre os ombros para encarar o belo homem que a olhava com pálpebras pesadas. Ele estava conseguindo ver parte da pele dos seios dela, de onde estava, e gostou muito da vista.

— Nada — disse Fernando, virando-a para si. — O que você quer Lília? — indagou, sentindo sensações quentes e excitantes.

— É sua despedida de solteiro, não é? — Ela colocou o copo vazio na mão dele.

Fernando se afastou para se livrar dos copos.

— Sim. Dentro de alguns dias estarei me casando.

Lília molhou os lábios. A ação não passou despercebida por ele. Pelo contrário, piorou mais a excitação, o desejo de querer aqueles lábios nele.

— Então... — prosseguiu ela, indo para perto, tocando em seu peitoral largo —, vamos aproveitar. — Ela o empurrou, fazendo Fernando cair sobre o sofá, deixando-o com o coração acelerado, com o pênis pulsante. — Você quer aproveitar, comigo, sua última noite como um homem solteiro? — Ela deslizou as duas alças do seu vestido.

— Sim, eu quero — respondeu ele, ansioso, desabotoando sua camisa.

— Então vamos aproveitar.

O vestido caiu por completo, aninhando-se sobre seus pés, ela mostrava-se para ele totalmente nua.

O que Fernando não fazia ideia era das intenções da jovem que o provocava, uma bela emboscada que iria lhe custar mais que uma noite de sexo com a filha de um dos sócios do cartel.



DURANTE O DIA, O SOL estava quente. À tarde, as nuvens eram densas e cinzentas. À noite, o vento era frio, neblinava discretamente. Mas foi na madrugada, quando aquele dia cansativo ficava para trás, que a chuva se tornou forte, os trovões abalaram as estruturas de Bogotá, os raios cortavam o céu como uma lança afiada e sem nenhuma piedade.

Talvez tenha sido o barulho da tempestade que acordou Kali, talvez até o frio que entrava pela janela aberta, ou o vento forte que balança as árvores com violência, ou teria sido a ansiedade que não a deixava dormir nos seus últimos dias como solteira, talvez tenha sido o sonho agitado que teve, ou... seu coração se inquietando no peito...

Ela se levantou, puxando os lençóis e cobrindo seu corpo perfeito, vestido com uma linda camisola de seda branca importada, andou até a janela de seu quarto e viu o tempo pesado.

Os cabelos ondulados e dourados estavam em um rabo de cavalo um pouco bagunçado. Os olhos esverdeados sonolentos, relaxados. A pele branca, porém, levemente bronzeada, estava fria e arrepiada.

Kali pensou em seu noivo. O quanto o amava. Como Fernando era presente na vida dela. Como ele a saciava na cama – do jeito que ela gostava. Adorava as surpresas que ele lhe dava. As noites juntos. As promessas – ela fazia questão de acreditar em todas, que ele fazia.

Sentia-se totalmente preocupada sobre o tempo, no dia do seu casamento. Queria um dia ensolarado. Pessoas felizes. Sentir o ar quente revigorando sua pele.

Seria uma linda cerimônia em um salão luxuoso. A recepção estaria posta no andar de cima.

Kali pensava, enquanto olhava o tempo forte, na lua de mel. Ele disse que faria surpresa, contudo ela tinha quase certeza que Fernando a levaria para Paris. Kali, sempre que teve oportunidade, se referiu ao lugar como o ideal para passar dias felizes e quentes ao lado de Fernando.

Mesmo suspirando de amores e paixão por seu noivo, Kali sabia que ele estava em uma grande comemoração com os irmãos. Também estava ciente que era a noite que ele iria fazer coisas, que se ela visse seu coração doeria.

É apenas uma despedida de solteiro, pensou ela, respirando fundo. Logo ele seria todo dela, apenas dela.

Não queria sentir ciúmes, mas sabia que uma noite como aquelas, Fernando não seria um santo.

Não querendo pensar em nada sobre a tal festa, Kali andou até sua cama e sentou nela para tomar um pouco de água. Um pequeno conjunto de copo e minijarra de cristal que a empregada tinha o cuidado de todos os dias deixar com água fresca, junto a cama.

Kali notou que a tela do seu celular piscava. Quando ela o pegou e abriu, viu inúmeras fotos de seu amigo, Lucas, na festa de Fernando. Ele com os amigos, dançando, outro agarrado com uma bela mulher, o seguinte ele bebendo, o próximo ele havia mandando fotos de parte das pessoas que estavam dançando

e bebendo.

Kali sorriu, sentindo-se curiosa. Adoraria ter ido, mas isso não fazia parte do ritual.

Entretanto, diante das milhares de fotos que recebeu, uma lhe chamou a atenção.

Ela sabia exatamente em que ponto a foto foi tirada, também sabia de quem se tratava. Mesmo tão desfocada, Kali nunca iria esquecer aquele perfil.

Ela pulou da cama e correu para o quarto da irmã. Batendo com insistência na porta do quarto de Ada, Kali precisava de uma segunda opinião, ou melhor, de que alguém lhe dissesse que, o que estava vendo não era sua fértil imaginação.

— Mas que droga! — Ela escutou sua irmã, Ada, reclamar. — O que está acontecendo? — inquiriu, sonolenta, ao abrir a porta.

Kali entrou no quarto rápido, antes que a irmã batesse a porta.

— Olha isso aqui! — disse Kali, mostrando a tela do celular para irmã. — É ou não é Lídia Garcia?! — O celular tremia, o sangue de Kali esquentava, levando calor e raiva por seu corpo.

Ada esfregou os olhos, estreitou para tentar ver melhor.

— Eu não sei... — Ada pegou o celular e ampliou a foto, enxergando uma mulher subir as escadas que levava direto para a área VIP, onde os irmãos Aguiar costumavam ficar em festas. — É parecida, mas...

— É ela sim! — Kali decretou, andando de um lado para o outro, querendo roer as unhas, contudo não poderia fazer isso, estragaria a bela aparência que elas têm quando estendesse a mão para receber sua aliança no altar. — Eu nunca vou esquecer dela!

— Porque Aguiar, seu futuro sogro, deixou escapar que fazia gosto de ela ser esposa de Fernando? — Ada lembrou-a, ainda olhando a foto. — Ele estava bêbado. Na época, papai e Afonso nunca foram um com a cara do outro... aquilo foi só para lhe machucar. Sabemos que o pai de Lídia tem negócios com o pai de Fernando.

Kali lembrou nitidamente daquele dia. Foi humilhante. Torturante.

— Não ligo para o que aquele velho diz! — Kali detestava o pai de seu noivo. Não só porque ele era cruel, mas porque Kali sentia que nada de bom sairia daquele coração.

Ela sempre soube onde estava se metendo, que todos diziam que Fernando não tinha o trabalho mais honrado do mundo, embora ele sempre estava por dentro das transações de comércio de drogas – Boatos que ninguém conseguiu comprovar. –, Kali sabia que ele era um empresário que gostava de negociar as questões da família. Transporte aéreo e terrestre. Hotel cassino. Rede

de táxi. Ainda que todos dissessem – até mesmo seu pai – que os membros da família Aguiar eram traficantes, Kali não deixava isso interferir no relacionamento que tinha com Fernando.

Ela era perdidamente apaixonada por Fernando, conseqüentemente, era cega, surda e muda para o que fosse de obscuro na vida dele.

— Ou porque ela barrou sua entrada na festa de uma das amigas dela, apenas por você ser noiva de Fernando? — continuou Ada. — Que aliás, ela sempre deixou claro, por onde anda, que detesta a família do seu noivo... — Ada olhou mais uma vez para a foto. — Mas parece muito com ela sim...

— Eu vou até lá! — Kali estava decidida. — Se a foto não for muito cedo da noite, talvez eu ainda encontre *essazinha* por lá, aí eu que vou barrar a festa para ela... — Kali tomou o telefone da irmã e já estava de saída quando Ada a bloqueou.

— Eu vou com você — disse Ada. — Isso não vai acabar bem, se o que a gente está vendo nesta foto...

— Essa escada, que ela está subindo — interrompeu Kali, tremendo de raiva —, é a área VIP, é onde Fernando fica. Agora me diz Ada, o que ela está fazendo lá, uma vez que a mesma detesta a família dele?!

Convencida, Ada se colocava no lugar da irmã.

— Vamos trocar de roupa, pegar o carro para ir nessa boate. Só espero que ela não esteja lá e que você e o Fernando não terminem brigando, antes de dizerem *sim*.

— Eu também quero estar errada..., mas se for ela... a vagabunda só sairá de lá depois que eu rasgar a cara dela toda!



NEM TODA A bebida e droga consumida o entorpeceu para aquele momento.

Ela estava ali, na frente, sem nada, totalmente nua, o querendo, pronta para entregar-se a um homem que só pensava em si mesmo, uma espécie bestial, implacável, um homem sujo, embora levasse os desejos de uma mulher a sério, Fernando não era o tipo de homem que uma mulher deveria confiar.

Ele sabia de tudo isso, só não fazia ideia das intenções da mulher que estava lhe seduzindo.

Fernando nunca dispensaria uma transa com uma mulher, bonita, rica e limpa como Lídia Garcia.

É verdade que a última vez que esteve muito perto dela, ele desejou, sim,

beijá-la, lamber os lábios pequenos e de aparência macia. Teve até uma noção de como eles ficariam lindos em torno de seu pênis inchado, o chupando.

Ela deu um passo na direção de Fernando, deslizando o dedo sobre a mesa suja de cocaína, depois levou o pó a língua, provando o sabor amargo e anestesiante, chupando o dedo para provocá-lo.

Fernando estava pronto para desabotoar as calças, mas foi impedido.

— Deixe isso comigo — ela pediu, se abaixando, colocando sua mão sobre a dele.

Fernando olhou o toque. Depois os seios redondos expostos. O pescoço branco e longo. O contorno dos lábios dela, lábios incrivelmente vermelhos. Os olhos castanhos calmos e excitados.

Quando as pequenas mãos quentes deslizaram o cinto pela fivela, Fernando quase deu um gemido de tanto tesão que seu corpo produzia na expectativa de foder a filha de seu sócio. Quando as mãos femininas conseguiram tirar seu pênis para fora, ele viu no olhar dela, a satisfação sorrindo ao ver carne dura em suas mãos.

A mão morna fazendo a pele aveludada subir e descer, estimulá-lo, enlouquecê-lo, aquele toque fez Fernando afundar no sofá macio.

O polegar deslizou sobre o *Apadravya* do seu pênis. Um piercing íntimo que atravessava a glândula. Ela gostou de saber que ele não tinha só o tipo de homem de negócios, nem a frieza de um traficante, algo divertido estava escondido embaixo de suas calças caras.

— Vai lhe dar muito prazer — disse Fernando, admirando o toque, o carinho. — Garanto.

— Eu sei que vai — ela disse, sentindo sua boceta latejar com violência, contraindo as barreiras só de imaginar toda aquela carne dura entrando e saindo, fazendo-a sentir-se totalmente molhada.

Ela passou a língua no anel, deixando Fernando de boca seca.

Ele teve vontade de forçar a sua entrada naquela boca deliciosa, mas permitiu se segurar e esperar o que aquela mulher iria fazer para torturá-lo mais.

Para que o inferno dele fosse ainda mais quente, ela segurou o pênis e, com a língua toda, deslizou de baixo até em cima, depois... colocou o topo entre os lábios, deixando Fernando embriagado. Louco. Querendo enfiar tudo logo de uma vez.

Fernando segurou o rosto dela, queria ao menos dar um beijo em sua boca, antes que ela intensificasse o sexo oral.

Os lábios se chocaram com brutalidade, um beijo quente, duro, molhado. Os gemidos eram imprescindíveis uma vez que ambos estavam no limite de seu controle. A tentação falou mais alto que qualquer coisa.

— Você termina quando eu deixar você toda gozada — decretou Fernando, fazendo-a sair da posição em que estava.

— Já quer ir...

— Não se preocupe, boneca, eu sei comer gostoso.

Fernando tirou uma camisinha e vestiu seu pau duro rapidamente. Depois passou os dedos pela boceta melada que ela tinha, levando aquele líquido sedoso para todos os lugares, fazendo a mulher tremer, gemer, dizer nada que ele conseguisse entender.

Estimulando seu ponto macio, Fernando fazia-a rebolar o quadril sobre os dedos grandes e morenos, agarrada em seus cabelos escuros.

— Ah que delícia — ela gemeu.

Ele enfiou um dedo, deslizando para dentro e fora, depois mais um, forçando as barreiras quentes se abrirem para que ele entrasse como quisesse.

Fernando a sentou sobre seu colo, lambendo sua orelha, apertando seus seios duros de excitação, fazendo-a tremer sobre ele.

— Cachorra — ele disse, querendo entrar, chupando o lóbulo da orelha e mordiscando.

Ela segurou a vara dura, queria terminar logo com a angústia.

— Senta no meu pau — Ele rugiu, deslizando a língua pelo pescoço dela. — Depois faz um sobe e desce digno de uma cachorra gostosa... vai...

A cabeça de seu pênis abriu parte do que eles desejavam.

Mesmo com camisinha, o contato frio do metal do *piercing* no pênis dele contra a carne morna dela, a fez revirar os olhos, chamar por ele, querer colocar tudo, pois já sentiu que estava em colapso hormonal. Precisava urgente gozar, gritar e saciar-se.

Fernando, segurou na cintura fina e a sentou até chegar o limite. Ela gritou, rasgando a garganta, abalando as estruturas, fazendo as pernas fraquejarem. A boca secar.

Agarrado a ela, Fernando lambeu os mamilos duros, enrugados. Colocando suas duas mãos em volta da cintura dela. Apertando seu corpo ao dela.

— Rebola — ele rosnou, perdido, inchando a cada segundo.

Ela tentou se mover, mas a fraqueza lhe atingiu, os tremores em sua carne eram violentos e impiedosos. Embora se sentisse frágil, conseguiu subir o quadril, só um pouco.

Ele mordiscava o ombro nu dela. Lambia toda a pele que podia. Chupava cada lugar sensível, entre os seios a orelha.

Ela gemia perdida, embriagada de prazer.

Ele rosnava de tesão, louco por mais.

— Rebola Lídia — pediu, a ajudando a impulsionar o corpo para cima. Ela conseguiu, então ele ajudou a descer. — Isso... cavalga... vai... mais rápido... isso... oh, merda...

Ela pendeu para trás, ele a segurou, sem deixar de subir e descer, sem perder o contato gostoso de sexo com sexo. Nem um som era perceptível dentro da sala, além dos gemidos, as palavras sujas, o espalmar molhado dos sexos gozando, liberando, embora o alívio chegou para os dois, ela não parou de cavalgar - subir e descer com força - e ele não parou de tocar o corpo dela, de lambar a pele, cheirar o perfume, querer mais... muito mais...

— Fernando — ela o chamou, deixando-o tonto, querendo gozar mais.

Era uma situação difícil, mas não paravam.

Fernando se levantou, ainda dentro dela, chocando o corpo suado da mulher traiçoeira contra a parede, colocando seus braços debaixo das coxas quentes dela e fazendo-a se mover ainda mais rápido, ainda mais fundo.

— Caralho... — ele gozava.

— Mais forte — ela gozava.

Quando as sensações perturbadoramente delirantes do orgasmo romperam o corpo de cada um, tudo havia liberado, então ele parou, ela respirou. Depois ele saiu de dentro dela, colocando-a no chão. Ela se segurou na parede ou iria cair.

Dando-lhe as costas, ele tirou a camisinha e jogou em uma lixeira com mais meia dúzias dela.

— Você precisa ir — disse ele, ainda sentindo a consequência do orgasmo. — Agora. — Fernando quis se virar para encará-la, para com o olhar passar a credibilidade que ele falava sério, mas a única coisa que encontrou, foi Lídia se vestindo rápido e sua noiva na porta, paralisada como se estivesse ali a mais tempo que ele pudesse imaginar. — Kali? — Fernando apertou os olhos, achou que estava tendo alucinações pela droga.

— Você é um bosta! — Ada gritou, chegando na hora, puxando a irmã, tirando-a dali. — Vamos Kali!

— Por quê? — inquiriu Kali, sofrendo, sentindo um grande buraco em seu coração. — Por que Fernando? — As lágrimas da dor em ser traída, desceram, molhando o rosto pálido. Kali se virou para a mulher que transava com seu noivo. Ela estava revigorante, satisfeita, como se estivesse ali para provar que conseguiria o que quisesse.

A mulher que há pouco havia gozado pegou a bolsa, respirou fundo, ajustando as alças do vestido.

— Vocês conversem entre si — disse ela, sem remorso. — Não estou a fim de escutar lamentos.

Kali se colocou no meio do caminho, com olhar furioso, apesar de molhado.

— Você não vai a lugar algum! — disse Kali.

— Ela vai embora — disse Fernando. — E você vai para casa, Kali, amanhã conversamos.

— Eu não vou a lugar algum antes de quebrar... — Kali ergueu a mão, mas a outra foi mais rápida.

— Encosta a mão em mim — disse ela, sentindo-se na vantagem, apontando a arma para a noiva do homem que ela fizera sexo —, que eu faço um furo no meio da sua testa! Ou quer ir para o altar com essa marca?

— Desgraçada! — Kali gritou. — Vadia! Eu vou acabar com você!

O segurança da porta apareceu, meio sem ar.

— Desculpa, senhor Fernando, Ada disse que tinha um homem tentando forçá-la a transar e... — o segurança parou quando viu a cena, e sacou rápido sua arma.

— Abaixе isso — ordenou Fernando, se dirigido ao seu segurança.

Ele obedeceu, meio relutante.

— Vá embora Lídia, agora! — Fernando disse com raiva, arrependido por Kali ter presenciado sua fraqueza.

Ela abaixou a arma e saiu dali, se sentindo vitoriosa.

O que Fernando não estava preparado era para a traição da sua noiva e a rasteira ainda iria lhe proporcionar.



PERTO DO SUBÚRBIO, Paolo levantou-se de sua cama. Quando deixou que Lídia fosse embora, menosprezando a companhia dele, decidiu fazer seu trabalho e ir para casa e esperá-la dar notícias. Acabou pegando no sono, após uma longa espera.

Entretanto, ao sair do quarto, apenas com um short azul de dormir, ele se deparou com Lídia, encolhida no sofá apenas com uma calcinha e camiseta.

Ele encontrou alguns restos de cigarros sobre sua pequena mesa de centro e meio conteúdo de um vinho que ele havia comprado em uma viagem a Portugal.

Lídia estava olhando para o nada, como se estivesse em transe, fora de seu corpo.

Ela sentia-se cansada, ainda que precisasse dormir – e com as pálpebras pesadas como nunca esteve – Lídia não deu a chance de tirar uma hora de sono.

Sua noite havia sido muito diferente do que ela já tivesse passado na vida, e pensou por diversas vezes, não querer repeti-la.

Paolo se aproximou, sentando-se ao lado dela.

— Esperei você ligar — Paolo colocou a cabeça de Lília em seu colo. — Mas, estive em meu sofá a noite toda?

Lília se virou, ficando de barriga para cima, olhando para Paolo.

— Quando eu tinha oito anos, vim para Bogotá visitar meu pai. — Lília descascava o esmalte que havia pitando ontem, durante a tarde. — Era aniversário dele. Eu e Lilian estávamos felizes, muito felizes. Ele sempre foi carinhoso e atencioso, nos levava para algum lugar divertido, comíamos o que dava vontade e chegávamos perto do anoitecer. À noite, era o momento só dele e dos amigos. Mas naquele aniversário a imagem de pai herói que sempre tive, ruiu. — A voz de Lília foi ficando embargada. — Eu acordei no meio da noite e desci a escada, porque, ao abrir a porta do meu quarto, escutei risadas vindo do andar de baixo. Sempre fui muito curiosa, então não pensei duas vezes em saber o que estava acontecendo enquanto eu e minha irmã dormíamos. Ao chegar na escada, eu vi meu pai, com uma mulher morena, muito bonita. Estavam completamente bêbados. — Lília parou por um instante, sentia-se emocionada ao lembrar, imagens tão limpas, cada momento daquele dia, então prosseguiu: — Eles estavam na sala, sentados no chão. A mulher levantou a manga da camisa de meu pai, depois, tirou de sua bolsa uns instrumentos. Em segundos, ela aplicou algo no braço dele. Ele fez uma careta. A mulher começou a sorrir, e dizia coisas que eu não escutava... — As lágrimas de Lília desceram, fazendo Paolo sentir-se em seu lugar, querer apertá-la em seus braços, mas não quis interromper. — Em menos de um minuto, meu pai começou a passar mal, caiu de lado e começou a tremer, espumar pela boca. Um segurança chegou, e me tirou dali. Depois disso, eu só consegui ver meu pai dois dias depois, no hospital. Foi quando minha mãe soube e ficou com a guarda definitiva minha e da minha irmã. Ele havia tomado uma dose muito alta de heroína.

— Eu sinto muito — Paolo a puxou para si, colocando-a em seus braços. — É por isso que estava empenhada com Petra?

— Não só por isso. — Lília enxugou suas lágrimas e olhou para Paolo. — Depois de anos do acontecido, eu vi meu pai voltar a se drogar sem controle algum.

— Recentemente?

— Quando ele fechou negócios com Afonso Aguiar, há uns anos. — Lília sentiu uma raiva dentro de si brotar com suor em seu corpo. — Não falo sobre a droga, às vezes eu uso, mas pela quantidade absurda que ele consome, além de esquecer de todos nós.

— Você culpa os Aguiar...?

— Não totalmente. Meu pai só entrou na sociedade por ser tão corrupto quanto eles, o que levou Afonso forçá-lo entrar, participar de assuntos que só eles sabiam — disse Lília com sinceridade —, mas eu odeio aquela família... — Lília tocou o rosto de Paolo. — Entende minha raiva? Estou sempre à beira de perder meu pai e ontem perdi Petra... Ambos com os mesmos contatos, com a mesma porcaria da droga! Isso me deixa impotente, intrigada e irritada demais.

Lília pegou a mão direita de Paolo, deslizou o dedo sobre os calos. Sabia que aquelas marcas eram a história de um professor que passava horas corrigindo provas.

Paolo segurou o queixo dela, fazendo Lília olhar para ele.

— Estou aqui — disse ele, carinhoso. — Conte comigo para o que for.

— Eu já avisei aos pais de Petra sobre o ocorrido, paguei todos os custos da transferência dela para a cidade da família e deposei um valor para a família, para algum imprevisto. As poucas coisas que ela deixou, vou mandar depois...

— Não pensa em se despedir dela?

Lília escondeu o rosto no peito de Paolo.

— Não — ela resmungou. Respirou e o encarou novamente. — Quero ficar aqui com você. De qualquer forma, mandei fazer uma lápide para ela no cemitério daqui, algo simbólico para eu depositar flores e orar por ela.

— Tudo vai ficar bem. — Paolo a apertou em seus braços. — Preciso ir para a universidade em menos de uma hora... *Me espera?*

— Espero. — Ela o beijou. — Terminou de corrigir aquelas provas? — Apontou para a mesa redonda de dois lugares da pequena sala. Ela estava cheia de papéis.

— Adoraria ter feito... — Paolo beijou a testa dela. — Mas sinto dor nos dedos da mão direita...

— Ah, deixe de manhã... — Lília fez um biquinho engraçado. — São apenas rabiscos. Não dá para fazer com a esquerda?

— Claro que não, meu bem. Não tenho hábito nem mesmo de rabiscar com a esquerda, ela se torna inútil para coisas que temos prática em fazer com a direita...

— Prática... — Lília disse, lembrando de algo relevante.

Foi quando a ideia veio à mente. Um fato que deixou passar na noite de ontem. Ela pulou do colo de Paolo, buscando sua calça jeans.

— O que houve? — Paolo ficou perdido.

— Ela não usou drogas, Paolo! — Lília fechou o botão da calça, sorrindo, uma felicidade lhe atingiu.

— Petra?

— Ela foi forte! — Lídia sentiu seu corpo se arrepiar, se emocionado com a possibilidade de saber, que mesmo com todas as lutas que Petra vinha enfrentando essas últimas semanas, ela não caiu em tentação. — Ela não se drogou até morrer! Alguém fez isso!

Paolo sentia-se fora da linha de raciocínio de Lídia. Agora, mais do que nunca, ele entendia porque Lídia sentiu-se tão abalada com sua amiga, talvez por isso não estivesse vendo a realidade diante de si.

— Lídia, foi comprovado. — Paolo tentou fazê-la analisar as possibilidades mais visíveis.

— Que ela morreu por overdose... sim... sim, eu sei, você sabe, todo mundo sabe. — Lídia parou por um instante, respirou e continuou — Mas o que ninguém sabe, era que Petra era canhota.

— E?

— E, que o legista disse que ela foi encontrada com a seringa no braço esquerdo.

Foi só aí que Paolo se aproximou do que animava Lídia.

— Ela usava o esquerdo para se drogar. Se ela tivesse comprado ou ganhado a droga, é certo que aplicaria no direito! As mãos dela estavam intactas, nada que impossibilitasse de ela usar uma mão que não usa.

— Então você acha que Petra não se drogou por conta própria, alguém fez isso...?

— Quando Petra queria resistir a tentação, ela fumava e muito... isso também acusou, não foi?

— Eu entendo, meu bem — disse Paolo atencioso. — Mas não quero que você crie expectativas, Petra era uma viciada. A possibilidade de ela ter chegado nesse fim por escolha própria...

— Não! — Lídia se afastou, com expressões indignadas. — Eu confio na palavra que ela me deu. Não usar mais... Petra não tinha habilidade alguma com a mão direita, assim como você não tem com sua esquerda! Eu confio nela. Petra não se drogou por conta própria, alguém fez isso contra a vontade dela! Alguém a matou!

— O policial, o que você pagou para pegar as filmagens, já falou com ele?

— Vou tentar encontrá-lo agora.

Lídia buscou sua bolsa, e deu um beijo rápido em Paolo, para em seguida, sair rápido da casa, entrar no carro e procurar o policial que estava com as provas, evidências de que Lídia não fantasiava, ela estava correta, Petra foi assassinada.

Lídia só não sabia que, o policial a quem ela pagou para conseguir as

filmagens, tinha sido assassinado horas depois dela ter saído do necrotério.



KALI CHOROU POR HORAS. Depois da traição, humilhação, pensava em desistir do casamento. Ela não sabia se o mais difícil era olhar para Fernando ou dizer a ele que tudo estava acabado. Contudo, Kali não disse nada, tão pouco olhou para ele. Quando a mulher com que seu noivo transava saiu da sala, ela deixou a boate com sua irmã.

Fernando até tentou lhe dizer algo, mas Kali não conseguia fazer nada além de sair da presença dele.

Quando o sol nasceu, mais de dez buquês de belas rosas raras estavam em sua porta. Cada um com um cartão de desculpas. Fernando tentou ligar para sua noiva, mas ela desligou o celular. Kali também mandou os empregados não avisar de qualquer ligação dele. Ordenou para os seguranças e portaria barrarem a entrada de qualquer Aguiar.

Faltando poucos dias para casar-se, Kali estava em uma guerra interna. Ela o amava muito, totalmente apaixonada por Fernando e dependente de seus carinhos.

A vida dela, durante o tempo que estiveram juntos, era impecável, não encontrava nada do que reclamar. Fernando sempre soube lidar com a situação, e Kali era muito paciente com ele.

Quando Kali tentava imaginar sua vida sem ele, ela rompia a chorar.

Foram lindos quatro anos juntos, sem contar o tempo em que os dois saíam sem compromisso algum. E em todos os momentos, ele estava com ela. Dando-lhe tudo o que uma mulher necessitava de um homem, de seu noivo, amante...

— A culpa é toda minha — disse Lucas, sentando à mesa, olhando o estado deplorável de sua amiga, encarando seu café da manhã.

Kali tinha o rosto inchado, vestia uma blusa simples de algodão cinza e um jeans. Não teve ânimo em se maquiar, perfumar-se e usar suas joias delicadas. Ela não correu aquela manhã, como de costume, para depois tomar seu suco verde. Nada, exatamente nada, era relevante naquele momento.

— Sei muito bem que você odeia Lídi... — Lucas parou quando viu o olhar furioso de Kali, entendeu que aquela mulher não era bem-vinda mesmo sendo invocada. — Desculpa. Eu só quis dizer que quando mandei a foto, sem perceber o conteúdo, tudo se desencadeou e agora você está assim, destruída por saber que Fernando a traiu.

— Se não fosse por você — disse Ada, servindo um copo de suco à Lucas —, Kali nunca iria saber da traição de Fernando com... você sabe quem!

Ada esteve do lado de Kali, desde o momento que saiu com sua irmã, quando flagrou seu cunhado se vestindo depois da traição, presenciou Fernando impedir que Lúdia fosse espancada – algo que ele não deveria ter interferido – e depois trouxe sua pobre irmã para casa.

Kali estava se sentindo vazia. O corpo parecia em uma constante queda livre, que possivelmente, ao se chocar no chão o estrago seria maior, isso se daria na escolha que ela teria que fazer o quanto antes em relação a Fernando.

Caso se decidisse casar, ela viverá com as imagens da traição. Desconfiaria, uma vez que não vai conseguir perdoar por ele ter se deitado com Lúdia Garcia. Ainda tinha a chance de topa com ela em eventos e sentir-se humilhada, porém, se decidisse cancelar o casamento, ela sofreria amargamente tentando silenciar a paixão que sente por ele. O amor que conquistou por anos... E ainda assim, se sentiria mal ao ver Lúdia Garcia.

— Faça algo que o machuque muito — aconselhou Lucas. O que fez os olhos vermelhos e inchados de Kali brilharem. — Alguma coisa que ele preze, que tenha muito valor para ele...

— Mas o que seria? — Ada estava gostando da ideia. Mesmo achando seu cunhado muito bonito, atraente e que já tivera sonhos quentes com ele, ela estava do lado da irmã para o que fosse necessário.

Precisava me vingar, pensou Kali.

Isso, talvez, amenizaria sua dor, e só depois ela conseguiria pensar melhor nas únicas duas possibilidades que tinha sobre seu futuro ao lado de seu noivo traficante.

— Não sei! — Lucas olhou para Kali. — Alguma informação sobre os trabalhos ilícitos dele, talvez?

Os negócios da família! Kali se sentia bem naquele momento. Ela tinha uma informação que julgava ser valiosa, que poderia ser usada para se vingar de seu noivo.

Decidindo isso, ela pensou em que iria usar para machucar Fernando. Teria que ser algo rápido, urgente e eficaz. Não se deitaria com outro, ela nunca faria a troca dessa moeda, Kali, além de tudo, ainda sentia seu corpo preso ao dele. Contudo, ela sabia, muito bem, o que faria Fernando infeliz. Os negócios da família saírem do eixo.

— Você ainda tem o telefone daquele advogado que esteve no caso da fraude de impostos? — Kali indagou para Ada.

— Ele é filho de Dalian, o que você quer com ele? Eles não são boas pessoas, Kali.

Kali abriu um sorriso maligno apareceu na face destruída pela dor.

— Quero me vingar do meu noivo, antes de subir ao altar — Kali respondeu, sentindo uma pontada de alívio na dor.



ELA TOMAVA seu banho matinal. Já tinha uma bandeja de prata com deliciosos bolinhos de canela e laranja, croissants bem assados. Ovos cozidos. Café fraco, com algumas gotas de leite, torradas na manteiga.

Tinha dormido poucas horas, mas tinha sido um sono maravilhoso, não só pelo fato de ter se esbaldado na noite – e madrugada –, mas por ter dormido em uma bela cama macia, no melhor hotel cinco estrelas da região.

Depois de passar quase meia hora em uma hidromassagem, buscou sua toalha branca e felpuda, se cobriu e andou até o quarto.

Vestiu um lindo vestido azul de uma marca famosa e cara, que lhe caia bem no corpo e colocou um par de brincos de quartzo. Passou um perfume que havia comprado no aeroporto, quando desembarcou em Bogotá, e calçou um lindo par de sandálias que comprou na cidade onde mora, na Alemanha.

Com o corpo totalmente relaxado, ela caminhou até a mesa onde seu café da manhã bem reforçado a esperava. Sentou-se à mesa, tendo o cuidado de pôr o guardanapo em seu colo e se serviu de café. Quando estava próxima de pegar seu bolinho de laranja, ela escutou a porta de seu quarto bater com violência. Bufou como se o cansaço, aquele que ela tinha deixado sobre a cama, estivesse voltado.

Andou até a porta sabendo exatamente quem a procurava, que quando a abriu, revirou os olhos e deu-lhe as costas, voltando para o seu café da manhã.

— Que merda você ainda está fazendo aqui?! — inquiriu Afonso, com dois seguranças ao lado. Ele estava a ponto de enfartar.

Vestido com um sobretudo preto, luvas de couro e óculos escuros para tentar não ser reconhecido ao cruzar o corredor do andar, ele estava em seu limite essa manhã.

— Sai a noite — disse ela, com calma —, perdi a hora do voo e decidi andar um pouco... — Se virou para olhar Afonso e sorriu —, me divertir um pouco. Fernando está bem? — A pergunta saiu irônica, e mesmo que não tivesse saído assim, Afonso detestaria de qualquer forma.

— Sua mimada! — Ele a tirou da cadeira, pegando o braço dela com força e a puxando. — Você se deitou com Fernando! — Afonso cuspiu as palavras, com raiva queimando seus olhos, que estavam bem abertos encarando

a petulante em suas mãos.

Ela sorriu. Ele se irritou.

— Eu só fui parabenizá-lo pelo casamento. — Ela conseguiu sair do aperto de Afonso.

— Corre o risco de não ter casamento nenhum!

— Não sei porque a crise, você nunca gostou da família da noiva de Fernando... lembra? — Ela sentou-se a cama despreocupada, cruzando as pernas.

Mas a preocupação e raiva de Afonso não estava voltado para o casamento do seu filho, e sim para a jovem a sua frente e o que ela fez na noite passada.

— Você vai juntar suas coisas e sair da cidade, para nunca mais voltar, entendeu?!

— E perder o casamento? — inquiriu com uma falsa tristeza.

— Eu não estou brincando, Lina! — Afonso estava a ponto de perder o controle. — Eu deixei você entrar no país porque passou anos me infernizando para isso, prometendo que no dia seguinte iria embora, e na única vez que isso aconteceu, você apronta!

Lina se levantou com a mesma altivez que estava sendo tratada. Não suportava ser manuseada daquela forma, mesmo que estivesse errada.

Sim, aparentemente ela fosse uma grande mimada. A forma que se veste, as joias, a altivez no olhar, a voz firme, as excreções desdenhosas, levava qualquer um a crer que ela era só uma jovem rica e mimada.

Mas só aparentemente.

Nem sempre Lina dormiu nos melhores lugares ou comeu do bom e do melhor enquanto vivia presa em uma casa longe de todos.

Não tinha amor, atenção, salvo dos empregados, todos pagos por Afonso.

— Eu quero ficar mais um dia! — Lina pediu, mas foi mais uma exigência, do que um pedido gentil.

— Você vai embora! — gritou Afonso, como trovão. — Agora!

— Não! — Lina gritou de volta.

Afonso fez sinal para que os seguranças pegassem a teimosa e a tirassem do quarto, para jogá-la no avião e mandá-la de volta para Alemanha.

Quando Lina os viu avançarem, ela gritou: — Eu peguei a filmagem das câmeras externas da boate, ontem à noite.

Afonso ergueu a mão, sinal para que os homens parassem onde estavam.

— O que você quer dizer com isso? — Afonso a olhou como se quisesse matá-la.

Erguendo o nariz empinado, ela prosseguiu, sem medo algum — Foi você quem matou aquela menina — Afonso ficou sem ação. Lina percebeu e

continuou com as ameaças. — A filmagem é bem clara quando mostra você tirando-a da boate, gritando, depois enfiando uma agulha no braço da coitada.

— Revistem o quarto — ordenou Afonso.

— Pode revistar tudo, você não vai conseguir encontrar nada aqui.

— O que você quer, Lina? — Afonso rosnou, como lobo. — Morrer? É isso?

— Quero ver minhas irmãs. Quero ver Lilian e ver minha irmã gêmea. Só isso, depois eu vou embora e nunca mais volto!



AFONSO NÃO CRESCEU no brilho da riqueza, muito menos com pais amorosos. Ele nasceu dentro de uma das favelas mais perigosas da região. Trabalhou muito cedo vendendo verduras na feira e não demorou em repassar drogas – ainda muito pequeno –, nas ruas sujas. Aos dez anos, conseguiu ver mais coisas que poderíamos imaginar. Presenciou sua mãe ser espancada até a morte por seu pai alcoólatra, carnificinas de famílias que deviam à agiotas e traficantes. Passou fome a ponto de comer lixo...

Mas a vida lhe dera uma chance, sendo que essa única... era viver na mesma imundice que na época de sua infância, a diferença era que dessa vez seria no luxo, com montanhas de dinheiro e vivendo em palácios milionários.

Afonso aprendeu, desde muito cedo a negociar, eliminar possíveis aliados que pudessem lhe prejudicar, e, acima de tudo, não se intimidar com ameaças.

— Como conseguiu? — Afonso sentou-se inconformado, ficando de frente para Lina. — Andou me seguindo?

Lina sorriu. Sabia que tinha encurralado um homem poderoso e temido.

— Não necessariamente, você — disse Lina, mentiu despreocupada. — Estava indo para o aeroporto, quando pedi para que o motorista passasse em frente à boate dos meninos. Foi quando eu pedi para descer. A porta da frente ainda estava trancada, então, andei até os fundos e escutei gritos, foi quando eu lhe vi. Você e a garota. Você foi embora logo, então entrei e consegui, sem muito esforço, pegar a filmagem do assassinato. Era cedo, quase ninguém estava dentro da boate.

— E você decidiu pegar a gravação só para me prejudicar?

— Prejudicar não! — protestou Lina. — Para ter uma lembrança sua quando eu voltar para Alemanha. — ironizar era o que ela mais gostava de fazer. — Eu vi que tinha uma câmera filmando — Lina sorriu, se sentindo esperta. —

Entrei na boate. Distraí o segurança da sala e consegui pegar a fita que mostrava você matando a moça. — Inclinou-se na direção de Afonso, com olhar brincalhão. — Por que a matou? Qual foi o motivo? — Ergueu uma sobrancelha. Ela se divertia com a cara carrancuda de Afonso. — Petra sabia de mim, é isso?! Sim, porque a única coisa que escutei, antes dela cair no chão, foi que não contaria seu segredo.

Afonso se afastou. Pensativo, ele queria saber o que fazer com a petulante que lhe provocava.

Matar? Não poderia.

Estrangulá-la? Até que passou em sua mente.

Embora as possibilidades corressem em sua cabeça, a única coisa que estava no alcance de sua natureza, para aquela garota, era enviá-la de uma vez por todas para Alemanha. Lugar que nunca deveria ter saído.

— Por que se deitou com Fernando? — Afonso quis saber, também precisava mudar de assunto.

Lina se endireitou. Respirou com equilíbrio. Disse: — Não era meus planos — declarou com sinceridade. — Queria apenas me divertir um pouco...

— Você se passou por sua irmã!

A ideia de Lina com Fernando deixava Afonso com nervos à flor da pele.

— O segurança de Fernando quem me disse que eu era Lília! — rebateu Lina, se fazendo de vítima, coisa que ela estava muito longe de ser. — Sabe muito bem que ninguém sabe sobre mim... E a culpa é sua!

— Não se faça de tola! — Afonso começou a andar de um lado para outro. — Você sabia exatamente o que estava fazendo!

— Pode até ser! — disse Lina, com raiva. — Mas se fosse Lília ficando com Fernando você nunca iria ficar tão furioso! Eu me deitei com ele, sim. E não me arrependo!

Afonso avançou na direção de Lina, fazendo-a se encolher quando ele ergueu a mão para lhe dar um tapa. Mas ele não fez. Apertou os punhos, contendo sua vontade e se afastou.

— Eu lhe dou exatamente uma hora para fazer suas malas e entrar no carro. — Afonso usou de frieza.

— Eu vou ficar para o casamento! — Lina bateu o pé.

— Tente me desobedecer e me desafiar com a porra do vídeo que você vai receber o que merece — disse Afonso, raivoso, virando o jogo para si.

Dito isso, de forma calma, Afonso deu meia volta e saiu, deixando no quarto de Lina seus seguranças.



KALI ESTAVA IMPECÁVEL. Colocou seu melhor vestido, passou mais base que normalmente utilizava – queria esconder o inchaço do choro. Calçou um lindo salto alto. E um brilhante conjunto de esmeraldas, que era composto por uma pulseira e um par de brincos.

Depois dos mimos do amigo, da irmã e da ideia que teve em querer trair Fernando, ela se sentiu mais confiante.

Havia mandado uma mensagem de texto para Fernando. A mensagem era para tranquilizá-lo, dá-lhe certeza que em dois dias eles estariam se casando.

Fernando ligou imediatamente. Queria saber como ela estava. Decidiu, ele, ir visitá-la, mas Kali se adiantou explicando que teria ajustes da recepção do casamento para fazer.

Ela mentiu descaradamente. Kali não estava indo certificar-se que as rosas, as quais encomendou fora da estação de colheita, estariam no salão na hora combinada. Muito menos, que a lista de músicas – escolhidas por ela – estaria na ordem que havia programado. Kali tinha planos muito mais complexos que aqueles, ela estava indo trair seu noivo, dar-lhe o troco, virar o jogo.

Após Fernando desligar, Kali conseguira ter uma breve e animada conversa com Pedro Dalian, filho de dono de cartel.

Pedro recebeu a ligação totalmente surpreso, e ficou mais ainda, quando Kali sugeriu se encontrarem, ainda naquela manhã, para um almoço particular.

Como um mulherengo convicto e assumido, Pedro aceitou rapidamente a proposta. Não perderia por nada um encontro com uma mulher tão linda e rica como Kali.

O que ele não sabia, era que Kali, a noiva de Fernando Aguiar – o homem pelo qual ele não era muito fã –, estava prestes a lhe dar uma informação muito preciosa.

— Uma taça de vinho e uma pequena salada — pediu Kali, entregando o cardápio ao garçom. — E você Pedro? — Ela o olhou com simpatia, batendo os cílios longos e bem curvados, flertando com seus grandes olhos claros.

Pedro devolveu o olhar sobre o cardápio de couro escuro. Ele era muito bonito. Tinha lindos e grandes olhos negros, cabelos escuros, lisos que faziam uma pequena ondulação nas pontas. O corpo bem malhado. Vestia-se de forma impecável, afinal, além de tudo o que as boas e más línguas diziam sobre ele e sua família, Pedro era um excelente advogado.

— Quero um conhaque e lagostas — decidiu ele, fechando e entregando

o cardápio, sem deixar de olhar para Kali. — Você está muito bonita. — Pegou a taça com água e bebeu um pouco.

— *Me* disse quando sentei a mesa. — Kali estava um pouco vermelha. Não sabia se era pela presença de um homem atraente a admirando, sem ser Fernando, ou se era pelo fato de estar ali com um propósito em mente. — É a segunda vez que me diz isso...

— A segunda não é apenas para que saiba que o elogio não foi para *lhe* agradar... — Pedro pousou sua mão sobre a de Kali. — Mas que se convença que estou sendo sincero. — Piscou com um sorrisinho de lado.

Kali recebeu o toque quente da mão dele. E por mais que estivesse com raiva de Fernando, ela não sentiu nenhuma picada de excitação por estar próxima a Pedro, sendo tocada por ele.

— Sei que está — disse Kali, com um leve sorriso.

Gentilmente, Kali puxou a mão, fazendo Pedro percebesse que ela não estava ali para um assunto picante e cheio de luxúria.

— Mas me diga — começou Pedro, acomodando-se na cadeira. — Qual o assunto que *lhe* fez me chamar até aqui?

Kali estava nervosa, um pouco trêmula internamente. Também pensou, por diversas vezes, se estava realmente fazendo o certo.

— Eu não sei... — disse ela, um pouco arrependida, meio agitada. — Acho que não foi uma boa ideia... — Sobre sua cadeira ao lado, buscou sua pequena bolsa de mão.

Pedro percebeu que estava perdendo a companhia, e, além de tudo, de saber qual a força que moveu Kali a chamá-lo, sem cerimônias, para se encontrarem, uma vez que ambos nunca tiveram contato algum.

— Espere — pediu ele, segurando a mão que segurava a bolsa, lançando para Kali um sorriso sedutor, sentindo os músculos dos dedos dela ficarem tensos. — Fizemos um pedido, então... se não se importar, já que está aqui, é claro — Molhou os lábios com descrição —, gostaria muito que ficasse e provasse a salada que pediu. Parecia bem animada quando pediu.

Pedro era um gavião. Conhecia de longe uma presa distraída, alguém que tinha muito para alimentá-lo. Ele tinha visto, sobre os olhares ansiosos de Kali, que, estarem ali, era porque ela tinha algo muito importante para *lhe* falar, revelar.

— Você disse... — continuou ele, quando percebeu os músculos da mão dela relaxarem — que seria um pequeno almoço. Fique. Coma. Converse comigo. Então poderemos ir...

Kali entrou na dele. Largou a bolsa, isso fez Pedro tirar sua mão da dela, deslizando com cuidado.

— Desculpe — disse ela, um pouco tímida.

Pedro sorriu.

Kali desfez seu guardanapo e pousou sobre seu colo.

Eles conversavam tranquilamente. Pedro contou sobre sua estadia no Canadá, quando conseguiu o diploma, e Kali falou sobre a morte do seu pai e como estava sendo difícil organizar tudo com sua irmã, uma vez que sua mãe partiu há mais de dez anos por causa de um câncer.

Eles beberam. Ela um pouco mais do que deveria. Comeram sem pressa. A conversa estava agradável. Embora tudo estava ótimo, Kali estava tomando vinho mais para afogar a dor e as lembranças de ter visto seu noivo com outra, que vez ou outra vinham lembrá-la. Bem ali, com uma conversa amigável, boa comida e uma deliciosa bebida, ela encontrou conforto, afogando-se no vinho, que, conseqüentemente, começou a fazer efeito...

— Mas uma taça por favor — pediu Pedro, ao garçom que veio recolher a taça e o copo vazios sobre a mesa.

— Não — Kali sorriu. — Acho que não vou conseguir chegar no carro com passos certos.

— Que bobagem — disse Pedro, falsamente amigável. — Você está ótima! Traga mais uma taça por favor — insistiu, para o garçom que prontamente saiu para trazer o pedido. — Você estava me contando que entrou na boate e flagrou Fernando com Lídia Garcia? — inquiriu, ligando o celular por baixo da mesa e gravando a conversa, discretamente.

— Ele é um cretino! — disse Kali, um tom um pouco alto. Percebeu que algumas das mesas vizinhas a encaravam com desdém. Então ela se recompôs, continuando mais baixo. — Isso dói, sabia? — Pedro fez que sim. — Saber que seu noivo... a quem você se dedicou por anos... — Colocou a mão em seu peito, fazendo expressões dramáticas. — Amei incondicionalmente. Fui fiel... Para depois... flagrá-lo com aquela *vadia* da Lídia! Ela que diz, para os quatro ventos, que odeia os Aguiar. — Kali se inclinou em direção a orelha de Pedro — Sabia que os Aguiar têm um depósito onde guardam toda a “coca”, armas e munição para negociação?

— É mesmo? — inquiriu Pedro, surpreso pela noiva de um deles revelar um assunto tão perigoso.

Os Dalians, a família na qual Pedro é membro, tinha trabalhos com maconha. Eles eram os homens que mais negociam no país a erva. Sempre tiveram vontade de expandir os negócios para a coca e heroína, mas os Aguiar conseguiram bloquear tudo.

— Shiiii — Kali sorriu, sentando-se corretamente. — É nosso segredo.

A bebida logo chegou e Pedro teve que tomar um longo gole tentando

manter o controle. Seu pai precisava saber.

— Claro que é — afirmou Pedro, colocando sua taça sobre a mesa. — Mas me fale, Kali, onde, exatamente, fica esse depósito?

A cabeça de Kali deu um estalo. Inicialmente, ela estava decidida em relatar uma informação que ouviu, por acaso, em um dia que Fernando dormiu em sua casa.

Fernando havia acordado no meio da noite para atender um telefonema e passado o endereço de um dos galpões da família que continha a droga pronta. Naquela noite, Kali teve certeza que Fernando estava no comércio ilegal.

Ela sabia, com toda a convicção, se alguém – como Pedro, que vive na mesma rotina que Fernando – tivesse acesso àquela informação, Fernando sofreria uma boa consequência em relação aos negócios.

— Ouça-me — disse Kali, agora com coragem, afinal de contas, o calor do álcool era um combustível traiçoeiro para ela, adicionando ao fato da traição. — Não quero que essa conversa saia daqui!

— Claro que não vai sair — mentiu Pedro.

Pedro gravou cada uma das palavras. Tanto para si, quanto em seu celular.

Kali voltou a se inclinar, querendo sussurrar no ouvido de Pedro, então disse — Na fronteira, ao norte, bem debaixo da estrada que corta para as plantações de milho.

Um galpão subterrâneo! É certo que tem mercadorias boas por lá, Pedro pensara, animado.

— Um lugar de difícil acesso — comentou Pedro, como se não tivesse interesse. — Saquear o lugar assim é perigo, além do mais... Fernando teria uma tremenda dor de cabeça.

Kali percebeu o erro que fez em trair tanto a Fernando quanto a família dele, e tão logo pensou que não seria bom Fernando ter um prejuízo às vésperas do casamento. Isso o faria ficar furioso.

Poderia até mesmo adiar o casamento, pensou Kali, agora bem arrependida por ter entregado seu noivo.

— Esqueça o que lhe disse — insistiu Kali. — Deve ser muito perigoso mexer em galpões de outro... — Limpou a garganta e sussurrou: — de outros traficantes.

Pedro suspirou dramático, deixando Kali tranquila.

— Você tem toda a razão — disse ele, guardando seu celular no bolso. — Além do mais, isso começaria uma guerra na cidade. Um galpão subterrâneo poderia não só guardar milhões em pó, como milhões em armas de fogo, munição. Os Aguiar sabendo que perderam, melhor, foram roubados, eu não

quero nem imaginar o que aconteceria.

A ideia de saquear o vizinho era sempre boa, mas essa não estava só movida pela ganância, estava também pelo desejo de vingança. Pedro queria que os Aguiar pagassem pela opressão a negociantes menores.

Assim como Kali, em seus momentos de fraquezas e atos inconsequentes. Movida pela dor – e naquele momento, pelo álcool e mente fraca –, mal sabia ela que seu casamento com Fernando estava ruindo... Pela simples ação de passar uma informação sigilosa, pelo pequeno desejo de querer virar um jogo que ela não deveria jogar...

Episódio 04 – Segurança.

“A desconfiança é a mãe da segurança.”

MADELEINE SCUDÉRY

PARA UM MUNDO como aquele, no qual Fernando e Lília viviam, era imprescindível que estivessem bem preparados, atentos e que possuíssem pessoas qualificadas para um bom trabalho de proteção.

Lília tinha o seu. Coby. Um homem discreto como a sombra na noite. Ele a seguia para todos os lados que fosse, de forma discreta pois Lília não gostava que sua presença chamasse atenção. Um homem maduro, forte, sem pelos no rosto e cabelos, olhos escuros e fundos, boca fina e rosto quadrado, além de moreno e alto.

Quando ela precisava entrar em qualquer lugar, ele estava a dois passos atrás dela para o que fosse preciso, ou a dois passos à frente, dependia de onde ela deveria estar, com quem estar.

Apesar de fazer a segurança particular de Lília, Coby obedecia primeiramente à Gonçalo. Tudo que fosse relevante no dia de Lília, seu pai sabia. Mas tinha coisas particulares que Coby guardava, como as tentativas de Lília se relacionar com Paolo.

Coby estava por perto quando Lília saiu de casa, na noite em que Petra havia morrido, a seguiu quando Lília foi até o necrotério, ajudou com os detalhes do enterro e transferência do corpo para sua cidade natal. Coby também estava por perto, do outro lado da rua, do prédio do professor pelo qual Lília tentava algum engajamento.

Ele estava tomando um café bem forte, para se manter acordado até que outro segurança chegasse para fazer seu turno, quando a viu sair correndo do prédio e a mesma fez sinal para que a seguisse rápido.

Coby entrou no carro e a seguiu. Naquela manhã, presenciou sua patroa tentar encontrar o policial que ela havia pago para conseguir provas sobre a morte da amiga. Seguiu-a quando a mesma foi até a casa do delegado da cidade, também esteve próximo quando Lília respirava fundo, após ter uma longa discussão com o delegado onde a mesma exigia que Fernando Aguiar fosse interrogado sobre aquela noite, e que queria ver as imagens gravadas nas câmeras de segurança da boate que ocorreu o assassinato.

— Assassinato? — o delegado duvidava dessa possibilidade.

— É claro, seu idiota! — Ela quase berrou, já estava em seu limite. — Eu paguei a um dos seus homens para ir atrás de uma prova sobre o "assassinato" e esse sumiu. Não acha estranho? Ou quer que lhe ensine a porra do seu ofício?

O delegado se ergueu com nariz inflado. Lília, apesar de sua aparência juvenil, não deixou se intimidar pelo olhar furioso do delegado que recebe muito bem para facilitar as coisas para o grupo de cartéis da capital.

Ele estava a ponto de estourar. Nunca, nem em pensamento, ele imaginou que fosse ter que engolir aquelas palavras, mas se mexesse com ela sabia que

estaria mexendo com pessoas ainda piores, e as consequências viriam tão rápido quanto um piscar de olhos.

Lídia ergueu uma sobrancelha, o desafiando a dizer a merda que fosse, mas ele não fez, até abriu a boca para dizer algo, contudo a fechou em seguida e se sentou. Então, ele teve que engolir aquelas palavras a seco e suavizar suas expressões.

Coby presenciou a discussão, e não moveu um só dedo até o momento que o delegado se ergueu e ele teve que pôr a mão dentro do casaco. Um gesto simplório que avisava muita coisa.

Matar um delegado? Para Coby não era problema algum.

— Vou ver o que posso fazer... — disse o delegado acuado, dando rápidas olhadelas para Coby.

Lídia ainda não estava totalmente convencida.

— Também quero saber quem era o pai da criança que minha amiga estava esperando — acrescentou Lídia.

— Isso não é fácil... — adiantou-se o delegado. — Preciso de...

— Uma prova de DNA do possível pai, sim, claro, eu sei... — disse Lídia, já sem paciência. — Se eu conseguir uma prova, você agiliza o teste?

— Sim, claro.

— E quanto a Fernando...? — inquiriu Lídia. O delegado estava se remoendo por dentro. — Quero que pergunte a ele tudo o que sabe...

O homem baixo e rechonchudo engoliu em seco.

— Ele não vai ser intimado nos próximos meses — alertou o delegado. — O juiz que é do lado de Fernando está para sair, mas não tem previsão, e ele nunca o intimaria para algo assim. Se realmente quer que ele fale alguma coisa... tente falar com ele diretamente... Sei que os pais de vocês são próximos, talvez isso ajude. Posso também tentar uma visita, mas ele está a véspera de se casar... não vai querer ser importunado por nada em relação a morte de uma viciada.

Visitá-lo? Ótimo, resmungou Lídia internamente.

— Obrigada por me ajudar! — disse Lídia, com deboche e raiva, pegando sua bolsa e saindo em seguida.

A ideia de se encontrar com Fernando Aguiar a deixava agitada, estressada, ansiosa.

Lídia não gostava de lembrar sobre esses sentimentos, sentia-se fora de sua zona de conforto.

De fato, eles já se encontraram, esbarraram em alguns lugares depois daquela trágica noite em que quase foi violentada, afinal, o mundo deles não era tão grande assim.

Apesar de Fernando usar de educação sempre que a encontrava, Lídia se

limitava apenas um aceno discreto e nada mais...

— Não é uma boa ideia ir até lá — aconselhou Coby, seguindo Lília até seu carro.

Ela fingiu que não escutou e entrou no carro.

— Ligue para Fernando e diga que estou indo para a casa dele — disse Lília, desconsiderando o conselho de seu segurança, colocando seus óculos escuros, ligando o carro em seguida.



NO CAMINHO, ELA respirava, respirava e respirava, ainda assim sentia o peito pesado e a mão suando. Na mente dela, passava muitas imagens do rosto dele, lembranças do cheiro apimentado que ele tem, do calor corporal, da forma de olhar... Semicerrados, pálpebras baixas, cor de um cinza frio, profundos. Ela sabia que aquela composição que ele possuía – ainda mais madura, mais aperfeiçoadas – agitava seu interior, mexia com ela da forma que não desejava.

Quando chegou no apartamento dele, Coby se adiantou na portaria. Lília estacionou logo atrás do carro de Coby, à espera de ser recebida.

Estranhamente, ela sentiu seu estômago e dedos dos pés gelarem.

Mas que diabos, Lília! Mantenha o equilíbrio, disse a si mesma, tirando os óculos escuros e o colocando pendurado em sua blusa.

Coby fez sinal positivo e ela saiu do carro tendo cuidado de levar seus pertences.

Se ela podia se aproximar, então era sinal que Fernando sabia que a mesma estava em sua porta e estava disposto a recebê-la.

Com paciência, Lília andou em passos elegantes até se aproximar. Coby fez sinal para que ela mostrasse a bolsa. Foi averiguado, por dois seguranças, que ela não tinha escutas e nem uma arma, mas o segurança poderia usar, uma vez que ele não entrasse, mas poderia ficar junto a porta – do lado de fora – caso ela precisasse de algo.

Guiada por três seguranças, sendo um seu, Lília foi levada para a cobertura do prédio.

O som do seu salto fino batia no mármore. Os passos que ela concluía eram analisados por olhares curiosos.

— A filha de um dono de um dos Cartéis — sussurrou alguém.

— Mas essa não aquela que vivia fora de Bogotá? — outro sussurro.

— O que ela veio fazer no apartamento de Fernando Aguiar? — Alguém

quis saber.

— *Não faço a mínima ideia... Eles se detestam.* — Alguém disse um tom mais alto, fazendo Coby virar o pescoço e lançar um olhar intimidador, deixando os curiosos murcharem.

Lídia entrou no elevador com os seguranças cercando-a, dando mais assuntos para os que estavam no saguão.

Ao chegar no andar, ela avistou apenas uma porta, a mesma foi aberta quando um dos seguranças avisou que estava no andar.

— Aperte o bipe se precisar de mim — disse Coby, quando viu Lídia avançando.

Ela fez que sim com a cabeça e entrou.

Coby sabia da “boa convivência” entre Gonçalo e Aguiar, mas não poderia relaxar nem um segundo. Acima de tudo, eles nunca iriam hesitar em se defenderem, caso estivessem sob ameaças.

Sendo recebida por Jorge, o segurança particular de Fernando, o homem que sabia de tudo a toda hora, Lídia entrou sem medo algum.

Jorge que falou de Lídia para Fernando naquela manhã. Disse que ela tinha um romance com um homem mais maduro. Que estava de passagem na cidade e que tinha se formado em Direito.

Fernando escutava tudo com atenção, enquanto tomava seus remédios e se alimentava bem.

Lídia sentiu um cheiro bom de pinho e couro. O piso pela qual ela pisava parecia um espelho negro. A sala era grande, escura e com móveis de couro bem distribuídos. Um enorme sofá em formato de C, luminárias sofisticadas. Um bar a sua esquerda.

Embora o lugar fosse decorado com sofisticação, o que a chamou atenção, mesclado a todo aquele conjunto, era o som que parecia sair do lado de fora.

Ela olhou à sua direita e foi maravilhada com uma bela vista azul do céu de Bogotá. Uma grande varanda.

O som era de ferro batendo em ferro.

— Fique à vontade — disse Jorge, com educação. — Quer beber alguma coisa?

— Não — disse ela, sem olhar para o homem, deixando sua bolsa sobre o sofá e seguindo o caminho da música, do metal, dele...

Lídia piscou, sentindo a boca secar.

Escutou uma porta bater, foi quando percebeu que Jorge havia sumido.

Ela estava sozinha com ele.

— Fernando — ela o chamou, escutando a própria voz vindo de volta aos

seus ouvidos, e caminhou sem deixar de seguir o som...

Quando chegou até a varanda, ela presenciou uma ampla cobertura, piscina a direita, academia revestida por vidro blindado na outra.

Então, ela parou assim que o avistou, e o olhou, detalhe por detalhe.

Fernando estava de costas para ela. Camisa regata branca, bem cavada, bermuda preta. Ele erguia uma quantidade enorme de ferro. Discos monstruosos, um de cada lado, asseguradas por uma barra de ferro grossa.

A camisa estava colada, totalmente molhada, transformada em um simples papel molhado em seu corpo. Isso lhe dava a visão dos movimentos precisos de cada músculo se movendo pelas largas e fortes costas dele, além dos ombros e músculos do braço. Tatuagens em seus braços, uma no topo de suas costas.

Ali, o som estava muito mais alto, não era de se admirar porque ele não escutou Lúdia o chamar.

Até que ela se aproximasse, entrando na academia, Fernando ainda estava concentrado na tarefa de levantar cem quilos em três séries de dez.

Lúdia se aproximou do som e desligou. Fernando soltou o peso com tudo sobre o piso emborrachado. Sabia que tinha companhia e de quem se tratava.

Sem olhar para trás, para ela, ele questionou: — O que você quer? — Puxou o ar com força.

Tirou um disco de cinquenta quilos.

— Petra está morta — disse Lúdia de uma vez, vendo-o se afastar, e ser frio em sua recepção.

— Eu sei — Ele encaixou o disco em uma pilha com mais três, depois voltou, para pegar o outro, sem olhar para Lúdia.

Por que ele estava diferente? — ela se questionou.

Fernando, mesmo que soubesse que Lúdia não fosse muito fã dele, sempre a tratava com atenção, embora Lúdia buscasse transparecer indiferença, ela estava incomodada com a forma que ele estava agindo naquele momento.

— Sabia que ela estava grávida também? — Lúdia não fez rodeios.

Foi só aí que Fernando ergueu seu olhar para ela. Foi uma olhadela rápida, mas que fez ele ficar intrigado.

— Você cortou o cabelo? — Fernando observou.

Por impulso, Lúdia passou a mão nos cabelos, como se os arrumassem.

— Escutou o que eu disse? — Lúdia insistiu em seu assunto.

— Em que momento cortou os cabelos? — Fernando insistiu no seu...

Ela ficou confusa, intrigada. Porque diabos ele insiste em saber sobre o porquê e quando cortei o meu cabelo? — pensou Lúdia com expressões confusas.

— Eu não lembro... uns dois meses... — Lúdia buscava uma data, mas

realmente não havia considerado guardá-la com atenção. — Mas que merda isso importa? — Não que fosse relevante, mas Fernando jurava ter percebido que ela tinha os cabelos um pouco maiores. — Eu não vim aqui falar sobre isso... — continuou Lúdia. — E sim o que aconteceu ontem...

Fernando sorriu. "Ontem", a palavra ecoou na cabeça dele.

— Sim, claro. — Ele abaixou-se para buscar o último disco. — Você veio falar sobre ontem... — repetiu, achando que o assunto era sobre a transa que havia feito com Lúdia\Lina. — Eu não tenho o que dizer de ontem. — Encaixou o disco na pilha, dessa vez, sem cuidado algum, fazendo o som fino do ferro contra ferro vibrar e incomodar Lúdia ao ponto de fazê-la tampar os ouvidos. — O que aconteceu, aconteceu... esquece — disse se virando.

As últimas palavras fizeram Lúdia ficar ereta, com raiva, tirando as mãos dos ouvidos.

Aconteceu... esquece! Ela não iria esquecer.

— Esquece? — ela repetiu, em questionamento. — Não vou não! Temos que esclarecer muita coisa! — Insistiu, pois queria respostas sobre Petra.

— O que temos para esclarecer Lúdia? — Fernando não estava confortável em ter que repassar os eventos da transa. — Hein? Eu fui descuidado e você também... Pode voltar atrás?

Ele havia se arrependido de ter feito sexo. Vozes gritavam com ele a todo tempo o encurralando sobre o fato de ter cedido a tentação.

Escutou Camilo essa manhã dando seu parecer: "— E se Gonçalo não gostar da ideia? Você quer "foder" com tudo? Se fode sozinho, mas não coloca os negócios em risco, porra!

— Não, não pode se voltar no tempo! — disse Lúdia com pesar, sentindo o luto. — Mesmo que eu quisesse voltar e fazer diferente. Agora, deixar para lá é demais! — Lúdia sabia que Fernando tinha parte da culpa, ou até mesmo ela toda. — Eu nunca vou esquecer o que aconteceu ontem à noite — concluiu, com as imagens de sua amiga morta.

— Eu esqueci! — declarou Fernando, secamente.

— Claro que sim. — Lúdia sorriu sem ânimo. — Você é um insensível, frio, um sociopata nazista!

Petra era jovem, praticamente sem família, miserável, afundada no vício e... grávida, claro que Fernando não iria se importar com ela! Lúdia não tinha esperança do contrário.

— Sociopata? — Fernando encarou Lúdia. — Se eu lhe disser que me arrependo por ter permitido a entrada, lhe ajuda a pensar que não sou um sociopata?

Ele estava arrependido? Lúdia sentiu o coração parar.

Ele tinha realmente um coração? — ela quase disse isso em voz alta, mas se conteve. Se começasse com ironias, ele poderia se enfadar e mandá-la embora sem nada, isso seria muito ruim uma vez que Lídia queria saber quem era o pai do filho de Petra, e os motivos que levaram Petra a ser morta.

— Se realmente está arrependido... Me ajude a arrumar toda a bagunça — Lídia sugeriu, queria as filmagens e sabia que Fernando poderia tê-las.

— A minha bagunça foi organizada, embora quase tenha perdido minha noiva e ainda não tenho segurança suficiente que haverá casamento, não é o bastante para saber que estou recebendo as consequências?

— Kali sabe? — Lídia se sentiu surpresa.

— Qual é o seu problema? — inquiriu Fernando, pegando sua garrafa de água e tomando em seguida.

Se a noiva dele sabia, os irmãos... todo mundo sabia..., contudo Lídia estava de fora, precisava saber quem foi o assassino.

— Ah, mas que ótimo! — Colocou a mão na cintura, o gesto fez Fernando dar uma rápida olhada no corpo dela. — E onde estão a filmagem de segurança de ontem à noite, e toda a madrugada da sua festinha...

— Como assim onde estão as filmagens? Para que diabos quer isso? Ver tudo? — Ele sorriu de lado. — Você é uma louca, perversa! Mas lhe dou, se quer guardar de lembrança. — Andou até ela.

— Eu não quero lembranças desse fato... — Tentou Lídia explicar.

— Então para que você quer, afinal? — Fernando, por um momento pensou que ambos não estavam falando de um mesmo assunto.

— Como assim para o que quero? — Lídia deu um passo atrás quando percebeu ele perto demais. — Quero ver as imagens... — continuou ela, com um controle impecável. — Quero saber quem matou Petra.

Fernando estreitou os olhos.

— Mas eu pensei que você quisesse ver... — Fernando se endireitou, olhou para Lídia meio de lado. Talvez ele tenha desconsiderado seu instinto, mas o mesmo disse a ele que talvez a mulher na sua frente não tinha tanto daquela que se ofereceu para ele na noite passada.

— Pensou o quê? — indagou Lídia com desconfiança, esperando que ele concluísse, mas ela percebeu que Fernando estava estudando-a.

— Nada... — disse ele, dando um passo para trás e pegando seu celular. Ele discou rápido e em segundos estava conversando com alguém na outra linha. — Traga a segurança da sala de câmeras até aqui... — pediu Fernando, intrigado, mil ideias passando por sua cabeça. — diga a ele que traga todas as imagens da festa...

— Principalmente as externas — explicou Lídia.

Fernando lhe deu ouvidos e repetiu.

— As externas também. — Quando ele disse, Lídia sorriu, sentiu-se bem.

Fernando desligou e jogou o celular de lado, tirando em seguida – e para o desespero e equilíbrio hormonal de Lídia – a camisa.

— Vou tomar um banho — avisou ele.

A informação fez a imaginação de Lídia fluir, chegando até um chuveiro caindo água morna, um corpo grande e moreno se acalmando embaixo.

— Se importa em esperar na sala? — inquiriu Fernando, se movendo... para perdição dela. — Lídia?

— Não — disse ela, se recompondo. — Eu lhe espero lá.



LÍDIA SENTOU-SE no sofá e sentiu o conforto sobre o couro escuro e macio. Ela deu olhadas curiosas sobre cada canto da sala bem organizada.

Ele é limpo, ela observou, dando um pequeno sorrisinho debochado de lado.

Ainda que sozinha, Lídia sentisse como se alguém a observasse. Procurou pequenos pontos de câmeras, entretanto não encontrou nada.

Ele deveria ter em seu apartamento, Fernando pode ser um paranoico por segurança, ela murmurou sem sair do lugar.

E Fernando era, lá, ele tinha várias câmeras em lugares bem estratégicos, por exemplo, como o pequeno ponto de um olho da pintura de um famoso pintor australiano, outra, entre as garrafas de bebidas quentes e líquidos escuros...

Cada uma, revelando um ângulo diferente, fazendo closes para a jovem mulher que esperava Fernando de pernas cruzadas, com a ansiedade apertando suas entranhas, buscando uma respiração equilibrada para manter seu autocontrole quando ele entrasse novamente para ficar próxima dela e, finalmente, estivesse com a filmagem em suas mãos, para que enfim pudesse descansar – definitivamente – sabendo que sua amiga morreu sendo forte.

Fernando sentia-se tranquilo quanto a tudo isso. A morte de Petra não o pegou de surpresa, embora tenha ficado intrigado, pois, naquele início de noite, ela não parecia ceder à tentação de cair no vício.

Ele a tinha deixado na cozinha da boate. Mandou fazer algo para ela comer e beber, deixou ao lado de Petra um maço de cigarros para em seguida subir ao primeiro andar e fazer algumas ligações.

Tão rápido, anoiteceu e Fernando precisou se organizar para a festa. Esteve feliz, eufórico, esqueceu de Petra por completo, mas logo a notícia de sua

morte chegou em seus ouvidos, poucos minutos depois que Kali havia saído da boate totalmente abalada.

— Onde Kali está? — inquiriu Fernando à Jorge, quando entrou em seu quarto.

— Um dos homens que faz a vigilância dela ainda não deu seu parecer... — disse Jorge, limpando a arma de Fernando, sentado a uma pequena mesa no canto do quarto.

Kali não sabia que era observada por Fernando. Não que ele desconfiasse de sua noiva, embora Kali fosse muito linda, rica e muitas das vezes instável, Fernando apenas gostava de manter o controle de tudo, até dos passos que ela dava, sem ser notada.

— Deve estar tudo no controle... — continuou Jorge. Apontou na direção do monitor que estava sobre a mesa. — O que ela veio procurar dessa vez?

Fernando se virou, assistindo Lídia em sua sala.

— Confusão. — Fernando entrou em seu closet e buscou um par de roupas. Uma calça jeans e camiseta. — Sempre que essa mulher se aproxima de mim é isso que acontece... Não sei o porquê ainda permito ela chegar perto. — Ele escutou Jorge dar um sorriso divertido. — Certifique-se que Kali não entre no prédio enquanto Lídia estiver aqui — avisou, saindo do closet com suas roupas. — Já basta o que aconteceu no início da madrugada.

Fernando se aproximou do monitor e olhou para Lídia, com várias interrogações em sua cabeça.

— Sei que estava cheio de coca e havia bebido mais do que uma garrafa de uísque... — Fernando relatava, intrigado. — Mas estou achando Lídia diferente...

— Sim, ela está — confirmou Jorge. — A maluca está vestida dessa vez — sorriu, montando a pistola.

Fernando estreitou os olhos.

— Não é isso — Fernando jogou suas roupas na cama e se inclinou para o monitor, colocando suas mãos sobre a mesa e semicerrando os olhos. — A voz dela... está mais suave, o jeito de me olhar... é sempre o mesmo que obtive desde a última vez que me aproximei dela, na casa do pai, eram sempre inquietos, como se quisessem me dizer mais coisas que sua própria boca poderia. A Lídia de ontem nem me olhava na verdade, e as poucas vezes que fez... não tinha nada vindo dela. E essa tem cabelos mais curtos, um pouco mais escuros.

— Você estava bêbado e drogado — disse Jorge, enchendo o pente de balas. — Pode estar confundido...

Fernando queria acreditar nessa hipótese, mas sua perspicácia dizia que não deveria desconsiderar suas observações. Já desbancou muitos mentirosos,

desfez grupos que se infiltraram entre os homens que trabalhavam para obter informações do cartel. Ele não gostava de desconsiderar suas dúvidas.

— Pode ser. — Fernando ficou ereto, e nem um pouco convencido que tudo estava normal. — Mas ela está diferente, isso ela está!

O perfume dela estava mais suave, ontem muito forte, quase embriagante... pensou Fernando, como se a Lúdia de ontem... quisesse ser notada, e essa em minha casa não se importasse.

Jorge observou a seriedade e confusão nos olhos de seu patrão, depois analisou Lúdia com cuidado. Ele não tinha uma convivência com a família Garcia, mas começou a colocar mais importância nas observações de Fernando.

— Quer que eu a siga? — Jorge sugeriu, engatilhando uma bala à câmara da arma.

— Não — disse Fernando, ainda pensativo. — Coby é muito bom, vai perceber que estamos a espionando. Deixe isso para lá. — Fernando se virou, indo para o banheiro. — Fique de olho nela enquanto tomo banho.

O seu telefone tocou. Fernando o tirou do bolso e atendeu.

— Senhor? — Uma voz rouca e preocupada indagou do outro lado da linha.

— Pode falar — disse Fernando, deixando Jorge alerta.

— O segurança da sala de câmeras da boate está indo para sua casa... — A voz fez uma pequena pausa. — Mas ele disse que parte dos CDs foi roubada de lá.

— Foram roubados? — Fernando olhou para um ponto cego. — Por quem?

— Lúdia Garcia!



INQUIETA, LÚDIA SE levantou um pouco, começou a andar pela sala, olhar os quadros expostos em lugares que ficavam perto das luminárias. Encontrou também fotos de família em cima de uma pequena bancada de madeira. Com olhar curioso, ela pegou um porta-retratos onde tinha os três irmãos e Afonso entre eles. A fotografia parecia bem antiga, ela observou.

Embora ela soubesse que ali eram fotos comuns de família... algo a intrigou... Algo estava diferente. Fora do padrão. Ela se aproximou mais..., um pouco mais... estreitando os olhos como se tivesse problemas de visão e quase chegou a ter dúvidas sobre aquela imagem, no entanto, Fernando apareceu. Lúdia colocou a foto no lugar e se virou.

Ele cruzou a sala, em silêncio, espalhando um perfume de colônia e sabonete.

Lídia observou que ele estava mais vestido que há poucos minutos. Sua camisa preta tinha as mangas muito apertadas, o peitoral estava com seus músculos inchados e o caimento folgava logo abaixo chegando até o cóis de sua calça jeans escura, sobre seus ombros, um coldre com encaixe para duas armas, duas pistolas pratas estavam encaixadas nele. Descalços e cabelos bagunçados, ele a incomodou rapidamente.

Quando Fernando cruzou todo o espaço até chegar ao bar, ele a olhou ainda com todas as questões em sua cabeça.

Por que ela estava diferente? Ele não sabia se essa era a pergunta chave ou a correta a ser feita, mas não lhe saía da cabeça. Algumas dessas questões teriam que ter suas respostas, hoje!

— Martini? — inquiriu Fernando, indo para trás do balcão de mármore negro.

Ele teve que dar as costas para Lídia ao fazer isso, e ela teve a perfeita visão de sua bunda em seu jeans de belo caimento. Foi inevitável não erguer as sobrancelhas e imaginar o quanto ele era definido... Musculosamente perfeito.

— Não, obrigada — disse ela, voltando para o sofá, limpando a garganta. Não estava disposta a contemplar o espetáculo casual.

Embora Lídia havia recusado a bebida, ela foi pega de surpresa, quando Fernando desconsiderou e trouxe uma taça para ela, entregando sobre o ombro direito. Lídia olhou para a taça um instante, depois pegou a bebida e provou.

Fernando deu a volta no sofá, mas sentou-se em uma poltrona que fazia conjunto com o sofá que estava há uns dois metros de distância de Lídia. Tomou seu Martini, sem tirar os olhos dela.

— Petra não era má pessoa — disse Fernando. Lídia olhou para ele, repousando a taça sobre suas pernas cruzadas. — Só fazia mal a ela mesma... Você gostava dela mesmo, não é?

— Muito — Lídia quis dar atenção a sua azeitona e ficou brincando com ela na bebida, com olhar distante. — Petra era muito atenciosa, além de frágil.

— Entendo — disse Fernando em tom baixo. — Sobre ontem à noite... — Ele pensou em tocar no assunto, queria saber o que motivou Lídia ir à sua procura, uma vez que ela mal se aproximava dele.

— O que tem? — Lídia ergueu o rosto, encontrando os olhos de Fernando muito atentos, fixos a ela, tomou mais da bebida demonstrando indiferença, dando uma olhadela para ele sobre a borda do copo.

— Por que você quis...? — Fernando quase rosnou.

Estava frio, impenetrável por fora, mas por dentro... sentia o sangue

correr livre e quente pelas veias, um calor de raiva que lhe invadia.

— O segurança da sala de filmagens chegou — interrompeu Jorge, entrando na sala.

Fernando olhou mais uma vez para Lília, depois, tomou seu Martini de uma vez, se erguendo, caminhou até a porta, dando a Jorge seu copo vazio.

Lília largou a bebida e se levantou, ansiosa. Enxugando as mãos suadas em sua calça.

Quando Fernando abriu a porta, um homem alto, branco e muito magro entrou na sala. Ele tinha poucos cabelos e usava óculos de armação fina. Vestia uma camisa vermelha de botão e calça social.

Quando o homem avistou Lília, a cumprimentou com descrição, fazendo um aceno de cabeça.

Lília, de onde estava, observou que o homem não tinha nada nas mãos, também ninguém lhe acompanhando.

— Fique à vontade — pediu Fernando, indicando o centro da sala.

— Com sua licença — disse o homem, meio nervoso.

— Acho que sabe quem é Lília Garcia? — Fernando ficou de pé, apresentando a jovem que estava na sala.

— Sim, claro — disse o segurança da boate. — Um prazer revê-la, senhora.

— *Me rever?* — Lília ficou confusa, mas logo afastou a confusão. Uma ideia lhe ocorreu rapidamente. Dê certo eles já devem ter topado por aí quando a mesma teve que frequentar o mesmo ambiente que Fernando estivera.

Fernando olhou para Lília, melhor, ele não tirava os olhos dela nem por um instante.

— Sente-se, por favor — pediu Fernando, cordial demais, afastando a poltrona que estava sentado e fez sinal para que o homem sentasse ali.

O homem aceitou um pouco trêmulo.

Ninguém era chamado para a casa de Fernando, se algo sério não estivesse acontecendo, pensou o segurança sem saber para onde olhar.

— Lília, esse é Vitor — disse Fernando, sentando no sofá.

— Prazer, Vitor — Lília o cumprimentou.

— Sente-se você também — pediu Fernando, para Lília.

Lília estava desconfortável, como se seu sexto sentido dissesse que coisas ruins iriam acontecer.

De agradável e espaçosa, a sala se transformou rapidamente pequena e com ar denso e cortante, porém, ela se manteve com expressões tranquilas, um tipo de olhar nada para expressar. Então, Lília sentou. Respirou. Esperou.

— Trouxe o que pedi? — inquireu Fernando.

Vitor endireitou os ombros, sentiu uma pontada fina e fria atravessar seu estômago.

— Veja bem... — Vitor tentou dizer.

— Trouxe ou não trouxe? — Fernando parecia paciente, embora Lída desconfiasse que isso não iria permanecer assim.

— Sim... quer dizer. — Ele endireitou os óculos. — Não tudo o que o senhor precisa — admitiu Vitor, apertando os lábios, olhando para Lída como se pedisse socorro.

Lída entendeu e olhou para Fernando.

Isso vai dar merda, ela pensou na hora.

— Quer beber alguma coisa, Vitor? — perguntou Fernando, se levantando novamente. — Antes que você chegasse eu e Lída estávamos tomando Martini, gosta?

Ele estava sendo cínico, irônico? Ou o quê? — questões que Lída queria respostas, mas temia como elas chegariam.

— Não, obrigado — a voz de Vitor vacilou.

— Ah, deixe de bobagem. — Fernando pegou uma taça e a encheu. Depois, buscou um palito, encaixou uma azeitona e a colocou na taça. — Se aproxima da hora do almoço, e não a nada melhor que um Martini antes disso... — Ele caminhou até Vitor, que por sua vez se levantou e recebeu a taça.

— O-obrigado — As mãos do homem tremiam.

— Sente-se — pediu Fernando, forçando os ombros dele até que Vitor sentasse. — Fique à vontade.

Ele não estava e nem ficaria.

— Há quanto tempo trabalha para mim, Vitor? — inquiriu Fernando.

— Oito anos, senhor.

Lída começou a duvidar da cortesia de Fernando, não achava que era assim que ele tratava seus funcionários. Também sabia que ele não os chicoteava, mas duvidava que Aguiar fosse do tipo de homem de negócios passivos.

— O que você estava dizendo mesmo? — Fernando sentou-se ao lado de Lída.

Vitor bebeu, quase tudo e disse — Tenho filmagens da boate, parte da noite e toda madrugada — afirmou, tirando do bolso da camisa um disco pequeno. — Mas isso não é tudo. — Ele se levantou e deu a Fernando.

Fernando segurou o disco. Olhou para Vitor, agora um pouco menos cortês de como estava sendo desde que o pobre homem entrou em sua casa.

— Entendo — disse Fernando. — E onde está o resto, Vitor?

Vitor tentou se conter em dizer-lhe de uma vez, mas quis primeiro olhar

para Lília e ver se ela se manifestava.

É claro, para Vitor, tinha sido 'aquela' Lília que havia lhe prendido atenção na noite passada, que tinha flertado com ele, quase o beijado e fora ela - a única - que esteve na sala quando Vitor deu por falta de um disco entre um dos aparelhos de vigilância.

Lília não entendeu a pausa de Vitor, principalmente o porquê que essa pausa estava ligada pela forma estranha pela qual ele a olhava. Sem entender, meio perdida, Lília olhou para Vitor, depois para Fernando, foi quando ela viu que o mesmo não tirava os olhos dela.

— Acho que a senhora Lília os tem — disse Vitor, visivelmente desconfortável.

— Como? — Ela se levantou perplexa, agora sim, totalmente confusa.



PARA O PARECER DE Fernando, ele havia chegado a ideia de que Lília estava na boate por algum motivo além de uma transa sem sentimento, o que ele não estava certo era o porquê. Contudo, se ela foi a pessoa que deu um fim da parte das filmagens, qual era seu intuito em procurá-lo e pedir pela mesma?

— Mas isso é impossível! — disse Lília, indignada, perdida.

Fernando não moveu um músculo.

— *Me-me desculpe senhora.* — A tremedeira de Vitor aumentou. — Mas com exceção da senhora, ninguém mais entrou naquela sala ontem à noite.

— Você permite que seus funcionários se droguem antes do expediente? — Lília disse para Fernando, encontrando nele exatamente nada em suas expressões.

Ele sabia jogar, ela percebeu.

— Você tem certeza? — inquiriu Fernando, para Vitor. — Tem total certeza que foi Lília Garcia quem entrou no corredor administrativo da boate — Era como se ele já acreditasse no que Vitor falava, só precisava de uma confirmação —, procurou pela sala de vigilância, o abordou com falsas 'boas' intenções e conseguiu, diante de sua falta de cuidado e profissionalismo, pegar o material que seria usado para descobrirmos o que havia acontecido parte daquela noite, sendo elas as filmagens internas e, principalmente, as externas as quais está a morte de Petra?

O coração de Lília parou, sua cabeça latejou, deixando-a tonta.

Isso era armação de Fernando? — ela quis saber, questionando-se

internamente, analisando as possibilidades para se defender.

— Sim, senhor — disse Vitor, preocupado. Ele sabia, mas do que ninguém, que a corda sempre arrebentava no lado mais fraco, isso era óbvio, matematicamente possível, fisicamente comprovado, contudo, ele prosseguiu: — Não temos nada no registro do que aconteceu do lado de fora.

— Isso é um teatro? — Lídia começava a ficar irritada. Olhava para todos que estavam com ela naquela sala. — A porra de uma encenação para que eu não saia daqui com o que eu quero?

Fernando se levantou, ainda sendo uma incógnita para todos. Ninguém sabia o que de fato estava percorrendo em sua cabeça, e isso assustava Vitor, agitava Lídia e deixava Jorge bem atento ao menor gesto de ordem.

— Ele está mentindo? — Fernando olhou para Lídia, apontando para seu funcionário. — É isso?! Ele, um funcionário que tenho há mais de oitos anos de trabalho impecável, está mentindo?

— Mas é claro que sim! — Lídia nunca iria dizer ao contrário. — Isso não tem cabimento, nem mesmo fundamento. Por que eu iria roubar esse material para no dia seguinte estar aqui, pedindo a você?

— Se certifica que não temos mais nada? — Vitor se pronunciou, com voz insegura. — Esconder algum fato que não pode ser revelado?

Lídia o olhou pasma. Sua respiração alterou. Ela se virou para Fernando — Pare de jogos, Fernando! *Me* entregue a merda dessa gravação e lhe prometo que tão cedo você não vai ver minha cara novamente.

Fernando ergueu uma sobrancelha, como se duvidasse, ou melhor, previsse que aquilo estava longe de acontecer. Era incrível como eles sempre tinham uma questão a ser resolvida.

Fernando deu um sorriso zombeteiro. Por fim, se levantou, andou até o Jorge e estendeu uma mão. Jorge tirou de dentro de um bolso da sua jaqueta, um maço de cigarros e entregou à Fernando.

Lídia permanecia imóvel no meio da sala, ora olhando para os dois e em outras para Vitor. Querendo entender tudo o que se passava enquanto se sentia perdida. Isso era uma situação totalmente imprevisível e impensável.

O futuro chefe do cartel, Fernando Aguiar, colocou um cigarro entre os lábios, depois, a mão no bolso de trás do seu jeans, tirando de lá um isqueiro de ouro, acendeu o cigarro e tragou-o fechando os olhos cinzentos — todos o olhando —, fechou o isqueiro fazendo o som do metal ecoar pela amplo ambiente, olhou para Vitor, depois para Lídia, em seguida.

Fernando olhou para Jorge, fazendo um leve movimento em suas pálpebras. Jorge avançou para a direção de Vitor, que logo protestou, gritou, esperneou.

A corda estava sendo puxada.

Lídia viu Vitor ser detido como um bicho pronto para o abate. Ela nunca presenciou seu pai agir, ele nunca permitia que isso pudesse acontecer, Gonçalo sempre teve o amável cuidado em manter suas duas filhas longe de tudo que pertencia ao fator sujo do tráfico, ao que fosse ilícito.

Entretanto, parecia que Fernando gostava de lembrá-la em que mundo ambos viviam. Uma vida suja, além de luxuosa.

— Senhor Fernando! — Vitor o chamou, carregado de pânico. Jorge o segurava, mantinha Vitor bem sentado. — Pelo amor de Deus... eu não tenho culpa...

— Tape a boca dele — pediu Fernando, fumando seu cigarro, ainda onde estava.

Jorge lhe deu um soco que fez Vitor se calar e ficar completamente tonto, desfocando sua visão. Em seguida, tirou de dentro de um bolso da calça, uma mordaca e apertou na boca de Vitor.

— Isso é necessário? — Lídia estava perturbada com a ideia de ver um homem ser torturado na sua frente.

— Há uma coisa que tenho que lhe dizer, Lídia — falou Fernando, dando passos lentos, com sua mente e corpo totalmente calmos. — Eu detesto mentirosos. — Ele a olhou bem profundo, inquietando Lídia por completo. — *Me diga...* — Apontou para Vitor, fazendo-a olhar para o mesmo. — Vitor é um mentiroso em dizer que você está com o que me pertence?

— Mas é claro que é! — disse Lídia, sem vacilar, não querendo acreditar que isso poderia ir longe demais.

— Não... — Vitor tentou protestar, mas levou um soco por isso.

— Mande-o parar Fernando! — Lídia elevou a voz.

Fernando tragou mais seu cigarro, era seu favorito e adorava prová-lo sem pressa.

— Claro que mandarei — disse Fernando, soltando a fumaça, fazendo-a esconder leves expressões divertidas em seu rosto. — Basta você dizer que ele não está mentindo. — Ele sorriu, para ela, como um assassino debochando da vida.

Lídia abriu a boca para dizer algo, perdida, ela não sabia como começar, o que dizer. Gritar que ele estava fazendo tudo aquilo para querer apavorá-la? Encenando um fato que não aconteceu para fazer com ela desista, procure outros meios sem que seja necessário colocá-lo na jogada?

Por que ele estava fazendo isso? A cabeça de Lídia processava rápido.

Se admitir que ele está mentindo, o homem seria espancado até desmaiar? Mas e se ela falar o contrário, ela sairia sem nada, nem mesmo

esperanças... Fernando ganharia, mais uma vez, ele iria fazê-la de idiota, rir da cara dela assim que atravessasse a sala e saísse de seu apartamento batendo a porta frustrada.

Ele tem culpa, pensou Lídia com raiva, encarando Vitor, depois Fernando. Fernando quem a matou? É por isso todo esse teatro? Lídia não sabia por onde começar.

— Eu não tirei nada de sua boate — disse Lídia por fim. — Seu segurança é a porra de um mentiroso, assim como você — terminou de dizer com ódio lhe correndo nos olhos.

Fernando percebeu, absorveu e olhou para Jorge, o mesmo entendeu o que fazer. Tirou de dentro de um bolso interno de sua jaqueta um lindo punhal de metal branco de cabo de madeira polido. Vitor viu o que Jorge segurava, e com resmungos e olhar, ele implorava para que Lídia lhe dissesse a verdade.

Com os olhos vidrados, Lídia queria que eles parassem, deixassem de crueldade, de perturbar o seu controle, testar sua mente.

— Fernando... — ela o chamou, se virando para ele, como se por algum milagre ele começasse a sorrir, fazendo Jorge parar e soltar o homem, para em seguida entregar o que ela precisava, acabando de vez com o teatro.

Mas ele não fez. Fernando queria descobrir o que tirar daquilo, até onde ela iria com mentiras. Lídia descobriria até onde Fernando era capaz de ir com tudo aquilo.

Fernando se aproximou, indo para as costas de Lídia, como fizera na noite passada. A mão que segurava o cigarro deslizou pelo braço dela, Lídia ficou parada, querendo que isso acabasse de uma vez.

— Mentirosos morrem em minhas mãos, Lídia — sussurrou Fernando, perigosamente no ouvido dela, deixando-a em vibração, medo. — Olhe para ele — pediu gentilmente, erguendo o queixo dela, a fumaça do cigarro enchendo o nariz dela. — Um mentiroso coloca vidas em risco... sabia? Vidas como a sua — provocou, inclinando-se mais, deixando um leve e breve toque de seus lábios na borda do lóbulo da orelha da jovem trêmula. — Temos que fazer alguma coisa sobre isso... ou tudo vai se ruindo entre nossos dedos.

— O que vai fazer com ele? — Lídia queria acreditar que nada de fatal seria feito, contudo era imprescindível a voz que lhe abalava as estruturas e emitia um pensamento totalmente diferente. A voz era calma, excitante, rouca, dominadora, um total autocontrole quase sobre-humano.

— O que qualquer homem na minha posição faria — disse Fernando, ficando ereto, segurando o rosto de Lídia para não tirar sua atenção de Vitor.

— Mas me diga o que... — Lídia iria formular uma pergunta, embora ela estivesse sondando, criando tempo, Fernando não tinha tanto assim naquele dia.

Ele fora rápido, como um leão apressado em rasgar a presa. Lídia mal conseguiu enxergar quando Fernando arrancou sua pistola, atirando em seguida no estômago de Vitor, fazendo o pobre vomitar sangue e se contorcer de dor.

O som próximo do tiro zumbiu os ouvidos dela, fazendo Lídia tampá-los. Ela tremeu por completo dos pés à cabeça, sem deixar de sair de seu lugar.

— Olhe — ordenou Fernando para ela, sua voz era longe, ela ainda estava zonzinha pelo barulho agudo. — Olhe — repetiu ele.

Lídia engoliu um bolo seco que se formou em sua garganta, e olhou. Vitor ainda estava vivo, sofrendo intensamente, mas vivo.

Fernando se afastou, aproximando-se de Vitor, que o olhava suplicante. Jorge entregou a Fernando o punhal.

Lídia viu Fernando guardar sua arma, agora quente, no coldre em seus ombros. Ele estalou o pescoço, para esquerda, depois direita, relaxando os ombros.

— Deixe-o — Lídia pediu, sentindo pena da vítima. — Pare com isso... por favor.

Ela queria vomitar, colocar para fora todo vinho consumido no início da manhã de hoje, o Martini que lhe foi ofertado quando ainda tinha serenidade em seus olhos.

Fernando viu o sentimento frágil formar as feições dela. Para ele, Lídia tinha que deixar de lado os ensinamentos protetores de Gonçalo e se acostumar com a morte, com os desafios infernais que ela terá pela frente.

Ele sorriu para ela, como se flertasse naquele momento, era impróprio, mas Fernando gostava de jogos que apenas ele pudesse ganhar.

— Você é cruel — disse Lídia, exausta.

— Você não viu nada, *baby*. — Ele deslizou, profundamente, a lâmina pelo pescoço de Vitor, terminando com o único suspiro, um pequeno e fino fio de vida que ainda restava para o miserável, fazendo Lídia gritar desesperada.

E a corda se arrebentou.

O horror da cena colocou por terra o equilíbrio emocional que ela tinha, fazendo seus olhos encherem de água, contemplar a injustiça batalhar com a justiça.

Fernando tinha um mentiroso na sala. E como um homem de cartel, filho de quem é, treinado para seu destino, um teria que morrer, mesmo que o verdadeiro mentiroso ainda estivesse impune.

Lídia precisava sair dali, rápido, logo. Ela se virou, pegou sua bolsa e correu em direção a porta, mas logo seu corpo foi pressionado contra a madeira lisa.

— *Me solte!* — Ela se debateu.

Fernando a virou, deixando-a de frente para ele. Queria encarar a mulher, desafiá-la um pouco mais, fazê-la dizer a verdade que ele acreditava.

Lídia queria ir para longe dele, deixar que ele acreditasse na mentira contada contra ela. O que ele faria mais? Machucar não poderia. Torturar mentalmente, ele já havia feito.

— Primeiro, você vai se acalmar — disse Fernando. — Depois lhe deixo ir.

O peito de Lídia subia e descia, os olhos estavam perturbados, tristes. Isso atingiu algo em Fernando, ele não entendeu o que exatamente, mas sentiu.

— Tire suas mãos de mim! — ela rosnou entredentes, olhos esbugalhados, querendo espancá-lo.

Fernando atendeu o pedido.

Lídia olhou para ele, suas mãos tinham sangue, depois para ela, sua garganta fechou quando viu sangue em seus braços e na sua blusa.

— Eu quero que você se foda! — ela gritou. Pegando na maçaneta da porta, Lídia tentou sair daquele lugar.

Fernando a segurou mais uma vez, dessa vez, pela cintura, afastando-a da porta.

O calor do corpo de Lídia ligou ele de forma surpreendente. O perfume que ele gostava estava bem próximo, era o tipo de perfume que o deixava perturbado. A boca entreaberta estava mais perto, fazendo as tentações retornarem, agora, com mais força, muito mais desejo.

Fernando não lembrava como era o beijo, tinha fatos que não lhe tocavam a mente, sabia o quanto ela poderia ser provocante, mas o beijo era vago o suficiente para que ele não conseguisse lembrar o sabor, a maciez dos lábios, o tanto de calor que eles tinham.

— Fernando — Lídia disse, baixinho, quando ele encaixou uma mão no rosto dela e deslizou o polegar por seus lábios, o toque a deixou perdida. Ele queria assustá-la, mas também precisava acalmá-la.

Quando ele sentiu a maciez da boca dela através do polegar, quis saber como era aquela textura em sua boca, só por um minuto e nada mais. Os olhos dele estavam baixos, encarando os lábios secos e entreabertos dela.

— Sim? — disse ele, levando a excitação do seu olhar para ela.

E Lídia sentiu, imediatamente. Lembrando-se de como era bom a forma que ele sabia segurá-la, o cheiro e calor que decorria de seu corpo monstruoso. Era possível ela sentir músculos ficarem ainda mais rígidos do que já eram, como se ele lutasse contra qualquer que fosse o sentimento que o deixou ali, a segurando com cuidado, porém forte o suficiente para que ela não escapasse mais.

Não era ela, Fernando disse para si mesmo, querendo se convencer de que não estava louco, drogado sim, mas louco não. Embora nada justificasse sua teoria, ele ainda teimava nessa hipótese.

— Não faça isso — disse ela, prevendo o súbito interesse dele, ela deixou a bolsa cair, deixando suas mãos livres para se segurar no homem que a mantinha entre braços grandes fortes.

O toque das pequenas mãos o perdeu por completo. O jeito que ela o olhava. Tudo muito perto, desmantelou-o.

— Porra Lídia — ele rosnou, um segundo antes de beijar a boca.



O HÁLITO ERA PICANTE pela bebida, mas a textura. ‘Mmm’, gemeu ele, como se provasse uma deliciosa ameixa entre seus lábios. Macios e deliciosos sentiu Fernando quando pressionou contra os lábios dela. Ele deslizou a língua e provou, sentiu a maciez, passou mais um pouco, com cuidado, querendo relaxá-la... dominá-la.

Lídia apertou a camisa dele em suas mãos, como se tentasse segurar um corpo já assegurado, manter em terra uma cabeça que já estava flutuando à atmosfera. Seu coração batia violentamente, e ela teve medo que ele estivesse escutando. Todos os sentimentos misturados sobre aquelas últimas horas a deixava em combustão.

‘Nada... ele não valia nada’, quis ela se convencer, em seus pensamentos emaranhados. ‘Um demônio, um homem sem alma que carregava a morte na mão direita. Um narcotraficante sem coração. Ele não valia exatamente nada!’

Fernando pressionava sua boca na dela, em outras, deslizava os lábios pelos contornos, esquecendo da bagunça que fizera logo mais atrás, fazendo Lídia esquecer também.

— É isso aí amigo — Jorge bateu no ombro do morto. — Acho que sobramos aqui... Quer dar uma volta? — Ele juntou os braços do falecido e o jogou sobre os ombros, saindo da sala, do apartamento.

O estômago de Lídia doía, pois não havia se alimentado direito desde que o dia amanhecera. Não teve o prazer de ter uma noite de sono, porque cuidou dos trâmites legais de um velório e a transferência do corpo de sua amiga. Havia bebido uma considerável quantidade de álcool que deixou seu sangue quente, pronta para enfrentar o dia difícil. Irritou-se com a incompetência e fragilidade de um sistema falho que é a polícia – paga por cartel. Estava no limite emocional depois de ser acusada por algo que não havia feito, em seguida, presenciou o

assassinato de um homem que nem mesmo ela sabia se morreu inocente...

Lídia estava exausta... de tudo.

Apesar de ter pessoas que poderiam lhe ajudar, Lídia estava nos braços do único homem, pelo qual ela sempre manteve a devida distância, um tipo que ela não confiava, um devasso que ela fingia não notar.

Os braços dele eram de um calor infernal, o cheiro agridoce do sangue foi abafado pelo aroma morno de almíscar que lhe provocou tonturas na mente.

Ou seria a boca que lhe provocava?

Ela não conseguia decifrar, determinar algo para que pudesse se concentrar.

Fernando não tinha nada contra aquela mulher determinada. Ele até gostava dela. Entendia que era preciso sempre estar a uma distância de segurança, além do que ele gostaria, mas existia uma linha de atração entre ambos, uma tensão que ele sentia com facilidade quando ela estava tão próxima – tão apertada como um abraço, com seus olhos pesados, suplicantes e tentadores. Conseguiu encontrar isso no primeiro dia que se viram. Sentiu desejos por ela no momento que suas mãos a tocaram, que seu corpo lhe desejou por inteira, mas abafou esse sentimento pela juventude dela.

Fernando deslizou a ponta do nariz pela borda do lábio superior de Lídia. Sentiu que ela estava rígida em seus braços, querendo resistir. Embora estivesse noivo e pronto para se casar, estava disposto a fazer as vontades de Lídia Garcia, mesmo que ela não soubesse ou não admitisse quais seriam essas, contudo, ele estava determinado a acalmá-la depois de ter abalado seu sistema nervoso.

— *Me deixe tranquilizá-la* — pediu ele, cheirando o pescoço dela, sentindo as veias trabalharem com intensidade.

A respiração de Lídia era rápida, constante, quente, arfante.

Fernando amava aquele tipo de descontrole, da pulsação forte, e beijou a veia que saltava, depois, lentamente... deslizou a língua por eles, sentindo o inchaço que ele mesmo causou.

Mmm..., foi a vez de Lídia gemer, apertando mais a camisa dele entre seus dedos.

— *Eu não peguei gravação nenhuma* — disse Lídia, com voz mais tranquila.

‘Ah, merda! O toque dele estava fazendo efeito’, murmurou ela, internamente.

— *Esqueça isso agora* — pediu ele, fazendo-a olhá-lo, deixando Lídia hipnotizada pelo poder narcótico que tinha no tom prateado de seus olhos baixos, carregados de prazer.

Lídia não esqueceu, naquele momento talvez, mas minutos depois aquilo

iria começar a martelar em sua cabeça.

Minutos atrás praticou um assassinato para motivá-la a contar uma verdade que ele não sabia se de fato existia, além de punir um empregado que permitiu a entrada de alguém na sala de segurança, isso estava fora de ser algo irrelevante.

Ele estaria usando esse momento para liberar seu desejo guardado no submundo de seu ser ou para tentar lembrar como era aquela mulher em seus braços? Ele não tinha muitas respostas quando a questão era Lúdia Garcia.

Fernando deslizou mais um pouco os lábios sobre os dela. Ainda não teve o prazer de sentir o gosto do beijo naquele momento.

— Abra — Ele pediu. — Abra pra mim... — Mordiscando os lábios dela, deslizou a língua mais uma vez, pedindo, quase... implorando pra sentir o calor de sua boca, o sabor da língua dela.

As pálpebras de Lúdia tremeram e assim seus olhos fecharam. Foi perigoso, insano, mas ela se deixou levar, precisava aquietar-se, queria relaxar para pensar.

Tudo estava tão bagunçado em sua mente, sentimentos à flor da pele, tensão e tesão bombeando seu sangue.

Ela não sentia medo de Fernando, mas desconfiava de todas as 'boas' intenções que ele pudesse lhe oferecer, embora essa falha – permitir que ele se aproximasse tanto – arranha-se os sentimentos ruins que sempre fez o esforço de nutrir, Lúdia não quis que aquele toque, aquele corpo..., todo o carinho de sua boca lhe desestruturasse por inteira, ela ainda precisava dos sentimentos que tinha por ele. Ela necessitava não confiar totalmente.

A boca dela se abriu um pouco, só um pouquinho, entretanto, foi o suficiente para ele. Fernando deslizou a língua quente pela borda e ela arfou com uma intensidade embriagante para os ouvidos dele. Abrindo mais... ele se aproveitou e enfiou-lhe a língua até bater na dela.

Lúdia tremeu nos braços dele.

Fernando respirou pesado, apertando um pouco mais um corpo no outro, porque sentiu que ela havia amolecido por completo quando foi generosa em deixar que ele lhe provasse ... beijasse.

Seus lábios se entrelaçaram, deslizaram, sugaram um ao outro, mordiscaram quando era necessário provocar, excitar, enlouquecer.

Lúdia se derramava, se entregava, esquecia de tudo, agarrando os cabelos negros e macios dele. Ela esqueceu do homem pela qual estava disposta a ficar com ele, dos anos que disse a si mesma que Fernando Aguiar nunca tocaria nela.

Fernando descobriu uma tentação nova, os lábios de Lúdia Garcia. Kali nem raspou em sua mente naqueles luxuosos minutos. Ele só queria provar,

provar... provar...e provar...

‘Como não senti isso, ontem?’, sua mente trabalhou nessa questão.

Foi uma queda flutuante, assustadoramente deliciosa, sentiram ambos quanto mais o beijo se encaixava, os consumiam, desfocava do mundo, até mesmo da mente barulhenta.

Foram alguns minutos, mas Fernando conseguiu fazer com que Lídia esquecesse que ele foi cruel, e que poderia ser um belo amante, era só ela aceitar.

— Fernando — ela o chamou, os lábios roçando um no outro, respiração se chocando, fazendo-o se excitar-se, perturbasse.

Ele queria mais, sem sombras de dúvidas. Gostou de acalmá-la, de protegê-la de seus próprios tremores. Dominar os sentimentos agitados. Fernando deslizou uma mão pela coxa dela, a trazendo para encaixar em seu corpo, abrindo-a para se aproximar de seu calor, da pulsão do sexo que ligou com o contato delicioso do beijo que compartilharam.

Quando ela sentiu o pênis duro como uma rocha, teve um alto controle do cão para não gemer alto, suspirar como uma garotinha boba agarrada a camisa dele.

— Precisamos de um banho — disse ele, mordendo os lábios dela, movendo seu quadril de leve, como um convite. — Posso lhe dar isso. — Fernando estava pegando fogo. — Depois lhe colocar em minha cama. — Ele mordeu o queixo dela. — *Lhe* beijar toda...

Ah, inferno!’, Lídia estava imaginando.

— Porra, Lídia, eu estou louco pra trepar com você... — continuou ele, a pegando pelos cabelos e fazendo olhá-lo. — Venha para cama comigo.

Ir para cama de Fernando Aguiar? Apesar de tentadora, a proposta fez ela retornar para o mundo real, arrancando com força da queda que seu corpo estava.

Lídia tomou aquilo como insulto. Fernando estava para casar em menos de dois dias. O pedido a fez sentir-se mal. Ela colocou em sua mente que ele estava a classificando como uma vadia, das que ele precisava para abarrotá-lhe de vontades.

— O que disse? — Ela queria alimentar a raiva que sentiu quando ele a chamou.

Lídia não transaria com ele.

O beijo, que antes era uma necessidade impensada, se tornou um erro astronômico. Embora tenha surtido efeito para ambos, alimentou um sentimento tímido e quase abafado, mas ir para cama com Fernando? Ela não aceitaria, não se deixaria levar.

Fernando não se sentia mal com a proposta.

Primeiro, por ser descarado, vil e devasso.

Segundo, na cabeça dele, a mulher que havia transado e gozado na noite passada era ela, então – para ele – Lúdia não se importaria de fazê-lo lembrar do prazer, com riquezas de detalhes, e se ela era realmente boa, se ele iria gostar 'mais' dessa vez.

— Tomaremos um banho — sugeriu ele, a olhando com carinho, querendo-a fortemente. — Depois vamos para cama... tenho mais uma hora livre.

Um banho.

Depois, cama.

Por que ele tinha uma hora livre?

Lúdia piscou. E antes que a raiva se projetasse em expressões sobre seu rosto levemente corado, ela sorriu.

— Quer fazer sexo comigo, Fernando? — disse ela, falsamente lisonjeia.

De todo modo, ela gostou de saber sobre isso. Fernando a queria, mesmo que fosse para aliviar a tensão que o beijo lhe deixou.

— Quero. — Ele estava se excitando mais, insuportavelmente duro em suas calças. — Quero muito.

— Eu também quero — mentiu ela, para ele. Mas no fundo a verdade lhe rompia por dentro. — Quero muito — repetiu, passando as unhas afiadas sobre o pescoço de Fernando.

Fernando sentiu desconforto, e sentiu que ela havia ficado diferente, mesmo que sorrisse e o encarasse com olhar pesado.

Lúdia enfiou seus dedos nos cabelos dele, apertando com força. Fernando tentou segurar as mãos maldosas, mas ela atacou-lhe a boca primeiro, fazendo daquele momento um tanto selvagem. Fernando gostava, até preferia. Lúdia girou a língua e conseguiu pegar a dele, então a chupou até que Fernando gemesse, entregasse os pontos, grande como era, mas derramando-se sobre as pequenas mãos astutas.

Ele desceu a mão grande até o pequeno quadril de Lúdia, e com ganância, esfregou sua virilha na dela, fazendo a mesma sentir de onde via todo o fogo que estava o queimando.

Sentindo o pênis pulsar, ela quase se deixou levar na queda novamente.

Como mulher, Lúdia estava com fome profunda no quesito sexo, mas como amiga de uma pobre coitada que morreu por maldade de algum dos Aguiar, Lúdia se tornou uma astuta mulher traiçoeira, puxando os cabelos dele com força, arrancando fios negros, mordendo os lábios dele para que ficassem inchados.

Quando Fernando apertou mais sua mão no quadril dela, gemendo como

um pobre condenado faminto, Lídia sentiu que era hora de sair dali.

‘Obra do destino?’, ela sorriu internamente.

Sim, era possível! No passado, ele zombou de sua inexperiência, brincou com o desejo aparente que ela mostrava na passividade de seu olhar, de permitir que se aproximasse. Agora, ela tinha todas as peças do jogo, e quis, sem sombra de dúvidas, ganhar essa batalha.

Lídia conseguiu deslizar suas mãos por dentro da camisa e arranhar o abdômen dele com ganância, Fernando sentiu a dor, se contorceu, mas não queria parar.

E com um impulso majestoso, agarrando-se aos cabelos dele novamente, colocando seu corpo leve para cima, Lídia dobrou o joelho direito e enfiou-lhe com violência entre as pernas do cretino, fazendo-o gritar de dor e se afastar.

Rápido! Sempre pensou assim. Rápido, e foi com isso, que Lídia pegou sua bolsa, abriu-a e colocou lá dentro um cinzeiro de ferro fundido, que estava próxima a uma pequena mesa de apoio ao lado da porta de saída. Ela fechou a bolsa, no momento que Fernando lhe amaldiçoava e se contorcia de dor. Lídia impulsionou a bolsa para trás e enfiou-lhe no meio da cara dele, fazendo a cabeça dele se virar com violência para outro lado, deixando Fernando tonto pela pancada.

— Se tocar em mim novamente — disse ela, com determinação. — O próximo pescoço a ser cortado será o seu, seu cretino!

Sentindo dor da cabeça aos testículos, Fernando se segurou na parede, totalmente tonto ainda sem entender como foi nocauteado por um 'pigmeu'.

Ele a olhou com fúria, mas antes que conseguisse se equilibrar para aproximar-se, Lídia passou pela porta e a bateu com violência.

— Você me paga! — ele trovejou, cuspiendo um dente que lhe foi solto, sentindo a sala rodopiar.



LÍDIA SAIU RÁPIDO. Coby a acompanhou, vendo sua patroa com rastro de sangue, então a fez parar quando ela se aproximava do elevador.

— Está machucada? — Colocou a mão dentro da jaqueta, se preparando para o pior. — Ele machucou a senhora?

— Não — disse Lídia, chamando o elevador, apertando o botão com insistência. — Ele matou o homem que perdeu as filmagens.

— Ele perdeu?

— É — disse Lídia, abrindo a bolsa e tirando de dentro o cinzeiro de

Fernando, o jogando no canto. — E ainda teve a ousadia de dizer que fui eu — completou, no momento em que o elevador abriu, ambos entraram e Coby apertou o botão do saguão.

— Mas por que ele disse isso?

— Vai saber! — Lúdia bufou. Estava a ponto de cair, mas se manteve firme encostando-se na parede de metal. — Eu sabia que não conseguiria sair daquele apartamento com as filmagens... — continuou ao saírem do elevador.

— Mas veja só quem eu encontro aqui — disse uma voz arrastada, com sotaque americano.

Quando Lúdia se virou, encontrou Tiara. Uma puta da realza. A prostituta que só se deita com o alto escalão da sociedade colombiana, que no momento, eram os donos e filhos de donos dos cartéis.

Uma loira de curvas perfeitas por bisturis e silicones com tamanhos proporcionais para lhe deixar um corpo perfeito.

Tiara estava sentada no saguão, como se esperasse ser chamada para alguma diversão particular e bem paga. Vestia um justo vestido vermelho e calçava sapatos de salto muito afiados. Os cabelos eram leves, finos e muito dourados que ficavam na altura de seus ombros, a pele era como a mais rica seda, os olhos de um castanho vivo e intimidador. Quando Tiara encontrou Lúdia, ela se apressou em se levantar e abordá-la.

As duas nunca se deram bem. Boatos que a mesma já havia se deitado com o pai de Lúdia por milhares de vezes.

— *Me* disseram que Fernando estava com visitas — Tiara olhou para o estado de Lúdia. Roupas sujas de sangue. Cabelos bagunçado. Rosto cansado, mas um tanto corado. — Mas vejo que era mais que uma simples visita, era Lúdia Garcia em pessoa! *Me* diga — pediu ela, animada. — O que ele estava aprontando dessa vez? Sei que Fernando tem uns gostos bem... vamos dizer... — Ela pensou com cuidado, já havia notado que Lúdia estava a ponto de lhe avançar o pescoço — selvagens! Sim, ele é um selvagem. — Ela piscou, fazendo o punho de Lúdia se fechar. — Mas sangue...? — Fez cara de nojo, olhando Lúdia mais uma vez de cima a baixo. — Essa é nova para mim!

— Sai da minha frente, sua puta gringa! — Lúdia rosou entredentes, dando um passo à frente, intimidando a mulher que zombava dela. — Com o espírito de cão que estou, sou capaz de lhe rasgar os silicones com as unhas!

Coby segurou Lúdia. Tinha várias pessoas circulando pelo saguão, e que já notaram a discussão. Ele não a deixaria perder as estribeiras em público.

O que mais dava raiva em Lúdia não era só as provocações de Tiara, muito menos por ser uma protegida dos Aguiar, pois a vadia era prima dos filhos de Aguiar, e era responsável pelas orgias masculinas e festas da família o que a

tornava intocável.

— Claro — disse Tiara, mostrando mãos ao alto, liberando o caminho reto que Lúdia estava fazendo antes dela se intrometer.

Lúdia passou pelo balcão de atendimento, pegou um guardanapo que tinha dentro de uma caixa de papel e colocou sobre ele o objeto que ela estava precisando, dobrando-o com cuidado.

— Eu não entendo... — disse Coby, andando ao lado de Lúdia, abrindo a porta do hotel e acompanhando-a até o carro. — Se sabia que ele não daria filmagem nenhuma, por que quis ir até lá, então?

Lúdia sorriu, sentindo que estava a um passo de saber mais coisas sobre as quais ela vinha investigando, e com esperteza em seus olhos ela mostrou o que tinha nas mãos para Coby.

— DNA, Coby — disse ela, sentindo-se vitoriosa com os fios de cabelo de Fernando.

Episódio 05 – As consequências.

“Não há nada no mundo, nem recompensa, nem castigo, o que há são consequências.”

ROBERT INGERSOLL

MANOELA SENTIU SUA garganta fechar, o peito doer de tanta aflição, as lágrimas se formaram ao redor de seus olhos vivamente negros, o corpo rígido passou a imagem de inabalável, embora por dentro ela estivesse em pedaços, ainda estava de pé elegante e totalmente linda.

Para ter passado pelas provações que passou e ter sido esposa de um narcotraficante, Manoela se tornou uma mulher que sabia bem engolir a dor, colocando em seu rosto levemente redondo uma impressão de que tudo estava indo muito bem.

Aguentou as angústias mais agudas que uma vida fora da lei poderia lhe proporcionar, mesmo que ela estivesse fora de qualquer suspeita.

Apesar da separação de muitos anos, Manoela ainda estava sob a proteção do seu ex-marido. Gonçalo Garcia. Casou muito nova. Conveniências na época. Viveu dias muito difíceis compartilhando com um homem, onde apenas ele tinha razão, dias solitários. Teve que fechar os olhos para as atrocidades que ele praticava. Calava-se nos momentos em que mais precisava falar.

Mas ela não tinha muito o que fazer. Uma vez que havia aceitado entrar naquela vida, com o tipo de homem pela qual ela disse ‘sim’ no altar, Manoela estava submetida a tudo que uma mulher de narcotraficante poderia suportar. Ela nunca conseguiria mais sair das vistas dele.

Com uma família se corroendo pela fome e frio, fizeram da beleza de uma jovem de pouco mais de quinze anos ser o motivo de promover o conforto de seu lar, os tirando da miséria.

Ela vendia água e balas com os pais nos semáforos das ruas, quando Gonçalo passou na região e encontrou nos olhos grandes e doces de uma pobre menina descalça – mas que reluzia uma beleza selvagem –, o desejo de possuí-la. Bastou uma palavra com o pai de Manoela para que ele lhe cedesse a filha.

Manoela não questionou muita coisa. Não tinha estudos, uma formação adequada sobre princípios, mas era uma menina boa, além de tudo.

Quando a mesma foi convidada para conhecer a casa de Gonçalo, que havia comprado com seu primeiro carregamento de cocaína, os olhos dela brilharam como dois diamantes.

Lá dentro, era quente, aconchegante. Diferente da pequena casa de três cômodos que compartilhava com seus pais e mais quatro irmãos menores – sendo uma menina e três meninos. A variedade de luzes que aquela casa tinha era incontável. Apesar de não frequentar a escola, Manoela sabia o básico de matemática, e pôde contar, a cada passo dado, cada uma das luminárias que lá tinha. Em sua casa não tinha nem mesmo uma lâmpada, velas eram que espantava a escuridão quando a noite caía.

Quando Gonçalo a levou para a mesa e lhe ofereceu um banquete como agradecimento por ela ter aceitado o convite, a menina pobre quase engasgou. A última vez que lembrara de ter comido uma boa refeição, era ainda muito pequena e seus pais só tinham ela como filha.

Gonçalo foi esperto. Mexeu com as suas fraquezas, com as necessidades humanas mais básicas, ainda mais de uma garota que a única coisa que viu foi miséria e dor.

Uma boa casa e comida, além de estudos e roupas. Ela só precisava aceitar ficar com ele, e toda sua família iria ganhar aquilo que qualquer família deveria ter, uma boa vida em segurança e fartura.

Duas noites depois daquela, Manoela se entregou à Gonçalo e mais um mês depois, casou se tornando uma das mulheres mais poderosas da região.

Todos diziam que era o conto da Cinderela se tornando real. Mas vida real no tráfico não existe conto de fadas.

O que Gonçalo não sabia é que aquela jovem tinha entregado seu coração para outro homem.

Quando se casaram, ela era apaixonada por um jovem que vivia em condições difíceis como a família dela, mas que tinha esperanças de conseguir algo na vida, ser grande, reconhecido, ele só não sabia em quê!

Manoela o amava com toda força, mas se sacrificou por uma vida que ela acreditou nunca ter. Aproveitando-se que o jovem pela qual era apaixonada, havia saído da cidade por motivos de força maior, Manoela se entregou a oferta de Gonçalo.

Quando o jovem apareceu, Manoela já havia tirado sua família da lama e estava perfeitamente casada. Isso o arrasou por completo. Transformando a paixão em profundo ódio. Manoela tinha um dono, além de riquezas. E o jovem não tinha mais ela.

Para matar de vez todo aquele amor que ele guardava, bastou ver Manoela com roupas caras, joias pelo corpo, saindo de um carro de luxo, com homens armados e um esposo do lado. Uma lágrima de vingança desceu pelo rosto cansado de sofrer a miséria da vida injusta e a dor da traição, de ser trocado por brilho e fartura.

Manoela quis lhe explicar, tentar justificar os fins, mas era tarde demais, ele estava morto por dentro, sabia que ela nunca seria dele, mas prometeu que seria tão grande quanto o homem que a arrancou de seus braços fracos e cansado de carregar peso.

Manoela não o viu depois disto. Seguiu sua vida com dias felizes, tristes e em muitos amargos. Mal sabendo ela que o pior ainda estava por vir.

Quando já mais adulta, em seus vinte e poucos anos, Manoela deu à luz a

uma menina forte e rechonchuda, essa seria sua primogênita, Lilian Garcia. Gonçalo ficou encantado com a beleza de sua pequena e isso o fez ficar mais em casa, diminuir as saídas noturnas e consumir menos drogas.

Parecia que depois de anos, uma esperança de paz iria chegar. Mas foi meses depois, quase um ano de idade de Lilian, que Gonçalo teve a perigosa ideia de se tornar um dos maiores narcotraficantes da Colômbia, conseguindo contatos de produtores da pasta base no Peru e trazendo o produto para o país para a fabricação da cocaína. Isso implicava em quase nunca estar em casa.

Manoela precisou sair em um dia que decidiu comprar roupas novas para sua pequena.

‘Ela cresceu tão rápido’, observou Manoela com felicidade.

Então, ela deixou Lilian com uma das empregadas de sua maior confiança e saiu da casa com um segurança no carro. Visitou algumas lojas e comprou muitas roupas lindas para sua menina. Ter Lilian em sua vida era o brilho mais puro e rico de amor que Manoela já teve.

Quando a mesma saía de uma das lojas, esbarrou sobre um homem que estava na calçada e que esperava pacientemente por sua esposa que entrou para comprar em um departamento de roupas de grifes.

Foi como uma lança em seu coração. Manoela ficou petrificada e totalmente sem fala, ao ver ali tão próximo, o homem pela qual ela queria ter amado por toda a vida.

Ele estava muito mais bonito que ela já havia se lembrado. Vestia terno caro, tinha em seu pulso esquerdo um relógio e pulseira de ouro, sentiu o perfume francês em um tom discreto, porém provocante, os cabelos bem penteados para trás, o corpo mais forte e definido. Tudo estava diferente, mas ainda assim ela sempre iria reconhecê-lo, seja lá como estivesse.

Foi como lançar vento na fogueira branda. Foi avassalador, inevitável e totalmente perigoso, mas eles se entregaram a paixão que não tiveram no passado, no tempo em que apenas se olhavam, que ela acreditava que seria forte, que a miséria da sua família não iria torná-la um preço na mão de outro homem.

Eles se amaram com toda a força que guardaram dentro de si. Escapadas no meio do dia, horas de entrega que pareciam minutos, e quando ambos se afastaram a dor os partiam ao meio, porque sabiam que cada um tinha que voltar para sua casa, sua família.

Gonçalo teve que sair do país, estava prestes a fechar um negócio com empresários do ramo bancário e viu ali a boa oportunidade de lavar dinheiro. Teria necessidade de passar meses fora e queria levar Manoela consigo, mas ela deu-lhe a desculpa que Lilian era pequena demais para estar viajando, dormindo em hotéis e tendo que voar por longas horas, todas as semanas. O argumento foi

válido e ele se foi. Ah, isso foi o bastante para Manoela viver um pouco do amor que lhe transbordava.

Mas depois de algumas semanas que Gonçalo estava fora da cidade, ela soube, em uma manhã fria, que estava grávida.

Manoela queria, exigia saber se todas as dores que ainda carregava em seu ser foi realmente por amar alguém que ela nunca teria em sua vida.

O medo de ver seu amante morto pelo marido. De Gonçalo desconfiar que aquela gravidez possivelmente não tinha atos dele. Se estava na cara que a esposa dedicada e exemplar, que ele erguia como troféu para todos, se tornou uma leviana desgraçada que possivelmente estaria carregando um filho de outro.

Seu amante quis ajudar. Eles poderiam fazer um teste e saber sobre a paternidade verdadeira, Manoela concordou, só não imaginava que a gravidez se tornou de risco e aconselhada pelos médicos a não se submeter a um teste de paternidade gestacional.

A dúvida a corroía por todo o tempo que carregava suas belas meninas em seu ventre. Apesar da dor que seu peito estava preenchido, inacreditavelmente, Gonçalo parecia querer estar ainda mais perto do que já esteve quando soube de Lilian.

Foram longos meses de total angústia.

Seu amante não teve mais notícias dela. E o ciúme e ódio começou a corroê-lo novamente.

‘Elas são minhas!’ Ele gritava para si mesmo, bêbado, drogado. ‘Elas são minhas, todas elas.’

Diante do desespero de perder, mais uma vez, aquilo que achava que lhe pertencia, ele confrontou Manoela. Prometeu deixá-la em paz, com a família que construiu, mas uma das meninas teria que ir com ele.

Foi como partir um coração ao meio, mas para garantir a vida dela e de suas meninas, Manoela cedeu ao plano quase impossível dele. Ele sequestraria uma das crianças e não colocaria mais os pés na cidade até que tudo estivesse assentado, desde que a menina não viesse junto.

A notícia de que uma das gêmeas havia sido roubada foi uma tristeza sem tamanho para família Garcia, mas Gonçalo disse, prometeu à sua mulher que iria amar e proteger todas as garotas da sua família e não iria parar de procurar sua outra filha.

E ele nunca parou.

O amante de Manoela levou a outra menina. Em seus braços, a pequena chorava como se tivesse um lamento próprio. Anos depois, quando a menina estava se aproximando de sua adolescência, ele descobriu que ela estava muito doente. A menina se submeteu à exames complexos onde o pai poderia doar o

sangue necessário, mas foi entre um teste e outro que ele descobrira que não era o pai criança.

Foi como voltar ao passado e entregar os pontos para o homem que ele odiava, era como ver mais ‘uma’ pertencer a outro e não dele. Aquele homem chorara com um amargo sem fim, mas, apesar de toda a dor e da revelação, ele não permitiu que o único pedaço de Manoela, fosse embora da sua vida. E foi assim que ele a criou como se fosse sua, escondendo de Manoela a verdade sobre a paternidade.

Depois de mais de vinte anos, lá estavam eles, Manoela e o homem que um dia ela amou, falando sobre o passado.

— Você deveria ter me devolvido quando ela ainda era muito nova — disse Manoela, com os olhos cheios de água, os lábios trêmulos.

Ela estava próxima da janela. Um corpo maduro, cabelos castanhos presos, delicadas joias em seu pescoço e pulso, um vestido preto que lhe caía muito bem. Colocando a mão sobre o vidro da janela, ela olhava com o coração partido para a jovem que estava dentro do carro e se recusava a sair de lá.

Ele se aproximou dela, ainda sentindo a dor da paixão perfurar seu peito, o tempo nunca foi o amigo deles. Apesar de ainda amá-la, ele não quis tocar em Manoela, sabia muito bem o que sentiria se fizesse isso.

— Era arriscado — disse ele, sem remorso. — Gonçalo iria rastrear o caminho e me encontrar, saber sobre nós... Todos nós poderíamos estar mortos agora.

Mas não eram esses motivos que ele deu. Não a entregar e ao mesmo tempo que matar a família aos poucos, machucar Manoela de pedaço em pedaço, rouba uma parte da felicidade daquela família.

Manoela fechou os olhos, engolindo o gosto amargo da decepção.

— Tínhamos que ter feito o teste quando elas nasceram... — Manoela abriu os olhos, sentindo dor e culpa. — Mas tive tanto medo de Gonçalo descobrir, da gravidez se complicar. — Ela se virou na direção do seu ex-amante. — Afonso — a chamou, o olhando com tristeza. — Quando Lina vai me perdoar? Quando ela vai fazer com que eu não me sinta tão...

Afonso tocou no rosto de Manoela, foi um ato impensado, mas precisava senti-la um pouco. A face dela estava fria e pálida, observou ele, com cuidado.

— Ela ainda é muito jovem e inconsequente — disse Afonso, com desejo de enxugar as lágrimas de Manoela. Seus olhos tinham as bordas com traços de dor, do tempo, da culpa. — Fazer com que ela venha até aqui já foi um grande passo.

— Mas ela está dentro do carro — Manoela enxugou suas lágrimas, sem ter ciência do monstro que tinha ao seu lado, que lhe tocava. — Nem mesmo

falar comigo quis. Lembro que da última vez que a visitei ela me disse uma ou duas palavras, contou uma pequena piada, comeu ao meu lado e sorriu... por que ela não quer me ver, falar comigo...? — Manoela caiu nos braços de Afonso, chorosa e perdida. — Como fui tola! Idiota! Eu deveria ter certezas naquela época, resistido a você, ou enfrentado meu marido...

— Foram nossos atos que nos trouxeram até aqui — Afonso envolveu os braços na mulher de sua vida, mas que nunca participaria dela. — Eu tive culpa. Mas o passado não volta atrás. Podemos consertar quando ainda estamos aqui — Ele levantou o rosto de Manoela. — Enquanto estivermos vivos, há tempo de correr atrás do prejuízo.

Manoela fungou, respirou fundo e olhou sua menina mais uma vez, sentindo a saudade agité-la.

— Eu vou até lá!

— Não Manoela — Afonso a deteve. — Lina só está assim porque quis. Se for até o carro, é certo que ela irá lhe magoar muito. Tenha certeza, ela tem uma boca pequena, mas quando a abre... faz grandes estragos.

Convencida, e com medo que Lina chamasse a atenção, porque apesar de Manoela estar em sua casa em uma cidade afastada da capital e um pouco longe dos olhos de Gonçalo, ela temia que a face de Lina fosse confundida.

— Diga a ela que a amo muito — disse Manoela, com as mãos trêmulas. — Que eu sempre estarei aqui a espera que ela me aceite em sua vida... que me perdoe por eu ser fraca, e que tudo o que mais quero é a felicidade dela.

— Eu direi — disse Afonso, dando um passo para trás, repreendendo o desejo de beijá-la.

Quando ele entrou no carro, Lina estava calada, séria e com pensamentos distantes.

Eles tinham ido até ao parque que havia perto da casa de Gonçalo e encontrado Lilian com uma amiga, caminhando. Mas Lídia ela não tinha visto, e Afonso prometeu que iria fazer com que ela visse a irmã, uma promessa que não cumprira ainda.

— *Me* deixe ficar mais um dia — disse Lina, um pouco decepcionada. Ela sabia onde estava e não fazia muita questão de sair do carro.

Existia mágoas em seu coração. Uma mãe que lhe negligenciou, uma vida sem família. Criada por um homem que descobriu há pouco tempo não ser seu pai. Rancor por não ter suas irmãs por perto. Mas nunca era tarde demais para arrumar a bagunça, do jeitinho dela.

Os anos solitários. A vida sem muito o que fazer. Dias sem amor e carinho. Momentos sem os reconhecimentos devidos a fizeram uma jovem fria e distante de sentimentos, que a fizesse igual as suas irmãs.

— Por que não quis ir vê-la?! Apesar de tudo, ela é sua mãe.

— *Me* deixe ficar mais um dia — Lina iria insistir.

— Manoela está sofrendo... — disse Afonso. — Só bastava você ter saído do carro e ter ido lá, dito algo como...

— Como: Olá, mamãe! — interrompeu ela, com sarcasmo. — Você me deu a outra pessoa porque achou que era meu pai. Mas adivinha!!! Era tudo engano e ficou por isso mesmo, porque o cretino não teve a decência de lhe dizer a verdade! — Lina estava ficando roxa de raiva. — Então eu a abraço e digo que a perdoo por não ter me reivindicado. Depois choramos juntas, falamos sobre coisas bobas e marcamos de nos ver, às escondidas, em algum lugar na Alemanha, Suíça, Inglaterra ou na porra que fosse, para não perdermos afinidades. Para a merda todos vocês!

— *Me* respeite! — Afonso gritou. — Eu te criei, te dei um lar, então tecnicamente você é minha filha!

— Você me roubou! Essa é a verdade nua e crua! Você me roubou porque trepava com a mulher do homem que a roubou de você também, e que é seu sócio para que você esteja na cola dele, ser mais rico e poderoso. Você me roubou e mente para Manoela que ainda sou sua filha! Você me levou embora do meu lar para magoar meus pais! Mas quer saber?! Deixa-a pensar que sou sua filha mesmo, porque mais cedo ou mais tarde, ela saberá o monstro que você é! Porque apenas mentir e roubar é pouco do que você fez comigo! Essa dor eu quero que ela sinta!

Afonso ergueu a mão para lhe dar um corretivo, Lina o olhou com ódio, rancor, mas não se esquivou da ameaça. Então, ele baixou quando viu uma lágrima descer do olho dela. Lina também sofria, mas essa dor era inocente sobre todos os erros cometidos por duas pessoas que só souberam se amar erroneamente. Essa dor era do amargo dos maus tratos que ela já sofreu por ser filha de Manoela Garcia.

— Mais um dia — disse Afonso, convencido. — E nada mais.

Lina sorriu, discretamente, enxugando a lágrima que vacilou, fechando os olhos e encostando a cabeça na janela, vendo ao longe a silhueta de uma mulher que a vigiava com seu coração na mão.

Um dia era o suficiente para ela fazer tudo o que planejou por anos.



LILIAN TINHA ACABADO de chegar do parque e quando entrou em casa, abrindo em seguida a porta do seu quarto, viu Lídia andando para um lado

e outro ao telefone.

Sua primeira reação foi espantosa. Lídia estava com pequenas manchas de sangue em seus braços, um pouco no rosto e na blusa. Era como se ela tivesse vindo de uma pequena batalha ou brigado com alguém.

Quando Lídia finalizou a ligação contou tudo o que havia acontecido da noite passada até aquela hora próxima.

Lilian, ora fazia cara de tristeza e em outras de espanto.

— Você fez o quê?! — Lilian abriu bem os olhos quando Lídia disse ter batido em Fernando Aguiar.

— Pelo visto você não escutou nada, além da parte que eu bati em Fernando. — Lídia tirou sua blusa suja e jogou dentro do cesto do lixo que ficava próxima a uma mesa de estudos de Lilian.

Lilian observou a irmã se movimentar. Ela parecia pensativa, impaciente.

Lídia também entendia que havia se arriscado muito, mas não no modo que sua irmã pensava, afinal, Lídia não tinha contado a parte do beijo, da proposta que ele fez e das palavras que lhe disse para acalmá-la.

— Sinto muito pela morte de Petra — disse Lilian, preocupada —, mas o que você fez com Fernando foi muito arriscado.

— Eu não tenho medo dele. — Lídia desabotoou sua calça.

E não tinha medo mesmo, a única coisa que Lídia sentia naquele momento era sua boca formigando pelo beijo compartilhado, eram as imagens do rosto dele muito perto a olhando com atenção, desejo.

— Petra precisava de ajuda — continuou Lídia —, e agora está morta, eu não vou conseguir parar até descobrir quem a matou.

— E se foi ele? — Lilian se referia a Fernando. — Acha que vai acontecer alguma coisa com Fernando Aguiar?

Se dependesse da justiça não. Lídia conhecia as leis feitas pelos cartéis da região, isso também incluía seu pai e família, mas não deixaria a história morrer no esquecimento, ela iria descobrir e pensaria corretamente o que fazer para que o culpado pagasse.

Lídia teve que engolir essa verdade e cair sentada sobre a cama de sua irmã.

— Eu só queria fazer algo bom por ela — disse Lídia emocionada.

Lilian sentou-se ao lado da irmã, e colocou seus braços em seus ombros caídos.

— E você fez — disse Lilian, encorajando a encontrar algo positivo na história toda. — Ela estava limpa, tinha um emprego, uma casa, você fez algo bom, Lídia.

— Ela estava grávida — disse Lídia, com voz desmotivada.

— Grávida?! — Lilian repetiu espantada, achava que tinha escutado errado.

— Sim. E ela não me contou. Ou não sabia, eu não sei — Lídia coçou a testa. — Petra nunca me disse, mas desconfio que ela tenha se deitado com os filhos de Afonso...

— E você acha que...

— Que Fernando é o pai? Claro! — Lídia se pôs de pé. — Existe a chance uma vez que eles já ficaram juntos nessas festas que os irmãos Aguiar dão.

— E você acredita que ele teve a frieza de matar a pobre coitada?

— Ele vai se casar, não é?! — disse Lídia. — Kali é rica, tem o coração dele, Fernando não iria perder a noiva por tão pouco, embora uma gravidez com uma ex-viciada abalasse as estruturas de um casamento, Kali é orgulhosa demais e Fernando sabendo disso não a deixaria ser humilhada.

— Mas isso é cruel, Lídia, muito cruel! Você acha mesmo que ele...?

— Eu não tenho total certeza. — Lídia tirou sua calça jeans. — Mas consegui fios do cabelo dele e mandei para o laboratório para fazer o teste.

— E se for ele, Lídia? Eu não vou concordar que você vá medir forças com aquele homem. Você sempre o detestou e ele sempre sorriu disso.

— Eu não vou usar de força, Lilian, vou usar de inteligência.

— Você não foi muito inteligente em entrar na casa de Fernando e depois arrancar-lhe a pancadas os cabelos dele logo depois que enfiou seu joelho no meio das pernas do homem.

— Está o defendendo, é isso? — Lídia pôs as mãos na cintura.

— Claro que não! — Lilian ficou em pé. — Só acho que Fernando não vai deixar por isso mesmo. Se eu fosse você, ficaria aqui por alguns dias...

— Não.

Lídia odiava a ideia de ter que ver seu pai e suas pupilas dilatadas bem cedo da manhã. Ela gostava de seu lar, de sua privacidade e ainda tinha Paolo, ela devia atenção a ele e teria que programar mais um momento íntimo e acabar logo com aquele fogo que estava a consumindo.

— Eu só vim aqui porque queria ver alguém que amo antes de ir para casa — continuou Lídia, olhando para sua irmã.

— Ah, sua boba — Lilian ficou emocionada, abraçou Lídia e notou que sua irmã tinha cheiro de perfume masculino, mas não comentou nada. — Eu sei que não lhe ajudo muito, pois temos pensamentos tão diferentes. Ainda assim tenho desejo de lhe ajudar e lhe proteger.

— Só por que sou mais nova? — Lídia sorriu. — Não seja idiota — Lídia empurrou Lilian na cama, as duas caíram sorrindo, olhando para o teto.

Já tinha tempo que ambas não tinham um momento só delas. Lídia curtia mais a vida ao lado de sua mãe, já Lilian ao lado do pai.

— Você ama, Paolo? — inquiriu Lilian.

— Eu não sei — disse Lídia, com sinceridade. — Eu não sei se o que sinto é amor. Paixão é certo, mas amor? Eu não tenho certeza. E você sabe? — Lídia olhou para sua irmã, colocando as mãos na barriga.

— O que tem eu? — Lilian ficou olhando para teto.

— Ah, Lilian, você lê muitos romances, suspira pelos cantos e não tira o nariz das páginas de um livro, além de já ter vivido alguns romances, deve saber como é...

Lilian pensou um pouco, tentando lembrar de definições que havia lido entre um livro e outro.

— Bem! — Lilian umedeceu os lábios. — Dizem que é algo pleno e como se nada pudesse dissipá-lo. Um sentimento de cuidado, de proteção. Às vezes... até mesmo uma grande provação não abala esse sentimento, porque ele é mais forte que qualquer um que venha sobre nós.

— Tipo raiva, rancor e ódio?

— É, tipo eles. O amor na verdade é explicação do complicado para o simples.

— Certo, mas você me deixou confusa agora.

Elas sorriam animada. Ambas ainda não tinham provado o amor entre um homem e uma mulher. Não sabiam mensurar sua grandeza.

— Quando se tem amor de verdade — prosseguiu Lilian — então você está relacionando a um sentimento bonito, leve, controlável. O desejo de cuidar, de perdoar, de fazer o bem é maior que qualquer coisa, é simples. Diferente da paixão, esse sentimento é dominador, feroz, muitas vezes destruidor, ele é complicado. Mas conforme você vai convivendo e aprendendo, tudo vai tomando a forma simples, entendeu?

— Então, eu não o amo — Lídia chegou a essa conclusão.

— Paixão, talvez... — Lilian acrescentou.

— Admiração — explicou Lídia. — Eu o admiro, muito, ele me faz bem, e estou apaixonada por Paolo, mas amor..., não, eu não o amo. Queria sentir isso que você detalhou, sentir forte no peito sabe? Mas às vezes sinto um vazio que não sei. Passei muito tempo a espera dele, quase ficamos juntos, mas então aconteceu a morte de Petra, fiquei desanimada com tudo. Talvez quando essa tristeza for embora eu pense mais sobre mim e Paolo agora que não tem mais nada nos impedindo de ficarmos juntos.

— Não diga isso — Lilian segurou as mãos de Lídia. — Somos tão novas. E além do mais, temos que conhecer melhor as pessoas, acho que quando

isso acontecer, a porta se abre para o caminho certo para ser seguido, mesmo que em muitas vezes o amor venha nascer em um caminho perigoso, doloroso.

— O que quer dizer? — Lídia se apoiou nos cotovelos.

— Que é comum amar quem nem sempre vai nos fazer feliz. — Lilian olhou para a bagunça que sua irmã estava.

— Mas você disse que amor é bonito e simples. — Lídia enrugou a testa.

— E, é! — Lilian sentou na cama. — Mas o coração não tem GPS, e pode nos levar para um lado difícil de se manter, mas o amor vai alimentar o desejo de não desistir.

— Está falando de seus cuidados com o papai? — Lídia bufou. — Da sua dedicação com ele? Sabe que ele só vai parar quando estiver morto e enterrado.

— Ainda assim eu quero estar aqui perto — disse Lilian. — É o mesmo que seus cuidados com Petra.

— Não, é diferente — Lídia protestou.

— Por que seria? — Lilian ergueu uma sobrancelha.

— Porque diferente de nosso pai — disse Lídia, com determinação —, Petra queria sair, ser diferente. Ele não! — Lídia saiu da cama. — com nós duas aqui... ele ainda continuava enchendo o nariz e colocava isso como algo essencial, como se fosse um remédio diário para lhe manter vivo! Eu odeio isso! Odeio como ele deixou que a gente soubesse. Odeio em saber que os anos foram passando e ele só se afundando em mais coca esquecendo da família. Odeio saber que ele não se intimidava em ficar do nosso lado totalmente drogado e agressivo!

— Pare com isso, Lídia — sua irmã a repreendeu. — Acima de tudo ele é nosso pai.

Lídia se recompôs.

— *Me* desculpe. Você tem razão. — Lídia limpou a garganta. — Eu só não tenho esperanças que ele...

Lilian foi para perto de sua irmã. Segurou em seus ombros e a fez olhar para ela.

— Você o ama? — Lilian inquiriu, com carinho.

— Não seja tola! — Lídia retrucou.

— *Me* diga...

— Claro que eu o amo — Lídia admitiu.

— Então você tem condições de ter esperanças sim, só está zangada com ele. — Ela sorriu para sua irmã. — Tenho certeza que se a nossa outra irmã tivesse aqui, me daria razão.

Falar sobre a irmã que lhes fora roubada era um assunto pouco comentado entre os membros da família Garcia. Não que fosse proibido, por

Lídia e Lilian era como se o acontecimento não as tivesse machucado, uma vez que ambas eram bebês, quando já grandinhas, o fato não impactou tanto. Para os pais, ainda é um assunto que traz dor. Gonçalo ainda deposita uma significativa quantia para encontrar rastros de sua filha. Manoela apenas orava para que a menina lhe perdoe um dia.

— Mamãe ainda está na casa de campo — disse Lilian. — Não vai vê-la?

— Pensei que ela tivesse viajado.

— Quis ficar mais alguns dias. — Lilian abriu seu armário e tirou de lá um roupão. — A noite vou visitá-la. Você vem comigo?

Lídia pegou o roupão.

— Sim — disse Lídia. — Tenho algumas coisas para fazer essa tarde, mas lhe acompanho até a casa dela.



DEPOIS DO ALMOÇO ANIMADO, Kali precisou tomar bastante água e um banho demorado para poder ir atrás de Fernando. Ela se sentia bem, pois, tinha certeza que as confissões feitas horas atrás, para um traficante, não iriam trazer mal algum para sua vida, muito menos para Fernando. Kali acreditava que Pedro não iria em busca do lugar que havia indicado e ficaria por isso mesmo.

Reclamou consigo mesma, enquanto tomava banho, como tinha sido tola, feito papel de mulher desesperada. Fernando sempre foi tão amoroso com ela, além do que... ela nunca ouviu falar que ele a tivesse traído.

Uma traição na despedida de solteiro poderia ser irrelevante, pensava ela, com total medo de perder o homem que amava, além do mais, Lídia só mostrou o quanto a invejava.

Ela não teria Fernando, nunca. Farei muito gosto de mostrar 'aquela zinha' seu lugar quando enfim estiver me casando..., pensou Kali.

Kali vestiu algo bonito e provocante e foi ao encontro de Fernando.

Depois que Lídia saiu de seu apartamento, Fernando teve que adiar alguns compromissos para ir a um dentista e ver o que poderia ser feito. Depois passou no contador dos negócios da família e voltou para casa. Sua cabeça latejava com violência e não tinha um remédio se quer que fizesse a dor aliviar.

— Meu Deus! — Kali o olhou espantada. — Mas seu queixo está inchado e roxo, Fernando! — Ela jogou sua bolsa em cima do sofá e foi para perto do seu noivo que tinha uma carranca maior que já havia visto e uma bolsa

de gelo no queixo. — Quem fez isso? — Sentou-se ao lado de Fernando.

— Não foi nada — Ele resmungou, se levantando.

Até um gesto simples de colocar o pé no chão, fazia tudo latejar. Cabeça, queixo, boca... testículos. Além das dores que lhe percorriam o corpo, ainda tinha o ego ferido, a humilhação de ter sido passado para trás por uma mulher que mal alcançava o queixo dele. Por ter acreditado na voz suave e aveludada que ela fazia.

'Desgraçada!' — rosnava ele por dentro.

— Como não?! — Kali levantou-se e foi para o lado dele. — Está feio. — Fernando mostrou que perdeu um dente. — Que horror! Como isso aconteceu?

Como? — Uma louca sem coração e com um joelho duro quis reduzir meu instrumento de prazer a nada, sem deixar de mencionar que a maluca é rápida, quando tentei passar em cima da dor que me atravessava o meio das pernas, ela me acertou na cara! — Ele quis gritar, jogar para fora a raiva que sentia.

Mas seu orgulho não iria permitir nunca.

— Tive que cobrar algumas explicações, e as coisas saíram do controle — disse Fernando, sem paciência.

— Vocês brigaram... — Kali completou. — Mas quem é *ele*? Eu conheço?

Fernando olhou para sua noiva. Ela era linda e ele a amava, mas era impossível não perceber que sua cabeça não deixava de lembrar sobre o beijo que ele havia compartilhado há poucas horas com outra mulher, a mesma pela qual ele estava bufando de raiva.

— Não — disse ele rápido.

Fernando andou até seu quarto e Kali o acompanhou.

— Ele deveria ser do seu tamanho — disse Kali, entrando no quarto primeiro, correndo até a cama e tirando todas as almofadas de cima —, ou muito maior que você para conseguir lhe ferir assim.

A única coisa grande que tinha era a astúcia de me enganar, pensou ele.

— Ah, ele era enorme! — mentiu, subindo na cama.

Kali colocou um travesseiro atrás da cabeça de Fernando.

— Tipo um jogador de basquete másculo? — Kali quis saber.

— Muito maior, meu amor, muito maior.

Kali olhou para as mãos de Fernando, nem notou direito os arranhões que tinha em seu pescoço, Fernando teve o cuidado de colocar uma camisa e gravata quando saiu.

— *Me* deixe tirar sua gravata — pediu ela, já segurando o nó.

Fernando a deteve. Se sua noiva visse o que tinha por baixo, ela iria começar a desconfiar.

— Deixe, eu estou bem.

A dor lhe rompia os nervos. Ele só queria ficar um pouco sozinho até que a dor diminuísse.

— A julgar pelo sangue em suas unhas — Kali segurou nas mãos dele —, o cara também saiu na pior.

— Pode ter certeza.



LÍDIA HAVIA TOMADO banho na casa de seu pai. Não encontrou ele por lá, porque o mesmo estava fora desde cedo e não retornou. Lídia precisava organizar algumas ideias, ligar para o laboratório e saber se tudo estava indo bem, depois, para os pais de Petra e finalmente para Paolo e pedir que ele passasse em sua casa amanhã, assim que possível.

Havia comido bem antes de se despedir de Lilian, então só bastava uma boa hora de sono e depois estaria renovada para ficar a noite com sua mãe.

Era óbvio que Fernando não saía de sua cabeça. As palavras dele ainda corriam solta por sua mente, sem deixar de mencionar que as mãos dele pareciam que ainda a tocavam... provocavam...

O beijo com ele foi louco, perturbador, apaixonante, mas ela não iria se deixar levar, ao menos, foi isso que repetia todas as vezes que o perfume e o calor que ele tinha vinha contra seu corpo e narinas com facilidade, como se ele estivesse ali, bem perto dela, pronto para dar outro bote.

Lídia entrou em casa, se livrou de seus pertences, jogou para o lado os sapatos, andando em direção ao seu quarto. Foi quando Lídia viu alguém.

Ela piscou. Depois, piscou mais uma vez. Então, outra.

Achou que era sonho. Estaria tão cansada assim? Piscou mais.

Tinha uma mulher, no meio de seu quarto, com a mesma face que a dela, mesmo tamanho e...

— Que porra é essa? — Lídia coçou os olhos e depois abriu bem os olhos.

Lina sorriu.

— Olá, irmãzinha.



LINA FORA ESPERTA em conseguir sair de seu quarto do hotel em reformas pelo qual Afonso é dono. E, apesar de ser vigiada a todo momento, um descuido mínimo – como um segurança ir ao banheiro, enquanto ela fingia estar dormindo, depois vestido por cima de sua roupa um sobretudo de couro preto, e uma peruca loira, que havia comprado em um de seus passeios pela Brasil e escondido bem dentro de sua mala – fez com que a saída não fosse notada.

Pegou um táxi a duas quadras de distância de onde estava hospedada e entrou no apartamento de Lúdia com facilidade. Lina era uma verdadeira gatuna quando o quesito era sair e invadir lugares.

Para Lúdia, era impossível estar dormindo. Ela sabia, mas do que qualquer um, o quanto necessitava descansar a mente. Muitos eventos poderiam a ter deixado fora de órbita, mas maluca – assim como Fernando sempre achou que fosse – ela não era.

Ver uma cópia sua, no meio do seu quarto, assim do nada, é meio difícil de entender. Mas as engrenagens de Lúdia sempre funcionaram rápido e com uma lógica fora do normal.

O primeiro pensamento, era a falha de visão, o que possivelmente era um pouco inexplicável ela estava vendo a si mesma através de um reflexo sabe-se lá de onde.

O segundo pensamento, foi que Fernando havia lhe drogado com a bebida, embora isso possa ter sido irrelevante, pois, ela não sentiu nada nas horas anteriores.

O terceiro, era que dormia, sentia profundamente esse desejo então sua mente buscou, em que momento ela caiu dura e estaria rolando e se debatendo naquele momento.

A quarta, e não menos importante, seria a irmã perdida – óbvio –, uma vez que a mesma, pela qual a olhava com felicidade, estava desaparecida desde o dia de seu nascimento, e havia lhe chamado de irmãzinha.

— Devo estar muito cansada... — Lúdia arriscou o terceiro pensamento, ainda estática, levando seu peso para o pé direito, boquiaberta e com os olhos tão arregalados que era possível uma mosca pousar neles.

— É, parece que sim — disse Lina, sem sair do lugar. Ela não esperava algo diferente daquela reação de sua irmã, no entanto, ainda estava na expectativa que tudo corresse bem.

Lúdia piscou seus olhos ressecados. Coçou ambos e olhou mais uma vez para a mulher.

Lina ficou parada esperando que sua irmã tomasse a iniciativa, era mais justo e seguro, era Lúdia quem ainda queria entender o que estava acontecendo, e possivelmente poderia estar na defensiva.

— Eu não estou dormindo? — Lídia inquiriu, com expressões confusas em seu rosto. — Isso não é um sonho?

— Não.

— Você é real... — Lídia fez uma pequena pausa, olhou Lina de cima a baixo e prosseguiu: — Você... você é...?

— Sua irmã — completou Lina.

Lina andou na direção de Lídia, mas Lídia fora rápida, pegando uma pequena escultura de pedra sabão e ameaçando jogar na mulher que tinha a mesma face que a dela e se dizia sua irmã.

Não era uma boa recepção, mas a julgar pela descrença e confusão mental que Lina estava fazendo na cabeça de Lídia, Lídia não tinha escolha a não ser se defender.

Bem, se for um sonho, e eu jogar isso na testa dela, tecnicamente ela não vai se machucar de verdade, pensou Lídia, olhando meio que de lado.

Lina parou onde estava.

— Lídia — Lina a chamou com cuidado. — Eu me chamo Lina e vivi todo esse tempo na Alemanha, com outra família.

Não disse toda a verdade, também não era preciso naquele momento, Lina achava que uma coisa de cada vez era melhor do que lhe jogar o saco todo de merda no colo da outra pessoa.

— Descobri a existência de você e Lilian há poucos anos — continuou Lina.

Lídia escutou tudo. Mesmo na defensiva, ela parecia notar que aquela mulher estava querendo ser verdadeira, então ela a escutou sem interromper.

— Cheguei na cidade tem dois dias e... Você poderia soltar esse negócio?

Lídia olhou para a sua mão, depois para Lina. Depois o colocou de volta no lugar.

Ela não estava sonhando. Constatou assim que Lina a tocou no braço. Lídia sentiu suas mãos frias, olhou para os pequenos dedos e depois para os olhos tão parecidos com os seus.

— Eu não estou dormindo — disse Lídia no tom baixo de voz. — Muito menos tendo uma visão.

— Não, você realmente está me vendo. Eu, a sua irmã. Você não sabia que tinha uma irmã gêmea?

Por um momento, Lina temeu se decepcionar com a ideia que nem mesmo sua existência havia sido revelada para as irmãs. Já lhe era doloroso demais saber que foi a escolhida para viver longe do seu lar, longe da família.

— Claro, que sim... — Lídia pegou a mão de sua irmã, tocou e depois encarou Lina, profundamente. — Sim, sabemos sobre sua existência, que você

tinha sido levada da maternidade... Que nosso pai sempre a procurou, mas depois de tanto tempo... Desde o dia que lhe roubaram, ele sempre se dedicou a isso, a encontrar você, mas nunca tivemos nem mesmo um rastro de onde poderia estar.

— É — Lina sorriu. — Parece que roubar bebês em maternidade é comum, não é?

Lídia a olhou com compaixão. Então a abraçou, apertando Lina como se tivesse vivendo uma longa saudade. Lina sentiu que tudo estava bem, apesar daquele gesto não ser seu habitual, Lina não era de ter relâmpagos de carinho, então, com cuidado e um pouco receosa, se conseguiria lhe passar tudo o que sentia com um simples abraço entre irmãs, ela circulou seus braços em Lídia. Foi algo bom de sentir. Afeto, amor, era isso que Lídia conseguia passar e foi isso que Lina conseguiu sentir.

— Como eu sinto muito por tudo que teve que passar — disse Lídia, com pesar.

— Sobrevivi — Lina brincou.

Lídia a segurou pelos ombros, olhando emocionada para Lina.

— Somos gêmeas idênticas! Uah! Isso é muito louco e... — Uma ideia rápida lhe ocorreu. — Temos que ligar para nossos pais! — Afastou-se para pegar o telefone. — Meu Deus! Eles vão surtar. — Ela discava rápido. — Mas me diga, como que me encontrou? Como soube sobre nós, sua família verdadeira?

Lina se aproximou, tirou o telefone das mãos de Lídia e ficou com ele por segurança.

— Eu gostaria que apenas você soubesse — pediu Lina, deixando Lídia triste. — Por enquanto.

— Mas por quê?

— Lídia — Lina deu um leve suspiro. — Quando soube sobre você, não vou mentir, foi um choque muito grande, então... ver você e Lilian, saber que estava tudo bem por aqui se tornou uma necessidade urgente para mim, mas eu não vim para ficar e... — Ela pausou, percebeu que havia deixado Lídia confusa e decepcionada. — Eu estou aqui para ajudar vocês.

— Eu não entendi. — Lídia processou a frase. — Você não veio atrás de nós? Da sua verdadeira família? Esse não foi o objetivo?

— Sim, eu quis muito conhecer você e Lilian. — Lina se afastou. — Mas há algo importante que gostaria que soubesse.

— Bem, então me diga.

— Eu estou aqui porque quero que você saiba que está em perigo.

— Perigo?



QUANDO FERNANDO acordou, o sol já não atravessava suas janelas, a noite estava alta e a temperatura baixa. Ele olhou ao redor do quarto e não encontrou Kali por perto. Imaginou que ela havia se cansado e foi embora. Sentando-se na cama, agora com a dor controlada e sentindo que seus testículos não formigavam mais, Fernando se levantou com o corpo quente.

Ele havia sonhado com ela, Lídia Garcia, e gostou do sonho, embora quando acordou, se sentiu totalmente confuso, o sonho tinha sido de um prazer alto, mas que também lhe afluía sentimentos de pavor, como se fosse um paraíso no meio do inferno.

Ela aparecia sobre sua cama, sorria como uma menina levada e subia em seu corpo, abria o zíper de sua calça e tirava seu pênis para fora, totalmente duro, querendo carinho, depois, sem pena alguma, ela começou a dar beijos na glândula com um sorriso faceiro, deslizando a língua no piercing, o deixando louco, em seguida, lambia seu pênis com olhares provocativos, deslizando a língua sem pressa. Quando sentiu que já havia provocado o suficiente, começou a chupá-lo, enfiando parte da carne dura em sua boca, chupando com pressão, se deliciando com o líquido que saía do prazer que ele sentia.

Era delicioso, ele sentiu o prazer em espirais por todo o seu corpo, relaxou como há muitas semanas não conseguia, embora tudo estava perfeito, Fernando sentia que a mulher que fazia sexo lhe transmitia perigo, que ele não podia confiar.

Sentiu que precisava de um banho frio, mesmo com a temperatura baixa, seu corpo – ao acordar – não parava de esquentar.

Passou em sua mente o desejo de conquistá-la e fazer de Lídia sua amante oficial. Tê-la todas as horas que lhes fossem possíveis. Mas esse plano lhe ocorreu pela franqueza que lhe atingia, a necessidade louca de provar o que tinha no sonho.

Inferno! — Ele bravejou, passando as mãos pelos cabelos negros e suados.

A ereção em sua calça manifestava o quanto seu corpo estava entregue àquele sonho, o desejo de beijar aquela boca mais uma vez veio com a mesma sede que quando acordava de um sonho que o levava a energia e o cansaço mental.

Ele gostou da boa sensação que o corpo dela lhe transmitia, da boca colada a dele, do gosto, da textura, de se esfregar entre as pernas dela escutando-

a gemer mole em seus braços. Gostou tanto, que queria fazer novamente, mesmo depois do que Lídia havia feito para ele naquela manhã.

Fernando precisou ir ao banheiro, arrancar suas roupas rápido e entrar debaixo da ducha em temperatura verão para se acalmar. Teve necessidade de se tocar, aliviar a dureza que lhe perturbava os nervos.

Então, ele circulou sua mão direita sobre seu pênis e trabalhou nele com prazer. As imagens de Lídia junto a ele vieram como um deleite em sua mente. Os olhos fechados, movendo seu membro com precisão e imaginando que aquela desgraçada estava fazendo todo o trabalho, usando apenas sua pequena boca carnuda e succulenta, fez Fernando rosnar de prazer. Ele queria acabar logo com aquilo, então colocou mais pressão, mais velocidade, a imaginou sugando com mais força, chupando mais rápido, lambendo cada veia do seu pênis, olhando para ele como se gostasse do que estava provando. O corpo grande enrijeceu, a mente dava voltas, os músculos de seu pênis se contrariam de uma forma dolorosa, as coxas dele começaram a tremer, e em mais alguns segundos ele estava jogando seu sêmen no ralo do banheiro.

Colocando a testa na parede, permitindo a água cair sobre seu corpo largo, Fernando sentia as ondulações varrerem seu corpo, o deixando aliviado, renovado e com a ideia fixa que isso não poderia acontecer novamente. Porque ele sabia, tinha certeza disso, que Lídia nunca aceitaria ir para cama com ele.

Ao menos a Lídia que me apareceu hoje não, pensou Fernando, saindo do banheiro, enxugando seus cabelos.

Ele havia chegado à conclusão que Lídia, a mulher que apareceu àquela noite na boate, foi apenas para entretê-lo, seduzi-lo naquele momento, fazer com que nada recaísse em cima dela quanto a questão das filmagens. Fernando também começou a achar que a teoria de seu falecido funcionário estava certa. Ela foi atrás dele para saber se conseguiria alguma cópia para encobrir ou incriminar alguém. Mas quem?

Antes de se vestir, Fernando viu sobre o criado-mudo um dos CDs com imagens gravadas da noite em que Petra morreu.

Jorge tinha passado um tempo analisando tudo. Havia um bilhete junto, onde pedia, exatamente, o momento que Fernando adiantasse e assim encontraria alguma evidência de que Lídia estaria falando a verdade ou mentira sem pena alguma.

Adiantando alguns minutos, antes que recebera a visita de Lídia, Fernando encontrou dois segundos de gravação em que ela entrava no corredor onde ficava a área administrativa da boate, com o mesmo vestido e cabelos um pouco maiores que agora.

Bingo!

Seu segurança falava a verdade, tinha sua razão.

Se a gravação fosse vista casualmente, era quase imperceptível encontrar Lídia naquele momento, a evidência era mínima e rápida. Contudo, valeria muito a pena.

Com isto, Fernando estava ciente do que Lídia era capaz. Mentir, sem querer voltar atrás. Embora tinha vezes que ele a achava com um jeito convincente, determinado e verdadeiro. Mas ele não quis se enganar. Ela teria que se explicar ou isso iria parar direto para Gonçalo, ele teria que dar um jeito na maluca da filha dele o quanto antes.

Fernando colocou o outro CD e lá tinha a filmagem do sexo deles.

"Você vai ter que me explicar isso também, sua maluca", disse ele, para si mesmo.



— **PEDI COMIDA INDIANA** — disse Kali animada, arrumando a mesa.

Fernando havia saído do quarto e sentiu um cheiro de comida com bastante páprica. Andou até a cozinha e encontrou sua noiva por lá.

— Pensei que estivesse na sua casa. — Fernando ficou parado onde estava.

Tinha trocado de roupa e precisava sair. A noite era a melhor hora para os trabalhos ilegais que sua família realizava. Era o momento de ver mercadoria, fechar negócios e entregar o produto acabado para fornecedores. Isso porque durante o dia, Fernando se limitava aos serviços legalizados da família Aguiar. Apesar de ter muito serviço aquela noite, ainda precisava ver Lídia novamente.

Kali sentiu que Fernando estava incomodado, algo não sabia se era porque ela achava que ele ainda estava irritado com o que aconteceu que levou a perda de seu dente ou se ele estava passando por algum problema muito maior, talvez os dois.

— Não quis lhe deixar sozinho.

— Não sinto fome. — Fernando se moveu, abriu a geladeira e tirou água gelada. — E não estou com condições de morder nada hoje.

— Ah. — Kali parecia decepcionada. — Um suco talvez? Só para não ficar sem nada no estômago a noite toda.

Fernando a beijou na testa. Olhou para sua noiva. Faltava pouco para ir ao altar. Muito pouco para levá-la para a mansão Aguiar e lhe mostrar o mundo em que vive, os perigos que corre e os inimigos que tem.

— Tenho algumas coisas para fazer agora a noite — disse ele. — Se quiser me esperar aqui...?

— Eu fico até você voltar então — disse Kali, rapidamente.

Ela sentia falta dele, queria fazer sexo parte da noite e acordar em seus braços.

— Boa garota. — Fernando colocou a garrafa de água na mesa, e a beijou. — Sem roupa, na minha cama.

— Claro — ela sorriu satisfeita, sentiu que tudo estava bem entre eles, mesmo que Kali não tenha confrontado Fernando sobre Lília.

Kali sentiu que esse assunto tinha que morrer, deixar enterrado e no esquecimento, se empenhar na vida a dois que eles começariam a ter em poucas horas.

Deixando Kali em suspiros, Fernando se virou para sair, mas foi interrompido antes.

— O que vai fazer de tão importante?

Fernando parou e a olhou, sorrindo ele disse: — Vou nocautear uma pessoa.

— O grandalhão que fez isso no seu queixo? — Kali parecia preocupada.

— Exatamente, meu amor.



LÍLIA ACHOU QUE já tinha visto e ouvido o bastante dentro daquelas horas. Tinha sentindo culpa e chorado uma perda, havia nutrido mais uma camada de raiva pelos Aguiar, enfrentado um deles para receber o que lhe poderia ser seu de direito, presenciou um assassinato a sangue frio, depois de ter sido acusada de roubo. Beijada ardentemente pelo mesmo homem que pede para que não se aproxime dele, embora sempre a deixe com acesso livre, quando ela necessitava contatá-lo.

É, ela sentiu quase tudo...

A volta de Lina a sua vida foi a maior surpresa de todas as que ela enfrentou anteriormente. Entretanto, ela mal conseguiu digerir a ideia que sua irmã estava viva e de volta, então a mesma lhe faz um pedido acima do absurdo, assim, em menos de dez minutos que ambas haviam se encontrado.

Lina se aproximou da janela, olhou para baixo, viu que não tinha ninguém além do segurança, que anda para cima e pra baixo com Lília, e voltou sua atenção para Lília. Ela não poderia demorar, logo dariam falta dela dentro do quarto. Se é que já não deram.

— Que perigo estou correndo? — indagou Lúdia confusa. Ainda nem conseguia entender como Lina chegou até sua casa, também não sabia sua história, dentro desses anos todos.

Lúdia analisou sua irmã por um instante, vendo no olhar de Lina o desespero, percebeu que ela olhava o relógio a cada minuto, verificava a janela vez ou outra, como se estivesse foragida.

— O que está acontecendo, Lina? — Lúdia ficou bem perto de sua irmã, segurou suas mãos e percebeu que tremiam, estavam geladas.

Lina respirou fundo então contou:

— Afonso que me roubou. — A revelação fez Lúdia soltar as mãos de sua irmã e se afastar, mas não interrompeu. — Ele que entrou no hospital e me levou. E estou aqui sem a permissão dele. Ele sabe que estou no país, mas não faz ideia que vim atrás de você.

Isso explicava o nervosismo de Lina, pensou Lúdia.

— Por quê? — Lúdia enrugou a testa.

Lina não respondeu de imediato, ao invés disso verificou a janela mais uma vez.

— Pelo que soube... — disse Lina, com movimentos agitados. Ela temia que seu tempo estivesse esgotando. — Nossa mãe teve um caso com Afonso, ainda muito jovem.

Lúdia tapou a boca para não emitir nenhum palavrão, mas fora em vão.

— Mas que merda de conversa é essa que você está me dizendo? — Lúdia não acreditava.

Era difícil, uma vez que Lúdia sempre foi a mais chegada a mãe e nunca a viu — uma vez se quer —, sair da linha, nunca tinha ninguém e sempre estava sob os olhos de Gonçalo.

— É mais fácil engolir pedras, que acreditar do que estou lhe contando... — disse Lina, com pressa. — Mas é verdade. Eles eram amantes e nesse tempo ela achou que tinha engravidado de Afonso...

— Ah, meu Deus! — Lúdia sentiu o estômago embrulhar. — E nós somos?

Uma voz dentro de si pedia para que não, ela tinha alguns sentimentos perigosos por Fernando, sentiu um desejo absurdo quando o mesmo a beijou hoje pela manhã. Sendo irmã dele, ela não saberia como agir;

... olhar para ele;

... perdoar a mãe;

... matar Afonso.

— Não, nós não somos — revelou Lina, deixando Lúdia aliviada. — Mas por eles acharem que éramos, ele me levou debaixo de chantagens, assim nossa

mãe não seria exposta e Gonçalo não os matariam.

Então Lina contou tudo. Explicou o máximo que conseguiu. Desde o medo que Manoela tem que Gonçalo descubra, até os dias em que descobriu a verdadeira história sobre seu nascimento, os motivos por ter sido levada e o plano egoísta, ciumento e possessivo de Afonso em ficar sustentando a mentira, deixando Lina presa a ele, em troca do silêncio.

— Nosso pai entrou na sociedade por pressão — admitiu Lília. — Mas com o tempo parece que, tanto ele quanto Afonso, se fazem de 'amigos' para manter a boa imagem de uma sociedade tranquila. — Lília sentou, as novidades estavam acabando com a energia que lhe restava.

— Afonso ainda sente raiva por não ter Manoela, por não nos ter — Lina se aproximou. — Ele me fez viver na Alemanha sozinha, apenas para torturar nossa mãe com a ideia que ainda somos filhas dele, mesmo o desgraçado sabendo que não somos. Eu o odeio como você nunca vai conseguir mesurar. Mas não se engane, me roubar e chantagear Manoela foi só o início de tudo, os planos verdadeiros de Afonso é destruir nossa família, assim que possível. Afonso já tem uma fortuna suficiente para criar guerra com nosso pai, então não vai demorar muito para ele atacar, começar a matar.

— Que droga de história é essa? — disse Lília, em pânico.

Vendo que sua irmã estava cansada e perdida, Lina continuou.

— Ouça-me, antes de tudo. Se contar para Gonçalo, nossa mãe morre — explicou Lina. — Manoela é a única que está perto de Gonçalo e sabe sobre meu roubo. Se nosso pai souber, ela vai ser a primeira a morrer, depois vocês, e... eu. Mas deixe Lilian de sobreaviso.

— Você e nossa mãe já se encontraram?

— Algumas vezes.

— Então — Lília começou a andar pelo quarto, pensativa, tentando processar tudo —, essa sociedade que ele tem com nosso pai há anos não passa de um plano de Afonso.

Lina suspirou aliviada por perceber que sua irmã estava entendendo tudo, acreditando nela.

— Muito antes de nascermos? — continuou Lília.

— Sim — respondeu Lina. — Descobri há mais ou menos dois anos quem era minha família através de uma pessoa que não posso revelar agora. Depois disso fiquei mais atenta. Consegui ler e-mails de Afonso, escutar conversas por telefone e descobrir os planos urgentes dele. Desde então eu venho planejando como sair da vida desse homem sem ser prejudicada, sem fazer com que vocês sejam...

— Quem mais sabe sobre você, Lina?

— Ninguém além de você, nossa mãe, Afonso e os empregados.

— E a pessoa que lhe conheceu e sabia que não era filha de Afonso?

— Sim, ela também.

— E Fernando sabe sobre esse plano de Afonso? — Lídia começou a roer a unha de seu dedo mindinho. — Os irmãos Aguiar sabem sobre essa vingança sem cabimento do pai deles?

— Eu não posso lhe dar certezas, mas em momento algum eu percebi alguma participação deles quanto essa rivalidade entre Afonso e Gonçalo.

— Certo. — Lídia sentou novamente. — Tudo o que você me disse é totalmente insano e longe da minha visão. Não que eu esteja lhe chamando de mentirosa, mas... é louco demais!

— Afonso é muito perigoso, Lídia!

— Eu sei que é. O que mais me assusta é saber que ele está pronto para dar o bote e eu não posso nem ao menos falar para ninguém!

Lina percebeu que sua irmã estava perdida, com medo. Infelizmente não poderia pedir muito além dela ficar dormindo de olho aberto. Porque parte das ações sujas que logo iriam acontecer estavam sendo feitas pelas mãos de Lina.

Entretanto, aproveitando o encontro Lina revelou mais um pouco da sujeira de Afonso.

— Eu sei quem matou Petra — revelou, tirando uma das cartas de sua manga.

Lídia deu um pulo da cadeira.

— Sabe?

— Sim, eu sei, tenho as filmagens e...

Ela tem as filmagens? — Lídia processou rápido aquela informação.

— *Pera* ai! — pediu Lídia irritada. — Então foi você quem as pegou?

— Foi sorte — disse Lina.

— Sorte? — Lídia queria sacudir Lina pelos ombros. — Um homem morreu essa manhã porque ele estava certo que eu peguei as filmagens, como era a minha palavra contra a dele, Fernando o matou. — Lídia colocou as mãos na cintura, raivosa ela prosseguiu: — O que mais você aprontou que acham que fui eu?

Lina temeu as revelações seguintes, mas precisava ser verdadeira ou Lídia não iria acreditar nela.

— Bem... — Lina olhou o relógio mais uma vez, e disse: — Posso ter passado da conta...

Lídia cruzou os braços esperando sua irmã prosseguir. Mal a tinha reencontrado e as duas já mostravam estarem fora de sintonia.

— Eu quis ver Fernando... — continuou Lina, a informação inicial

deixou Lília desconfortável, fazendo-a descruzar os braços. — Afonso sempre falava muito bem de Fernando...

— Fala logo!

— Vamos dizer que nós transamos.

— O quê?! — Aquilo caiu como uma pancada sobre Lília.

Lília sentiu o corpo inteiro tremer. As ideias chegando em sua mente.

A forma que ele havia a colocando nos braços aquela manhã, o jeito avassalador de lhe beijar, de ficar excitado sem se incomodar, de lhe convidar para tomarem um banho juntos, depois para a cama com ele.

Lília estava entendendo tudo o que ocorreu aquela manhã. Ela sentou totalmente tonta. Olhava para Lina que estava mais inquieta que qualquer coisa ansiosa na vida.

Lília nem podia revelar a Fernando que não tinha sido ela, mas que foi sua irmã, a inconsequente. Não podia contar-lhe a verdade porque Lina era um segredo de estado, e vidas estavam em jogo, uma delas, sua própria mãe.

— Ele faz gostoso — comentou Lina de um jeito brincalhão, contudo isso só fez Lília a olhá-la com mais raiva. — Isso ajuda? — Vendo o estado da irmã, ela continuou — É, não ajuda, não?

— Sabe o que ajuda? — inquiriu Lília irritadíssima. — Você me dar logo as filmagens para que eu saiba e tenha provas de quem matou Petra.

— Não posso — disse Lina, educadamente.

— Ah, não pode? — Lília desejou esganá-la.

— Afonso sabe que eu tenho a gravação e, se eu lhe der, vai saber que nos encontramos, vou sofrer graves consequências antes de me vingar dele.

— Então fique comigo, voltamos hoje para casa de nosso pai, conversamos com ele sobre tudo o que você me disse, e ele vai tomar as devidas precauções contra Afonso.

Péssima ideia, pensou Lina.

— É arriscado — disse Lina, sentindo um nó na garganta. — Pode ter pessoas de Afonso infiltradas na casa. Além do mais, o plano inicial é vocês se protegerem, se algo estranho acontecer saber que veio de Afonso, de nenhum outro além dele. Redobre a segurança. Fique atenta. É perigoso todos saberem de mim agora, Afonso pode perceber e atacar.

— E o que fazer para pará-lo antes que ele venha fazer algo contra nossa família?

— Amanhã provavelmente estarei indo embora — continuou Lina, com voz triste —, mas esta noite Afonso vai começar a sentir um pouco da minha raiva — Sorriu sem graça. — Eu não vim apenas para ver vocês, para alertar sobre o monstro que Afonso é, mas também para me vigiar de todos os anos que

ele me roubou.

— Lina — Lídia sentiu rancor e dor nos olhos de sua irmã, bem como um desejo de vingança muito forte vindo de dentro para fora.

— Preciso destruí-lo, Lídia, e só o fato de você e Lilian ficarem em segurança, me ajuda muito prosseguir com o que vim fazer aqui.

— Está bem. Eu vou colocar mais segurança na portaria, vou avisar a Lilian e pedir para ela organizar os seguranças da casa, sair de lá, não sei, mas vou fazer o possível de me manter segura.

Lina suspirou aliviada.

— Você não vai me dizer...?

— Quem matou Petra?

Lídia fez que sim com a cabeça.

— Foi Afonso — revelou Lina.

Lídia sentiu o quarto girar.

Afonso? A questão lhe atingiu o peito. Mas por que ele fez isso? Por que foi tão cruel com alguém que não tinha como se defender?

Apesar de ter ansiado tanto em descobrir, a revelação lhe deu mais pavor que alívio. Afonso era poderoso demais, impenetrável, tinha um esquema de segurança tão bom, quanto o da família dela.

— Mas eu não posso lhe dar as filmagens — prosseguiu Lina — Ela é a única coisa que tenho para me proteger dele. Ao menos vou buscar uma utilidade para elas quando ele tentar tirar alguma coisa de mim.

— Espera! — Lídia pediu, bloqueando a porta. — Eu preciso dela, Lina, preciso fazer alguma coisa por Petra. Se esse vídeo vazar, Afonso pode ser preso!

— Impossível! Afonso tem a justiça desse país nas mãos dele.

Para piorar tudo, eis que alguém bate à porta, fazendo as duas saltarem de susto.

— Lídia! — Alguém grita.

— Fernando? — Lídia correu até o olho mágico e verificou que era ele.

Lina foi até a janela e viu que o segurança de Lídia estava sendo coagido pelos cinco seguranças de Fernando.

— Fodeu tudo! — Lina disse apavorada.



FERNANDO NÃO PRECISAVA ser, a todo tempo, agressivo para provar que faria as atrocidades que prometia quando era passado para trás.

Também não usava de força e covardia com uma mulher sendo que ele sempre amou as curvas de tal natureza.

Embora a mulher pela qual ele estava procurando o fizesse sentir raiva e desejo carnal totalmente profano, naquele dia, ele até tinha vontade de amedrontá-la, enforcá-la, mas apertava os punhos para conter essa vontade.

Violar uma mulher era o mesmo que ser um bicho digno de morte. E esse tipo de raça, Fernando destroçava ao meio, provou isso quando salvou Lídia anos atrás.

Ele era totalmente maduro, profissional e perspicaz. Para Fernando, ser poderoso, rico e temido, tudo isso deveria ser usado nos negócios, no mundo das drogas, entretanto, em público ele sempre fora cordial e educado, sabia conversar sobre qualquer assunto que fosse abordado, e não se deixava levar por comentários maldosos, mas quando se falava em ser um selvagem, era para enlouquecer a mente de uma mulher em sua cama, fazê-la gritar nas alucinantes ondas de orgasmos que ele sabia dar.

E Fernando queria lembrar-se de como era com Lídia. Não foi atrás dela para isso, não totalmente, mas inicialmente precisava desmascará-la, mostrar que ele não poderia ser passado para trás, por muito tempo.

— Abra! — O tom saiu mais alto como uma ordem que um pedido. — Abra, Lídia! — Ele esmurrava à porta, apertava a campainha e esperava impaciente.

Poderia abrir se não fosse pelo fato das portas de pessoas em mundos perigosos como os dele, tinha travas eletrônicas, sistema de alarme e algumas delas uma barra de metal entre a madeira, tudo para dificultar uma invasão inesperada – menos no caso de Lina que tinha habilidade de entrar sem necessitar de um arrombamento –, que no caso, naquele momento era a dele.

— O que eu faço? — Lina suava frio da raiz do cabelo à planta dos pés. Ninguém poderia vê-la ou Afonso trataria de lhe dar um belo castigo.

— Pro meu quarto! — disse Lídia rápido.

Empurrando sua irmã, Lídia pensava se Fernando tinha descoberto alguma coisa para estar ali.

— Você fica diferente quando ele está por perto — disse Lina, fazendo a irmã parar.

— Eu não — Lídia ficou totalmente vermelha.

Lina achou graça da cara que sua irmã fez. Estava gostando também de ficar um pouco com ela, mesmo naquelas circunstâncias.

— Não fica tão mal-humorada com ele por perto, vai deixar a mensagem que a presença dele a afeta muito.

Lídia ficou horrorizada.

— Eu não sou mal-humorada! — Lídia colocou as mãos na cintura, jogando o peso do corpo na perna direita.

— Ah, você é sim! — Lina estava certa da sua afirmação. — Para quem não transa.

— Lídia! — Fernando gritava.

— Eu já transei com vários. *Tá* legal?! — Lídia não iria se entregar fácil. — E Fernando não me deixa nervosa, a situação em que me encontro é que está me dando dor nos nervos.

— Ahrram — Lina cruzou os braços. — Sim senhora, 'Que Já Transou Com Vários'. — Ela duvidava completamente, Lina sabia um pouco da vida de cada uma de suas irmãs. — Então não vai se importar no que eu tenho para dizer daquele homão da porra que está lhe chamando. Sei que se você deixar... ele vai lhe deixar maluquinha.

— Lídia! Estou perdendo a paciência. — Outra pancada na porta.

Lídia sentiu sua testa começar a suar.

— Pode falar... — disse Lídia firmemente.

— Então, *tá* — Lina se aproximou mais da irmã. — Ele sabe manusear muito bem a língua...

"Ahahaha... Isso eu sei!", Lídia pensou sorrindo.

— Entre as pernas de uma mulher — Completou Lina. A mesma não havia passado pela experiência com Fernando, mas gostava da ideia de perturbar os hormônios borbulhantes da irmã em favor do mesmo.

Lídia engoliu um caroco que apertou sua garganta.

— Eu sei que você está em casa! — Fernando gritou.

E sussurrando Lina disse — Ele tem um maldito de um *Piercing* na porra da cabeça do pau dele.

Lídia ficou sem ar. Vermelha. Quente.

Lina sorriu, viu que estava certa na observação feita anteriormente. Também notou que Lídia não era tão indiferente a Fernando.

— *Pro* quarto! — Lídia voltou a empurrá-la.

— Você não vai entrar aqui com ele, não é? — Lina indagou, afim de provocá-la.

Lídia a olhou com raiva. Estava até o pescoço com problemas, não estava pensando em se render às investidas de Fernando.

— Ah, vá a merda! — Ela empurrou Lina para dentro do quarto, bateu a porta na cara dela, quando a mesma iria dizer algo com o dedo indicador erguido.

Lídia se recostou na porta, respirou fundo. Se recompôs e tentou não pensar em nenhum dos detalhes que a irmã tinha revelado.

— Você 'ainda' não transou... — resmungava ela, enxugando o suor na testa —, mas é adulta suficiente para lidar com isso. Certo, vamos lá! — Tentou ficar calma, mas quando colocou a mão na maçaneta da porta e não sentiu a temperatura geladinha do metal, percebeu que sua mão estava tão fria quanto. Ainda assim, não iria se deixar afundar neste nervosismo.

Quando Fernando estava para dar mais outra pancada, ela abriu o deixando surpreso, ereto. Como de costume, como se fosse uma bandeira branca para dizer que veio em paz, ele mostrou o interior do paletó alegando não ter arma alguma com ele.

Lídia entendia aquele gesto, já viu milhares de vezes quando alguém visitava seu pai.

— O que você quer? — inquiriu Lídia seriamente, observado na mão esquerda dele que o mesmo carregava o computador.

Ele sorriu de lado, depois entrou na casa sem ser convidado. Lídia não teve outra opção a não ser fechar a porta. Mandar embora seria uma tentativa falha. Nem chamar o segurança porque o pobre estava barrado. Além do mais, não poderia fazer alardes, sua irmã gêmea, a qual todos pensam que ela ainda está perdida e que aprontou em menos de vinte e quatro horas, estava há pouco metros de Fernando.

— Está sozinha? — Fernando quis saber, ainda em pé, no meio da sala.

Foi no automático, ela olhou para a boca dele. Grande e cheia.

Já sabia o gosto que tinha, as coisas que faziam na boca dela e como ele era incrivelmente habilidoso em manusear a língua dele trazendo a dela para dança, mas...

"Ele sabe usar muito bem a língua no meio das pernas de uma mulher."

A informação que Lina deu há alguns segundos veio em cheio na mente vazia e estressante de uma jovem mulher que quer apenas sentir-se amada em torno de braços fortes.

— Está ou não está sozinha? — insistiu Fernando, quebrando os pensamentos de Lídia.

— Estou — disse Lídia, meio tontinha. — O que você quer Fernando? Deixei claro que não quero você próximo a mim — completou, apontando para os lábios dele.

Ainda estavam inchados, mas ele não se importara com esse detalhe.

— Clareza não foi exatamente o que consegui enxergar quando você me acertou a cara e o meio das minhas pernas — disse ele ríspido. Fernando colocou o computador sobre uma pequena poltrona de cor verde. — Vim até aqui porque não tenho muito tempo. Estou a um passo do casamento e não sou de deixar as coisas pela metade, uma vez que passarei vários dias em Las Vegas.

— As coisas pela metade? — inquiriu Lília, com aquela questão de ele ter descoberto algo, agora com mais certeza.

Fernando notou ela desconfortável, contudo, não levou muito em conta. Lília sempre se comportou diferente quando ele se aproximava.

— Não se faça de idiota. Sabe muito bem que mentiu para mim. Quero saber o por quê?

Ah, merda! De qual das mentiras ele quer saber? Apenas uma ou todas? — Lília entrou em um dilema perigoso. Não poderia sair falando nada sem saber antes do que se tratava a visita dele, muito menos ficar muito calada ou as coisas poderiam sair do controle dela.

— Do que exatamente, Fernando? — indagou despreocupada. Afinal, ela tinha que passar uma imagem segura, além de tudo.

Fernando sentiu que Lília estava jogando com ele. Embora isso fosse divertido, aquela noite ele tinha muita coisa para ser feita e não poderia passar muito tempo na presença dela.

Então, para ser mais específico, Fernando abriu seu computador e mostrou uma tela com um ícone play, sentou-se na poltrona.

— Sente-se — pediu ele. — E saberá do que estou falando.

Lília sentiu o estômago apertar, as entranhas se retorcerem fazendo um enjoo fora de hora lhe maltratar. As mãos ainda suavam, o calor do nervosismo lhe atingiu em cheio, porém, colocou em seu pequeno rosto uma expressão tranquila.

— Pegue — disse Fernando, entregando-lhe o computador.

Lília recebeu receosa, sabia que poderia ser uma das gravações que ela não desejaria ver.

Fernando se encostou mais a ela, aproximando a poltrona que havia se sentado, a deixando bem junta a de Lília. Ela o olhou com um leve sorriso no rosto, mas com o desejo louco de surrar a irmã.

— Vamos Lília — incentivou ele a assistir o vídeo.

Ela limpou a garganta e deu play.

Era uma gravação lenta de pouco mais de cinco segundos, mas estava bem claro que era *ela* em um corredor estreito e bem iluminado. Ou melhor, Lina.

O coração da garota foi aos pés.

— Perguntei a você se tinha entrado na sala de controle, e me respondeu que não — disse Fernando, sem transparecer nada, nem mesmo irritado, nervoso, ele era o *senhor* indiferente em pessoa. — Essa é a prova que meu segurança dizia a verdade.

Ela não conseguia dizer nada. Mesmo que se esforçasse, não conseguia.

— Agora veja isso. — Fernando fechou o vídeo e abriu outro em seguida.

Quando ele deixou seguir com a filmagem, Lúdia quis que um buraco se abrisse e pudesse entrar nele. Habitaria na China sem problema algum, ela iria sem problema.

— Isso é necessário, Fernando? — Ela conseguiu deixar o tom de voz equilibrado, contemplando a irmã tocando-o.

— Recebi uma pancada no meu saco porque lhe convidei para minha cama — Fernando colocou a mão dentro do paletó e tirou uma caixa de cigarros e seu isqueiro. — Você foi atrás de mim e se entregou facilmente para uma transa algumas horas antes de se fazer de difícil. — Colocou o cigarro na boca e o acendeu, dando uma longa tragada em seguida.

Lúdia não conseguiu ver o maldito piercing que sua irmã mencionou, mas teve que o ver a colocando em seus braços, lambendo seus seios, fazendo-a pender a cabeça para trás, depois ele ajustar suas virilhas e começar a se moverem...

Quando os gemidos ficaram altos, foi demais para ela. Lúdia fechou o computador abruptamente e saiu de onde estava.

— Seu pai não iria gostar de saber. — Fernando jogou a fumaça.

— Ele não precisa saber — explicou ela, meio trêmula.

O que ela sentiu foi ciúmes? Não. Isso era impossível! Lúdia sabia que sentia uma atração por Fernando, ainda que admitisse isso em silêncio.

Não, não era ciúmes, ela tentava se convencer. Talvez, fosse apenas pelo fato de ver a irmã, que conheceu há poucos minutos, com o mesmo rosto que o dela, transando com o homem que a deixava maluca apenas com um beijo.

— Você está bem? — Fernando percebeu que ela ficou pálida, com os olhos meios agitados, isso se tratava porque ela não sabia qual lado olhar. — Lúdia? — Ele se levantou de onde estava, amassando o cigarro em um pequeno cinzeiro de cristal sobre uma mesa de centro de madeira escura.

— Estou bem — disse ela, rapidamente, e se afastando um pouco do centro da sala quando ele se aproximou.

Foi quase inevitável, mas quando ela olhou na direção onde seu pênis deveria estar acomodado, um fogo se instalou no corpo dela. Foi então que Lúdia constatou, não era ciúmes, muito menos nojo, ela sentiu inveja. Porque o quis. Quis saber realmente como ele faz na cama.

— O que fiz hoje foi apenas medo — tentou ela justificar.

— Por que mentiu?

— Medo — repetiu ela. — Eu não queria que ninguém a visse se matando de tanta droga.

— Você foi até a polícia e, casualmente, sugeriu que eu fosse interrogado pela morte de Petra.

— Eu sei!

Isso deixou Fernando irritado, ele não conseguiu se conter com ela. Inicialmente, ele estava sendo vitorioso em se manter indiferente, mas Lídia tinha um jeito facilitador de lhe tirar um pouco do sério, só às vezes.

— Se sabia que ela morreu pelas próprias mãos por que quis me incriminar? Porra Lídia! O que eu fiz para você me odiar tanto?

Você me deixou *caidinha* por você e sorriu na minha cara logo depois, pensou ela. Você, mesmo sendo tão rude, ainda me trata bem. Seus negócios estão sendo um empurrão para a morte do meu pai, separando nossa família. Porque eu reprimo uma atração que tenho por você desde o momento em que te vi. Pelas milhares de vezes em que nos encontramos e tudo parecia um incêndio dentro de mim. Por todas as vezes que você me provocava a mente, os desejos que tento colocar um fim, mas não consigo, e também não sei por qual motivo.

Ela quis dizer cada uma das opções, mas se recolheu ao seu silêncio. Não era de sua natureza fazer drama, muito menos relatar coisas que ela julgava melhor ficar no esquecimento, no anonimato.

— Se lhe pedir desculpas, ajuda? — disse ela, com frieza. — Além do mais, você matou um homem por isso.

— Está errada. Eu o matei porque ele deixou entrarem na sala das câmeras. É assim que a música toca. Onde está a filmagem.

— O quê?

— A filmagem que me roubou, Lídia, eu quero ver. Se quiser ficar com ela, não me importo, mas quero ver.

Fodeu! Lídia quase gritou.

— Não está aqui — disse ela rapidamente. — Eu coloquei em lugar seguro.

— Quer me dizer que sua casa, não é um lugar seguro? — indagou ele, dando um passo para mais perto. — Conta outra, cadê a filmagem?

Ela tinha que sair dessa.

— Ao que parece, não — respondeu ela, dando um passo para mais longe, batendo sem querer no abajur ao lado do sofá bege de seis lugares. — Você conseguiu segurar meu segurança e entrar em meu prédio sem problema algum.

— Entendo — disse ele, dando mais um passo para perto dela. Com olhar cínico, safado.

— O que você quer mais? — Lídia segurou o pé do abajur. Quem a visse assim, diria que era por ela ter esbarrado, mas para Fernando, ela estava se

preparando para lhe dar outro bote.

Ela pode estar armada, pensou ele.

Rapidamente, ele segurou o pulso de Lúdia e colocou o abajur longe, o jogando para outro lado da sala. O gesto agressivo e rápido, a fez dar um salto.

— Está armada? — Fernando estava nervoso.

Lúdia não respondeu. Ela tinha um revólver de calibre pequeno, mas estava no seu criado-mudo ao lado da cama que sempre colocava embaixo do travesseiro quando ia dormir. Sabia atirar, mas não praticava. Não hesitaria em usá-lo se Fernando perdesse as estribeiras, mas seu quarto estava ocupado.

— Está ou não está, Lúdia Garcia? — ele esbravejou.

Sua raiva era mais pelo fato dele ter conversado e tratado o assunto da melhor forma possível, estava sem sua arma para não assustá-la, mostrou isso antes de colocar o pé para dentro da casa, depois do que ela presenciou e da forma que o tratou antes de sair, foi uma atitude de prevenção para ser aceito sem muita resistência.

— Não.

— Está mentindo novamente.

Fernando a encurralou contra o sofá. Furioso, ainda que sentindo aquele desejo por ela, ele estava raivoso demais para deixar se levar.

— Não, já lhe disse. — Lúdia tentou convencê-lo.

Contudo, ela havia quebrado um pouco da confiança dele. Apesar de tudo, Fernando estava certo que ela roubou a filmagem para logo depois negar. Se precisasse saber qualquer coisa de Lúdia, seja lá o que fosse, Fernando precisaria investigar primeiro.

— Mentirosa.

Ele avançou na direção dela, fazendo Lúdia perder o equilíbrio e cair sobre o sofá. Fernando colocou um dos joelhos sobre o sofá, depois o outro, prendendo as pernas de Lúdia para que ela não usasse seu joelho naquela ocasião.

— *Me solte!* — ela gritou, mas fora em vão.

Fernando segurou os pulsos dela e os prendeu com uma única mão, colocando ambos sobre a cabeça dela e apertando contra o braço do sofá.

— Não até ter certeza que você me recebeu com alguma coisa para me atingir. — Ele enfiou a mão por trás e deslizou nas costas dela.

Lúdia ficou vermelha, tanto de raiva por não conseguir se soltar quanto de tê-lo próximo. Em menos de um dia ele tinha colocado nela e a fazendo sentir o calor insuportável que transpirava da pele dele.

Fernando passou a mão nas laterais do corpo dela, primeiro na esquerda, debaixo do braço até a coxa, depois a direita, mesmo sentindo, mesmo gesto, com a mesma velocidade lenta.

Lídia começou a queimar por dentro. A raiva se transformou em algo muito mais perigoso.

— Não vai me passar a perna outra vez — avisou Fernando, passando a mão sobre a barriga dela.

Gostou daquele contato, era pequena, fina e lisinha. Um súbito desejo lhe atravessou. Queria passar a língua sobre a pele da barriga dela, brincar com seu umbigo, morder descendo com os dentes.

O toque, para Lídia, não foi nenhum pouco indiferente. Ela teve que morder o lábio para não soltar um grunhido de rendição.

— Não estou lhe passando a perna — rebateu ela, querendo que aquele momento demorasse mais.

Fernando subiu para o contorno dos seios dela. Queria infernalmente segurá-los com as mãos em conchas para contemplar primeiro, depois, apertaria levemente para saber a maciez, em seguida, adoraria provar, deslizar a língua por ali também, colocar o biquinho duro entre os lábios e torcê-lo até que ela levantasse o tronco, ele mamaria em seus seios, um após o outro, até escutar seu nome rolar nos lábios pequenos e tentadores de Lídia.

Lídia sentiu os seios ficarem inchados, o mamilo enrugar e roçar sobre a renda de seu sutiã. Ela estava se excitando, e o querendo.

Fernando desceu até perto do cinto da calça dela, colocou um dedo entre o couro e o jeans e se certificou que não tinha nada ali também.

Lídia estava mole sobre o sofá, com ele quase todo inclinado sobre ela, a tocando a procura de um objeto, mas ela estava adorando, sem demonstrar a ele, o quanto aquilo estava quente.

Ele colocou a mão por baixo de uma coxa, depois outra. Em seguida, entre elas. Lídia engoliu com dificuldade quando as mãos chegaram ali. Fernando deslizava sem pressa, dando leves apertos. Adorando o fato de estar tocando-a. Teve até e impressão de perceber o peito dela subir, mas não fora apenas o peito de Lídia que havia subido naquele momento.

Quando o polegar dele deslizou mais para o centro, e os dedos apertaram a coxa, Lídia perdeu o ar por completo, ela queria, ansiava, desejava perdidamente que ele tocasse “lá”. Sabia que não fazia parte do sistema, não era assim que as coisas deveriam seguir, que, ainda que não havia concordado, mas a droga da irmã dela estava certa, de qualquer forma, queria que ele a tocasse, estimulasse.

Fernando a viu fechar os olhos quando chegou muito perto da zona quente. Ele ficou perdido ao saber que ela estava se satisfazendo com aquele ato, tanto quanto ele.

— Lídia — Ele a chamou baixinho, sedutor, um tom de voz que mais

parecia uma barba roçando na curva do pescoço dela.

— O quê? — Lídia estava longe.

Fernando deslizou o polegar na curva da virilha dela, e instantaneamente, ela ergueu um pouco o quadril, depois desceu e o esfregou sutilmente sobre o sofá.

Lídia sentiu sua vagina pulsar, molhar, querer...

— Você tinha razão — admitiu ele, louco para beijá-la. — Não tem nada com você.

Contudo, Fernando arriscou, o polegar foi até o meio dela e deslizou, com uma leve pressão, sobre a costura que ligava ao zíper.

Foi inevitável, mas ela gemeu e isso o ligou por completo. Deixando Fernando totalmente duro, poderosamente ardente e com tesão.

— Eu sei — Ela gemeu, com os lábios entreabertos.

Ele subia e descia, como se o toque não o invadisse o sentindo, os nervos, os sentimentos, os desejos carnaís.

— Caralho — Ele rosnou, contido, inclinando-se mais sobre o corpo dela. — Como quero entrar em você.

— Eu sei — disse ela, totalmente embriagada pelo prazer que envenenava-lhe o sangue.

Fernando roçou os lábios sobre a pele do decote dela. Lídia ainda estava presa, mas queria sentir novamente os cabelos dele entre seus dedos. Ele colocou os joelhos entre as pernas dela, as separando para se encaixar. Quando ele encaixou suas virilhas, o inferno estava em temperatura ambiente comparado ao fogo que se levantou sobre aquele sofá. Fernando deslizou a mão por baixo do quadril dela e apertou seu pênis duro, dentro da calça social, contra a vagina pulsante dela, protegida pela renda de sua calcinha – molhada – e jeans. Ele queria mais, ela queria mais.

Quando Lídia prendeu suas pernas no quadril dele, com os olhos sonolentos de prazer, Fernando a beijou. Fora uma tomada de lábios violento, assim como ele gostava de fazer, mordeu cada um deles e invadido logo o centro da boca com a língua impetuosa e dominadora.

Quem estava no quarto? Lídia não se lembrava.

Quem o esperava pronta para transar em sua cama? Fernando não se lembrava.

Eles se afogaram no desejo de posse. Na insensatez de se tornarem amantes, nem que fosse por alguns minutos. Na fraqueza da carne. Eles se deixaram cair em queda livre. Sobre a força de um querer, que ainda não conheciam. Dentro da paixão ardente que começava a fazer uma camada em cada um.

Foi como se perderem em um lugar totalmente conhecido para eles, mas que sempre fingiram não saber onde ficava.

Faltava pouco para a entrega, muito pouco para terminar com a angústia, mas então...

— Senhor Fernando! — Alguém batia a porta, os tirando de onde queriam estar.

Fernando deixou de beijá-la, de senti-la, quando se levantou com extremo cuidado.

Lídia estava vermelha, suando, e sentia um pouco de decepção quando percebeu que tudo estava acabado.

Ele foi até a porta, mas não abriu toda, estava em sentido de alerta e não queria que ninguém – além de Lídia – visse.

— O que é? — ele estava irritado.

— O seu... o seu irmão, Antônio — disse o homem, meio ofegante.

— O que tem ele?

Fernando sabia que aquela noite era para Antônio estar no armazém subterrâneo para receber mais mercadorias que eles guardavam separada das outras. Era uma coca mais pura.

— Entraram no depósito, uma emboscada, senhor.

Fernando saiu do fogo ao gelo.

— O que está me dizendo?

Ele abriu a porta por completo. Lídia escutou a conversa e sentou-se no sofá.

— Eram muitos — tentou explicar o coitado, vendo seu patrão soltar fumaça pelas narinas. — Eles os renderam na fronteira, explodiram a saída norte, os encurralando. Revidaram, mas muitos caíram mortos e seu irmão...

— Fala logo, desgraçado! — Fernando esbravejou, pegando o homem pela camisa.

— Ele foi atingido. Está entre a vida e a morte.

Fernando sentiu o chão abrir debaixo de seus pés.



LÍDIA SENTIU VONTADE de ficar perto dele, de apoiá-lo, afinal, ela tinha irmãs e não saberia o que faria se as perdesse. Ainda pensava fielmente em Lina, talvez nem sentisse tanta falta assim, mas já a amava no segundo em que se deu conta que ela estava de ‘volta’ e bem, porém, não mentalmente.

— O que vai fazer, Fernando? — Lídia se aproximou dele.

Fernando ainda estava perdido, sentindo uma dor no peito muito forte. Antônio sempre foi o mais sensato da família, o mais cauteloso em tudo, e tentava nunca fazer as coisas no calor da emoção, diferente de Camilo e um pouco diferente dele mesmo.

Embora amasse a eficiência de Camilo e a forma rápida dele resolver as coisas, Antônio sempre foi seu irmão preferido. Ainda que não fosse muito com a cara das mulheres que os conceberam, Fernando tratava seus irmãos de igual para igual.

— Quem passou a informação? — indagou Fernando, nervoso, para o segurança que lhe trouxe a notícia.

— Breno. Ele passou o rádio para todo mundo não entrar no perímetro do depósito, o senhor não pode ir até lá. Não sabemos ainda se foram policiais ou outros traficantes. Eles usaram artilharia pesada...

Breno era um dos homens que ficava em lugares estratégicos caso algo grave acontecesse no local e precisasse ser informado com urgência.

— Dalian... — resmungou Fernando, tirando suas próprias conclusões. — Merda! — Ele deu um soco na porta. — Eu disse tantas vezes que não era confiável deixar aqueles ratos na cidade.

— Você precisa ver seu irmão. — Lídia se atreveu a entrar na conversa.

Fernando a olhou. Ela parecia tão linda preocupada com ele, com sua família, pela primeira vez, pensou Fernando. Embora estivesse louco para tê-la, nada seria tão importante quanto a sua família, a vida de um membro dela.

— Quando quiser algo de mim — disse ele, para Lídia. — É só pedir, que lhe dou. Não roube mais, Lídia, não queira dar uma de esperta para cima de mim porque paciência tem limites.

Lídia sentiu a garganta cheia de areia, um aperto no estômago. Era o temor correndo pelo seu corpo. Se ele fizesse ideia de quem estava a poucos metros dele, escondida, se Fernando imaginasse que Lídia não fez nada do que ele imaginava, mas que ela estava prestes a fazer muito pior, como por exemplo, arruinar toda a sua família para salvar a dela, Fernando com certeza perderia a paciência para nunca mais achá-la.

Pretendo ser fria, ela tinha que também lhe deixar um recado.

— Não me toque mais, Fernando — disse ela, sentindo uma dor no peito.

Gostava demais de Paolo, mas Fernando sempre foi aquele que lhe causava terremotos desastrosos e o último, deixado pelo mesmo, foi maior que todos que ela sentira. Fernando também sentiu, mas as notícias recentes desviaram o caminho daquele sentimento.

— Não se atreva a me beijar, propor nada, porque não terá uma próxima vez — completou ela.

— Como quiser, senhorita Garcia — concordou ele, convencido de não ter nada além de lembranças.

E foi assim que ele saiu da casa dela. Cheio de ódio por terem lhe roubado e tentado matar seu irmão, também com um pequeno pesar por não desfrutar mais da pequena e deliciosa boca de Lídia Garcia.

— Fernando vai pirar se o irmão morrer — disse Lina, fazendo Lídia se virar para ela.

— Você tem alguma coisa com isso, Lina? — Lídia estava irritada.

— Tenho!

Lídia avançou na direção de Lina e a colocou contra a parede. Com olhos de águia como se analisasse a irmã, Lídia a encarou com julgamentos.

Lídia a soltou. Ainda estava perturbada com as coisas que sentiu e com a notícia de Antônio. Ela sempre soube que ele era diferenciado dos irmãos, o menos sanguinário.

Seu tempo estava esgotando, ainda tinha que ver a mãe dela naquela noite, prometeu à Lilian.

— Olha Lina, eu sei que você está cheia de ódio por tudo o que passou, por viver sozinha, sem família e enganada, na sua situação, acredite, eu estaria assim também — disse Lídia com sinceridade —, mas como sua irmã e fora da situação, consigo pensar melhor sobre o assunto, ver uma forma mais segura para nós. Não vai ser atacando os meninos que tudo vai se resolver.

— Não tenho intenção alguma de machucar eles, o roubo no galpão vai sim mexer com toda a família Aguiar, mas meu alvo sempre vai ser Afonso — Lina saiu de perto dela. — Precisei fazer isso para continuar com o plano de destruí-lo.

Lina abriu a porta e saiu do apartamento.

Lídia foi atrás. Não conhecia a irmã totalmente, entretanto já tivera prova de que ela era capaz de muita coisa.

— Não entendo quando você diz que os meninos não são o alvo. No entanto, Antônio está entre a vida e a morte! — exclamou Lídia. — É esse o tipo de plano que tem?

— Tenho uma filmagem dele matando alguém. Se eu jogar aquele vídeo na internet, algo vai acontecer, mas ainda vai ser pouco porque Afonso tem homens poderosos a seu favor, não vai passar muito tempo na cadeia. Se eu conseguir tirar o poder, seu prestígio, o dinheiro que ergueu todo aquele império e depois mostrar o assassinato, Afonso não vai conseguir escapar.

— *Me diz ao menos como vai fazer tudo isso?* — Lídia estava preocupada.

— Não posso colocar você nessa sujeira — teimou Lina, colocando sua

peruca. — Só preciso que se mantenha segura, nada mais, deixe que o resto eu faço. — Lina abraçou a irmã bem apertado e rápido, saindo do apartamento em seguida, antes de Lídia protestar o que fosse sobre as loucuras de sua irmã gêmea.



FERNANDO ENTROU NO hospital por volta de vinte minutos depois que saiu da casa de Lídia. Ele passou todo o caminho pensando em como resolver aquele problema. Camilo havia ligado e dito que não sabia onde o pai estava, que encontrava dificuldades de saber quem realmente teria invadido o depósito, matado vários dos homens que trabalhavam para eles e ter deixado Antônio em situação difícil.

Quando Fernando chegou, não pôde ver Antônio, o mesmo já se encontrava na sala de cirurgia.

— O médico disse que a bala está muito perto do coração — disse Camilo, para Fernando, com medo profundo de perder o irmão.

— Quanto tempo ele está lá dentro? — Fernando sentia seu corpo suar, mesmo estando em um ambiente com temperatura baixa.

— Uns quarenta minutos. — Camilo pegou o celular e começou a digitar rápido a quarta mensagem para seu pai.

— Quem fez isso, Camilo?

— Ah, eu não sei, meu irmão, mas quando eu descobrir, tenha certeza — disse Camilo com ódio, apertando o botão enviar depois olhando para Fernando —, arranco a cabeça de cada membro da família do desgraçado, depois amarro todos eles pelos pés, antes de enfiar seu corpo em uma estaca em praça pública!

Fernando não duvidava, até ajudaria fazer isso acontecer.

— Os Dalians... — disse Fernando —, eu nunca gostei daqueles argentinos filhos de uma puta!

— Fernando, se foram eles, vão todos comer terra antes do amanhecer! — Alô! *Me* passa para o Natan... Só um minuto Fernando.

Camilo se afastou para falar com alguém da segurança da família ao celular. Fernando sentou-se em uma cadeira na sala de espera que dava para a ala do centro cirúrgico. Sentia os nervos em confusão. Temia pela vida de Antônio, que amava muito, tinha raiva das pessoas que se atreveram a invadir o território do narcotraficante mais poderoso do mundo.

Para saberem do local, alguém, talvez até improvável, havia denunciado. Alguém que sabia exatamente onde ficava. Aquilo não foi algo do acaso.

Alguém, com bastante dinheiro e bem armados, não passaram e viram a oportunidade de se dar bem, pegando o pessoal desprevenido por acharem que estavam seguros de forma alguma, pensou Fernando, com as mãos na cabeça que latejava sua mente com violência.

— Querido. — As mãos suaves de sua noiva lhe tocaram o ombro.

Fernando ergueu a cabeça e encontrou olhos assustados, vermelhos, como se ela chorasse.

— Soube há pouco tempo — disse Kali, sentando-se do lado dele, com as pernas meio trêmulas. — Liguei para a mãe de Antônio, já deve estar a caminho. Eu sinto muito, meu amor. Muito mesmo.

E ela sentia mesmo.

Kali estava tremendo desde a alma até a consciência. Quando a notícia da invasão, havia chegado até seus ouvidos, ela perdeu o equilíbrio do seu corpo e caiu de joelhos no chão, temendo o pior para seu casamento para si...

Ela tentou ligar para o traíçoeiro de Pedro Dalian, mas não conseguiu, o número discado já nem existia mais. Kali teve que fumar alguns cigarros sem filtro e tomar algumas doses de uísque antes de sair do apartamento de Fernando e procurá-lo rápido. Ela queria certificar-se que sua ligação com os Dalian não foi revelada.

‘Burra, burra’..., era o que ela gritava enquanto socava a direção do seu carro. Não deveria ter tomado decisões no calor da raiva, no sentimento humilhante de ser traída. Não deveria ter marcado um encontro e provocado um traficante, muito menos beber com ele até afogar suas mágoas. Kali sentia-se tão rebaixada depois do que teve que ver na noite da despedida de solteiro de seu noivo, que nada mais a importava em ferir Fernando, mas nunca, em hipótese alguma, ela pensou que alguém da família dele poderia se machucar gravemente nessa questão.

Kali realmente não entendia como as coisas funcionavam no mundo do narcotráfico, na vida de pessoas que matam e morrem por dinheiro, poder. Sempre teve tudo desde o dia do seu nascimento, diferente dos Dalian, totalmente ao contrário de Fernando na época em que seu pai ainda batalhava por algo na vida.

Fernando não conseguia dizer nada, só pensar.

— Já descobriram quem foi? — Kali arriscou a pergunta, sentindo um amargo forte se espalhar por toda a sua boca.

— Não — disse Camilo, se aproximando dos dois. — Mas não vai demorar muito não, cunhada. — Camilo tinha um olhar assassino. — Eu vou descobrir, nem que eu cave até o inferno para pegar o filho da puta que fez isso com o Antônio.

Kali quis vomitar. O corpo inteiro dela estava gelado. O coração parecia que não funcionava, muito menos seus pulmões e estômago, era o terror lhe batendo a porta, lhe enviando presságios de coisas que poderia lhe acontecer caso Fernando e sua família descobrissem sua traição.

— Eu sei que sua cabeça deve estar cheia, querido — disse ela, com voz fraca, para Fernando, que colocou a mão sobre sua coxa. — Mas é adequado adiarmos o casamento?

Fernando a olhou com olhos cansados.

— Não acho que seja o caso — Camilo se intrometeu.

O comentário fez uma ponta de esperança diminuir alguns quilos do peito de Kali.

— Se tudo correr bem na cirurgia de Antônio, podemos casar e depois pensar em festa... — disse Fernando. — Casamos no civil e quando meu irmão voltar para casa festejamos e poderemos ir para a lua de mel.

— Está esquecendo Fernando? — Camilo sentou junto a eles. — Você tem que ir para Las Vegas de qualquer forma. Temos que resolver a questão por lá... — Camilo não iria dizer exatamente os motivos que levaria Fernando a ir a Las Vegas na frente de Kali, mas Fernando sabia do que se travava, ele era encarregado de fechar os negócios.

Embora Fernando comandasse um hotel cassino na capital das luzes e planejou a lua de mel no mesmo hotel, naquela semana, ele tinha assuntos a tratar com pessoas de Nova York, Brasil e Canadá.

Fernando ficou pensativo sobre o assunto por alguns minutos. Camilo não parava de fazer ligações e Kali estava perto de seu noivo a espera das decisões que ele iria tomar.

Para Kali, casada com Fernando as chances de tudo dar certo eram maiores.

— Nós nos casamos amanhã — disse Fernando decidido da sua escolha, olhando para Kali, pegando sua mão começou a brincar com o anel que ele lhe deu na festa de noivado, então completou — No civil, como programado, deixamos o casamento na igreja e festa para quando voltar de Las Vegas e Antônio estiver em casa. Arrume suas malas para quatro dias fora. Quero que você venha comigo assim que assinarmos os papéis.

— Para mim, está ótimo, meu amor — disse Kali, com menos peso sobre o corpo e um sorriso de alívio no rosto.

Parece que a esperança estava abrindo paz para seu coração.



NA SALA, COM lareira acesa e bebida à vontade, os Dalian gargalhavam com a gravação feita por Pedro. Gozavam da notícia que receberam sobre a perda da família Aguiar.

— Eles estão vulneráveis — disse Murilo, um dos filhos de Dalian, um homem, barbudo, forte e moreno, com olhos fundos, afundado no sofá. — Podemos fazer alguma coisa com essa vantagem.

— Não, não agora — disse Dalian, o chefe do cartel. — Vamos deixar a poeira baixar e depois...

Antes que Dalian terminasse seus pensamentos, o homem encarregado pela segurança dos negócios dos Dalian, entrou na sala, sem ser anunciado, afobado e com olhos espantados como se tivesse avistado uma legião de fantasmas.

— O que aconteceu, homem?! — Dalian se livrou do seu copo e levantou rápido.

Os que estavam na sala fizeram o mesmo.

— Os Aguiar... — disse o homem, tentando voltar a respirar. — Recebi notícias agora há pouco, Antônio..., ele está morrendo na sala de cirurgia e os Aguiar estão convencidos que fomos nós, o caos dessa noite.

— Porra! — Dalian gritou.



LÍDIA NÃO DEIXARIA por isso mesmo. Não era assim que as coisas aconteciam. Alguém, de seu sangue, que nasceu junto com ela, que foi levada deixando a família triste, desolada que ainda a procuram, depois dada como morta, não deveria aparecer do nada, lhe pedir ajuda que acompanhada de absurdos e ir embora sem dizer quando voltaria, onde se encontrava.

Além do mais, Lídia queria manter contato, mesmo que fossem escassos, ela queria falar com Lina, saber mais dela.

— Espere! — pediu Lídia, indo atrás da irmã.

— Não tenho mais tempo...

— Não faça nada que termine você morta, Lina. Fiquei tão feliz em saber de você, e mais ainda de saber que fui a primeira pessoa que você se arriscou para se aproximar.

Lina não se moveu, nem piscou.

Ela não tinha certeza sobre os sentimentos futuros de Lília, mas tinha que fazer o que fosse contra Afonso, de qualquer forma. Caso contrário, logo ele seria o mais poderoso narcotraficante de toda Colômbia e nem mesmo governantes de alto escalão poderiam pará-lo. Ela e suas irmãs seriam engolidas pelo sistema, pelas leis que ele iria prevalecer sobre seu domínio. Afonso mataria Gonçalo sem hesitar.

Lina, mas do que ninguém, sabia que tipo de homem ela estava tentando frear – era só olhar para as atitudes sanguinárias de alguns de seus filhos e mulheres, relembrar o quão sujo ele poderia ser em arquitetar e machucar a única mulher que amou de verdade (se é que aqueles sentimentos poderiam ser considerado como amor por um homem que tinha uma pedra no lugar do coração)

— Quero manter contato com você – disse Lília.

— Você vai ter notícias minhas em breve — Lina se aproximou e tocou o ombro de Lília. — Eu te prometo.

Então ela se foi, levando consigo as ideias mais absurdas para tentar a todo custo ganhar aquela batalha, e se a mesma conseguisse, era a vez de Afonso sofrer.

Vendo a irmã partir sem ter certeza alguma de sua vida, segurança e muito menos quando poderiam se encontrarem novamente, Lília temeu pela vida de Lina. Ela tinha que admitir, ela era corajosa e um pouco louca.

Como Lina acabaria com Afonso, um homem sanguinário, inteligente e cruel? — pensou Lília, caindo sobre o sofá.

Foi quando Lília lembrou que estava com Fernando há poucos minutos, ali, naquele sofá, com intuito de procurar se defender, porém, ela mesmo sem ter uma única arma letal em seu poder, ele fez com que Lília se sentisse totalmente e intimamente desarmada. Pronta para ser levada para onde ele quisesse a conduzir.

As pontas dos dedos finos e brancos tocaram a boca que ele havia beijado naquele mesmo dia por duas vezes. Lília buscava se aquilo tivesse significado, importância, mas qual? A mente dela viajava e quando percebeu que pensou nele mais do que algum dia já fizera, sentou-se rapidamente no sofá, afastando as ideias para longe, tomando uma importante decisão ao se levantar.

— Preciso comprar um sofá novo.



MANOELA ESTAVA NERVOSA. Havia tomado mais de um dos

calmantes que seu médico recomendou. Gostava de caminhar no jardim amplo e muito verde e sempre que aproveitava a caminhada levava comida para as várias casinhas de pássaros que tinham distribuídas no jardim. Contudo, ela apenas andou por muito tempo, pensando, tentando ao menos se perdoar pela tragédia que colocou sobre sua família.

Embora devesse estar feliz, porque duas de suas filhas iriam jantar em sua casa, Manoela estava muito agitada naquele dia.

A visita de Afonso, o qual há muito tempo não o encontrava e falava. Reencontro da filha que ela teve que dar para que uma família não fosse destruída. A forma distante que Lina a tratou. Vê-la ir embora sem ter um pequeno fio de esperança que as coisas iriam mudar. Tudo aquilo machucou o coração e a alma de uma mãe que fez coisas horríveis por amor.

— Lilian ligou — disse Dolores, uma empregada de confiança de Manoela.

Uma senhora que estava ao seu lado no instante em que pisou na casa de Gonçalo quando havia se casado. Dolores tinha os segredos de sua patroa muito bem guardados.

— O que ela disse? — Manoela ainda olhava para um ponto desfocando, desolada, deixando sua alma cair na sua tristeza.

— Que vai passar na casa de Lídia e logo estariam aqui para jantar com a senhora.

Eram as duas pérolas que ela amava muito. A ideia de ter as duas filhas juntas a ela, fez um breve sorriso tímido surgir em seu rosto.

Manoela não estava ciente que uma delas já soubesse toda a verdade de um passado que ela queria apagar.

Com pouco mais de meia hora, Lilian e Lídia atravessaram a porta.

Lilian com seu jeito carinhoso e animado, ao ver a mãe, abraçou com saudade e ternura. Apesar do grande respeito por Manoela, por sempre querer ter notícias da mãe, Lilian era a mais apegada ao pai. Já Lídia, sempre esteve com Manoela, e tinha pouco mais de quatro meses que ambas não se viam.

Desde o momento que Lídia decidiu fazer faculdade em Bogotá, os encontros foram diminuindo, a mesma também não quis ficar na casa de seu pai por não se darem muito bem.

— Gosto como você arruma seus cabelos — disse Manoela para Lilian, passando os dedos sobre as ondas longas de uma castanho dourado e de textura macia. — Lídia — Ela abriu os braços e a abraçou.

Lídia apertou mais do que já tivesse feito com um abraço, como se sentisse que o peito de sua mãe doesse. Então a olhou com ternura, sem julgamentos. Manoela estava feliz por estar com suas filhas, sorrindo.

— Desculpa não ter vindo antes... — Lídia acomodou sua cabeça no ombro da mãe e Lilian aproveitou para fazer um abraço coletivo.

— Não se desculpe por nada — disse Manoela segurando as duas em seu colo.

Como ela desejou nunca terem crescido.

— Dolores fez aquela torta de carne e um suflê de baunilha muito delicioso — anunciou Manoela

— Ah, que delícia — disse Lilian se afastando.

Lídia ainda a abraçava. Manoela percebeu que ela estava diferente. Apegada mais que o normal.

— Vou ver se posso ajudar alguma coisa — Lilian se apressou em ir à cozinha, ela adorava provar um pouco antes de ir à mesa.

Manoela beijou o topo da cabeça de Lídia.

— Eu sei de tudo, mamãe — murmurou Lídia.

Os olhos de Manoela fecharam. O coração acelerou.

— Eu sei de Lina — continuou ela, para desespero de sua mãe.

Manoela temia os julgamentos, temia o afastamento das únicas pessoas que ela tinha de valor no mundo.

— Sei de Afonso — prosseguiu.

Manoela a deixou. Andou até o outro lado da sala. Segurando as lágrimas, ela se virou e encarou a filha, a vergonha.

— Lilian sabe?

— Ainda não.

Lídia percebeu que a mãe tremia, estava agitada e foi até ela. Segurando suas mãos, agora frias e suadas, ela a olhou nos olhos.

— Eu a amo demais para lhe acusar de algo...

— Sinto tanto... — Uma lágrima dolorosa desceu sobre o rosto de Manoela.

— Vamos dar um jeito de trazer Lina de volta. — Lídia não sabia como, mas precisava mostrar à sua mãe que ela estava disposta a ajudar.

Manoela a puxou para junto dela, e Lídia a abraçou com muita força.

— Vamos marcar uma hora só para nós duas — sugeriu Manoela. — Contarei tudo.

Lídia concordou e ficou um tempo ali, junto à Manoela.

Naquela noite, as três conversaram como amigas de longas datas. Lilian falava de seu curso de Literatura e Lídia sobre o que iria fazer com o diploma que havia recebido há poucos meses. Mencionou Paolo e um possível namoro. Lilian disse que estava conhecendo um rapaz, mas só apresentaria à família quando tudo estivesse definido, que no caso, para ela, seria namoro firme.

Manoela escutava mais do que falava, segurando, em muitas das vezes, a mão de Lúdia sobre a mesa.

As duas trocavam olhares de cumplicidades e sorrisos fortalecedores. Pela primeira vez, Lúdia se sentiu mãe da própria mãe, protetora para o que viesse.

— Amo você — Lúdia gesticulou os lábios e uma paz preencheu o coração de Manoela.



O DIA AMANHECEU com todos os Aguiar abatidos.

Após seis horas de cirurgia, Antônio entrou em coma, deixando todos em desespero. Afonso apareceu depois de duas horas que Fernando havia chegado, disse ter ido para uma das pistas de pouso verificar uma mercadoria que estava indo para uma das ilhas do Caribe, foi quando um dos empregados informou a tragédia.

A mãe de Antônio, Miranda, chegou pouco depois de Kali, que por sua vez foi para casa perto da meia-noite para arrumar tudo para ela e Fernando poderem ir para Vegas, após a assinatura dos documentos do casamento no civil.

Miranda rezou por todo o tempo que esteve na sala de espera. Não tinha tantas lágrimas quando o dia amanheceu, contudo ainda estava fervorosa em suas orações.

A namorada de Antônio, Daniela, estava ao lado de Miranda, chorando, rezando.

Afonso encorajou Fernando a ir para casa tomar um banho e assinar os papéis do casamento. Ele estava convencido que nada tiraria da cabeça do filho que aquela mulher seria sua, ainda naquele dia.

Fernando atendeu o pedido. Foi para o seu apartamento. Ligou para Camilo que havia saído no meio da madrugada para falar com os poucos que haviam sobrevivido ao ataque. Marcaram de se encontrarem no apartamento. O juiz levaria os papéis para serem assinados lá mesmo. Depois ele ligou para Fabíola, avisando sobre seus planos e que ela ajudasse cancelando tudo em relação ao casamento. Fizesse as ligações necessárias para que toda a festa e convidados fosse cancelado. Kali iria levar sua irmã como testemunha e depois de tudo, Fernando tentaria ver Antônio e partiria para Las Vegas em seguida.

— Não vai colocar gravata? — inquiriu Camilo, vendo o irmão apenas com uma camisa de botão e calças.

— Não. — Fernando andou até o bar e colocou duas doses de uísque.

Entregando uma para Camilo, ele ergueu o copo. — À Antônio.

— À Antônio — repetiu Camilo.

E os dois beberam. Depois colocaram outra e brindaram ao casamento.

— Uma pena as coisas serem assim — comentou Camilo.

— Tudo vai se organizar — Fernando sentou ao lado do irmão. — Algo que possa nos levar até quem nos roubou e quase matou nosso irmão?

— Ainda não — Camilo olhou para o líquido escuro em seu copo. — Mas não acho que estamos sendo incoerentes em pensar que foram os Dalian, eles nunca me enganaram, teimosia de nosso pai ainda tê-los por perto. O que faria com quem atirou em nosso irmão, Fernando?

Fernando sorriu de lado.

— Eu ainda não sei, meu irmão, talvez escolha quando me deparar com o miserável.

A conversa foi interrompida com uma ligação de Jorge, o segurança de Fernando.

— Não tenho uma boa notícia, patrão.

— Algo sobre o atentado de ontem à noite?

— Não, digo, eu ainda não sei se tem uma ligação, mas o homem que seguia dona Kali, foi morto ontem à tarde. Quando eu estava dando o fim no homem que o senhor matou, ele me ligou e depois a ligação foi encerrada em dois segundos. Não havia desconfiado de nada na hora, porque onde eu estava o sinal estava péssimo. Depois o senhor me chamou para irmos à casa de Lídia Garcia, e pedi para um dos homens procurarem.

— Onde ele está?

— Encontramos ele no rio, fora da cidade. Pescoço quebrado e uma bala no peito.

— Existe câmera, gravadores...? — Quis saber Fernando.

— Nada com ele. O carro foi queimado e está no rio, só vemos parte dele boiando na água suja.

— Coloque alguém para investigar isso, Jorge, não quero casos mal contados. Quero saber quem o matou e o porquê fez isso.

— Farei sim. Ah, e meus parabéns, daqui a pouco estará casado.

— Obrigado.

— O que aconteceu, Fernando? — Camilo quis saber.

— O homem que seguia Kali, foi morto ontem à tarde.

— Muito suspeito.



KALI VESTIA UM LONGO vestido perolado, com micros brilhantes em seu busto, havia ondulado algumas mechas de seu cabelo muito loiro, feito uma maquiagem que lhe marcava bem os olhos, com longos cílios postiços e um perfeito delineador. Usava um conjunto de colar e brincos de diamantes que Fernando havia lhe presenteado no noivado. Adorava o colar de pérolas da mãe, mas isso poderia lhe trazer azar ao casamento. Na cultura colombiana, uma noiva não poderia usar pérolas, nem mesmo os convidados, porque isso poderia trazer muitas dores aos noivos.

— O juiz já chegou no apartamento? — Kali havia ligado para Fernando no caminho.

— Sim, ele está aqui, falta apenas você — disse Fernando, com ansiedade.

— Ah, desculpe meu amor, tive um pequeno problema com o vestido — mentiu ela.

Kali, desde que amanhecera o dia, tinha náuseas fortes, tremores pelo corpo e suava frio a todo o momento. Foi um custo firmar a maquiagem em um rosto que transpirava demais.

— Não podemos perder o horário — aconselhou Fernando. — Depois de assinarmos preciso visitar Antônio, e só depois iremos para o aeroporto.

— Estou bem próxima de você — disse ela, quando o carro entrou na rua do prédio em que ele morava.

— Então venha logo que quero enfiar logo essa aliança em seu dedo. — Fernando sentia felicidade em dizer aquilo.

— Estou indo, meu amor.

Kali, em uma hora da madrugada, onde o sono não vinha e tranquilidade parecia distante, pensou em ir embora, fugir, esconder-se, porque sentiu que nada poderia ir bem. Mas ela sabia que ele a amava, que poderia perdoá-la, ao menos tentaria. Que depois de tanto tempo juntos, Fernando poderia lhe deixar, mas ela teria esperanças que tudo se organizaria depois. Embora tudo isso fervilhasse em sua mente, Kali se apertou e seguiu o caminho das pedras.

Quando entrou no apartamento, juntamente com sua irmã do lado, viu nos olhos de Fernando felicidade, e ter ele a olhando daquela forma, todo bonito para ela, encheu mais seu coração de esperança.

Fabíola, mãe de Fernando, uma das esposas de Afonso, estava ao lado de Camilo. Não gostava muito da ideia dos casamentos às pressas, depois de ter

passado meses com Kali aprontando os preparativos, se sentiu mal em ver seu filho se casar rápido dentro do próprio apartamento.

— Podemos começar? — inquiriu o juiz, amigo de Fernando desde o colégio, e que já fez vistas grossas em muitos dos trabalhos ilegais que a família Aguiar praticava para os favorecerem e se favorecer.

— Sim, podemos. — Fernando se aproximou de Kali. Beijou os lábios pintados de uma cor bem clara no tom rosa e sentiu um perfume doce vindo de seus cabelos. — Você se sente bem? — Ele notou que ela estava um pouco abatida, mas associou isso a noite maldormida dela e as notícias recentes.

— Só alguns enjoos, mas já passou — explicou ela baixinho.

— Quer um copo com água? — inquiriu Fabíola.

— Não, obrigada — disse Kali, sem graça.

Fernando a segurou e levou Kali até o juiz e uma pequena mesa improvisada com papéis, uma caneta e um livro.

O homem da 'lei' ditava as palavras formais para a ocasião de uma comunhão no civil. Também fez uma pequena reflexão sobre a união entre um homem e mulher. Afirmando ser difícil uma vida conjugal, mas se há amor, respeito, lealdade, nada estaria perdido.

Fernando escutava sem julgamentos. Kali absorvia todas as palavras e alimentando sua esperança que o homem ao seu lado, caso soubesse da traição que ela fez que acarretou em tragédias muito maiores, poderia perdoá-la algum dia.

A troca de alianças foi feita dez minutos depois das palavras do juiz, e em seguida os noivos assinaram os papéis, bem como o contrato que fizeram em comum acordo, caso haja um divórcio.

Todos fizeram um brinde depois da união ter sido realizada. Kali parecia mais relaxada agora. Fernando, apesar de um irmão em coma, estava feliz por ter se casado com quem sempre quis.

— Minha esposa — disse ele com orgulho.

— Meu marido — disse Kali com segurança.

Minutos depois Fernando estava no leito de seu irmão. O médico havia liberado uma visita por vez, e como ele estava de partida, Camilo deu a vez a Fernando.

Sentando-se ao lado de Antônio, vendo o irmão ligado por máquinas, inconsciente e com o rosto pálido, curativos com pequenas manchas de sangue, ele prometeu que se vingaria, que não deixaria passar, que os responsáveis pagariam com a vida.

Quarenta minutos depois, Fernando embarcou para Las Vegas, levando consigo a responsável do aperto no peito que ele sentia ao deixar Bogotá, por

alguns dias nas condições precárias que seu irmão mais novo estava passando.



DALIAN ERA UM velho determinado. Nunca levou desaforos para casa, muito menos deu um, sem necessidade. Ele riu muito pela situação que os Aguiar passavam, mas ficou irado ao saber que poderia ser um alvo dos Aguiar em potencial.

Seus filhos queriam abrir fogo na porta do hospital, terminar logo com tudo, no entanto todos estavam dispersos, sofrendo, mas Dalian não estava disposto a fazer uma guerra, desejava se explicar primeiro.

— Dalian está lá fora, com seus filhos e alguns capangas — informou um segurança para Afonso, que por sua vez estava do lado de sua terceira esposa.

O estômago de Miranda se contorceu. Ela sabia quem eram os Dalian. Também sabia que Afonso ainda estava em dúvida quanto a teorias de seus filhos, onde os Dalian eram os culpados.

— O que ele quer? — Afonso permaneceu imóvel.

— Disse que sente muito por seu filho e quer falar isso pessoalmente — explicou o segurança.

— Eles tentaram matar meu filho! — disse Miranda com o rancor fervendo o sangue, segurando o terço em sua mão com força.

— Não vamos nos precipitar, Miranda — aconselhou Afonso, se levantando.

— Meu filho está morrendo! — Miranda elevou a voz. — E você pede para que eu não me precipite? Eu quero eles mortos, Afonso, mortos!

— Dalian entra ou não? Ele aparenta estar ansioso para falar com o senhor.

— Estava de saída para um café que não seja de um hospital — disse Afonso, pegando seu casaco e vestindo-o. — Diga a ele que estarei dentro do meu carro o esperando. Quando eu voltar — disse ele, se aproximando de Miranda —, quero que vá para casa e descanse.

— Só sairei daqui com meu filho!

— Você precisa estar bem quando Antônio sair. Deixe de teimosia, de todas é a pior.

Miranda se calou, não adiantava fazer protestos. Também estava cansada e admitia a si mesma que precisava comer alguma coisa e dormir algumas horas.

Afonso tinha passos calmos até chegar em seu carro e entrar. Saindo do estacionamento abafado do hospital, o motorista o guiou para fora e estacionou

na frente do prédio. Um segurança de Afonso entrou e outro chamou Dalian para entrar.

Dalian não se demorou, deu ordens para que os filhos ficassem de vigia e alerta e entrou no carro de Afonso.

— Dalian. — Afonso acendeu um charuto e deu um para Dalian.

— Primeiramente, sinto muito por seu filho — disse Dalian se acomodando. — Escutei rumores de que o atentado que você sofreu, um roubo seguido por algumas mortes e um ferimento grave em seus filhos, foram obras minhas... Eu não fiz aquilo, Afonso!

— Veja bem, Dalian, bocas foram feitas para falar, embora tenham umas que fazem esse papel em medida muito alta. Camilo pode ter dito algo na hora da raiva...

— Seus filhos têm sangue quente, assim como os meus, Afonso. — Dalian estava ficando vermelho, pela raiva em ser citado e por um pouco de receio de se encontrar com Afonso.

— Fique calmo, certo? — Afonso lhe emprestou o isqueiro. — Se você veio até aqui, com sua família, é porque tem algo de importante para me falar.

— E tenho — disse Dalian, sentindo a boca seca. — Sua nora pode ter ligação com isso, afinal, ela anda contando para interessados onde estava o galpão.

Afonso pensou não ter ouvido direito.

— Pode repetir o que disse, por favor? — Ele se inclinou para frente.

— Sua nora, Kali, a órfã do falecido ministro da justiça, ela disse para meu filho onde estava o galpão subterrâneo. Talvez ela tenha dito para mais alguém essa informação.

Há muito tempo, Afonso não se sentia mal dos nervosos. Lina sempre foi uma agitadora deles, mas naquele momento, ele sentiu todos eles abalados, não por Kali, essa já tinha um caminho traçado pela traição, mas pelo seu filho.

Episódio 06 – Rastros de sangue.

“Não devemos mostrar a nossa cólera ou o nosso ódio senão por meios de atos. Os animais de sangue frio são os únicos que tem veneno.”

ARTHUR SCHOPENHAUER

HORAS ANTES DA família Aguiar sofrer com o baque da traição, na casa de Manoela, quase, todos estavam a todo o vapor. As meninas ficariam até a hora do almoço e os empregados estavam fazendo o que fosse alcançável para manter tudo da forma que Manoela havia pedido para que suas meninas se sentissem confortável.

— Ainda muito cedo — disse Dolores, levando um chá para o quarto de Manoela. — Mas a menina Lídia já saiu para correr.

— Ela sempre foi agitadinha — disse Manoela, pegando a xícara. — Lilian acordou?

— Sim. Escutei ela brigar com Lídia porque a mesma entrou no quarto dela e a sacudiu até acordar para que a acompanhasse na corrida matinal, mas ela não saiu da cama...

— Quer apostar que leu até tarde? — Manoela deu um sorrisinho antes de beber o chá.

— A senhora parece bem — observou Dolores.

A cor do rosto de Manoela, o brilho nos olhos, tudo indicava que a visita de suas filhas foi revigorante para ela.

— Os calmantes que tomei fizeram efeito — ditou Manoela. — Tê-las aqui, pertinho de mim, ajuda muito, mas o que mais me deixou assim foi saber que Lídia está ciente de tudo.

Dolores não gostou da ideia.

— A senhora sabe como?

— E precisa? — Manoela repousou a xícara no pires. — Lina está aqui para vê-las, é certo que conseguiu escapar de Afonso para ver a irmã, é lógico que teve que se explicar, contudo, vou deixar Lídia me falar tudo o que pensa sobre o assunto. Ainda vou marcar uma conversa com ela.

— Espero que as coisas não se compliquem mais.

— Também espero. Pode me trazer mais daqueles sais de banho de lavanda? Quero tomar um banho de banheira para começar o dia.

— E seu remédio? Precisa tomar ainda que esteja se sentindo bem.

— Vou tomar, não se preocupe.

Dolores trouxe os sais e Manoela aproveitou seu banho com tranquilidade, esvaziando a mente e tentando relaxar o corpo na água morna e perfumada com leves espumas. O remédio matinal ajudou bastante, apesar de deixá-la um pouco fraca e zozza, mas tomou para não ter uma recaída na frente de suas filhas.

Depois de alguns minutos, vestiu seu roupão, penteou seus cabelos e preparou a pele para fazer a maquiagem básica do dia. Escolheu um par de brincos de pedras de água-marinha e passou creme de rosas em seu corpo.

Depois de tudo, ela saiu do banheiro com os lábios levemente curvados, lembrando-se de uma brincadeira que fez quando as meninas ainda eram muito pequenas.

Porém, aquela tranquilidade estava prestes a acabar, quando ela se deparou com alguém no seu quarto.

Manoela ficou estática. Olhou para a janela, estava fechada, a visita fechou a porta com calma e a trancou por dentro.

— Como conseguiu entrar sem que ninguém visse e lhe anunciasse? — Manoela estava intrigada. — Saia daqui!

— Não vou sair antes de fazer o que vim fazer.

Manoela sentiu o estômago vibrar quando a visita sacou uma arma e apontou para ela.

— Não faça isso... Lídia e Lilian estão em casa — pediu Manoela.

— Esperei por esse momento por muito tempo... não vou desperdiçá-lo.

Manoela tentou correr até a porta, gritar não iria adiantar, uma vez a porta fechada, ninguém escutaria seus lamentos ainda assim tentaria abrir e pedir por socorro, mas no meio do caminho ela foi detida, jogada contra a parede. Manoela estava mole pelos remédios que consumiu quase meia hora antes, dormente ela mal sentiu a dor da pancada.

— Pensou que eu nunca iria tirar satisfação, não é? *Se enganou, vadia!*

Manoela recebeu um cuspe na cara e um bofetão, e em seguida deixou-se cair no chão. Pela pancada, a visão ficou turva, ainda assim, ela engatinhou, precisava ao menos tentar gritar perto da janela. Contudo, seus cabelos foram puxados e o seu corpo meio erguido forçado pela dor deixou Manoela de joelhos.

— Acabou — disse a visita com um ranger de dentes.

E com uma frieza controlada, seu pescoço foi quebrado.



DEPOIS DE UM bom tempo se alongando, paradas para um pouco de água e corrida intensa, Lídia chegou até a casa de sua mãe se sentindo muito bem.

Lembrou que Fernando estava para casar hoje, mas duvidou que poderia acontecer até um empregado fofocar no jardim que uma pequena cerimônia íntima com duas testemunhas foi feita para o casamento civil de Fernando e Kali há poucos minutos.

Lídia sentiu um desconforto estranho ao saber da notícia, mas logo

perdeu quando recebeu a ligação de Paolo.

— Eles querem arrancar minha pele, só deve ser isso! — disse ele irritado. — Fiz todas as palestras da agenda, mas precisam que eu coordene a turma que está para se formar, não estou escalado para essa tarefa e ainda assim me fizeram concordar goela abaixo.

— Eu sinto muito, querido — Lídia sentou-se um pouco, na escada da entrada da casa. — Que tal, assim que sair daí, eu e você nos encontramos lá em casa? Uma massagem vai lhe fazer muito bem.

— Se forem essas mãos que você tem a fazê-la...

A ideia fez Lídia morder o cantinho do lábio superior. Ela precisava de um homem, já passou da hora, reclamava consigo mesma, quase, todos os dias.

— Seriam elas sim, mas quero as suas em mim também — Lídia estava animada, excitada com a ideia.

— Preciso chegar até você, meu amor. — Paolo sentia-se agoniado. — A espera já não é necessária, ainda assim tudo está contra nós.

— Hoje à tarde. Na minha casa. Só nós. Em minha cama.

— Combinado — disse ele. — Bom dia para você. Mande lembranças para Lilian e sua mãe.

— Mando sim. Beijos.

Lídia desligou com um sorrisinho bobo nos lábios. Levantou-se para tomar um banho, trocar de roupa, perturbar um pouco a cabeça de Lilian e comer alguma coisa antes de ficar junto a sua mãe.

Entretanto, antes que ela chegasse ao centro da sala, um grito estridente e perturbador ecoou em toda a estrutura da grande casa de campo.

Lídia correu até o andar de cima, mal vendo Dolores a seguindo também e mais um empregado. Quando entrou no corredor, viu Lilian petrificada na porta do quarto da mãe.

— Lilian? — Lídia não conseguiu se mover.

Um arrepio enrijeceu todos os músculos de seu corpo, como se ela soubesse o que tinha lá dentro. Dolores passou por Lídia e quase caiu quando viu Manoela sem vida. O empregado que a acompanhava entrou no quarto rápido.

Lídia deu passos pesados. A voz de Lina não lhe saía da cabeça. As palavras dela, para que uma atitude fosse tomada antes que Afonso começasse a agir, lhe perturbava os ouvidos.

Lilian caiu de joelhos, guardando seu rosto em suas mãos, chorando aos gritos agonizantes. Lídia lhe tocou o ombro, sem ainda ver a mãe. Sabia que ela corria perigo e se culpou por desconsiderar o aviso, assim como havia se culpado por Petra e se culpava por não dar um ultimato ao seu pai, todos eles ligados a uma única família. Aguiar.

Quando seus olhos temerosos e cheios de lágrimas se ergueram teve a terrível visão de sua mãe suspensa por uma corda laçada em seu pescoço.

Todos, com exceção dela, diriam que Manoela havia se matado, que os remédios não fizeram efeito, mas Lídia sabia, assim como Lina, Afonso e Dolores, que Manoela, mesmo com todas as dores não tiraria sua vida.

Lídia sentiu o coração cair e um véu de tristeza densa se formar em sua vida.

“Ele vai tentar destruir a família Garcia” — Os pedaços da conversa com Lina vieram como um grito de socorro em sua cabeça.

— Mamãe... — Lilian correu até seu corpo frio, que fora colocado sobre a cama.

Lídia não conseguia avançar de onde estava, da porta, todas as sensações horrorosas que poderia sentir estavam lhe maltratando a alma, envenenando o coração.

— Vou acabar com você, Afonso — prometeu Lídia, sentindo a raiva lhe cegar os olhos, a vingança aquecer o sangue, o desejo de morte esfriar sua alma. A morte de sua mãe foi a gota d'água.



O SANGUE DE AFONSO ferveu, o ódio já lhe mostrava o fim da traidora. Traidores não duram muito no caminho de cartéis, não tinha chance de explicações ou perdão, dar margem a isso, era o mesmo que ser fraco, recuar, abrir a porta para ser destruído gradativamente. Para homens como Afonso e Gonçalo, traição não tem perdão, e quando era um dos seus, assim como Kali havia se tornado há poucas horas, as consequências eram severas.

Todos os filhos de Afonso e as filhas de Gonçalo também sabiam desse fato. Traição é o mesmo que pedir para ir ao inferno mais cedo do que se planejava.

Àquela altura, Fernando estava a caminho de Las Vegas e Afonso teria que esperar ele chegar, fazer a reunião com o grupo que está para facilitar uma nova entrada de mercadorias em seus países.

A notícia vai mexer com os nervos de Fernando, mas os negócios sempre estarão em primeiro lugar para Afonso.

Afonso repassou o áudio, de Kali e o filho de Dalian, pela terceira vez, quando enfim desligou e olhou para o traficante à sua frente.

— Se não foram vocês... — Afonso estava testando as possibilidades. — Quem foi?

— Foram outros — Dalian insistiu. — Tenho provas que nem mesmo eu e meus homens saímos da propriedade que temos fora da cidade. Não fizemos parte disso, Afonso.

Afonso pensou sobre o assunto.

Ambos foram pegos de surpresa quando Camilo entrou no carro e sentou-se ao lado do pai, ficando de frente para Dalian. Carrancudo, ele encarou o velho com ódio.

— Filho de uma puta! — disse Camilo, entredentes.

— Calma. — Afonso colocou o braço na frente do corpo do filho. — Dalian está aqui para se explicar, provar que não foram eles.

O que o pai disse não fazia efeito. De todos os seus filhos, Camilo era o pior, o mais violento.

— O caralho. — Camilo fechou o punho, louco para socar a cara do velho.

— Acho melhor terminarmos outra hora — Dalian sugeriu, colocando a mão na porta, prevendo o pior.

Camilo se armou.

— Camilo! — Afonso estava perdendo a paciência.

— Até mais — disse Dalian, saindo rápido do carro.

— Vai ficar por isso mesmo? — Camilo estava impaciente, revoltado. — O que aquele *merda* disse ao senhor?

— Que Kali os procurou e disse onde estava o depósito.

— Mentira daquele velho. E o senhor ainda acredita? Impressionante!

— Escute isso — pediu Afonso, entregando ao filho a gravação.

Quando Camilo começou a ouvir, continuou duvidando, a voz de Kali estava muito arrastada, contudo, ele foi prestando mais atenção, o sorriso e lamentos eram parecidos. Camilo lembrou de uma viagem que Fernando e ele fizeram quando o mesmo namorava com uma mulher casada, e Fernando ainda estava pensando se casaria com Kali naquele ano ou deixaria para um pouco mais a frente. Kali e Fernando haviam bebido muito. Quando Kali bebia, ela ficava meio bipolar, oras sorria, e ora ficava triste. E era assim que a mulher se comportava.

Quando os ouvidos dele se acostumaram, teve certeza que não era armação. Kali havia entregado uma informação sigilosa para o filho de Dalian.

— Como ela sabia do local? — Camilo estava perdido.

— Não sei. Temos que falar com Fernando e saber se ele confiou alguma coisa a ela.

— Duvido, Fernando nunca iria tratar esses assuntos com Kali.

— Se me permitem falar... — comentou o segurança que estava sentado

no banco da frente.

— À vontade — permitiu Afonso.

— O homem que cuidava dos passos da dona Kali foi morto na mesma tarde que essa gravação.

— Acha que ela é uma infiltrada? — Camilo inquiriu, corpo tenso, fechando o punho.

— Isso pode ser verdade — Afonso não duvidava da possibilidade.

— Se os Dalians tinham essa gravação por que não nos avisou antes? — Camilo não iria deixar aquele fato passar despercebido. — Por que não nos abriu os olhos que Kali estava espalhando essa informação?

— Temos que ir por partes, Camilo — aconselhou Afonso.

— Vou ligar paro o Fernando agora! — Camilo tirou o celular do bolso, mas Afonso o tomou de imediato.

— Deixe-o chegar — disse Afonso, confiscando o celular. — Dormir um pouco. *Foder* aquela traidora pela última vez. Falar com o pessoal. Ele vai me ligar para dizer como foi o fechamento, então, só aí falamos para ele.

— De saco cheio dessa sua paciência! — resmungou Camilo, depois saiu do carro irado, descontando na porta. — *Me* arruma um celular urgente — disse ele para um segurança que vigiava o carro do lado de fora.

— Sim, senhor.

Afonso ainda tinha que ver Lina, despachá-la depois de dar uma volta pelo apartamento de Lúcia para Lina ver a irmã, mal sabendo ele que Lina estava um passo à sua frente.

— Para o hotel da família — informou Afonso para o motorista que entendeu prontamente, ligou o carro e seguiu caminho.

Seu segurança atendeu o celular, quando o carro estava saindo da rua do hospital. Depois de escutar o que seu subordinado lhe passou, ele desligou o celular, colocou no bolso do paletó com uma cara de lamento, olhou para Afonso.

O mesmo percebeu a mudança de feições do homem e antes que lhe perguntasse o que havia acontecido, o segurança se adiantou: — dona Manoela...

— O que tem ela? — Afonso endireitou os ombros.

— Ela está morta — respondeu o homem com pesar.

A notícia lhe atingiu como um soco no estômago.



FERNANDO E KALI desembarcaram em Las Vegas, o jatinho prateado

aterrissou suave e preciso. Era de se admirar um homem de pouco mais de trinta anos, ter um hotel de porte grande e cinco estrelas, renomado por muitos jornais e indicado pelas agências de viagens mais famosas do mundo, mas a venda de drogas estava lhe dando essa possibilidade.

Empregados correram para dar as boas-vindas ao chefe e servi-lo para o que fosse necessário.

A suíte que Fernando sempre usava, estava devidamente pronta, perfumada e abastecida com iguarias finas e caras. Champanhe da melhor qualidade e frutas para sua esposa.

Fernando desceu de mãos dadas com Kali. Os remédios que ela havia tomado para controlar os nervos, não só pelo fato do estresse de uma noiva em se casar com Fernando, mas também porque ainda sentia aqueles tremores depois que soube da tragédia com Antônio, fizeram Kali dormir todo o percurso feito da Colômbia a Las Vegas. Isso possibilitou Fernando ligar para Miranda e saber de Antônio, que por sua vez, não teve melhora nenhum. Depois ligou para fornecedores e contadores. Por fim, tomou um pouco de conhaque, fumou dois cigarros e relaxou ao lado de Kali.

— Estou com frio — disse Kali, abraçando Fernando.

— Farei esse frio sair de você, meu amor — prometeu ele.

— A suíte está pronta, senhor — disse o gerente do hotel, James, que recepcionou o casal.

— Obrigado. Deixarei minha mulher no quarto e vou ao meu escritório para que me mostre o livro.

— Como achar melhor, senhor Fernando.

Ambos entraram em um carro de luxo e seguiram para o hotel, chegando no estacionamento, caminharam até o elevador que levava direto à suíte de Fernando. Kali não desgrudava de seu marido. O cansaço era visível nos dois, mas Fernando sabia que ainda tinha energia para levar sua mulher para cama e consumir o casamento.

Quando o casal entrou na suíte, o cheiro leve de cítrico e couro despertou Kali que vinha sonolenta.

Duas malas foram levadas até o closet do casal.

— Avise-nos quando precisar arrumar a mala — se prontificou o gerente.

Fernando fez um leve gesto de concordância com a cabeça.

— Nos vemos em dez minutos.

O gerente fechou a porta, quando o empregado passou por ela.

— Eles devem ter preparado seu banho, como você gosta — disse Fernando, cheirando o perfume doce que vinha dos cabelos de Kali.

— Venha comigo — pediu ela, carinhosa, olhando diretamente para os

olhos baixos e cinzentos dele. — *Me faça aquela massagem e me coloque para dormir.*

Fernando beijou sua mulher, com paixão, apertando seu corpo ao dele.

— Vá na frente — sugeriu ele, levando Kali para o lado da suíte que tinha a cama.

O espaço era rico em luminosidade. Chão de mármore. Uma ala espaçosa que se referia a sala de visitas com enormes sofás de veludo. Um bar que tinha mais de trinta garrafas de bebidas dos diversos lugares que ele já viajou, vários dele com Kali. Uma varanda espetacular com uma piscina e hidro. Do outro lado, estava instalada a imensa cama. Uma entrada que levaria para closet e um grande banheiro.

Fernando tirou o casaco longo que Kali usava e o colocou sobre uma poltrona perto da cama.

Aquele perfume se intensificou e ele beijou-lhe o ombro, depois o outro e mordiscou, levando arrepios que relaxaram as costas dela.

— Estou lhe devendo — disse ele baixinho, ao pé do ouvido de Kali, deixando as pernas dela moles. — O que devo, eu faço questão de pagar. — As mãos grandes e pesadas desceram pelos braços de Kali encontrando a cintura dela.

Um aperto e um beijo violento a fizeram perder o ar completamente, excitou-se com tão pouco que esqueceu do quão leviana ela foi para com o homem que a desejava acima de todas aquelas que o queriam.

— Amo você — ele disse querendo-a.

A declaração calorosa fez o coração de Kali diminuir, a culpa lembrá-la de que a situação estava difícil para a família Aguiar, e ainda assim Fernando fez de tudo para não a decepcionar. Mesmo que não fosse o casamento civil que ambos planejaram, ele fez o possível para estarem casados como prometeu no dia que a propôs casamento.

'Me perdoa' — a frase veio na ponta de sua língua, mas a força, a coragem necessária não permitiu que ela pedisse. Kali precisava pensar nas consequências que uma confissão lhe acarretaria.

— Quero que saiba — disse Kali, com a garganta seca. — Meu coração é todo seu. Eu não sou perfeita, Fernando, erro, tenho impulsos quando me sinto ameaça, e faço besteiras por egoísmo.

— E quem não faz, querida? — Ele sorriu, acariciando a face sedosa dela.

— *Me deixe terminar* — Kali se segurou para não chorar. — Ainda que eu tenha todos os defeitos do mundo, eu amo você. — Os olhos dela transbordavam culpa.

Por Fernando não saber do que realmente ela falava, interpretou aquele olhar como um temor natural que alguns sentem depois que se casam, de um futuro juntos, dos caminhos complicados que a forma de vida dele poderia lhe trazer.

— Não esquece disso, Fernando — pediu ela, segurando na camisa dele. — Por favor. — Ela tremia novamente. As náuseas voltando.

— Kali, calma — pediu ele, com carinho, segurando o queixo dela, olhando para os olhos claros e cansados que ela mostrava. — As últimas horas foram péssimas, uma merda. Descanse o quanto precisar. Quando acordar, estarei do seu lado, certo?

Ela fez que sim com a cabeça, abraçando Fernando bem apertado.

Decidiu ela. Iria contar toda a verdade. Iria implorar seu perdão e tentar correr atrás do prejuízo. Antes disso, iria descansar o corpo. Comer alguma coisa, tomar banho e fazer amor com seu marido. E antes que eles voltassem para a Colômbia, ela resolveria tudo. Iria ressarcir a família Aguiar pelo prejuízo financeiro, dando parte de sua herança. Sobre Antônio, o que fosse necessário a ser feito ela faria, tudo, exatamente tudo para não perder Fernando.

— Vou preparar-me para você. — disse Kali. — E quando você voltar, faremos amor até cairmos cansados na cama.

— Agora eu gostei — ele sorriu de lado, beijando-a novamente, agora com mais vigor.

Quando Fernando deixou o quarto, Kali foi para seu banho.

Ele precisava de no mínimo uma hora para ver seus negócios, passar pelo salão de jogos, fazer uma visita na sala de segurança e dar uma olhada no livro de contabilidade de entrada e saída de drogas no território americano. Com a ansiedade de resolver tudo, esqueceu de levar o celular com ele.

— Tivemos problemas com o transformador essa semana — comentou o gerente do hotel —, mas já foi resolvido.

Fernando caminhava com ele pelo salão, lendo o relatório da entrada e saída de dinheiro relacionados às mesas de jogos. O lucro estava muito bom para o período.

— O carregamento de bebidas da Escócia chegou no prazo combinado, mas a nota de compra veio com um imposto maior que da última vez.

— Verificou o motivo? — Antes de receber a resposta, Fernando prosseguiu — Quem está com a parte de contratos?

— Emma.

— A gostosa alta?

James sorriu.

— É, a gostosa alta.

— E por que ela não lhe avisou? Não vá me dizer que anda trepando com ela e isso o fez ficar surdo e analfabeto...?

— Não, não — disse James, rápido. — Mas já estou verificando isso e lhe darei o parecer o mais rápido possível.

— Isso o quê? — Fernando se divertia com o medo do homem. — Tregar com ela ou os contratos?

— Os dois... Digo, os contratos, senhor Fernando — disse James envergonhado, arrumando a gravata.

Os dois entraram no escritório. James fechou a porta e andou até o cofre ao lado da mesa de Fernando, colocando a senha com rapidez, ele o abriu e tirou o livro.

— Desculpe — disse James colocando o livro sobre a mesa de Fernando, quando viu a aliança que ele carregava na mão esquerda. — Não sabia que já tinha se casado. Quando o senhor me ligou dizendo vir até o hotel e que passaria alguns dias logo depois de me comunicar o que aconteceu com seu irmão, Antônio, pensei ter adiado o casamento, se não me engano a cerimônia estava para ser hoje à noite.

Fernando pegou um cigarro e acendeu.

— Achamos melhor deixar as festividades para um momento melhor. — Fernando abriu o livro. Antes que ele pudesse ver a contabilidade o telefone de sua sala tocou.

James foi rápido em atender para saber de quem e o que se tratava. Uma pena ele ter tido que enfrentar o touro desgovernado do Camilo a sua frente, sua gentileza e eficiência não iria ser apreciada por ele.

— Escritório administra...

— Passa para Fernando, sua lesma! — Camilo estava bêbado.

Passou o resto do dia se corroendo por saber a origem do mal de sua família e por ter péssimas notícias de seu irmão. Os médicos, infelizmente, disseram que Antônio não estava reagindo bem, após a cirurgia, e as esperanças eram mínimas de ele sair daquela situação crítica.

— Camilo ao telefone — James não precisara perguntar de quem se tratava, tratamento como aquele só poderia vir de uma pessoa.

Fernando estendeu a mão e recebeu o celular.

— Se não for sobre Antônio, desligue porque estou cheio de coisas para fazer.

— Foi ela, Fernando! — disse Camilo, alterado, perturbado.

Fernando percebeu que seu irmão não estava bem, também previu que a ligação não iria ser encerrada em segundos, então, com um gesto de mão, pediu para que James saísse da sala.

— Quanto consumiu, Camilo? — inquiriu Fernando se referindo a drogas.

— A porra toda! — Camilo andava de um lado a outro de seu quarto, porta trancada, garrafa de uísque vazia, papelotes secos. Rosto suado, pupilas dilatadas. Se alguém olhasse para ele enviesado, era capaz dele matar com uma bala na testa. — Caralho Fernando, ela tá matando nosso irmão, ela nos roubou! — Deu um soco na parede.

— Do que está me falando? — Fernando encostou na cadeira, começando a ficar preocupado. — Você está drogado, está com aquelas visões malditas novamente? Já disse que quando as luzes começam a girar é hora de parar, seu merda!

— Caralho de visão nenhuma! — Camilo estava agitado, coração batendo forte, desejando matar. — FOI A KALI FERNANDO! FOI A PUTA DA TUA MULHER QUEM NOS ENTREGOU! FOI ESSA VADIA DO CARALHO, QUE CONFIAMOS POR TODO ESSE TEMPO, QUE DEU O PARADEIRO DO DEPÓSITO! — Camilo gritava a plenos pulmões, liberando um pouco da raiva que sentia.

Por ele, voava direto para Las Vegas e matava a traidora esmagando o seu pescoço e a jogando na primeira vala que encontrasse.

Fernando se levantou abruptamente, sentindo um gelo cobrir seu corpo de imediato.

— Que porra você está me dizendo, Camilo? — indagou nervoso.

Fernando não queria acreditar, mas conhecia seu irmão, também sabia o quanto Camilo gostava de Kali, e o tanto que apoiou o casamento quando seu pai não queria.

— POR CAUSA DE CIÚMES! — gritou Camilo. — VOCÊ FODEU A GARCIA E KALI FODEU COM A GENTE!

— Tente não gritar e fale como um homem! — Fernando saiu de trás da mesa, se alterando com o irmão.

Camilo precisou de alguns segundos para tomar fôlego, enxugar o suor do seu rosto e tomar o resto da dose que tinha em seu copo.

— Os Dalians — disse Camilo sem gritar. — Eles têm uma gravação de Kali passando a localização do galpão. Sei lá como aquela desgraçada conseguiu essa informação, mas ela passou para eles, alegando estar se vingando porque você colocou um par de chifres nela com Lídia Garcia. — Camilo limpou a garganta e sentou-se.

Fernando havia ficado parado, escutando o que seu irmão revelava. A pancada estava sendo forte, então ele sentou na beirada da sua mesa, apertando os olhos com os dedos da mão direita, tentando processar tudo o que seu irmão

drogado estava falando.

— Você escutou a gravação? Tem certeza disso, Camilo?

Ele não queria acreditar, entretendo, algo lhe dizia que se preparasse para o pior. Então a dor da decepção o acompanhou quando seu irmão continuou. Ele nunca sentiu isso, mas seu corpo esquentou de um jeito errado, os dedos de suas mãos formigavam e um enjoo lhe contraiu o estômago.

— Certeza absoluta. — Camilo respirou fundo, mesmo que estivesse com desejos assassinos aguçados, sentia por Fernando, pelos planos que ele tinha com Kali. — Nosso pai já sabe. Ele que não o deixou contar nada até o fim da reunião com o pessoal que você vai ter amanhã, e você nos ligaria para dizer algo. O que vai fazer, Fernando? — Camilo esperou um pouco, mas perguntou novamente. — Fernando, me diz o que vai fazer com ela? Ouh! *Tá* me escutando?

Não iria adiantar Camilo gritar por seu irmão, a única coisa que existia naquela sala era o rastro de raiva que um homem estava tendo por descobrir o que sua mulher havia feito e um telefone largado sobre a mesa com alguém gritando do outro lado da linha.

— O QUE VAI FAZER, FERNANDO? Merda, filho da puta, me deixou no vácuo.



LINA JÁ NÃO tinha unhas em seus dedos. Acordou cedo, ficou pronta antes que Afonso entrasse no quarto e lhe apressasse. Ela detestava isso, sempre achava que estava faltando fazer algo.

Embora ela adorasse provocar Afonso e irritar sua paciência, Lina estava com outras preocupações em mente.

Ela foi até o banheiro, abriu a caixa d'água da privada e tirou de dentro um celular pré-pago que estava protegido em um saco lacrado. A recomendação era para ela ligar só em caso de emergência. Contudo, a ansiedade de saber se tudo ocorreu bem era uma emergência.

— Atende... — Ela dava pulinhos nervosos.

— O que aconteceu? — A pessoa do outro lado da linha estava nervosa.

— Nada, eu liguei para saber se tudo está correndo bem, como planejamos — disse Lina, se trancando no banheiro.

Lina sabia dos eventos que aconteceram na noite passada, seus motivos e fins, mas precisava sondar mais fatos. Ainda que a invasão ao depósito de Afonso tivesse feito de forma profissional e bem organizada, algo poderia sair

fora do planejado.

— Conseguimos. O material foi levado e guardado em lugar seguro. Não me ligue para me fazer perguntas como essa — disse a pessoa com irritação. — É perigoso. Já falamos sobre isso.

— Não consegui dormir direito desde que voltei para o meu quarto eu não paro de pensar em tudo o que tem de ser feito. Falei com Lídia, avisei a ela sobre Afonso e pedi para ela se proteger.

— Você foi atrás de Lídia? — Lina teve que afastar o celular da orelha. — Pedi para não fazer isso agora!

Não era o planejado, embora Lina tivesse concordado no momento, mas quando está ali, na mesma cidade que as irmãs, vendo Afonso agir pelas costas de Gonçalo era uma situação muito diferente.

— Tinha que fazer alguma coisa. — Lina quis se justificar. — Lídia frequenta os mesmos lugares que os Aguiar.

— Quando você vai me escutar? Fazer como havíamos planejado? O mais importante é grampear o celular de um dos Aguiar, e não envolver suas irmãs.

— Isso é impossível — disse Lina roendo o pedacinho de unha que lhe restava. — Eles têm bloqueadores. Mesmo que um celular seja trocado, a rede de segurança deles vai perceber o sinal diferente e bloquear no mesmo instante. Já lhe disse que os celulares deles são a prova de escutas.

Eles testaram todas as possibilidades, ainda assim parecia que nada poderia desbancar a família que mais contribui com mortes, roubo de impostos, tráfico ilegal, lavagem de dinheiro, assassinatos no seu próprio país. O que conseguiram foi chegar mais perto de pessoas que não estavam ligadas ao tráfico, como Kali, grampeando celular, adiantando-se nos locais que ela frequentava e tirando informações com sistema de escuta.

Fernando se preocupava com a segurança dela, mas achando que Kali não sabia de nada sobre as movimentações de seus negócios, não achou necessário mexer no resto da privacidade de sua noiva.

Bastou um descuido de Fernando. Kali escutava atrás das portas, lia mensagens de canto de olho, e no primeiro deslize que deu, passando informação sobre um depósito para um de seus irmãos em uma ligação, foi o suficiente para Kali guardar e usar no momento que queria.

O encontro entre Kali e Pedro foi realizado no restaurante especialmente preparado para saber do que se tratava o assunto que Kali queria abordar, colocando uma escuta por perto e pegando as informações necessárias.

Bingo! Uma traição levou a outra.

— Fernando já sabe da ‘traição’ de Kali, não é?

— Se ainda não recebeu a notícia sobre o almoço da noiva dele com Pedro Dalian, está bem perto de saber, não se preocupe — disse a pessoa com mais calma. — Depois que espalhei a notícia que os Dalians poderiam ser suspeitos da tragédia com os Aguiar, eles não iriam ficar quietos em serem acusados injustamente. Vi quando Dalian entrou no carro de Afonso essa manhã, é certo que ele foi se defender.

— Preciso persuadir Afonso também — disse Lina. — Colocar a sementinha na cabeça dele.

— Lina, pare! — A voz ficou alterada — Você já faz o suficiente aguentando tudo com aquele merda... Só de pensar o que ele faz com você... Preserve sua vida, deixe o resto comigo por enquanto.

Ela não iria parar, decidiu isso quando aceitou a ideia de escutar conversas de Afonso e repassar para terceiros agirem contra os planos de cartéis que mais lucravam com a guerra das drogas.

— Você é lento e muito calculista. — Lina se irritou. — Afonso está a um passo de acabar com a minha família, não posso vê-lo massacrar a todos, sabendo que posso fazer alguma coisa. Preciso fazer alguma coisa.

— Você já fez — insistia a pessoa que escutava impaciente do outro lado da linha. — Comprometeu sua identidade se revelando para sua irmã, ficando com Fernando. Faça o que lhe ordeno uma vez na vida. Homens muito menores que os Aguiar conseguiram enganar espionagem avançadas. Um passo em falso e toda o plano vai por água abaixo.

— Cansada de todo mundo dizer o que tenho que fazer — encerrou a ligação totalmente contrariada.

Quando Lina saiu do banheiro foi no mesmo segundo que Afonso cruzou a porta do quarto. Lina teve um sobressalto, mas percebeu que Afonso estava estranho naquela manhã e nem percebeu o nervosismo dela estampado na cara.

Ela andou até o outro lado do quarto sem dizer nada, esperava que ele o fizesse.

— Sua mãe está morta — disse Afonso, sem nenhum cuidado, sentando na beirada da cama, arrasado.

Lina se virou rapidamente, achou não ter escutado direito, ou Afonso estava drogado, ainda assim o que ele havia lhe dito mexeu com seus sentimentos.

— Quem lhe disse isso? — Ela se aproximou de Afonso, ainda que não gostasse. — Ficou louco?

Afonso olhou para Lina, desolado e prosseguiu:

— Ela se enforcou.

— Mentira! — Lina gritou na cara dele. Entretanto, percebeu que nada

mais tinha sentido, que perdeu todas as chances que imaginava em sua cabeça de um dia se aproximar e perdoá-la, mesmo que tenham sido poucos, ela pensou um dia. — Seu cretino! — Ela partiu para cima de Afonso, o pegando de surpresa. — Você quem mandou matá-la! — Acusou ela, sendo segurada pelos pulsos. Afonso se levantou para que não deixasse sua prisioneira perder o controle de vez. — Agora está sentindo o peso da culpa, seu merda! Você é um porco desgraçado! Assassino!

Lina conseguiu se soltar e dar um tapa na cara de Afonso. Ele não mudou as feições do seu rosto, ele se virou lentamente, olhando para Lina que chorava pela perda que sofreu e, com a força que tinha em seu punho, ele rebateu o tapa, fazendo o corpo dela perder o equilíbrio e cair no chão, quebrando o nariz.

— Eu odeio você! — ela gritou, até sentir um sufocamento, o ódio sobressaindo como uma onda sem controle.

Afonso a pegou pelos cabelos e ergueu Lina a jogando na cama com violência.

— Fui roubado — disse ele tirando o casaco sem nenhuma presa. — Meu filho foi passado para trás, depois de tanto que lhe avisei que aquela mulher não era de confiança, fraca e fácil de ser influenciada. — A gravata foi folgada e tirada em seguida.

Lina já previa o mal acontecer.

— Meu filho mais novo está à beira da morte. — Afonso se livrou do cinto. — Existe mais alguém tramando contra mim. — Ele abriu os primeiros botões da camisa e depois os punhos. — E a única mulher que amei está morta. — Abriu o zíper da calça e subiu na cama. — Mas você vai me fazer esquecer tudo isso nem que seja por um segundo. — Ele puxou Lina pelas pernas.

Afonso iria fazer novamente. A primeira vez ela só era garotinha, não conhecia aqueles toques e ficou desconfortável com eles, depois, quando mais adolescente, ela o flagrou se tocando enquanto ela tomava banho. Ficou assustada e buscou não se aproximar, mas quando estava próximo de sua maioridade, ele a atacou enquanto ela dormia, mas foi quando Lina conseguiu sair de casa, que ele foi atrás para buscá-la novamente, que Afonso a forçou fazer sexo com ele.

No fim, depois de pôr pra fora sua tensão, ele se desculpava, dizia que não iria fazer mais, contudo, eram palavras em vão.

Não adiantava se debater, ele era violento demais, forte demais. A única alternativa era ficar quieta e deixar o inferno acontecer novamente, caso contrário, ela sairia com mais alguma coisa quebrada em seu corpo.

Quando ele tocou o que queria, Lina chorava em silêncio, também já havia apanhado por chorar enquanto ele lhe violava. Mas naquela manhã, era

uma dor muito maior. A notícia da mãe morta mal lhe atingiu o coração e a dor de ser usada pelo homem que passou anos dizendo que era seu pai, a mantendo longe de todos estava lhe machucando mais uma vez, estava vindo com mais força na raiva que ela já sentiu algum dia.

O ato, que ela pensou ter esquecido, que achou que ele nunca faria, estava lhe rasgando seu coração em partículas que ninguém iria conseguir juntar.

“Ele sempre conseguia o queria” – disse para si mesma, dormente sobre a cama, sendo sufocada por um corpo pesado.

Quando Afonso terminou, saiu da cama e foi para o banheiro. Ao voltar, Lina estava encolhida na cama, sentindo dor na cabeça, nariz e entre as pernas. Ela estava secando as lágrimas quando ele se aproximou.

— Eu... não vou fazer novamente — disse Afonso se sentindo mal. — Estava descontrolado e...

Lina se forçou a sair da cama. Apesar de tudo, ela era grata por suas irmãs não conviverem diretamente com aquele homem. Por sua mãe desistir dele – pena que em momento tardio.

Ela teve que tomar um banho, daqueles que desejava que nunca acabasse. Se lavou com ódio e tristeza. Manoela morreu iludida por um homem que só lhe mostrava uma face, nunca conheceu de verdade o homem que Lina tinha o desprazer de conviver.

Quando ela terminou o banho, vestiu outra roupa e saiu do banheiro. Afonso ainda estava no quarto.

— Eu pedi para trazerem alguma coisa para o seu nariz — disse ele desconfortável.

Lina tinha limpado com sabão e colocando algodão.

— Você disse que não faria mais... — Ela o olhava com desejo de matá-lo.

— Eu sei... perdi o controle. Não vou fazer mais. Dessa vez é definitivo. Eu só não estava pensando direito, você me bateu e...

Eram atitudes doentias. Violentar uma jovem que criou desde de muito pequena e depois se sentir culpado, mesmo sabendo que existiria a possibilidade de fazer mais uma vez. O problema de Afonso era que ela, obviamente Lúcia também, eram parecidas demais com Manoela quando a mesma era muito jovem, quando era uma época que tanto Manoela quanto Afonso viviam fantasias de dias felizes juntos. Era um ato sem justificativa, porém, para ele, era válido.

— *Me peça o que quiser, para que me desculpe* — Depois do alívio veio a culpa maior. Ele sabia que era totalmente errado, mas um verme como Afonso não se permitia controlar esses impulsos quando vinham com mais violência,

quando encontrava na face de Lina o retrato da mulher que amava loucamente, amava de um jeito tão doentio que tinha desejos impulsivos de matá-la. — O que pedir, eu prometo que vou tentar ser compreensível e fazer o que puder.

A única coisa que queria era que ele permitisse que ela o matasse, mas isso nunca iria acontecer, mesmo que o cretino nojento merecesse.

— Vamos Lina, me peça — Afonso estava com gestos agitados. Depois do monstro, que ele tinha enjaulado dentro de si, ia dormir quando finalizava suas atrocidades, Afonso ficava perdido, desconcertado.

Com a mãe morta, Lina poderia voltar, mas Afonso não lhe concederia, mesmo que ele tenha lhe dado o direito de pedir o que quisesse, Lina sabia que aquele homem tinha um plano e ela escondida fazia parte desse plano que não poderia ser desfeito. Gonçalo terminaria o acordo com ele, tirando sua família de perto do Aguiar e por fim Lina nunca conseguiria derrotá-los.

— Nada? — insistiu Afonso, incomodado com a quietude de Lina. — Uma viagem, joias...

— Não quero porra de joias e nem viagens, quero que deixe minha família em paz!

— Impossível! Eu vou até o fim, até ver Gonçalo na lama...

Lina sentia um dor que não conseguia dizer por onde começava e terminava.

— Lídia sabe de mim — Lina revelou. Afonso a olhou com incredulidade — Sabe sobre seu caso com Manoela. Sabe que você me roubou.

— Está blefando! — Ele vociferou contra ela, lhe apertando mais os cabelos. — Eu mato você, mas antes arranco sua língua grande!

— Então tente. — Lina provocou. — Se eu não entrar em contato por esses dias com Lídia, ela vai desconfiar, e já que mostrei o caminho, você, qualquer coisa que acontecer contra mim ela vai saber que foi você, seu infeliz!

Lina sentia-se em vantagem, ao menos, parte do plano poderia estar dando certo. Mais pessoas sabiam de sua existência. Ela tinha algo para incriminar Afonso, bastava apenas dismantelar toda a família e as Garcias saírem ganhando.



Alguns anos atrás, quando Fernando conheceu Kali...

— **O QUE ESTÁ OLHANDO?** — A voz irritada de Kali atravessou os pensamentos sujos que Fernando estava imaginando ao ver seu corpo se mover

de um lado para o outro. — Não tem isso em casa não?!

Fernando sorriu, sentado junto ao balcão. Tinha sido uma noite muito cansativa no hotel cassino. Uma luta de boxe com dois grandes adversários famosos estava disputando o cinturão de diamante. As apostas tinham sido altas para o lutador texano que ganhou no terceiro round.

Fernando estava cansado demais daquela agitação e precisava de outro tipo de diversão para relaxar.

A madrugada foi agitada depois da luta, dos lucros contabilizados, da festa particular que aconteceu e de algumas mulheres ricas e atraentes lhe fazerem companhia. Ainda assim, Fernando estava flertando com a única naquele balcão de bebidas que não tinha lançando um olhar curioso ou interessado.

A loira estava acompanhada com mais duas mulheres que em pouco tempo Fernando descobriu que se tratava de uma amiga e a irmã.

— Sinceramente? — Ele andou até ela, olhar safado, louco para beijar a boca da loira arisca. — Não tenho. Mas pretendo ter e não quero demorar para possuir — ele disse de um jeito que a deixou envolvida.

Talvez por ele ter se levantado e mostrado o quanto era corpulento, quando ele falou a voz vibrou contra o peito dela, e assim que saiu das sombras ela soube o que era um olhar penetrante e traiçoeiro.

Kali engoliu com dificuldade, a irmã e a amiga logo atrás, ambas admirando o homem que se aproximava do grupo.

— Fernando Aguiar. — Ele estendera a mão esquerda para ela.

A amiga de Kali, por nome Victória, ao escutar o nome soube logo de quem se tratava, diferente de Kali que não frequentava o hotel. As meninas estavam para a despedida de solteira de uma outra amiga que as acompanhava, mas ela estava em um quarto de hotel se divertindo com o stripper da festa.

Kali olhou para a mão estendida. Não tinha aliança. Era grande, morena, unhas quadradas, e percebeu algumas tatuagens em seu antebraço até perto do pulso. Não identificou todas, mas o que mais lhe chamava atenção era a serpente que dava voltas.

— Kali — disse ela, sem lhe dar a mão.

Fernando sorriu de lado. Recolheu a mão e a pôs no bolso. Ele estava cansado, prometeu a si mesmo que mais uma dose e subiria para seu quarto, mas Kali fez com que ele ficasse um tempo a mais.

— Querem ver a vista do alto do hotel? — inquiriu Fernando.

— Ah, seria maravilhoso — Ada, irmã de Kali se adiantou.

— Eu quero, Victória disse animada.

— Não, obrigada — disse Kali secamente.

— Ah, vamos, Kali! — Ada insistiu.

— Podem terminarem o *drink* por lá — sugeriu Fernando, sem tirar os olhos de Kali. — Pedir o que quiser para comer.

— Vamos, Kali — Victória estava sonhando com a proposta.

— A piscina é aquecida e se quiserem usá-la, é toda de vocês três. Prometo só fazer o que me permitirem.

Ada e Victória esperavam impaciente pela decisão de Kali.

— Tudo por minha conta — acrescentou Fernando.

— Sem gracinhas? — Kali quis saber.

— Sem gracinhas — prometeu Fernando.

Ele as levou para a suíte. Quando Fernando abriu a porta e deixou que todas elas entrassem, Kali andou pelo lugar fascinada pela beleza das luzes que Las Vegas tinha do alto. Ada e Victória correram para a piscina com seus *drinks*, largando os sapatos, se livrando do vestido e caindo na água morna.

— Me desculpe por elas — disse Kali, quando Fernando se aproximou. — Seu inglês é muito bom.

— Obrigado — ele tirou o copo das mãos de Kali. — Quero lhe dar algo melhor, venha...

Ela o seguiu até o bar. Lá Fernando abriu uma garrafa de vinho italiano e a serviu. Tirou da geladeira uma bandeja de queijos e colocou próximo a ela. Kali agradeceu com um sorriso e sentou em um dos bancos.

Enquanto as duas meninas nadavam na piscina, Kali e Fernando conversavam assuntos variados. Ele descobriu que ela era filha de um ministro na Colômbia, e quando especificou quem era seu pai, Fernando soube disfarçar bem a surpresa. O pai dela já tentou fazer apreensões de documentos da família Aguiar, mas nunca havia encontrado nada que os comprometesse. Fernando sabia camuflar sua ilegalidade. Embora ela fosse filha de quem era, ele não quis desistir, já estava fascinado por Kali e não tinha planos de deixá-la escapar.

Quando ambos viram que moravam no mesmo país e que poderiam se ver porque Kali estava voltando à sua terra natal, depois de uma longa temporada nos Estados Unidos em seus estudos acadêmicos, Fernando viu a chance de ter aquela mulher mais vezes.

Ada e Victória comeram e beberam na piscina. Lagostas, frios, canapés, tudo para as meninas. Fernando e Kali ficaram na sala. E quando o dia estava perto de aparecer, Ada e Victória dormiram aconchegadas em um grande sofá cama na varanda.

Naquelas horas Kali estava rendida por ele. Excitada e precisando ser beijada. Fernando sentiu e viu no olhar dela, na forma que ela mexia os cabelos, de como ela o tocava em sua perna quando falava sobre algo de forma

empolgante. Os olhares mais fixos e ambíguos para ele, uma mistura de tesão com admiração.

Fernando já tinha o suficiente. Beijou-a com muito desejo.

E antes que o primeiro raio do sol tocasse a grande parede de vidro, Kali tinha sido levada para o quarto de Fernando, o vestido aninhado em sua cintura, ainda de salto e meias, os seios subindo e descendo, ofegante. Ambos quentes pela bebida.

Ele lambia sua vagina com uma vontade louca de lhe enfiar o pênis duro. Mas quando ela o chamou perdida, porque não conseguia segurar o desejo de ser possuída por aquele homem, Fernando foi ágil em vestir sua proteção e entrar nela com ansiedade.

Eles transaram até não existir o que dar um ao outro e dormiram juntinhos. E quando ele abriu os olhos naquela manhã, com o sol no topo da cidade, prometeu que seria ela a mulher pela qual iria amar e casar-se.

Eram lembranças que iam e voltavam machucando o seu peito e a alma.

Depois de tudo o que o Camilo lhe disse, das frases que Kali havia declarado naquela noite, Fernando estava em um caminho sem saída.

Os punhos cerrados e andando até o quarto, ele perguntava porque Kali não feriu apenas ele. Por que não cancelou o casamento? Por que não o deixou? Ela achou que entregando assuntos de família a outros iria machucar apenas a ele? Kali calculou mal, presumiu Fernando ao chegar na porta do quarto.

Ele estava com o irmão à beira da morte, um prejuízo alto e vários funcionários mortos, além de um cartel inteiro para acalmar, controlar os ânimos depois do prejuízo.

‘Você fez muito mal, Kali’ — Fernando resmungou antes de entrar no quarto.

Ao entrar, ela dormia sobre a cama tranquilamente. Fernando ficou parado por alguns instantes, remoendo o que Camilo havia lhe dito, então entendeu as súplicas de Kali antes de ele sair e ver o hotel, os tremores dela, a vontade de ficar dopada.

Para testar o nível do sono de Kali, Fernando pegou um copo e jogou contra a parede, próximo a cama, e a única coisa que Kali fez foi resmungar e virar para o lado.

Ele queria confrontá-la, mas o estado que ela estava era o mesmo que falar com uma pessoa em coma. Cabeça fervia, latejava, raiva machucando os sentimentos que ele tinha por ela, ódio por ser tão descuidado. Tudo se misturava com intensidade.

Estava cansado demais, mas adrenalina que corria em seu corpo parecia que iria estourá-lo em pedaços.

Fernando entrou no banheiro e ligou o chuveiro. Ou ele molharia a cabeça ou ela iria ficar em chamas. Com sapatos, camisa e calça, ele deixou se encharcar até não conseguir sentir mais aquele desconforto quente que lhe sobressaía os ouvidos.

As lembranças da primeira noite que ele encontrou Kali, que fizeram amor, foi o dia que ele quis viver apenas com uma mulher. Sim, claro, ele tinha lá suas falhas, alguns flertes, toques mais íntimos com outras mulheres nas longas viagens, mas transar foi apenas em sua despedida de solteiro.

Anos juntos, apenas com Kali. Sua cama era toda dela e de mais ninguém. E no primeiro impulso que Kali teve, tudo desandou em curvas desastrosas.

Sentiu culpa e raiva por ter atração por Lília. Ele sempre soube que ela por perto sempre tinha algo emocionante para acontecer. Mas não a culpava. Ele que não conseguia segurar as mãos quando ela se aproximava. E pensou pesadamente, que Lília não era a culpada de tudo aquilo, e sim ele e Kali.

Quando a ideia de arrancar o mal pela raiz lhe atravessou os pensamentos passados, Fernando sentiu o nó sufocar a garganta. Se ele não tomasse uma atitude, alguém de sua família faria.

Traição era um fim sem volta, não existia meio termo, não existia perdão, não tinha sentimento nobre no peito que fizesse aquela lei ser quebrada.

Trocando de roupa, Fernando ligou para seu pai, e exigiu que lhe passasse o áudio. Não iria adiantar Afonso debater, ele estava exausto pelo o dia que teve, por Lina e os problemas anteriores. Então, ele lhe deu o áudio de uma vez e pediu que o filho acabasse logo com o sofrimento.

Fernando saiu do quarto sem olhar para Kali na cama. E para pensar melhor em tudo que teria que ser feito, ele foi para a boate que tinha na ala norte do hotel.

‘Acabar com o sofrimento’ – debochava Fernando, colocando para dentro mais álcool e deixando a morena de corpo perfeito lhe provocar.

Ele segurou a borda da calcinha dela, a mulher parou, animada por prever uma foda com o dono do hotel cassino em que trabalhava.

— Fernando? — uma voz feminina e com sotaque fez ele virar para esquerda.

— Tiara — disse ele, meio bêbedo. — Sai — ordenou pra stripper, que por sua vez saiu decepcionada.

— O que faz aqui, querido? — Tiara sentou ao lado dele.

Linda e atraente, vestindo um terninho verde que tinha como peça um pequeno short, um casaquinho e nada mais, um decote bem provocante que estava sendo evidenciado por correntes finas de ouro e bronze.

Quando ela cruzou as pernas, Fernando olhou, e Tiara gostou.

— Minha lua de mel — disse ironicamente.

— Impossível — Tiara sorriu, pensando que ele estava tirando sarro da cara dela. Quando percebeu a cara fechada de Fernando, o olhar baixo e a falta de ânimo em seu semblante, ela entendeu que ele não estava brincando. — Mas não era hoje à noite?

— Antônio está muito mal no hospital e acabou que não houve casamento nenhum. — Fernando fez um gesto para o garçom trazer mais uma garrafa. — Minha mãe ficou de cancelar tudo. No fim das contas... casamos no civil.

O garçom trouxe a garrafa de uísque e Tiara aproveitou para pedir um Martini.

— Ah, que pena — disse Tiara. — Miranda deve estar arrasada. Mas porque está aqui e não com Kali? Sabemos que ela não vai muito com minha cara, que também não fui convidada para a ‘pequena cerimônia religiosa’, mas o certo não é você estar com ela agora?

A bebida de Tiara chegou e ela bebericou um pouco, jogando charme para o Fernando. Dos três filhos de Afonso, ela adorava ir para a cama com Fernando. Não sabia o porquê exatamente, mas Fernando sempre tinha alguma coisa suja para dizer e fazer na cama que a deixava maluca. Pena que quando ele se juntou a Kali, os benefícios sexuais dos dois acabaram.

Fernando olhou para Tiara, ela era a porra de uma mulher que não precisava fazer muito para aguçar a imaginação de um homem.

— Vou encurtar a história, certo? — Fernando foi curto e grosso. — Você vai querer trepar comigo ou vai ficar dando voltas?

Tiara sorriu. Era o que ela queria quando o avistou. Foi a procura de Fernando na última vez que esteve em Bogotá, mas um dos seguranças de Fernando avisou que ele estava impossibilitado de atender alguém, mal sabendo ela que ele tinha sofrido nas mãos de Lídia, e ainda lhe faltava um dente de trás.

— Não vou ficar dando voltas.

Fernando olhou para o palco e duas stripper estavam lá, com um pequeno fio dental cada uma delas fazendo contorcionismo ao dançar e provocar. Ele encheu o copo de uísque e tomou de uma única vez.

Estava doendo por todo o lugar que o perguntasse.

Ele se levantou e Tiara tomou rápido sua bebida. Pegou a pequena bolsa que carregava e acompanhou Fernando na direção onde estava indo.

— Uma suíte presidencial, talvez — disse Tiara, que saiu mais como uma sugestão do que uma pergunta.

Fernando chamou o elevador que usava para circular em todo o prédio,

quando abriu, Tiara entrou nele batendo seus saltos agulha com delicadeza.

O elevador fechou e o ar ficou denso lá dentro.

— Você poderia pedir champanhe e ostras adoro comer depois...

— Cala a boca — ordenou ele, colocando Tiara contra o metal frio do elevador.

Ela sorriu. Era safada, ordinária e ele sabia disso.

As mãos de Fernando apertavam o corpo dela, onde fosse que ele quisesse, sem gentileza, sem vontade de fazer aquilo durar.

— Tira a roupa. — Ele pegou os cabelos dela e os prendeu em sua mão.

— Safado — disse ela, excitada, o rosto apertado contra o metal.

Tiara deixou a bolsa cair no chão, desabotoou o short e deixou cair se aninhado entre seus pés.

Fernando baixou o olhar para ver o traseiro dela, tinha uma marquinha sutil de bronzado. Ele deu um tapa do lado esquerdo que a fez dar um pequeno sobressalto de surpresa e um gritinho animado. Fernando apertou a bunda dela e lhe deu outro tapa que fez Tiara empinar mais e encostar seu corpo ao dele. Foi quando ela sentiu que ele estava duro dentro de suas calças. Para provocar, ela começou a se esfregar contra o pênis. Fernando parou o elevador. Uma das mãos de Tiara alisava o pênis dele, dava leves apertos sobre o tecido da calça. Fernando abriu a calça e colocou seu membro para fora.

— *Me deixe chupá-lo* — ela gemeu, sentindo as bordas de sua vagina umedecerem, quando ele a tocou com seu pênis.

Fernando virou-a para si e Tiara desceu sobre o corpo dele até ter em suas mãos uma vara potencialmente dura, com a glândula brotando um líquido perolado e as veias sobressaindo. Ela lambeu os lábios e em seguida colocou parte do pênis em sua boca. Fernando segurava os cabelos dela. A chamava de vadia e mandava-lhe foder direito. Tiara estava dando o seu melhor, ele sabia disso, mas queria rebaixá-la, não só ela, mas quem quisesse um pouco dele dali para a frente.

Quanto mais ela chupava, mais ele empurrava a cabeça de Tiara para que seu pênis fosse ao limite daquela boca gulosa e quente. Chupadas fortes o fizeram sentir as ondas se aproximarem, depois ela começou lambê-lo deixando Fernando na borda do limite, brincar com os dentes no piercing que atravessa seu pênis.

Sem delicadeza – e ela não se importava – ele a fez ficar de pé, ainda a segurando com força os cabelos dourados dela, virou Tiara de costas, inclinando seu tronco para frente, e com um golpe, ele empurrou tudo para dentro dela fazendo a mesma gritar, querer enfiar as unhas no metal. Eles transaram até transpirarem.

Fernando não dizia nada, apenas a comia com ódio de si mesmo, com raiva de não ter dado atenção a Kali o suficiente. De ter transado com alguém que sua mulher odiava. Ele sabia os motivos pelos quais fizeram Kali ficar idiota ao ponto de prejudicar sua família, como também sabia o que tinha que fazer e não poderia demorar.

Tirar uma minúscula porcentagem da raiva e tristeza que tinha no peito era a única coisa que ele queria, depois de horas pensando no que fazer com a mulher que levava seu nome e o esperava em sua suíte de núpcias.

Mas nada conseguia, nem o álcool, nem a foda com uma vadia, nada... conseguia fazer diminuir o que ele carregava no peito. A dor que lhe apertava os nervos, lhe mortificava o coração.

Quando estava prestes a gozar, Fernando foi rápido em tirar seu pênis e colocar todo seu sêmen nas coxas dela.

Tiara sorria, apesar de cansada, suada e dolorida, ela tinha tido orgasmo maravilhoso com ele.

— O que quer fazer agora? — inquiriu ela, escutando Fernando fechar o zíper de sua calça. Tiara sentiu o elevador se mover. Então ela subiu seu short e se virou para Fernando. — Se quiser fazer algo diferente...?

— Com você? — disse ele seco. O elevador abriu. — Embora seja bonita e atraente, Tiara, você é só a porra de uma puta que me atrai por poucos minutos, nada mais...

Fernando passou pelo elevador, deixando Tiara totalmente sem fala e suja, para trás.



QUANDO KALI ACORDOU, sentiu um gosto amargo na boca e sabia que era por causa dos remédios que havia engolido. Os olhos ressecados e o corpo ainda um pouco cansado, ela rolou para outro lado da cama e não sentiu a presença de seu marido lá. Ela abriu os olhos e sentou-se na cama.

Kali lembrou que Fernando prometeu que estaria do seu lado quando acordasse, infelizmente não aconteceu.

Ela havia tomado um banho demorado e comido, depois vestiu uma camisola confortável e bonita, tomado dois calmantes ao invés de um e se protegeu nos lençóis macios e perfeitamente brancos, aninhando vários travesseiros por perto.

Kali tinha a visão meio desfocada. Tinha dormido quase a manhã toda e o lado onde Fernando teria que estar parecia intacto.

— Procurando-me, meu amor. — A voz dele fez Kali virar para a esquerda.

Foi quando Kali percebeu que ele estava próximo, sentando em uma pequena mesinha, que ontem à noite tinha champanhe e frutas para ela, agora só tinha meio conteúdo de um uísque, um separador e canudo de metal e rastros de cocaína.

Os olhos de Fernando estavam assustadoramente vermelhos e fundos, nebulosos e com um olhar diabólico.

— Por que está se drogando? — disse ela, com voz triste e arrastada. Kali estava sonolenta, mas conseguiu chegar até a borda da cama e sentou lá. — Você não dormiu?

— Não — disse ele, com olhar intimidador, tão fixos a ela, que fazia Kali tremer mesmo se esforçando a se acalmar.

Fernando se levantou, então Kali viu as mãos dele vestidas com luvas de couro escuro e uma pistola na cintura. Ele andou até o criado-mudo. Kali sentiu o cheiro forte de bebida, drogas e sexo vindo dele, fazendo seu coração parar, congelar.

Kali fechou os olhos e engoliu com uma dificuldade tremenda.

Fernando tirou do criado-mudo um charuto e acendeu ali mesmo, depois se virou e estendeu a mão para Kali. Ela temeu, mas segurou a mão dele e se levantou.

Seu marido a colocou em seus braços e olhou nos olhos dela como se quisesse se declarar, mas ele não fez, tirou o charuto da boca e com a outra mão a pegou pelos cabelos e beijou-lhe a boca como fizera na primeira vez que a tocou.

Kali estava confusa, com medo e apaixonada, contudo se deixou levar pela dominação dele. Um beijo que, para ela, parecia uma despedida, e se fosse de fato, Kali estava pronta para provar, porque estava sendo delirante e tocava-lhe profundamente os sentimentos.

— Por que você fez isso? — inquiriu ele, voz baixa, olhar decepcionado. — Por que não machucou apenas a mim, Kali?

Kali sentiu que iria desmaiar.

‘Ele sabia’, seu consciente gritava desesperadamente.

Os olhos de Fernando estavam diferentes, ora ela via dor, ora ela via raiva e em outras ele a olhava como nunca tinha feito, mas logo Kali saberia do que se tratava aquele olhar.

— Fernando — iniciou ela, querendo tocar o rosto dele, aproximar-se mais de sua dor. Mas ele não deixou. Fernando segurou o pulso dela e Kali sentiu o couro da luva dele muito quente, um toque desconfortável que a

amedrontou a alma.

— Antes de tudo — disse ele, sem tirar os olhos, que já estavam com lágrimas de arrependimento. — Suspeita de estar grávida? Acha que tem um filho meu em você.

Kali negou. Então Fernando a soltou fazendo-a suspirar pesadamente, fechando os olhos e deixando as lágrimas caírem livres, o peito doendo, os membros pesados.

— Podem entrar — ordenou Fernando.

Kali ergueu o rosto confusa e antes que dissesse alguma coisa, dois homens a seguraram com força.

— Fernando! — ela suplicou.

Eles a colocaram na cama e a amarraram. Depois uma mulher entrou com uma pequena maleta, colocando em cima da cama.

— Fernando, pelo amor de Deus! — Ela chorava descontrolada. — O que vai fazer? O que vai permitir que eles façam a mim?! Vamos conversar, Fernando!

Ele fingia que não escutava. Sentou na mesma cadeira que estava anteriormente, tirou do bolso da calça mais um saquinho de coca e colocou sobre a mesa, escutando Kali lhe chamar, suplicar, pedindo lhe perdão. Com familiaridade, ele fez uma linha fina com o separador e pegando o canudo, projetou em seu nariz e inalou tudo para dentro, encontrando-se rápido na cadeira e fechando os olhos escutando os gritos de sua mulher.

Kali se debatia, gritava e clamava por tudo que fosse sagrado na sua vida, mas não adiantava nada, Fernando não iria conversar com ela, não naquele momento.

— Se acalme, senhora Aguiar — disse a mulher com paciência. — Vamos apenas fazer um exame de sangue e saber se a senhora não está grávida.

— Grávida — Kali disse aquilo com voz cansada, garganta doendo. — O que acontece se eu estiver? — Ela se virou para Fernando. — *Me diz Fernando!* Se eu tiver, o que acontece comigo?!

Ele não deu ouvidos. Levantou-se e deu-lhe as costas deixando Kali à beira da morte de tanta dor que lhe partia o peito. Sem ver o sangue de sua esposa ser coletado, ele foi até a varanda respirar e organizar as ideias para a conversa que os dois teriam depois que o resultado saísse.

— Fernando! — ele a escutava gritar.



A CASA DE MANOELA foi tomada por policiais, lamentos e choros. Aquela manhã ficou marcada para todo o sempre nas mentes de todos que presenciaram o que se caracterizava um suicídio. Contudo, para Lília, suicídio estava longe de ter acontecido.

As meninas sabiam que Manoela tomava remédios controlados, que ela precisava de uma fuga para os pesadelos que tinha, para o desequilíbrio emocional que adquiriu ao longo dos anos.

Policiais pegaram todas as caixas de remédios, receitas e interrogaram Dolores, a empregada, que cuidava particularmente da mulher ‘suicida’, depois os empregados de serviços terceirizados, em seguida os dois seguranças que estavam na casa.

Empregados alegaram não ter encontrado ninguém suspeito pela área, muito menos vozes alteradas no andar de cima. Nem mesmo as meninas, as filhas de Manoela, puderam dar outra versão. Embora Lília soubesse que alguém estava por perto, homem ou mulher, um deles – entretanto que era um Aguiar –, ela tinha convicção que conhecia a casa e se aproveitou da privacidade de Manoela, em seu quarto, naquela manhã e a matou.

Lília queria extravasar, gritar o nome da família – Aguiar – que fez aquele dia a tragédia marcante, contudo, não podia. Afonso não seria punido pela lei. E mesmo que a vida estivesse tramando dores para ele, de um jeito mais engenhoso e agonizante, Lília não iria encurtar o caminho para um cretino.

O mínimo que aconteceria era Gonçalo dar ouvidos a Lília e tirar a sociedade com os Aguiar. Mas e depois? — calculava Lília, com parte do coração em dor e outra em raiva. O que aconteceria se falasse com seu pai sobre a traição de Manoela? Provavelmente Gonçalo não tratasse o fato com tantos sentimentos como Lília estava sentindo. Uma vez que já fez muitos anos que Gonçalo estava separado de Manoela – meses depois que Lília nasceu – e vivia apaixonado por várias ao mesmo tempo. Também tinha Lina, mas esta não iria querer sair de perto de Afonso até que ele sofresse o lhe era devido. Então, não iria expô-la agora, uma vez que Lina não iria voltar para casa, e ainda ficaria com raiva de Lília por estragar os planos de derrotar Afonso Aguiar.

Lília fechava os olhos para tentar parar de pensar um pouco sobre aquela família. Queria sofrer uma dor de cada vez, mas estava sendo impossível. A ansiedade de ter o prazer em ver os Aguiar sem fortuna, sem contatos, sem privilégios conflitava com o choro que lhe cortava a alma de tanta tristeza e impotência.

Lilian estava inconsolável, assim como todos que amavam a carinhosa Manoela. Depois que sua mãe foi colocada em um saco negro, fechado com zíper e posta em uma maca para ser levada para perícia, o choro de Lilian era

ainda mais doloroso.

Gonçalo apertava Lilian tão forte, que parecia que temia perdê-la também. Alegava, ele, que estava saído da Venezuela quando recebeu a trágica notícia. Foi Lúdia quem ligou para ele e passou a notícia por uma mensagem de voz.

Com uma hora depois, Paolo foi a procura de Lúdia assim que recebeu a mesma mensagem, no meio da sua palestra, deixando os alunos e correndo para ficar com Lúdia.

Lilian correu para seu quarto, chorando, e se trancou lá dentro. Ela tinha acordado tão animada, mesmo que Lúdia estivesse lhe quebrado o lindo sonho que ela teve, mas tirando o aborrecimento de ser acordada fora de hora, Lilian estava disposta a passar o dia com a mãe. Foi ela quem, ao abrir a porta do quarto, se deparou com o corpo de Manoela pendurado por uma corda. Não tinha uma dor calculada para aquela situação, era perturbadoramente infinita e lhe corroeria o coração em uma dor que ora lhe queimava o peito e em outras a sufocava.

Gonçalo tirou a tarde para falar com os policiais, contratou um detetive particular e pagou alto à polícia para ter notícias rápidas. Lúdia duvidava que isso chegaria a algum lugar.

Se tem mesmo o dedo de Afonso, pensava ela, ele já deveria ter calculado tudo, e a caça ao assassino vai ser como procurar uma agulha em um palheiro.

Enquanto Lilian chorava trancada, sem querer falar com ninguém, Gonçalo fazia suas ligações e falava com os empregados, Lúdia estava no jardim com Paolo, cabeça cansada de tanto chorar, lamentar pela tragédia.

— O que posso fazer por você? — Paolo a tinha sem seus braços, ambos aconchegados em uma espreguiçadeira de frente para uma grande piscina.

— Fique perto de mim, só isso. — Lúdia respirou fundo, olhando para a casa. — Quero tirar Lilian daqui — disse enxugando suas lágrimas. Os olhos inchados doíam muito.

— Ela vai querer voltar para casa, tenho certeza. — Lúdia sentiu Paolo beijar os cabelos dela.

— Vou ficar um tempo na casa do meu pai — comentou Lúdia — Você se importa de ir para lá? De me fazer visitas?

— Claro que não, meu bem. — Paolo acariciou o braço dela. — Acho até bom, posso ajudar em alguma coisa...

— Vou gostar disso. Está doendo tanto, Paolo. Machuca como nunca pensei que um dia fosse me sentir assim.

Paolo sabia dessa dor, seus pais foram assassinados, mortos, sua irmã e

irmão, muito jovens, também foram mortos pela tragédia que homens poderosos levavam quando se aproveitavam da pobreza. Foram dias difíceis, e ele nunca superou.

— Lília! — Gonçalo a chamou. Seu semblante era como de um verdadeiro viúvo. Olhar triste, ombros cansados, voz embargada.

Quando Lília se virou, saiu dos braços de Paolo, ergueu seu corpo e correu para os braços do pai. Ela não sabia como, mas aquele rancor que sentia por ele, não estava lhe afligindo o peito, pelo contrário, sentia que o amava como antigamente.

— Sinto muito, minha filha — disse Gonçalo, com um choro que fez Lília chorar mais uma vez.

Ela o apertou mais.

— Nós vamos ficar bem, papai. — Ela sentia o coração de Gonçalo bater forte, os músculos rígidos, os ombros balançando pelo choro da perda.

E foi ali, sentindo-se mãe de seu pai, que Lília prometeu que ninguém mais iria chorar por uma tragédia dos Aguiar. Que ela, sem dúvida alguma, faria o que fosse para quebrar cada pilar que sustentava o homem que só entrou na vida da família Garcia para destruir por puro egoísmo, maldade e desejo de vingança.

Lília não pensava nas barbaridades que Lina havia lhe proposto, Lília só queria proteger Manoela, ficar perto dela e lhe dar forças. Mas tudo mudou. Os planos de Lina não estavam mais parecendo tão absurdos como antes, o desejo de fazer com que Afonso Aguiar parasse era muito maior que qualquer sensatez que já passou em sua mente.

Lília percebeu, muito bem, que algo estava mudando dentro dela, e logo muitos iriam presenciar e provar.

Não tinha mais o porquê ficarem na casa. Quando o dia estava indo embora. O que sobrou da família Garcia foi se retirando do local da tragédia. Os empregados dispensados e depois do enterro poderiam ficar na mansão de Gonçalo, assim como Dolores, mas esta iria pensar, ela vivia para servir Manoela, e caso uma das meninas quisesse o mesmo tratamento, ela estaria disposta a trabalhar para a família, fora isso, Dolores queria se aposentar.

Lilian e Gonçalo seguiram no carro dele. Lília precisava ir para casa pegar algumas roupas. Paolo a acompanhou. Entrou junto e ajudou Lília a fazer uma pequena mala.

— No caminho para a casa de papai, quero passar em uma livraria — disse Lília, fechando a mala e a colocando no canto da porta.

Paolo, que fechava os armários, se virou e indagou — Para Lilian, não é?

— Não acho que isso vá diminuir a dor que ela está sentindo, mas... —

As lembranças da mãe morta retornaram e Lúdia voltou a chorar.

Paolo foi para mais perto e abraçou-a. Ele nunca a viu tão abalada. Tão necessitada de contato, de proteção.

— Eu tinha tanta coisa para falar para ela — revelou Lúdia, chorosa. Paolo enxugou suas lágrimas e ergueu o rosto para que seus olhos encontrassem os dela.

— E ainda que não tenha dito — disse Paolo, com carinho —, tenho certeza que ela sabia o que seu coração dizia por ela.

— Quando essa dor vai passar? Quando essa imagem vai sair da minha cabeça?

— Quando a única coisa que você sentir, ao lembrar-se dela, for saudade e o amor que sempre sentiu. — Paolo beijou a testa de Lúdia, depois a boca, levando para ela conforto e alento. — Eu sinto muito por você. Chore o quanto achar necessário, mas nunca esqueça que a vida segue para aqueles que ficam.

Lúdia conseguiu ver dor nos olhos de Paolo como se alguma lembrança também o tivesse entristecido, contudo não deu muita importância a ideia, por estar perturbada pela morte da mãe, por todas as coisas que vem acontecendo nesses últimos dias, pelos pensamentos assassinos que lhe invadiam a alma.

Lúdia o abraçou como se só precisasse disto em sua vida para se acalmar.

Eles deixaram o apartamento com o segurança de Lúdia. No caminho, passaram por uma livraria e Lúdia escolheu uma coleção que continha sete unidades de uma série de contos de época e, bem melosa – indicado pela vendedora –, assim como Lilian gostava.

Quando Lúdia saiu da livraria já era noite. Precisava comer e dormir, porque teria mais uma pessoa a quem lamentar.

Petra e Manoela. Quem mais ele vai matar? — questionou-se Lúdia, apertando os dentes.

Paolo percebeu Lúdia muito calada. Mal sabendo ele, que ela, além de sentir as dores de perder uma mãe, também alimentava o ódio por Afonso Aguiar – o câncer que estava corroendo a família dela aos poucos. Roubou Lina, enganou a Manoela, matou Petra, possivelmente ordenou a morte de sua mãe, e estava prestes a passar a perna em seu pai.

Paolo abriu a porta do carro e antes que Lúdia entrasse, ela avistou o carro dos Aguiar parado no sinal. Era inconfundível não ser ele, o carro tinha o brasão da família que eles divulgavam com orgulho.

O segurança de Lúdia, que estava no carro de trás, percebeu para que ponto Lúdia estava fixada.

— Me espera no carro? — inquiriu ela, para Paolo.

— Claro, você vai comprar mais alguma coisa?

— Volto logo — disse ela já lhe dando as costas, indo para perto do segurança, que saiu rapidamente do carro. — Tem uma arma sobrando?

— A senhora não vai até eles.

Vinte segundos para o sinal abrir. Lídia tinha quase certeza que Afonso estava lá dentro e provavelmente Lina também.

— Eu não estou lhe pedindo permissão alguma. *Me dê sua pistola* — ela estendera a mão.

O segurança olhou para o carro de Aguiar.

Dez segundos para o sinal abrir.

— Vamos! *Me entregue a pistola.*

— Dona Lídia... — Ele tirou a pistola da cintura, mas não colocou nas mãos dela.

— *Me siga quando o carro sair* — disse ela, pegando a pistola do segurança, e andando até o sinal.

Cinco segundos.



LINA ESTAVA NO canto, olhava para rua, com o corpo tenso, a raiva envenenando seu sangue, escutando toda a conversa de Afonso ao telefone, tentando falar com Miranda.

Depois que eles – Afonso e Lina – saíram do hotel, Antônio teve uma parada cardíaca. Ele estava constantemente cruzando uma linha perigosa entre a vida e a morte. Depois ele ligou para Camilo.

O mesmo estava empenhado, ao que parece, uma única câmera de vídeo, que era usada para registros rápidos, foi deixada ligada dentro do galpão e gravou uma parte da invasão naquela noite. Com sorte, Camilo conseguiu algum rosto e cavaria o inferno para encontrar algum suspeito. Em seguida, Afonso recebeu uma ligação de Fernando, quando o mesmo lhe pediu o áudio onde Kali traía a família na qual ela acabou de entrar.

— Precisa matá-la — disse Lina sem sentimento, olhando os carros passarem.

Ela sabia, mas do que ninguém, como o sistema era regido dentro do mundo do crime, e se um único ser vivente fosse contra o sistema o próprio teria que ser engolido quem quisesse desmanchá-lo.

Lina estava nesse barco, dismantelar o sistema de Afonso, mas, ao contrário de Kali, Lina não tinha amor e paixão lhe cegando, ela tinha ódio, rancor e paciência, então, previa que ser morta por Aguiar não estava no seu

destino.

— Caso contrário — continuou ela —, mas uma idiota aparece, escuta o que não lhe diz respeito e acha que tem o dever de espalhar...

— Você quem desencadeou tudo isso — Afonso estava tremendo, a notícia de Antônio fez os nervos serem abalados e o fato de o cartel estar comprometido estava acabando com ele e seus filhos. — Ela fez isso porque você e Fernando...

— Ela fez isso porque é burra! — disse Lina, duramente, olhando para Afonso com ódio, mesmo que a dor de perder a mãe ainda lhe fizesse ficar em farrapos. — Por que não enfiou um chifre na cabeça dele? Por que não desfez o casamento? — Lina fez uma pausa depois prosseguiu com um sorriso presunçoso. — Eu, particularmente, teria ridicularizado ele no casamento, deixado Fernando para trás, pego as passagens para lua de mel e trepado com qualquer um que sorrisse para mim.

— Mas Kali não é você — disse Afonso, fechando o paletó.

— Não, ela, não é! — Lina virou seu rosto, voltando a olhar o movimento da rua. Tudo o que planejou estava indo no caminho certo.

O carro parou no sinal.

Afonso sabia com quem estava lidando, e viu nos olhos de Lina a forma astuta que ela se pronunciava.

— Você não tem nada a ver com toda essa história, não é Lina? — Afonso duvidava que Lina era tão inocente como podia apresentar. — Foi você quem armou para Kali descobrir a traição de Fernando no dia da despedida de solteiro dele?

— Irei falar pela última vez — disse Lina, sem olhar para Afonso. — Entrei para parabenizá-lo, Fernando quem demonstrou interesse... em... Lídia! — Lina foi rápida em destravar a porta e abrir para que a irmã entrasse, assim que a viu se aproximar.

Antes que Afonso conseguisse pensar, Lídia estava ao seu lado com uma pistola apontada para sua costela direita. O segurança, que os acompanhava no banco da frente, sacou sua arma e apontou para a cabeça de Lídia.

— Mande seu capanga seguir com o carro — disse Lídia, perigosamente, com voz baixa, porém nítida.

— Siga — ordenou Afonso, para o motorista que encarava a situação no banco de trás.

O carro começou a se mover.

— Foi você quem a matou? — Lídia sabia que, mesmo que o cretino tivesse feito, ele não iria falar com a mesma simplicidade de um ‘bom dia’.

— Sinto muito — disse Afonso, com pesar. — Mas, apesar de merecer o

inferno, esse pecado eu não vou levar...

— Mentira — disse ela apertando o cano contra ele.

Nada poderia fazê-la mudar de ideia. Um homem, como Afonso, sabia mentir, persuadir, inventar a história conveniente que lhe fosse plausível para o momento, chorar sem sentimento, sorrir sem vontade, mas Lídia não iria se deixar levar.

Lídia pensou bem sobre o assunto, mesmo que Afonso não tivesse tido o trabalho de se deslocar até a casa de Manoela, desviar os olhos de todos e entrar sem ser percebido para em seguida matar a mulher que o amou na juventude, ele poderia ter enviado outra pessoa para o trabalho sujo.

— Sugiro que baixe a arma — pediu Afonso, jogando um olhar sedutor para Lídia. — Tenho testemunhas que podem confirmar que não estive no local no dia e hora da morte.

— Porco — disse Lina.

Foi quando Lídia se virou e viu o rosto da irmã. Ela sentiu seu estômago se revirar, então tirou a pistola da costela de Afonso e colocou na cabeça dele.

Lina, para ver a reação de Afonso e se divertir com isso, gesticulou para que a irmã colocasse a arma no meio das pernas dele. E foi o que Lídia fez, com um desejo enorme de coçar o dedo e enfiar todas as balas no saco sujo de Afonso Aguiar.

— Você é um lixo — disse Lídia, desconsiderando a sugestão de Afonso. — Um parasita! Lina, Petra... Minha mãe. Se não a matou, mas tem culpa, você usou o amor que ela ainda tinha por você para arruiná-la, machucar o coração, depois levou minha irmã, em seguida se tornou sócio do meu pai... Não vou deixar você nos arruinar mais do que já vem fazendo... Porco!

Lina sorriu. Ela percebeu o demônio nascendo em Lídia, crescendo, querendo guerra, sangue e desgraça. Sabia que sua irmã estava aonde ela queria depois de alertá-la, de contar o que fosse relevante, mesmo que desejasse falar o que sofria nas mãos de Afonso – mas isso ficaria para outra ocasião.

— O que está dizendo...? — Afonso olhou bem fundo nos olhos de Lídia.

— Gostaria, de verdade, que meu pai soubesse sobre você...

— Você não teria coragem de manchar o nome da sua mãe, não é? — Afonso contava com isso.

— Não vou, não agora — assegurou Lídia. — Eu prezo pela imagem da minha mãe, e não vou estragar isso, só porque ela foi cega o bastante para se envolver com você. Mas minha paciência anda muito curta.

Afonso estreitou os olhos.

— Acho que chegamos na sua parada — disse Afonso.

— Você vai cair, Afonso, e espero que seja logo — acrescentou Lídia.

— Tenho minhas dúvidas — disse ele, rapidamente.

— Lina não vai a lugar algum. — Exigiu Lília. — Quero ela por perto, saber de seu paradeiro, saúde, e mais importante, se tocar nela mais uma vez — referiu-se pelo machucado no rosto da irmã, sem saber o que mais ela passava com Afonso —, juro que acontecerá o mesmo com você!

— O que você deseja — garantiu Afonso.

— Você vai pagar pelo mal que nos fez — Lília tinha sede de matá-lo, acabar com poder de Afonso. — Eu não vou ficar quieta ver você destruir o resto que nos sobrou.

Ela deixou uma raiva crescer em seu corpo, uma que se alimentava dos sentimentos bons que ela tinha, e que a preenchia com um desejo de poder, posse e controle sobre tudo o que antes ela fechava os olhos. A vida bela e protegida que seu pai sempre manteve, aquele momento não tinha tanto, estava ameaçada. As mínimas preocupações que preenchiam sua vida, naquele instante eram montanhas: assassinatos, “suicídio”, sequestro, abuso, vingança, desgraça, separação, traição, inferno, tudo vindo de um único homem.

— Como disse, querida — disse Afonso, sem se afetar com a situação —, eu tenho minhas dúvidas.

Ele poderia ter suas dúvidas, poderia desacreditar na força da vingança de garotas que se alimentavam com o tráfico, mas de uma coisa Afonso não sabia, ela tinha perspicácia, inteligência para conquistar aos poucos tudo o que queria.

Lília olhou para irmã com um olhar de *até logo*! E saltou do carro rapidamente.

Quando Afonso foi embora, Lília olhou na direção da outra rua. Paolo estava ainda no mesmo lugar, verificando o relógio, depois, Paolo olhou na sua direção em que Lília estava e percebeu o olhar triste que ela lhe dava segurando uma arma.



ERA COMO SE as emoções lhe engolissem. Com todas as suas falhas, ele a amou como nunca antes. Entretanto, a vida o surpreendeu. Fernando se uniu a Kali com planos a longo prazo, e, em menos de doze horas já teria que dar um fim no relacionamento.

Decepcionado e sentindo dor pelo corpo todo, ele pensava como findaria a história entre eles.

A aliança estava fora de seu dedo. Fernando a movia de um lado para

outro sobre a mesa que ficava na sala da entrada da suíte.

— Fernando — Kali o chamava rouca de tanto gritar, cansada, amarrada a cama.

Ele queria ir, ficar perto, mas não era certo, não quando tinha algo tão ruim em sua mente.

Os enfermeiros e a médica, que cuidaram de coletar o sangue de Kali, deixaram o quarto rapidamente assim que terminaram o serviço. Em menos de meia hora o resultado sairia, mas Fernando pediu para ver só a tarde. Ele tinha que se reunir com alguns políticos e não queria pensar sobre o assunto depois da reunião.

Kali chorava, gritava por Fernando, mas ele não se aproximou, não falou nada.

Para não ouvir os clamores de sua mulher, Fernando trazia à tona lembrança entre ele e Antônio. O quanto eram boas as saídas com ele. Como Fernando tratava-o mais como um filho frágil que um irmão caçula. As aulas que ele deu para Antônio se aperfeiçoar na mira quando atirava com uma arma de coice mais forte. As noites que tiveram juntos, com lindas mulheres, quando Fernando não tinha compromisso algum com Kali. Os sentimentos de proteção quando Antônio saía para algum trabalho ilícito da família. Ele amava demais Antônio, assim como toda a família a quem iria proteger ficando à frente dos negócios em poucos dias.

— Se quiser... — pronunciou Jorge, o segurança de Fernando —, o senhor descansa para a reunião que terá em poucas horas e eu termino com dona Kali.

Fernando não levantou a cabeça. Ficou brincando com a aliança. Fazendo o ouro bater contra a madeira.

— Eu a coloquei na minha vida, eu a tiro — disse ele, no automático.

— Precisa dormir, senhor Fernando. Já faz mais de quarenta e oito horas que está acordado...

Fernando ergueu os olhos para Jorge que estava em pé, diante dele, esperando uma ordem. Os olhos baixos, vermelhos, cansados, traduziam tudo o que havia passado nas últimas horas de provas difíceis.

Ele tinha acordado depois de poucas horas de sono, após ter traído Kali com "Lídia", teve um dia cheio com Lídia e foi nocauteado em seguida. Teve que sair para trabalhar no resto do dia, sentindo uma dor de lhe rachar a cabeça, depois foi em busca de Lídia para confrontá-la, foi quando recebeu a notícia do roubo do galpão e da situação precária de seu irmão. Passou toda a noite no hospital e pela manhã precisou se casar com a mulher que amava, em seguida, fizeram uma viagem de pouco mais de seis horas até Las Vegas. Fernando só

precisou verificar o cassino, pequenos problemas corriqueiros e pegar o livro para análise, foi então que Camilo ligou para avisar que sua mulher, a qual ele havia feito promessas, tinha sido uma peça fundamental para tudo o que estava acontecendo de ruim naquelas últimas horas.

— Camilo ligou? — quis saber Fernando, ficando de pé.

— Ele tem chances de encontrar alguma coisa na câmara que ficou ligada no galpão. — Jorge tirou do bolso um pente carregado e estendeu para Fernando. — Se encontrarmos o rosto, podemos ter ideia de quem invadiu o galpão. Não foram os Dalians. Temos provas que eles não saíram da toca naquela noite...

— Mas eles sabiam que Kali estava com informação — Fernando pegou o pente, tirou a pistola da cintura e carregou-a. — Eles deveriam ter nos avisado antes.

— Concordo. Mas seu pai insiste em mantê-los por questões de manter a paz.

— Eu vou voltar — disse Fernando. — E mandarei matá-los.

— Seu pai não vai aprovar.

— Olhe bem para mim, Jorge. — Fernando tinha expressões duras. — Veja se isso me preocupa!

— Certamente que não.

— Ótimo. Vou para suíte do lado. Deixe dois seguranças nesse quarto — pediu Fernando, esfregando os olhos. A droga só tinha o deixado mais ansioso e com os batimentos cardíacos muito acelerados.

Ele saiu da sala deixando a aliança para trás. Depois da noite e toda a madrugada pensando, ou tentando, Fernando chegou àquela manhã com uma única certeza, não se sentia mais marido de Kali.

Tomou seu banho, lavou bem o rosto e os cabelos, se enxugou e caiu nu sobre a cama. Depois de sete horas dormindo, foi acordado com Jorge entrando no quarto e deixando a refeição, com uma camareira, sobre uma pequena mesa perto da varanda.

— Em uma hora os novos sócios estarão na sala de reunião — avisou Jorge.

— Kali.

— Está mais calma.

Fernando se levantou, comeu tudo o que foi oferecido e vestiu-se, com a roupa que havia separado. Como um belo executivo, um verdadeiro homem de negócios, usou as abotoaduras que havia ganhado de sua mãe e colocou dentro do paletó sua pistola.

Depois de tudo, ele se sentiu muito melhor. Cabeça limpa, corpo erguido, forças renovadas, ideias a todo o vapor.

Antes de sair, precisou ver Kali. Ela ainda estava amarrada pelos pulsos à cama, os olhos inchados de tanto chorar, cabelos uma bagunça. Fernando a olhou sem querer sentir nada, mas foi impossível. Foram mais de quatro anos juntos, existia uma história entre eles, contudo quando ele lembrava o motivo dela estar naquela situação, conseguia abafar o que dizia seu coração e pensava como um narcotraficante nato que precisava tomar atitudes difíceis em situações extremas.

— *Me solte* — pediu ela, com a voz falha. — *Me solte*, Fernando, por favor. Vamos conversar.

Fernando andou até próximo da cama.

— Pedirei que tragam alguma coisa para comer. — Abriu uma gaveta do criado-mudo e tirou um relógio de bronze com diamantes.

— Não quero comer nada. — Kali tentou se sentar, mas a posição em que estava não ajudava. — Quero que me solte e converse comigo. Por tudo o que já passamos. Por nosso casamento.

Fernando a olhou, lançando frieza. Foi quando Kali não encontrou o homem que amava, muito menos o esposo feliz na simples e pequena cerimônia que tiveram ontem. Aquele Fernando, não era o que ela conhecia.

Ele se virou, dando as costas para Kali.

— Volto em algumas horas — disse ele, desconsiderando os pedidos dela



QUATRO, DOS SEIS homens que iriam fazer negócios com Fernando, estavam presentes.

Quando Fernando chegou a sala de reunião, que ficava no mesmo andar da ala administrativa do hotel, todos estavam conversando entre si, tomando suas bebidas e comendo alguns petiscos a espera de Aguiar. Assim que Fernando cruzou a porta, com Jorge ao seu lado e do outro, o gerente do hotel, os homens desocuparam suas mãos, deixaram as conversas paralelas e se endireitaram.

Fernando apertou a mão de cada um deles. E sentou-se assim que ambos foram apresentados.

— Foram bem acomodados? — Fernando quis saber.

Todos disseram estar felizes com o tratamento recebido e as acomodações oferecidas.

O gerente distribuiu os contratos para serem lidos e assinados para ser fechada a sociedade com o cartel de Bogotá. Que para Fernando, consistia em Gonçalves, e sua família, alguns fazendeiros da região e empresários.

— Como foi falado na visita que fiz a vocês há alguns meses — disse

Fernando, tirando a pistola de dentro do paletó e a colocando sobre a mesa. Todos os pares de olhos focaram por um instante sobre a intimidação que foi exposta na mesa e depois olharam para Fernando com mais cautela, receio. — Relembrando, a intenção de beneficiar a todos os presentes é pelo simples fato de ajudarem a passar a mercadoria pelas fronteiras de cada um dos territórios de vocês. Se lerem o que diz o contrato — todos os políticos abriram suas pastas e folhearam os papéis —, receberão, a cada quinzena do mês, um valor simbólico para que a Polícia Federal, Rodoviária, Exército, Marinha e Aeronáutica fechem os olhos para todos os tipos de transporte que farão a trajetória necessária para a entrega da mercadoria ao seu destino...

— Aqui não diz o limite... da mercadoria — disse o representante dos Estados Unidos.

— Também não deixa especificado o valor que vamos ganhar — acrescentou o representante do Brasil.

— Fiquei sabendo que vocês perderam muito dinheiro em um roubo... — disse o representante do Canadá. — Não nos leve a mal, mas precisamos de um adiantamento para poder arrumar o terreno, organizar as entradas e poder pagar os honorários de quem vai ajudar a facilitar na fronteira...

— Acho seguro — acrescentou o representante dos EUA. — Dez milhões, cada, para começar, está de bom tamanho... depois...

— Dez milhões? — Fernando não demonstrou, mas deu a entender que achou um absurdo dar dez milhões para iniciar.

— *Me* desculpe, Fernando, e sem esquecer, desejo melhoras para seu irmão — se pronunciou o representante do Brasil, Fernando assentiu —, mas depois de sabermos que vocês perderam muito com o roubo no galpão, precisamos de garantias. Se concordar com o pagamento, adiantado, sabemos que quando algo assim acontecer com os negócios com o cartel, todos nós entenderemos que você vai manter o acordo firmado, até porque, temos que manter o sistema de entrada em funcionamento. Estamos ajudando a vocês venderem bilhões em mercadoria com nosso apoio.

— Devo concordar — disse o representante do Canadá. — Preciso arrumar as pistas de pouso, pagar homens para ficarem de vigia... tenho estradas desgastadas, vocês podem ser abordados por outros traficantes da região.

— Tenho policiais difíceis de se comprar no meu estado — explicou o representante dos EUA.

Todos começaram a dar a palavra juntos, fazendo a paciência de Fernando se esgotar, a cabeça ferver ainda mais.

— Só posso repassar o valor — disse Fernando, ficando de pé, fazendo todos lhe darem atenção em silêncio —, depois de saber que meu produto entrou

no local de destino sem dano algum. Não irei dar um centavo antes disso.

O prejuízo do galpão ainda estava sendo calculado, e enquanto não chegassem a um valor comum nenhum valor extra sairia do caixa. Não que Fernando não tivesse o dinheiro, mas não começaria a tirar uma quantia que ele nem sabia se faria falta quando o prejuízo fosse calculado.

— Então não vou assinar... — determinou o representante do Brasil, deixando sua cadeira, fechando o botão de seu paletó.

— Como disse? — Fernando parecia paciente, mas só parecia.

— Não irei assinar nada nessas condições — enfatizou o brasileiro. — Se o seu problema é dinheiro, acho melhor resolver, só depois me contatar.

Fernando sorriu com deboche, endireitou os ombros e olhou o homem de cima.

— Um brasileiro falando que eu tenho problemas de dinheiro — provocou Fernando. — Um pouco petulante da sua parte, não é? — Colocou a mão sobre a pistola, encaixando seu indicador no gatilho, todos deram atenção a essa ação e mais ainda o brasileiro. — Pensei, sinceramente — Fez cara de falso magoado —, que fui bem claro, quando fiz a visita em particular para cada um de vocês. Nesse tipo de negócios, serei eu o primeiro a ter garantias, depois vocês recebem a parte do lucro... — gesticulou com a arma, sem precisar mirar em ninguém.

Fernando fez uma pausa, olhou para cada um dos homens que estavam na sala de reunião depois prosseguiu com um teor de ameaça no olhar e no tom de voz.

— Se mesmo depois do acordo verbal e de um contrato de garantias que receberão assim que meu produto entrar, for distribuído em cada local, como planejado, vocês ainda não desejarem assinar, só posso dizer-lhes, sinto muito.

Representantes dos EUA e Canadá assinaram no mesmo segundo e colocaram seus contratos no centro da mesa fazendo um sorriso de felicidade, um brilho de vitória surgir no rosto de Fernando. Não demora e ele seria o maior traficante do mundo!

O brasileiro se manteve no lugar, em pé, inconformado por não ter sido ouvido.

— Acho que não tenho mais nada a fazer aqui — comentou o brasileiro, contrariado. — Passar bem.

Andou até a porta e antes que a empurrasse para sair, Fernando o chamou, o homem se virou e olhou para Fernando.

— Gostaria que considerasse a proposta — insistiu Fernando, como se fossem velhos amigos.

— Não. Obrigado. — Ele deu as costas novamente.

— Eu insisto — disse Fernando com tom ameaçador, apontando a arma para o homem, que quando se virou sentiu o coração nos pés. — Pega a porra do contrato e assina, caralho.

O brasileiro engoliu com dificuldade e em razão disso folgou a gravata. Andou até a mesa e assinou o contrato, saindo em seguida às pressas.

— Adoro fechar negócios com pessoas sensatas — debochou Fernando, para os demais que ficaram.

Naquele momento da sua vida ele se sentiu o *rei da coca toda*. Um homem intocável, indestrutível. O poder lhe cegou e matou a alma. A sensação de vitória que lhe corria a veia em fazer grandes representantes se curvarem aos seus planos, fez dele um homem esquecido de sentimentos.

Talvez tenha sido o tempo que deu para si. Dos pensamentos que manteve para se convencer que a única coisa que lhe importava, agora, era ter sua família segura e seu patrimônio intacto.

— Agora, se me derem licença — disse ele todo cortês —, tenho assuntos importantes com minha esposa.

Dito isso, Fernando se retirou e seguiu para sua suíte. Jorge o seguiu.

— Não tenho boas notícias — disse Jorge, mostrando um tablet para Fernando, que andava a passos largos.

Fernando pegou o aparelho e viu um homem de perfil, de preto e com a máscara levantada enquanto analisada uma metralhadora russa que estava no galpão.

— Camilo mandou agora há pouco — explicou Jorge, entrando no elevador com Fernando.

Fernando colocou a pistola na cintura, depois ampliou a imagem.

Sabe aquela *coca toda* que ele consumiu para entorpecer sua tristeza, e que deu batimentos cardíacos fortes? O fato de descobrir quem era o homem fez duas vezes mais seus batimentos acelerarem.

— Desgraçada! — disse ele com ódio. — Mande a médica levar o exame para o quarto.

O elevador abriu e não demorou para ele estar dentro do quarto onde Kali estava a espera dele.



KALI HAVIA TOMADO um banho, vestido algo mais apresentável e tentando esconder os olhos inchados com corretivo. Com dificuldade, comeu alguma coisa, mas a ansiedade de ver Fernando e tentar contornar a situação era

muito maior.

As chances de ter saído daquela situação balançaram sua mente pelo tempo em que esteve sozinha no quarto onde deveria ser o lugar de entrega do amor dela e de Fernando.

Ele havia ligado no dia seguinte, depois da traição da despedida de solteiro, e perguntado à Kali a sua decisão depois de tudo o que ela viu, ela se fez em silêncio, enquanto Fernando a encheu de flores e cartões de desculpas, Kali tramava não só contra ele, mas toda a sua família. Cabia a ela aceitar ou não. Depois da trama que ela havia se metido com o filho de Dalian, se deixando embriagar e flertado com ele, para em seguida contar um assunto do cartel - que tinha escutado sem permissão -, ligou para Fernando afirmando ter um casamento. E ela casou, mas não contou que seria descoberta tão rápido.

Kali andava de um lado para outro, com as mãos frias e suadas. Roendo as unhas bem feitas, olhos inquietos, incomodada por ser assistida por dois homens fortes e mal-encarados.

Quando Fernando cruzou a porta, com seu corpo largo, bem vestido e armado, o coração dela acelerou cheia de esperança. Kali até arriscou um sorriso para recebê-lo.

— Querido — disse ela, com suavidade.

Contudo, quando viu que as expressões dele não mudaram, que os passos firmes diziam muito mais que seu peso contra o chão, Kali sentiu um arrepio na espinha.

— Agora podemos conversar? — insistiu Kali, carinhosa.

— Podemos — respondeu Fernando, com amargor na voz, caminhando pesadamente na direção de sua mulher.

Ele teria o resto do dia para resolver com Kali. Conversaria o que fosse necessário. Tiraria a limpo tudo o que precisasse. Mas se não extravasasse naquele momento era capaz de não conseguir ouvi-la por muito tempo.

— Delatora! — Fernando avançou na direção de sua mulher, a pegando pelos cabelos. — Está vendo isso aqui?! — quase esfregava o tablet na cara dela.

Kali estava tremendo, assustada, temendo seu fim, diante disso, teve dificuldade de focar a imagem.

— *Fodi* Lídia Garcia e então você quis *foder* com minha inteligência? — Ele trovejava contra ela.

Kali gemeu de dor.

— Não estou entendendo, Fernando. — Os olhos dela se encheram de lágrimas. — Por favor, não faça isso — Se referiu ao local que ele a machucava, tentando tirar as mãos dele de seus cabelos loiros.

O tempo que teve para se acalmar, pensar sobre eles foi em vão. O

homem que ela amava não estava mais entre eles.

Fernando a jogou e ela caiu em cima de um sofá, aquele mesmo que há anos eles passaram a madrugada toda conversando, se beijando e se querendo.

— Olhe mais um pouco, querida! — disse ele, perigosamente, jogando o tablet contra ela.

Kali pegou o aparelho e olhou mais uma vez. Era uma imagem ruim, escura e meio desfocada. Entretanto, ela conseguia ver um homem segurando uma arma de porte grande, com uma máscara de lã preta erguida até a testa. Mãos com luvas pretas e roupa da mesma cor. Kali ampliou a imagem. Sentindo a cabeça latejar. Ela estreitou os olhos. O coração batendo a cento e setenta por minuto, a ponto de ter um ataque cardíaco. Precisou ampliar mais um pouco. Os dedos escorregavam na tela. Ela sentiu um frio tomar seu corpo. Para não ter dúvidas que estava vendo demais, ampliou mais um pouco. Quando constatou de quem se tratava, seu mundo ruiu. Ela encontrou-se sentindo a dor na morte por seu corpo, o espírito lhe deixar o corpo, o fim tão próximo quanto a respiração de seu marido que a olhava como um assassino pronto para lhe quebrar o pescoço.

— Lucas — Ela gemeu, como se sentisse uma dor lhe partindo as vísceras.

Era o seu amigo, o mesmo que havia enviado as fotos na despedida de solteiro para Kali, o mesmo que, “sem perceber”, enviou a imagem de Lídia/Lina indo de encontro a sala de Fernando. O mesmo, que no dia seguinte estava na casa de Kali - como um amigo preocupado ao saber da notícia relatada por Ada -, pedindo mil desculpas por ter levado a ‘amiga’ a saber da traição de seu noivo na véspera do casamento.

— *Me diga que estou vendo demais, Kali* — ordenou Fernando, pegando sua mulher pelo cotovelo e erguendo seu corpo contra o dele.

— Não está — disse ela com sinceridade. — Mas eu não disse nada a ele! Eu juro Fernando.

— Não disse, não é? — Fernando estava odiando-a. — Então, como que a porra do seu amigo sabia do galpão, Kali?! — Ele gritou para o terror dela. — Como aquele merdinha sabia de algo que era restrito aos negócios da minha família, e você ficou sabendo, fato que ainda vai me explicar com detalhes — apertou mais o braço dela —, onde tinha toda a mercadoria que precisávamos negociar, como ele sabia?!

Kali sentiu que estava perdendo seu marido. Ela procurou, mesmo com todo o horror dentro do seu ser, um pouco do sentimento que ele tinha por ela, mas não obteve vitória, Fernando não tinha nada do homem que ela amava.

— Um dia desses que você dormia comigo, em minha casa — começou

ela, palavras pesando em sua boca —, você estava agitado. Era de manhã, muito cedo. Você e o celular que não saía de sua mão. Eu acordei — limpou a garganta — e o vi passando a localização de um galpão para alguém. Mas eu juro, Fernando, aquilo ficou guardado, não disse para ninguém...

— Mas contou para o cretino do filho de Dalian — acrescentou ele com nojo. — Assim que desligou minha ligação, de ter me feito acreditar que tudo estava bem, você foi correndo se encontrar com ele e entregar assuntos do cartel. Assuntos que não lhe diziam respeito, porra! — As veias do pescoço saltaram, os olhos estavam a ponto de engolir Kali. — Por que não cancelou a porra do casamento, Kali? Por que não disse que não me queria mais? Por que, depois de saber que sou um merda, você não me deixou de uma vez?! Fala, caralho!

Ela tremeu e quase caiu no chão se não fosse Fernando a manter firme, junto a ele.

— Porque eu te amo muito — disse ela, vacilando nas palavras. — E tive ciúmes de você e Lídia.

— O seu ciúme, matou trinta homens que trabalhavam pra mim — explicou ele, respiração pesada, raiva lhe corroendo o sangue, os músculos, a sensatez. — Você tem ideia de quantas famílias ficaram sem sua renda, Kali? Tem ideia de quantas viúvas e crianças perderam o provedor de seu lar? — Ela negou. — Mais de vinte, que me dá quase um total de mais de cem pessoas para calarem a boca! Perdi bilhões em mercadorias, de compradores que passariam a receber este mês. Sabe este anel aqui? — Pegou a mão esquerda de sua esposa e lhe mostrou a aliança com quinze gramas de ouro maciço. — Alguns daqueles homens que morreram trabalharam para que eu lucrasse e pudesse lhe dar a merda dessa aliança de ouro. Vê tudo isso, Kali? — Ele a girou, deixando-a de costas para ele, mas sem perder a aproximação, estendendo a mão para que ela avistasse a deslumbrante riqueza da área de lazer que tinha ao lado do hotel, aproximando Kali da parede de vidro. — Tudo comprado e mantido com trinta por cento da *coca* que vendo, a porra da *coca* que também tinha naquele galpão e que iria pagar seu luxo. O fato de todos os interessados saberem que fui roubado, fez meus negócios se complicarem. — Ele a virou de volta. — E mais importante, meu irmão está em uma cama de hospital morrendo. Agora me diga, Kali, o que faria comigo se soubesse, que, por uma ganância de vingança contra você, eu colocasse a vida de sua irmã em risco, prejudicasse suas finanças enquanto dissimulava tudo?

— Não era minha intenção, meu amor — Kali chorava sem responder à pergunta.

— Não sou mais *seu amor* — Fernando tirou sua arma da cintura. — Não sou mais *seu querido*. — Ele mirou no estômago dela. Kali não sentiu mais

o chão, previa seu fim muito próximo. — Nem a porra do seu marido!

— Você vai me matar? — As lágrimas molhavam o rosto pálido de Kali.

— Quero saber, primeiro — disse ele, roçando o cano da pistola no ventre dela —, se tem algo meu aqui dentro.



ASSIM QUE LINA se viu sozinha, novamente, em seu quarto, ela correu para o banheiro, tirou o celular do esconderijo e fez mais uma ligação. Quando a outra linha atendeu, ela foi rápida a falar.

— Você precisa sair do país, Lucas. Camilo encontrou uma filmagem da hora da invasão. Não vai demorar para irem atrás de vocês.

— Merda! — grunhiu ele, desligando em seguida.



— **NÃO CHORE** — disse Fernando, enxugando uma lágrima de Kali.
— Lembre-se do quanto lhe fiz feliz...

— Você ainda pode, se quiser — sugeriu Kali, iludida com a fantasia de que Fernando iria se deixar levar pelo sentimento bom que sentia por ela. — *Te* dou minha herança. Conheço um ótimo médico na Europa que pode ajudar Antônio...

Fernando negou, desprezando a ajuda. O que mais ele precisava era sentir confiança em Kali, mas foi quebrada em pedaços de um tamanho que ninguém conseguiria mais juntar. Uma vez a confiança perdida, nada mais importava.

— Sonhei algumas vezes, me casando — disse ele, se afastado dela, deixando-a mais temerosa. Sorriu de lado, se virou para esposa e pendeu a cabeça para a esquerda, olhando Kali de cima a baixo. — Sonhei me casando, de novo. Nunca lhe contei por causa dessas frescuras de superstições, mas venho sonhando o mesmo sonho há meses. A noiva que vinha até mim, parecia ser você, mas não tenho certeza...

— O exame, Sr. Aguiar — disse Jorge, entrando no quarto.

Fernando ergueu a mão, pedindo um momento, sem deixar de olhar para Kali.

Kali sentiu os joelhos vacilarem. O coração apertar. Quando olhou para Jorge, viu um envelope na sua mão e sabia que ali dentro estava a passagem para algum lugar da sua vida.

— Ela vestia preto — continuou Fernando. — Parte do seu vestido estava manchado de sangue. Ela tinha uma faca na mão. Estranho, que quando ela estava longe, sentia medo, mas depois, quando ela estava mais perto, foi como um canto da sereia, fiquei louco por ela, feliz, mas então... — Fernando acariciou sua arma, como se fosse a face de mulher. — Ela me beijou gostoso, e quando pensei que iríamos nos entregar no altar, a desgraçada me enfiou a faca no peito.

Kali engoliu com dificuldade. Ele estava frio, distante. Ela sentiu que não iria reconquistá-lo, que nada, que pudesse fazer, iria transformar as ideias de Fernando. O mínimo que ainda acreditava era que Fernando a tiraria da sua vida e arrancaria sua fortuna como pagamentos pelos danos que ela causou.

Kali não sabia o porquê Lucas estava no galpão. Em que momento ele começou a espioná-la, muito menos a se aliar a pessoas do narcotráfico. Para ela, até aquele momento, os Dalians tinham invadido, mas depois da revelação seguinte, Lucas no galpão, Kali percebeu que foi usada e manipulada de alguma forma.

Fernando, mesmo se ela promettesse o reino do inferno, ele não iria mais acreditar do que viesse da boca de Kali.

— Não me casei de preto e muito menos lhe machuquei no altar — disse Kali, olhando rápido, mais uma vez, para o envelope e depois para Fernando.

Fernando estirou a mão e segurou o rosto de sua esposa. Analisou como se gostasse de saber que ela sentia muito pelo que fez.

— Iria fazer de você a rainha do meu mundo — disse ele, com rancor e expressões duras. — Fazer de você a mulher mais rica e amada desse mundo...

— *Me diga uma coisa, Fernando* — pediu Kali, com a voz amena. — Se você tivesse me visto trepando com alguém que você odeia, o que faria?

Os olhos dele se abriram, aquele sorriso petulante curvou em seus lábios.

— Mataria os dois — disse ele, sem remorso. — Mas não iria foder com a vida de mais ninguém.

O estômago de Kali se retorceu.

— Se deitaria com Lídia, se ela pedisse, mesmo casado comigo? — inquiriu Kali, com dificuldade. A ideia lhe adoecia.

— A verdade? — provou ele.

— Por favor.

— Com ela..., sim.

Kali fechou os olhos, sentindo todas as dores percorrerem seus nervosos. Ela não fazia ideia se a revelação foi para machucá-la mais, ou a sinceridade suja dele, mas isso a machucou profundamente.

Tudo estava acabado, constatou ela, Fernando não a queria, sua vida

estava por um fio, pois, mesmo que seu marido não lhe desse a punição devida, alguém da sua família daria.

Ela tentou enxergar seus dias sem ele, mas não conseguia ver nada além de Fernando ali, naquele momento, perto dela.

— Para ser mais sincero. — Fernando colocou uma mecha do cabelo loiro de sua mulher para trás da orelha. Um gesto que Kali adorava, então provou aquele pequeno gesto por um instante, porque sabia que não teria mais. — Depois de ter transado com Lídia, fui a procura dela para algumas questões pessoais, uma delas era justamente saber se ela gostaria de ser minha amante.

Kali abriu os olhos, cheios de fúria. Tirando a mão dele de seu rosto, ela partiu para cima de Fernando, tentando acertar o rosto. Contudo, Fernando se afastou, ergueu o braço e colocou a pistola na cabeça dela. Kali queria desmaiar. O homem que estava com ela não era Fernando, era o demônio de paletó.

— O exame — pediu Fernando e Jorge foi rápido em lhe entregar e se afastar. Com uma mão, ele abriu o papel e leu. Sorriu, mas ao invés de ter um olhar duro e frio, finas camadas de água se formaram nos seus olhos.

O peito de Kali subia e descia. Ela não estava mais ligando se iria viver ou morrer, mas caso ficasse viva, tornaria a vida de Fernando o próprio inferno na Terra, prometeu ela, fechando os punhos e jurando por seus pais.

— O que diz? — quis saber Kali, todos os músculos do corpo tenso. — O que diz o exame Fernando?

— Negativo — respondeu ele, no momento que uma lágrima desprendeu do seu olho direito e rolou pelo rosto, umedecendo a barba rala.

A garganta de Kali apertou.

— Vai lembrar dos bons momentos que tivemos juntos? — inquiriu Kali, chorando em silêncio.

— Espero que não.

Foi uma das coisas mais difíceis que ele já fez. Fernando lembrou bem do primeiro homem que matou, das consequências da primeira droga que cheirou, mas apontar uma arma para a mulher que havia se entregado por anos, casado com ela e pretendendo ter filhos, era de longe a situação a ser comparada com ambas anteriores.

Fernando a pegou pela cintura, mirando na lateral da cabeça, próximo ao ouvido, e com desejo, lhe beijou a boca com paixão. Kali se entregou ao momento, deixando-se levar, provando dele também.

Precisou apenas apertar um pouco o gatilho e soltar, uma bala estourou na câmara, cuspidando faíscas de fogo e perfurando, do lado esquerdo da cabeça de Kali, fazendo um minúsculo buraco em sua cabeça e deixando a saída do tamanho de uma laranja, muito sangue e massa cefálica saíram de sua cabeça.

Kali morreu no mesmo instante. Fernando sentiu o peso do corpo da mulher que amou por tantas vezes, ficar pesado sobre seus braços, depois o deixou cair lentamente ao chão.

E assim como o corpo de Kali foi ficando frio e sem vida, o coração dele também seguia o mesmo curso.



A FAMÍLIA GARCIA estava se preparando para fazer o enterro de Manoela. Depois de dias no poder da polícia e peritos, finalmente o corpo foi liberado.

Marcas de agressões em seu rosto abriu mais uma possibilidade de que alguém estivesse com ela minutos antes da morte, e tenha acertado sua face, pois tinha fissuras em seus lábios, cortes internos e sangue em seu nariz vindo de uma fratura do mesmo. Uma inflamação causada no couro cabeludo que foi interpretado como um puxão nos cabelos da vítima, além do mais, fios soltos e quebrados foram encontrados no chão perto ao corpo e próximo a porta, todos de Manoela.

Aquela notícia fez o coração de Lúdia doer tanto e bater mais forte. Ela constatou que não estava paranoica, que suas ideias não ficaram longe da realidade, o assassinato de sua mãe.

Após a notícia chocar o resto da família, Gonçalo demonstrou um abatimento no semblante ainda maior, entrando assim no consumo de drogas de forma mais intensa.

Lúdia estava odiando ficar na casa, odiando ver o pai se drogando a toda hora até perder a consciência, odiando ter que entrar na cozinha e lembrar de um fato passado, odiando percorrer uma casa que parecia não ter fim. No entanto, precisava estar próxima de Lilian e tentar ver o que fazer com ela daqui para frente, uma vez que ela caiu na tristeza do luto e mal falava sobre o assunto.



QUANDO O CAIXÃO NEGRO de arcos de prata, desceu sua cova com o corpo de Manoela, as flores que as filhas carregavam e os amigos próximos, foram jogados uma a uma sobre a morte de uma mulher que tentou, fortemente, sobreviver ao mundo ilícito.

Tantos morriam sem uma explicação plausível, mas Lúdia prometeu que aquela morte não seria em vão, não ficaria no esquecimento, assim como o de

Petra.

Lídia se manteve perto do pai, bem como Lilian para manter a imagem da família unida, em um momento de tragédia, para os demais.

Porém, assim que sua mãe foi enterrada, após receber o último adeus da família, Lídia se colocou distante dele e foi a procura de Paolo no meio dos convidados. No entanto, foi surpreendida com a presença de alguém muito indesejado, e que não deveria estar ali pelo simples fato de não merecer nada vindo da morte de Manoela.

— Meus pêsames à família Garcia — disse Afonso, com olhar abatido.

Lídia mal chegava aos ombros dele, de uma coisa seus filhos eram semelhantes, o porte agressivo e forte do pai.

— Onde ela está? — quis saber Lídia, se referindo a irmã gêmea.

— No carro. — Afonso apontou a direção e Lídia viu uma Mercedes preta debaixo de uma árvore a uns duzentos metros de distância.

Lídia desviou da presença do homem que ela mais odiava na vida e andou até sua irmã. Antes que ela batesse na porta do carro, Lina abriu e Lídia entrou dando uma olhada ao redor para certifica-se que ninguém a viu entrando ali.

— Você está bem? — inquiriu Lídia ao ver Lina abatida.

— Já tive dias melhores — Lina limpou o nariz e ergueu o queixo. — Nunca consegui ficar próxima dela, porque sempre a culpava pela minha situação — referiu-se a Manoela. — No entanto, foi só ela morrer para me deixar me sentindo culpada por tudo.

— Mãe, Lina. Ao invés de dizer “ela”, diga mãe!

— Não consigo.

— Não seja tola! Onde está dormindo?

— No hotel da família Aguiar. O que fica no centro e está em reforma. Eu sou a única hóspede naquele local. Um tédio sem fim.

— Por quanto tempo acha que consegue ficar lá?

— Não sei. Afonso me deixou lá porque você o ameaçou, mas posso sair a qualquer momento.

— Queria muito que você viesse comigo.

— Quero voltar depois que aquele cão do Afonso estiver derrotado — disse Lina com ódio.

— Eu sei, mas se algo der errado, quero que você esteja preparada para voltar.

— Nada vai dar errado sua boba! — Lina estava confiante. — Acredite em mim. — Fungou. Ela tirou da sua pequena bolsa de couro preto um cartãozinho prateado, ela se virou e disse — Ligue para mim nesse número,

ninguém vai escutar nossas conversas por ele. E outra coisa, conte comigo para o que for.

Lídia assentiu.

— Tenho que ir. — Lídia abraçou sua irmã forte.

— Se cuida — disse Lina, quando Lídia abriu a porta.

— Você também.

Lídia saiu do carro, olhando para os lados novamente, tendo a certeza que ninguém estava com atenção nela. Antes que chegasse no meio do caminho, para buscar por Paolo e ficar próximo de Lilian, fora abordada mais uma vez.

— Meus sentimentos, Lídia — disse Camilo, olhar sincero, mas com um sorriso que fazia qualquer um duvidar das palavras.

— Camilo.

— Não sei o que dizer diante da situação que está passando — disse ele, com olhar tranquilo. — Fiquei bastante surpreso quando me disseram sobre sua mãe. — Camilo estendeu sua mão para que Lídia a pegasse.

Lídia pousou sua mão na de Camilo e ambos andaram para longe do pequeno grupo que se formava próximo a eles.

Quando Lídia percebeu que ele estava a guiando para a mesma árvore, em que Lina estava escondida dentro do carro, ela sentiu sua pulsação acelerar. Chegando ao local, Camilo buscou a outra mão de Lídia.

— Aqui é mais reservado para falarmos.

Ele tinha o olhar de Fernando, observou ela, o porte físico era parecido, mas achava que Fernando tinha alguns centímetros de vantagem. Seu rosto era mais afilado e tinha uma barba mais cheia e conservada. A boca era um pouco mais fina, porém grande, que quando sorria chamava muita atenção. A pele morena era bonita e fazia dele ainda mais atraente. Sabia se vestir muito bem, constatou ela, também tinha um ótimo cheiro vindo dele.

"É, talvez não seja tão desagradável assim." — pensou Lídia.

— O que quer conversar? — Lídia se esforçava para não ficar nervosa.

Camilo sorriu para ela.

— Você transou com meu irmão — lembrou ele, e em um milésimo de segundo, mudou sua expressão deixando-a dura. — Desde aquela noite, tudo vem se quebrando. Você tem alguma coisa a ver com todo o resto Lídia?

Meu senhor! A coisa era muito mais suja que imaginava, pensou Lídia, ainda mais com homens tão fodidos como os Aguiar.

— Claro que não!

— Um segurança me falou que você ameaçou meu pai com uma arma, alegando ele ter matando sua mãe.

O mesmo também falou o quanto seu pai é um merda, filho da puta e

mantém minha irmã presa a ele? – pensou Lúdia, sentindo gotas de suor brotarem de sua testa.

“Sabe o que se faz quando um réu apela para sua defesa colocando os pontos a seu favor, e você ver que ele está ganhando confiança do júri popular? — lembrou Lúdia, das palavras e Paolo. — Você pega as provas e as manipula, arditosamente, mexendo com o emocional do júri.”

Ela nunca esqueceu dos ensinamentos dele em sala de aula, em palestras...

Para se tornar dissimulada diante da indignação de Camilo, Lúdia começou a chorar, colocando as mãos em seu rosto, deixando as lágrimas, que já estavam lá, cair m como se fossem produzidas por ele, deixando o canalha sem sentimento, sem jeito.

Ela nunca foi uma santa, nunca foi a mocinha da história toda, porque h  quem diga: Tem traços de psicopata, ela sabe enganar, manipular, influenciar e articular qualquer situação ao seu favor.

— Estou tão abalada, confusa — disse Lúdia, entre soluços.

O ato era de puro desespero para não perder a linha com Camilo, não deixar a vez passar. Então, chorar diante das palavras dele, as transformando duras ao ponto de afetar ainda mais seu coração, naquele momento, fez com que Camilo pensasse que tinha dito algo totalmente longe da realidade – o que de fato, talvez, entretanto, não fosse.

Camilo fez cara de confuso.

— Mas que droga, Lúdia, não chore. — Ele implorou, olhando para todos os lados para certificar-se que ninguém estava atento a cena, felizmente muitos que acompanharam o enterro, estavam na tenda conversando entre si, e os que estavam com desejo de ir embora do local, passavam pelo caminho oposto em que eles estavam.

— Estive naquela noite, na boate,   sua procura — mentiu Lúdia descaradamente.

Camilo foi atingido pela surpresa.

— Você estava atrás de mim?

Recompondo-se, Lúdia prosseguiu — Mas é claro que sim! — Ela tocou no braço dele e segurou firme, dando um passo   frente, ficando mais perto. — Há algum tempo venho lhe notando. — O ego de Camilo inflou, quase estufou o peito de tanto orgulho.

— Isso   novidade para mim.

— Pensei muito se seria bom aparecer na última festa da boate de vocês — prosseguiu Lúdia com ar choroso — Perguntei a um segurança onde poderia encontrá-lo, e o mesmo me indicou a sala VIP no primeiro andar — Mais

soluços, ela pegou seu lenço, dentro da bolsa e limpou o nariz fazendo um som horrórico que fazia o pequeno lenço balançar. — Mas quando entrei, não lhe encontrei lá, Fernando disse que você estava na parte debaixo, então, quando dei por mim, estava olhando você com duas mulheres, na pista de dança, fazendo aquilo que eu gostaria que fizesse comigo — completou ela, como se estivesse magoada, enciumada. — Fernando me chamou para beber alguma coisa, conversamos e, quando me dei conta, rolou... Me arrependo tanto!

Lídia repousou a outra mão no peitoral forte de Camilo e sentiu que ele tinha os batimentos cardíacos elevados. Ela se sentiu suja, leviana em fazer aquela cena particular após enterrar a mãe. No entanto, era por Manoela que Lídia iria onde precisasse, por Petra também... e principalmente por sua irmã.

— Mas que loucura, Lídia — Camilo caiu direitinho. — Mas que merda, eu não sabia que... eu..., você... — Ele ficou perdido e louco de desejo pela possibilidade de ter algo com Lídia Garcia — Você nutria um desejo por mim.

É, ela também sabia jogar. Aprendeu ótimos argumentos com seu professor favorito, Paolo. Ele a deixou afiada, preparada para questões controversas e difíceis de lidar. Colocou Lídia em salas cheias de advogados com seus doutorados sobre os ombros e juízes barra dura, a fazia defender causas que a sociedade não tinha inteligência de argumentar.

— Não quero lhe constranger com esse assunto — continuou ela, colocando o lenço sujo na mão de Camilo, o mesmo olhou com nojo e jogou, aquele pedacinho de pano gosmento, atrás dos ombros. — Você está enfrentando uma situação muito complicada com Antônio.

Camilo endireitou os ombros.

— Meu irmão é forte, ele vai sair dessa.

— Não duvido — disse ela com carinho. — Como também não duvido, depois desse boato que corre pela capital, que vocês andam vulneráveis. — Lídia tinha um ar preocupado, um olhar triste. — Temo que meu pai comece a ver a sociedade entre vocês uma perda de tempo.

Camilo pendeu a cabeça para lado direito, colocando suas mãos nos bolsos, transmitindo para Lídia um distanciamento.

— Pensei que não gostasse dos negócios de seu pai com nossa família.

— Não diga isso, Camilo — prosseguiu ela, com doçura nas palavras. — Apesar de tudo, já se passaram anos desde que meu pai assinou com vocês. Falo uma besteira e outra, mais para atingir meu pai quando estamos brigados e... — Lídia o olhou com um brilho, falso, nos olhos, levando para ele uma mensagem de desejo, de querer, de necessidade de acolhimento, proteção. — E tem você — olhos caíram sobre os ombros largos e fortes. — Eu e você, acho que meu pai não ficaria tão balançado com a situação em que sua família colocou o cartel. Eu

e você...

— Não precisa terminar — Camilo engoliu com dificuldade. Passou as mãos nos cabelos e pensou um pouco.

Ele não valia nada, estava ficando duro. Para sua situação, inflexível nas calças, não piorar, ele fechou os olhos, respirou fundo e pensou na bunda cabeluda e um homem suado. Ele fez cara de nojo, deixando Lídia confusa no que passava na cabeça daquele idiota.

— Não sei se é uma boa ideia, não sou exatamente um homem romântico, sou mulherengo — disse ele olhando para Lídia. — Mas devo confessar que ficar com você não seria nenhum sacrifício, muito menos para manter os negócios entre família mais calmo.

— Então está convencido que, além de ficarmos juntos, deixaria tudo equilibrado entre nossas famílias? — Lídia bateu os cílios, um gesto charmoso que sabia fazer e que Camilo caiu direitinho.

— Estou, Lídia — disse ele hipnotizado, louco para tomar a boca dela ali mesmo.

Lídia sentiu desejo de gritar, Yes! Homens! Bando de raça, idiota!

Mas se conteve e abraçou-o repousando sua cabeça no peito dele.

— Tenho medo de que ele já tenha em mente deixar a sociedade, mas comigo junto a você...

— Ele mudaria de ideia... — completou Camilo, totalmente iludido pelas palavras de sua possível pretendente. — *Me dê até o dia da reunião, dos cartéis, para pensar mais sobre o assunto...*

Ah, não! Pra quê pensar? Lídia ficou triste.

— Tem dúvidas? — Lídia se afastou um pouco, só para mostrar uma tristeza falsa, mas não tanto para não perder o contato sobre ele.

— Bem... — Ele coçou a cabeça. — Eu não sei se consigo ser fiel a você. Só isso. Tenho algumas mulheres que faço questão que não saiam da minha vida.

— Ah, é isso — Lídia o deixou, para dar mais ênfase a sua falsa decepção. E viu seu pai encarando-a quando olhou para o lado.

— Posso ser um merda em dizer que não consigo ser fiel, mas também não sou um imbecil em deixar que alguém entre na minha vida sem saber que não vai ser a única.

"Canalha idiota" — Lídia rosnou internamente.

— Quero que olhe tudo isso como um acordo onde uniremos o útil com o agradável — argumentou Lídia. — Sobre as outras mulheres... — Lídia quis morder a própria língua ao dizer aquilo, mas era necessário. — Contanto que eu não lhe perca e você seja discreto...

Camilo sorriu, como uma criança com as mãos cheias de doces.

— Isso muda bastante as coisas — disse ele, aparentemente convencido que a ideia de se casar com Lídia era boa. — Podemos conversar mais sobre o assunto, no meu apartamento — tocou o rosto dela —, no meu quarto...

Lídia engoliu como se fosse um punhado de areia.

— Acho que minha família precisa de mim essa noite — disse olhando para o grupo de parentes que estava conversando debaixo de uma barraca montada para os mais próximos da família.

Camilo olhou na mesma direção e compreendeu a posição e Lídia.

— Mas é claro, me desculpe. Iria lhe dar um beijo, mas acho que aqui também não é o lugar nem hora...

— Não, acho melhor em outro momento e lugar.

— Depois da reunião, então?

— Quando será? — Lídia queria que fosse dentro de semanas...

Precisava trabalhar um pouco mais seu psicológico para as coisas que teria que fazer sem sentimento com alguém que não tem sentimento nenhum, por ninguém, além dele mesmo.

— Essa semana.

Lídia engoliu em seco.

— Não sei se chegou ao seu conhecimento, mas Fernando ficou viúvo.

— O quê?!

Lídia não conseguiu conter os arrepios que foram distribuídos por seu corpo.

— Ele chega amanhã com o corpo de Kali, e no dia seguinte teremos a reunião com os cartéis. Lídia? Lídia você está bem? — Camilo a segurou firme, o mundo dela estava girando muito rápido.

— Estou bem. — Ela se afastou. — Desculpe, preciso ir.



DEPOIS DA MANHÃ triste, exaustiva e de falhar mais uma vez de tirar sua irmã do quarto, Lídia ficou um tempo rondando a cidade de carro. Gostava de ficar entrando e saindo nas ruas, ver as pessoas nas calçadas, isso a ajudava relaxar a cabeça, depois foi até uma banca de jornal e procurou notícias da morte de Kali, não tinha nada que falasse sobre o assunto.

“Camilo estava brincando comigo?” — questionava-se. Quando Camilo disse que Fernando estava viúvo, algo dentro dela disse que talvez Lina tivesse algo a ver com alguma coisa.

O cartão, com o número que Lina havia lhe dado, estava em sua mão. Ela

discou o número e ligou. Coby, seu segurança, estava a uns cem metros de distância, com os olhos em Lília, mas não escutaria a conversa.

— Você quem a matou? — Lília foi de uma vez ao assunto. — Você matou Kali?

Lina ficou em silêncio. Ela sabia que assim que Lília soubesse a notícia, iria entender o que Lina estava tramando. Ela não sentia culpa, afinal de contas, não forçou Kali falar nada a ninguém, a falta de inteligência e tato dela a colocou no caminho que Lina foi riscando.

— Ela quem fez coisas que não era para ter feito — Lina quis se defender, uma voz rouca, como se tivesse chorando por horas. — Mostrei o caminho das pedras, fazendo ciúmes a ela, apenas...

— Você transou com o noivo dela! — Lília a lembrou e quase gritou para fazer isso. — Kali não precisava ter passado por isso!

— Está com pena?

— Não! — Lília elevou a voz. — Estou com ódio e raiva o suficiente de mim! Pensei que a pessoa que iria sofrer era Afonso, mas inocentes estão sendo manipulados e assassinados. Primeiro, o segurança da boate — prosseguiu com a mão na cabeça —, depois Kali, quem é o próximo? Quem é, Lina?!

— Não sei — Lina pausou. — Para minha defesa, devo ressaltar, o segurança morreu porque deixou que eu entrasse na sala de segurança. Fernando o mataria de qualquer forma se fosse com outra pessoa, ele não admite falhas nos negócios. Kali, falou para os Dalians, por querer se vingar de Fernando, onde estava o galpão que tem as drogas pura, armas e munição. Todas elas foram persuadidas, manipuladas, mas se soubessem ou lembrassem de verdade com o que estavam lidando, pensariam duas vezes antes de agirem contra o sistema e regra do cartel. A minha sorte, eu sabia a personalidade de cada um. O azar deles, eram idiotas.

— Você não pode fraquejar, Lília, coisas assim acontecem — completou Lina.

Lília sentiu enjoos, fechou os olhos porque parecia que o mundo rodava mais rápido, mais uma vez, e precisava se concentrar.

Ela sabia o que estava fazendo, mas a morte daquelas pessoas mostrava com mais nitidez o caminho, caso algo desse errado, as mortes anteriores pensou que seu fim fosse o mesmo, assim que fosse descoberta.

Lília lembrou da mãe pendurada em uma corda, do rosto roxo de Petra, do sorriso debochado de Fernando ao cortar a garganta daquele pobre funcionário, das petulâncias de Afonso, como seus crimes e tudo o que ele fez e pretende fazer contra a família Garcia.

— Não, eu não vou fraquejar — disse tão decidida que seu corpo

enrijeceu. — Mas não quero que mais inocentes morram por causa de Afonso! Isso pode se voltar contra nós um dia. Falei com Camilo, acho que consigo convencê-lo em ficar do meu lado...

— Ficou louca?! — Lina pareceu não gostar da ideia.

— Trazer um dos filhos de Afonso para meu lado, vai me ajudar. Vai ser fácil Afonso não mexer comigo. Preciso pensar sobre Lilian. É necessário contar para ela toda essa história suja e louca deixando-a prevenida.

— Tome muito cuidado, por favor, Lídia.

— Sei me defender, Lina. Tchau.

Quando Lídia voltou para casa, foi para seu quarto trocar de roupa e depois foi ver a Lilian. Mas quando entrou no seu quarto foi surpreendida por uma visita.

— Pensei que estivesse afim de mim — disse Paolo, sem olhar para ela, ele estava com os olhos fixos em algum ponto lá fora, olhando através da janela. — Mas, a forma que você falava com aquele homem no cemitério, aquele sumiço repetindo na rua depois que entrou no carro da família Aguiar... Depois escutei seu pai resmungando com você e Fernando em uma boate, juntos... — Ele pausou, e se virou para Lídia e a olhou com dureza. — Que porra você ainda está fazendo comigo?

Lídia viu a decepção nos olhos de Paolo. E se sentiu mal por isso. Não era assim que queria que terminasse — e não queria terminar também —, mas tudo estava uma bagunça, e se sentiu no olho do furacão.

— Papai não tinha o direito de lhe dizer nada...

— Seria você, então — acrescentou ele. — Mas então, por que não me disse nada?

— Eu ia lhe contar, explicar — Lídia estava se sentindo muito mal, sabia seus erros tão humanos quanto de qualquer um, mas não queria ter falhado com Paolo, não ele que a ajudou tanto.

Pensou em lhe contar as verdades que ela sabia, mas do que adiantaria se ela não estaria mais na vida em pouco tempo?

— Então é verdade? Você está me deixando por outro.

Ela ficou em silêncio por um momento, e como ele não deixou o silêncio respondeu por si só, ela falou de uma vez.

— Sim, é verdade.

— Quando comecei a não fazer mais sentido na sua vida? — a voz dele era forte, os olhos verdes estavam negros, profundos. — Quando foi que você olhou para mim e disse a si mesma que precisava de mais alguém...?

Lídia sentiu uma vontade imensa de lhe contar, explicar os motivos loucos e insanos que tinha em mente, e se Paolo entendesse, pediria para esperá-

la, mas não quis comprometê-lo, falar sobre o sangue que já começou a ser derramado, no entanto, ele sendo cúmplice de toda a sordidez que ela estava mergulhada só fazia mais uma corda a ser arrebentada, e não tinha vontade de comprometer sua vida.

— Por que pedi para ter paciência comigo? Foi isso que fez você desistir?

— Não... — disse ela, sentindo uma dor no coração.

— Sabe qual foi a dificuldade de entrar em uma universidade sem ter ninguém para pagá-la por mim? — disse ele, com tristeza e raiva na voz e no olhar, essa ambiguidade estava quebrando Lúdia aos poucos.

Lúdia tinha conhecimento que ele vinha de uma família humilde.

— Sabe como foi difícil conseguir um diploma e ter a confiança de se tornar um dos professores mais responsáveis da universidade deste país?

Paolo era o professor mais premiado e bem visto pelo seu caráter impecável na unidade. Lúdia já presenciou muitas palestras onde houve sempre uma forma de homenageá-lo.

— Vim de uma família que mal tinha o que comer quando o dia terminava. — Ele se emocionava com sua história de vida. Lúdia sabia o quanto era importante, e o quão difícil era para ele poder falar o que passou na sua infância. — O carro que tenho é de segunda mão. A casa onde vivo é alugada. Eu mal consigo ter um plano de saúde descente na droga desse país que respira o tráfico. Perdi todo mundo que amo por causa dos reis da coca, e veja a ironia — deu um sorriso sem ânimo, deixando Lúdia totalmente culpada, — Olha onde eu estou? — Ele a olhou como se quisesse devorá-la, andou para mais próximo, respirando pesado, olhar raivoso, os cabelos loiros e encaracolados estavam uma bagunça de tanto passar os dedos neles.

Lúdia sentiu um desejo fora do comum, queria acalmar seu coração, beijá-lo até que ele a desculpasse, mas não conseguiu se mover, ela escolheu o caminho que tinha que seguir, prolongar seria fermentar a dor que sabia que tinha que passar.

Em silêncio ela o escutou, com o coração na mão.

— Na casa de um traficante — cuspiu a palavra —, tentando ter algo com a filha dele. — As mãos dele a pegaram para si. — Querer você quebrou todas as minhas regras e vontades. Só tinha uma coisa que fui bem claro quando nós decidimos nos relacionar, meu trabalho. Pelas normas de conduta de um professor, ele não pode, em hipótese alguma, ter um relacionamento com sua aluna. Tivemos encontros, beijos, promessas, mas sabíamos que para ficar mais sério, você teria que terminar o seu curso primeiro.

— Eu sei... — Lúdia queria gritar, chorar, bater em algo.

Sabia o quanto foi bom ficar com ele, aprender, saírem juntos, escondidos, sabia o quanto ele sofreu para tentar sobreviver, e queria ser o orgulho de Paolo. Mas ela foi, ele sempre teve muito orgulho de como Lília aprendia rápido, o quanto ela era justa com as pessoas e gostava de ajudar, se empenhar, mesmo vivendo do lucro do pó.

— Agora eu não sou mais seu professor... — Ele desejou fazer sexo com ela, jogá-la sobre a cama, abrir as pernas dela e... — Quando tudo estava pronto para nós, você já tinha outro em mente, nas minhas costas, me fazendo perder a porra do tempo que esperei para ter você!

— Você tem toda a razão — disse Lília, triste, mas sem baixar a cabeça.

Lília sentiu, através dos sentimentos que as palavras dele eram jogadas contra ela, no olhar inquieto, nas mãos que as apertavam, na respiração, tudo dizia que ele a amava com tudo e contra tudo.

Paolo fechou os olhos. Sentiu-se derrotado. Ele soltou-a, olhando Lília como uma leviana. Virou-se de costas, pegou seu casaco.

— *Me desculpa* — pediu ela, com desejo de sumir.

— Quando eu jogar uma flor no seu caixão — disse ele, com repulsa. — Porque é isso que você está querendo se unindo àquela família podre. — Lília se esforçou para não chorar. — E assim que a rosa tocar a madeira do lugar onde você vai viver, eu digo que te perdoo.

Ele passou pela porta, a batendo com força, deixando Lília descobrir que ela sempre esteve enganada sobre seus sentimentos, porque a única coisa que ela mais queria agora era correr até ele, se jogar em seus braços e mandar o mundo se foder.

Lília até se virou para a porta, segurou firme a maçaneta, repousando a testa na madeira polida, pintada de branco e dourado. Respirou fundo por duas vezes, pensou em sua família, as dores que andava passando... e quando fechou os olhos e visualizou os pés de sua mãe suspensos, ela deixou a maçaneta com determinação. Ergueu o rosto. O corpo inteiro se endireitou. Os sentimentos bons lhe fugindo da mente, ela se vestiu de pura vingança.

Seu desejo se transformou. Ela desejou sangue.

Seus sonhos foram quebrados. Construiu outros. Arruinar Afonso.

Sua ambição foi redirecionada. Ter poder para levar a família Aguiar à ruína.



APÓS FALAR COM Paolo, Lília tomou a decisão mais importante de

sua vida. Começar a se preparar psicologicamente para ganhar aquela guerra, nem que tivesse que nadar em um lago de sangue. Ela não se importava, não mesmo, contanto que Afonso parasse com todas as maldades que estavam ligadas a vida dela, Lídia iria até o fim, até as últimas consequências para isso.

Cogitou, por milhares de vezes se abrir com seu pai, falar tudo o que estava acontecendo. Traição de Manoela, a gêmea que estava viva, quem a levou, os motivos, porque tudo havia acontecido e qual a finalidade de tal maldade, mas Gonçalo era uma das pessoas que Lídia perdera a confiança totalmente. Um homem ausente e que enfiava o nariz no vício constantemente. Nunca escutava ninguém e sempre queria prevalecer em suas decisões.

Também tinha a falta de aproximação entre eles. E Gonçalo sabia que Lídia não engolia Afonso, mesmo que uma britadeira enfiasse Aguiar pela garganta dela. Além do mais, não tinha provas o suficiente para revelar, em acusações, cada um dos casos que ela vem vivendo com amargor. Seria a palavra dela contra a de um Aguiar, o mesmo que, mesmo com chantagem, ajudou seu pai fazer uma fortuna exorbitante ao prazo de pouco mais de quatro anos.

Mas decidiu, com força de vontade e desejo de vingança, que Afonso precisava pagar pela desgraça que levou a família Garcia.

— Você não vai se juntar àquele homem, Lídia Garcia! — Gonçalo disse, como se batesse o martelo com ira em sua mesa.

Lídia ergueu-se da cadeira onde estava, ficou ereta e desafiou o segundo maior narcotraficante do mundo. A perda da mãe ainda estava mexendo com ela, em proveito disso, Lídia queria terminar aquele assunto de uma vez.

— Não estou pedindo sua permissão, papai — disse seriamente, olhando nos olhos vermelhos de Gonçalo, não era de chorar e sim de tanta *coca* que havia ingerido naquela manhã. — O fato de lhe dizer que vou sair Camilo e pretendo me unir...

— Quando você diz “unir”, o que exatamente quer dizer com isso? — inquiriu ele, com nojo, olhar furioso. — Quer tentar um namoro?!

Lídia não estava se afetando com as reações de seu pai, era até previsto, uma vez que Gonçalo foi o homem pelo qual fazia de Lídia uma garota que ninguém poderia se aproximar.

Ela nunca foi bem vista na sociedade por ser filha de traficante, muito menos teve sorte com homens para ter um relacionamento como deveria.

Todos se afastaram com precisão e os poucos que se aproximavam e que sabiam de quem era filha, corriam, o único a desafiar aquela linha perigosa foi Paolo, e quando Lídia estava conseguindo sua confiança e afeto, precisou deixá-lo para trás porque necessitava aliar-se ao inimigo.

Lídia ainda teria uma conversa com Paolo, explicaria ou não o motivo de

deixá-lo, só então, iria divulgar a notícia do possível noivado com Camilo para todos.

Também esperava que Camilo não fizesse objeções quanto ao fato do casamento, contava que ele aceitasse e contribuísse, mesmo que ela não tivesse esperanças alguma que conseguiria aguentá-lo, já até planejava uma forma de nocauteá-lo todas as noites com calmantes para animais.

— Ao mencionar a ação “unir” quero dizer-lhe que penso levar isso para assuntos a sério, papai — respondeu com cordialidade, porém firmeza no falar, sem deixar-se afetar.

— Algo sério? — Gonçalo enrugou a testa. — Com Camilo Aguiar? Mas só em minha morte você vai unir-se a ele!

— Pensei que a família Aguiar fosse sua aliada. — Lídia jogou na cara de seu pai um fato tão aparente.

— E somos! — Gonçalo levantou-se rapidamente. — Mas Camilo é um devasso! Apesar de ajudar com a segurança da família, Camilo é dono da maior parte de casa de prostituição da capital e fora dela...

— Conheço muito bem os empreendimentos dele — Lídia cruzou as mãos na frente do corpo e prosseguiu. — Como também sua má fama, porém...

— Não quero saber! — Gonçalo saiu de trás de sua mesa, decepcionado, com raiva. — Todos os dias de sua vida foram financiados por mim. — Apontou para si mesmo com dedo no peito, sobrancelhas apertadas. — O teto em que viveu, roupas, alimentação, estudos! Paguei a melhor faculdade do país para cursar Direito e se especializar em Ciências Políticas, para no fim viver dormindo na cama de Camilo Aguiar? Isso é um absurdo!

Jogar na cara da filha todo o papel de ser pai – sem mencionar carinho e afeto, coisa que não aconteceu entre eles – fez Lídia queimar de raiva, respirar com dificuldades.

Ela controlou a raiva, umedeceu os lábios e prosseguiu:

— O que acha mais absurdo, papai? — Fez uma rápida pausa para alinhar o olhar ao dele. — Dormir com um traficante em matrimônio ou... ser filha de um?

Gonçalo deu um tapa na cara de sua filha, a cabeça dela pendeu, o som ecoou no escritório, o rosto dela queimou – não mais que a raiva que sentia.

Por um momento, após a morte da mãe, Lídia cogitou a ideia de ficar mais próxima ao pai, ter um relacionamento que nunca tiveram, contudo, ela percebeu – que mesmo sendo rebelde por falar a pura verdade – que se aproximar de seu pai continuava sendo um fato impossível. Confiar nele, nos planos que ela tinha em mente, também não era uma boa ideia.

Sem remorso do que fez, Gonçalo continuou — Se fosse realmente

esperta, teria um homem fora da realidade em que vivemos como, por exemplo, Paolo, mas não! Vejo que você se deitava com os dois e gostou mais do traficante, apesar de me criticar quando acha necessário!

Lídia o olhou com fúria. Rebaixada a vadia pelo próprio pai, uma vez que nunca conseguiu de fato estar com Paolo – primeiro por burocracias da sociedade, e segundo que desde que eles tentaram algo, as tragédias não paravam de lhe bater à porta, e mesmo precisando ter um contato íntimo com um homem, as dores que Lídia sentia eram muito maiores que seu desejo de colocar sua vida sexual ativa.

— Acabou? — quis saber ela, com desejo de extravasar sua raiva, mas apertou os dentes, fechou a respiração e continuou com olhar indiferente — Não vim lhe pedir sua bênção, apoio, ou qualquer coisa do tipo. O que lhe disse, sem arrependimento algum, foi apenas para que fique sabendo da minha boca os planos que tenho para mim. Agora, se me der licença, vou ajudar a minha irmã a sair do seu quarto.

Lídia deu-lhe as costas e andou, sem pressa alguma, até a porta.

— Você não vai se casar com aquele homem, Lídia! — bravejou Gonçalo. Lídia abriu a porta e passou por ela. — Está escutando?! Lídiaaaa!

Episódio 07 – Pacto.

“Tive que mudar, não porque eu gostaria, foi uma questão de sobrevivência.”

KLÉBER NOVARTES

Três dias após a morte de Kali...

— **SEU PAI LIGOU** pela milésima vez — comentou Jorge, colocando o jornal ao lado da mesa de café da manhã de Fernando. — Sobre Lucas, ordenei alguns homens na busca dele.

Fernando não estava muito atento porque respondia, com dedos ágeis, um e-mail em seu notebook.

Depois de que Kali morreu, Fernando estava correndo contra o tempo em justificar a morte de sua mulher e poder colocar os negócios em ordem novamente.

Assim que a matou, ele mesmo ligou para a polícia e avisou da morte de Kali. Deu seu depoimento e convidou os sócios, que estavam no hotel e participaram da reunião, para depor. Todos eles confirmaram uma única versão:

"Inicialmente, Fernando havia mencionado que Kali estava sozinha em seu quarto, tomando seus remédios, porque andava muito nervosa. Fernando havia acabado de finalizar mais um compromisso, quando saiu às pressas alegando ir cuidar da esposa."

"Ao entrar no quarto, alegou Fernando, foi pego de surpresa ao ver, caída no chão, sua esposa com uma bala na cabeça."

"Depressão... Ansiedade, não sei dizer ao certo." — alegou Fernando, mostrando frascos de calmantes vazios. E o que ele dissesse estava dito.

O aliado dos EUA, que se tornou sócio há poucas horas, tratou de abafar a morte no estado, Fernando abafou no hotel.

Kali era filha de um ex-ministro muito importante em Bogotá. Fernando sabia muito bem o que estava fazendo, o que iria fazer e como reagiria na situação da morte da sua mulher. Ser visto como assassino de sua própria esposa tornou Fernando o principal suspeito.

"Se não fosse agora será depois, uma vez que o fim de Kali era único, a morte!" — repetia ele diversas vezes, depois de acabar com o sofrimento de sua mulher e ampliar o dele.

O corpo de Kali foi levado para análise e exames. E dentro de quatro dias seria liberado.

Diante disso, Fernando ficou à disposição das investigações.

No segundo dia, Fernando teve dificuldades para dormir e quando acontecia, sonhava com gritos dentro de um quarto escuro. Levantava-se no meio da noite, tomava uma dose de uísque, um cigarro sem filtro e conseguia voltar para cama.

Já no terceiro dia, a cabeça dele estava tão cheia com tudo. Negócios. Família. Empreendimentos. Inimigos em potencial, que não conseguiu pensar

em Kali. Definitivamente - e precocemente - ele estava conseguindo abafar os sentimentos que restavam sobre ela, porém não todos.

Ada, a irmã mais nova de Kali, chegou a Las Vegas, após Fernando ligar para ela e dar-lhe a notícia. Inconformada, ela disse à polícia que Kali estava sim, tomando alguns remédios, e parecia agitada nos últimos dias, mas que tomou aquilo como nervosismo do casamento.

Ada ficou hospedada no hotel cassino de Fernando. Abalada, ela pediu para não ser incomodada até que o corpo da sua irmã fosse liberado para que pudessem levá-la para Bogotá.

Fernando tratou de todos os trâmites e consolou Ada, alegando não querer nada da parte de Kali, deixando assim Ada com um ar mais aliviado.

— Ada acordou? — quis saber Fernando, apertando 'enter' e enviando seu e-mail.

— Sim. Ela espera pelo senhor no quarto dela — explicou Jorge. — Disse que não se sente bem em entrar aqui... o senhor sabe.

— Claro — Fernando tomou o café e abriu o jornal. — Nada sobre a morte de Kali?

— Absolutamente nada — disse Jorge. — Kali e família não tem prestígios aqui, obviamente não houve repercussões. E mesmo que o senhor seja muito conhecido na cidade de Las Vegas, o dia da morte dela não deixou muita brecha, tendo em vista o consumo exagerado de calmantes e uma possível aliança aos Dalians, que por sua vez, traficantes arruaceiros. Gostaria de alegar que ela e Pedro Dalian tiveram um caso?

— Não, Kali não era assim, e quem a conhecia duvidaria. O que mais podemos pensar sobre a morte dela?

— Poucas pessoas souberam que o senhor e dona Kali, que Deus a tenha, entraram no hotel. Pelo que foi entendido, apenas o piloto da aeronave, dois seguranças, o gerente e o pessoal da clínica que o senhor mandou chamar para exames, uma stripper, o barman que lhe serviu na boate... tiveram alguns presentes, mas o local onde o senhor se encontrava era bem reservado e parece que ninguém o viu. Falei com cada um e parece que não suspeitam de assassinato, a versão sobre suicídio deu certo.

— Tiara — acrescentou Fernando. — Estive com ela. Quero que a procure e sonde o ponto de vista dela, caso já esteja por dentro das notícias, querendo ou não, pessoas falam.

— Contudo, a versão dos representantes dos países que o senhor fechou negócio, a da irmã e do senhor, ajudaram e muito em demonstrar que houve suicídio.

— Isso é bom — Fernando deixou o jornal de lado. — O corpo de Kali

vai ser liberado amanhã, então deixe tudo preparado para que eu possa voltar para Bogotá e enterrar minha mulher com tudo o que tiver direito. Também preciso ligar para minha casa, avisar que teremos uma hospede por tempo indefinido.

— Quem seria?

— Ada — disse Fernando, arrastando a cadeira para trás e saindo da mesa.

— O senhor vai levar a irmã da Kali para a mansão? — Jorge estava totalmente surpreso. — Mas o que o senhor pretende?

— Lucas era tão amigo de Kali quanto de Ada — disse Fernando, vestindo o casaco azul marinho do paletó. — Ela por perto posso descobrir alguma coisa sobre ele. Família. Outros amigos. Namorada. O que for relevante.

Lucas se tornou sua caça importante, e Fernando não iria deixar passar por nada naquele mundo.

— Sua família não vai aprovar a entrada de Ada na casa — preveniu Jorge. — Afinal, ela é irmã de uma delatora. Ada não vai ser bem tratada por lá.

Isso era muita verdade, para poucas palavras. Ada estaria no ninho da serpente, sujeita a todo teor de veneno existente por lá.

— Entenderão a finalidade.

Fernando não conseguia sentir nada. Remorso. Ansiedade. Tristeza. Raiva. Após ter disparado contra Kali tudo dentro dele adormeceu.

— O senhor que tem a decisão. O que precisar de mim para esse assunto...

— Quero para outro.

— Sobre dona Lúdia?

— Exatamente. Algo me ocorreu e pretendo tirar as dúvidas antes que seja fora de hora.

— E o que seria?

— Quero que descubra cada passo de Lúdia na noite em que Petra morreu — disse Fernando com determinação. — Na manhã seguinte, da morte, o delegado me ligou avisando das intenções de Lúdia contra mim e que a própria foi reconhecer o corpo da amiga, assim que recebeu uma ligação próxima da meia-noite. Em que momento ela foi reconhecer o corpo, se meia-noite ela estava na boate, e minutos depois dentro da área VIP?

Jorge absorvia as indagações. Para ele, Fernando estava certo. Algo não se encaixava nas versões reveladas até aquele momento.

— A polícia foi acionada e pelo que diz o segurança da boate — continuou Fernando —, a hora em que eles foram abordados para dar um rápido depoimento, era justamente a hora que Lúdia estava lá dentro da boate comigo.

— Ele pegou as chaves e o celular em cima da mesa. — Eu posso ter me entorpecido até as últimas, naquela noite, mas sei muito bem que, enquanto eu trepava com aquela maluca, ela não falou com nenhum policial enquanto gemia.

Jorge sorriu. Lembrou-se bem que havia abordado Lídia, e tirado um revólver de dentro da bolsa dela.

— Lídia tem as pernas curtas como de um gato — acrescentou Fernando. — E mesmo que tivesse pernas longas e fosse rápida, não poderia estar em dois lugares ao mesmo tempo.

— O senhor tem toda a razão. É sempre bom saber de tudo muito bem detalhado.

— Entrego essa tarefa a você. Ada, eu vou cuidando aos poucos. Se o filho da puta do Lucas já soube da morte de Kali, e for esperto, já deve ter saído de Bogotá.

— Não se preocupe, senhor Fernando, não vou deixar uma única ponta solta sobre Lídia Garcia.



ADA ACORDOU MUITO cedo. Dormiu mal pela segunda vez desde que chegou. Quando chegou a Las Vegas, Fernando foi cordial e cuidadoso com ela. Levou-a para ver sua irmã e tratou de tudo sozinho, Ada não teve problemas com nada.

Fernando assinou uma procuração provisória, alegando estar passando tudo o que pertenceria a ele na morte de Kali. Por direito, assinado em comum acordo, em um contrato nupcial, Fernando detinha cinquenta por cento de toda a fortuna caso houvesse separação ou morte.

A única coisa em que Fernando permitia Ada fazer sozinha era chorar a morte da sua irmã em paz.

No terceiro dia em Las Vegas, Ada estava mais disposta em comer melhor e respirar sem sentir dor no peito. Ela saiu do banho, vestiu um roupão branco, longo e macio, e calçou sandálias confortáveis.

Ada, ao contrário de Kali, não era tão alta, mas tinha um lindo corpo, repleto de curvas. Seus olhos eram de um tom de azul escuro e seus cabelos ainda mais claros.

Atualmente, ela estava praticamente sozinha. Apenas alguns parentes distantes, mas que mal tinham contato com a família. Com a morte de Kali, Ada entregou a agenda à Fernando e o mesmo se encarregou de avisar a todos sobre a morte de sua esposa. Ada mal conseguia segurar um telefone, quem diria poder

dizer, mas uma vez, as palavras mais difíceis da sua vida.

Sobre a versão de Fernando, Ada sentiu um pouco de falta de verdade em algumas partes, mas lembrou-se que Kali havia se metido com um grupo de narcotraficante um dia antes do casamento. E temia que a morte de Kali estivesse ligada àqueles homens. Se Fernando tinha uma versão que não queira contar-lhe por causa de sua dor profunda, Ada teria paciência em saber depois.

Era bem verdade que Fernando sempre foi muito bom para ambas, principalmente para Kali, por motivos óbvios. Mas naquele momento da sua vida, Ada estava recebendo toda a atenção dele. E ela gostou. Sozinha, meio depressiva, carente e sem ninguém para desabafar ou chorar no ombro, tudo ficou intenso para a pobre coitada e quando Fernando lhe dava o devido carinho e atenção, ela sentia quase algo diferente nascer dentro dela.

Isso era loucura!" — pensava Ada, sozinha no seu quarto, sempre que Fernando a deixava. — "Ele é meu cunhado, e Kali acabou de morrer!"

Claro que Ada já tinha dado umas breves olhadas em seu cunhado. Fernando era do tipo que não dava para não notar, o corpo, a voz, a forma eloquente de se pronunciar, o sorriso e olhar que deixava qualquer mulher fora de foco. Mas o vendo tão abatido e unindo-se a ela para sofrerem juntos uma dor que ela tinha esperança que passasse, pois, tinha experiência com a morte de seus pais, Ada tentou manter-se leiga nos sentimentos quentes que lhe aquecia o coração.

No segundo dia, Fernando perguntou sobre os amigos que ambas tinham. Havia mencionado Lucas, mas Ada não sabia seu paradeiro. Ele aparecia e desaparecia sempre que dava vontade. A amizade não era tão longa, pouco mais de seis meses, mas Lucas era o tipo de carinha cativante que gostava de ajudar e servir sempre que precisasse. Também comentou que tentou entrar em contato com ele antes de pegar o avião, contudo não obteve êxito.

Fernando acrescentou dizendo que Kali sempre falou bem dele e que gostaria, assim que Lucas aparecesse e fosse possível, serem apresentados formalmente, uma vez que Fernando nunca se interessou pelas amizades de Kali.

Quando Ada ia se sentar para comer alguma coisa, arrumar tudo para amanhã, pois voltaria com Kali e Fernando para Bogotá, alguém a chamou a porta.

Ela amarrou com mais força seu roupão e foi atender sem pressa.

— Fernando — chamou ela, com leve surpresa. Ada sentiu um leve calor rodear seu corpo.

— Atrapalho? — Ele encostou no umbral da porta.

— Não, claro que não, entre por favor — Ada seguiu para a mesa e Fernando foi em seguida. — Quer comer alguma coisa?

— Não, obrigado. Como se sente hoje?

— A cabeça dói um pouco, mas consegui dormir, apesar disso.

— Estive pensando, Ada — disse ele, com olhar atencioso. Fernando era um conquistador nato e não tinha o porquê usar isso ao seu favor. — Gostaria que ficasse um tempo em minha casa — tocou o ombro de Ada. — Para não ficar sozinha, ter com quem conversar — ele sorriu de lado — Lá tem tanta gente que...

— Não que seja certo — Ada se adiantou. — Além do mais, tenho que resolver tanta coisa sozinha, advogados, contadores...

— Posso arrumar tudo para você — interrompeu Fernando, olhando penetrante nos olhos na cor azul-escuro de sua cunhada. — Não teria trabalho de nada, mas precisaria que estivesse por perto, é claro, para algo eventual, e com você em minha casa tudo ficaria mais fácil para mim. Além de seguro, é claro.

Ada não percebeu, mas a serpente estava lhe picando e envenenando a coerência. Não ficaria sozinha por alguns meses e também estaria livre das burocracias que eram as finanças da família, uma vez que era Kali a resolver tudo isso. Também estaria perto de Fernando, ele a protegeria.

— Você acha que os Dalians vão tentar alguma coisa contra mim? — Ada estremeceu só com a ideia.

— Possivelmente — disse Fernando, colocando a outra mão no outro ombro de sua cunhada. — Vou descobrir os motivos pelos quais levaram a morte de Kali — dissimulava ele.

Fernando sabia o peso de uma morte agora, quanto mais da filha de um falecido e prestigiado ministro de Bogotá. Ter sua cunhada do seu lado, era crucial para que novos problemas não surgissem.

— Então eu vou — foi por impulso, Ada o abraçou e Fernando retribuiu dando o conforto que ela precisara. — Ficarei em sua casa o tempo necessário.

Fernando respirou aliviado.

— Obrigado por me escutar, Ada — disse ele baixinho, deixando Ada ainda mais carente.

— Eu que lhe agradeço. — Ada o olhou e sorriu para ele.



FERNANDO E ADA chegaram a Bogotá, no dia seguinte, com o corpo de Kali. Fernando, quando olhava para o caixão, achava que deveria sentir culpa, remorso e ódio, tudo misturado com o sentimento que sobrava daquela relação.

Mas como um homem de negócios, um membro fiel a sua família, narcotraficante e seus compromissos em ascensão, Fernando esqueceu de todos os sentimentos, e seguia em frente para enterrar de vez o passado.

Colocou na cabeça a ideia de não pensar sobre o tempo perdido, as falhas cometidas, as consequências que findaram em tragédia.

Foco. Era a única coisa que ele lembrava e relembrava a toda hora. Foco.

Antes de sair dos EUA, Fernando ligou para casa e avisou que Ada passaria um tempo com eles. Claro, e evidente, que ninguém gostou da ideia, uma vez que a jovem – rica e linda – era a irmã da traidora da família.

Mas Fernando soube persuadir a todos e colocar suas ideias em primeiro lugar, fazendo assim, os membros de sua família concordarem com a estadia – indesejada – de Ada. Embora isso fosse, ou não, eficaz, Fernando sempre teve em mente que quanto mais perto um inimigo estivesse, mas as chances de não ser passado para trás haviam.

— Vamos para casa — disse Fernando, ao lado de Ada.

Um carro da família foi buscá-lo no aeroporto e estava levando para mansão dos Aguiar. O corpo de Kali foi direto para a capela do cemitério na capital, o mesmo que Manoela foi enterrada.

— Prepararam um quarto para você. Se quiser algo, é só falar com minha mãe, Fabíola, ela vai ter o prazer em lhe ajudar no que for preciso.

Era mentira, Fabíola estava detestando a ideia, mas acatou a vontade de seu filho, além do mais, ela ainda estava com mágoas por não ser avisada da cerimônia que Fernando havia feito, embora estivesse aliviada que Fernando deu um fim a mulher que traiu a todos, sentiu que fora esquecida por quem mais amava, seu filho.

— Já lhe disse que não quero dar problemas para vocês... — disse Ada, menos abatida que antes.

— E lhe disse que não é problema algum ajudar a minha cunhada — Fernando tocou seu rosto.

Ele era cruel, mesmo sendo carinhoso. O gesto deixava Ada mais derretida por ele, mais desejosa de ficar próxima. Tinha um motivo plausível, pois, o único a consolá-la aqueles dias tão difíceis era Fernando.

Ambos olhares se encontraram, o corpo de Ada estremecia quando o calor de seus olhos tão claros admirava os seus. Era impossível, incontável não sentir, não querer, mesmo sabendo que poderia ser tão errado, e quase sem perceber, Ada fez um leve impulso para frente caindo em seguida seu olhar na boca de Fernando.

Fernando conhecia aquele olhar, aqueles gestos, e soube que a menina carente, a quem dias atrás estava furiosa com a irmã por vê-lo transando com

outra, estava precisando justamente dos carinhos – calorosos – de quem ela havia xingado. Ele retribuía o mesmo olhar, baixo, safado, querendo..., mas se afastou como se fosse um homem correto.

— Acho melhor não fazermos isso — aconselhou ele, fazendo-se de difícil.

Ada respirava com dificuldade, só o fato de estar perto de Fernando nas condições que ela se apresentava era muito difícil controlar os impulsos, mas com o que ele disse, Ada teve que se recompor e dar crédito a ele, muito crédito.

— Claro — ela limpou a garganta. — Você está certo — completou envergonhada, mãos trêmulas, face queimando.

Quando o carro chegou a mansão, ambos foram recebidos pelo seu irmão, pai e mãe de Fernando. Obviamente que conseguiram tratar Ada muito bem. Fabíola, mãe de Fernando, é uma das mulheres de mais perspicácia que todas as outras esposas e mães dos dois filhos de Afonso, foi quem levou Ada até o quarto de hóspede e fez todo o discurso de uma 'sogra chocada com a situação de Kali e Fernando."

Já Fernando, se reuniu com seu pai e irmão em uma sala e conversaram sobre a situação no momento.

Tudo que fora roubado contabilizou em quase quinze milhões de dólares. As famílias pelas quais os Aguiar têm responsabilidade, levaram uma pensão para o resto da vida. E a saúde crítica de Antônio foi estabilizada aquela manhã.

— Olhei até nos esgotos dessa cidade — comentou Camilo, colocando vodca da mão de Fernando —, e nada daquele filho da puta do Lucas

— Como Kali ficou sabendo, Fernando? — inquiriu Afonso, fumando seu charuto. — Como obteve informação tão restrita?

— Descuido meu — admitiu Fernando. — Ela disse que escutou uma conversa minha ao telefone, falando sobre o galpão, provavelmente no dia que Antônio foi para lá pela primeira vez... Eu fiquei nervoso com ele e disse várias vezes o endereço.

— Mas isso faz anos — observou Camilo.

— Como eu a traí, Kali se sentiu à vontade de mexer com todos nós.

O comentário de Fernando, fez Camilo lembrar-se da conversa que teve com Lídia. Também lembrou como terminou.

Lídia perdeu o equilíbrio e quase caiu, se não fosse ele pegá-la rápido, mas antes que alguém se aproximasse, Lídia se recompôs alegando ter tido uma queda de pressão por ficar tanto tempo em pé e sem comer nada o dia todo.

Camilo não aceitou essa explicação como verdadeira, desconfiou imediatamente, mas deixou essa hipótese de lado, precisava sair para verificar as buscas por Lucas, o homem que levou tudo no galpão da família.

Contudo, a ideia lhe agradava muito. Lídia foi bem-criada, é bonita, inteligente e sabe como é regido o mundo dele, além do mais, ele já começou a fazer planos sórdidos com ela sobre sua cama.

— Sinto muito por você ter que terminar com ela da forma que foi... — consolou Afonso. — Mas sabe muito bem quem mexe com o cartel tem suas consequências, seja o motivo que for.

— Como você está, irmão? — Camilo sentou ao seu lado, bateu seu copo de vodca no de Fernando e bebeu.

— Não é uma sensação boa, mas estou de pé.

— Como vê o casamento agora? — Afonso quis saber, pensamentos passando em sua mente, ideias a serem consideradas mais a frente.

— Casamento? — Fernando tomou sua vodca antes de responder. — Não quero, nem fodendo a rainha da Arábia.

Kali havia sido a prova, que mulher, mesmo amando e apaixonada poderia ser um problema para o tipo de vida que ele quer viver.

— Preciso ir ao hospital — avisou Afonso. — Vou levar Miranda para ver Antônio, ficarei um tempo com meu filho, depois vou para o escritório.

— Como ele está hoje? — inquiriu Fernando num tom preocupado.

— Reagindo bem. — Afonso estava orgulhoso do filho, ele vinha respondendo aos antibióticos, mas ainda estava em coma. Os médicos começaram a ter esperanças e logo ele estaria lúcido.

Afonso apagou seu charuto, se levantou e bateu no ombro de Fernando.

— Que horas será o enterro?

— No fim da tarde.

— Estarei lá, do seu lado.

— Obrigado.

Assim que o pai deixou a sala, Camilo foi até a porta e a trancou. Ele estava ansioso para contar as novidades. E precisava dizer isso a Fernando antes de qualquer coisa.

— Mesmo depois de alertá-lo — disse Camilo, sentando de frente para Fernando. — Nosso pai, mantém a ideia de deixar os Dalians em paz. Isso significa que ele deve ter assuntos muito maiores que pensamos, paralelos ao nossos, sinto que ele esconde algo de nós.

Fernando escutou com atenção. Ele sentaria na mesa na próxima reunião, a última de seu pai seria amanhã e depois tudo estaria nas mãos de Fernando.

— Já perguntou por quê? — Fernando estava calmo e atento.

— A mesma conversinha de merda de sempre... — disse Camilo. — “Não vamos chamar atenção...” — Camilo imitou o pai, voz grossa, cara fechada. — Porra! Ele está estranho há meses, quase um ano. Não fala mais nada

das coisas que faz quando some. Porém... descobri que ele anda muito naquele hotel que comprou e mandou fazer uma reforma. Afonso detesta sujeira, cheiro de tinta, barulho de martelos, então o que diabos ele tanto faz por lá?

— Se for realmente um problema, Camilo, prefiro ver isso depois da droga dessa reunião com o cartel. Quando estiver a frente da sociedade, no lugar dele...

Fernando estava com a cabeça cheia, o desfalque na família seria responsabilidade dele. A forma que iria tratar para voltar à ativa também seria dele. Como produzir mais rápido e ainda ter produto para entregar, seria totalmente responsabilidade dele, ainda tinha suas questões pessoais, Kali, Ada, Lucas e Lídia Garcia.

— Tem mais... — continuou Camilo.

Camilo se levantou e trouxe a garrafa de vodca para tomarem mais algumas doses antes de cada um sair para seus afazeres. Serviu mais para Fernando depois para ele.

— Ele diz que tem medo que Gonçalo queira quebrar sociedade por causa da mercadoria roubada. — Camilo engoliu sua bebida, fez uma cara como se tivesse chupado limão e prosseguiu — Sabemos que ele é quem nos ajuda a trazer a matéria-prima de fora, e com os custos de armazenamento. Falei com ele esta manhã para fazer uma visita à Gonçalo e falar com ele sobre o assunto, mas ele diz que é melhor na reunião, porque a ex-mulher dele acabou de morrer...

— Manoela morreu? — Fernando parecia ter tomado pela surpresa.

— Se enforcou — explicou Camilo.

Fernando se levantou, lembrando-se de Lídia, e como ela estaria depois da morte da mãe.

— Depois desse desfalque — disse Camilo. —, nosso pai teme que Gonçalo ache que é um péssimo negócio continuar a sociedade. Afinal de contas, tanto nós quanto ele, perdemos muito dinheiro.

— Se isso for verdade, o que nosso pai diz sobre isso?

— Nada. Porém Lídia me disse muito sobre o assunto.

Fernando ergueu a sobrancelha, deu um sorriso de lado. Há muito tempo não tinha escutando tamanho absurdo.

— Mas que porra você está tentando dizer, Camilo? — Fernando não conseguiu conter a graça que achara da novidade.

— A porra, que Lídia me procurou para se unir a mim, fazer com que nosso pai e o dela não façam uma guerra.

Camilo entendeu tudo errado, não por não pensar direito sobre o assunto, mas porque tanto ele quanto seus irmãos não faziam ideia do que Afonso era capaz, do perigo que as Garcias corriam sem aliados.

Fernando fechou a cara.

— O quê?

— Isso mesmo.

Fernando estava relutante, acreditar no que Camilo lhe contou estava mais difícil que qualquer coisa que já tenham lhe dito.

— Ela demonstrou estar bem interessada.

Fernando olhou para seu irmão, desconfortável e sentindo a gravata lhe apertar o pescoço, ele a afrouxou, pegou a garrafa de vodca e se serviu de mais uma dose.

— Disse que na noite da despedida de solteiro ela foi à boate a minha procura.

— Mentira — disse Fernando com rapidez.

Camilo se calou e viu seu irmão andar rápido até a porta e gritar — JORGE.

O homem apareceu como um fantasma e quando Camilo se deu conta, Jorge estava fechando a porta. Não entendeu as reações de Fernando, mas deixou que ele processasse. Passou pela sua cabeça se Fernando estava com ciúmes do fato de Lúdia sentir algo por ele, assim como Lúdia disse, mas também sabia que Fernando era prático e não estaria assim se algo há mais estivesse em sua mente.

— Na última festa da boate — disse Fernando, olhando para Jorge —, assim que Lúdia apareceu, o que exatamente ela lhe disse?

Sem rodeio, Jorge disse — Queria saber onde o senhor estava — explicou olhando diretamente para Fernando. — Afirmar que o senhor estava na área VIP, então ela pediu para entrar, pedi a arma que ela tinha e a deixei... com sua permissão.

— Filha da puta! — resmungou Camilo. — Aquela vadia disse que estava atrás de mim, e quando me viu com um monte de mulheres achou melhor desistir, começou a beber com você e por isso...

— Transou comigo — completou Fernando. — Lúdia estava na boate quando Petra morreu.

— Petra morreu?

— Eu te disse no dia seguinte.

— Não consigo lembrar. Mas que merda. Ela era legal.

— Tão legal que Lúdia se arriscou para me roubar as filmagens da morte dela.

Camilo se levantou, não gostava quando as notícias boas não chegavam ao seu conhecimento.

— Por que ela roubou?

— Alegou não querer que ninguém dispensasse as imagens, mas não

consigo acreditar nessa desculpa tão vaga. Depois de roubar foi me procurar e parabenizar pelo casamento.

— Ela se sentiu mal quando falei que Kali havia morrido.

Fernando sentou-se, pensativo demais. Sentiu que Lúdia escondia mais coisas que ele podia supor.

— Vadia dissimulada! Cai direitinho quando ela começou a chorar como se tivesse sofrendo por mim, sentimentos feridos. — Camilo estava com a ira lhe apertando as entranhas, ego ferido, masculinidade em baixa. — Aquela coisinha pequena conseguiu me enganar. Não vai ter porra de acordo nenhum, não como ela estava propondo. Vamos falar com Gonçalo, dar garantias que ele não vai mais perder dinheiro, que teremos lucros dessa vez e vender tudo, mas nada de aliar um herdeiro Aguiar com uma herdeira Garcia.

Fernando sorriu.

— Vou atrás daquela maluca e lhe dizer na cara tudo o que está entalado na garganta — disse Camilo, determinado.

— Não, você não vai. — Fernando se colocou no meio do caminho do seu irmão. — Deixe-a pensar que tem chances — aconselhou Fernando. — Esqueça toda essa conversa de unir as famílias, Gonçalo é sensato, nunca o decepcionamos, ele vai entender quando pedir mais tempo para ressarcir o prejuízo.

— Mas aquela Lúdia Garcia precisa escutar umas poucas e boas.

— Deixe-a comigo — pediu Fernando, com paciência, ele era muito mais frio e paciente que Camilo que levava tudo a ferro e fogo. — Lúdia, a partir de hoje, é assunto meu.

Camilo concordou, mesmo não gostando, porém deixou Fernando resolver o assunto, mas prometeu, para si, que ainda teria uma deliciosa conversa com a “Petulante Lúdia Garcia”.



CRIADA POR UM PAI que matava antes de dizer o motivo, cresceu na sujeira da prostituição, no lixo do vício e na ganância do dinheiro.

Patrícia era a pior mulher que já se viu. Fria. Rancorosa. Gananciosa. Possessiva. Traçoeira. Vil. Das três esposas de Afonso, ela era a que ninguém confiava. A mãe de Camilo.

— Você fez o que lhe pedi, Patrícia? — inquiriu Afonso, olhando para ela sem emoção.

Patrícia era alta, tinha um corpo forte, anos na ativa de malhação, era

morena e um rosto oval, olhos negros como de um gavião faminto.

— Alguma vez eu lhe decepcionei, querido? — Ela soltou a fumaça densa e olhou para Afonso como se fosse a melhor de todas elas.

— Não, você nunca me decepcionou. Que horas a bomba vai explodir a mansão Garcia?

Patrícia olhou o relógio. Uma joia comprada com o lucro da prostituição que ela ainda gerenciava.

— Dentro de uma hora. Cabuum! — brincou ela, com os olhos brilhando.

Afonso respirava fundo depois de anos.

Ele tinha que fazer alguma coisa, pois as duas filhas de Gonçalo estavam tramando em suas costas e para Afonso, se for para arrancar um mal, que arranque pela raiz e ainda lhe remova a terra para que nada venha nascer dali.

— Acha que ele e as filhas vão estar lá? — Patrícia descruzou as pernas e pousou a mão na coxa de Afonso, queimando o corpo dele com seu olhar atrevido, o convidando para a libertinagem.

— Vão sim. — Afonso colocou a mão dentro do vestido dela, e sentiu a umidade de sua calcinha. — Excitada, querida?

— A morte me excita — disse ela, tremendo as pálpebras de tesão. — Sabe disso, querido.

Afonso adorava a devassidão daquela mulher. Quando a descobriu, ela era dona de uma das maiores casas noturnas com prostitutas de luxo da região e se apaixonou pela sua acidez impecável, na mesma noite que quase a quebrou de tanto sexo animal e sujo que ambos fizeram, foi tesão a primeira penetrada.

— Para onde vamos agora? — inquireu ela, sentindo os dedos de Afonso brincar com seu sexo.

— Quero que dê um jeito em Lina — disse ele com tranquilidade. — Há muito tempo ela não tem lhe visto, acho que vai adorar sua visita. E estou sem tempo para fazer isso. Tenho que ir para o enterro de Kali.

O olhar diabólico de Patrícia encontrou o olhar gélido e perturbador de Afonso.

— Ela vem tentando acabar com você de novo? — Patrícia sabia de todos os planos sujos que Afonso tinha, também sabia que Lina era seu fraco, que Afonso gostava dela da forma mais cruel.

— Lina é incorrigível — Afonso tirou os dedos debaixo do vestido de sua mulher. — Mas conto com você. Lina insiste em querer brincar de ser vilã contra mim, mesmo sabendo que essa persistência só vai lhe deixar mais marcas nela.

— Chicote? — Patrícia abriu os olhos com ambição.

— Como você desejar, meu amor.

Ah, como ele adorava aquela mulher!

Ambos sorriram. Os planos estavam arquitetados. Acabar logo com a família Garcia. Aguiar sentia muito, pois Gonçalo tinha o melhor da matéria-prima, mas preferia se livrar dele agora, do que prolongar esse evento por mais algum tempo.



A SUBMETRALHADORA CUSPIA furiosamente suas esferas de aço dourado de 4,5 milímetros no alvo. Lilian conhecia todas as armas de fabricação alemã, russa e chinesa. Também tinha um pulso firme para segurar as de coice mais violentos. Uma visão de pura água que não perdia um único disparo.

Já havia um bom tempo que ela não pegava uma arma para treinar, aliviar, extravasar. A última vez foi quando recebeu a primeira surra de Gonçalo.

Túlio, seu primeiro namorado. Um jovem bonito e galanteador que Lilian conheceu em uma das livrarias café onde ela frequentava. Eles se entregavam com paixão no pequeno apartamento que ele alugava em um dos andares que ficava em cima da livraria.

Foi uma paixão arrebatadora e que a consumiu de desejo e coragem para viver um romance com alguém que não condizia com sua classe social. Mas Lilian não ligava, os sentimentos sempre foram mais importantes que a carteira gorda, a casa pomposa, a vida luxuosa.

E quando tinha pouco mais de dezoito anos, e já estava convencida que iria lutar por Túlio, eles marcaram de se encontrarem, e sempre que faziam isso, o desejo falava mais alto, embora quando terminasse... sonhavam pelo resto de tempo que ainda lhe restavam. E foi justamente naquele dia que Gonçalo descobriria o romance de sua filha mais querida com um rapaz bem mais velho que ela.

Lilian foi tirada nua e humilhada da cama, arrastada escadaria abaixo por seu pai e levada para casa a base de sermão. Quando chegaram à mansão ela fez o que nunca havia feito na vida, gritou com seu pai, lhe afirmando que fugiria com Túlio, Gonçalo lhe deu um corretivo e na mesma hora mandou matar o pobretão que mal tinha estudos e só vivia de bicos.

No dia seguinte Lilian sentiu desejo de gritar, mas não queria dar o gosto do desespero a seu pai, então desceu a longa escada central da mansão, pediu para um dos seguranças ensiná-la a atirar e lhe explicar sobre armas.

Lilian descobriu que além dos sonhos do livro – que a colocava fora

daquele mundo cruel que ela nasceu –, também poderia ter uma saída de escape para sua dor profunda no mundo real.

Armas.

Mas por que ela sentia desejo de esvaziar caixas e mais caixas de munição naquela manhã?

Enquanto Lídia respirava e colocava as ideias no lugar em seu quarto, Lilian gritava, atirava, extravasava, cada coice violento tremia seu corpo, machucava seu ombro, contudo lhe aliviava, equilibrava, amenizava a dor insuportável que sentia.

Dias sem comer direito, sem dormir uma noite inteira, sem parar de chorar, de sofrer, de sentir amargura.

Mas o som das balas que camuflavam seus gritos ajudava como nunca, tanto para aplacar sua dor, quanto para lhe dar a energia necessária para fazer o que teria que fazer em minutos.

Quando a munição acabou, a empregada que era encarregada das coisas pessoais de Lilian estava atrás dela com as mãos nos ouvidos para tentar camuflar o som estarrecedor daquela pequena máquina mortal.

— Suas malas estão prontas — disse a pobre empregada surda dos dois ouvidos. — Dentro do seu carro como havia orientado.

— Onde está minha irmã? — Lilian enxugou o suor da sua testa.

O boneco de pano que ela mandou fazer estava detonado.

— No quarto dela, quer que eu avise que a senhora está de viagem?

— Não — Lilian entregou sua arma ao segurança que ficou do seu lado. — Quero sair sem falar com ninguém.

Ela não queria enfrentar Lídia, não queria se despedir porque também não estava indo embora, mas precisava ficar só, pensar melhor longe de todos.

— Quando eu sair da casa, você entrega a carta que fiz para ela?

— Mas é claro, dona Lilian.

— Obrigada. — Lilian tirou as luvas de couro de sua mão, que não combinava em nada com seu vestido florido de um tom amarelo muito elegante. — Meu pai?

— Acabou de entrar no escritório dele. Quer que eu diga que quer falar com ele?

Ambas caminharam juntas.

— Não. Obrigada.

Lilian entregou as luvas a sua empregada e caminhou na frente a passos longos.

Ela bateu na imponente porta do escritório do seu pai. E de trás dela escutou Gonçalo ordenar a entrada. Quando Lilian abriu a porta, contemplou seu

pai consumindo uma longa carreira de cocaína.

Aquela visão, antes, lhe machucava o coração porque apesar da arrogância de seu pai ela o amava, e temia por sua saúde, porém, hoje, naquele momento da vida de Lilian essa visão mudou totalmente.

— Sente-se, meu amor — pediu ele, apertando o nariz. — Algo que eu possa fazer por você?

Lilian olhou com desprezo para as partículas claras e finas de *coca* que ficou na mesa de seu pai.

— Já está fazendo papai — disse ela séria.

O que sua filha disse e para onde olhava fez os ombros de Gonçalo se endireitar.

— O que exatamente Lilian? — quis saber ele.

— Se matando, papai — disse ela sem vacilar.

Gonçalo desconfiava, mas escutar da boca da sua filha preferida foi demais. Ela sempre fora paciente e carinhosa, sua atitude deixou Gonçalo irado, detestava perder o que gostava, e o afeto de Lilian não seria diferente.

— Você quer que eu morra? — Gonçalo se ergueu, com dificuldade, mas conseguiu ficar de pé, colocando as duas mãos grandes e fortes sobre a mesa envernizada. Seu olhar era de indignação que chegava com precisão ao encontro do olhar endurecido de Lilian.

— A verdade, papai? — Ela se mantinha firme no seu lugar. Pés juntos, mãos nas laterais do seu corpo. Voz em tom adequado.

— Mas é claro, por favor! — Gonçalo já sabia a resposta.

Depois da forma que Lilian estava lidando com ele naquele momento, ele poderia ter acabado de se drogar, mas ainda não estava no efeito crucial da droga, e queria escutar da boca da filha que amava.

— Eu quero...

— O que você quer, minha filha? — incentivou Gonçalo, vindo até sua filha mais velha, linda como uma boneca de porcelana, amável e inteligente, mas que ficou com formas estranhas depois de minutos após sua entrada.

— Que o senhor morra! — a frase a encheu de ódio, repulsa, rancor.

Gonçalo segurou o rosto de sua filha com uma mão, olhar tenebroso, aperto firme o suficiente para que ela sentisse o desconforto do seu toque.

— E por quê? Eu posso saber? — inquiriu ele, olhando o rosto de sua filha com detalhes.

Algo a mudara, constatou ele, sentindo as ondas fluírem, as cores se enrolarem, a droga envenenar seu sangue.

— Porque um assassino tem que morrer. — Não foi a frase, nem o tom de voz, muito menos a droga que deixou Gonçalo entender o que sua filha lhe

falou, foi seu olhar, como se fosse uma legenda de tudo o que possivelmente ela viu.

Ela contemplou, com imagem limpa e bem focada.

Seu pai entrou na mansão depois de falar com dois seguranças. Ela sentiu bem ao vê-lo, e se apressou para trocar de roupa para recebê-lo.

Mas quando saiu do quarto escutou vozes alteradas, e ao perceber que depois de alguns minutos a porta do quarto de sua mãe estava se abrindo, Lilian correu para seu quarto e ficou na porta, deixando apenas uma fresta da porta aberta.

Gonçalo passou alinhando seu paletó, ombros bem endireitados, depois arrumou o cabelo e saiu da casa sem mais ninguém lhe ver.

Lilian sabia o quanto Manoela o queria longe, então correu para o quarto da sua mãe a fim de saber o motivo deles brigarem novamente, foi aí que ela soube onde findou as vozes alteradas, os xingamentos...

A mãe enforcada como um animal.

Lilian temeu o homem que ela chamava de pai.

E gritou tão alto que queria ter perdido a alma naquele lamento.

Depois que Lídia chegou e ajudou Lilian a sair do quarto, seu psicológico virou do avesso, sua mente perturbou-se de uma forma que ela duvidava que voltasse ao lugar, mas tinha fé que quando seu pai apodrecesse na culpa ou em um buraco, ela conseguiria recobrar sua mente.

Tentou se esconder de todos, chorando sem saber a saída que deveria tomar, mas depois que Manoela foi enterrada, Lilian entendeu o que fazer e que atitude tomar.

— Eu te vi saindo do quarto da minha mãe — revelou ela, com nojo do próprio pai.

Gonçalo cambaleou para trás, coração batendo forte demais para quem acabou de consumir apenas uma carreira de *coca*, ele já estava acostumado, essas sensações lhe vinham com mais frequência quando consumia muito mais que uma grama.

— Você viu...

— Quando Túlio foi morto eu chorei até a dor passar — Lilian tomou a vez. —, agora, depois de sete anos, você fez de novo, mas dessa vez foi a mulher que me deu à luz, a esposa que tentou lhe suportar. — Lilian limpou seu rosto com as costas da mão, o toque de Gonçalo deixou resíduos do pó que ele consumiu. — Homem podre! Sempre fiquei do seu lado, tentei lhe ajudar mesmo depois de matar Túlio na base da covardia. Mas vejo que foi tudo jogado ao lixo, minha atenção, meus cuidados, minha presença.

— Sua mãe merecia morrer! — Gonçalo esbravejou. — ela era uma

traidora que precisava morrer! — Gonçalo se recompôs, respirou pesadamente e indagou: — Lúdia sabe?

— Não! E se ela souber, tenha certeza, ela vai conseguir pegar em uma arma e estourar esse músculo que o senhor chama de coração!

Gonçalo caiu sentado sobre um sofá. Olhou para Lilian com movimentos inquietos com a cabeça. Ele pôs a mão no peito.

— Vai contar para ela que você me viu... — Ele gaguejou. A dor no peito não o deixava pensar direito. — Você vai falar para Lúdia que...?

— Vou. Mas não agora, quero que a culpa lhe consuma primeiro. Além do mais, o senhor nos vale, por hora, mais vivo que morto!

Gonçalo sentiu seus olhos arderem. E não demorou para as lágrimas serem dispensadas.

— A culpa, a solidão vai lhe matar aos poucos e quando eu ver isso acontecer por causa dos sentimentos que buscou, eu conto a ela...

— Lilian, minha filha... — Gonçalo se levantou, andou até ela, mas Lilian se afastou. — Manoela mentiu para mim... Ela... — O coração estava batendo forte demais. Gonçalo pôs a mão no local onde os batimentos pareciam pancadas o deixando sem ar. — Chame alguém... — Ele ofegava caindo de joelhos. — Socorro... — A voz saiu sufocada.

Lilian o via rastejar, implorar e sufocar.

Vendo que não receberia ajuda nenhuma de sua "doce" menina, Gonçalo conseguiu chegar até a mesa e pegar o telefone para interfonar e pedir alguém para que chamasse a emergência.

Com uma frieza que não nasceu com ela, mas soube adquirir na situação que ela passou em sua vida, Lilian tomou o telefone da mão de seu pai, puxou o fio que o ligava a linha e jogou longe.

Deu-lhe as costas e andou para longe daquela casa, longe daquela vida, distante o suficiente do seu pai, permitindo que o mesmo fosse sufocado e caísse desmaiado no chão.

Abriu a porta com calma, depois fechou da mesma forma, atravessou o grande salão que por diversas vezes recebeu convidados com educação.

Passou pela porta principal com a mesma calma. O carro que estava estacionado, o esperava ligado e com roupas o suficiente para passar alguns dias longe de Bogotá.

Do primeiro andar, Lúdia viu sua irmã sair de carro, fez uma cara confusa, Lilian estava o trapo sobre a cama, como ela teve forças de sair sem ao menos me chamar?

E quando o carro atravessou o grande portão da mansão Garcia, foi o momento que um empregado abriu a porta e viu Gonçalo lutando entre a vida e a

morte, e em segundos toda a casa ficou agitada.



ERA A QUINTA VEZ que Lília ligava para Lilian naquele dia, sem êxito, acessou um aplicativo que ambas tinham para saber o paradeiro da outra, mas não dava informação alguma de onde Lilian pudesse estar, ou foi desligado, ou ela o desativou para que Lília não soubesse para onde estava indo.

A noite estava fria. O cheiro de sangue parecia tão próximo. Lília teve que acompanhar o pai logo depois que a ambulância chegou.

Não sentia nada em relação ao seu estado deplorável e estabilizado pelos paramédicos. Se Gonçalo morresse talvez nem a fizesse falta, contudo ela o acompanhou, no seu carro.

Estava na espera de notícias quando um segurança da família, que cuidava de Lilian, se aproximou.

— Nada de dona Lilian — disse ele.

— Ela não comentou com ninguém para onde estava indo?

Lília precisava de Lilian por perto, temia por sua vida. Temia pelas coisas que poderiam acontecer sem segurança e tão exposta. Mesmo sabendo que sua irmã tinha astúcia e potencial, ainda assim, Lília não a queria longe de suas vistas.

— Não. Só pediu para arrumar algumas roupas e que precisava viajar por alguns dias.

'Estranho', era a única coisa que Lília achava. Lilian passou os últimos dias em um estado de depressão que começou a preocupar Lília, contudo, sem nem Lília perceber, Lilian se preparava para sair, fugir.

Mas o que a motivou? — questionava-se a cada minuto.

— Mandeí Coby rastreá-la...

O segurança deu a Lília o celular de sua irmã. Quando ela viu, sentiu um temor abalar suas pernas.

— Acho que dona Lilian quer ficar sozinha — comentou o segurança dela.

Mesmo achando uma ideia ruim, Lília respirou fundo e quis aceitar que Lilian poderia saber se cuidar, afinal de contas, ela era mais velha, sempre viveu com o pai a quem estava no perigo constante, diferente de Lília que vivia na tranquilidade do lar da mãe.

— Se ela saiu de carro, deve tê-lo deixado em algum estacionamento do aeroporto... — deduziu Lília.

— Checamos esta possibilidade, mas ela não deixou, provavelmente esteja por perto...

— Obrigada mesmo assim.

Depois de pouco mais de meia hora, um médico, ao qual atendia a família, recebeu Lídia e disse que Garcia foi sedado e estava em observação por tempo indeterminado.

Ele perguntou se Lídia queria vê-lo, ela concordou. O médico a levou até o quarto e a deixou lá, alertando que poderia ficar por cinco minutos.

Lídia não conseguia sentir nem mesmo pena daquele homem, até tentou, mas não conseguia. Ela se aproximou da cama e olhou o estado de impotência que seu pai se encontrava.

— O que você fez a Lilian, hein? Para ela lhe deixar para trás, o senhor só pode ter aprontado uma das grandes — disse com desprezo.

Lídia se afastou do pai, olhando mais uma vez seu estado e saiu do quarto. Ela foi surpreendida por uma jovem que sempre estava ajudando Lilian com as coisas dela.

— Dona Lídia — chamou ofegante. — Desculpe, mas com tudo o que aconteceu com seu pai...

— Notícias de Lilian? — Uma pontinha de esperança tocou o coração de Lídia. Mas quando viu a empregada estender um envelope grande, entendeu a situação do seu cansaço.

— Ela pediu para lhe entregar isso... — estendeu o envelope. — Se eu puder ajudar em alguma coisa...

— Quero sim. Pegue todas as minhas roupas e as coloque dentro do meu carro. Faça também uma mala pequena para deixar aqui no hospital para o meu pai e quando Lilian ligar para casa, por favor, diga a ela que preciso falar com urgência.

— Pode deixar — disse a jovem determinada e saindo em seguida às pressas para acatar às ordens de sua patroa.

Quando Lídia ficou sozinha, sentou-se e abriu o envelope, tirando de lá um amontoado de papel e com uma pequena carta.

'É claro que os sentimentos mudam. As pessoas fazem com que isso aconteça. (Querido John)'

Você me deu esse livro em um dia que brigamos, lembra? Disse-lhe que não poderíamos sair de carro depois que você tomou seu primeiro porre e eu brigava com você para não entrar no carro. Você me xingou, disse que eu era medrosa e entrou no carro me deixando com o coração na mão e batendo apertado.

Eu que era para cuidar de você, afinal de contas, sou a mais velha,

embora eu adore esse seu cuidado comigo, gosto de lhe proteger também, às vezes. No dia seguinte, você chegou com a cara amassada e me deu esse livro.

Quando essa frase foi registrada em minha mente, pensei em tudo que passei, estava passando e possivelmente iria passar, quando fiz a escolha de morar com nosso pai. Foi a pior escolha, soube quando Túlio foi arrancado de mim, lembra dele?

— Como não lembraria sua boba — disse Lídia, com pesar.

Foi um erro permanecer na mesma casa com o nosso pai, embora ele sempre me tratou muito bem, tirando esse evento com Túlio, era para ter ido embora, o deixando para trás, assim como fiz agora.

Deve estar se perguntando por que, não é? Eu sei, sua cabeça não sossega um segundo. Por agora, quero que fique longe de nosso pai, ele sabe matar qualquer sentimento bom..., mas o que estou escrevendo? Ele conseguiu fazer isso com você.

Contudo, lhe dizer o motivo pelo qual o abandonei e sai para respirar pela primeira vez na minha vida, não vai lhe ajudar no que eu gostaria que fizesse na minha ausência, que uma vez papai impossibilitado, eu seria sua substituta. Os motivos de minha saída, você vai saber quando eu voltar.

Com a nossa mãe morta, e papai fora do controle de tudo, pois mesmo dentro do meu quarto, eu sabia que ele dormia e acordava naquele escritório fedido, bebendo e se drogando, não duvido dos negócios desandarem, então, para lhe deixar mais dentro de tudo... Tá eu também sei, você nunca quis administrar nada da família, mas agora preciso de você até eu voltar.

Aí dentro tem uma procuração que eu fiz o nosso pai assinar há muito tempo, quando ele estava dispensando uns documentos para pagamento, eu transferi tudo para você. Hoje, você detém toda a fortuna, dinheiro e ações das empresas lícitas e os bancos, bem como o tráfico. Claramente com este documento você se torna a segunda maior traficante, perdendo para Afonso e Fernando, é claro.

Prometo não demorar. Vou respirar um pouco e volto.

Da sua irmã querida, Lilian.

Lídia se levantou, andou pelo corredor com os papéis nas mãos.

Contratos, procurações ... títulos...

Documentos que davam a ela a voz de tudo, tanto o direito quanto o dever.

E quer saber, ela soube que queria aquilo naquele momento, precisava de poder, de forças para atingir seus meios e fins, quando prometeu a si mesma, naquele dia.

— Dona Lídia — Coby apareceu, ficando do lado da nova traficante do

país.

— Coby, meu querido, a que horas é a reunião da mesa dos cartéis?

— Sempre às vinte e duas.

Lídia parou no corredor e Coby fez o mesmo.

— Você vai me levar até lá amanhã, tenho uns ajustes bem importantes para fazer com aquele ninho de cobras.

— Como a senhora quiser.

Lídia iria usar o que tinha nas mãos e virar o jogo.

— Dona LÍDIA — Alguém gritou, ela se virou e percebeu que era o segurança de Lilian. — A mansão... a mansão, explodiram ela. Tudo foi pelos ares.

Lídia ficou parada por um instante. Ele nunca iria parar, pensou ela, Afonso sempre vai tentar contra a vida dos Garcia.

— Coby? — chamou Lídia.

— Sim?

— Nessa reunião, pode entrar armado?

— Sim, senhora.

— Então me arrume uma pistola automática, preciso ir bem vestida para me apresentar àquelas serpentes. Mas não se preocupe — disse ela —, o sapato que calçarei também vai ajudar a esmagar a cabeça de cada um, mais uma coisa. Não quero que ninguém saiba que estamos vivos. Deixarei para dar a notícia eu mesma!



O CORPO DE LINA fora suspenso por uma corda, sua pele queimava, o suor frio era a dor que cada parte dos seus músculos sentiam, tanto eles quanto seus membros causados por chicotadas.

Patrícia verificava as coisas caras que ela tinha. Vestidos que comprava em Milão, joias árabes, perfumes franceses. Destruindo tudo.

Mas Lina não chorara, não gritara, não implorara, ela apenas pensava com os olhos fechados.

— Penso... — disse Patrícia, olhando para Lina, erguendo o rosto dela com o cabo do chicote. — Por que Afonso ainda a mantém viva?

Lina ficou calada.

— O que ele vê em você para lhe guardar como algo valioso?

Afonso poderia mantê-la em cativeiro de luxo, mas nada poderia ser mais precioso para Lina como a sua liberdade, uma vez que Afonso estivesse morto.

— É essa forma de surpreendê-lo com sua petulância? — Patrícia analisou as expressões cansadas de Lina. — É, talvez seja isso. Porque mulher assim como eu. — Patrícia se exibiu, dando uma voltinha. — Você não é!

Lina sempre teve repulsa de Patrícia. Das três, ela era a única que soube sobre Lina. Que sabia de toda a história da traição de Afonso com Manoela.

Ciumenta e traiçoeira. Pior raça.

Agora ela estava torturando a filha da mulher que ela odiava. E como Patrícia amava fazer aquilo.

— Mas... apesar de tudo, tenho uma notícia para você. Só um segundo... — Patrícia se afastou, abriu sua bolsa e tirou um tablet, mexeu em alguns comandos e virou a tela para Lina. — Gosta de fogueira? Eu adorooooo fogo! Mas veja o que acontece...

Lina virou a cara e por sua vez Patrícia a pegou pelos cabelos a fazendo olhar a imagem, uma mansão que Lina sabia bem de quem pertencia foi explodida bem no centro da construção acabando com toda a propriedade.

— Acha que tem madeira suficiente, lá? — Patrícia brincava com a situação. — Ah, mas não tem importância. Suas irmãzinhas e papaizinho estavam lá para dar mais combustível ao fogo.

Lina sentiu um aperto no estômago, uma agonia que lhe deixou abalada. Apesar de tudo, ela gostava de suas irmãs, e queria seu pai por perto também.

Foi só depois de saber que eles estavam na destruição arquitetada e colocada em prática por Afonso que levou sua família verdadeira à destruição total, que Lina chorou, em silêncio.

Patrícia, ao ver a fraqueza dela, sorriu com muita satisfação.

— Você e Lídia brincavam muito de polícia e ladrão, agora, você vai para à Alemanha, e ficar trancada lá até segunda ordem...

Patrícia desligou o aparelho, virou de costas e chamou dois seguranças que tinham no lado de fora do quarto.

— Você — disse Lina, com dificuldade, sentindo tudo doer. — Você vai cair nas minhas mãos, eu vou te trancar como um bicho e arrancar sua sanidade, Patrícia, assim como vou fazer com Afonso.

— Duvido muito que consiga — Patrícia rebateu. — Tirem ela dá corda e a coloquem dentro do carro. Quero essa nojentinha bem longe do meu marido.

Patrícia pegou sua bolsa, e saiu do quarto, mas antes de chegar ao elevador, foi surpreendida.

— Mãe? — Camilo apareceu para a surpresa de Patrícia.

— Camilo, querido! — ela foi até ele, e o abraçou, olhando com temor para a porta. — O que faz aqui?

— Eu que pergunto — disse Camilo. — O que faz aqui e o que fazia

naquele quarto?

Ela o virou e começaram a caminhar no sentido contrário.

— Procurando por seu pai.

Camilo olhou mais uma vez e parou. Patrícia sentiu o ar prender nos pulmões.

— Tinha mais alguém lá com a senhora? Porque papai está com Fernando, acabamos de chegar do enterro de Kali e ...

— Claro que não! Vamos para casa? Estou faminta!

— Eu vi a senhora saindo de lá sorrindo — disse Camilo. — O que está escondendo lá dentro?

— Mas que homem teimoso! Nada! Estava ao telefone. Fabíola me ligou dizendo que não estava suportando ficar com Ada debaixo do mesmo teto. Francamente, Fernando tem cada ideia!

O que ela falou não o enganou. Camilo realmente estava desconfiado. Chegou no local daquela forma, pois já suspeitava que algo tinha de muito importante para seu pai estar frequentando um lugar totalmente em reforma, e agora encontrou sua mãe.

Deixando sua mãe para trás, Camilo andou até o quarto. Quando foi tentar abrir, estava fechada.

— Abra! — foi mais uma ordem que um pedido de filho para mãe.

— Querido, deixe isso para lá, é apenas um quarto que ainda precisa de reparos e...

Camilo não era muito de esperar por nada, deu um chute na porta, depois outro e no terceiro a porta caiu ao chão.

Patrícia ficou petrificada em seu lugar.

Camilo entrou, olhou tudo, mas não viu ninguém por lá, mas antes de sair, viu uma câmera de segurança instalada na direção da cama.

— Olha o que você fez — Patrícia disse, ao ver o estrago que seu filho fez, mais aliviada por saber que Lina já tinha sido levada pelo acesso subterrâneo que Afonso estava construindo no hotel, apenas mais uma das cartas na manga que aquele homem estava tramando. — Eu te disse que não tinha nada. Vamos! Acompanhe sua mãe.

Camilo saiu do quarto, mas prometendo, mentalmente, que voltaria ao lugar.



O VESTIDO ERA PRETO, assim como ela iria se vestir por semanas

por sua mãe, ele lhe apertava o corpo do busto até um pouco abaixo do joelho, um Turlani que nunca usou, mas hoje seria sua estreia.

Um colar de pérolas com brincos da mesma espécie, para formar um conjunto. Para provocar, encabular, Lúdia colocou um pequeno chapéu de aba curta que caía um pequeno véu que cobria metade do seu rosto. Adorava vermelho, e abusou dessa cor nas unhas e em sua boca. A meia-calça ia até sua coxa, e um cinto com um punhal estava entre suas pernas.

Coby entrou com a pistola automática e um coldre para Lúdia. Ela colocou sobre os ombros sem se incomodar com o apetrecho grosseiro sobre o elegante vestido.

Um cigarro de maconha foi aceso e ela o tragou um pouco. Quando soltou a fumaça, olhou para Coby.

— Quantos estão prontos para irem comigo?

— Cinco fora e três dentro — respondeu Coby.

— Algum ritual que eu deva saber?

Coby pensou. Antes de ficar encarregado de Lúdia, ele tinha ido algumas vezes com Gonçalo.

— Eles vão lhe barrar, então precisa levar uma prova que hoje tem voz pra opinar na mesa.

— Isto serve? — Lúdia deixou o cigarro entre os lábios e pegou no envelope que Lilian deixou a procuração, dando em seguida para Coby.

Ele leu e soube do que se tratava, bem rápido.

— Sim, isso serve. Mostre na entrada, sua ida a reunião não foi avisada, é mais do que correto levar um documento justificando uma cadeira a senhora. Depois eles vão fazer a senhora assinar um livro na entrada. Todos fazem isso ao entrar.

— Nada complicado — disse Lúdia querendo ir logo.

Mal dormiu aquela noite. Quase não sentia seus dedos de tão dormentes que ficavam pelo nervosismo e de folhear papeladas que conseguiu em uma das empresas do pai.

Gonçalo, por sua vez, ela não buscou notícias, estava em outros empenhos e só depois procuraria saber se ele estava melhorando.

— Até aí não, mas quando a senhora entrar, talvez piore muito. Desculpe a sinceridade, dona Lúdia, mas a senhora nunca discutiu questões com aqueles homens... e são muitos. Eles vão comer a senhora viva.

— Quem está com fome aqui sou eu, Coby — Lúdia apagou seu cigarro. — Consegui ficar por dentro de pouca coisa dos movimentos do meu pai. Possivelmente a reunião vá tratar do prejuízo que todos tiveram com o roubo da mercadoria, então ficarei atenta e falarei quando tiver dúvida.

— Não acho que a senhora está indo só para esse fim — disse Coby com receio.

Depois de tanto tempo trabalhando para Lídia, ele a conhecia um pouco mais, para saber que poderia sempre ser surpreendido com a forma que ela via as coisas.

— Você está certo. Eu estou indo para fechar os caminhos para o Aguiar.

— Mas eles estão querendo tirar vocês...

— Mas não vão! — Lídia disse convicta. — Nunca quis tanto me sujar como agora, e se não der certo, paciência, encontro outro meio. — Ela pegou sua bolsa. — Também nunca tive medo do escuro, Coby, portanto, nunca temi o bicho papão. Agora me leve até lá. Mas não pense que estou ansiosa para ficar muito tempo em uma sala fedida a charuto e álcool, pois não estou!



— **O SENHOR FEZ O QUÊ?!** — Fernando gritou. — Está louco?

— Foi necessário, Fernando, conhecendo Gonçalo como eu conheço, assim que o luto passasse ele iria deixar o cartel. Mas não se preocupe, eu vou precisar que você comece a olhar quem nos mandou a coca já pronta. Fomos convidados para se associar ao cartel de anfetamina em Dubai, mas não acho que seja necessário e lucrativo.

Tudo porque Afonso já temia que o seu sócio estivesse tramando algo contra ele. Depois que Manoela morreu, Afonso tinha certeza absoluta que foi pelas mãos de Gonçalo, e que poderia estar ligado ao caso do passado.

Ele não iria correr riscos e ser morto de graça, tinha que agir antes ... logo.

Fernando não acreditava que seu pai havia mandado matar a família inteira. E quando imaginou que Lídia pudesse estar morta, sentiu algo se mover dentro dele, um sentimento de compaixão, afinal de contas ele nunca a odiou, muito menos teve raiva profunda, contudo ainda queria saber mais das artimanhas daquela maluca.

Ele sentiu uma atração forte por ela, nunca poderia negar. Mesmo que a própria Lídia lhe perguntasse, ele diria sem problema algum. Mas seu pai foi longe demais. Gonçalo, querendo ou não, era um membro forte na mesa e o que ele dizia ajudava nas decisões unânimes.

— "Necessário" o caralho! — Fernando queria socar seu pai. — Camilo me alertou das suas ideias malucas, mas matar a família Garcia, aí já é demais!

Fernando estava queimando de raiva.

Lídia morta, Fernando sentiu que ela lhe deixou um buraco que não entendeu como se abria.

— Ainda sou dono da mesa, depois que você assumir, então você faz as suas escolhas, mas enquanto eu tiver voz na porra dessa reunião, eu faço o que me der na telha!

Fernando encarou seu pai como um adversário. Ambos não eram santos, não tinha um lugar no céu, mas cada um tinha uma visão diferente, forma de empreender totalmente contrária, e algumas vezes isso os conflitava.

— Começo hoje! — disse Fernando, desafiando seu pai.

— Não, na próxima.

— Então eu acho que vou ser obrigado a dizer que o senhor tomou uma atitude sem consultar a mesa — Fernando o encurralou.

— Não se atreva, Fernando — Afonso perdeu o controle da situação.

— Não é atrevimento, é ser fiel as idealizações do cartel. Tenho certeza — disse ele com olhar desafiador —, que ninguém nesta noite, que sentar e confia em nós para ficar à frente dos negócios, não vão aceitar o senhor quando souberem que eliminou o segundo maior colaborador do cartel. Gonçalo tinha voz ativa aqui dentro, até mais que o senhor em muitas vezes...

Afonso queria dá-lhe umas pancadas.

— Tomarei conta da mesa hoje por bem ou por mal, qual vai ser?

Seu pai tinha um olhar afiado, desgostoso, como de um adversário. Mas Afonso era sensato em algumas vezes. Não valia a pena brigar por isso agora, uma vez que já tinha tudo caminhando como ele planejava, uma antecedência a sua saída da mesa não iria lhe matar.

Fernando era seu orgulho e ele nunca o decepcionou. Então, com cordialidade, Afonso puxou a cadeira que ele passou anos sentado enquanto participava das reuniões e deu a vez a seu filho.

Fernando desabotoou seu paletó e sentou com orgulho. Sentindo o poder que era estar ali.

— Pedirei para que entrem para o início da reunião.

— Faça isso, papai! — disse Fernando, ainda com ar rancoroso, saindo da cadeira para que na hora certa seu pai venha anunciar a entrada dele na mesa.

Fernando queria se concentrar, mas não conseguia, não totalmente. Lídia sorria na cabeça dele e isso o deixava perturbado.

A mesa era para sete homens. Cada um representante de uma família. De uma fronteira, de um empreendimento. Cada um com seus capangas, suas armas, suas ideias de como lucrar mais.

Quando alguém na mesa era dado como morto, todos ficavam em pé, em silêncio por alguns instantes com a cadeira do participante que morreu encostada

à mesa.

Afonso deu a notícia aos homens sobre a trágica morte da família Garcia. Quase todo mundo tinha visto a notícia pelos jornais. Ninguém que estivesse na casa conseguiu sobreviver, nenhuma alma vivente, sem eles saberem que Gonçalo estava apenas a dois andares acima de onde o filho de Afonso, Antônio, estava internado.

— Faremos um minuto de silêncio em memória da família Garcia — disse Afonso com um ar desanimado.

Depois do minuto, todos sentaram em suas cadeiras.

— Também quero avisá-los que Fernando, meu filho mais velho, vai assumir a mesa a partir de hoje, se vocês não se opuserem, é claro.

Mas a mesa não se opôs.

Fernando sentou e todos se sentiram confortáveis. Sabiam que ele era bom nos negócios e não poderiam se arrepender.

— Eu também fui pego de surpresa pelas mortes tanto de Gonçalo — disse Fernando desconfortável. — Quanto de suas filhas. Lilian Garcia e Lídia Garcia.

— Eu mesma! — exclamou Lídia, dando um safanão na porta de duas folhas e pegando a todos de um sobressalto espetacular. Entrando toda linda, mafiosa, brilhando satisfação em ver tantos rostos surpresos.

Fernando se levantou na mesma hora, com uma leve expressão de alegria em ver aquela maluca, a sua maluca.

Por sua vez, Afonso, estava paralisando, não conseguiu piscar, falar ou respirar.

— *Me desculpe pelo pequeno atraso* — disse Lídia sorrindo. — Mas estive em dúvida em qual sapato usar para vir até aqui, embora eu adore mostrar os pezinhos — Ela piscou para um senhor de quase sessenta anos que estava a sua esquerda. — Também tive dúvida de qual perfume usar. Sinta se este está bom! — Ela se inclinou para um homem bem apresentável a sua direita que cheirou o seu pescoço sem cerimônia alguma.

Fernando limpou a garganta, onde fizera um som que todos os presentes escutaram.

— Lídia. Todos nós estávamos achando que sua família..., mas fico feliz que esteja. Só me responda, o que faz aqui?

— Que a raça Garcia foi extinta? — Ela cantarolou, dando um passo a frente e repousando sua mão no ombro de um homem alto e magro. — Para que isso acontecesse, era necessário um meteoro atingir a Terra, não a merdinha de uma bomba, não é Afonso?

— Sim, claro — disse ele quase engasgando. Sua cabeça ainda queria

entender onde e quando havia falhado. — Com toda certeza, Lídia Garcia.

Lídia queria quebrar o pescoço daquele demônio, mas respirou fundo, adicionou um sorriso maior ainda e indagou:

— Onde eu me sento?

— Você ainda não respondeu minha primeira pergunta, Lídia — insistiu Fernando fechando seu paletó.

— Ah, querido, mil desculpas, qual foi a pergunta mesmo? — Ela bateu os cílios, inquirindo com carinho, olhando para todos a mesa.

Fernando sentiu um incômodo quando a viu fazer aquele charme e chamar a atenção de todos.

— O que faz aqui?

— Bem, eu acho que... Vocês deveriam melhorar a comunicação. Eu já expliquei tudo ao brutamontes que estava lá fora e leu os papéis que eu lhe dei, ele deveria ser encarregado de me anunciar.

— *Me* desculpe por essa falha, mas, ainda assim, você não respondeu a minha pergunta.

— Onde posso me sentar? — disse amorosa.

Fernando afastou a cadeira ao seu lado direito, junto a ele. Lídia andou até ele, dando uma leve rebolada e deixando os homens da mesa meio sem controle em suas calças.

Porém, antes de ela sentar, fez questão de responder à pergunta de Fernando Aguiar, contudo, olhando para Afonso.

— Eu sou a nova representante da família. A dona de todo o patrimônio Garcia, melhor — ela umedeceu os lábios e falou baixinho, perigosa — A dona da porra toda!



A MESA ERA UM burburinho só. Os homens, mesmo fascinados com as habilidades de atenção que Lídia tinha, além da presença marcante, eles não aceitariam uma mulher na mesa para discutirem assuntos como o narcotráfico da Colômbia, quanto da Europa e da América do Norte.

Lídia não era boba, sabia que receberia resistência e já estava preparada para aquela situação.

Fernando leu a procuração, e deu uma olhada no olhar divertido que Lídia lhe dava.

Ela estava se divertindo com a situação, pensava ele, querendo sorrir junto com ela, contudo manteve a rigidez dos seus traços. Entregou o documento

a sua possível sócia e antes que a deixasse sentar, ele pediu a palavra.

— De fato, Lúdia Garcia é dona de tudo que diz respeito a sua família — explicou Fernando.

— Embora sua presença seja ótica aqui — Afonso se pronunciou, falsidade escorrendo pela boca —, nessa mesa, acho que seria bom um representante, como um advogado ou contador da sua família para que ficasse a frente dos negócios que tratamos.

— De forma alguma! — disse Lúdia para todos a mesa, sentando-se e cruzando as pernas. — Se eu concordasse que qualquer um fosse meu representante não teria eu colocado um espalho e vindo aqui engolir fumaça de charutos! Aliás, o que temos para beber? Minha boca está seca.

— Traga água com gelo — pediu Fernando, a um homem que ficava à disposição.

— Não, quero a mesma coisa que os senhores bebem — Ela colocou o cotovelo na mesa e acomodou o queixo com a mão. — Como se chama? — inquiriu com simpatia.

— Salti — respondeu o homem, rechonchudo, dono de plantações de incontáveis hectares de maconha.

— Me diga, Salti, o que você bebe aqui?

Salti ficou vermelho e começou a suar pela testa.

— Uísque, conhaque...

— Quero os dois! — disse Lúdia se acomodando em sua cadeira e organizando seus papéis na mesa. Fernando fez um sinal que ele poderia trazer, mas antes que o homem desaparecesse Lúdia se adiantou — Sem gelo, nem limão!

Lúdia sentia todos a olharem, escutou cochichos entre um e outro e sabia que a pressão estava aumentando quando imaginava o que Afonso estava arquitetando ali tão próximo, mas foi a mão de Fernando, quente e pesada que a fez estremecer quando ele quis lhe falar.

— Quero que leve isso a sério, Lúdia — pediu ele, com firmeza, voz baixa, respiração quente que ela sentia na curva do seu pescoço, quando o mesmo se inclinou para lhe falar mais reservadamente.

Lúdia olhou para ele, e aqueles olhos, droga ela não era imune a eles, assim como Fernando não era dos dela.

— Onde está seu pai e sua irmã? — Um dos homens a mesa inquiriu.

— Meu pai, se recuperando de um problema que teve — respondeu Lúdia com rapidez. — Minha irmã está resolvendo assuntos pessoais.

— Então teremos Gonçalo aqui em breve — comentou Afonso.

Até a voz dele a irritava.

— Sinceramente, Afonso! — Lídia se virou para ele, querendo lhe socar a cara. — Eu espero que meu pai procure descansar, porque tenho planos de manter a minha posição por mais tempo, muuuuito mais tempo aqui do que sua cabecinha possa supor.

Afonso tinha uma das mãos sobre a mesa e Lídia lhe deu um sorriso debochado quando o viu apertou os dedos em forma de um punho firme.

"Vou te esmagar, cobra!" — Lídia estava com a raiva subindo pela garganta.

"Você vai se arrepender muito, puta!" — Afonso queria pular na garota ousada, mas se conteve.

A bebida chegou e foi colocada à disposição de Lídia. Os homens gostaram da ideia e pediram o mesmo, deixando Afonso enciumado.

Era um desconforto tão palpável que todos na mesa perceberam o olhar afiado entre Lídia e Afonso. Enquanto Fernando explicava o demonstrativo das perdas que todos sofreram com o roubo da carga, Afonso e Lídia queriam matar um ao outro somente pelo olhar.

"Vou te trancar em um caixão com as mesmas serpentes que você tem tatuadas em seu corpo e enterrar você vivo, seu demônio!" — pensava Lídia.

"Adorarei arrancar pedaços de você e alimentar minhas cobras!" — pensava Afonso.

"Desgraçado" — Lídia semicerrou o olhar.

"Vadiazinha" — Afonso encostou-se na cadeira, olhando-a com ar prepotente.

— Temos três compradores que esperavam por nossos produtos — Fernando explicava, mesmo sabendo daquele duelo entre os olhares de Lídia e Afonso. — Precisamos de mais pasta base para começar a fabricar a *coca* em produção acelerada.

Diante do comentário de seu filho, Afonso tinha um motivo para querer humilhar Lídia, nem que fosse um pouco.

— O que você pode falar sobre isso, Lídia? — disse ele, com um tom seco. — Ou não consegue nos ajudar em relação a matéria-prima?

Fernando olhou para seu pai. E entendeu que algo além das ambições do tráfico de seu pai, tinha mais entre ele e a família Garcia. Era óbvio que se Lídia e Afonso estivessem sozinhos, um estaria querendo matar o outro.

Mas porque ele está se incomodando tanto com Lídia? — pensou Fernando, tinha muito a descobrir, e precisa ser antes da próxima reunião, ou até lá nenhum dos dois estariam vivos.

— Mas se não tiver por dentro do assunto — provocou Afonso —, entenderemos, não é rapazes? Nossa nova sócia tem esmaltes e perfumes para se

preocupar. O que é isso diante de bilhões que movimentamos em drogas?

Lídia pegou seu copo de uísque, era o único que faltava, bebeu um pouquinho e repousou o copo com uma paciência que fez Afonso estremecer de raiva. Era como se nada vindo dele a machucasse.

Ela já tinha sido machucada profundamente e achava que Afonso não tinha poder de fazer isso com tanta profundidade.

Perdeu um bom homem, uma ótima amiga e uma excelente mãe, em dias. E sabia que dos três, dois estavam ligados a Afonso.

Ela não poderia provar que Afonso foi o assassino de sua mãe, tão pouco confrontá-lo agora pelo assassinato de Petra.

Contudo, sobre Manoela, mesmo que Afonso não tivesse lhe arrancado a vida, Lídia tinha pressentimentos profundos que a morte precoce de sua mãe foi justamente por assuntos que ligavam o homem que a olhava com desejo assassino.

Assim como também ele tentava acabar com o resto que sobrava da família, explodindo a casa onde todo mundo sabia que Gonçalo, Lilian e Lídia estavam. Lídia sabia que ele não iria parar antes que fosse parado.

Diante das palavras de deboche de Afonso, os demais sorriram do comentário dele.

Lídia respirou fundo, alisou a saia do vestido, fazendo todos os olhos notarem seu corpo com tentação correndo os pensamentos.

— O que vai fazer? — Fernando segurou a mão dela.

Ele não poderia repreender seu pai, uma vez que Lídia entrou chamando atenção de todos com coisas fúteis, embora ele tenha se divertido, Fernando sabia que uma piada não durava muito tempo em reuniões. Entretanto ele sabia que Lídia era safada, astuta e tinha um raciocínio rápido.

— Dar meu parecer na situação — disse ela, com educação, mas uma postura profissional, como se já tivesse frequentado a reunião por várias vezes — Desculpem falar de pé — prosseguiu ela. — Mas acho que assim todos me veem — Brincou ela com sua baixa estatura, e todos sorriram. — Respondendo todas as suas perguntas, Afonso. — Lídia saiu do lugar, ficando atrás de Fernando que permanecia sentado em sua cadeira. — Estou por dentro do assunto, sim. Não é porque nunca estive com as mãos amassando o pó que esse cartel vende que sou leiga, por todo esse tempo, que meu pai vem lhe fornecendo a matéria-prima, a ajuda nos envios...

Fernando sentiu orgulho por ela. Não era uma menina boba, apesar da sua pouca idade e fraca experiência com os tubarões do tráfico.

— Olhei o gráfico das retiradas e datas que foram determinadas por meu pai para a saída e envio às fábricas do produto — Lídia tinha um olhar duro para

Afonso. — Também sei que o que temos em estoque não vai suprir a demanda que Fernando quer para logo, embora eu saiba que o que eu tiver vai ajudar muito a adiantar. Então, rapazes — Lídia sorriu, confortável —, o que depender da minha sociedade, antes do dia de amanhã terminar, irei mandar toda a matéria necessária para suas fábricas. — E virando-se para Afonso, ela inquiriu — Respondi sua pergunta, A-fon-so?!

Ah, como ela queria entupir o inferno dele com gelo!

— Mas... — continuou ela, fazendo o estômago de Afonso se contorcer —, quero que saiba, Afonso. A produção de esmaltes e perfumes movimentam bilhões pelo mundo, transformando a economia de grandes indústrias alavancarem com sua importação e exportação. Não pretendo lhe dar uma aula. — Mas ela estava dando, só que uma aula de, “foda-se seu verme, não sou nenhum idiota”! — Comparado com nossa *coca*, que conseguimos vender em meses, os cosméticos sobressaem em dígitos maiores de lucro semanais. Porém, não se preocupe, Afonso, entendo que pode ter horas que sua cabeça só servirá apenas para separar suas malditas orelhas — Ela quase rosnou de raiva.

— Sua petulante de merda! — Afonso se levantou no mesmo instante, querendo pular em cima do pescoço de Lídia.

Fernando se ergueu e bloqueou seu pai.

Poderia ter sido seu cigarrinho de ervas, as doses da bebida que tomou, mas Lídia tinha certeza, o que lhe motivava estar ali, diante de todos os homens mais vis e poderosos do tráfico era a vontade de ver Afonso sofrer e morrer, sem misericórdia alguma.

— Parem! — Fernando ordenou. — Temos assuntos urgentes aqui! — Lembrou ele. — Não temos tempo de ouvir alfinetadas!

— Tem razão, meu filho — Afonso teve que ceder.

Lídia estava feliz, radiante, vitoriosa diante dele. Adorando sua estreia.

— Lídia — Fernando a olhou.

— Você está certo — disse ela encarando Afonso com nojo e sentando-se em sua cadeira.

Fernando levou para a reunião a gravação que recebeu dos Dalians sobre a informação que Kali havia passado para eles. Revelou que Kali deu a informação, mas foi Lucas, um amigo de sua esposa morta que estava no local, não os Dalians.

Lídia pediu água dessa vez. Tinha um gosto amargo se proliferando em sua boca depois de ouvir toda a conversa entre Kali e Pedro. Ela tomou o copo de uma vez, e Afonso percebeu que ela conseguiu disfarçar um desconforto que ninguém, além dele, havia percebido.

Afonso nem tinha conhecimento que Lina ajudou a tirar a droga com

ajuda de mais pessoas através de grampeamento de linha telefônica e escutas. Muito menos que Lídia estava por dentro dos planos de sua irmã e cúmplice do que Lina fez.

— O que deveremos votar essa noite — disse Fernando, desligando a gravação — É sobre o ataque aos Dalians. Mesmo ele ter nos alertado sobre quem havia vazado a informação, não foram tão verdadeiros. Só se manifestaram quando temeram serem acusados de roubo. Não tenho nenhuma confiança sobre eles.

— Os Dalians podem ser pequenos — disse Afonso. — Mas podem ser bons aliados no futuro.

— Bem lembrado — disse Fernando. — Mas eu não tenho paciência para o futuro, meu assunto aqui é sobre o agora, e, se todos concordarem, vamos mandar matar os Dalians.

— Mas Fernando — Afonso achava péssima a ideia.

Contudo, todos, até mesmo Lídia, que sabia como as coisas no tráfico funcionavam, levantaram as mãos.

Era o início da guerra.

Fernando leu a ata e antecipou o assunto da reunião seguinte. Quando ele deu por encerrada a reunião de pouco mais de uma hora e meia, todos se levantaram, e conversaram por alguns minutos ainda dentro da sala, saindo um a um.

— Você se acha a porra mais esperta, não é? — disse Afonso, por trás dela, sem que seu filho notasse, pois, estava de costas falando com um dos membros na porta.

A voz de Afonso, a cada dia, lhe deixava mais enjoada, enjoada. Os dois seguranças de Lídia se moveram, mas ela fez sinal que eles poderiam relaxar.

— Vou acabar com você, com aquele corno do seu pai, com sua irmãzinha Lilian... — Lídia sentiu um arrepio que lhe desconfortava totalmente.

Contudo, Lídia se virou, o encarou e disse — Quero ver você tentar, cão!

Depois, ela pegou seus documentos, a cópia do assunto da reunião, as anotações que fez, juntou tudo e se afastou, mas Afonso a pegou rápido pelo cotovelo.

— Tire suas patas sujas de cima de mim! — disse ela com os dentes rangendo, tom irritado, sangue queimando em suas veias.

Fernando escutou a voz raivosa de Lídia, dispensou o sócio e andou até onde eles estavam.

— Não tente bloquear meu caminho, Lídia Garcia! — Afonso perdeu o controle. — Porque eu quebro você em pedaços.

— Tire as mãos dela! — Fernando empurrou seu próprio pai para longe

de Lília.

Ele sabia das intenções de seu pai, também sabia que Afonso esteve empenhado em matá-la, bem como sua família inteira, Fernando não precisou supor nada, seu pai escondia um segredo, tinha assuntos particulares fora da família, mas que estava afetando os negócios.

Negócios estes que Fernando vem empenhado em manter no lugar. Isso começou a irritá-lo profundamente.

— Onde pensa que está sua cabeça? — Fernando o enfrentou.

Afonso ajustou seu paletó, recompondo-se. Lília estava de queixo erguido, coração disparado, mas não era pela forma que Afonso havia lhe abordado, longe disso...

— Saia daqui! — exigiu Fernando.

— Você não pode falar assim comigo! — Afonso se sentiu ofendido pelo seu próprio filho diante de Lília.

— Como Presidente dessa organização, eu posso sim! — Fernando parecia muito maior do que era. — Lília é uma sócia em potencial e eu exijo que a respeite, assim como todos nessa mesa tem o direito de receber o devido respeito.

Afonso tinha sido desafiado por seu filho tantas vezes quanto Lília o enfrentou, e sentindo que estava em minoria ele se convenceu que ali não era mais seu lugar.

— Fode ela de uma vez — disse Afonso, com uma maldade elevada. — Mas não se deixe levar pelo charme que ela gosta de fazer para encantar. Quando menos esperar, ela vai lhe enfiar uma faca nas costas, ainda maior que a própria Kali.

Dito isso, ele se afastou dos dois e saiu.

Fernando não guardou as palavras de seu pai. Embora ele devesse.



FERNANDO NÃO ERA tolo. Lília não era boba! Ambos tinham suas astúcias, seus interesses, suas ambições...

Fernando tinha um reinado sob seus pés relacionado ao tráfico, Lília estava chegando agora, depois de passar sua vida apenas nos bastidores.

Ela sabia que Fernando estava na mesa agora, embora isso não lhe dissesse muita coisa, Afonso - querendo ou não - tinha voz para com os participantes e pessoas fora da mesa de muita importância, tanto política, como militar.

Lídia e Lilian teriam que colocar as coisas em ordem e tentar convencerem os fodões do narcotráfico que, as "bonecas de porcelanas" de Gonçalo Garcia, poderiam comandar os negócios em sua ausência

Era arriscado, perigoso, suicídio. Lídia era ciente, que, tanto ela quanto Lilian se tornaram presas fáceis no mundo masculino do tráfico.

O atentado que a família sofreu, as mortes que traçaram um único nome, Aguiar, já eram provas que a guerra só estava iniciando.

Aquilo tinha que parar.

Afonso precisava morrer.

O império dele tinha que rachar.

Os Garcia precisam sair daquela crise.

Lídia tinha meta, confiança no cartel, a chance dela e sua irmã não serem engolidas pela sociedade ilícita do tráfico seriam altas, mantendo seu patrimônio protegido, quando Lina terminava de quebrar Afonso.

Assim que Afonso fosse derrubado, elas poderiam viver tranquilas. Respirar. Voltar à suas vidas.

Por sua vez, Fernando queria Lídia por perto. Desde a noite da boate tudo vem se desorganizando em uma proporção rápida e sem freios, que sempre estava sendo associado a ela. Fernando sabia, Lídia estava metida em alguma encrenca que poderia estar relacionado com sua família.

Depois da reunião estressante que houve, Fernando conseguiu entender, após Afonso ter confessado ter tentado eliminar toda a família Garcia, que seu pai também poderia ter coisas bem escondidas em relação a família Garcia.

Lídia até poderia lhe contar, explicar toda a situação, mas isso era burrice de sua parte, uma vez que ela precisava justamente acabar com o poder da família Aguiar. Porque, de uma coisa ela sabia, mesmo Afonso sendo um demônio, parte da família iria se levantar contra os que tentarem lhe eliminar, e para acabar com a doença, era melhor combater todos os vírus que se multiplicavam.

Fernando estava curioso, intrigado com Lídia e precisava averiguar assuntos mal contados, explicações que não se encaixavam, eventos que não batiam - eventos esses que Lídia o culpava.

— O que está acontecendo? — Fernando quis saber, sisudo. — O que há com você e meu pai?

Lídia não tinha mais paciência, estava esgotada, precisava voltar para casa, ficar longe daqueles homens, daqueles papéis por um instante.

— Vocês podem me esperar lá fora — pediu Lídia com educação, aos seus seguranças, e assim que eles se foram, ela se virou para Fernando. — Obrigada por me defender, mas sei me cuidar — disse ela, lhe dando as costas,

pegando a pasta com a lista dos participantes que estavam na reunião. — Se eu quis estar aqui hoje é porque sei que tenho capacidade...

— Nunca duvidei da capacidade que possa vir de você — Fernando tinha uma voz firme, grossa. — No entanto, nem sempre vai ser como hoje à noite, Lídia. Raramente mulheres ficam a frente dos negócios do tráfico por muito tempo, justamente por alguns homens acharem vocês...

— Frágeis? — ela cuspiu a palavra, se virando com olhar afiado. — Não são músculos que o mantém nos negócios, Fernando, muito menos a brutalidade! A inteligência e tato são fatores necessários e determinantes para sobreviver. Posso garantir que se eu não tiver o necessário, conseguirei, porque sei que tenho potencial para isso. Mas acredito que você também não me queira aqui.

Isso não era verdade. Fernando queria ela por perto, tanto porque achava agradável quanto para descobrir tudo o que ela escondia.

— Foi isso que você escutou da minha boca, que eu não a quero aqui?

— Não, mas foi isso que pensei de você!

Ela era atrevida. Lídia ergueu a sobrancelhas como se esperasse ele lhe dizer algo, abrindo mais seus olhos castanhos para ele.

Embora, quem notasse a forma que ambos conversavam, ninguém poderia imaginar que Lídia tinha uma pulsação acelerada pela forma heroica que Fernando havia se comportado na noite, ela parecia bem durona diante dele.

Por sua vez, Fernando não era indiferente a presença na mulher pequena, ele a achava linda e tinha partes do seu corpo, mesmo magro – pois ele sempre preferiu alguém com muito mais curvas –, que o deixava maluco, com uns pensamentos carregados de luxúria que ele não conseguia parar, como por exemplo, a boca cheia e rosada.

De fato, ele havia perdido sua esposa, através de suas próprias mãos e não queria compromisso em sua vida.

Contudo, Lídia era um caminho que poderia fazer com que Fernando não precisasse recorrer a mulheres da noite, que pulavam de cama em cama. Como sua sócia mais próxima, ele sabia que uma hora ou outra, eles iriam se entregar à atração que começou há muitos anos.

— Como você pensa mal de mim — disse ele, olhando para a tentação que queria possuir, a boca dela.

Lídia percebeu e quase ficou desconcertada em imaginar no que Fernando estava pensando ao olhar para sua boca. Foi pelo impulso, ela umedeceu os lábios porquê de repente a sala estava abafada, pequena e suas paredes se fechando ao redor deles.

Aquele gesto sutil, da língua dela, fez Fernando se convencer que estava na hora de esquecer o luto, embora ele nem pretendesse participar do ritual. Mas

para a sociedade ele era um "viúvo em dias de tristeza" e que não pensaria em mulher pelos próximos dias.

— Deveria prestar mais atenção em mim, Lília. — Ele se aproximou mais, deixando Lília presa à mesa. — Notaria que nem sempre o que vem à sua cabeça sobre minha pessoa, é de fato, o que realmente sou.

— Sei muito bem quem você é! — A voz dela permanecia impecável como horas atrás. Entretanto, o coração, ah, esse era traidor, pobre de barreiras para se defender.

— Então me diga, Lília — pediu ele em um tom provocante. — Diga quem eu sou.

"O que ele pretende? " - Lília estava desconfiada.

Ele queria persuadi-la, trazê-la para junto como fizera com Ada, para ter o que ele precisasse – informações, mas existia uma grande diferença, com Ada ele não sentia nada.

Ela tinha quase certeza que Fernando poderia estar sabendo do acordo em que tentava fechar com Camilo. Embora Camilo tivesse dito que daria sua resposta depois da reunião, com os eventos depois daquele encontro, Lília estava tão focada nas questões da família dela que esqueceu sobre aquele acordo maluco por um instante.

— Traíçoeiro — disse ela, olho no olho.

Fernando começou a ficar próximo demais. Lília estava agitada demais.

Ele queria.

Ela queria.

Ambos estavam precisando de algo para aliviar os dias difíceis.

Ele, porque precisava lembrar dela.

Ela, porque necessitava do contato dele.

Mesmo que na última vez Lília tinha deixado ser beijada, para depois o machucar para alguns fins, naquele momento ela só precisava dele para acalmar os pensamentos ruins, os sentimentos doentes, esquecer um pouco os planos sórdidos que estava arquitetando contra o próprio pai do homem pela qual ela estava atraída.

Ele porque precisava ter uma mulher em seus braços, mesmo que da última vez tenha levado umas boas pancadas da mesma que estava ansiando, Fernando não ligava, queria muito tirar a tensão dos ombros, persuadi-la, fazer Lília confiar nele, e desvendar todos os segredos da pequena narcotraficante à sua frente.

— Eu sou — disse ele, perigosamente, inclinando-se para perto da boca dela. — Sou um fodido traíçoeiro.

As respirações se chocaram. O sangue correndo quente nas veias. Os

corpos tensos, quentes, levemente febris. Os olhos desejosos, querendo, suplicando. Os sexos precisando...

— Fernando. — Lídia queria respirar, mas ele não deixava, não se afastava, não dava trégua.

— Estou bem aqui — sussurrou, rosto alinhado ao dela. — Mas se precisar que eu chegue mais perto...

— Pedi para não tocar em mim — disse Lídia, peito subindo e descendo rápido, respiração como se estivesse vindo do fundo do oceano e fugido de lá para encontrá-lo.

— Não estou — disse ele, com os olhos baixos. Porém, que diziam tantas coisas, falava cada obscenidade, cada posição que desejava vê-la, cada tom de gemido que queria escutar.

"Mas pode tocar, por favor, toca ou vou me quebrar inteira." - suplicava ela. Fernando lia isso nos olhos castanhos de Lídia.

— Só quando você pedir — completou ele, para desespero dela.

Lídia engoliu um caroço que machucava sua garganta.

Fernando começou a ficar excitado. Precisando do cheiro dela. Ambicionado os lábios macios, úmidos e deliciosos.

— Você quer? — inquiriu ele, quase como um sopro, mas que tremeu as coxas dela. — Quer que eu a toque, Lídia?

"Queroooo." - o desejo quase veio a boca. Mas ela não disse. Tão orgulhosa quanto necessitada.

— É só dizer que quer, tão fácil, tão simples — Fernando parecia uma serpente preparando-se para o bote. Ele estava tão próximo que Lídia precisou acomodar o quadril na borda da mesa. — *Me dê isso.* — Ele tirou os papéis que a protegiam, e se inclinou um pouco mais para frente, roçando seu corpo levemente no dela

Lídia fechou os olhos quando sentiu o corpo grande, largo e rígido contra o dela, o perfume amadeirado entrando em suas narinas, entorpecendo-a como uma droga. E quando Fernando esticou o braço para colocar os papéis sobre a mesa, ela sentiu a rigidez na calça dele. Foi o momento mais prazeroso daquela noite, e que fez os olhos dela rolarem fechados. Quase arfou, se entregando pelo simples desespero de querê-lo, mas logo Fernando se afastou tirando aquele contato que ela achou tão delicioso.

— É uma bela pistola — disse ele, tocando no cano da arma que ela tinha presa a um coldre debaixo do braço direito.

Ele era sim, um homem traiçoeiro, assim como ela, e ambos davam certos, se completavam nos pecados, nos desejos e nas ambições.

Tocando o cano da arma, Lídia sentiu o leve toque das pontas dos dedos

dele na lateral do seu seio.

Ambos os seios estavam rígidos, firmes, mamilos durinhos como pedras, a pele quente, precisando da umidade de uma língua, pensava ela, queria ela...

Os olhos safados, cinzentos, emoldurados por espessos cílios negros saíram da arma e caíram nela, somente nela.

— Fiz mal em tocar a arma? — provocou ele, vendo os sinais que ela emitia com sua aproximação, mas Fernando não estava atrás, Lídia também entendia, sentia que ele precisava dela, a desejava...

— Não. — Lídia se esforçou para não gemer.

— E se eu... — Nem terminou a pergunta e Fernando já estava se inclinando mais uma vez para frente, tocando a barra do vestido dela. — Se eu tocar em seu vestido, você se importaria...?

Ela negou com a cabeça, não estava segura em falar naquele instante.

— Ah, Lídia — ele quase gemeu, louco, sabendo... entendo o que ela queria.

Fernando subiu a barra do vestido dela, mostrando-lhe mais da meia preta que ela usava, depois mais um pouco, descobrindo seus joelhos e quando o fez, ele a olhou, Lídia não conseguia parar de olhá-lo com uma aflição que julgava nunca ter sentido. Fernando subiu um pouco mais, chegando até o meio das coxas dela, contemplando o punhal prateado que ela carregava entre as coxas macias e brancas.

Ela não queria, mas foi intencional, as pernas descobertas — Fernando entre elas —, os olhos dele olhando tudo, fez Lídia abrir um pouco as pernas, sentar mais um pouco na mesa, roçando seu quadril que tremia de tesão.

O traiçoeiro deixou a barra do vestido ali, permitindo Lídia sentir o ar que circulava quente na sala.

— Você tem um belo punhal aqui — disse com um sorriso torto. — Posso?

— Claro. — Lídia limpou a garganta quando os nós dos dedos dele deslizaram pela parte nua de suas coxas. Ela apertou os dentes para não arfar naquele momento.

Fernando tirou a ferramenta e admirou, com as duas mãos, sem se mover do lugar, deixando Lídia assisti-lo, com suas pernas descobertas e semiabertas. Ele tocava em cada talha que tinha em seu cabo, os dedos passando nos detalhes sem pressa, os mesmos dedos que ela queria que passassem por cada pedacinho do seu corpo, por cada parte sensível e úmida.

— Quem lhe deu? — Fernando jogou um olhar astuto para ela.

— Minha mãe. — Lídia precisava que ele a colocasse de volta, queria o toque novamente.

— Uma peça sentimental — deduziu ele. — Sempre a carrega entre as pernas?

— Quase sempre — revelou ela.

Fernando ergueu uma sobrancelha, deu um sorriso sedutor e comentou — Fez mal em me responder, Lília. Sempre que eu a encontrar vou querer saber se você está andando com algo tão lindo entre as pernas.

Fernando levou a ponta do punhal para a boca dela, tocando a peça fria contra os lábios mornos. O contato frio deixou as costas de Lília ereta.

— Embora eu não precise — continuou ele, descendo a ponta pelo queixo. — Ainda que não a tenha no calor de suas coxas, eu vou imaginá-la sempre lá. — Desceu até o pescoço que ele tanto era obcecado.

Lília colocou suas mãos na borda da mesa, mesmo sentada, precisava sentir-se mais firme no lugar, seu corpo estava respondendo para Fernando de uma forma que ela não esperava, não daquele jeito tão entregue, precisando de tudo que ele oferecesse.

Fernando a estava torturando, porque estava sendo torturado pela resistência dela, a forma simples que Lília fazia de comprometer-lo sem se comprometer, e ele odiava ficar sozinho naquela situação, então a provocaria até quando não desse para ele próprio se segurar.

A ponta da lâmina desceu o decote, se movendo conforme os seios dela subiam e desciam. Deslizou rápido até seu estômago que se contraiu com o toque perigoso, o ato fez Fernando olhar para a curva do quadril e quis tanto segurá-los e apertá-los.

— Acho melhor guardar antes que alguém se machuque — disse ele, baixinho, parando com a brincadeira, colocando o punhal de volta ao seu lugar de origem, roçando sua mão na pele da coxa dela.

"Não me deixe assim, seu pervertido de merda!" - Lília queria gritar.

Quando Fernando encaixou todo o punhal, e apertou o fecho, ele se afastou dela, deixando Lília com tanto desejo reprimido que acabou ficando irritada.

— Quer ajuda para descer? — perguntou ele, estendendo a mão, deixando a saia no mesmo lugar que ele havia enrolado, até as coxas dela.

— Ah como eu te odeio, Fernando! — Lília esbravejou de raiva, o puxando pela gravata, trazendo a boca – de quem sorria com vitória – até a dela, abrindo bem as pernas para que ele entrasse e a tocasse de uma vez.

Fernando ergueu as mãos para irritá-la mais. As bocas se chocaram em um beijo sem muito encaixe, duro, úmido e feroz.

— *Me toque, Fernando!* — Ela estava estressada ao máximo. — *Me toque, mas que droga!*

— Com todo prazer — disse ele, tomando as rédeas da situação. Enfiando a língua na boca dela, encaixando o beijo, e fazendo o que mais queria, espalmando as duas mãos no quadril da atrevida e trazendo o corpo dela para junto dele, apertando o pequeno traseiro e esfregando seu membro duro na pequena calcinha úmida, fazendo Lúdia perder o controle, o pudor, o equilíbrio, pendendo a cabeça para trás, ele fazia movimentos obscenos contra ela, mas Lúdia não ficava por menos, seu quadril girava encaixando sua virilha na dele.

Querendo mais, Lúdia circulou suas pernas na cintura dele, ainda se segurando na gravata, apertando aquela aproximação ela poderia se completar em algo bem mais invasivo, firme, morno com movimentos alucinantes e prazerosos.

Era uma transa com roupa, uma dança sensual de um vai e vem, que mais os torturavam, do que os aliviavam.

Fernando agarrou os seios dela e Lúdia se deixou levar pela queda do prazer caindo sobre a mesa, ondulando sua virilha contra o pênis duro dele. Fernando estava lubrificado, pronto para entrar, invadir aquela boceta meladinha que se contraía com violência.

Ele colocou um braço embaixo do corpo dela, trazendo Lúdia para ele, encaixando uma mão em seus cabelos, os puxando até que ela sentisse a dor do prazer, e mais uma vez ele beijou a boca com movimentos famintos, loucos, deslizando a língua pelos lábios dela e depois colocando para dentro.

Lúdia estava com seu corpo implorando por ele. Cada parte de si tão necessitada ao ponto de nem lembrar de quem ele era filho, do que ele era capaz, e pior, de admitir que era um traíçoeiro. Mas ela queria, precisava tanto de Fernando que quase chorava seu nome quando gemeu lhe suplicando.

— Fernando — ela o chamou, segurando seu rosto, alinhando seus olhares.

— *Me deixe entrar Lúdia, e lhe prometo que você não vai se arrepender* — mentira dele — Por favor, me deixe entrar um pouco em você.

— Eu não posso — disse ela com sinceridade, sofrendo por querê-lo tanto, mas sabendo que aquilo seria seu fim.

— Por que não pode? — Fernando estava à beira da loucura.

— Porque sei que vou lhe querer mais, e mais...

— Não me diga isso, Lúdia — Fernando estava rouco de prazer, entre as pernas dela ele sentia um calor que não ajudava a sua situação inflexível dentro das calças. — Ou vou atrás de você para lhe dar mais e mais... O que quiser eu lhe dou — Ele apertou a coxa dela, querendo tanto lambê-la e mordê-la, Fernando roçava o polegar na parte de dentro, chegando ao pequeno tecido úmido que apertava Lúdia. — Porque, acredite — insistiu —, eu não vejo

problema algum em querer mais...

Lídia estava tremendo em seus braços. O prazer agitando cada uma das suas células idiotas e fracas. Seu sexo estava a perturbando com uma violência sem tamanho e ela sabia, sem dúvida alguma, que Fernando conseguiria acalmá-la com muito empenho e suor.

— Não quero que as coisas piores entre nós — ela disse, sem pensar, a mente estava tão longe, tão vaga.

— Acredite, *baby* — Fernando apertou a curva entre a coxa e o quadril, deixando as marcas de seu dedo na pele pálida e quente dela. — Tudo vai ficar mais gostoso. — Ele a beijou, descendo a mão até seu cinto, abrindo rápido.

Lídia escutou o som do cinto sendo aberto, para ela, mais pareciam sinos que relaxaram sua mente.

Ah, droga, ela começou a cair no prazer, rodopiar de alegria, o corpo mole e febril querendo tanto o dele, à espera da explosão que ela ansiava e necessitava.

Fernando puxou mais uma vez, o toque macio da cueca dele se chocou no atrito da renda quase transparente da calcinha dela. Estavam tão perto, tão próximos que Lídia foi à loucura quando ele roçou contra ela, apertando seu clitóris, movendo insanamente contra sua boceta melada.

Ele sabia que ela estava escorregadia, que entraria com muito prazer.

Ela sabia que iria ser delicioso depois que suportasse a dor.

— Vamos, meu bem — incentivou ele, lambendo o pescoço dela, mordiscando a pele sensível, beijando as veias que pulsavam. - Diga que me quer, que eu termino para nós...

"Ah, eu quero." — Lídia gemeu, mas não disse as palavras, ela engoliu com medo.

— Ah, Lídia — ele gemeu no ouvido dela, roçando sua barba rala no maxilar dela, se esfregando contra o pequeno corpo da pobre coitada. — Quero tanto me enfiar em você, deixa vai — ele mordeu o lóbulo da orelha dela e Lídia não aguentou a pressão, apertou mais suas coxas no quadril dele e trabalhou sua virilha com mais força. — Isso querida, se solte. — Fernando apertou o traseiro dela. — Porra Lídia, eu estou inchado, louco para estourar em você. — Ele era perdido, devasso, traiçoeiro até os ossos. — *Me* deixe entrar e prometo te encher toda, quebrar cada resistência sua... e ainda assim, eu não vou parar... Porque eu sei que não vou querer parar...

Lídia gemia alucinada, estava quase gozando com as palavras dele, sobre o membro duro que lhe apertava.

Fernando estava na mesma queda. Contudo os músculos de suas coxas estavam rígidos como rochas, tentando se manter em pé e esperar que Lídia

cedesse, ou quisesse mais que já pudera lhe dar.

— Ah, Fernando — Ela gemeu, em seus braços, rebolando contra ele, sentindo seu líquido brotar como água da fonte, encharcando-a toda.

— Estou aqui, meu bem — Ele disse sensual contra a boca dela. — Estou aqui. — O polegar dele, que brincava entre a coxa e a virilha de Lília, descobriu a borda da calcinha, e quando Fernando sentiu o líquido atravessar o tecido, ficou louco para chupá-la, lamber tudo o que ela estava lhe libertando.

Lília começou a chamar mais por ele, tremer, se deixar cair, ficando tão mole que Fernando a segurou firme em seus braços. A boceta dela se contraiu, liberando o prazer que ela tinha, então Fernando entendeu que ela estava tendo um orgasmo e apertou sua boca na dela, preenchendo-a com sua língua, movendo mais rápido e duro contra a calcinha deliciosamente úmida e cheirosa.

Ah, ele não conseguia ficar sem prová-la, quando Lília gemeu mais alto e tremeu com violência o quadril, ele esperou mais alguns segundos e enquanto ela arfava, ele a deitou sobre a mesa, tirou as pernas dela da sua cintura e se abaixou para ver o que ele tanto queria.

— O que... o que vai fazer? — Ela percebeu que ele a tinha tirado de seus braços.

Mas ele nem precisou responder, agarrando o quadril de Lília com ambas as mãos, ele lambeu a calcinha dela com uma fome que havia ampliado a cada segundo que ambos estavam naquela tortura. Mordiscadas, lambidas, tudo para tirar um pouco do que Lília teve em seu orgasmo.

Fernando afastou a calcinha dela e apertou os dentes para não rosnar de tensão quando viu a boceta de Lília toda melada, brilhante, pulsando e ainda tendo leves espasmos. E como um leão faminto, ele lambeu sua fêmea a levando para o paraíso, mas fora ele o único que sentirá o gosto daquele lugar.

Lília ergueu o quadril. Os dedos dos pés se apertaram. O coração não batia. Os pulmões doíam sem o ar necessário, mas era incrível que ela ainda tinha fôlego. Sentindo a língua grande, macia contra sua boceta, Lília sentiu um pouco do homem traiçoeiro que estava de joelho entre suas pernas. E como já fez algumas vezes, levou seus dedos finos aos cabelos negros de Fernando e os puxou enquanto voltava a sentir os espirais do prazer novamente.

Depois de lambê-la a carne macia, ele desceu mais a língua, mostrando à Lília um outro tipo de prazer. Beijou a entrada apertada, depois lambeu mais uma vez, subindo a língua para a boceta dela, sugando o clitóris com cuidado, depois fazendo uma pressão que Lília se contorceu toda... na boca e língua daquele devasso.

Fernando ficou de pé, e pegou Lília para si. Beijando a boca dela, misturando todos os sabores em ambas as línguas, deixando-a relaxar depois da

onda ter lhe quebrado.

— Na minha casa — disse ele, olhando bem nos olhos dela. — Vá até a minha casa amanhã à noite. Você vai?

— Vou — disse ela, meio embriagada. — Eu vou.

— Quero fazer na minha cama, com você nua sem que ninguém possa nos surpreender. Certo?

Ela disse que sim com a cabeça.

— Mmmm, pelo visto você realmente sabe cuidar muito bem dela — disse Camilo, com sarcasmo, na porta, os pegando de surpresa.



CAMILO ERA UM homem com seus vinte e oitos anos de pura devassidão, vícios e assassinatos. Pela mão dele homens importantes foram ao chão no comando de seu pai e de Fernando. Atentados aos candidatos à presidência do país que tinham planos de montar um sistema para acabar com a fabricação e importação da droga.

Criado por Patrícia, uma das mulheres mais cruéis que já existiu, Camilo aprendeu a resolver as coisas com cabeça quente, sangue borbulhando.

Ele amava Fernando, assim como Antônio, mas o irmão mais velho sempre foi o seu mais chegado.

Por causa de suas expressões duras, brutalidade e atitudes sanguinárias, Camilo não conseguia uma mulher para amar e ser amado. As prostitutas eram as únicas que o compreendiam com uma bela remuneração logo após o trabalho ser bem feito.

E quando Lídia Garcia – sem saber dessa sua parte da vida – se aproximou dele e propôs algo sério, mesmo que fosse para um fim, economicamente falando, Camilo ficou animado, lisonjeado, afinal, ele era mais do tipo que espantava as mulheres de boa família do que um imã para elas, ao contrário de Fernando e Antônio.

Mesmo depois de Fernando ter desmascarado Lídia para ele, Camilo ficou tentado com a proposta. Embora ele cansasse do joguinho de homem de família, ter alguém bonita como Lídia e inteligente por algum tempo, era um prêmio muito bom.

No entanto, ao ver seu irmão, aos abraços com a mesma mulher que ele pediu para não confiar, fez Camilo distorcer toda a ideia. Mesmo que Fernando havia pedido para confiar nele, foi difícil para Camilo lembrar daquele detalhe quando viu a sua "possível" noiva de saia erguida e com seu irmão entre suas

pernas com cinto aberto e boca colada na dela.

Ele se sentiu persuadido por Lília e enganado por seu próprio irmão, somando isso e mais os problemas que vem enfrentando com a segurança, Camilo estava uma bomba relógio.

— Mmmm, pelo visto você realmente sabe cuidar muito bem dela — disse Camilo, com sarcasmo, na porta, os pegando de surpresa.

Lília e Fernando se viraram, com olhares surpreendidos pela visita inesperada.

— Mas que merda, Camilo! — Fernando reclamou, abaixando a saia de Lília com descrição, embora não conseguisse. — Não sabe bater na porra da porta? — Fechou seu cinto com habilidade, depois ajudou Lília a sair da mesa.

Quando Lília se virou, com os cabelos castanhos bagunçados, os olhos negros, a pele vermelha e quente, gotículas de suor em seu rosto com fios grudados nele e leves arranhões pelo pescoço, causado pela barba de Fernando, ela quase torceu o tornozelo quando ficou em pé sobre os saltos, segundos depois do corpo ter se balançado todo em um prazer espetacular, que Fernando lhe deu sem fazer muito esforço. Ela estava uma bagunça. Fernando soube conduzir a coisa muito melhor do que ela imaginava, e quer saber? Camilo querendo matá-la ou não, ela estava leve. Ela arrumou os cabelos e olhou para Camilo.

Camilo a olhou como se quisesse quebrá-la ao meio, depois para Fernando, ele parecia bem apesar de tudo.

— Você sabe surpreender, Lília — disse Camilo, com maldade escorrendo pelos lábios. — Sabe persuadir, envolver, sobreviver. Fiquei sabendo que a casa da sua família foi explodida e todo mundo achando que você havia morrido. Quando soube, eu disse para mim mesmo — Porra! Nem acredito que não comi aquela desgraçada!

— Menos, Camilo — Fernando pediu, se colocando na frente de Lília.

— Pensei que pudesse confiar em você, Fernando! — Camilo tinha o olhar desdenhoso para o irmão.

— Desculpe por ter feito você acreditar em minhas palavras — disse Lília, com a voz levemente rouca, consequências dos gemidos que ela dava quando chamava por Fernando. — Muita coisa mudou daquele dia para cá e..., mas sei que vai entender, você não estava apaixonado e...

— Ah, sua vadia desgraçada! — Camilo bravejou, indo para cima dela, mas Fernando o segurou, colocando Camilo contra a parede.

— Não faça nenhuma merda antes de pensar duas vezes! — ameaçou Fernando

— Vai defendê-la? — inquiriu Camilo, com ódio. — Pelo visto agora foi

você quem caiu na dela! Caralho, Fernando! Não consegue perceber que essa desgraçada quer quebrar a gente?

Não era necessariamente o desejo de Lília fazer uma confusão entre irmão. Muito de Fernando, e fazer Camilo duvidar dele.

Contudo, era imprescindível que tanto Lília quanto Fernando caíssem na tentação.

Ambos já tinham um histórico bem saboroso de se descrever nos últimos dias e de alguns anos atrás.

— Lília é sócia, participante da mesa — Fernando explicou para que Camilo se controlasse, entendesse a importância que Lília tinha naquele momento e Camilo detestou saber.

— Merda nenhuma! — disse Camilo, querendo se soltar, olhando para Lília.

— Camilo! — Fernando estava ficando sem paciência. — Para! Vá para minha casa, lá conversaremos.

Mas Camilo não queria, ele sempre preferiu resolver as questões de cabeça quente ou não, esse era seu maior defeito.

— O que seu irmão diz é verdade — Lília disse, cordialmente, para a raiva de Camilo. — As coisas mudaram um pouco Camilo. Exatamente quando tentaram contra minha família. Estou muito viva, bem como meu pai e minha irmã, só que agora eu estou com mais poder em minhas mãos do que da última vez que nós dois conversamos sobre uma possível união. Perdão por ter feito você presenciar com seu irmão..., mas...

— Está se sentindo a rainha, não é? — Interrompeu Camilo com nojo. — Antes estava na merda e veio correndo pedir minha ajuda, agora está fazendo Fernando entrar na sua com a porra de um poder que espero que quebre ao meio antes que você consiga escalar cada degrau! Sabe por quê? Querendo ou não, você vai precisar de aliados, e eu não vou mais entrar no seu joguinho.

— Isso lhe excita ou lhe aborrece? — Lília provocou.

— Não abusa, Lília! — ordenou Fernando, ainda segurando seu irmão.

— Vai permitir essa mulher sentar-se à mesa do cartel, Fernando? — Camilo estava possesso.

— São apenas negócios, Camilo — Fernando enfatizou, querendo que Camilo recobrasse as ideias e lembrasse do que ambos combinaram.

Mas era difícil naquela hora, Camilo achou que estava sendo passado para trás, pelos dois.

— Vou embora — Lília pegou suas coisas.

Não adiantaria conversar com alguém que estava a ponto de matá-la, e com toda razão, disso Lília sabia, mas era loucura bater boca com Camilo,

ajudar Fernando e ainda sair sem um arranhão daquela sala. A noite já foi tensa o bastante durante a reunião com Afonso, trêmula ao quadrado com Fernando, e agora suicida com Camilo.

— Não posso acreditar que vamos ficar atados a essa mulher! — Camilo odiava a ideia e iria odiar sempre.

— Você não vai a lugar algum! — Determinou Fernando para Lídia. — Agora, você, vem comigo!

Ele puxou Camilo para fora da sala. O empurrou para o corredor e se assegurou em fechar a porta da sala onde Lídia estava.

— Qual é o caralho do seu problema? — Fernando o fez andar até o elevador.

— Você sempre quis trepar com ela e quando houve a oportunidade conseguiu — Camilo disse irritado, gesticulando agitado. — Agora vem me dizer que são apenas negócios? Se não queria que eu e Lídia...

Fernando segurou bem firme no rosto de seu irmão. Ele estava com as pupilas dilatadas e as bordas dos olhos vermelhas.

— Andou se drogando ao invés de estar sóbrio para trabalhar, filho da puta? — O elevador abriu e Fernando o empurrou para dentro, quando a porta fechou ele a travou. — Vou lhe dizer mais uma vez — Fernando segurou o rosto do seu irmão bem firme, olho no olho. — Deixe que eu cuido dela do meu jeito, entendeu? Entendeu, porra?

Camilo fez que sim, intimidado, querendo acreditar em Fernando.

— Ótimo. — Fernando se afastou, arrumou o paletó. — Esquece o que Lídia lhe disse, ela só queria sua proteção por medo de que o pai colocasse os pés pelas mãos. — Fernando procurou minimizar a situação e conseguiu.

Embora o que ele havia lembrado a Camilo fosse verdade, contudo era o que Lídia quis que todos imaginassem, e mesmo que parte fosse verdade, nem Fernando e nem Camilo sabiam o que mais ela pretendia, uma vez que conseguisse que a família Aguiar lhe acolhesse. Então, até aquele momento, Lídia ainda estava em vantagem.

Camilo respirou profundamente. Encostou na parede de metal e fechou os olhos. Com um pouco mais de oxigênio em seu sistema ele pôde se acalmar mais.

— Desculpe — pediu Camilo ao irmão. — Eu ando meio nervoso...

— O que está acontecendo?

— Tentaram matar Antônio... no hospital em que ele foi transferido para fazer uma outra cirurgia, eu deveria protegê-lo mais uma vez, e falhei. — Camilo parecia derrotado.

— Nosso pai sabe?

— Não quis contar por vergonha. — Camilo passou as mãos em seus cabelos. — Penso que foi para matá-lo, não sei. O segurança falou que era uma mulher, que ela estava ao lado dele e segurava sua mão, estava escuro e foi tudo muito rápido. Não conseguiram pegá-la.

— Câmeras de segurança...

— Era o andar onde pedimos para não monitorar, para que ninguém tivesse acesso a Antônio, mas tudo bem, eu já coloquei três homens dentro e dois fora.

— Vá para minha casa, estou indo em seguida — pediu Fernando mais uma vez.

— Não acredita no que ela diz, Fernando, não entra na dela — Camilo era o segundo a lhe aconselhar naquela noite. E aquela foi a segunda vez que Fernando desconsiderou o conselho.

Fernando destravou a porta do elevador.

— Depois do que aconteceu com Kali — disse Fernando com calma —, firmar compromisso será a última coisa que farei em vida, Camilo, se é que eu venha a fazer, não se preocupe, eu consigo me cuidar.

Lídia estava tentando abrir a porta, mas chutar, bater e forçar a tranca não era o jeito mais fácil e simples de se fazer, mas era apenas gestos de ansiedade em sair daquele lugar. Já estava tarde e ainda precisava fazer muita coisa, como por exemplo, conseguir mais pasta base para enviar as fábricas, se ela falhar no carregamento, seria eliminada como uma peça fraca no jogo.

— Merda! — Ela deu um chute tão forte que sua perna vibrou. — Merda duas vezes!

Cansada e frustrada, Lídia sentou perto da porta, quando Fernando abriu a mesma, o corpo dela impulsionou para trás ficando deitada no chão.

— Droga, Fernando! — Ela exclamou erguendo a cabeça e passando a mão onde havia machucado.

— O que fazia aí? — Ele estendeu sua mão e ajudou Lídia se levantar.

— Detesto ficar em um cômodo fechado, e sozinha também, fico imaginando as paredes se fecharem. — Ela ficou de pé e arrumou o vestido. — Onde está Camilo?

— Não estou a fim de falar sobre Camilo — disse Fernando agarrando-a pela cintura, encaixando a mão nos cabelos dela, os puxando e trazendo o rosto de Lídia para que ele lhe beijasse a boca.

Ah, eles sabiam se perder facilmente naquele toque, as línguas se chocando, os sabores intensos e deliciosos se misturando, os lábios relaxados provando um ao outro, o corpo implorando pelo do outro, precisando de toques nus, de carinho mais intenso.

— Quer que eu lhe leve para casa? — inquiriu Fernando ainda próximo ao ponto de ela sentir sua respiração.

— Estou com cinco seguranças — Lídia disse, ainda com os pensamentos perdidos pelo beijo que recebeu.

— Ainda vai até a minha casa? — Fernando estava ansioso para tê-la em seus braços mais uma vez, e Lídia não ficou por menos, ela queria tanto, que nada poderia fazê-la mudar de ideia. — Ainda temos o compromisso de nos encontrarmos amanhã à noite?

— Sim, claro – disse ela derretida, se apoiando no corpo de Fernando.

Ela precisava tanto se sentir desejada por alguém, conquistar carinhos de um homem, que não mediu as consequências de seus atos, de suas decisões.

— Vou te acompanhar até seu carro — Fernando a beijou mais uma vez.

Ele gostava dos lábios dela e saberia que imaginaria coisas tão prazerosas com eles em sua cama.

Lídia foi levada por seu sócio até o carro, sem mais nenhum tipo de contato, quando ambos ficaram do lado de fora do prédio. Mal sabendo eles que alguém os observava, que alguém tirava fotos, registrava não só a saída de Fernando e Lídia, quanto de todos que estavam na reunião.

Lídia entrou no carro e se conteve para não sorrir como uma boba.

— Até mais — disse Fernando, com um sorriso de lado.

— Até mais, Fernando — Ela fechou o vidro logo em seguida.

O carro fez o caminho de sua casa, acompanhada por seus seguranças, Lídia não conseguia pensar em duas coisas, como conseguir mais matéria-prima para enviar as fábricas, e como conseguiria chegar na casa de Fernando sem que se sentisse uma boba apaixonada.

— Dona Lídia — Coby a chamou.

Lídia estava enfeitiçada por Fernando, o corpo ainda quente pelo o que aconteceu no escritório, nos braços de Aguiar.

— Dona LÍDIA! — Coby teve que usar o tom de voz bem mais elevado para acordá-la.

— Ain! Que susto! — Lídia se virou para Coby. — Onde é o fogo?!

Coby a olhou com preocupação.

— Os dados de seu pai estavam desatualizados... — comentou Coby.

Lídia piscou desconcertada.

— O que disse? O-o que isso quer dizer?

— Mandei dois homens averiguarem se o produto estava no depósito para ser levado para os laboratórios e fábricas...

— E?

— Não tem nada, Dona Lídia, nem mesmo uma grama para mandar para a fabricação da *coca*.

Lídia estava em perigo, encurralada e prestes a ser eliminada da mesa antes mesmo de ter esquentado o seu lugar.



O SOM DO CARRO estava alto, Lilian escutava alguma canção antiga, que falava sobre liberdade e poder andar separados, serem inimigos. Ela queria ambas juntas, mas sabia que não era possível, embora adorasse a sensação que estava sentindo, aquela em que ela não sentia mais as algemas em seus pulsos, nem a preocupação de dar as costas para a família por alguns dias, embora Lilian soubesse que seus compromissos como o membro da família Garcia a chamaria logo, ela queria tanto aquele momento só seu.

Infelizmente Lilian não sabia o que aconteceu com a sua família quando ela deu as costas para sair pela estrada.

Depois de uma boa noite de sono em um hotel afastado da cidade e com descrição para não ser reconhecida por terceiros - usando uma identidade falsa e sotaque - saiu para estrada vinte e quatro horas depois de ter deixado seu pai agonizando no escritório. Pretendia conhecer algumas cidades turísticas e fazer novas amizades, uma que não tivesse nada relacionado ao tráfico.

Contudo, teve uma hora que ela precisou parar em um posto de gasolina. De óculos escuros, boné e roupas mais simples como jeans, camiseta e tênis, ela desceu do carro e pediu para que enchesse o tanque.

Lilian andou até uma loja conveniência como qualquer garota simples atrás de cigarros, balas e água. E quando estava prestes a sair, deixando uma boa gorjeta para a pequena caixa magricela, que colocava as compras em uma sacola, o noticiário da tevê dava esclarecimentos vagos sobre as últimas notícias na capital agitada de Bogotá.

"Tragédias marcam a família Garcia. Logo depois do suicídio de Manoela, a família Garcia sofre mais uma vez, com a explosão da mansão, onde tudo indica que mais de vinte pessoas, entre seguranças, terceirizados, empregados, e, toda a família que havia se reunido logo após ter enterrado a ex-esposa de Garcia e mãe de Lilian e Lúcia Garcia, morreram na explosão na propriedade do banqueiro Gonçalo Garcia." - um senhor careca, barba branca, disse acima do barulho de pessoas se aglomerando no local, carros de polícia, ambulância que ainda procuravam por corpos.

O coração de Lilian gelou. Se ela não tivesse segurando-se no balcão teria desabado no chão no mesmo instante.

"Daremos mais notícias dentro de minutos."

— Disseram que pode ter sido um atentado contra a família — comentou a caixa, sem olhar para Lilian —, relacionado a drogas, cartel, coisas desse tipo. — A mulher se virou para entregar as sacolas. — Senhora? — Lilian não estava mais por perto.

Suas compras! Senhooooora!

Lilian correu até o carro no momento em que o funcionário se aproximou entregou-lhe a chave e esperando receber o pagamento, mas Lilian pegou a chave, entrou rápido no carro, enfiou a mão na bolsa e tirou um maço de dinheiro, jogando pela janela e pisando fundo em seguida, trocando as marchas e se culpando por não ter estado lá, por ter sobrevivido.

Mas ela não sabia, ninguém conseguiria prever aquela tragédia. As lágrimas de Lilian desciam, o coração que antes estava leve e feliz estava chocado com a notícia e paralisado diante da informação que a única pessoa que ela amava poderia estar morta, Lúcia.

Lilian havia deixado uma procuração para Lúcia caso Gonçalo fosse cruel com ela. Ou ele passasse mais dias e noites incomunicáveis pelo vício. Mas agora tudo mudou.

Quando Lilian chegou próximo a propriedade, os repórteres ainda estavam pelo local. Era tarde da noite e ninguém sabia dizer mais nada além do que já foi noticiado na tevê. Buscou informações de um bombeiro a hora exata

do atentado e se algum corpo já havia sido encontrado. Mas apenas obteve a hora que sua casa foi explodida.

Ela ligou para Lúdia, mas dava desligado, assim como o de Gonçalo, então o desespero aumentou.

Por sorte, tanto Lilian e Lúdia poderiam saber seus paradeiros por um sistema de segurança feito para elas, onde uma poderia rastrear a outra pelo celular. Lilian ativou o rastreio e esperou a ferramenta carregar e lhe dar boas notícias, onde ela estaria e por onde passou. Hospital foi o primeiro destino, e pelo registro em torno de vinte minutos antes da explosão da casa, dando a Lilian um alívio sem tamanho de mensurar, depois para o banco e em seguida para a casa dela, nada mais além disso.

O que Lilian não sabia era que o celular de Lúdia estava desligado para entrar na reunião e a norma era só ligar fora do prédio, qualquer aparelho usado em lugares sigilosos era perigoso e risco de ser grampeado.

Mas foi no hospital, que Lilian decidiu ir   procura da irmã e do pai. Deduziu que Lúdia teria levado Gonçalo e poderia estar lá para acompanhá-lo

O médico que fez o atendimento recebeu Lilian e avisou que Lúdia pedira para que a notícia, que ambos estavam vivos, não fosse divulgada.

— Posso ver meu pai? — Lilian parecia ansiosa. Seus cabelos castanhos e ondulados estavam bagunçados, a face com expressões preocupadas.

— Claro, venha. — O médico já estava na família há muitos anos, e era do tipo extremamente discreto. — Marcamos uma cirurgia para ele amanhã. Avisei a sua irmã, contudo ela disse que está resolvendo questões da família, mas estaria aqui assim que possível.

Lilian lembrou-se da procurao que deixou nas mãos de Lúdia. No início, não imaginou que fosse tão necessário um documento daquela importância, mas naquele momento, com seu pai no hospital, com um patrimônio destruído e apenas duas jovens mulheres nos negócios, Lilian respirou aliviada por ter feito aquela trapaça anos atrás.

Embora ter o comando dos negócios seja muito desafiador, Lilian pensava que o mais difícil era colocar tudo para andar, fazer os negócios do seu pai não parar, não deixar de lucrar, mas isso não era por ele, e sim por elas.

Trazer a matéria-prima que Gonçalo comprava de fora para entregar nas fábricas e laboratórios do cartel, organizar a entrada do produto, pagar as pessoas responsáveis e dirigir todo o resto, sendo mulher, era tarefa quase impossível, uma vez que nenhum deles levaria a sério o sexo feminino administrando esse setor, comandando um império daquele tamanho, principalmente por elas serem tão jovens.

Contudo, Lilian já tinha seus vinte cinco anos, perto dos vinte e seis e já

presenciou muitas conversas entre seu pai e os tubarões do ramo, bem como ela conhecia cada contrato, só não imaginava que Lídia iria precisar dela tão rápido, uma vez que agora Lídia era a dona de todo o patrimônio da família, e teria que pôr a mão na massa para as rodas girarem.

— Ele está aqui — disse o médico, abrindo uma porta.

O cheiro de álcool e remédios lhe atingiu a cabeça no mesmo instante.

— Ele está sedado, mas pode lhe escutar, acordar a qualquer momento. Só não o deixe ficar nervoso, muito menos cansar, precisamos da pressão normalizada para o prepararmos para a cirurgia.

Lilian entrou no quarto. Ao ver seu pai deitado, impotente, sem um copo de bebida, e nem um rastro de pó no nariz, a fez ficar feliz, muito feliz.

Contudo, ela tinha ciência, Gonçalo não poderia morrer, não na situação que a família se encontrava. Muitos fechariam as portas para duas jovens. O mundo do tráfico iria engoli-las, cartéis roubariam tudo o que elas tinham, declarariam guerra e as massacrariam em seguida, seria difícil encontrar aliados.

— Quando me diziam que, vaso ruim não quebrava, pensei que só passava de um ditado popular.

— Lilian não se aproximou, ficou parada de frente para a cama.

— Lilian? — Gonçalo disse com voz fraca, sem abrir os olhos, mas reconheceu a voz de sua filha mais velha. — Minha filha querida. Você voltou? Voltou para casa?

Gonçalo a amava demais, e Lilian sabia que fora da vida dele, o deixaria doente e abatido. Pois era a única que conseguia suportá-lo, amá-lo, apesar da sua fraqueza pelas drogas, pelas inúmeras prostitutas que frequentavam a mansão, pelo temperamento difícil.

— Não, eu não estou aqui pelo senhor, embora quisesse vê-lo — a voz suave e calma que sempre se dirigia a seu pai se tornou distante e áspera.

— Veio ver se estava morto? — Uma lágrima desceu pelo rosto pálido de Gonçalo. — Diga que não, minha filha, não me deixe mais triste que já estou.

— Gostaria que estivesse, sabe muito bem porque, no entanto...

— Ela me traiu — insistiu Gonçalo, fazendo expressões de dor. — E você sabe que quem trai deve morrer em nosso tipo de vida.

— O que eu sei é que ela não era sua mulher há anos — Lilian o lembrou. — Tanto que mamãe me avisou, disse que você me machucaria, que eu estava perdendo meus dias felizes para cuidar do senhor, e ela sempre teve razão.

— Não fale dessa vadia! — Ele elevou um pouco a voz, rouco. As máquinas começaram a sonorizar mais alto, Gonçalo começou a tossir, sentia aquele aperto no peito novamente. — A traição da sua mãe começou quando ainda estava casado com ela...

— E depois de anos quis matá-la?

— Descobri há pouco tempo. — Gonçalo se remexeu na cama.

— Quem era o homem?

— Para sua segurança, é melhor que essa informação fique apenas para mim — disse Gonçalo, com medo da filha tirar satisfações e trazer consequências graves para sua vida.

Ele não poderia defendê-la no estado em que se encontrava. Agora, mais que nunca, tanto Lilian e Lúcia precisavam de proteção, de alguém que pudessem assegurar os negócios junto com elas para que os outros cartéis não lhes tirassem tudo o que Gonçalo conquistou em anos.

— Não diga nada a Lúcia, ela também vai correr perigo — insistiu Gonçalo. — Você não disse nada a ela, não é minha filha? Você não falou para Lúcia que eu... eu matei a mãe de vocês, não é?

O que eles não sabiam é que Lúcia já corria esse perigo temido, que ela estava no olho do furacão há dias, que sofreu com a morte da mãe porque sabia que Afonso também era culpado de toda a desgraça que agitava a família Garcia.

O que Lúcia ainda não estava esclarecida era que seu próprio pai, havia matado sua própria mãe. Mas entre desencontros de informações, os caminhos de ambas as irmãs estavam se tornando cada vez mais estreitos e perigosos.

De um lado, Lúcia preservando Lilian de Afonso. Do outro, Lilian preservando Lúcia da decepção de saber que o pai era o assassino da mãe, e mantendo o pai vivo para que ambas pudessem ganhar confiança no território. Do outro lado, Gonçalo tentando preservar ambas de Afonso, pois Gonçalo sabia, que agora que perdeu dinheiro com o roubo do depósito e em cima de uma cama, Afonso teria coragem de matar suas filhas.

— Não disse nada para Lúcia sobre o que aconteceu, sobre o que eu sei, porque ela vai tentar acabar com o senhor — Lilian falava com tanto ódio que Gonçalo acreditou em cada uma de suas palavras —, embora eu devesse fazer isso, mas preciso do senhor vivo para alguém nos dar crédito nos negócios. Morto, eu bem sei, que vão fechar as portas para nós duas, que iremos morrer em dias...

— E quando conseguirem? — Gonçalo engasgou. — Quando tiverem a confiança de todos...?

— Então o senhor me diz como gostaria de ser velado.

As palavras duras e sinceras ecoaram no coração miserável de Gonçalo que o fez perder mais uma vez os nervos.

Logo vários enfermeiros correram para atender o sinal de emergência que Lilian ativou antes de sair do quarto.

Antes que alguém a visse, Lilian foi rápida em seguir pelo corredor a

direita, descer dois lances de escada, e quando um segurança do hospital estava correndo pelo corredor, ela abriu uma porta e entrou logo para não ser vista por mais ninguém.

Lilian engoliu com dificuldade todo aquele rancor. Suas mãos tremiam de tanta raiva por manter o assassino de sua mãe vivo, impune, mas ela tinha que ter forças, Gonçalo não poderia morrer, não naquele momento difícil, que a família Garcia estava passando.

Ela precisava se sentar. Precisava de algo bom para tentar aliviar aquela pressão que apertava sua cabeça.

Lilian se virou, para saber onde havia se enfiado até que a agitação do hospital normalizasse. O lugar estava com luz baixa, mas dava para saber que existia alguém sobre a cama, aparentemente não muito bem, mas possivelmente melhor que o pai dela.

Lilian percebeu um homem dormindo em uma poltrona do outro lado do quarto, ele era grande e tinha uma arma na cintura. Depois ela olhou novamente para o homem que estava na cama.

Se aproximou bem devagar, e leu na descrição da ficha ao lado da cama.

"Antônio Aguiar, vinte e sete anos..., ferimento a bala..."

Lilian sabia de qual família ele pertencia, e olhou mais uma vez para ele. Talvez lembrou de algum evento que teve que acompanhar seu pai e viu aquele homem no mesmo lugar, mas pela forma que ele se encontrava, o rosto cheio de cicatrizes, os olhos fechados, corpo grande e forte enfaixado no peitoral, mostrando os pelos em seu peito, Lilian acreditava não o reconhecer.

Ela bateu, sem querer, em uma pequena escada de metal que estava ao pé da cama, fazendo um barulho agudo ecoar no quarto. Homem do outro lado do quarto roncou e se virou para o outro lado.

Ele tinha cabelos castanhos escuros, aparência macia. Seu rosto era anguloso, barba bem feita escura, pele morena clara, quase parda. Ele era muito forte, tinha ombros muito largos, braços fortes e bem definidos, tatuagens que começavam pelo peitoral esquerdo e que terminava em seu punho, todas elas eram várias espécies de serpentes.

Lilian chegou mais perto, só por curiosidade. Se inclinou para o homem que dormia profundamente, e quando pôs a mão para se apoiar, tocou a dele sentindo o quanto estava fria.

— Você está congelando — disse Lilian baixinho, puxando o cobertor e cobrindo-o. — Suas mãos — ela pegou a esquerda e começou a esquentá-la, esfregando na dela. — Deus, como elas estão frias.

O segurança parecia que tinha um sono mais profundo que de um urso. Lilian olhou para ele, e mesmo com as vozes lá fora, agitadas e com a dela

baixinha, ele não acordava.

— Acho que ele está hibernando como um urso — Lilian brincou com Antônio. — O café daqui deve ser muito fraco. — Ela se virou para Antônio e olhou mais uma vez. — Fiquei sabendo de você, sinto muito. As coisas não são fáceis para a vida que temos, são as consequências — ela limpou a garganta e prosseguiu — Mas espero que consiga se recuperar. Você é muito bonito para morrer... desculpe falar assim.

Lilian esticou a mão para pegar a outra de Antônio e esquentar, quando seu corpo inclinou sobre o dele, o coração dela disparou.

— Quem é você? — Antônio disse entre os lábios semiabertos, rouco, mas tão baixo que Lilian não acreditou ter escutado algo, mas então, a surpresa. Antônio segurou a mão dela muito firme, como se não quisesse que escapasse e repetiu: — Quem é você?

Lilian olhou para o rosto dele, seus olhos ainda estavam fechados, mas percebeu que o peito de Antônio se movia com mais intensidade, ela podia jurar que sentia o coração bater forte demais contra o peito dela.

— Desculpe — pediu ela, se endireitando, afastando da cama, mas foi impedida, Antônio estava segurando a mão macia e quente com muita força.

Ele não iria soltar até saber qual o nome da dona da voz que o acordou. Quem carregava aquele perfume de rosas. Quem tinha as mãos tão delicadas, porém quentes como uma fornalha. Ele queria saber, precisara saber.

Contudo, ele foi paciente e esperou ela dizer algo, talvez para ver se conseguia reconhecer a voz, entretanto, ele sabia que não era sua mãe, nem a sua namorada, muito menos alguma parente próxima ou distante.

Lilian tentou se soltar, mas ele era forte, determinado. Não era sua intenção machucá-la, mas a forma que segurava firme na mão dela, apertando seus dedos, os anéis que Lilian carregava estavam doendo entre seus dedos.

— Ei! — O segurança acordou e a surpreendeu. — O que está fazendo? — Ele se atrapalhou ao sair da poltrona

Lilian fez muita força para sair da mão de Antônio, o dedo sendo cortado pelo metal do anel, quando ele a segurou com tanta força que arrancara o anel, um solitário que a mãe de Lilian tinha lhe presenteado em seus quinze anos.

Ela se apressou correndo até a porta, abrindo e sumindo por ela em seguida, sentindo o dedo arder.

Antônio segurou aquele anel, ainda de olhos fechados, drogado pela quantidade de remédios que estava tomando para não sentir dor, trancando em sua mão como se fosse algo divino, abençoado, porque foi pela voz dela que ele havia acordado, não sabia se era coincidência, destino ou algo parecido, mas uma coisa ele colocou na cabeça, a encontraria nem que cavasse do inferno ao

céu.



O GALPÃO ESTAVA vazio, assim como a cabeça de Lídia sem ideia do que faria a seguir.

Ela tinha prometido que daria o produto na sua estreia como membro da mesa e agora não existia nada. Se confiou no que o livro de estoque lhe apontava, na experiência que Gonçalo tinha nos negócios em atualizar tudo, mas agora tinha sido uma exceção.

Lídia parou por um instante. Gonçalo estava estranho antes da morte de Manoela, ficando mais em casa, melhor, no escritório se drogando. Talvez por isso nada foi organizado e logo depois da morte de Manoela, ainda ficou aquela completa bagunça.

— O rapaz que gerencia o local morreu na mansão — explicou Coby. — Acho que ele deu o relatório da movimentação da pasta para seu pai, apenas não registrou.

— Tô ferrada, Coby — disse Lídia, olhando para todos os lados de um depósito vazio. — Aqui não tem nem a merda de um quilo para que possa cheirar e me matar de vez! — exclamou quase aos gritos, saindo do local com passos rápidos.

Coby e mais alguns seguranças acompanharam Lídia até o carro. Era madrugada quando avistou os dois depósitos que mantinham a pasta de papoula para a produção.

— E se a senhora pedir mais dois ou três dias para conseguir mais pasta? — inquiriu Coby, abrindo a porta para Lídia.

— Não tive nem mesmo tempo de ver com quem eu poderia pedir o produto em cima da hora — Lídia não entrou no carro. — Não, eu não posso pedir mais prazo, os compradores da *coca* querem este produto para ontem! Fernando frisou. — Lídia parou para pensar, e como se tivesse encontrado uma solução, estalou os dedos e deu um sorriso animado. — Você não conhece mais ninguém que tenha a pasta para vender aqui por perto?

— Vai sair superfaturado — explicou Coby.

— Não quero lucros agora, quero me manter naquela mesa — disse ela com determinação —, é o único jeito de conseguir a confiança e ficar no cartel, de ficar protegida. Vou tentar ler novamente os papéis que Lilian me deixou e encontrar alguma solução.

Lídia entrou no carro e Coby também, mandando seguir para o

apartamento de Lília. Depois desse problema, ela não conseguia mais pensar em Fernando e da forma que saiu da sala de reunião.

Todos, assim como Lília, sabiam que Fernando era um homem que levava muito a sério os negócios e não deixava pontas soltas atrapalharem a organização do narcotráfico. Não seria o jeitinho doce e amável de Lília que faria ele ser compreensível.

— Senhor Fernando mostrou-se ser bem interessado na senhora... — Coby quis entrar no assunto.

Lília sorriu sem ânimo. Ela não era nenhuma iludida. Fernando se aproximou por dois motivos, assim ela deduzira, sexo e poder. Nada mais além disso.

— Quando Fernando descobrir que não tenho nada — disse Lília tentando não desanimar. — Garanto! Ele não vai mais ter tanto carinho comigo. — Ela olhou para a rua. Lá fora chovia, calçadas vazias. — Para quem matou a mulher depois de anos juntos — Lília olhou para Coby. — O que é eliminar uma sócia que não tem como ajudar o cartel?

— O que faremos, então? — Coby precisava de ordens.

Lília olhou para uma pulseira que tinha ganhado de Paolo na sua formatura. Ele disse que lhe daria sorte e que nada de mal lhe aconteceria se ela sempre a usasse, e mesmo depois da conversa acalorada e das coisas duras que ele lhe disse – e com sua razão – Lília ainda a mantinha junto a si.

— Vasculhe tudo que é laboratório e fábrica de *coca* pela região — disse Lília, secamente. — Todos que não estão relacionados com o cartel de Bogotá e tirem tudo de lá.

— A senhora está sugerindo que roubemos de outros?

Lília olhou para Coby de forma dura e fria.

— Não estou sugerindo, Coby, estou mandando!

Era a necessidade de sobrevivência falando mais alto. Lília poderia não ter se envolvido com o narcotráfico, mas sua vida foi em função dos lucros daquela prática, parte de seus amigos também.

As poucas vezes que frequentou a casa do pai, escutou todo tipo de conversa, e ela sabia, assim como todos que vivem nesse ramo, que não existe uma ética de conduta, a única coisa que todos querem é permanecer no poder, não serem mortos e viver impunes, e Lília não estava fazendo diferente.

Ela quis entrar na sujeira então, precisava se sujar também.

Quando Coby a deixou em casa. Lília ligou seu celular e procurou notícias do seu pai. Recebeu a notícia que ele tinha passado mal, e a cirurgia seria adiada. Prometeu visitá-lo depois de algumas horas de sono. Também soube que sua irmã havia aparecido e sentiu-se mais aliviada ao saber que Lilian

estava pela redondeza.

Tirando as roupas e se jogando na cama, Lídia pegou o celular novamente e percebeu que Lilian havia usado o rastreador. Lídia ligou o dela e descobriu que Lilian esteve perto do terreno da mansão, depois hospital e a última localização fez Lídia sentar-se na cama.

— Casa do presidente? Mas que merda Lilian foi fazer lá?



— **É MUITO TARDE**, ele não vai recebê-la! — o segurança de mais de dois metros de altura e um de largura disse carrancudo, sem olhar para a mulher simples e pequena na sua frente.

Lilian estava apressada, e não esperou o sol nascer para buscar ajuda. Ela tinha urgência a realizar antes de falar com Lídia, ajudá-la.

Não se importava com o mal tempo. Com o perigo que era ir até a casa do presidente da Colômbia.

— Mas eu liguei para ele! — Lilian estava irritada, molhada da chuva por esperar tanto sem ser atendida. — Deve ter deixado recado com um de vocês! Pois afirmou que eu poderia vir até aqui!

— O presidente? — O segurança ergueu uma sobrancelha.

— Sim!

— Da Colômbia?

— Não! Da casa do amante da sua mãe! — Lilian disse sem medo, fazendo o homem ficar ereto, encará-la como se quisesse matá-la. — É claro que é o presidente da Colômbia! Ah quer saber? Que se dane!

Lilian deu as costas, mas antes que chegasse em seu carro escutou alguém gritar seu nome, como se corresse. Ela se virou e viu um homem de terno, óculos de grau e uma pasta na mão.

— É... é — ele está buscando fôlego. — É a senhora Lilian Garcia?

— Sim, sou eu — Lilian se aproximou.

— *Me desculpe o engano* — disse o homem com mais fôlego. — Acabei mandando a informação da sua visita para o outro portão e quando cheguei lá, eles disseram que os seguranças estavam lhe barrando neste. Mil perdões, como posso recompensar?

— Acredito que me levando ao presidente — sugeriu Lilian o óbvio.

— Sim, mas é claro que sim. Venha.

Lilian olhou para o segurança que bloqueava a passagem dela. Ele bufou e se afastou, deixando a jovem passar com um sorriso de vitória.

Ela caminhou com o homem, que depois se apresentou como o novo segundo secretário executivo do presidente e que se chamava Bruno. Foi ele que havia atendido a ligação quando Lilian buscou saber se poderia ser recebida na calada da noite.

Lilian sabia que poderia ser um horário ótimo onde não correria o risco de ser vista e reconhecida. Nenhum presidente que se preze, ao povo que lhe prometeu prosperidade e segurança, gostaria de ser visto com a princesa do narcotráfico. E a madrugada era uma ótima hora para despistar os curiosos.

Conduzida até uma sala de espera, Lilian se serviu de um conhaque e esperou sentada até que o presidente estivesse pronto para recebê-la.

Ela estava nervosa. Mãos inquietas. Sabia que era perigoso para ele, sua presença ali, mas já que aceitou, ela não deixou que esse pensamento se prolongasse.

— Você fica muito bonita de jeans — disse uma voz grave, levemente sonolenta.

O coração de Lilian se agitou. Ela conhecia aquela voz até mesmo debaixo de sete palmos do chão. O corpo bonito e tenso se ergueu para recebê-lo.

— Andres — disse ela, com lábios entreabertos, contemplando o grande homem com calça e roupão de algodão e seda na cor preta.

Os olhos de Lilian estavam excitados. Vê-lo depois de tanto tempo mexeu com ela, com suas lembranças.

— Olá, minha querida — ele sorriu para ela, e como Lilian amava aquele sorriso, os lábios que faziam aquela graça.

Andres, era um homem muito bonito. Um metro e noventa e sete. Olhos castanhos com nuances de verde, emoldurados por cílios espessos, castanhos e longos. Os cabelos castanhos, lisos e macios, meio bagunçados. O corpo em dia, músculos mais desenvolvidos que da última vez que eles haviam se encontrado. Rosto comprido. Face saudável e com seus quarenta e dois anos muito bem aproveitados.

Na presidência a mais de três anos, Andres não só mantém a aparência de um bom presidente – mesmos com suas falhas governamentais –, mas também tem uma parcela de culpa no crescimento do narcotráfico em seu país.

Amigo de Gonçalo de longa data e confidente de seus segredos. O homem que permite a entrada da matéria-prima, além de ter contato direto com quem vende, sem nenhum tipo de rastreio, Andres também já foi dono do coração de Lilian Garcia.

— *Me perdoa?* — pediu ela, se aproximando dele. — Não eram meus planos vir até você. A primeira dama não está aqui, não é? Caso contrário você

não teria...

— Não se preocupe — disse ele, com carinho, colocando as mãos no corpo dela, sentindo-a tremer um pouco. — Estamos só eu e você. Soube da explosão e fiquei louco quando imaginei...

— Minha família não estava em casa — Lilian se adiantou.

— Então o seu pai está bem, Lídia...?

— Sim, sim, estamos todos bem. Papai está no hospital, mas passa bem — mentiu ela. — Minha irmã está me ajudando nos negócios. — Lilian não fazia ideia do que Lídia aprontava, mas deduziu isso.

— Precisa se secar. — Andres olhou para a blusa encharcada, o tecido grudando no contorno dos seios dela, da cintura, e se controlou para não fazer besteira na sala.

— No seu quarto tem toalhas secas? — Lilian não resistia a ele, nunca conseguiu quando estava tão perto.

— Tem — respondeu abaixando o olhar para a boca de lábios cheios dela.

Ele a pegou pela mão e levou para seu quarto no andar de cima. Abriu a porta e deixou que Lilian entrasse primeiro. Quando ela viu a grande cama, com seus lençóis bagunçados, teve lembranças que começaram a mexer com seus sentimentos.

Andres se moveu para o outro lado, entrou no banheiro e trouxe consigo toalhas brancas e secas e um roupão macio da mesma cor.

Lilian tirou a blusa, depois o jeans, deixando Andres com desejo de tocá-la. Ela pegou o roupão e se vestiu. Ele se aproximou, segurou no queixo dela e a olhou profundamente.

— Você veio fazer amor comigo? — Ele estava detestando esperar mais um segundo para saber o que tinha levado Lilian a sua casa no meio da madrugada, depois de anos, ambos procuraram esquecer o romance que tiveram.

Lilian engoliu com dificuldade um nó que se formava em sua garganta.

Amá-lo foi uma das melhores coisas que ela já fez depois de Túlio, embora adorasse a ideia, Lilian estava – inicialmente – ali por um propósito.

— Preciso de mais matéria-prima e necessito que você libere a entrada para um volume ainda maior. — O que ela disse, sem responder à pergunta de Andres, fez ele deixar cair a mão que a tocava, como se tivesse se decepcionado. — Preciso dela para comercializar rápido, perdemos muito dinheiro nesses últimos dias e preciso, desesperadamente, de mais! Então eu vim aqui pedir sua ajuda.

Andres se afastou. Passou a mão em seus cabelos e olhou para Lilian um pouco triste.

— Quanto você precisa? — Ele andou até uma pequena mesa de bebida e serviu dois uísques em copos de cristais, levando um para Lilian, e outro para ele.

Lilian pegou o copo e bebeu tudo de uma vez. Nervosa por tudo que andava passando, e por estar com ele, ela precisa de combustível.

— Duas toneladas — disse ela.

— Isso é muito, Lilian, mais do que eu já pude conseguir para seu pai. Por que tanto?

Lilian limpou a garganta: — Porque sei que quanto maior a quantidade, menor o preço. Precisamos de reservas, tenho medo que os cartéis comecem a achar que perdemos território, produtos, e se tivermos bastante as chances são mínimas.

Andres sentou na cama, o copo com metade da bebida que colocou.

— Posso lhe arrumar parte do que está me pedindo e depois vejo como conseguir mais... Preciso da assinatura do seu pai.

— Só me dar o máximo que conseguir — implorou ela, sentindo alívio por conseguir o que queria e saudade de tempos bons que já tiveram.

Lilian deixou as roupas caírem no chão. Cansada, ela se sentou em uma poltrona que combinava com a decoração branca do quarto. Andres, vendo a exaustão nos olhos, no corpo dela, se aproximou para lhe dar carinho. Ficando de joelhos ele abriu as pernas dela deixando as pontas do roupão separarem e ele poder acariciar as coxas macias.

— Dorme comigo essa noite — pediu ele, voz rouca, porém suave, convidativa.

Lilian não disse nada, mas permitiu o toque e a atenção.

Andres beijou o joelho esquerdo dela, depois o direito. Sentiu o cheiro dela na pele sedosa, subindo mais o tecido felpudo, descobrindo uma pequena calcinha rosa de seda e tirinhas na lateral. Olhando com desejo profundo para ela, ele puxou o quadril de Lilian e cheirou a seda que envolvia o sexo que começou a pulsar com a aproximação. Mas foi quando ele desatou os nós, que tinha em uma das laterais da calcinha e deixou a boceta sem proteção, que ele provou e aprovou do sabor dela, lhe dando tudo o que a jovem precisava.

Lembranças boas de um romance que não deu certo, um toque mais carinhoso de um homem que nunca deixou de ser apaixonado por ela, e que tudo que ela sempre lhe pediu era atendido em segundos.

— Andres... — ela gemeu quando a língua dele entrou, mas satisfeita que dois dos seus problemas estavam resolvidos, um era o produto, o segundo, era a saudade.

O que Lilian não sabia, assim como Lúcia, era que se ela tivesse pego o

celular no carro e ficado próximo a ele, teria recebido uma ligação da sua irmã e agilizado aquela visita ao presidente da Colômbia, dando a solução a Lídia.

Mas isso não aconteceu fazendo com que graves e grandes consequências se agravassem nas horas que seguiram.



LINA SENTIA DORES pelo corpo todo, mas, ainda assim, conseguiu ficar de pé. Acordou em sua cama, na Alemanha, e saber que voltou para a estaca zero a deixava furiosa. Os ferimentos, cuidados por uma enfermeira quando estava voltando para o seu 'lar', começaram a fechar.

Sentia-se derrotada, além de fraca, mas precisava ser forte, não desistir.

Afonso poderia ter conseguido ganhar uma batalha, mas para Lina, a guerra estava por vir, ela só não estava sabendo disso.

Com dificuldade, ela andou até a janela do seu quarto. Todo o jardim da casa estava coberto por neve e alguns empregados descongestionando a entrada.

Lembrou de Manoela, Lídia, Lilian e Gonçalo, também dos planos que ela achou que iriam dar certo, mas não deram, não iriam dar, assim pensava ela.

Afonso achou que tinha massacrado Lina quando mandou Patrícia até ela, também pensou que com a morte da família verdadeira, ela pararia de querer brigar, lutar contra ele, infelizmente não era assim que Lina pensava, seu ódio aumentou, seu desejo de vingança estava mais forte do que nunca.

O que Lina não sabia era como iria sair daquele lugar novamente, uma vez que Afonso não iria cair mais na conversa dela.

Ao lado de Lina, tinha uma pequena mesinha com seu café da manhã. Lina olhou para o alimento e sentiu ânsia de vômito. Talvez por causa da dor, talvez os remédios estavam a fazendo sentir enjoos, mas se esforçou e sentou à mesa, serviu de um café puro e duas fatias de pão, passando geleia de framboesa sobre ambos os lados.

Quando Lina levou a xícara aos lábios, ela engoliu seco antes de tomar o café, o gesto foi mais para segurar uma lágrima, mas não conseguiu, ela desceu ligeira pelo rosto abatido.

Alguém bateu à porta e Lina permitiu que entrasse depois que ela enxugou o rastro daquela lágrima. Quando ela viu quem era bufou discretamente, colocando a xícara na mesa e olhando para o lado.

— Você pediu por isso — disse Afonso, com uma caixa de presentes na mão. — Por que teima em desafiar a mim? — Ele colocou a caixa sobre a cama.

Ele era um homem alto, forte, de expressões duras, olhar frio e assassino.

Os cabelos negros bem penteados para trás. Com elegância, ele andou até a mesa onde Lina tomava seu café.

Quando ele baixou o olhar para abrir o casaco do seu paletó, Lina escondeu uma faca de manteiga na mão e a desceu para baixo da mesa.

— Eu trouxe um vestido daquele estilista metido a besta que você tanto gosta... — disse Afonso, colocando café na xícara, depois olhou para ela. — Não fique com raiva de mim.

Lina se esforçou para respirar, então fez e olhou para Afonso com uma cortina que escondia seu ódio, e com um leve sorriso nos olhos, ela entrou na conversa.

— O vestido é de Carl? — inquiriu ela, com educação.

Afonso a olhou mais animado.

— Sim, é esse. Mande fazer para você. — Afonso alinhou os punhos da camisa. — Ele perguntou porque não foi você mesma para o ateliê, mas achei melhor não, as marcas em seu corpo iriam chocá-lo.

— Obrigada — disse Lina, pegando sua torrada e colocando uma no prato de Afonso.

Ele desconfiou do comportamento dela, mas estava muito feliz porque Antônio havia acordado do coma, que se permitiu ter aquela conversa 'amigável' com Lina.

— Acho que ficarei dois dias aqui — disse Afonso, tomando mais um pouco de café, sem tirar os olhos de Lina.

Ele era louco por Lina, em todos os sentidos, e vê-la o tratando bem, estava mexendo com seus desejos. Por sua vez, Lina sabia muito bem disso e prosseguiu.

Lina se levantou, escondendo a pequena faca com descrição em sua mão. Andou até a cama, sentou-se em seguida e repousou ambas as mãos no colchão macio, colocando a faca por debaixo do travesseiro. Depois pôs as mãos no laço do seu roupão de seda.

Virou de costas para Afonso e ficou nua da cintura para cima.

— Estão muito profundas? — inquiriu ela, com um certo temor na voz, apenas encenação.

Afonso se levantou de onde estava, e apreciando as costas pequena, de pele branca, mas agora cheia de marcas de chicotes, ele foi chegando perto até tocar uma das marcas.

O corpo de Lina ficou tenso e ele percebeu.

— Está doendo? — ele quis saber, sentando sobre a cama, ficando perto o suficiente para colocar todo o cabelo de um lado do ombro de Lina.

— Um pouco — disse Lina, o olhou sobre os ombros, e contemplando a

luxúria nos olhos dele. — Acho que depois dessas marcas nenhum homem vai me querer — concluiu, baixando olhar, com voz triste.

— Não diga isso — Afonso beijou uma ferida. — Você é linda mesmo com essas marcas.

— Sou? — Lina conseguiu colocar um brilho nos olhos, quando se virou para Afonso mostrando seus seios.

Ele a queria, e a teria.

— Sim, minha querida, você é! — confirmou ele.

Lina se afastou, subindo mais na cama, ficando com as pernas estiradas sobre o colchão.

— Quem irá me preferir? — Ela abriu as pernas e Afonso quase engasgou.

Ele se levantou, tirando o casaco rápido, depois desabotoou a camisa, em seguida abriu o cinto.

— Você sempre vai ser a minha... — declarou ele, subindo na cama, fazendo Lina querer colocar o café da manhã para fora.

— Sua o quê? — ela insistiu.

Afonso foi para o meio das pernas dela, inclinou-se para frente e cheirou um dos seios de Lina. Ela fez cara de nojo, mas se manteve firme.

— Minha preferida — disse querendo entrar, invadir o que ele era louco para dominar.

— Repete — ela pediu, caindo para trás, colocando a mão debaixo do travesseiro.

— Minha preferida — ele começou a se mover.

— Repete — exigiu ela, com um falso gemido de prazer conseguindo colocar a faca na mão.

— Minha... — Afonso estava perdido nela. — Minha querida — conseguiu dizer.

— E você é meu preferido — disse ela, olhando nos olhos negros de paixão de Afonso.

O que ela disse o deixou desconcertado, era surpresa para Afonso ela lhe dizer tais palavras, ódio era a única coisa que Lina demonstrou depois que ele começou a lhe assediar, e piorou quando ela soube a verdade do seu nascimento.

— Preferido? — Ele a olhou, acreditando nas palavras. Talvez o prazer em seu corpo o deixou cego.

— Sim, meu preferido — Lina posicionou a faca, mas não o tocou, estava esperando o momento certo para fazer isso.

Afonso sorriu, movendo-se mais devagar, provando o calor dela, as palavras dela.

— Preferido em quê? — ele quis saber, totalmente perdido de desejo.

E como se tivesse possuída, ela enfiou-lhe a faca no estômago do homem que era a raiz de todas as dores tanto da sua família quando a dela, deixando o metal atravessar cada camada de carne, romper os vasos sanguíneos e chegar até seu estômago.

— Para matar — disse ela com ódio.

Afonso gritou de dor, melhor, ele berrava de dor, saindo de cima dela, depois da cama, cambaleando.

Lina sorria, com o olhar possuído pela maldade, para ele. Ela sabia que aquele corte não iria matá-lo, mas conseguiria ganhar tempo em sair daquela casa, daquele lugar. Fugir era sua primeira ideia no momento.

Com dificuldade, ela saiu da cama.

— Sua vadia desgraçada! — Afonso berrou e isso foi pior, a dor se alastrou por todo o corpo dele.

Lina abriu a caixa e viu o vestido que o demônio havia comprado para ela. Sentindo dores, ela o vestiu, era um vestido que marcava suas curvas, de cor verde e um decote profundo.

— Se pensa que vai fugir de mim... — Afonso precisou se sentar. — Chame logo alguém, Lina!

Lina pegou seus documentos no criado-mudo, e colocando a mão por debaixo do colchão, pegou cartões de crédito e um maço de dinheiro.

— Lina! — ele tentou gritar, mas a dor piorou. — Socorro! — o pedido não chegaria a ninguém.

Na casa só tinha cinco empregados, dois estavam nos fundos da casa limpando o terreno e os outros três poderiam estar espalhados no andar de baixo, porque Afonso sempre preferiu que ninguém tivesse acesso ao andar de cima, quando ele estava na casa, para não ser importunado.

Então, Lina teria uma vantagem sim, principalmente porque Afonso podia circular na região sem ser reconhecido, e em função disso ele nunca levava seus seguranças.

— Lina... — a chamou como súplica.

— Vá pro inferno! — ela o chutou e correu até a porta, abriu e sumiu...



QUANDO LILIAN ACORDOU, o sol tinha acabado de nascer, Andres estava no banho e as horas eram avançadas para ela, uma vez que precisava ir atrás de Lídia e organizar tudo para ambas ficarem seguras.

Ela se apressou, saindo da cama e deixando largadas as peças íntimas, vestindo logo o jeans e camiseta.

Procurou o celular, por todos os lugares, mas não o encontrou. Pensou que tivesse deixado no carro, então vasculhou o local para ver onde tinha deixando o seu tênis.

Ela estava apressada, afobada, mesmo depois da noite maravilhosa que teve com um homem como Andres, precisava deixá-lo para resolver suas questões.

Quando olhou para cama bagunçada, lembrava do momento que teve. Andres sempre tinha um ritmo que a deixava maluca. Começava sensual, provocativo, a tocando com cuidado e a excitando com carinhos que ligavam as terminações nervosas mais profundas e esquecidas que Lilian tinha, quando a transa estava ficando quente, assim como os corpos de ambos, ele se tornava um homem possessivo em dar prazer com toques primitivos e quentes.

Lilian não poderia se dar ao luxo de pensar no sexo que tiveram há poucas horas, muito menos dos pedidos dele para voltarem a terem um caso...

Ela não poderia viver um romance nas condições que Andres poderia lhe oferecer no momento. O casamento, politicamente falando, de fachada, poderia ser rompido, mas Lilian não tinha energias para se empenhar a esperá-lo, ela tinha que organizar sua vida e Andres a dele, só depois poderiam falar sobre algo mais sério.

Ansiosa para sair do quarto, Lilian não se preocupou em pentear os cabelos, muito menos tomar um banho para tirar as evidências da transa que teve, ela queria sair dali o mais rápido que conseguisse, pois, deveria ter saído quando ainda era noite, sempre foi assim o combinado, mas tentaria burlar essa regra, ela tinha assuntos importantes, de suprema urgência.

— Não quer tomar um banho? — Andres a surpreendeu.

Quando Lilian se virou, o viu secando seus cabelos e apenas com uma toalha em volta da cintura. As gotas de água, escorrendo por seu corpo, o deixavam ainda mais sexy, mais poderoso do que ele já era.

— Preciso ir — explicou ela.

Andres sorriu.

— Você vem até a mim — disse ele, indo até onde ela estava, no meio do tapete persa de cor marrom e vermelha. — *Me pede um carregamento muito maior que o esperado.* — Solta a toalha sobre a cama e com as duas mãos encaixa nos cabelos bagunçadas dela. — Trepá comigo até cair no sono e vai embora, assim... sem nem ao menos pensar nas consequências?

Lilian engoliu seco.

— Do que você está falando? — inquiriu ela, com voz branda.

— Você só sai daqui quando anoitecer — decretou ele, olho no olho.

— Você está brincando comigo?

— Tchu... tchu... thu — Ele tinha um olhar sedutor. — Não posso correr o risco de que alguém a veja. É dia, tem muitos funcionários que não confio. Fique no quarto até o anoitecer. Prometo que almoçaremos juntos — ele beijou os lábios dela. — Faremos amor até anoitecer, então você pode sair.

— Mas... Andres... — Lilian ficou nervosa, ela tinha que ficar com Lídia o quanto antes.

Com a explosão da casa, não sobrou quase ninguém que trabalhasse para os serviços ilícitos da família e Lídia estava muito exposta, precisava da ajuda da irmã, assim Lilian estava deduzindo.

— Sabe quais as normas — lembrou ele, dando um beijo mais ardente. — Se quiser minha ajuda, seja boazinha.

— Pelo visto, nenhuma ligação daqui muito menos no meu celular? — disse Lilian desanimada.

— Boa menina — disse ele, a pegando nos braços e levando Lilian para cama novamente.



LÍDIA CONSEGUIU DORMIR um pouco e quando acordou tentou falar com sua irmã Lilian. Nada. Em seguida pensou em Lina, mas o número que ela deu só caía na caixa postal. Bufando com raiva, Lídia jogou o celular na cama e foi para o banheiro.

Um banho demorado e quente poderia ajudá-la a pensar. Estava em perigo e precisava de soluções rápidas. Quando alguém, seja quem for da não confiança dela, soubesse que não tinha produto nenhum, que seus seguranças e trabalhadores estavam escassos e que ela não sabia a quem recorrer para buscar a matéria-prima, ficaria em situação muito complicada.

Depois do banho, vestiu uma calça social de cor cinza e uma blusa social vermelha. Organizou uma bolsa e saiu do quarto para tomar um café e saber se Coby tinha boas notícias.

— Se fosse para juntar tudo — disse Coby, com olhar cansado —, não daria nem mesmo vinte quilos de pasta, não valeu a pena tirar de quem nem mesmo tem.

— Merda! — Lídia pegou a xícara de café e tomou, sem sentar-se à mesa posta. — Não faço ideia do que irei fazer!

— Eu sinto muito, dona Lídia. Fizemos o que deu nessa madrugada.

— Eu sei, Coby — Lúdia reconhecia os esforços de seu segurança. — Eu só queria saber porque Lilian não me procura, não me dá notícias.

Lúdia temia não só pelos negócios que ela começou a administrar agora, mas pela segurança da sua irmã.

— Tenho uma péssima notícia — Coby se adiantou.

Lúdia o olhou com atenção.

— Então diga, acho que cabe mais uma... — ela cruzou os braços e esperou ele dizer.

— Os Dalians mataram alguns homens que serviam aos chefes dos cartéis, dos que compunham a mesa...

Lúdia ficou ereta, descruzando os braços, ela sentiu o coração gelar.

— Eu acho melhor a senhora sair do país por um tempo — Coby aconselhou. — Imediatamente para ser exato!

Lúdia se sentou. Os Dalians declararam guerra, isso já era previsto, mas nas condições que Lúdia estava, ela seria a próxima da mesa a ser morta.

— Procuro sua irmã e mando-a para onde a senhora for, mas sugiro que saia da cidade o quanto antes. Na situação em que nos encontramos, somos alvos fáceis e frágeis.

E então Afonso iria ganhar terreno, vencer a guerra, pois sem a família Garcia na cidade, ele ganha mais voz - assim como Fernando - e eliminarão os Dalians logo em seguida. Saindo assim a família Aguiar vitoriosa, enquanto a Garcia só se destrói, se desfaz, escondida e com medo.

— Não! — disse Lúdia decidida. — Não vou fugir. Nunca fugi de nada na minha vida, Coby. Posso não ter a influência que todos eles têm, mas desistir, não!

— Mas dona Lúdia...

— Ligue o carro, nós vamos visitar meu pai, ver como está a segurança por lá. Vá até o laboratório, que fica no mesmo hospital, e pegue o exame que mandei fazer com o cabelo de Fernando, tanta coisa acontecendo que acabei esquecendo de Petra.

— A senhora tem certeza? — Coby temia pela vida de sua patroa.

— Nunca tive tanta — disse ela, determinada, pegando sua bolsa e saído de casa.

A visita ao hospital foi quase em vão, depois de encontrar o médico que atendia a Gonçalo, Lúdia soube, por ele, que depois da visita de Lilian seu pai passou mal e estava em observação, adiando a cirurgia e suspendendo as visitas.

Coby foi buscar o exame que Lúdia pediu e ela ficou esperando com mais um segurança no corredor. Quando Coby trouxe o que ela esperava, Lúdia colocou na bolsa e saiu do hospital deixando instruções para que nenhum

segurança saísse de perto da ala em que seu pai estava internado.

— *Me leve para o cemitério* — pediu Lídia, saindo do hospital, colocando seus óculos escuros. — Pare em uma floricultura no caminho. Quero deixar rosas para minha mãe.

Assim Coby fez. Temerosos, atento a todo o movimento e carros que se aproximavam do dela, ele comprou flores, e levou-a ao cemitério.

— Nunca vou esquecer o que lhe prometi — disse Lídia, colocando o buquê de rosas sobre o túmulo de Manoela. — Seja lá quem a matou, só sei de uma coisa, Afonso quem trouxe a desgraça para nossa família... e ainda continua vitorioso, apesar de tudo. Ele levou Lina depois de chantagear a senhora, a maltratou de todas as formas, matou minha amiga, vem destruindo nosso patrimônio, nossa família... ele precisa parar, mãe, precisa ser detido ou não sobrara uma Garcia para contar a história. Mas serei forte, e irei até o fim, por você, por Petra, por nossa família, eu prometo...

Lídia se ergueu, limpando a terra de sua mão e caminhou para visitar a lápide de Petra.

Quando organizou o corpo da amiga, para mandar à família, ela tinha pedido para que a funerária fizesse uma lápide em homenagem a Petra naquele mesmo cemitério para que pudesse orar por ela e deixar flores.

O que fez Lídia se surpreender foi que ali bem próximo, estava a lápide de Kali e um arrepio percorreu todo seu corpo, raiva e ódio, não sabia ela de onde vinham tantos sentimentos ruins, mas de uma coisa ela sabia, se não fosse rápida, terminaria como cada uma daquelas mulheres.

Lídia inclinou-se para tirar as rosas murchas que tinha em um pequeno vaso na lápide de Petra.

— Qual o motivo de ele ter matado você? — Lídia se questionou em sussurros.

Coby estava próximo a ela, olhando para todos os lados.

— O que você fez ou não fez para Afonso lhe matar? — Emocionada, Lídia pegou o exame de DNA, abriu o envelope com cuidado e, com medo do que poderia ter ali, ela fechou os olhos por um segundo.

Coby percebeu que Lídia não estava bem e se aproximou dela.

Com cuidado, ela abriu os olhos, e leu o que tinha escrito, o resultado, e o que dizia o exame.

Ao ler aquela pequena palavra, ela sentiu o estômago embrulhar, o mundo girar e ficar cinza.

— Dona Lídia — Coby estendeu a mão para ela. Lídia a segurou e se ergueu. — O que posso fazer pela senhora? Não podemos ficar aqui por muito tempo.

Lídia o olhou com desânimo. Cansada, sem saída, decepcionada e com uma dor no peito que ninguém conseguiria tirar, ela disse — *Me leve para casa de Fernando* — disse ela com voz emocionada —, temos muito o que conversar.
— Como a senhora quiser — disse Coby, tirando Lídia do lugar.



FERNANDO SEMPRE TEVE o hábito de acordar muito cedo. Fazer uma hora de exercícios, às vezes uma corrida. O café da manhã sempre reforçado, acrescentado com pílulas de proteínas.

A noite que teve foi muito agradável. Lídia, por exemplo, o deixou louco de desejo, ardente e nada mais justo que se aliviar da melhor forma ao chegar a casa...

Ele soube, assim que sentou à mesa e leu no jornal, sobre os atentados feitos pelo grupo dos Dalians. Fernando já sabia que eles não iriam gostar muito de serem alvo do cartel, mas foi preciso, assim como está sendo necessário organizar uma equipe para contra-atacar os infelizes.

— Teremos um almoço em família hoje e quero que chegue pontualmente — exigiu Fabíola, sua mãe.

Fabíola foi a primeira esposa de Afonso, aquela pela qual viu ele crescer, pois quando ambos se uniram em matrimônio, Afonso não tinha nada.

Sempre foi muito protetora com Fernando, e o criou conforme Afonso desejava, apesar dos mimos que Fabíola lhe dava sempre que possível.

Quando Fernando serviu o exército, muito jovem, ela chorou como se o mesmo tivesse ido para guerra. No entanto, seu coração ficou feliz, quando Afonso decidiu colocar Fernando para trabalhar nos negócios da família, assim que atingiu a sua maioridade.

Desde então, Fernando se tornou venerado por sua mãe. Quando a união dele com Kali, era do gosto dela, gostava da moça. Mas agora, com Ada na mansão e nos cuidados de Fernando, Fabíola estava enciumada. Não confiava em Ada nem mesmo a olhando de muito perto.

— Tenho muita coisa para fazer — Fernando disse, fechando o jornal, que sempre gostou de ter na mesa, e olhou para Fabíola.

— Tem meses que você não faz uma refeição comigo — replicou Fabíola, se levantando. — Não vou discutir. Como eu trouxe sua hóspede, ela vai comigo, mande-a ir para o salão, no andar do saguão, estarei esperando-a lá. — Ela se inclinou e beijou o topo da cabeça de Fernando.

— A senhora tem um outro filho, sabia? — lembrou Fernando. —

Edmund, mesmo não sendo filho de Afonso, precisa ser tratado com o mesmo empenho que a senhora tem por mim.

— Não seja tolo! — retrucou Fabíola. — Ed é um bom homem e não me dá trabalho em nada, já você...

Ela deu as costas e saiu do apartamento do filho.

Quando Fabíola desceu, encontrou Lúdia entrando no prédio. Fabíola sabia que a mulher que seu filho passou a noite detestava Lúdia, e Fabíola também não era lá muito fã da senhorita Garcia.

— Lúdia? Que surpresa! — Fabíola abordou-a.

Por educação, Lúdia parou e a cumprimentou.

— Fernando está em casa? — Lúdia tinha urgência.

— Sim, claro! — Fabíola a levou até o elevador. Com a companhia de Fabíola, nenhuma segurança iria barrar a entrada de Lúdia até que Fernando liberasse.

Elas não trocaram palavras. Lúdia não ia muito com a cara de Fabíola, a mesma nunca foi de se aproximar, nem mesmo olhar para ela, quando ambas estavam no mesmo lugar. Contudo, mesmo desconfiando da cortesia que Fabíola estava lhe dando, Lúdia estava com a cabeça borbulhando, ansiedade consumindo sua paciência para ver Fernando, falar com ele.

Quando chegaram no andar que Fernando morava, Fabíola deu ordens para que Lúdia entrasse, e foi o que fizeram. Com um sorriso de agradecimento, logo depois ela passou pela porta aberta.

O dia de Fernando estava todo programado. Faria algumas ligações, mandaria o pessoal para os laboratórios para receberem a mercadoria que Lúdia iria enviar até o final do dia, saber como andava os negócios no hotel cassino e depois visitaria Antônio.

Contudo, sempre surgem imprevistos.

A agenda noturna de Fernando estava reservada para Lúdia Garcia, embora ele adorasse vê-la, naquele momento, não era uma boa hora para se encontrarem.

— Lúdia? — Fernando se ergueu rápido da cadeira.

Ela ficou parada. Depois de passar pela porta e a escutar ser fechada atrás de si, Lúdia sentiu um gelo no estômago que não estava habituada.

— Pensei que iríamos nos vermos à noite — o olhar de Fernando estava confuso.

Lúdia não conseguiu soltar as palavras que se emaranhavam na sua cabeça. E ainda em silêncio, ela viu Fernando se aproximar. Ele estava vestido apenas com uma calça de seda azul-marinho, parte de sua roupa de dormir. Quando ele ficou mais perto, ela pôde perceber alguns arranhões, feitos por

unhas afiadas, no peito dele, pela cor eram recentes.

Ela sabia que Fernando nunca foi nenhum santo. Também tinha ciência que ambos não tinham um compromisso, e que mesmo depois das coisas que ele lhe disse e fez, na sala de reunião, não tinha o direito de intervir na vida dele. Fernando era livre, e a única coisa que estava procurando em uma mulher era sexo, aventura, e com Lúdia não seria diferente.

— Acho que não é uma boa hora — comentou Fernando, percebendo o que Lúdia deduziu em seu peitoral, na forma em que ainda estava vestido e na surpresa que ele demonstrava no olhar. — Mas se for urgente — prosseguiu ele, percebendo em Lúdia os olhos frios e distantes. — Podemos conversar na ida a meu escritório.

Lúdia umedeceu os lábios. O ar do apartamento dele estava diferente que da última vez que entrou ali – e ainda mais quando saía. O ar daquele instante, estava espesso e estava a empurrando para fora.

— Você está me deixando preocupado com seu silêncio — Fernando tentou tocar no ombro dela, mas Lúdia se afastou a tempo. — Algo sobre o carregamento? A mercadoria?

Era apenas disso que ele precisara, além do sexo, é claro, pensava ela, ao invés de dizer o que de fato foi fazer na casa do seu 'inimigo'.

Como sou tola! — Lúdia se repreendia. Ele é filho de Afonso, um Aguiar, o tipo do homem que é capaz de matar quem ama para não perder o poder.

Aquela voz sedutora, carinhosa, os toques possessivos, a excitação, os planos... era tudo com intenções contrárias a que ela tinha.

São apenas negócios, Camilo!" – Lúdia lembrou o que Fernando disse, ontem à noite, depois que Camilo pegou ambos quase transando sobre a mesa, na qual muitos já morreram.

Alinhando o olhar ao dele, endireitando a postura, Lúdia foi direta no assunto em que lhe levou para a casa de Fernando, antes do combinado.

— Negócios — disse ela, em um tom seco.

Fernando notou que Lúdia estava diferente. Poderia ser, pelo simples caso de chegar em um momento em que ele tinha uma companhia que ela nem mesmo teve o desprazer de ver, ainda.

Mas Lúdia não estava fodendo para aquilo, a única foda que ela tinha em mente era com a família inteira, embora tivesse flutuado com a ideia de ter algo – sexual – com Fernando, naquele momento a ideia apagou-se, e outra estava acesa em sua mente, no seu caminho.

— Quer ir comigo para o meu escritório? — sugeriu ele.

— O que tenho para lhe falar — disse ela com o olhar duro e frio — qualquer um pode escutar, até mesmo uma puta.

Fernando respirou profundamente, passou as mãos em seus cabelos e deu as costas para ela. Andou até a mesa e pegou uma camiseta cinza. Vestiu-a e voltou para onde estava, próximo a Lília.

— Quer que eu lhe sirva café? — inquiriu ele, apontando para o sofá para que ela se sentasse.

— Estou bem — disse Lília sem se mover.

— Então..., qual o assunto?

— Um novo contrato, um acordo mais seguro, uma união mais forte — disse ela de uma vez.

Fernando estreitou os olhos, confuso, ele esperou que ela desse continuidade antes de qualquer questionamento que fizesse.

— Garcia e Aguiar — completou Lília.

— Um novo contrato de sociedade? — Fernando quis saber. — Se for isso, preciso saber o motivo, e lhe deixar a par que sua família é a mais beneficiada por nos fornecer a pasta para os laboratórios.

— Outro tipo de sociedade — explicou Lília, mas não tão claro.

— Que tipo você está sugerindo?

Ela quis dizer em disparada, mas a palavra lhe pesava na língua e lhe amargava a boca.

Entretanto Fernando não era bobo. Sentiu o caminho que ela estava querendo lhe mostrar, o tipo de assunto que a motivou ir a sua casa tão cedo naquele dia.

— Querer ficar com você — disse ele, apontando para Lília, com voz grave — não lhe dá o direito de pensar que estou lhe amando!

— Falei sobre amor, Fernando? — interrogou ela, com a mesma frieza que tinha no olhar. — Você disse ontem, depois de me deixar excitada em seus braços, disse com palavras claras e bem polidas, para Camilo, que tudo não passava de negócios.

Fernando sorriu sem ânimo. Detestava dizer não para ela, mas o que Lília queria propor, sem nem precisar pronunciar o nome do acordo, era demais, era além do que ele poderia lhe dar.

— Você se sentiu ofendida por eu ter sido claro? — Fernando estava sentindo um calor, mas não era outra coisa além de nervoso, o sangue correndo rápido em suas veias.

— Não — disse Lília com sinceridade. — O fato de tocar no assunto é apenas para mostrar que tenho a mesma perspectiva que você, o mesmo horizonte, apenas quero trilhar um caminho diferente.

— Não! — disse ele em bom tom. — Não farei acordo nenhum em suas condições.

Era como ver o diabo correr da cruz, do martírio que deveria – por direito – passar.

"Sua meta é maximizar o ganho e minimizar as perdas" — aconselhou Paolo, cortando as cartas de baralho em uma pequena mesa de pôquer, no bar que ambos se encontravam para conversar um pouco. — "As vezes um 2 é mais válido que um Ás".

E para ter 2 na mesa, Lídia precisava de Fernando.

Era um jogo arriscado, muito perigoso, precisaria estar bem fisicamente e psicologicamente, mas apenas o físico dela estava aguentando tudo. Lídia se sentia um toro de raça, mas seu psicológico estava em frangalhos, ainda assim, ela queria jogar, pra ganhar.

— São as únicas que tenho para oferecer — disse Lídia, erguendo uma sobancelha, irritando mais Fernando.

— Primeiro Camilo...

— Se não tivesse nos flagrados ontem à noite, lhe garanto, não estaria aqui — Lídia disse, dando um passo à frente, com tom perigoso. — Estaria fechando o acordo com ele, e quem sabe... selando na cama.

— Eu sou o culpado?

— Não falo de culpa, Fernando.

Quando ele escutou o seu nome sair em tom tão sério, percebeu que o assunto entre eles ainda iria aborrecê-lo muito mais.

— Você não se atreveria trepar com meu irmão depois de ter feito comigo! — A visão dele ficou turva de ódio.

— Não sou sua propriedade — disse Lídia, abrindo a bolsa com descrição, quando Fernando olhava para o teto, tentando respirar, não explodir.

Com passos pesados, ele foi até a mesa, pegou um copo com água e tomou, indo para o centro da sala.

— O que fez você pensar que eu, Fernando Aguiar, iria querer unir a sua família com a minha em uma reunião mais íntima, além daquela que meu pai propôs para o seu?

O maxilar dele apertava, enquanto olhava Lídia com ódio.

— Estou sem meu pai — disse Lídia, prosseguindo com o jogo. — Minha irmã mais velha desapareceu, e os Dalians estão atacando...

— Te dou mais homens — disparou Fernando. — Um lugar seguro para ficar. Até você se organizar.

Era pouco para Lídia. Ela precisava ver as cartas da família Aguiar serem descartadas, as fichas sem valor.

— Se eu estivesse interessa nisto, teria lhe pedido — Lídia não iria desistir. — O que me oferece já está sendo providenciado. Vai aceitar o acordo

que tenho?

— Mas que merda, Lília, já disse que não! — Fernando alterou a voz. — Nada me fará mudar de ideia.

Lília umedeceu os lábios, precisava de um copo com água também, mas não quis pedir, mostrar o mínimo de fraqueza, o mínimo..., mas maximizar os ganhos...

Ela não tinha as cartas suficientes, e pelo histórico do jogo, depois de ver cada carta ser descartada e enterrada sem uma explicação, sem um culpado...

Manoela...

Petra...

Ambas se foram.

— Nada fará você mudar de ideia? — Lília o provocou, com desejo de socar a cara dele.

— Nada! — enfatizou com olhar raivoso.

Era a hora de blefar.

— Nem mesmo uma única caixa saíra do meu armazém para suprir os laboratórios — disse ela, com firmeza na voz, a eloquência quebrando as estruturas do novo chefe do narcotráfico do Mercosul. — A sociedade quebrada.

— Você não faria isso — Fernando sorriu sem ânimo. — Isso vai lhe quebrar.

— Descobri que temos um comprador em potencial — continuou com o blefe, era arriscado, mas precisava ganhar aquela jogada, arruinar de uma vez os Aguiar.

— Mentirosa! — Fernando perdeu as estribeiras. — Pare! — Apontou para ela, com ódio enegrecendo seus olhos azuis. — Você não tem o direito de me passar para trás por causa da porra de um...

— De um...? — provocou Lília.

— Não vou me casar com você, Lília!

Com cuidado, Lília tirou um papel da bolsa e estendeu para Fernando.

— O que tem na porra desse papel? — Fernando não pegou.

— A quebra do contrato, aquele que meu pai fez na noite em que nos conhecemos, lembra? — Tinha um brilho nos olhos dela que Fernando não conhecia. — Assine e eu vou embora. Não serei mais membro da mesa como sócia do cartel, mas estarei livre para vender para qualquer um que queira crescer, ser muito maior que vocês. Por exemplo, os mexicanos.

As expressões do rosto de Fernando estavam duras, repulsivas diante da ousadia de Lília. Os mexicanos eram a segunda potência em relação às drogas no mundo, eles, com mais produtos e de boa qualidade.

Depois de anos de lealdade à Gonçalo, a filha dele, a mais nova, a quem

entrou no comando dos negócios há poucas horas, estava desfazendo um contrato de sociedade exclusiva onde deixaria Fernando em situação difícil para com seus compradores e as finanças do cartel.

Ele era o novo chefe, e como chefe tinha que tomar atitudes importantes para o bem de um todo.

— Vamos Fernando! — Lília incentivou. — Quebre este ou concorde com o meu.

— Fernando? — Ada apareceu na sala, apenas com um cobertor cobrindo o corpo, assustada por ter acordado com gritos na casa. A visão dela era apenas as costas largas dele, não conseguia ver a mulher que estava na frente dele.

Fernando não respondeu, mas Lília sabia de quem era a voz e fez questão que a foda da noite de Fernando a visse ali.

Ada engoliu em seco quando viu o olhar julgador de Lília.

Com ira, porque estava sendo chantageado, encurralado, ele jogou o copo que tinha, na direção dela, mas apenas para assustá-la, o copo bateu na porta e explodiu. O corpo de Lília ficou tenso. Os olhos de Fernando diziam uma única coisa, matá-la. Apertando os punhos, Fernando avançou na direção de Lília. Por reflexos ela deu um passo para trás, batendo na porta. Fernando arrancou o contrato, que tinha com a família Garcia, das mãos dela e rasgou ao meio.

— Já conheceu o inferno, Lília? — Ele a pegou pelo pescoço, apenas para prendê-la à porta, amedrontar, fazer Lília se arrepender logo do início. Ela não disse nada, mas não baixava o olhar, não se intimidava. — É isso que você vai conhecer cruzando meu caminho, entrando em minha vida.

— Não esqueça, Fernando — disse ela, desejando matá-lo. — O seu reinado vai ter que ter dois tronos, e eu serei a que vai se sentar ao seu lado. Queira você sim, ou não. Eu não tenho medo do inferno.

Ela blefou e ele pagou, mas apenas um sairia ganhando da mesa.



MATAR! ERA O ÚNICO desejo que os olhos de Fernando falavam, declararam em tom sem ruídos. Casar-se com alguém que ele não confiava, era o mesmo que uma prisão, se unir com quem ele não amava, era o mesmo que querer sufocá-lo. Para Lília, não era diferente, embora não o amasse, ela tinha seus motivos para se aliar aos Aguiar.

— Não tenho medo de você — Lília o enfrentou.

— Pois deveria! — Fernando rebateu.

— *Me solte!* — Lídia o encarava com o mesmo ódio que ele lhe oferecia.

— Eu te julguei erroneamente, Lídia — ele disse, com os traços do rosto contraído. Fernando estava odiando aquela mulher, e faria de tudo para que ela se arrependesse da atitude que o deixou encurralado. — Pensei que fosse diferente. Mas você é, de fato, a *vadia* que meu irmão disse que era. Um gavião prestes a dar o bote na presa mais próxima, mais promissora.

Lídia sentiu a mão dele esquentar o seu pescoço, deixar o toque ainda mais desconfortável.

— Mande-me soltar! — Ela elevou o tom, gritando na cara de Fernando.

Fernando sentiu algo duro tocar em seu abdômen, quando baixou o olhar, viu um revólver na mão dela. Quando Lídia destravou a arma, se sentiu em vantagem, mesmo que ela não fosse atirar – também ele não precisava saber –, então continuou com a ameaça, apertando o gatilho.

Ada olhava para a cena sem saber o que fazer, como agir, o que falar, o medo deixou seus pés congelados no chão.

Fernando a soltou e, dando um passo para trás, ele engoliu seu orgulho. Contudo, a raiva quebrando tudo de bom que ele teve um dia por Lídia.

— *Vadia?* — Lídia tinha o queixo erguido. — Para os sábios, vadia é quem vive uma vida amoral sem se prostituir, embora isso não fique muito longe da vida que temos, Fernando. Para os tolos, vadia é a forma baixa de se dirigir a uma mulher, talvez... até a mesma para mulher pela qual você implorava por um beijo, por um toque, por uma transa há algumas horas. — Ela pausou e comprimiu os lábios por um instante, quando o deixou de fazer foi para dar um sorriso leve, debochado. — Contudo, acho injusto que, o substantivo titulado a mim, se colocarmos no masculino, não teremos tanto peso, mas ainda assim posso lhe dizer que você também não deixa de ser um vadio. — Ela olhou para Ada, apenas para perder um pouco do tédio de olhar para a carranca de Fernando. — Veja Ada! *És* uma vadia também, não é mesmo? O corpo da sua irmã mal esfriou e anda abrindo as pernas para seu cunhado. Ah merda! — Gargalhou. — Estamos em bando! — Bateu palmas. — Um bando de vadios! — ela se divertia, era a forma mais dolorosa de mostrar que poderia ser indiferente aos sentimentos expostos por ambos naquela sala.

Ada quis que o chão se abrisse. Fernando, que Lídia calasse a porra da boca!

— Quando acha mais adequado casarmos, querido? — Lídia deixou a bolsa cair e colocou o revólver na cintura, colocando as mãos no quadril, esperando pela resposta de Fernando.

— Casar? — Ada se virou para Fernando. — Você vai casar com ela?

Fernando não conseguia parar de olhar para a petulante que lhe

encurralou, ameaçou e lhe prendeu em um contrato ridículo.

— Vai para o quarto, Ada! — Fernando mandou, com voz muito grossa de tanto gritar.

— De forma alguma — Lídia se adiantou, indo para perto de Ada. — Tomaremos café juntos. A conversa me deu fome. — Lídia pegou Ada pelo cotovelo e a fez sentar-se à mesa. Depois ela se sentou, tirou um papel do bolso, algo como alguns termos e exigências para as cláusulas do acordo, que ela fez no caminho para a casa de Fernando e colocou ao seu lado, sobre a mesa. — Sente-se, Fernando. — Cruzou as pernas e olhou para Ada. — Você acredita que hoje, muito cedo, eu fui ao cemitério?

Ada engoliu em seco. Os cabelos uma bagunça a face pálida.

— Tenho quase certeza que encontrei rachaduras no túmulo de Kali — continuou Lídia, despreocupadamente, servindo-se de café puro. — Provavelmente, a pobre da Kali estava se revirando no túmulo enquanto a única irmã que ela tinha trepava com o marido dela. Quer café, querida? — Lídia pois café na xícara de Ada, mesmo sem ela pedir. Depois tomou um pouco do seu café, com olhos divertidos pela cara de pânico que Ada fazia. — Ah, não quis lhe preocupar — Tocou a mão de Ada e a sentiu muito fria e trêmula.

Fernando se aproximou da mesa, sentando de frente para Lídia, a encarando duramente, esperando até onde ela iria com o teatro, com as humilhações.

— Eu te deixei com medo? — Lídia tinha um tom de falsa preocupação.

— Para com isso, Lídia — Fernando ordenou.

Ada estava deslocada, envergonhada e temerosa. Sabia que poderia sentir-se culpada depois de dormir com Fernando, embora o desejo a consumia hora a hora para estar com ele. Era precoce, ela sabia, mais tudo isso só se deu porque ela não sabia o que fazer com a atração que cresceu no primeiro momento em que ele a tocou com carinho, com ternura. Depois da situação posta, Ada se sentia um lixo e Lídia estava colaborando para isso, ainda mais. Sem querer, mas por ser fraca, os olhos dela começaram a encher de água.

— Qual o problema de alertar a garota que o corpo da irmã pode estar de bruços agora, tentando se virar? — Lídia debochou, sem pena alguma.

Ada se levantou rápido e saiu da sala com lágrimas descendo pelo rosto.

— Coitadinha — Lídia fez um som com a língua. — Se eu fosse vocês, compraria velas e rezaria para a defunta chifruda.

— Já chega! — Fernando deu um soco na mesa, fazendo o café de Lídia e o que ela colocou para Ada, derramarem.

— Grosso! — disse ela em tom alto.

Fernando virou a mesa que tinha entre eles, deixando Lídia um pouco

sem ação. Mas ela se adiantou e pegou o papel que trouxe para ele ler e assinar, em seguida autenticar.

Lídia soprou migalhas do pão folhado que caíram no papel.

— Bem... — começou ela, mostrando o papel à Fernando. — Se rasgou o contrato que rompia nossa sociedade, acho que posso interpretar como um 'sim' para o meu novo acordo com a família Aguiar.

Fernando pegou o papel, sem nenhuma delicadeza.

— Aí tem alguns termos para que possamos nos dar bem no acordo — Lídia pegou um cacho de uva que ainda estava intacto sobre a toalha da mesa —, assim que selado, é claro.

Fernando corria os olhos para aquele papel.

— Não trair — ditou Fernando alguns pontos relevantes. — Comunhão de bens universal. — Ele sorriu com ironia nessa parte. Era claro que ela queria a fortuna também. — Agressão física... — Fernando balançou o papel, indignado, não pelo fato de não poder dar umas boas pancadas em Lídia quando lhe desse vontade, mas pela injustiça posta no termo. — Quero ressaltar que você é a única que ergue a mão aqui!

— É eu sou um pouco agressiva as vezes, mas vou mudar. — Lídia comeu uma uva. — Só por você — brincou.

Fernando leu mais um pouco, depois desistiu, encostando-se na cadeira, ele a encarou com uma enorme interrogação no rosto.

— Por que está fazendo isso comigo? — Tinha tristeza e cansaço na voz dele. — Pelo amor de Deus, Lídia, eu vou matá-la. Não me faça chegar a esse ponto. Desista da ideia. Por você!

Ela deixou o cacho de uva no chão, ajustou o revólver à cintura e olhou para Fernando.

— Esse é um tipo de acordo que me dá segurança, quanto à sua família — Lídia foi sincera. — Não sou tola, Fernando, sei muito bem que foi seu pai quem mandou explodir a casa que cresci, com intuito de matar todos nós.

— E mesmo sabendo disso, você quer entrar para a família? — Fernando estava confuso. — Isso não faz sentido.

Mas para Lídia fazia. Ela tinha seus planos ocultos, e precisava vencer o primeiro obstáculo, casar com Fernando.

— Para mim faz — Lídia olhou para Fernando, agora com menos raiva que quando chegou. Ela não sabia se era a forma que ele a olhava naquele momento, pelo balançar de cabeça, indignado, por fazer algo que ele não queria, mas ela não estava mais com a raiva explosiva, a mesma que enfrentou Fernando em sua fúria.

— Quer se casar comigo, mesmo sabendo que não quero? — inquiriu

Fernando, ainda perturbado com a ideia e com o acordo.

— Quero.

— Quer ficar com um homem que não vai fazer você feliz, Lília? Isso é loucura!

Se ele não conseguia fazer ela mudar de ideia na ameaça, tentaria na realidade que ambos estariam prestes a viver.

— Não estou em busca do amor, Fernando.

— Certo, negócios, você deixou isso bem claro, assim como você esclareceu para Camilo ontem à noite.

— Exatamente. — Lília respirou profundamente.

— Não quero me casar com você, Lília — disse ele, com sinceridade e voz mais calma.

— Eu sei.

Lília quis deixar claro que não estava se fazendo de desentendida, embora estivesse pouco ligando para o que Fernando pensava sobre o acordo, o que só queria era terminar essa conversa de uma vez, firmando os termos e marcando um dia para assinarem o contrato de matrimônio.

— Acabei de sair de um casamento que não durou até a lua de mel.

— Acho que já superou... — disse ela, apontando na direção em que Ada havia sumido para chorar.

— O que faço da minha vida, é problema meu!

— Mmm... Acho que não mais, assim que você assinar esse papel.

Fernando se levantou, revoltado, andou para o corredor que Ada havia entrado. Segundos depois ele voltou, e estendeu o papel para Lília.

Quando Lília viu a assinatura dele logo abaixo, teve o desejo enorme de acabar com tudo, pois ela não só se sentia mal por estar no lugar dele, como também sabia que iria sofrer na mesma mão que assinou o acordo.

Ela se deteve um pouco. Parecia que depois de Fernando ter aceitado e assinado, tudo ficava mais claro, era hora de casar.

— Quando o acordo for autenticado, acho que podemos ver com os advogados a papelada do contrato no civil.

— Quanto a isso, eu me encarrego — disse ele em tom seco.

Fernando tinha contatos com juizes, e sabia que dessa forma o documento seria liberado rapidamente para o casamento no civil.

— Duas semanas ou menos — disse ele, sem nenhuma empolgação. — No máximo, estaremos nos casando.

— Tudo bem. — Lília apertou os lábios.

— Como pensou que seria seu casamento? — Fernando quis saber.

Lília pegou o papel, dobrou e guardou no mesmo bolso que havia tirado.

— Como qualquer um — disse ela, dando de ombros. — Vestido branco. Bolo. Feliz... Amando..., mas isso não importa mais. As coisas tão importantes quanto sonhar com um casamento feliz.

— Eu vou lhe dar esse casamento. Claro que teremos um jantar de noivado antes — disse Fernando, para a surpresa dela. — Mas vou dar uma festa. Vou vestir um terno. Vou mandar fazer um bolo do seu gosto. — A voz dele foi modificando e Lúdia percebeu no mesmo instante que Fernando se aproximava dela. — Um vestido da sua preferência. Sua família e amigos vão estar lá. Muito champanhe. Música. Tudo o que um casamento tem direito.

Ele colocou a mão no bolso, tirou um solitário, o mesmo que deu à Kali, em um noivado feliz, onde ambos se amavam.

Lúdia deduziu que poderia ser da esposa morta, mas não disse nada, deixou Fernando esvaziar sua frustração.

— Eu lhe darei presentes — continuou ele, pegando a mão de Lúdia e escolhendo o dedo. — Teremos uma lua de mel e lhe darei o prazer que você me pedir. — Ele começou a pôr o anel no dedo, olhando para Lúdia perigosamente. — Mas depois, Lúdia Garcia. — Ele empurrou o solitário com tanta força, que Lúdia sentiu o dedo latejar, e ainda segurando a mão e o dedo que enfiou o anel, ele prosseguiu — Depois, você esqueça do Fernando compreensível que você conheceu um dia. Dos carinhos que lhe dei e vou lhe dar na nossa viagem. Porque, depois de tudo isso, eu vou fazer você se arrepender por ter me feito casar com você!

Lúdia ergueu o queixo, como se não se intimidasse, mas por dentro, ela sabia que ele estava falando sério, e iria se empenhar para cumprir o que prometeu.



LÚDIA CONSEGUIU VER a dor nos olhos dele, a revolta e confusão que estava trazendo para a vida de Fernando. Era esperado. Ela sabia. Entendia o que estava fazendo.

Contudo, também sabia que Fernando era capaz de fazer muito pior, como por exemplo, matar quem ele gostava para manter os negócios equilibrados, e Lúdia não estava fazendo diferente. Ela precisava com urgência e desesperadamente se agarrar a esse casamento.

Fernando era um homem vil, ambicioso e que não perdoava quem mexesse com seus interesses. Sim, ele era um narcotraficante que nunca media esforços para deixar a ordem no seu comando, e não seria Lúdia que faria ele

mudar a forma que ele lidava com isso.

Lídia sabia bem disso, entretanto, ela não tinha fé que ele mudasse, apenas iria tentar conviver da melhor maneira possível enquanto tentava quebrar Afonso, que conseqüentemente, era a família Aguiar.

— Teve uma coisa que você deixou passar nesse contrato — disse ele, ainda segurando o solitário no dedo de Lídia.

Ela franziu a testa, confusa questionou — O quê?

— Não tem seu nome nele, apenas o sobrenome — explicou Fernando. Mas Lídia ainda não entendeu o que ele queria dizer com aquela ressalva, no entanto, quando ele sorriu, como um diabo vitorioso por ganhar mais uma alma que se perdesse, o coração de Lídia gelou.

— Lilian é muito bonita — prosseguiu Fernando. As costas de Lídia ficaram tensas. Ela engoliu com dificuldade. — Parece ser muito doce — segurando o queixo de Lídia, continuou — Deve ser muito safada na cama.

Ele queria humilhá-la, rebaixar a mulher que estava querendo lhe prender em matrimônio. E Fernando não iria parar.

Ficar com a outra irmã, para selar o acordo, não era nada mal, mas Fernando não teria a chance de mostrar a Lídia que, de todas as decisões que ela fez na vida, ele seria a péssima, a pior, a única que ela se arrependeria, que sofreria até não aguentar mais.

Embora Fernando estivesse conseguido atingir as estruturadas de Lídia, ela não iria baixar a cabeça, faria suas habilidades de se safar, sobressair o medo que sentia de ver sua irmã nas mãos de Fernando.

— Uma frígida incorrigível — disse Lídia, sem vacilar. — Não deixa de ser uma ótima ideia. — Ela odiava o que dissera, mas sabia bem como lidar com Fernando. — *Me* pouparia muitos esforços, mas você leu o contrato todo? *Me* refiro a quebra das cláusulas.

Fernando ergueu uma sobrancelha, esperando saber qual a carta que ela iria colocar na mesa e virar o jogo dele.

— Sim, eu li.

— Mas vou lhe refrescar. Para cada quebra de cláusula um cônjuge ganha um patrimônio do outro — lembrou Lídia. — Por exemplo, se eu lhe ver com outra. Escolherei qual patrimônio seu vou me apossar. Tem uma das cláusulas que fala sobre expor, humilhar o outro em público, e para cada atitude dessa um milhão será pago para ressarcir os danos morais.

— Sim, eu sei, mas o que implicaria eu me casar com sua irmã?

— O simples fato dela não ter nada — disse Lídia com ar cansado. — A fortuna da família inteira está em minhas mãos. Esqueceu? — A mão que segurava o queixo de Lídia caiu. — Seria divertido você perder, além de não

conseguir ganhar nada.

É, ela é boa, Fernando teve que admitir.

— Quanto tempo você vem pensando em tudo isso? — Fernando inquiriu irritado. Seu empenho em machucá-la parecia ainda mais difícil do que ele imaginava.

Contudo, ele estava conseguindo sim, só não sabia... pelo fato de Lília conseguir colocar um véu negro sobre suas dores, arrependimentos e lágrimas.

— A cláusula? Ah, já li muitos contratos de matrimônio — disse ela, com empolgação. — Não sabe o quanto de coisa louca que podemos encontrar neles. Mas para ter a ideia do que você assinou, foi apenas o tempo do cemitério até sua casa. Sou boa para fazer isso, não é?

Ele não tinha muito o que escolher, porém, decidiu que ficaria com a atrevida que lhe encurralou nessa trama. Fernando se afastou dela, ou teria que pagar uma indenização antes do casamento.

— Ficaremos aqui? — Lília quis saber, dando uma olhada rápida no amplo apartamento. — Gosto do seu apartamento.

Fernando não iria facilitar, nem mesmo um único detalhe.

— Na mansão.

— Oh... — Lília presumia, através de Lina, que o livro poderia estar na mansão, mas depois de saber que Fernando comandava o cartel, ao invés do seu pai, o livro poderia estar no apartamento dele. — Sua família inteira mora lá, não?

— Meus irmãos não. Mas meu pai, as mulheres dele, sim.

— Vai ser divertido.

— Não apostaria nisso, Lília. Nenhuma delas gostam muito de você.

— E por que na mansão e não aqui, já que essa é sua casa?

— Porque a diversão vai ser minha, não sua.

Lília entendeu o que ele planejava. Todas as mulheres de olho nela, a vigiando, vasculhando e controlando. Isso seria mais difícil que poderia imaginar.

Lília olhou para o solitário em seu dedo. Sentiu que tinha o dever de usá-lo. A mulher que o possuía antes, o amava e foi manipulada, até a sua morte, para hoje não estar mais no seu caminho.

Lília logo seria apresentada à família dele como o mais novo negócio da família/noiva, assim como logo ela iria apresentar Fernando como seu mais novo negócio/noivo à família.

Sentiu que o terreno era muito mais escuro que ela enxergava, mas não iria desistir.

— Não vai ser difícil — disse ela, o irritando com aquela resistência

teimosa que ela insistia em demonstrar.

— Sabe o que senti quando meu pai disse que havia matado sua família? — inquiriu Fernando, fazendo Lídia erguer os olhos para ele. Curiosa, ela o deixou que prosseguisse. — Senti por você. — Ele foi sincero em declarar.

Lídia engoliu em seco.

— Mas agora — ele a olhou com um desprezo que a despia de tudo -, eu queria que você estivesse lá — disse ele, com rancor.

Lídia sentia agulhas machucando seu estômago. Ele era cruel. Mal. Ela também sabia que estava sendo usada por Fernando, mas as coisas que ele estava guardando seriam cada vez mais dolorosas.

— Ainda há tempo de desistir, Lídia, de fazer com que eu ainda sinta algo bom por você.

Isso a machucou, e muito, apesar de tudo, a maior raiva de Lídia estava em Afonso, não em Fernando, pois esse estava apenas sendo a porta que ela iria entrar para quebrar o diabo que levou tantas desgraças à sua família.

— Deixe como está! — disse ela decidida. — Negócios, Fernando. Vai ver que não serei difícil de lidar.

— Sim, claro, negócios, já sei Lídia. O único problema é que você quer que eu fique amarrado a você, e justamente por isso que eu estou lhe desprezando tanto.

Fernando olhou para a parede de vidro que dava para a cidade. Ficou um instante parado olhando para algo que Lídia não sabia exatamente o que era, mas Fernando estava admirando o bater das asas de um pássaro que sobrevoava além da poluição da cidade.

— Preciso resolver alguns problemas. — Lídia pegou sua bolsa. — Quando você vai entrar em contato comigo?

Fernando fechou os olhos sentindo-se derrotado. Mas ele não iria desistir, a faria mudar de ideia antes de voltarem da lua de mel. E para fazê-la entender tudo o que ele vem lhe alertando, faria como combinado, iria tentar tratá-la bem até a lua de mel, logo depois ele seria o Fernando que ela merecia conhecer.

Ela blefou, ele pagou agora teria que mostrar as cartas que tinha para ela.

— Lídia — ele a chamou indo para perto.

— Sim...?

Ela foi pega de surpresa quando Fernando a agarrou pela cintura, apertou o corpo dela junto ao seu, enfiando uma mão nos cabelos dela, ele apertou. Beijando-lhe a boca com violência. Por alguns segundos, ela ficou em choque. Nunca imaginou que ele quisesse beijá-la, pensou ela, esquecendo da ameaça que Fernando lhe fizera. Seria carinhoso, mas em seguida o seu demônio viria à tona.

Quando ele conseguiu passar com a língua através dos lábios macios dela, ela os abriu mais, e relaxou nos braços dele. Adorava todas as formas que ele a beijava, com carinho, com sedução, violência, todas as formas, a encantavam e fascinavam.

Fernando subiu mais a mão que apoiava as costas dela, chegando na lateral do seio, apertando mais um pouco os cabelos castanhos e macios da danada. Preenchendo a boca dela com sua língua quente, demoníaca, Fernando apertou o seio da jovem, levando arrepios quentes da planta dos pés até o alto da cabeça da coitada.

Lídia gemeu, pendendo a cabeça para trás.

Fernando raspou os dentes sobre o queixo dela e, com as duas mãos grandes e pesadas, segurou firme no traseiro de Lídia. Quando ela o olhou, tomada por um estupor, colocando as duas mãos no peito dele, lembrou que o vadio estava marcado por uma transa e a fulana ainda estava dentro da casa dele.

— Se afaste de mim! — Ela conseguiu se soltar de Fernando.

Fernando sorriu.

— Você sabe que temos que consumir o casamento, não é?

— Exatamente — Lídia limpou a boca, ela ardia com as brincadeiras dele em seus lábios. — Consumação-do-casamento! Não ache que irei facilitar para você nesse quesito, antes disso!

— Veja só! — Fernando se divertiu, mas a intenção era para irritá-la, já que vinha fazendo isso há um tempo e ela estava impenetrável. — Lídia sendo uma puritana! — Ele a pegou contra a sua vontade, apertando-a contra os músculos tonificados, duros e bem trabalhados naquela manhã.

— Me largue, Fernando! — Ela lhe socava o peito.

Fernando segurou o rosto da pequena, que se debatia em seus braços, e a fez olhá-lo.

— Esqueceu que já lhe fodi a boceta, meu amor?! — disse ele, com frieza. — Você gemia como uma cachorra no cio, subindo e descendo. Lembra?

Ah, ele também sabia ser sujo quando lhe convinha.

Lídia teve que engolir àquela mentira.

— Então não me venha com esperteza — ele a soltou. — Mas se desejar esperar até casarmos, não vou fazer a mínima questão de lhe procurar. — Fernando estendeu a mão na direção da porta, sorrindo, se divertindo, mostrando o caminho da rua. — Ligo para você.

— Zombe Fernando — disse Lídia, raivosa. — Quero ver depois de casar, quantas vezes você vai 'bater uma' porque não poderá pegar uma puta para lhe saciar!

Fernando fechou a cara.

Ela lhe deu as costas e caminhou com passos apressados, pernas vacilantes.

Antes que Lília saísse, ele questionou — A matéria-prima, a que horas você vai mandar? — Preciso acelerar a fabricação.

Merda! Ainda tinha esse problema. Era a hora de Lília mostrar suas cartas.



DEPOIS DE TUDO que fez, das caras e boca, de enfrentá-lo, armar uma cilada para conseguir o que queria em menos de uma hora. Porque Lília sabia, Fernando precisava – desesperadamente – que a fabricação do produto fosse iniciada e pudesse dar conta da entrega do carregamento, sua primeira falha na mesa do cartel seria questionada e outro entraria no controle.

Uma vez que Afonso decidiu se afastar um pouco da mesa, pois o cretino sabia que o cartel só crescia e os empreendimentos lícitos da família também, então, antes que qualquer bomba estourasse na mão de Afonso, Fernando fez questão de assumir, mas foi justamente em um mal momento para a sociedade que andava com os nervos à flor da pele.

— Sabe que preciso autenticar esse papel — Lília disse, antes de abrir a porta. — E preciso dos seus termos também.

Fernando fazendo o seu contrato, ganharia mais tempo, horas ou até mais um dia, pensava ela.

— Não tenho tempo para essas merdas, Lília!

Foi bem nítido ver a veia inchada cruzar a testa dele. Lília quase achou que chifres saíam também, mas não se iludiu tanto.

— Mas que droga, Fernando! — Lília alterou a voz. — Você só enxerga a porra de seu umbigo? Estou na merda com isso também...

— Não parecia quando invadiu a reunião e flertou com todos à mesa — disparou ele.

— Ah, ficou enciumado, foi? — ela fez biquinho e isso o deixou irritado, não o bico, ele adorava a boca que ainda iria ver fazer sujeiras na cama, mas a forma dela lhe provocar.

— Eu? — Apontou o dedão no peito. — Fernando Aguiar com ciúmes de Lília Garcia? — Fernando deu um sorriso debochado, logo fechou o semblante. — Você que sempre teve essa obsessão por mim!

Lília se sentiu ofendida, e tão logo abriu os olhos abismada pela ousadia de Fernando em lhe acusar de algo que ela não tinha – ela tinha sim!

— Não seja idiota! — Ela quase perdeu a pose batendo o pé no chão como uma menina mimada, mas se controlou. Não iria dar o sabor do que fosse o doce para Fernando provar. Não pelas mãos dela.

— Pensa que eu não sei? — Andou até ela, passo a passo, como um bicho querendo caçar. — Seus olhares...

— De repulsa — adiantou-se ela.

— Enquanto eu apenas lhe lançava um olhar de agrado... — continuou ele. — A forma levemente grosseira que sempre me tratou nos lugares.

— Ranço de você — interrompeu-o, vendo-o se aproximar e mais uma vez ficar encurralada na porra da porta que sempre estava no seu caminho.

— Enquanto eu lhe falava com educação...

— Você é um debochado de merda! — explicou o motivo do seu comportamento.

Fernando não mentiu. Lídia sempre o tratou com indiferença e rispidez. Quando ele se aproximava, ela se afastava, quando ele lhe dizia uma palavra cordial, ela sempre o respondia com uma frieza que não era comparado ao polo norte.

Não que ele fizesse isso para provocá-la, embora muitas das vezes ele se divertia com a forma que ela lhe tratava por simplesmente achar que era desejo reprimido. Contudo, foi sempre assim que Fernando sempre tratou a todos.

O que Lídia teria que se habituar, dali para frente, era a forma cruel, fria, calculista que Fernando conduzia os negócios. Ela já teve uma amostra grátis quando Fernando matou seu funcionário na frente dela. E como ela se intitulou um negócio, assim como ele a ela, Lídia conheceria o lado sombrio de Fernando, principalmente quando sentimentos contrariados estavam lhe tomando por se casar para manter os carregamentos da *coca* em dia.

— Porque você não admite logo, de uma vez — Ele ficou tão próximo que Lídia sentia o hálito de café morno saindo entre os lábios dele —, que parte dessa sociedade que está fechando comigo tem a ver com essa sua obsessão por mim?

— Não tenho droga de obsessão nenhuma por você — ela estava dura como pedra, encurralada como um gatinho indefeso, olhando para Fernando de forma nada convencida.

O que ele consegue olhar tanto através dos olhos? — perguntava-se ela, uma vez que ele sempre tinha esse hábito de falar sem desviar do olhar dela.

O que ele via era justamente uma pequena garota querendo ser grande, não em tamanho físico, isso era impossível para a cabeça de Fernando, mas em atitudes, em ideais, em planos, contudo, ele só enxergava essa teoria quando o assunto não era sobre eles, mas quando era... Fernando encontrava nos olhos

dela uma mulher necessitada de atenção, de carinho... de ter um homem que aplacasse aquele jeito – sutil – raivoso..., que lhe quebrasse a ponta daquele narizinho empinado...

... e a julgar pela respiração alterada que ela tinha naquele instante, as pupilas dilatadas, ele constatou... Ela precisava trepar com ele. Muito.

— Tudo bem — disse ele, colocando uma mão sobre a porta, bloqueando o lado esquerdo dela, com aquela forma gentil que ele sempre a tratou, e ela detestava...

Não, Lília não era louca, embora nunca tivesse feito uma sessão mais a fundo com um psicólogo, ela julgava-se muito bem da cabeça.

O problema maior dele tratá-la bem, era justamente – e claro – o fato de ela não ser imune às suas gentilezas.

Lília já tivera a sorte de ser imune a muitas pestes que assolaram o corpo humano, a deixando fraca, febril e de cama, mas ela não era imune a forma que Fernando a tratava, o tratamento galanteador, sedutor, claramente safado que ele a abordava.

Embora quando ele vinha como cavalo selvagem para cima dela, Lília estava pronta para lhe rebater em coices, contudo, quando ele estava disposto a fazer aquela voz sedutora e carinhosa, o olhar baixo, tinha umas células do corpo dela que se deitava de bruços, pernas erguidas e mãos no queixo olhando de forma apaixonada para ele. Ela odiava aquela fraqueza, mas nunca conseguiu saber como se fortalecer e qual remédio tomar.

— Você não tem nenhum sentimento que faça essa sociedade mais excitante, não é? — Quis ele ajudá-la, entretanto, essa era a forma de desestabilizá-la.

— Não — disse ela rapidamente.

Fernando tinha lá seu orgulho. E casar-se novamente estava realmente fora de seus planos, um casamento fracassado já era o bastante para deixá-lo longe de compromissos. E apesar de antes, gostar de seduzir Lília, depois da proposta forçada a única sedução que ele estava disposto a oferecer era para depois fazê-la sofrer.

E Lília, essa que estava meio embasbacada contra a porta olhando para os irresistíveis olhos cinzentos como nuvens cheias, que compunham um olhar cerrado, adquirido por um relaxamento do desejo, estava disposta a levar seu plano até o final. Independentemente do que Fernando pensava ou deixava de pensar sobre ela e o casamento.

— Por mim, tudo bem — disse ele carinhoso e compreensível.

Pegando a mão que levaria o solitário que ele havia comprado, com gosto, para a mulher que traiu sua família, e que matou sem nem ao menos

imaginar pensar em outra possibilidade para aquele fim, os lábios dele roçaram na pele macia e fria da mão pequena de Lídia. Ele não viu, mas o nó da garganta dela subiu e desceu de nervoso, excitação, quando ele finalmente voltou a tratá-la bem.

— Eu te dou até amanhã — continuou ele, amável. — É o tempo de você ir à casa da família Aguiar e escutar os termos que tenho a propor nessa união que você me arrastou, mas... — A voz dele mudou só um pouco, apenas para Lídia saber que ele não estava brincando — se o carregamento não chegar aos laboratórios... Existirá a quebra de ambos os contratos.

Lídia abriu bem seus olhos castanhos. E antes que ela fosse dizer as consequências dessa quebra, Fernando se adiantou, deixando a mão delicada e acariciando a borda do lábio inferior dela.

— Sei muito bem o que se perde na quebra do contrato — disse ele, se aproximando do ouvido de Lídia, fazendo os pelos do quadril da coitada se arrepiarem, levando ondas para onde não deveriam naquele momento. — Quebrar a sociedade pela qual assinei... — sussurrou perigoso, deixando que seus lábios roçassem na orelha dela, fazendo Lídia apertar as coxas, contendo o líquido que lhe umedecia — ... implica em eu lhe dar parte do meu patrimônio. — Fernando, sorratamente, passou a ponta da língua atrás da orelha, levando para a garganta de Lídia um gemido íntimo.

O que ela não percebeu, era que Fernando também estava lhe tirando algo, como a pequena arma que Lídia carregava em sua bolsa e ameaçara ele quando teve oportunidade.

Quando se certificou que ela não tinha mais nada para ameaçá-lo, com tom aterrorizador, segurando o rosto dela com uma única mão, olhando-a com um desejo forte de matá-la.

— Nem fodendo a porra dessa bocetinha pequena que você tem, eu vou perder o que suei para adquirir. Prefiro me casar e até matar cada um dos membros da sua família, terminando por você, a ter que ver meu patrimônio em suas mãos.

Foi ali que Lídia percebeu que precisava fortalecer seu psicológico com urgência, ou Fernando iria levá-la a insanidade. Ele sempre foi mal, ela contemplou isso sempre que pôde, mas nunca tratada daquela forma e ter esse tipo de tratamento estava acabando com ela antes mesmo de levá-lo ao altar.

Lídia não sabia o que faria para cumprir a palavra, mas nas horas que seguiram ela tentou de todas as formas em trabalhar para resolver aquela situação e não gerar uma carnificina na véspera do noivado.

— Eu te dei a minha palavra, não dei? — disse ela, meio rouca, deveria ter limpado a garganta antes de falar.

— Sim...

— Então vou fazer ser válido para você.

Quando ela ia acrescentar... a porta tremeu atrás de si. Era Fabíola sem paciência querendo saber da demora de Ada.

Fernando ajudou Lúdia a se afastar e abriu para que a mãe entrasse.

— Meu Deus! — disse Fabíola afobada. Cabelos lavados e bem escovados. — Que menina mais lerda! Onde está Ada, Fernando? Ah, você ainda está aqui, Lúdia? — lançou um olhar de desgosto.

— Presumo que foi a senhora quem permitiu a entrada de Lúdia aqui?

— Coitada — disse Fabíola com ar preocupado. — Notei ela tão ansiosa para vê-lo...

Fernando sabia que Fabíola queria apenas que ambas se vissem e se matassem. Já Lúdia não conseguia engolir aquela víbora nem com litros de óleo.

— Sobre o almoço que a senhora havia falado — disse Fernando, olhando para Lúdia. — Quero que transfira sua importância para um jantar.

— Mas é claro, meu amor — disse Fabíola carinhosa, sorrindo para Fernando. — Mas gostaria de saber o motivo.

Antes que Fernando falasse, Lúdia tomou a vez. Não iria deixar de jogar o veneno de volta para aquela mulher.

— Nosso noivado, Fabíola — disse Lúdia com um sorriso que lhe preenchia o rosto, escondendo a dor e ódio que lhe triturava as entranhas.

Fabíola a olhou com descrença.

— De fato — disse Fabíola indiferente a notícia que julgou ser falsa. — Sempre soube que as Garcia não batem bem da cabeça... — referiu-se a Manoela que tomava remédios controlados e terminou quase que uma suicida na história.

Fernando viu os punhos de Lúdia apertarem e se colocou na frente dela.

— Temos muito o que fazer até a noite chegar, não é Lúdia? — Ele abriu mais a porta. — Eu te espero na mansão, para o jantar.

— Espera?! — Fabíola começou a cair em si quando o filho declarou que Lúdia Garcia estaria no jantar dos Aguiar. — O que ela disse é verdade? Isso não pode ser, Fernando!

Mas Lúdia não esperou a mulher explodir de raiva, saiu e fechou a porta em seguida, sem perceber que foi roubada a sua arma e que sua vida, dali por diante, seria sangue, dor e lágrimas.



LÚDIA ANDAVA DE um lado para o outro dentro de casa. Durante todo

o dia, depois de sair da casa de Fernando, só conseguiu comer uma refeição.

Tentou falar com Lilian o tempo em que buscava uma solução para o buraco negro em que se enfiou.

Ela percebeu, claramente, que Fernando não estava brincando e se o carregamento não estivesse indo no mesmo instante em que ela estivesse assinando o contrato para o casamento, ela sairia da casa dos Aguiar morta.

Lídia engoliu em seco. Tomou mais um pouco do vinho que tinha em suas mãos. Olhando para a rua, através da grande janela em sua sala, ela tentava calcular possibilidades. Os olhos ansiosos, a mão que levava a taça a boca trêmula, o cigarro de maconha pela metade. O coração com batucadas fortes no peito.

— Já tentamos decifrar a agenda de seu pai — disse Coby. — Não encontramos nada que possa nos indicar qual o homem que enviava a mercadoria para ele. Conseguimos alguns quilos com um boliviano, não é muito, muito menos da qualidade que seu pai sempre conseguiu, mas dá para ganhar tempo até tentarmos achar algo melhor.

— Dá para entreter.

A notícia fez o estômago de Lídia dar várias dobras, em função disso ela deixou o vinho de lado.

— Sinto muito. — Coby estava apreensível. — Mas a ideia que lhe dei...

— Não vou fugir... — disse Lídia, olhando para uma mulher e uma criança andarem na calçada, felizes.

Ela nunca teve liberdade de sair assim nas ruas da cidade que nasceu. Sempre vigiada, monitorada, blindada.

Hoje sem mãe, pai impossibilitado, duas irmãs que não lhe respondiam recados e ligações, Lídia se sentiu ainda pior, porque sabia que lá fora tinha alguém colocando balas em sua arma, vestindo sua melhor roupa para impressioná-la, organizando os seguranças da sua casa, tentando ser paciente com todos da família explodindo no seu psicológico fodido que não se casasse com uma mulher que disse ter tudo, mas nada tem em suas mãos.

E quando o mesmo soubesse disso, a única forma de Lídia sair de lá não seria sobre os saltos agulha que ela escolheu com o lindo vestido preto e longo com um decote profundo nas costas, mas sim em um saco preto.

Lídia amassou o resto do seu cigarro e virou-se para Coby. Era a pessoa que ela mais confiava e que estava sempre pronto para ajudá-la, na maior das maluquices e perigos que lhe atravessava a vida. Ela gostava dele como se fosse um tio protetor.

— Vou sozinha, Coby.

— Mas senhora... — Coby ficou em pânico.

— Se eu não voltar em menos de uma hora, saia você e o restante dos homens da cidade — aconselhou Lídia, sentindo um frio lhe correr a espinha. — Uma guerra agora, contra os Aguiar, é suicídio não apenas para a família Garcia, mas para todos que trabalham nela.

— Prometi ao seu pai que cuidaria da senhora até o fim!

Ele sempre foi leal às ordens, Lídia não esperaria menos daquele homem enorme e bem treinado, naquele instante.

— Eu dou as ordens agora — disse Lídia, seriamente.

— *Me desculpe, Dona Lídia, mas não posso...*

— A pistola, Coby. — Ela estendeu a mão. Havia pedido para Coby limpar e verificar o gatilho. Relutante, mas ele entregou e Lídia a encaixou em seu coldre. Depois pegou a echarpe prata e colocou sobre os ombros. — Meu carro está ligado?

— Sim — disse Coby, seco, triste.

— Se Lilian aparecer, leve-a com você, nem que precise colocá-la sobre seus ombros e arrastá-la para fora. Posso confiar em você?

— Nunca a decepcionei, senhora — disse Coby, determinado a tarefa que lhe foi dada.

Lídia colocou a mão no ombro dele em sinal de gratidão.

— Ele vai matá-la!

— Levo ele junto — disse Lídia, indo para o encontro com o diabo.



GERALMENTE, AS LUZES da mansão eram todas acesas quando tinha uma grande festa, embora fosse apenas um jantar improvisado, onde nem todos os membros da família poderia comparecer, por motivos de força maior ou por detestar uma Garcia entrando na família, Fernando mandou que acendesse todas as luzes do lado de fora e dentro da casa.

— A terra engoliu seu pai — disse Fabíola, escolhendo as abotoaduras para Fernando, que estava empenhando em dar um nó perfeito na sua gravata preta. — Desde cedo venho tentando entrar em contato com ele e nada!

Era os sumiços que Camilo havia alertado Fernando quando ele chegou da 'lua de mel'. Teria que averiguar isso com mais importância, fez uma nota mental.

— Estas aqui, com diamantes, ficaram lindas no pulso de seda preta da sua camisa — disse ela, indo para junto do seu filho. — Assine esse contrato idiota e manda matá-la no caminho para casa — aconselhou Fabíola, mas

Fernando não estava dando importância ao que ela dizia.

Sua mente estava em saber a que horas a matéria-prima iria entrar nos laboratórios e fábricas, assim como combinado.

— Depois de tudo que fiz para essa família — disse Fernando. — A senhora ainda duvida das minhas atitudes?

— Não, não — Fabíola ecoou. — Você é excelente, meu amor. — Repousou as duas mãos sobre o peito do filho.

Fernando as segurou firme.

— A casa de Lídia foi explodida por meu pai — o que Fernando disse não fez Fabíola se surpreender, o que no caso ela já deveria saber. — Algumas autoridades que é de amizade de Gonçalo, estão investigando o atentado, se Lídia morrer, logo após assinar um contrato com nossa família, todas as suspeitas caíram sobre nós — conclui com paciência. — Já estamos visados desde o atentado com Antônio, a morte de Kali, não precisamos chamar atenção por esses dias. Mesmo que possamos encobrir muitas atividades ilícitas e assassinatos, há sempre alguém de olho, espreitando, investigando, pronto para eliminar pessoas como nós.

— Você está completamente certo. Mas se essa menina não cumprir com a palavra? Se ela quiser nos passar a perna.

Fernando sorriu diabólico.

— Acho que vai virar tradição matar a noiva na lua de mel.

Fabíola o olhou orgulhosa.



A ENTRADA DE LÍDIA foi liberada assim que seu carro se aproximou. Parada na portaria da mansão, ela saiu do carro e mostrou que estava sozinha e apenas uma pistola.

— Algum convidado da família, senhora? — o segurança questionou-a.

— Tenho apenas uma irmã... — sua frase foi interrompida quando o telefone tocou. Era Lilian.

Os olhos do segurança caíram no celular.

— Seu aparelho deve ser confiscado — disse ele, já chegando próximo.

— Me dê apenas um segundo — pediu Lídia com voz dura. — Meu pai está no hospital, não posso perder uma única ligação — deu a primeira desculpa que venho em sua mente.

— Creio que não será possível, senhora — o segurança estendeu a mão para lhe tirar o único meio de comunicação que tinha com Lilian, que

ultimamente estava sendo falho.

Lídia deu um passo para trás.

— Não se atreva a tocar em mim! — disse ela com voz alterada, irritada.

— Por que a demora? — inquiriu Jorge, o segurança particular de Fernando.

— Senhora Garcia está tentando se comunicar com alguém por uma linha que não conhecemos. — O segurança explicou rapidamente.

— É apenas a minha irmã querendo falar comigo! — Lídia estava determinada a atender a ligação.

Jorge olhou para a guarita, onde tinha mais um segurança, e fez um sinal que ele entendeu de imediato.

Quando Lídia atendeu, a ligação caiu.

— Lilian?

— Bloqueamos o sinal de celular, senhora — disse Jorge, com cordialidade.

Lídia bufou de raiva.

— Nós vamos checar se sua linha não está grampeada e logo em seguida, se nenhum problema for encontrado, entregamos o celular a senhora e poderá falar com quem quiser, desde que alguém esteja do seu lado.

O celular foi tomado de suas mãos.

— Isso é um absurdo! — Explodiu ela.

— São normas da casa, senhora. Logo irá se habituar com as regras impostas pelo senhor Aguiar.

Regras. Habituar. Aguiar. As palavras lhe quebravam os nervos. Já que entrou na lama, mergulhar era o mínimo que poderia fazer até que fosse ao fundo.

Convencida, porém, contrariada, de que não adiantaria fazer cena naquele momento, Lídia entrou no carro seguindo para a porta principal da mansão, onde tinha um segurança a espera da convidada.

Saindo do carro, Lídia entregou as chaves para um homem pequeno que se aproximou dela, e em seguida a porta foi aberta pelo segurança armado.

Mármore branco e dourado, era apenas isso que ela conseguia ver. De fato, a mansão dos Aguiar era quase do mesmo tamanho da que foi explodida, mas lá dentro a riqueza era ainda maior.

Um salão enorme de entrada, uma enorme escada que subia até o segundo andar. Um elevador no centro. Um enorme buquê de rosas no centro da sala.

— Por aqui — disse o segurança, guiando-a para porta à sua esquerda.

Quando Lídia entrou, encontrou Fernando, vestido com um belo paletó

preto e camisa de seda preta, com uma bela gravata da mesma cor. As abotoaduras de diamante e o relógio prata com as mesmas joias, estavam lhe dando um ar de riqueza sem profundidade.

Ele estava irresistível, não daria para não notar e admitir.

— Um pouco atrasada para quem está ansiosa para casar-se — disse Fernando, sem rastro de afeto, com as mãos nos bolsos, olhando friamente ela se aproximar.

— Tive problemas na portaria — disse Lúdia ainda deslocada com o lugar, com a recepção de ambas as partes.

— Quando você não está com problemas, não é mesmo? — debochou ele.

Parecia que todos ali estavam prontos para quebrar-lhe o pescoço, ela podia até jurar conseguir ler pensamentos de cada pessoa que lhe abordou aquela noite, principalmente a de Fernando.

— Venha... — disse ele, estendendo o braço para que ela se aproximasse, mas não a tocou quando Lúdia fez o que ele pediu. — Todos a esperam a mesa.

Levada para dois cômodos a dentro, Lúdia andou em silêncio ao lado do homem que em breve seria seu marido, dando passos firmes sobre o piso da casa que ela logo iria morar.

Quando eles chegaram a sala de jantar, Lúdia percebeu que nem todos estavam a mesa. Faltava Afonso, Antônio – claro –, Miranda, Ada que ficou em seu quarto depois de terem posto calmantes em sua bebida. Essa só acordaria no outro dia.

— Ah, mas você está espetacular neste vestido — disse Patrícia, com um copo de uísque na mão, levantando-se e indo para perto. — Não é verdade, Fabíola?! — Patrícia se divertia com a situação, sabia que a primeira esposa do seu marido não suportava Lúdia.

Fabíola saiu da sua cadeira. Camilo permaneceu no lugar, olhando carrancudo para Lúdia, detestando a ideia de vê-la com Fernando. Não tanto por ciúmes, mas por não confiar em Lúdia nem por um instante, sequer!

Lúdia não disse nada. Ainda absorvia o clima do ambiente.

— Sua beleza simples é de tirar o fôlego — continuou Patrícia. — Você é idêntica a sua mãe quando mais nova. Incrível como a genética é tão aguçada em vocês. Já a mais velha, Lilian, não é mesmo? Percebo traços de Gonçalo, mas você... — Patrícia queria chamar atenção com seu interesse pela noiva de Fernando.

— Terá tempo o suficiente para admirá-la, Patrícia — Fernando repousou a mão nas costas de Lúdia e a guiou para a cadeira do seu lado.

Quando Lúdia sentou-se, ainda em silêncio, observou as saídas, os

homens armados que tinha nos quatro cantos da sala de jantar, o sorriso de Patrícia para ela, a seriedade de Camilo e o desgosto estampado no rosto de Fabíola.

— Iremos jantar — disse Fernando, colocando a mão dele sobre a de Lília, que estava em seu colo. — Depois, no escritório, com meu advogado, vamos ler meus termos e assim você assinará o contrato. Logo depois os dois serão anexados a um documento que será a nossa certidão em poucos dias.

— Por mim, está ótimo — Foi o que ela conseguiu dizer.

Aquele embrulho no estômago só piorava, o medo por Lilian só aumentava, o presságio da morte só gritava.

— Gosta de derivados de vaca, Lília? — Camilo a questionou, com uma faca de carne na mão, brincando com sua ponta, o olhar que ele lançava para ela, não era nenhum pouco amigável.

— Não. Adoro carne — disse ela, com a voz equilibrada, escondendo todo o desconforto que assolava seu corpo e sua alma.

— Que bom — Fabíola se adiantou, fazendo sinal para dois empregados que estavam ao lado da mesa do buffet.

Prontamente eles pegaram bandejas cobertas e colocaram os pratos sobre a louça de entrada, o som da louça contra o metal fez zumbir os ouvidos de Lília.

Foi quando Lília baixou o olhar e percebeu que os cabos dos talheres eram esculpidos em ouro no formato de serpentes.

Fernando encarava Lília como se precisasse entender o que ela estava pensando sentada na mesa da família pela qual ela sempre fez questão de enfatizar que odiava. Mas ele não conseguia, ela sabia bem esconder seus sentimentos e pensamentos mais profundos.

— Bom apetite — disse Fernando, educadamente.

Quando Lília tocou o metal da peça que cobria seu prato, sentiu-se tão enjoada que achou que o vinho, que tomou antes de vir para o seu noivado, estava chegando a garganta, mas quando destampou seu prato, precisou colocar a mão na boca para não vomitar.

Um coração cru de vaca posto no prato.

— Não gosta de coração, querida? — Fabíola estava lisonjeada com o prato particular que mandou fazer para sua nova nora.

Fernando ergueu da cadeira, tirando o prato de Lília da frente dela.

— Tire isso daqui — ordenou, olhando para sua mãe de forma julgadora, para um dos empregados que pegou o prato rapidamente. — Traga o mesmo que o meu! Agora!

— Sim, senhor.

Fernando sentou-se novamente, pegou a taça de água que estava na mesa junto a louça de jantar de Lília e pôs na mão dela.

— Você come camarão? — inquiriu ele, em um tom baixo, para Lília.

— Como — disse Lília depois de tomar um longo gole de água.

Em menos de um minuto, um prato com camarão, frutas e vegetais estava diante de Lília. Todos começaram a comer seu jantar, exceto Camilo que ainda estava pensativo.

— Quero lhe adiantar — disse Fernando para Lília. — Todos aqui estão cientes do tipo de sociedade que estou fazendo com você, Lília, e assim como eu, espero que cumpra as cláusulas abordadas sobre os segmentos dos negócios. Eu te dei a minha assinatura, agora eu quero a sua assinatura diante da minha palavra.

Embora a aparência de seu prato estava ótima, Lília mal tocou na comida.

— Uma sociedade pela qual estamos fazendo é um ato mais assegurado que posso lhe oferecer — disse Lília, olhando para Fernando. — Diante de todos os problemas que enfrentamos das duas famílias.

— Isso é verdade — disse Camilo, olhando para o brilho da faca. — Depois da traição de Kali, as finanças de todos foram abaladas, assim como nossa família. Antônio ferido, funcionários mortos, compradores inseguros, muitos mortos, Dalian nos atacando, de fato, o caos se instalou. Mas posso lhe assegurar, Lília... — continuou, se inclinando na direção dela. Se não fosse a mesa entre eles, Lília poderia sentir o cheiro da droga na roupa cara do cretino — Nessa família, não vai entrar mais traidoras.

— Entendemos, Camilo — Fernando quis que ele parasse, apenas para ser cordial com Lília, assim como prometera.

— Mas caso entre — Camilo prosseguiu, olhando para Lília, com frieza. — Você não precisa saber o que acontece, não é? Kali foi um exemplo bom para isso.

— Já chega! — Fernando teve que intervir com mais veemência.

Mesmo sendo assassino de sua mulher, traidor, vil, sujo, querendo ou não a morte de Kali, ainda era recente para ele.

Fernando olhou para todos a mesa. Depois sua atenção foi para Lília.

— Termine seu jantar — disse ele, pra Lília. — Quando estiver pronta, vamos assinar esse contrato de uma vez e terminar com isso!

Patrícia era a mais falante de todos. Lília não poderia abusar da sorte, precisava se sentir mais estabilizada, coisa que ela não tinha uma vez que Fernando não viu nem provou a mercadoria que estava sendo levada para os laboratórios. Ela tinha desejo de enfrentar a todos, ser a Lília destemida que

sempre mostrou ser, mas não perderia suas energias naquele instante, não quando ainda tinha um caminho a ser percorrido.

Após o jantar, todos se dirigiram para o escritório e lá foi servido uma dose de conhaque para a digestão. Diferente do cheiro do antigo escritório do seu pai, Lídia observou que o escritório da mansão dos Aguiar era bem limpo e cheirava bem.

— Esse é o meu advogado, Lídia, doutor Venâncio.

— Prazer em conhecê-la pessoalmente — disse Venâncio, um homem de estatura mediana, com uma calvície no centro da cabeça e óculos de armação muito grossa. — Estimo melhoras para seu pai.

— Obrigada — disse Lídia, com educação.

— Aqui são meus termos para nossa união matrimonial, também tem um para os negócios ligados à sua família. — Fernando entregou ambos contratos nas mãos de Lídia, prontamente assinados por ele. — Quero que leia com atenção. Seu advogado não...? Ah, desculpe, você pode fazer isso sem precisar de um, esqueci, já que se formou em Direito.

Lídia sentou-se e leu o que ela julgava de importância, o contrato relacionado aos negócios da família. Não eram termos nada fora do comum. Apenas cláusulas que favoreciam tanto aos Garcia quanto aos Aguiar. Quanto a isso, Fernando fora justo. Renegociações de preços, prazos, forma de entrega, qualidade sempre em alta, lucros e sociedades.

Mas quando Lídia pegou o contrato seguinte, ela quase saltou da cadeira que estava acomodada.

Coby não seria mais seu segurança, estava especificado que Fernando escolheria um para ela. Nunca sairia sozinha, sempre com alguém da família. Teria que comparecer a todas as recepções e reuniões da família, sem uso de desculpas. Horários a serem seguidos. Visitas devidamente programadas e anunciadas com antecedência. Linha e contas online monitoras pelos seguranças da mansão e de Fernando. Era uma verdadeira prisão domiciliar de luxo.

Lídia sentiu claramente sua raiva e nervoso expandir por todo seu corpo, e Fernando notou isso nos traços ansiosos que ela demonstrava.

— Algum problema? — Fernando quis saber.

Lídia ergueu a cabeça, meio tonta pelo fato de ficar tanto tempo lendo os contratos, ela se levantou, dirigiu-se a mesa e assinou o contrato.

— Problema nenhum, Fernando — disse ela, nitidamente apática.

Se Lídia tivesse esperado mais cinco minutos, que foi o tempo que Jorge trouxe o telefone para ela, e rapidamente fez a ligação para sua irmã, descobrindo em seguida que Lilian conseguiu um grande carregamento de pasta pura e de ótima qualidade, assim como seu pai sempre forneceu à família, aquele

contrato não precisaria ser assinado.

Se Fernando tivesse feito as mesmas exigências e cautelas, que fez com Lídia, com a mulher que amava, não estava naquela situação, teria se prevenido da traição de Kali, teria prevenido as situações adversas que machucaram sua família, não estaria se aliando tão intimamente com uma Garcia.

E foi assim que ambas as famílias se uniram. Garcia e Aguiar. Inimigos íntimos declarados, mas que só se separam na morte, talvez antes... Tudo poderia acontecer quando se tratava de famílias de narcotraficantes, que a única visão era a ambição.

Episódio 08 – Véspera.

“Você está certo. Mas pelos motivos errados. E isso faz com que você esteja totalmente errado.”

STEPHEN KING

— **VOCÊ NÃO FEZ ISSO** — Lilian não estava pronta para aquela notícia.

Tanto ela quanto Lúdia tentaram se ver, se comunicar, embora cada uma tivesse que correr contra o tempo, buscar ajuda, serem rápidas, tudo foi dando errado, e as atitudes tomadas anteriormente estavam justificadas nas recentes e iriam repercutir muito mais à frente na vida de todos.

— Fiz. — Lúdia não conseguia olhar para sua irmã.

Depois de sair da casa de Fernando, Lúdia desejou fugir. Engraçado, como os sentimentos mudam tão rápido quando enxergamos com mais clareza tudo. Se Lúdia tivesse empenhada em encontrar sua irmã e não em busca de *coca*, talvez teria sido bem mais eficaz e lucrativo que se casar com um homem que não a amava.

Das duas uma, ou elas ficariam juntas e fugiriam, ou todos os problemas se resolveriam. Mas nem sempre as escolhas ajudam, muito menos a forma de a enxergarmos. Os caminhos se desencontraram, muitas vezes, por direcionarmos foco em algo que não precisavam de tanta atenção assim.

— Meu Deus! — Lilian pois a mão no rosto. — Lúdia! Eu te dei poder para usar ao seu benefício, não contra ele!

Elas estavam no apartamento de Lúdia, jogadas na sala. Lúdia deitada no chão, tonta, enjoada, de bruços e com o rosto virado para o lado contrário à sua irmã.

— Eu sei — disse Lúdia desanimada, sentindo o corpo doer.

— Fernando vai lhe massacrar, se você...

— Eu sei — Lúdia repetiu.

Lilian ficou em pé, olhando para o corpo da irmã no chão. Lilian sabia que ela não estava bem. Então foi até a cozinha, fez um preparado de ervas e acrescentou água morna, depois levou até Lúdia, sentando-se ao lado dela e colocando a xícara ao lado da mão estendida. Foi quando Lilian viu o solitário.

— Ele comprou para você? — Lilian tocou a pedra.

— Era de Kali — Quando Lúdia revelou, Lilian tirou as mãos do anel como se aquela pedra fosse abrir uma boca cheia de dentes e lhe atacar o dedo. — Tenho quase certeza que ele vai falar com o pessoal que organizou o casamento dos sonhos dela e fazer o nosso...

Lilian arregalou bem os olhos, achando a ideia absurda.

— Também acho que ele vai me levar para o quarto de núpcias dele — continuou Lúdia, fazendo uma cara de dor no estômago, então colocou uma das mãos por baixo do corpo e pressionou. — Vamos fazer amor na cama que ela agonizou antes de morrer...

— Como sabe disso?

Os olhos de Lília ergueram para Lilian e viu pânico neles.

— Ela morreu no quarto da lua de mel, Lilian — Lília se virou, fazendo um gemido de dor e sentou-se encostando no sofá. Pegou o chá e soprou. — Ele vai tentar de todas as formas me jogar na cara que não queria casar, e mesmo sendo cordial em algumas vezes, ele vai querer me ferir ao mesmo tempo — completou ela, desanimada, depois tomou um pouco do chá.

— Mesmo sabendo de tudo isso você vai concordar...? Não posso acreditar!

— Estou arrastando, para um casamento, um homem que acabou de se casar, descobriu que não poderia confiar na mulher que amava e em seguida a matou! — Lília disse duramente, compreensível sobre a situação em que se meteu. — Acha que ele vai ser amoroso comigo? Acha que vai se esforçar em me fazer feliz depois de puxá-lo para um acordo onde se casar com alguém que não confia, depois de tudo o que ele já passou? Não entenda mal, não é defendendo, apenas entendendo o porquê ele vai fazer tudo isso e muito mais...

— Falo de você! — Lilian não estava contente com a ideia de ver sua irmã na casa dos Aguiar. — Eu te passei tudo para que usasse ao seu favor e você usa contra! Se une a uma família que detestamos! Vai se casar com um homem, que ao menor erro seu, ele vai lhe matar!

— Como eu poderia imaginar que não tínhamos nada nos depósitos? — Lília colocou as mãos no rosto e esfregou.

— Não tinha, porque nosso pai começou a guardar no porão de casa — revelou Lilian. — Eu te disse uma vez, mas pelo visto você não me deu ouvidos. Quando eu soube da explosão, um dia depois que tudo aconteceu, eu corri para casa, mas então eu não a encontrei...

Só depois Lília se lembrou. Gonçalo vinha fazendo armazenamentos em casa porque andava desconfiado, depois de notícias que policiais infiltrados conseguiram encontrar drogas na mata que contornava a capital. Mas ela, nem por um segundo, conseguiu lembrar desse detalhe, embora não fizesse diferença, Lília não teria a pasta de toda forma.

— Estava na reunião dos associados do cartel.

— Misericórdia! — Lilian ficou pálida, mas Lília nem deu continuidade. — E eu precisei ir atrás de mais produto. Sabia que nosso pai tinha prazos a cumprir...

— Eu sei, seu sei... — disse Lília, cansada.

— Essas pessoas são terríveis, se você não cumprir prazos, negociar preços e der sua melhor mercadoria ou é descartado ou morto.

— Quem fornece?

— Compramos de um velho fazendeiro na divisa da Colômbia com a

Venezuela, é parente de Andres.

— O presidente? Andres, o presidente?!

— Sim, ele mesmo. Eu não tenho o contato desse fazendeiro, mas como eu tinha o de Andres e sabia que de toda forma tinha que avisar da mercadoria que iria entrar, busquei imediatamente entrar em contato e comprar mais produto para os galpões.

— Tanto faz, Lilian, contanto que não percamos nada nessas transações...

— disse Lúdia se levantando, pegando sua xícara.

Lúdia queria falar sobre Lina, as coisas que sabia sobre a traição da sua mãe. Assim como Lilian queria falar sobre seus segredos, mas contar agora mudaria os cursos que teriam que seguir os planos. Era como se uma quisesse proteger a outra das sujeiras que sabiam.

— O que vai fazer agora? — inquiriu Lilian, ficando de pé.

— Vou desenhar meu vestido...

— Pensei ter escutado de você que Fabíola ficou encarregada de tudo...?

— E vai, mas eu nunca vou deixar de impressioná-los. Quando alguém tenta lhe quebrar em pedacinhos, Lilian, você tem de fazê-los comerem cada um deles... — Lúdia deu um sorriso abatido —, e é isso que farei, eles vão ter que engolir cada pedacinho meu.

Duas semanas depois.

Quatro horas depois que Aguiar e Garcia assinaram o contrato, a mercadoria estava em todos os laboratórios e a produção a todo vapor. Em pouco mais de alguns dias, a mercadoria estava sendo separada e enviada para os compradores de todos os países que o cartel negociava.

A normalidade estava finalmente voltando e os lucros entrando.

— Vai, prova! — pediu Camilo, colocando um pouco de *coca* na mão e aproximando de Antônio.

— Mas que merda, Camilo — Fernando praguejou. — Antônio acabou de chegar a casa e você já está enchendo o nariz dele?

— Só uma provinha, *né*, irmão? — Camilo deu uma tapa no ombro de Antônio.

Ambos estavam dentro do quarto do mesmo, Antônio ainda se recuperava, mas conseguia ficar em pé, andar alguns minutos e se alimentar muito bem. Antônio prometeu que estaria no casamento de Fernando, só não imaginava que, como a data mudou a noiva também.

Antônio sugou tudo para dentro e os irmãos sorriram felizes pela volta dele, por estar bem.

— Onde está nosso pai? — Antônio quis saber, limpando o nariz.

— No escritório com Fabíola — disse Fernando. — Suzana, a prima dele e Aisha.

Quando Afonso finalmente retornou, e soube da notícia que Fernando estava para casar com uma Garcia, ele teve que admitir, Lídia sabia jogar, sobreviver no tráfico.

Sem saber o paradeiro de Lina, e com um corte na barriga, onde declarou que foi alvo de vandalismo no Canadá, o que era mentira pois Afonso se encontrava na Alemanha, ele ajudou no que pôde para o casamento de Fernando. Abrindo as portas da mansão para amigos mais próximos e alguns familiares, bem como Suzana, uma prima de primeiro grau, que irá deixar sua filha, Aisha para cursar Moda e ficará na mansão até que ela se estabilize.

Aisha é uma jovem de vinte anos, alta, curvas que provocam, olhos verdes e cabelos negros como a noite. Modelo e que já fez algum sucesso com comerciais na tevê.

— Lídia é muito bonita, Fernando... — Antônio quis ajudar, mas não estava.

Independentemente de qualquer coisa, aquele casamento não agradava a Fernando, mesmo que ele mostrasse a todos que não se importava, que tiraria de letra, mas ele não queria dormir ao lado de quem não confiava, ter que ficar ao lado de uma mulher suspeita de assuntos que poderiam lhe complicar a vida.

Durante esses últimos dias, Fernando vem evitando se encontrar com Lídia e ela percebeu isso de imediato. Ele não queria quebrar a promessa que fez, mas sabia que ficar perto dela estava sendo impossível, uma vez que a única coisa que ele sentia era raiva.

As suspeitas se intensificaram quando Fernando deu a arma, que roubou de Lídia, para Jorge averiguar. Ele poderia jurar que era a mesma que Lídia usou para ameaçar Kali na noite em que ele pensa ter transado com ela. Então Jorge buscou informações sobre a arma. Descobriu que era de Lídia, estava registrada no nome dela. Também encontrou duas impressões digitais, uma Jorge descobriu que era de Coby, o segurança de Lídia, mas a outra... essa ele ainda estava tentando descobrir de quem se tratava.

As gravações da noite que Petra morreu na boate estavam sob o domínio de Fernando. Ele tinha a imagem da entrada de *Lídia* em sua área VIP, mas precisava do resto e Jorge encontrou. A hora que ela entrou, o tempo que precisou ficar no corredor onde tinha a sala de câmeras, o percurso que fez de todo o interior da festa até a local onde Fernando estava, e surpreendentemente, ele percebeu os olhos de Lucas em cada passo que *Lídia* dava dentro da boate, como se esperasse o momento certo para tirar a foto e enviar para Kali.

Mas o fato dele saber desse detalhe não aumentou a raiva que ele sentia

de Lídia, pelo simples fato dele julgar ser impossível odiar tanto alguém que possivelmente estava tramando nas costas dele. Fernando questionou Lídia sobre o roubo da filmagem quando teve oportunidade e a mesma confirmou, bastava agora ele descobrir quem foi ver Petra no necrotério, uma vez que Lídia estava com ele por toda a noite e madrugada.

Faltava organizar as filmagens no necrotério, mas essas estavam sendo barradas pela administração, então Jorge entrou em contato com um funcionário do local e ambos estavam tramando roubá-las ainda aquela semana.

— Fernando! — Antônio o chamou.

— Sim?

— Parece em outro mundo... — Camilo disse ao lado de Antônio.

— Não é isso — disse ele ficando de pé. — Tenho muito trabalho. A noite eu passo para ver vocês...

Antes que seus irmãos pudessem falar algo, intervir, Fernando saiu do quarto às pressas.



NAQUELE MESMO DIA, Lídia organizava a lista de novos empregados, um lugar seguro para a matéria-prima e colocava os interesses nos negócios Garcia em alta.

Ada circulava pela mansão inconformada pelo casamento de Fernando, e ainda em tentativas frustradas de falar com Lucas.

Gonçalo passava por uma cirurgia. Fernando procurava encontrar os mistérios de Lídia.

Lilian buscava ficar mais por dentro dos trabalhos bancários da família, uma vez que Lídia desejava permanecer no controle do tráfico.

Fabíola tomava decisões sobre o casamento sem consultar Lídia.

Afonso procurava por Lina.

Camilo investigava o hotel da família.

Antônio planejava se vingar da família Dalian e matar Lucas.

Jorge chegava mais perto da verdade...

Lina, essa estava com o homem que a encontrou.



FORA DA CIDADE, em uma pequena cabana de caça, acima da montanha, a uma hora de Bogotá, Lina se encontrava as escondidas com seu

informante.

— Acha que ele vai ficar bem depois da cirurgia? — Lina olhava bem nos olhos da única pessoa que poderia lhe ajudar com as informações dos Garcia.

Ele estava olhando para todos os lados da mata, apreensível. Depois que Lídia se uniu a Fernando, as coisas na cidade ficaram muito mais vigiadas, todos desconfiados.

— Seu pai é forte — quis ele lhe passar confiança, mas todos sabiam que a saúde de Gonçalo não estava nada boa.

— Quando você me ligou dizendo que minha família estava viva, não sabe a alegria que me fez sentir depois de dias no escuro — Lina estava diante dele, olhando cada traço do rosto, dos olhos escuros. — Você não conseguiu descobrir qual o motivo que levou ele ter o ataque?

— Seu pai vivia enchendo a cara de *coca*, o que mais queria? — disse ele ríspido.

— Pode ser. — Lina sentou numa cama velha que tinha no pequeno espaço abafado e que cheirava a coisas velhas. — Tem como você me colocar na festa? Quero falar tanto com Lídia.

— Impossível! — Ele lhe deu as costas.

Lina tinha saudade dele e queria tanto abraçá-lo quando viu as largas costas que ele tinha, mas se conteve.

— Por favor! — Ela suplicou, indo para junto dele, tocando-lhe o ombro, fazendo o homem grande e de expressões duras a olhá-la.

Ele sabia o interesse de Lina por ele, também sabia que ela era tão louca quanto bonita, mas não iria ariscar tudo por transar com ela, mesmo que ele a quisesse, desejasse depois de tantas investidas que Lina já fez, preferia se manter firme, não comprometer nada.

— Tenho que ficar longe por um tempo — Lina não iria desistir da ideia. — Lídia precisa saber... que preciso ficar escondida de Afonso nesse momento. Também sabemos que você não pode dar o recado para Lídia, porque ela nem sonha que você sabe sobre mim, que me encontrou quando meu pai ainda tinha esperanças de me achar. — Repousando suas mãos no corpo dele, ela prosseguiu determinada — Lídia vai pensar que eu a abandonei. Por favor, faça isso por mim.

— Vou tentar — disse ele, ainda não gostando da ideia. — Tente ir disfarçada, vou ver o que consigo. Com tanta gente na mansão, possivelmente conseguiremos fazer com que você entre e fale com sua irmã. Mas lhe aviso, coisa de no máximo dois minutos e nada mais, entendeu?

— Entendi, Coby — disse Lina feliz.



Vinte e quatro horas para o casamento.

FERNANDO PASSAVA A filmagem de trás para frente e de frente para trás. Precisava da visita do reconhecimento do corpo de Petra, mas tinha esperanças que conseguiria até voltar da lua de mel com Lília.

Quando Jorge entrou em seu quarto percebeu o tédio em Fernando, eles vasculhavam tanto, mas nada foi esclarecido e uma única dúvida, apenas aumentava.

— Alexandra Aguiar — disse Jorge, com uma ficha na mão.

Fernando ergueu os olhos para seu segurança.

— Esse é o nome da dona da impressão digital na arma de Lília — explicou Jorge.

— Aguiar? — Fernando franziu a testa.

— Exatamente. Ela mora na Alemanha e teve uma entrada aqui na capital há poucas semanas, exatamente na semana em que Petra morreu.

Não tinha mais do que um nome, sem um detalhe, data de entrada na cidade de Bogotá, idade.

— Não sabemos se ela voltou para Alemanha — prosseguiu Jorge —, porque não encontrei nada sobre a saída dela na cidade, nem filmagem de aeroporto. A mulher parece mais escorregadia que sabão. Talvez seu pai saiba de quem se trata.

Fernando deixou o computador de lado, pensou sobre o nome: Alexandra Aguiar.

— Com toda a certeza ele deve saber — disse Fernando pensativo.

Fernando presenciou Lília e Afonso quase se matando com olhares, e depois descobre que a arma que Lília carrega tem a marca de uma possível Aguiar — que Fernando nunca ouviu falar. Ele sempre soube que entre Lília e Afonso existia um assunto que ele não sabia, diante disso, guardou aquela informação para um momento apropriado.

— Tenho mais uma notícia — disse o segurança, com um sorriso orgulhoso no rosto. — É um assunto muito abafado pela família Garcia, mas ao que parece, há mais de vinte anos, houve um roubo de uma criança gêmea na maternidade daqui...

— Onde isso se encaixa?

— A criança era a irmã gêmea da sua futura esposa, senhor Fernando —

concluiu Jorge. — Não podemos desperdiçar nenhuma hipótese, quando se trata dos Garcia.

Fernando sorriu. Ele sabia que se falando de Lúdia toda história era mal contada.

Episódio 09 – O grande dia.

“Casar-se significa duplicar as suas obrigações e reduzir a metade dos seus direitos.”

ARTHUR SCHOPENHAUER

LÍDIA SENTIA-SE TRÊMULA em seu interior. No caminho para a mansão de Fernando, onde aconteceria a cerimônia de casamento, ela olhava para o exame que mandou fazer para saber se Fernando era o pai da criança, em suas mãos e não queria acreditar como tudo foi dando errado desde então.

Lembrava-se de quão bom e agradável era se sentir livre, dona do seu espaço, dos seus horários e de quem se relacionava.

Para se manter casada com Fernando, assim como ela havia feito um contrato e suas quebras, Fernando usou do mesmo artifício, só que a prendendo junto a ele.

Sentiu saudades do amor que Paolo lhe deu e ela nunca conseguiu reconhecer que poderia retribuir, amá-lo de volta, então a culpa e a dor de ver esse caminho bloqueado a quebrava mais um pouco por dentro.

Poderia desistir, contestar, ou se recusar a assinar uma vez que Lília necessitava de controle em sua rotina, mas era uma hora ruim para tal atitudes.

Por fim, aceitando as exigências de seu futuro marido, assim como ele aceitou as dela, Lília se viu infiltrada em uma rede de mentiras, negócios e vingança.

Se aproximando da casa, acompanhada de Lilian que digitava mensagens no celular, Lília buscava o equilíbrio da respiração e não pensar tanto na raiva que sentia por Afonso.

— O que tem nesse papel que você tanto olha? — Lilian a questionou, quando deixou o celular de lado.

Lília respirou com mais profundidade, dobrou o exame e olhou para sua irmã.

— Pensei em ter respostas, mas não obtive de imediato.

— Quais repostas?

— Esse exame foi para saber quem era o pai do filho de Petra — explicou Lília com desânimo na voz.

— E você sabe quem é?

— Sei que não é Fernando — disse Lília, olhando para o papel dobrado. — E isso é péssimo, como também o fato de não saber o motivo de a terem matado.

— Tome cuidado — Lilian repousou sua mão sobre a da irmã.

— Eu vou tomar. — Lília colocou o papel dentro de sua bolsa, quando atravessou o portão da mansão e foi tomada pela beleza das diversas rosas que enfeitavam o espaço gramado onde seria a cerimônia. — Queria que papai entrasse comigo — disse ela baixinho, deixando o coração de Lilian pequeno.

Sua irmã mais velha não revelou a verdade sobre seu pai, embora adorasse ver Lília o deixar de lado também, mas Lilian precisava que Lília

tivesse mais poder de voz com os negócios da família, até que Gonçalo não lhe fosse útil, então Lilian contaria sobre o assassinato de sua mãe e suas filhas poderem se vingar da morte de Manoela.

— Querendo ou não, casar com Fernando vai prolongar minha permanência no cartel — disse Lída.

— Lída, o que está acontecendo?

Lída olhou para sua irmã mais velha.

— Afonso teve um caso com nossa mãe, Lilian.

Lilian se sentiu aterrorizada com aquela revelação.

— Um caso? Mas como... como, quando?

Lída umedeceu os lábios e olhou para sua irmã.

— Meses antes dela saber que estava grávida de gêmeos.

— Cristo!

— Mas não se preocupe, eu sou filha de Gonçalo, isso é certo. o problema é que Afonso é um doente, e toda a desgraça em nossa família também tem parte dele.

Para Lilian tudo fazia sentindo. Gonçalo afirmou que Manoela o traiu, mas não disse com quem, salvo não querer falar para segurança de suas filhas. O que faz Lilian pensar que o atentado contra sua família, explodindo a casa era realmente Afonso querendo destruí-los.

— Lída... — Lilian a chamou, precisava contar sobre seu pai, necessitava lhe falar que foi ele quem matou Manoela.

— Entrei para o tráfico, estou prestes a me casar com Fernando — Lída sorriu sem ânimo, deixando os olhos encherem de lágrimas. — É como eu não sentisse meu corpo. Eu sabia que coisas ruins aconteceriam com a gente, que nossos planos teriam que ser mudados, e foram...

— Lída.

— Preciso lhe dizer uma coisa, Lilian. Estou fazendo isso por nós. Afonso não vai parar.

— Também tenho uma coisa para lhe dizer — comentou Lilian, desejando revelar, tirar aquele peso das costas.

— Nossa irmã está viva!

— Quem matou nossa mãe foi nosso pai.

Ambas falaram juntas, deixando uma a outra boquiaberta.



FERNANDO ESTAVA NO seu quarto, na mansão. Não conseguiu

dormir depois das boas novas que Jorge havia descoberto. Embora ainda estivesse com várias questões em sua mente.

Se Lucas estava envolvido com Lídia, o que implicaria que ela seria a traidora e precisava morrer, assim como Kali.

Se o delegado afirmasse que Lídia estava no necrotério, na mesma noite e hora em que Lídia estava com Fernando na boate, era claro - porém confuso - que possivelmente a irmã gêmea estaria em um desses lugares. Mas em qual deles?

E quem era Alexsandra Aguiar?

A última questão ele fez para Afonso que prontamente lhe respondeu que esse nome era comum e não tinha o porquê de ligações com a família só pelo fato de a mulher carregar o mesmo sobrenome.

Contudo, Fernando não se esqueceu alguns pontos importantes. Alexsandra Aguiar não era um nome comum para uma moradora da Alemanha. Afonso tinha negócios por lá, e uma vez ou outra, ao mês, fazia visitas a sócios em potenciais. E o que outra pessoa estava fazendo com a arma de Lídia. E o que Lídia e Afonso tanto resmungão com ódio quando se aproximam um do outro, mas o último ponto não adiantaria questionar seu pai, ele daria um único motivo, o fato de Lídia ter certeza - sem provar - que foi Afonso que mandou explodir sua casa.

Bastava Fernando ter paciência e ir descobrindo aos poucos, essas questões que lhe deixava inquieto.

— Está calado, pensativo... — Camilo o abordou quando entrou no quarto do noivo que estava apenas com a calça e camisa do conjunto de paletó.
— Significa que está com problemas, mas não sabe como resolvê-los.

Fernando dirigiu seu olhar para o irmão.

— Descobriu mais alguma coisa no hotel? — Fernando quis saber.

— Não, nosso pai vem me enchendo de coisas para fazer que não consigo pensar em outra coisa além de trabalhar... trabalhar e trabalhar...

— Poderia voltar ao local assim que possível?

— O que está acontecendo, Fernando?

— Devo acreditar que nossa família guarda algo que deveríamos saber, mas... — Fernando andou até a janela e viu o carro de Lídia se aproximar da propriedade — ao que parece, nosso pai não confia certos assuntos particulares aos seus filhos.

— Quais assuntos?

Fernando olhou para Camilo, tão perdido quanto ele.

— São esses que quero saber, meu irmão, e parte deles parece que tem tudo a ver com a família Garcia — declarou assim que se virou para a vista de

fora e viu Lídia sair do carro com sua irmã e seguranças.

Estava se aproximando a hora de casar-se e cada minuto que se passava, mas a raiva de Fernando crescia, expandia-se em seu corpo.

Casar-se com quem não ama e ainda ter que conviver sem a confiança que necessita para suportá-la, estava lhe arrancando a sensatez.

Fernando pegou suas coisas e andou até a porta.

— Pra onde vai? — inquiriu Camilo, preocupado com o irmão.

— Relaxar... no escritório — disse Fernando, antes de bater à porta.



NO QUARTO AO LADO, Lídia estava passando pelo processo de maquiagem e penteado. Havia se alimentado bem aquela manhã e os enjoos estavam menores depois dos cuidados de Lilian.

Embora a revelação seguinte a deixou totalmente desnorreada.

— E quando pretendia me contar que aquele covarde matou nossa mãe de uma forma que tínhamos que pensar que ela quem tirou a própria vida? Mas que droga, Lilian, isso não se esconde!

— Sua irmã gêmea viva! — Lilian estava em euforia. — Mas onde ela está agora?

— Escutou a pergunta que lhe fiz?

— Você o mataria sem dúvida alguma, e eu queria que ele sofresse com meu desprezo. Além do mais, ele vivo lhe ajudou um pouco no cartel, entrar nele, ficar lá dentro quando comprei a mercadoria necessária para Fernando, afirmando que logo nosso pai voltaria a ativa.

Lídia respirou profundamente, sentou e se olhou no espelho.

— Afonso quem roubou nossa irmã da maternidade — confessou Lídia.

Lilian caiu sentada em uma poltrona.

— Ele a levou porque achava que éramos filhas dele, e para não tomar nos duas, nossa mãe deu uma para ele. Lina, esse é o nome dela.

— Que absurdo! — balbuciou Lilian.

— Ela conseguiu fugir de Afonso e contar que tragédias irão acontecer, que ela estava, com mais alguém, fazendo de tudo para quebrar Afonso e ridicularizá-lo depois.

— Que loucura você está me falando? — Lilian sentiu seu coração bater muito forte no peito, as mãos suar.

— Não sei qual seria a maior, a que lhe contei ou saber que nosso pai descobriu a traição da nossa mãe e a matou.

— E onde ela está agora, nossa irmã?

— Eu não sei — disse Lídia triste. — Ela sumiu.

Lilian olhou para seu relógio no pulso.

— Preciso descer e recepcionar nossos convidados.

— Tudo bem — disse Lídia, recebendo da irmã um beijo no rosto.

Lídia ficou um tempo sozinha, em silêncio, tentando medir o tamanho da desgraça que girava em sua volta.

Fabíola, por sua vez, bateu na porta do quarto que Lídia se preparava, por diversas vezes, monitorando todo o processo.

— Vejo que fizeram a maquiagem, precisa colocar o vestido — disse Fabíola.

Era cansativo e chato, mas Lídia aguentava tudo, porém, que Fabíola se preparasse quando Lídia se tornasse esposa de Fernando, perante a lei dos homens, porque ela não iria tolerar mais nada dos intrometimentos de Fabíola.

— Onde coloco essa caixa? — inquiriu Coby, na porta do quarto.

— E do que se trata? — quis saber Fabíola, mas logo Lídia pulou da cadeira e ficou entre a caixa e Fabíola.

— Algo meu que gostaria que ninguém tocasse — Lídia se adiantou. — Coloque embaixo daquela cama, não quero em cima para não amassar o vestido e nem para que fique no chão para ninguém tropeçar.

Coby fez o que Lídia pediu. Aquele dia seria o último que ele acataria as ordens dela, embora estivesse feliz que sua patroa havia conseguido o que queria, temia pela segurança de Lídia nas mãos de Fernando.

A caixa continha a surpresa de Lídia para todos, inclusive para Afonso, embora fosse com Fernando que ela estava se preparando para casar.

Depois da maquiagem, penteado, ter vestido a peça íntima, meias e sapatos, Lídia pediu mais um tempo sozinha antes de colocar o vestido de noiva que Fabíola escolheu.

Sentada na cama encarando o longo vestido branco, ela sentia os nervos controlados depois das dores de estômago diminuírem e o calmante fazer efeito.

Alguém bateu à porta, o que fez Lídia fechar os olhos e respirar.

— Entre.

— A senhora pediu champanhe? — uma voz conhecida fez Lídia olhar na direção da mulher, a mesma vestia a roupa dos funcionários do buffet, tinha cabelos loiros, mas a cabeça baixa a deixava escondida diante das dúvidas que Lídia tivera.

— Lina?

A mesma ergueu o rosto e sorriu.

Era suicídio, sim, Lina sabia, no entanto, por amor a sua irmã ela se

arriscaria a ir ao encontro dela.

— Você parece bem... — Lina brincou.

Lídia capturou sua irmã e abraçou muito apertado, o que fez Lina gemer um pouco, havia algumas feridas que não sararam em suas costas.

— O que houve? — Lídia a olhou preocupada. — Sente dor?

— Não é nada. — Lina colocou o champanhe sobre a penteadeira. Abriu e encheu duas taças escutando as várias perguntas de Lídia, onde estava, por que não entrou em contato, o que fazia em silêncio? — Lina sorriu para irmã. — Temos que comemorar!

— Lina, você não pode ficar aqui! Se Afonso lhe ver...

— Não se preocupe — disse Lina, colocando uma taça na mão de Lídia. — Uma visita rápida para que não fique preocupada. Preciso ficar fora por um tempo, sem comunicação. Consegui fugir de Afonso...

— Fugir?

— Ele me levou para Alemanha novamente quando mandou explodir a mansão — explicou Lina, bebendo o champanhe e levando a taça para boca de Lídia. — O idiota achou que tinha extinto a família Garcia. Imbecil! Mas na primeira oportunidade consegui fugir. Quero me desculpar pelos problemas que lhe causei... devo admitir que você soube fazer o serviço melhor que a encomenda.

— Foram dias de pressão que me trouxeram até aqui, não você... — Lídia tomou toda a bebida e colocou a taça ao lado da garrafa. — Sinceramente, achei que daria conta apenas por ser uma Garcia, mas até os Aguiar precisavam de uma ajuda extra, e usei essa fraqueza para forçar a união das famílias. Fernando me odeia mais do que nunca.

Lina percebeu uma preocupação de Lídia com Fernando e ficou apreensiva pelo fato de ter possibilidade de sua irmã amar um Aguiar.

— Não veja nada com o coração, Lídia! — alertou Lina, com preocupação. — Por favor!

— Que coração, Lina? Diante da frieza de Fernando com a convivência que tive com Paolo, é notável que eu sinto a falta de quem me fez bem, de quem queria meu bem, diferente do meu futuro marido. — Lídia olhou o relógio. Faltava menos de quarenta minutos para a cerimônia.

Lina se aproximou da irmã, tinha pouco tempo para ela.

— Se quiser, você deixa Fernando... é uma possibilidade, não é?

Lina fez questão de falar isso para testar a irmã, mas não teve muita resposta, Lídia se mantinha neutra, embora a voz estivesse desanimada, então Lina tomou aquilo apenas pela apreensão do casamento.

— Existe sim. — Lídia disse com voz dura.

— Confio em você. — Lina se afastou. — E agradeço por me ajudar.
— Faço isso por nós três, Lina. Pela mamãe e Petra. E Lilian já sabe sobre você.

Lina sorriu.

— Mas me diz... — Lina olhou divertida para Lília. — Como é com Paolo?

— Como assim?

— Como ele é na cama?

— Não sei — Lília deu de ombros.

— Como assim não sabe? Lília! — Lina parou por um instante. — Colocou a mão na cabeça, deixando Lília preocupada.

— O que houve?

— Você e Fernando... — Lina era o desespero em pessoa. — Vocês transaram?

— Não! Fernando mal me olha.

Lina sentou, atordoada, com medo. Sabia a besteira que tinha feito transando com Fernando. Lina sabia sobre a tentativa de namoro que sua irmã estava tendo e, até a noite da boate, ela jurava que Lília estava deixando sua virgindade para trás, mas a surpresa foi grande quando Coby descobriu a saidinha que Lina teve com Fernando e avisou de imediato que Lília não tinha dormindo com nenhum homem desde então, contudo, Lina pensou que Lília e Paolo tiveram o seu momento, o que de fato não ocorreu.

— Mas que droga, Lina! — ela gritou, mas logo se deu conta e tapou a boca.

— Fernando vai perceber que não era você naquela boate! — disse Lina com a mão na cabeça, olhando para um lado e outro. — Ele vai juntar as peças, ele vai investigar, vai saber que eu estivesse na porra do roubo das drogas e não a lerda da noiva dele! Ele não é burro! Eu que o subestimei!

Lília caiu sentada na cama. Calmantes? Respiração? Champanhe? Água com açúcar, talvez? Não, nada a tiraria daquela situação. Um pequeno detalhe não debatido, não explicado e nunca pensado, faria um estrago atrás do outro.

— Mas que merda, Lina! — Lília estava sem reação na face.

— Faz o seguinte... — Lina se aproximou ficando de joelhos de frente para Lília. — Enrola ele na lua de mel e tenta ver se sai... sei lá, com o camareiro?

Lília empurrou a irmã, que por sua vez caiu de bunda no chão.

— Não vou transar com um camareiro.

— Ah que ótimo! Mas essa é a única solução. — Parou para pensar mais um pouco. — Ah! Tenta dormir com um sheik, um desses que aparece na droga

daquele cassino, um príncipe do Marrocos, um sultão dos infernos, um senador, qualquer *playboy* rico que apareça, mas por favor, não dorme com Fernando antes de ter se deitado com alguém!

— Se eu o trair perco um dos meus patrimônios! Está no contrato!

— Ótimo! — exclamou Lina com ironia. — Ah, já sei! — disse animada.

— Compre um *consolo*.

Lídia piscou várias vezes.

— Comprar o quê?

— Um *consolo* — Lina falava com uma familiaridade sem tamanho.

— Você diz um pênis de borracha? — Lídia pendeu o ombro esquerdo e olhou Lina de lado.

— Sim, um pênis de borracha — repetiu Lina com simplicidade. — Você compra, mas não se deita com Fernando por agora. — Lina falava como uma matraca, percebeu Lídia olhando a irmã falar freneticamente e gesticulando para os lados. — Ele é louco por aquele hotel e com toda certeza vai lhe deixar mais sozinha do que gelo em inverno, então você veste uma coisa legal...

— Para um pênis de borracha? — Lídia ainda não estava acreditando no tipo de conversa que debatia com a irmã gêmea que deveria fechar as pernas em momentos oportunos.

— Deixe de ser boba. Pede um filme... sei lá, um que te deixe excitada, um... Ah! *Invasão de Privacidade* com Sharon Stone, fico molhada só de imaginar, mas voltando... você imagina sei lá quem e...

— Chega! Que absurdo! Não vou perder minha virgindade com um pênis de borracha!

— E o que vai fazer, então? — indagou Lina, irritada.

— Não fala comigo desse jeito que não fui eu que estava dançando a Macarena no colo de Fernando. Estou aqui porque quero, mas você tinha que ter se controlado!

— Muito bem, temos um impasse. Então, faz ele ficar bêbado.

— Mas que merda, Lina!

— Não dorme com bêbado também, não? Preconceito é feio!

— Dou meu jeito.

— Qual?

— Não sei! Minha cabeça está com problemas muito maiores que minha virgindade.

Lídia até contaria sobre Gonçalo e Manoela, naquele momento, mas a cabeça estava explodindo.

— Me desculpe, mas um detalhe desse pode fazer tudo se perder...

— Não vai.

Depois da discussão, das caras raivosas, ambas deram um abraço apertado e se desculparam. No fundo, Lina confiava na irmã e deixaria para que Lídia tomasse as decisões que lhe fossem adequadas no momento. Ela gostaria muito de tramar contra Afonso, mas faria isso de um jeito diferente agora que Lídia tomou o controle de tudo, Lina se convenceu que seria mais seguro, para ambas, ficarem longe sem deixar paradeiro, ou Afonso usaria Lídia para chegar até Lina e matá-la.

Lina estava pronta para sair de cena por alguns meses, mas assim que ela se aproximou da porta, alguém bateu com insistência.

— Quem é? — Lídia ficou com medo.

— Padre Jeremy, senhora Lídia — disse uma voz atrás da porta. — A senhora tinha que ter ido se confessar antes do casamento, e não o fez, pensei em termos uns minutos para que a senhora possa confessar seus pecados.

— Confessar pecados? — Lina estava junto a porta e gesticulou com os lábios a palavra achando graça.

Lídia tinha uma lista de tarefas que Fabíola fez e colocou como importantes conselhos a serem seguidos. Ela lembrou que um dos itens era ir à igreja e confessar, mas não deu muita importância uma vez que achou aquilo inútil pelos pensamentos que tinha dentro daquela união, da vida que levava.

O tempo em que Lídia conversava com Lina, era para ter gasto chamando alguém para ajudá-la a se vestir.

— Senhora Lídia? — o padre inquiriu.

— Um instante! — disse Lina. — Vamos colocar o vestido antes que...

O padre forçou a tranca.

Ninguém poderia vê-las juntas. Lídia pensou rápido. Tirou o roupão que vestia e jogou sobre os ombros de Lina.

— Expulsa ele — disse Lídia, pegando o vestido. — Eu vou para o banheiro colocar o vestido e você tenta ser breve, se eu for me confessar agora, depois me vestir, Fabíola vai entrar aqui enchendo mais meu saco.

Lina colocou o roupão e tirou a peruca loira. Quando Lídia se trancou no banheiro, Lina respirou fundo e abriu a porta.

— Sou uma jovem imaculada! — Lina disse educadamente.

Do banheiro, Lídia escutou.

— Não há um ser vivo que não tenha pecado — disse o padre rapidamente, dando um passo para entrar no quarto, mas Lina o bloqueou.

— Já disse! Não tenho pecados e se os tivesse, não seria com um padre comprado por Afonso que iria relatá-los. Agora, me dê licença, vou ativar meus chacras... — provou a falsa noiva.

— *Eis uma pagã? Que absurdo!* — O padre a olhou com repulsa.

— Mas que preconceituoso! — Lina o empurrou para sair da porta. — Saía já daqui seu padre de merda! — gritou assim que Camilo se aproximou dos dois.

Lina ficou estática, o padre branco como neve, Camilo? Querendo entender a gritaria.

— O que se passa?

"AH, MERDA!" — Lília precisou morder a mão para não gritar, quando escutou a voz de Camilo. Escutou com nitidez que seu cunhado acabou de surpreender a noiva errada.

— Não é nada, senhor Camilo, apenas... — tentou dizer o padre.

— Não vou me confessar! — disse Lina rapidamente. — Não quero e não vou!

Camilo não se moveu, olhando para a "noiva" expulsando o padre. Por fim, vencido pela humilhação, o padre se foi.

— Com licença! — disse ela, para Camilo, já fechando a porta.

Mas ele foi rápido, colocou o pé para que a porta não fosse fechada, depois empurrou com a mão para tirar a "noiva" do caminho e entrar.

Deu uma rápida olhada pelo quarto, como se tivesse procurando algo que o impressionasse... andou até o banheiro.

— Não entre aí! — Lina disse, com medo de ambas serem descobertas.

— Por que não? — Camilo colocou a mão na maçaneta.

— Porque não quero que ninguém...

— Que ninguém...? — ele a olhou com ar perspicaz, uma sobrancelha levantada.

Camilo estava a um passo de descobrir a verdade. Lina de ser aprisionada novamente e Lília de ser expulsa da família antes mesmo de entrar para ela, e com risco grande de morrer antes de conseguir o que almejava. Destruir Afonso.



DEPOIS DO QUE LÍLIA falou sobre Afonso, Lilian se comunicou com três seguranças que ela mais confiava. Pediu para que ficassem em alerta, caso Lília precisasse fugir daquele casamento, ao invés da ideia de morrer aos poucos na família Aguiar.

O que Lilian não contava era que Fernando havia deixado capangas seus disfarçados de convidados e escutou a jovem arquitetar o plano e passou para Jorge que se encarregou de ficar de vigia.

Sabendo que faltava poucos minutos para Lília se vestir, Lilian decidiu

voltar ao quarto que sua irmã estava. Subiu a grande escada e atravessou o corredor central, quando virou à direita, quase foi atropelada por um casal que saiu do quarto, ainda se beijando.

A mulher, ela ainda não tinha visto, mas era linda como uma pintura. Ruiva de cabelos longos e ondulados, sua pele muito branca e corpo bem feito, que beijava o homem com uma paixão de tirar o fôlego, o deixando contra a parede.

O homem ela sabia de quem se tratava. Antônio Aguiar.

O problema era que o casal e uma pequena mesa com um vaso bloqueava a passagem no corredor.

Lilian pigarreou e a ruiva olhou para ela, ainda com um sorriso no rosto.

— Oi! — disse a ruiva para Lilian.

Lilian deu um sorriso amigável, porém tinha um pouco de vergonha ali.

— Ah, oi, Lilian — disse Antônio. — Vai ver a Lídia?

O casal se endireitou. A ruiva vestia um longo rosa e Antônio estava apenas com calça, camisa branca aberta até o meio do peito, com a gravata por arrumar e o casaco em uma das mãos.

— Vou — disse Lilian com sua voz calma. — Já faz um tempo que ela pediu para ficar a sós...

— Essa é Daniela — disse Antônio.

— Prazer — Lilian deu a mão e ambas deram um aperto de mão breve. — Lilian, a irmã da noiva.

— Vi o vestido de sua irmã e posso dizer — Daniela revirou os olhos em êxtase. — É a perfeição!

— É sim — disse Lilian sem sair do lugar.

— Ah, lembrei! — exclamou Daniela em um salto animado. — Tenho que mostrar minha prima a seu irmão Camilo. Eu te encontro lá embaixo?

— Claro que sim. — Antônio a pegou pela cintura e deu mais um daqueles beijos quentes.

Quando Daniela se soltou dos braços dele, ela quase cambaleou, limpou os cantos da boca e passou por Lilian sorridente.

— Vocês ficam muito bonitos juntos — comentou Lilian quando Daniela estava fora de alcance.

— Daniela me faz bem, embora a Angieli também fosse muito boa.

— Pensei que estivesse com Lorena. — Lilian quis apenas prolongar o assunto, ser educada. Já tinha visto várias vezes Antônio circular com uma antiga colega de curso dela.

— Já faz um tempo que não mantemos contato — comentou Antônio, jogando seu casaco sobre os ombros.

Fora quando algo caiu e fez o som do metal banhado se chocar com o mármore. O objeto leve e valioso foi em direção de Lilian rolando e batendo na ponta da sua sandália.

Ambos olharam iguais. Lilian se abaixou para pegar o anel que ela sabia muito bem de quem era, assim como Antônio também se abaixou rapidamente para que não permitisse Lilian fazer o esforço, mas ambos foram juntos, mesmo nível, com as mãos em um ponto específico. Mas foi Lilian quem o pegou.

— Uma joia linda — disse ela, disfarçadamente.

Lilian amava aquele anel, era a lembrança mais valiosa, sentimentalmente falando, que tinha de sua mãe.

— E da mulher que me acordou — disse Antônio sem rodeios. — Quando eu a encontrar, ela vai ser minha mulher.

Lilian ficou espantada e engoliu em seco, gélida. Ele estava com alguém, entretanto com intuito de encontrá-la?

Lilian amava um homem comprometido e Antônio ambicionava outra mulher sendo comprometido.

Então ela sorriu. Se ergueu. Antônio fez o mesmo.

— Espero que tenha sorte — disse Lilian entregando o anel a Antônio.

— Ah, eu vou ter — disse ele convencido, pegando o anel para si. — Tudo o que eu almejo, consigo.

— E se ela estiver amando outra pessoa? — quis saber Lilian.

Antônio olhou para ela, depois para o anel. Não sabia ao certo dizer, mas gostava da companhia de Lilian e só se deu conta naquele momento. Talvez a voz ele achasse parecida..., não soube dizer, quando acordou ainda estava tão tonto, entorpecido que, de fato, a única prova que não estava dormindo e que poderia encontrar a mulher, era pelo anel que ele carregava consigo, porque os dias se passaram e a voz ficou perdida em seus ouvidos.

Para responder à pergunta de Lilian, Antônio foi para mais perto. Colocou a mão no bolso e tirou de lá uma corrente grande, da mesma cor do anel. Vestiu o casaco por cima da camisa aberta e olhou para Lilian, abrindo o fecho do cordão e colocando o anel como o pingente nele.

— Sou um ótimo químico, Lilian — disse ele, sério, olhando para a linda mulher que tinha os olhos de um castanho muito claro e fascinantes. — Produzo a melhor *coca* nos laboratórios da minha família. — Ele colocou a corrente no pescoço e a fechou. — Mas de uma coisa pode ter certeza — disse bem perto do rosto dela, para sentir o perfume, não era o mesmo e ele ficou decepcionado. — Eu sei roubar um coração como ninguém.

Lilian alinhou seu olhar ao dele, dois centímetros e ambas as bocas estavam coladas, mas ela baixou sua cabeça quando ele sorriu perigosamente.

— Vá encontrar sua irmã — aconselhou ele, sabendo que não conseguiria o que queria. — Ela deve estar precisando de você.
Então ele se foi deixando Lilian para trás.



— **ESTOU ESPERANDO, LÍDIA!** — Camilo girou a maçaneta.
Ótima hora para serem descobertas justamente no dia de uma pequena vitória das Garcia contra Aguiar.

— Absorvente usado — disse Lina, por fim. Camilo fez cara de nojo. — Sim, meus absorventes usados.

Camilo estreitou os olhos. Olhou a mulher de roupão a sua frente. Era Lídia, pensava ele, mas tinha algo nela que o chamava atenção, não sabia se era a entonação da voz, o jeito de olhar meio ansioso, ou o nervoso que tinha no tom da voz da "noiva". Lembrava que, mesmo Lídia com raiva, tinha um controle na voz que beirava a perfeição, mas essa Lídia parecia nervosa, voz mais aguda..., como se a qualquer momento fosse gritar, explodir.

— Vamos! Saia! — Lina percebeu que Camilo estava a analisando demais.

Camilo não disse nada, andou até a mulher e parou bem próximo.

— Conseguiu o que queria — disse Camilo, olhando bem nos olhos castanhos de Lina. — Entrou para a família, colocou a sua em segurança e está tendo a oportunidade de enfeitiçar meu irmão. — Com uma mão, bem acima do decote de Lina, ele a prendeu contra a parede, encarando aquela mulher magra e pequena, mas deliciosa, na opinião dele.

Lina colocou as mãos sobre as dele, querendo que ele não a tocasse. Acabou de expulsar um homem que se dizia santo, naquele momento estava sendo tocada com brutalidade por um Aguiar, a raça que ela mais odiava no mundo.

— *Me largue seu monte de merda!* — disse ela, entredentes.

Camilo se aproximou mais, faltando um dedo para beijá-la.

— Devo admitir que a união, de certa forma, está muito boa — continuou Camilo, sem se afetar com a repulsa da mulher encurralada. — Os negócios estão começando a irem a todo o vapor. Mas isso não diminui minhas desconfianças em relação a você! Vou ficar de olhos bem abertos, Lídia. Se você vacilar, um pouquinho só, não vou esperar Fernando tomar nenhuma atitude, eu mesmo vou lhe caçar, matar e jogar seu corpo no lixo.

Lina engoliu em seco. Ela sabia que a ideia de Lídia tentar Camilo não

era boa, e estava vendo isso a olho nu. Calada para não dar mais pistas que não era a mulher a quem ele pensava, Lina ficou imóvel diante de Camilo.

Talvez os olhos assustados, não sabia ele, ou a forma que ela respirava pesado enquanto sentia os batimentos de seu coração através da mão que apertava seu corpo, Camilo ficou tentado, assim como ficou quando Lídia o abordou.

Foi impensado, ele sabia, mas impossível não resistir, e pegando Lina de surpresa, ele a beijou com um desejo que atravessou o espanto e ódio que a mulher sentia naquele momento.

Ele beijava duro, sentiu Lina, se segurando na parede, nas pontas dos pés, sem conseguir mover um músculo do seu corpo, com os olhos bem abertos, sendo tomada por um homem grande, e que possivelmente estivesse com planos muito sujos em sua mente.

O que eles não sabiam... era que alguém passava no corredor e presenciou o beijo dos dois.

Camilo enfiou a língua na boca dela, preenchendo com fervor o desejo que já vinha lhe corroendo há dias. Lina tentou se soltar, o empurrando, batendo em seu peito, mas Camilo a segurou firme os braços e a beijou como um louco.

Quando acabou, segurou firme no rosto dela.

— Se trair essa família, eu te mato — disse ele com ódio, rancor e ciúme.

Então deixou o quarto, batendo a porta e pisando duro. Foi quando Lídia saiu do banheiro com o vestido em seu corpo, mas não estava abotoado. Com a cara de pânico, sentindo o abismo que acabava de entrar.

— Ele não vai lhe matar — disse Lina, limpando a boca. — Eles não vão conseguir, Lídia.

— Eu sei — disse Lídia não muito convencida.

Quando Lina se aproximou da irmã e ajudou a fechar o vestido. Fabíola girava a maçaneta para entrar. Lina só teve uma fração de dois segundos para pular para dentro do banheiro e encostar a porta.

Lídia andou até a janela para respirar. Ela olhou para os convidados que circulavam o local...

Fabíola deixou sobre a cama as joias da família para que Lídia usasse. Lídia não suportava a sua sogra e para ganhar mais tempo a fim de que Lina saísse do quarto, pediu para que Fabíola chamasse sua irmã Lilian.

Lilian entrou no quarto, pediu para Lídia fugir, mas essa já estava certa que não o faria, e relutante, achando que a irmã tinha bebido muito champanhe – pois viu uma garrafa e duas taças com marcas de batom – ajudou Lídia a vestir o belo vestido de cor negra com alguns detalhes em vermelho para entrar na cerimônia.

Então Lília pediu mais alguns segundos sozinha antes de o segurança chegar e escoltá-la para fora. Lillian a deixou com tristeza e medo em seu coração. Foi quando Lina conseguiu sair do banheiro.

— Se cuida — pediu Lília a Lina.

— Você também.

Ambas se abraçaram e Lília sentiu um mal pressentimento quando tinha Lina junto a si. Era um aperto no peito o mesmo que sentiu quando viu sua mãe morta.

Mas o sorriso de Lina alegrou seu coração e Lília deu uma chance para a sorte, para a vida e deixou Lina ir embora sem dizer para aonde.

Sozinha, ela olhou ao redor do quarto, o vestido que Fabíola havia comprado por uma fortuna, alguns presentes...

Andou até sua bolsa e tirou de dentro um colar de pérolas. Usar pérolas no casamento traria dores e lágrimas, mas essas Lília já tinham, queria que a família Aguiar inteira tivesse um pouco da dor que ela sentia, e, com cuidado, ela o abotoou em volta do seu pescoço.

Sentia-se bem. Ergueu a cabeça e respirou fundo.

— Está pronta, senhora? — indagou o segurança, batendo a porta, com olhar espantado quando viu sua patroa baixar o véu negro para frente, cobrindo seu rosto e chegando até o chão.

— Mais do que pronta — disse ela confiante, com um meio sorriso.



— **POSSO ENTRAR?** — Ada inquiriu, quando abriu a porta do escritório com descrição e viu Fernando olhando para o relógio na parede.

Ele se virou e viu que Ada tinha a caixa de charutos que havia ordenado um dos empregados pegar e trazer para o escritório.

— Entre — disse ele, voltando a olhar o relógio.

Mas se levantou quando escutou a porta ser fechada.

— Os charutos — disse Ada, com um pouco de irritação, ciúme, sentindo o coração pequeno diante do seu ex-cunhado vestido de noivo e pronto para casar-se com a mulher que ela detestava.

— E Lucas? Nenhuma notícia dele?

— Não — disse ela, um pouco baixo demais.

Fernando tirou a caixa das mãos de Ada, percebeu que estavam trêmulas, depois se virou e colocou sobre a mesa, tirando um charuto, buscando o isqueiro e acendendo um.

Quando se virou, viu lágrimas descenderem pelo rosto de Ada.

— Por que chora? — Ele jogou a fumaça para o alto, e olhou intrigado para ela.

Ela ergueu olhar para ele.

— Estou apaixonada por você.

Fernando se aproximou, tocou o rosto de Ada e a olhou com atenção, depois deu um beijo sobre os lábios dela.

— Uma pena, serei um homem casado... — Depois ele se afastou, sentou na cadeira, mas Ada permaneceu no lugar. — Preciso ficar sozinho, Ada.

Ada enxugou suas lágrimas, a dor lhe corroendo as entranhas.

Então disse — Camilo e Lídia estavam se beijando — soltou de uma vez o que escutou de uma empregada que fofocava com outra empregada quando estava vindo para o escritório.

Fernando desviou seu olhar, de Ada, para a janela do escritório. Limpou a garganta e se levantou.

— Sai da minha frente, Ada — disse ele duramente. — Vai, porra! — gritou tão forte que fez a mulher tremer de medo e sair correndo do escritório.

Quando sozinho, ele se afundou na cadeira, olhando para a gravata que teria que vestir em poucos minutos. Então, conseguiu um pouco de *coca* que carregava junto a si e cheirou até sentir-se envenenado, era isso ou espancá-los até a morte.

(...)

Capítulo Extra

Quando a música parou os aplausos foram inevitáveis. Lídia e Fernando estavam ofegante, os rostos de um tom de vermelho. Lídia com o coração batendo muito forte. Fernando segurava-a firme contra seu corpo, sentido o cheiro dela mais intenso, mais provocante.

Ele a detestava, embora sentisse atração, o que no caso não faria muita diferença para as maldades, contra ela, que tinha em mente. Ele matara a mulher que amou por anos, foi roubado e quase entrou em um prejuízo financeiro na economia do tráfico, passou por dificuldades com o irmão mais novo, quase perdera a chance de reerguer os negócios da família e teve que se submeter a um novo casamento em poucas semanas para ajustar as coisas.

Lídia sentia-se culpada por arrastar Fernando para um matrimônio forçado, contudo ou era isso ou sua família estaria em maus lençóis. Tinha perdido uma mãe, Lina corria perigo nas mãos de Afonso, a casa da família fora destruída, Lilian estava sozinha, pois, o pai de ambas estava terrivelmente doente no hospital, os negócios estavam indo de mal a pior..., descobriu que o assassino da mãe era seu pai, encurralar um Aguiar era o mínimo que ela poderia fazer antes do inimigo se levar contra a família Garcia.

"Beija! Beija!" — E o povo pedia. O que de fato não aconteceu diante deles, nem mesmo quando ambos disseram sim.

Os noivos haviam se beijado, mas em particular.

Fernando a olhava com um desejo ambíguo, matar e desejar, ambos juntos, mas apenas uma era mais forte e quando Lídia percebera sentiu o corpo tenso.

"Matar", pensou ela.

Com carinho, Fernando segurou o rosto de sua noiva. O outro braço a envolvendo, certificando que não se afastasse dele.

— Não precisa fazer isso, se não quiser... — disse Lídia baixinho.

Para sua agonia, seu marido não disse uma única palavra, o que intensificou o pensamento dela. Ele só vai fazer, se fazer, porque pedem na alegria do momento.

Os olhos dele estavam negros como a noite, e tão frios quanto qualquer inferno que ela já sentira na pele. Era gritante os pensamentos sórdidos que Lídia podia escutar através do silêncio de seu marido e do olhar indiferente que ele lhe dava.

— Eu quero. — Foi o que ele disse, rouco, porém baixo e provocantes, antes de tomar a boca pequena e macia de sua esposa.

Abrindo os lábios dela com a suavidade morna da sua língua, encaixando

os lábios entre o outro e deixando todos os presentes animados, eufóricos.

Ela também queria, talvez muito mais do que Fernando.

Ah, ela queria muita mais do que já quisera um dia. E com sua possessividade – a mesma que nunca admitiu ter por Fernando – Lúdia enfiou as mãos nos cabelos negros e macios de seu marido, puxando levemente, trazendo mais a boca dele para junto da dela – como se fosse possível.

Pelas horas que já seguiam todo o percurso da cerimônia, festa e tudo mais... o álcool e a droga que seu marido consumiu estava diminuindo seu efeito, assim como todo o champanhe que Lúdia havia tomado durante todo o tempo para aguentar as duras horas daquela festa. E em função disso, a sobriedade estava deixando os pensamentos de ambos mais cautelosos, por isso, antes mesmo de Fernando ir longe demais, ele a soltou, deixando-a com saudade, com vontades...

Mas foi só quando ele a soltou que Lúdia percebera que mal tocava o chão quando seu marido a apertou para o beijo.

— Temos que ir... — disse ele carinhoso.

Ela assentiu e ambos se viraram para ver os convidados felizes com a demonstração, contudo, apenas alguns olhares se destoavam da felicidade dos presentes. O olhar preocupado de Lilian. O olhar frio de Afonso. O olhar desconfiado de Camilo. O olhar de desprezo de Fabíola e, não menos importante, o olhar de ódio de Ada.

A música agitada começou a tocar e os garçons a servir as mesas isso fez os convidados levarem suas atenções para outras coisas, foi a deixa de Fernando em pegar sua mulher e levar para o caminho onde estava a limusine que ambos iriam para o aeroporto e de lá, pegando um jatinho particular da família, eles iriam para Las Vegas.

— Queria despedir da minha irmã — disse Lúdia, com a mão apertada pela de Fernando, enquanto ele a guiava.

Fernando parou. Se aproximou com ar incomodado. Lúdia ficou temerosa.

— E acabar com toda a emoção da nossa fuga? — inquiriu ele, com uma leve ironia, e um sorriso presunçoso. — Vamos sair daqui — concluiu, mas antes que conseguisse puxá-la para caminhar junto a ele, Lilian apareceu, como se andasse apressada.

— Lúdia! — ela chamou sua irmã. Sentia dores no peito ao ver Lúdia nas mãos de Fernando, maus pressentimentos daquela união precoce e perigosa de ambos.

Lúdia conseguiu se soltar da mão de seu marido e foi ao encontro da sua irmã. Lúdia temia por Lina, mas contava com a esperteza dela de sair da cidade,

ou melhor, do país, para ficar mais segura. Mas ainda temia por Lilian.

Ambas se abraçaram forte.

— Eu sei me cuidar — disse Lúdia para Lilian, mas ainda assim não a tranquilizou. — Fique com Coby. Ele vai lhe proteger. Fique também com meu apartamento.

Depois de um sorriso feliz, um pouco forçado, pois a preocupação e tristeza que estava sobre Lilian em relação a Lúdia estava a machucando, Lúdia deu um beijo no rosto e um sorriso contido, ela foi para junto de seu marido.

Fernando segurou-a pela mão, a mesma que ela carregava a aliança que trocaram na cerimônia e que prometeram ficar juntos até que a morte os separe.



Temporada 02 – EM BREVE!

Logo depois de perder uma amiga, saber que sua irmã gêmea – que havia sido roubada na maternidade – estava viva, perder a mãe, ser alvo de um homem monstruoso como Afonso, perder a casa da família e muitos outros funcionários em uma explosão, para depois se tornar dona da fortuna que lhe restou e enfrentar seu inimigo cara a cara, Lídia conseguiu fazer que Fernando Aguiar casasse com ela, mesmo contra a vontade dele.

Sabendo que seu pai matou sua mãe, que Lina precisava se afastar e que tinha uma sociedade para manter de pé, Lídia vai enfrentar dias muito mais turbulentos que no início.

Contudo, é chegada a hora de Afonso cair, dos culpados pagarem, de segredos serem revelados, da polícia querer barrar a prosperidade do tráfico e da vida da maior traficante da América Latina, bem como seu marido, correm perigo.

Table of Contents

[ATENÇÃO](#)

[NOTA DA AUTORA](#)

[AGRADECIMENTOS.](#)

[Edição – 01](#)

[Episódio 01 – Prólogo – Casamento.](#)

[Episódio 02 – O início.](#)

[Episódio 03 – Uma doce vingança.](#)

[Episódio 04 – Segurança.](#)

[Episódio 05 – As consequências.](#)

[Episódio 06 – Rastros de sangue.](#)

[Episódio 07 – Pacto.](#)

[Episódio 08 – Véspera.](#)

[Episódio 09 – O grande dia.](#)

[Capítulo Extra](#)